H.P.
LOVECRAFT
OS MELHORES CONTOS
PandorgA

Sumário

O CASO DE CHARLES DEXTER WARD

O CASO DE CHARLES DEXTER WARD

1ª EDIÇÃO

Apresentação

Nesse conto, Lovecraft nos envolve em uma atmosfera crescente de horror cósmico. Através da narrativa gradativa de cenários, personagens e situações reveladoras ou de suspense, faz com que os leitores experimentem exatamente o que cada personagem está sentindo.

Apesar de contada como o relato de um terceiro personagem, estranho à narrativa, a maior parte dos fatos apresentados, bem como as opiniões que nos detalham a história, são contadas pelo Dr. Willett, médico da família Ward. Ele nos conta que Charles, apreciador da arqueologia, descobre um parentesco inusitado com Joseph Curwen, e, investigando essa interessante genealogia, tem acesso às mais aterrorizantes lendas envolvendo seu nome. Charles começa, então, a procurar todo e qualquer indício da existência desse seu antepassado, para melhor compreender o assunto acerca de seu nome e de sua história. No entanto, se antes Ward era movido por curiosidade, seu comportamento e métodos de estudos passaram a ser vistos por todos como sinais inconfundíveis de loucura.

Muitos consideram o conto como uma obra-prima de Lovecraft e certamente você concordará.

Boa leitura.

O Caso de Charles Dexter Ward

“Os sais essenciais dos animais podem ser preparados e preservados de modo que um homem engenhoso pode ter toda a Arca de Noé em seu próprio escritório e fazer surgir a bela forma de um animal das cinzas deste a seu bel-prazer; e, pelo mesmo método, dos sais essenciais do pó humano, sem criminosa necromancia, um filósofo pode fazer reviver a forma de qualquer ancestral falecido das cinzas em que seu corpo se tomou.”

Borellus

1
Um resultado e um prólogo

1.

De um hospital particular para doentes mentais, perto de Providence, em Rhode Island, desapareceu há pouco tempo um indivíduo bastante singular. O paciente atendia pelo nome de Charles Dexter Ward, e a internação foi ordenada pelo sofrido e relutante pai, que viu a moléstia do filho evoluir de uma mera excentricidade para uma mania funesta que envolvia, ao mesmo tempo, a possibilidade de tendências homicidas e uma peculiar alteração no conteúdo observável de seus pensamentos. Os médicos demonstraram perplexidade em relação ao caso, uma vez que apresentava uma estranheza geral de caráter fisiológico associada a alterações psíquicas.

Em primeiro lugar, o paciente tinha uma aparência mais velha do que deveriam sugerir seus meros vinte e seis anos de idade. De fato as perturbações mentais podem acelerar o processo de envelhecimento, porém, o semblante do jovem revestia-se da expressão sutil que, via de regra, caracteriza indivíduos de idade muito avançada. Em segundo lugar, os processos orgânicos indicavam uma anomalia que não encontrava parâmetro em relatos de casos médicos conhecidos. A respiração e a atividade cardíaca apresentavam uma assimetria desconcertante; a voz havia desaparecido, de modo que nenhum som mais rumoroso do que um sussurro podia ser produzido; a digestão era incrivelmente prolongada e reduzida, e as reações neurais aos estímulos-padrão não se assemelhavam a qualquer outro caso relatado até então, fosse normal ou patológico. A pele apresentava frigidez e secura de caráter mórbido, e a estrutura celular dos tecidos parecia exageradamente áspera e frouxa. Até a grande marca de nascença cor de oliva, que ficava do lado direito do quadril, havia desaparecido, e no peito havia se formado uma verruga ou um ponto negro do qual não havia qualquer indício anterior. Em geral, os médicos compartilham a opinião de que os processos fisiológicos de Ward sofreram um retardamento sem precedentes.

O psicológico de Charles Ward também apresentava características únicas. A loucura que o acometia não apresentava afinidade alguma com qualquer outro tipo registrado sequer nos mais novos e abrangentes tratados e aliava-se a uma destreza mental que o teria elevado à condição de gênio se não tivesse conferido formas estranhas e grotescas aos pensamentos. O Dr. Willett, médico da família Ward, afirma que a capacidade mental total do paciente, quando medida em relação a assuntos que não diziam respeito à esfera da insanidade, na verdade havia aumentado desde o surto. A bem dizer, Ward sempre tinha sido um acadêmico e um antiquário; porém, nem mesmo o brilhantismo dos trabalhos incipientes demonstrava a visão e a compreensão prodigiosa evidenciadas durante os últimos exames conduzidos pelos psiquiatras. Na verdade, foi difícil obter autorização legal para a internação do paciente, pois a mente do jovem parecia equilibrada e lúcida ao extremo; foi apenas por conta das evidências fornecidas por terceiros e das inúmeras e aberrantes lacunas de conhecimento em uma inteligência de tamanha envergadura que o levaram a ser confinado. Até o instante do desaparecimento, Charles Ward era um leitor onívoro e um debatedor igualmente talentoso enquanto a voz permitiu; e observadores astutos, incapazes de prever a fuga, afirmaram que não tardaria até que recebesse alta.

Apenas o Dr. Willett, que trouxe Charles Ward ao mundo e acompanhou o crescimento do corpo e da mente do rapaz, parecia assustado ao pensar na futura liberdade do paciente. O médico vivera uma experiência terrível e fizera uma descoberta terrível que não se atrevia a revelar aos colegas céticos. Para dizer a verdade, Willett desponta como um pequeno mistério à parte no que diz respeito a esse caso. Foi a última pessoa a ver o paciente antes da fuga, e retornou da derradeira conversa em um misto de horror e alívio lembrado por muitas pessoas quando a fuga de Ward veio a público três horas mais tarde. A fuga em si é apenas mais um dos mistérios não resolvidos no hospital do Dr. Waite. Uma janela aberta que dá para uma queda livre de quase vinte metros não parece oferecer uma explicação satisfatória, mas não há dúvidas de que o jovem desapareceu após a conversa com Willett. O próprio Willett não tem explicação pública alguma a oferecer, embora pareça demonstrar uma estranha tranquilidade após a fuga. Na verdade, muitos acham que o doutor teria mais a dizer se acreditasse na existência de um número razoável de pessoas dispostas a lhe darem crédito. Encontrou Ward no quarto, mas, logo depois que partiu, os enfermeiros bateram em vão. Quando abriram a porta, o paciente não estava mais lá dentro, e tudo o que encontraram foi a janela aberta com uma brisa gelada de abril a soprar a nuvem de um fino pó

azul-acinzentado que quase os sufocou. É verdade que os cachorros tinham uivado pouco tempo antes; mas foi enquanto Willett ainda estava presente, e os animais nada perceberam e não demonstraram nenhum tipo de agitação mais tarde. O pai de Ward foi informado de imediato pelo telefone, mas pareceu mais triste do que surpreso. Quando o Dr. Waite foi dar a notícia pessoalmente, o pai estava conversando com o Dr. Willett, e os dois negaram qualquer tipo de conhecimento ou cumplicidade em relação à fuga. Todas as pistas foram colhidas por meio dos amigos próximos de Willett e do patriarca Ward, e mesmo assim eram fantásticas em demasia para que tivessem algum crédito. Mesmo assim, permanece o fato de que até o presente momento não se encontrou nenhum vestígio do louco desaparecido.

Charles Ward foi um antiquário desde a infância, e sem dúvida adquiriu esse gosto com a venerável cidade em que cresceu e com as relíquias do passado que enchiam todos os recantos da velha mansão dos pais, situada na Prospect Street, no alto da colina. Com o passar dos anos, a devoção às coisas antigas continuou aumentando, de modo que a história, a geologia e o estudo da arquitetura, do mobiliário e das técnicas de artesanato do período colonial acabaram por expurgar todos os demais assuntos da sua esfera de interesse. É importante mencionar esses gostos ao falar sobre a loucura que o acometeu, pois, embora não funcionem como um cerne, desempenham um papel relevante na manifestação superficial do desvario. As lacunas de conhecimento relatadas pelos psiquiatras estavam todas relacionadas a assuntos modernos, e eram invariavelmente compensadas por um conhecimento igualmente excessivo, porém oculto, a respeito de temas antigos, que surgiu graças aos interrogatórios bem conduzidos e causou a impressão de que o paciente teria sido literalmente transferido para uma época passada graças a um obscuro método de auto-hipnose. O mais estranho era que Ward parecia ter perdido o interesse pelas antiguidades que conhecia tão bem. A dizer pelas aparências, perdera o apreço como resultado da simples familiaridade; e todos os esforços que empreendeu no final estavam sem dúvida relacionados ao aprendizado de fatos corriqueiros da vida moderna que, de maneira total e inequívoca, haviam sido expurgados de suas lembranças. Charles Ward fez o que pôde a fim de ocultar a obliteração, mas era claro para todos aqueles que o observavam que todo o programa de leitura e debate que levava a cabo era marcado por um anseio frenético de embeber-se nos conhecimentos acerca da própria vida e das vivências práticas e culturais do século XX que deviam pertencer-lhe em virtude do nascimento em 1902 e da educação recebida em escolas do nosso tempo. Os psiquiatras passaram a se perguntar como, em vista da ausência da gama de dados

absolutamente vitais, o fugitivo poderia lidar com o complexo mundo de hoje; segundo a opinião dominante, estaria “se escondendo” em uma posição discreta e humilde enquanto tentava acumular o mínimo necessário de informações sobre a vida moderna.

O início da loucura de Ward é motivo de disputa entre os especialistas. O Dr. Lyman, eminente médico de Boston, situa o princípio da loucura entre 1919 e 1920, durante o último ano passado na Moses Brown School, quando, de repente, Ward abandonou o estudo do passado para se dedicar às ciências ocultas e recusou-se a entrar para a universidade, alegando que tinha pesquisas individuais muito mais importantes a fazer. A hipótese parece ser corroborada pelos hábitos anômalos que Ward cultivava à época, e em especial pela incessante busca que empreendia em arquivos públicos e cemitérios da cidade por um túmulo cavado em 1771; o túmulo de um antepassado de nome Joseph Curwen, cujos papéis Ward alegava ter encontrado atrás dos painéis de uma antiga casa em Olney Court, em Stamper’s Hill, que fora construída e habitada por Curwen. Em linhas gerais, não há como negar que o inverno de 1919-1920 trouxe consigo uma profunda mudança; de súbito, Ward deixou para trás as ambições antiquárias e lançou-se em um desbravamento frenético de assuntos ocultos, tanto em casa como no exterior, que se intercalava apenas com a estranha e persistente busca pelo túmulo do antepassado.

O Dr. Willett, no entanto, discorda substancialmente dessa opinião, e fundamenta o veredito no conhecimento íntimo e contínuo que detinha acerca do paciente, bem como em certas investigações e descobertas pavorosas feitas antes do desaparecimento. Essas investigações e descobertas deixaram marcas profundas; a voz do médico estremece quando as menciona, e a mão fica trêmula ao tentar consigná-las ao papel. Willett admite que a mudança do período 1919-1920 de fato parece marcar o início de uma decadência progressiva que culminou na horrível e inexplicável alienação de 1928; porém, motivado por observações pessoais, acredita ser mister fazer uma distinção mais sutil. Mesmo reconhecendo que o garoto sempre apresentou um temperamento desequilibrado e uma propensão a demonstrar um excesso de suscetibilidade e de entusiasmo em relação aos fenômenos que o cercavam, o Dr. Willett recusa-se a admitir que a alteração incipiente tenha marcado a passagem da sanidade à loucura; segundo acredita, o momento foi sinalizado por uma declaração do próprio Ward, quando afirmou ter feito uma descoberta ou uma redescoberta cujo efeito sobre o pensamento humano seria profundo e prodigioso. A verdadeira loucura, segundo afirma, teria vindo com uma mudança tardia, posterior à

descoberta do retrato e dos antigos papéis de Curwen; posterior à viagem a estranhos lugares no estrangeiro e às evocações terríveis entoadas em circunstâncias estranhas e secretas; posterior ao surgimento de certas respostas a essas mesmas invocações e à escrita de uma carta frenética nas condições mais inexplicáveis e agonizantes; posterior ao surto do vampirismo e aos agourentos boatos em Pawtuxet; e posterior ao momento em que a memória do paciente começou a excluir imagens contemporâneas ao mesmo tempo em que a voz começou a falhar e o aspecto físico sofreu a sutil alteração percebida por inúmeros outros mais tarde.

Foi somente por volta dessa época, segundo as observações precisas de Willett, que a qualidade de pesadelo torna-se indissociável de Ward; e o médico tem a apavorante certeza de que existem indícios sólidos o suficiente para sustentar a alegação do jovem no que diz respeito à descoberta crucial. Em primeiro lugar, dois trabalhadores de elevada capacidade intelectual viram os antigos papéis redescobertos de Curwen. Em segundo lugar, o rapaz certa vez mostrou esses papéis e uma página do diário de Curwen ao Dr. Willett, e ambos os documentos tinham um aspecto totalmente genuíno. O buraco em que Ward afirmou tê-los encontrado era uma realidade tangível, e Willett teve um vislumbre muito convincente desses documentos em lugares que quase incitam a descrença e talvez jamais possam ser provados. A esses fatores somam-se os mistérios e as coincidências das cartas entre Orne e Hutchinson, bem como o problema da caligrafia de Curwen e da revelação feita pelos detetives acerca do Dr. Allen; e também a mensagem redigida em letras minúsculas medievais encontrada no bolso de Willett quando recobrou a consciência após a medonha revelação.

Mas, acima de tudo, existem os dois pavorosos resultados que o médico obteve de certas fórmulas durante o estágio final das investigações; resultados que praticamente demonstraram a autenticidade dos papéis e das implicações monstruosas e, ao mesmo tempo, eram retirados da esfera do conhecimento humano pelo resto da eternidade.

2.

É preciso considerar os anos iniciais de Charles Ward como um evento pertencente ao passado, assim como as antiguidades que tanto admirava. No outono de 1918, com uma notável demonstração de fervor durante o serviço militar do período, Ward havia ingressado na Moses Brown School, situada perto da casa em que morava. A construção principal,

erguida em 1819, sempre agradara seu gosto por coisas antigas; e o amplo parque em que a academia se localizava agradou o olhar apurado para aquele tipo de cenário. As atividades sociais eram poucas, e o jovem passava a maior parte do tempo em casa, em caminhadas sem rumo, em aulas e exercícios e na busca de dados antiquários e genealógicos na Prefeitura, no Capitólio, na Biblioteca Pública, no Ateneu, na Sociedade Histórica, nas bibliotecas John Carter Brown e John Hay da Brown University e na recém-inaugurada Shepley Library na Benefit Street. Ainda é possível imaginá-lo como era naquela época: alto, esbelto e louro, com olhos atentos e uma leve corcunda, vestido com certo descuido, o que conferia a ele a impressão geral de uma inofensiva falta de jeito, em vez de encanto pessoal.

As caminhadas eram sempre aventuras rumo à antiguidade, durante as quais conseguia recapturar, a partir da miríade de relíquias de uma cidade antiga e esplendorosa, uma imagem vívida e coesa de séculos passados. A casa em que morava era uma enorme mansão em estilo georgiano no alto da colina quase abismal que se erguia logo a oeste do rio; e, pelas janelas dos fundos dos aposentos labirínticos, Charles Ward perdia-se em vertigens ao admirar os pináculos, as cúpulas, os telhados e os topos dos arranha-céus que se amontoavam na parte mais baixa da cidade e que aos poucos davam lugar às colinas purpúreas dos campos mais além. Tinha nascido naquele lugar, e na bela varanda ao estilo clássico na fachada com duas aberturas, a babá o empurrara pela primeira vez no carrinho; para além da pequena casa branca que já existia dois séculos antes que a cidade a alcançasse, e adiante em direção às imponentes universidades ao longo da rua suntuosa e ensombrecida, cujas antigas mansões de tijolos quadrados, junto às casinhas de madeira com varandas estreitas e ornadas por colunas em estilo dórico, sonhavam com a solidez e a exclusividade de que desfrutavam em meio aos exuberantes pátios e jardins.

Também fora empurrado ao longo da sonolenta Congdon Street, uma rua abaixo na íngreme encosta da colina, com todas as casas a leste situadas em terraços elevados. As casinhas de madeira eram ainda mais antigas naquele local, pois, ao crescer, a cidade havia escalado a colina; e nesses passeios Charles tinha absorvido as cores de um pitoresco vilarejo colonial. A babá costumava parar e sentar-se nos bancos de Prospect Terrace para conversar com os policiais; e uma das primeiras lembranças do menino era uma imagem do grande e nebuloso oceano de telhados e cúpulas e pináculos a oeste, bem como a visão das colinas longínquas que teve em uma tarde de inverno mística e violeta junto à balaustrada na margem do rio, com um pôr do sol frenético e apocalíptico repleto de

vermelhos e dourados e púrpuras e curiosos matizes de verde. A vasta cúpula de mármore do Capitólio se destacava com sua silhueta colossal, a estátua que a colmava adquirindo um halo fantástico graças a um rasgo em uma das camadas coloridas que encobriam o céu flamejante.

Quando cresceu, as famosas caminhadas começaram; primeiro com a babá, levada a contragosto, e mais tarde sozinho, em um devaneio meditativo. Aventurou-se cada vez mais longe na colina quase perpendicular, encontrando a cada vez lugares ainda mais antigos e ainda mais pitorescos da antiga cidade. Avançou com timidez desde a íngreme Jenckes Street, em meio aos barrancos e às empenas coloniais, até a esquina com a ensombrecida Benefit Street, onde avistou uma antiguidade de madeira com entradas guarnecidas de pilastras jônicas, tendo ao lado uma mansarda pré-histórica com o resquício de antiquíssimas terras aráveis, e a enorme mansão do juiz Durfee, com os vestígios decadentes do esplendor georgiano. O lugar estava transformando-se em um cortiço; mas os titânicos olmos projetavam uma sombra restauradora sobre o lugar, e o garoto tinha por hábito continuar o passeio rumo ao sul, em meio às longas fileiras de casas do período pré-revolucionário com grandes chaminés centrais e portais em estilo clássico. A leste, as casas apoiavam-se no alto de porões guarnecidos por lances duplos de escadas com degraus em pedra, e o jovem Charles conseguia imaginar a aparência que tinham quando eram novos, e quando saltos vermelhos e perucas destacavam os frontões pintados cujos sinais de idade começavam a ficar bastante visíveis.

A oeste, a colina despencava de forma tão íngreme quanto acima, até a antiga “Town Street” que os fundadores haviam construído à beira do rio em 1636. Lá corriam incontáveis vielas com residências amontoadas e apinhadas umas às outras, que remontavam a uma antiguidade inconcebível; e, por maior que fosse o fascínio despertado, levou tempo até que Ward se atrevesse a galgar aquela verticalidade arcaica, por medo de que se revelassem um sonho ou um portal rumo a terrores desconhecidos. Achava bem menos formidável continuar ao longo da Benefit Street, para além da cerca de ferro do cemitério oculto de St. John’s, rumo aos fundos da Casa Colonial de 1761 e ao ponderoso vulto da Golden Ball Inn, onde Washington havia se hospedado. Na Meeting Street, sucessivamente a Gaol Lane e a King Street de outros períodos, direcionava o olhar para cima em direção ao leste e contemplava a escadaria em arco a que a estrada teve de recorrer para subir a encosta, e depois para baixo em direção ao oeste para vislumbrar a velha escola colonial de tijolo à vista, que do outro lado da rua sorri para a antiga

Insígnia do Busto de Shakespeare, onde o *Providence Gazette and Country-Journal* eram impressos antes da revolução. A seguir, vinha a magnífica Igreja Batista de 1775, ornada com um campanário insuperável de Gibbs, à qual se somavam os telhados e cúpulas do período georgiano que flutuavam ao redor. Nesse ponto, e em direção ao sul, a vizinhança melhorava de aspecto, e florescia em pelo menos dois grupos distintos de mansões antigas. Mas as vielas ancestrais continuavam a descer o precipício a oeste, com arroubos espectrais de arcaísmo nas múltiplas empenas enquanto despencavam rumo a um caos de decadência iridescente em que a sordidez da antiga zona portuária o fazia pensar na pompa das expedições às Índias, em meio à penúria e ao vício nas mais variadas línguas, a cais apodrecidos e a comerciantes de aprestos com os olhos inchados, devido à falta de sono, e nas alusões que sobreviviam em nomes de ruas, como Packet, Bullion, Gold, Silver, Coin, Doubloon, Sovereign, Guilder, Dollar, Dime e Cent.

Por vezes, à medida que crescia e imbuía-se de um espírito mais aventureiro, o jovem Ward avançava rumo à voragem de casas decrépitas, claraboias quebradas, degraus desabados, balaustradas tortas, rostos morenos e odores inomináveis; serpenteava da South Main até South Water, em busca das docas onde a baía e os vapores do canal ainda se encontravam, para depois retornar pelo norte por aquele nível mais baixo, para além dos armazéns com telhados de duas águas construídos em 1816 e também da ampla praça junto à Great Bridge, onde o Mercado de 1773 permanece sustentado com firmeza pelos velhos arcos. Na praça, detinha o passo para beber água em meio à beleza encantadora da velha cidade que se erguia na margem a leste, ornada por dois campanários georgianos e coroada pela enorme cúpula da Christian Science, assim como Londres é coroada pela St. Paul's Church. Charles Dexter gostava especialmente de chegar ao local no fim da tarde, quando a luz oblíqua do sol toca o Mercado e os ancestrais telhados e campanários da colina, espalhando uma aura de magia ao redor dos cais sonhadores onde os navios de Providence, retornados da Índia, costumavam aportar. Após um longo tempo observando, sentia-se tomado pelo amor de um poeta diante de uma paisagem, e então tratava de subir a encosta e voltar para casa em meio ao crepúsculo, passando pela antiga igreja branca e pelos caminhos estreitos e vertiginosos onde raios amarelos espiavam por trás de janelas com pequenas vidraças e de claraboias no alto de lances duplos de escada, ornados com curiosos balaústres em ferro lavrado.

Em outros momentos, e nos anos posteriores, buscava os mais vívidos contrastes; passava metade da caminhada nas regiões coloniais decrépitas

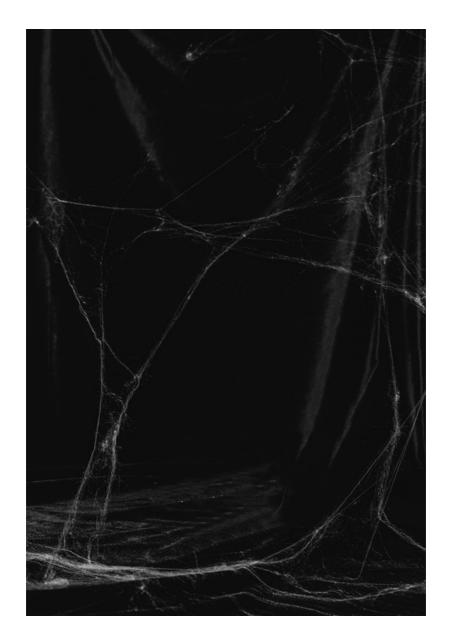
a noroeste de casa, onde a colina diminui o vulto e dá vez à eminência um pouco mais baixa de Stamper's Hill, com o gueto e o bairro negro próximo ao local de onde a diligência de Boston costumava partir antes da Revolução, e a outra metade no gracioso reino sulista entre a George, a Benevolent, a Power e a Williams Street, onde a velha encosta mantém preservadas as belas casas e resquícios de jardins fechados e íngremes caminhos verdejantes, nos quais persistem inúmeras memórias fragrantes. Esses passeios, somados à dedicação aos estudos que os acompanhava, sem dúvida bastariam para explicar o enorme volume de sabedoria antiquária que, no fim, expulsou o mundo contemporâneo da imaginação de Charles Ward; bastariam também para explicar o solo mental em que, no terrível inverno de 1919–1920, caíram as sementes que germinaram frutos tão estranhos e terríveis.

O Dr. Willett tem certeza de que, antes desse inverno aziago em que surgiu a primeira alteração, a fascinação que Charles Ward tinha por antiguidades era isenta de qualquer traço de morbidez. Os cemitérios não exerciam nenhuma atração particular, a não ser pelo caráter pitoresco e pelo valor histórico, e Ward era completamente desprovido de inclinações à violência e de instintos agressivos. Mas, a partir de então, de maneira gradual, começou a delinear-se uma singular continuação para um dos triunfos genealógicos do ano anterior, quando o jovem havia descoberto entre os ancestrais da linha materna um homem deveras longevo chamado Joseph Curwen, que chegara de Salém em março de 1692, e a respeito de quem se contava, aos sussurros, uma série de histórias um tanto peculiares e inquietantes.

Welcome Potter, o trisavô de Ward, casara-se em 1785, com uma certa "Ann Tillinghast, filha da Sra. Eliza, filha do capitão James Tillinghast", de cuja paternidade a família não havia preservado traço algum. No fim de 1918, enquanto examinava um volume de manuscritos originais com os registros da cidade, o jovem genealogista encontrou uma entrada que descrevia uma alteração de nome realizada em 1772, graças à qual a Sra. Eliza Curwen, viúva de Joseph Curwen, readotou, junto com a filha Ann, de sete anos, o nome Tillinghast, que havia usado na época de solteira, sob a alegação de que "o nome do marido se tornara uma vergonha para a sociedade em razão do que se descobrira após seu falecimento; o qual veio a confirmar um antigo boato, que no entanto não mereceria o crédito de uma esposa fiel enquanto não fosse provado para além de qualquer dúvida". Essa entrada veio à tona após a separação acidental de duas folhas que haviam sido coladas com todo o cuidado e tratadas como se fossem uma folha única, graças a uma trabalhosa análise da numeração

das páginas.

Naquele instante, Charles Ward compreendeu que encontrara um tataravô até então desconhecido. A descoberta foi motivo de um duplo entusiasmo, pois Ward já ouvira relatos vagos e encontrara alusões dispersas acerca daquele nome, sobre o qual restavam tão poucos registros disponíveis, além dos que vieram a público somente na época atual, que quase parecia ter havido uma conspiração para apagá-lo da memória. Além do mais, o caso revestia-se de uma natureza tão singular e provocativa que não havia como afastar certas especulações curiosas sobre o que os tabeliães da época colonial estariam tão ávidos por esconder e esquecer, e tampouco a suspeita de que essa obliteração poderia de fato ter razões válidas.

Antes disso, Ward limitava-se a deixar as suposições românticas a respeito de Joseph Curwen na esfera da curiosidade; porém, após descobrir o parentesco com esse personagem silenciado, passou a buscar, da maneira mais sistemática possível, tudo o que pudesse encontrar a seu respeito. Nessa busca desenfreada, logrou um sucesso muito além das expectativas mais otimistas, pois cartas, diários e fardos de memórias não publicadas, encontrados nos sótãos empoeirados de Providence e de outros lugares, forneceram muitas passagens esclarecedoras que os autores não haviam feito questão de destruir. Uma revelação importante veio da longínqua Nova York, uma vez que certas correspondências da época colonial estavam armazenadas no museu da Fraunces' Tavern. O documento crucial, no entanto, que, segundo a opinião do Dr. Willett, precipitou a ruína de Ward, foi o material encontrado em agosto de 1919, por trás dos painéis de uma casa decrépita em Olney Court. Sem dúvida, foi esse documento que descortinou o negro panorama cujo fim era mais profundo do que o abismo.

2
Antecedente e horror

1.

Joseph Curwen, segundo os confusos relatos consubstanciados em tudo o que Ward tinha ouvido e descoberto, era um homem impressionante, enigmático, obscuro e terrível. Havia fugido de Salém para Providence, um refúgio universal de tudo o que era estranho, livre e subversivo, no início do grande pânico da bruxaria, com medo de ser acusado por conta da vida solitária e dos singulares experimentos químicos ou alquímicos que conduzia. Era um sujeito pálido, de cerca de trinta anos, e logo obteve a qualificação necessária para tornar-se um homem livre em Providence; e, assim, comprou um terreno um pouco ao norte da casa de Gregory Dexter, próximo ao ponto mais baixo da Olney Street. A casa foi construída em Stamper's Hill, a oeste da Town Street, no que mais tarde viria a se tornar Olney Court; e, em 1761, o proprietário substituiu-a por uma residência maior, que existe até hoje.

A primeira coisa estranha a respeito de Joseph Curwen é que não parecia ficar mais velho do que estava quando chegou à cidade. Envolveu-se com negócios marítimos, comprou um cais próximo de Mile-End Cove, ajudou a reconstruir a Great Bridge em 1713 e, em 1723, foi um dos fundadores da Congregational Church na colina. Porém, sempre mantendo o aspecto pouco chamativo de um homem recém-entrado nos trinta ou trinta e cinco anos. Com o passar das décadas, essa qualidade singular passou a despertar a atenção do público; mas Curwen sempre a explicava, afirmando que tinha ancestrais robustos e que levava uma vida simples que não o exauria. Como tamanha simplicidade poderia ser conjugada às inexplicáveis idas e vindas do furtivo comerciante ou ainda à estranha visão de luz nas janelas da casa em que morava, a todas as horas da madrugada, jamais ficou claro para os moradores da cidade, que assim passaram a ter certa predisposição a acreditar em outros motivos para a juventude prolongada e a longevidade do forasteiro. Em geral, acreditava-se que as incessantes misturas e fervuras de componentes químicos,

promovidas por Curwen, tivessem uma estreita relação com essa condição.

Corriam boatos a respeito de estranhas substâncias trazidas de Londres e das Índias nos seus barcos, ou compradas em Newport, Boston e Nova York; e, quando o velho Dr. Jabez Bowen chegou de Rehoboth e abriu o apotecário, do outro lado da ponte, sob a Insígnia do Unicórnio e do Pilão, correram intermináveis conversas sobre as drogas, os ácidos e os metais que o taciturno recluso solicitava de maneira incessante em compras e encomendas. Movidos pela suposição de que Curwen fosse dotado de habilidades médicas, secretas e maravilhosas, inúmeros doentes dos mais variados tipos começaram a procurá-lo em busca de socorro; mas, embora Curwen parecesse incentivar essas crenças de maneira indireta, e sempre providenciasse poções de estranho colorido em resposta a esses apelos, era visível que o tratamento dispensado aos outros raras vezes trazia efeitos benéficos. Por fim, quando mais de cinquenta anos haviam se passado desde a chegada do forasteiro, sem produzir alterações correspondentes a mais do que cinco anos no semblante e no aspecto físico, a população começou a sussurrar histórias mais obscuras e a respeitar o isolamento a que Curwen sempre fora propenso.

As cartas e os diários do período revelam uma verdadeira miríade de outras razões para que Joseph Curwen fosse admirado, temido e, por fim, abominado como a peste. A paixão por cemitérios, onde era avistado a todas as horas e sob todas as condições climáticas, tornou-se notória, embora não houvesse testemunhas de qualquer comportamento que pudesse ser descrito como mórbido. Tinha uma fazenda na Pawtuxet Road, na qual costumava morar durante o verão, e para onde muitas vezes o viam cavalgar nos mais variados e improváveis horários do dia e da noite. Os únicos criados que tinha, trabalhadores do campo e zeladores, eram dois carrancudos índios Narragansett; o marido, mudo e coberto por estranhas cicatrizes; e a esposa marcada pelo aspecto repulsivo do rosto, provavelmente devido à mistura de sangue negro. No galpão ficava o laboratório em que a maioria das experiências era conduzida. Os curiosos carregadores e carreteiros que entregavam vidros, bolsas e caixas na diminuta porta dos fundos trocavam entre si histórias sobre frascos, cadinhos, alambiques e fornalhas no interior do pequeno recinto repleto de prateleiras, e profetizavam aos sussurros que o taciturno “quimista” – querendo dizer “alquimista” – não tardaria a descobrir a Pedra Filosofal. Os vizinhos mais próximos da fazenda, os Fenner, que moravam a quatrocentos metros, tinham histórias ainda mais estranhas a contar sobre os sons que afirmavam vir da propriedade de

Curwen à noite. Mencionavam gritos e uivos prolongados, e não gostavam da grande quantidade de animais que enchia os pastos, demasiado excessiva para fornecer a apenas um homem solitário e poucos criados as provisões necessárias de carne, leite e lã. A composição do rebanho parecia mudar de uma semana para a outra à medida que novos animais eram comprados dos fazendeiros de Kingstown. O sentimento de repulsa ficava ainda mais intenso por conta de uma grande construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas.

Da mesma forma, os desocupados da Great Bridge tinham muito a dizer sobre a casa na cidade, em Olney Court; nem tanto acerca da nova, construída em 1761, quando o proprietário devia ser quase um homem centenário, mas acerca da primeira, mais antiga, que tinha um telhado com água-furtada, um sótão desprovido de janelas e as fachadas cobertas por recortes de madeira, que Curwen teve o cuidado de queimar após a demolição. É fato que nesse caso o mistério era menor, mas, nas horas em que as luzes estavam acesas, a furtividade dos dois forasteiros de pele morena que compunham a totalidade da criadagem masculina, os pavorosos e incompreensíveis rumores da idosa governanta francesa, as enormes quantidades de comida que adentravam a porta de uma casa onde viviam apenas quatro pessoas e a qualidade de certas vozes ouvidas durante conversas abafadas em horários altamente improváveis, combinavam-se com os demais boatos sobre a fazenda de Pawtuxet e davam origem à má reputação do lugar.

A residência de Curwen era assunto mesmo nos círculos de maior prestígio; afinal, enquanto trabalhava na igreja e na vida comercial do vilarejo, o forasteiro havia cultivado as melhores amizades para assim poder desfrutar de companhias e conversas adequadas à educação que havia recebido. O berço de onde vinha era bom, uma vez que os Curwen, ou Corwin de Salém, dispensavam apresentações na Nova Inglaterra. A certa altura, veio à tona que Joseph Curwen viajara um bocado ainda menino, tendo vivido por um tempo na Inglaterra e feito pelo menos duas viagens ao Oriente; e o sotaque, quando se dignava a falar, era o de um cavalheiro inglês culto e refinado. Mas, por algum motivo, Curwen não se importava com a vida em sociedade. Embora jamais mandasse os visitantes embora, costumava erguer uma muralha de reserva tão intransponível que poucos conseguiam pensar em dizer alguma coisa que não soasse banal.

Seu comportamento parecia ocultar uma arrogância enigmática e sardônica, como se tivesse passado a aborrecer-se com toda a humanidade depois de mover-se em meio a entidades mais estranhas e mais potentes.

Quando o Dr. Checkley, famoso pela erudição e pelo espírito trocista, chegou de Houston em 1738, para ser reitor da King's Church, Joseph Curwen não perdeu a oportunidade de fazer uma visita à personalidade de quem tanto ouvira falar; mas foi embora após poucos instantes por conta de uma sinistra nota subjacente percebida no discurso do anfitrião. Charles Ward contou ao pai, quando os dois falavam a respeito de Curwen em uma noite de inverno, que estaria disposto a oferecer muita coisa para saber o que aquele velho sinistro teria dito para o vivaz clérigo, porém todos os diários estão de acordo ao mencionar a relutância do Dr. Checkley em repetir o que ouvira. O bom homem recebera um choque terrível, e a partir de então não conseguia mais pensar em Joseph Curwen sem obter, como resultado, a perda momentânea da alegria que o havia tornado famoso.

Bem mais claro, no entanto, foi o motivo que levou outro homem de bom gosto e boa criação a evitar o arrogante ermitão. Em 1746, o Sr. John Merritt, um idoso cavalheiro inglês, com inclinações literárias e científicas, chegou de Newport à cidade que rapidamente a ultrapassava em prestígio e construiu uma bela casa rural em Neck, onde hoje se localiza o coração da melhor zona residencial. Vivia cercado de estilo e de conforto, porém mantinha o primeiro coche e a criadagem de libré na cidade, e se enchia de orgulho do telescópio, do microscópio e da seleta biblioteca de livros ingleses e latinos. Ao ouvir que Curwen era o proprietário da melhor biblioteca de Providence, o Sr. Merritt tratou de fazer uma visita o mais rápido que pôde, e foi recebido com mais cordialidade do que a maioria dos outros visitantes da casa. A admiração demonstrada pelo visitante em relação às amplas prateleiras do anfitrião, que além dos clássicos gregos, latinos e ingleses vinham equipadas com uma impressionante bateria de obras filosóficas, matemáticas e científicas, incluindo obras de Paracelso, Agrícola, Van Helmont, Sylvius, Glauber, Boerhaave, Becher e Stahl, levou Curwen a sugerir uma visita à fazenda e ao laboratório, onde ninguém jamais estivera; e assim os dois partiram de imediato no coche do Sr. Merritt.

O Sr. Merritt sempre afirmava não ter visto nada de horripilante na fazenda, mas admitia que os títulos dos livros na biblioteca especial de taumaturgia, alquimia e teologia, que Curwen mantinha em um recinto à parte, foram o suficiente para inspirar-lhe um duradouro sentimento de repulsa. No entanto, é possível que a expressão facial do proprietário ao exibir os livros tenha contribuído em boa medida para esse preconceito. A estranha coleção, além de uma miríade de obras clássicas que o Sr. Merritt pôde invejar sem motivo algum para alarme, abarcava

praticamente todos os cabalistas, demonologistas e magos conhecidos à humanidade, e consistia em um verdadeiro tesouro de sabedoria em reinos duvidosos como a alquimia e a astrologia. Hermes Trismegisto na edição de Mesnard; o *Turba Philosophorum*; o *Liber Investigationis*, de Geber; e o *Key of Wisdom*, de Artephius; estavam todos lá, com o cabalístico *Zohar*, a coleção de Alberto Magno, editada por Peter Jammy; o *Ars Magna et Ultima*, de Raimundo Lúlio, na edição de Zetzner; o *Thesaurus Chemicus*, de Roger Bacon; o *Clavis Alchimiae*, de Fludd e o *De Lapide Philosophico*, de Tritêmio ao lado. Judeus e árabes medievais estavam representados em profusão, e o Sr. Merritt empalideceu quando, ao tomar nas mãos um belo volume, claramente identificado como *Qanoon-e-Islam*, descobriu tratar-se, na verdade, do proscrito *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred, a respeito do qual havia escutado coisas monstruosas, ditas aos sussurros anos antes, quando se revelou a prática de rituais inomináveis no estranho vilarejo pesqueiro de Kingsport, na Província de Massachusetts Bay.

No entanto, por mais estranho que pareça, o grande motivo da perturbação alegada pelo digno cavalheiro foi um mero detalhe. Na enorme mesa de mogno encontrava-se um exemplar muito desgastado de Borellus, que trazia um grande número de anotações e interlineações crípticas, feitas na caligrafia de Curwen. O livro estava aberto no meio, e um determinado parágrafo exibia sublinhados tão grossos e tão trêmulos, sob as linhas de místicos caracteres góticos, que o visitante não pôde resistir a analisá-los. Se foi a natureza da passagem grifada ou o peso febril dos golpes da pena que formavam os grifos, o Sr. Merritt não soube dizer; mas algo naquela combinação causou-lhe uma impressão muito negativa e muito peculiar. O Sr. Merritt recordou a passagem até o fim da vida, reproduzindo-a de memória no próprio diário pessoal, e, certa vez, tentou recitá-la para o Dr. Checkley, com quem mantinha uma estreita amizade, mas deteve-se ao perceber quanto aquilo perturbava o cortês reitor. A passagem dizia:

“Os sais essenciais dos animais podem ser preparados e preservados de modo que um homem engenhoso pode ter toda a Arca de Noé em seu próprio escritório e fazer surgir a bela forma de um animal das cinzas deste a seu bel-prazer; e, pelo mesmo método, dos sais essenciais do pó humano, sem criminosa necromancia, um filósofo pode fazer reviver a forma de qualquer ancestral falecido das cinzas em que seu corpo se tomou”.

Era nas cercanias das docas, na parte ao sul da Town Street, no entanto, que corriam os piores boatos acerca de Joseph Curwen. Os marinheiros

são supersticiosos, e os lobos do mar, que tripulavam as infinitas chalupas de rum, escravos e melaço, os mal-afamados navios corsários e os grandes brigues das famílias Brown, Crawford e Tillinghast, faziam estranhos e furtivos gestos de proteção quando viam a figura magra, e enganadoramente jovem, de cabelos trigueiros, e com uma discreta corcunda, entrar no depósito de Curwen na Doubloon Street ou conversar com os capitães e supervisores no longo cais em que os navios de Curwen aportavam inquietantemente. Os próprios fiscais e capitães de Curwen nutriam temor e ódio pelo empregador, e todos os marujos pertenciam à rábula mestiça da Martinica, de Santo Eustáquio, de Havana ou de Port Royal. De certa forma, a frequência com que os marinheiros eram substituídos foi o que inspirou a parte mais intensa e mais tangível do medo despertado pelo velho. Uma tripulação desembarcava na cidade em licença, por vezes com um ou outro afazer a cumprir; porém, no momento da reunião, quase sempre se dava pela falta de um ou mais homens. O fato de que muitos afazeres envolviam a fazenda na Pawtuxet Road, somado ao fato de que poucos marinheiros retornavam do lugar, não foi esquecido; de maneira que, passado algum tempo, Curwen passou a enfrentar grandes dificuldades para manter os homens da caótica tripulação. Quase sempre um grande número de marinheiros desertava imediatamente após ouvir os boatos sobre os cais de Providence, e a reposição desses homens nas Índias Ocidentais tornou-se um problema cada vez maior para o comerciante.

Em 1760, Joseph Curwen havia se tornado um pária e era suspeito de ter perpetrado horrores vagos e forjado alianças demoníacas que pareciam ainda mais ameaçadoras porque não tinham nome, não eram compreendidas e também porque não havia sequer provas de que existiam. A gota d'água pode ter sido o caso dos soldados desaparecidos em 1758, pois, em março e abril daquele ano, dois regimentos reais, a caminho da Nova França, alojaram-se em Providence e desapareceram como resultado de um processo inexplicável, muito além da quantidade média de deserção. Boatos furtivos mencionavam a frequência com que Curwen era visto conversando com os forasteiros de capa vermelha; e, quando eles começaram a desaparecer, as pessoas lembraram-se do estranho fenômeno que acometia os marinheiros. O que teria acontecido se os regimentos não recebessem ordens de seguir adiante, ninguém saberia dizer.

Enquanto isso, o comerciante prosperava nos negócios mundanos. Praticamente detinha o monopólio sobre o comércio de salitre, pimenta-do-reino e canela, e, com a exceção da firma dos Brown, estava à frente

de quase todos os outros estabelecimentos de comércio marítimo na importação de artigos de latão, índigo, algodão, lã, sal, aprestos, ferro, papel e bens ingleses de todo tipo. Lojistas como James Green, sob a Insígnia do Elefante em Cheapside, os Russell, sob a Insígnia da Águia Dourada no outro lado da Ponte, ou Clark e Nightingale, sob a insígnia da Frigideira e do Peixe nas proximidades da New Coffee-House, dependiam de Ward em caráter quase exclusivo para a obtenção desses produtos; e os acordos firmados com os destiladores locais, os leiteiros e criadores de cavalo Narrangasett e os fabricantes de velas em Newport haviam-no transformado em um dos maiores exportadores da Colônia.

Embora relegado ao ostracismo, Joseph Curwen não era desprovido de espírito cívico. Quando a Casa Colonial queimou, fez grandes investimentos nas loterias, graças às quais o novo prédio, de alvenaria – que ainda hoje se ergue na antiga rua principal –, foi construído em 1761. No mesmo ano, ajudou a reconstruir a Great Bridge, após o furacão de outubro. Repôs muitos livros da biblioteca pública, para substituir os que haviam sido consumidos pelo fogo durante o incêndio da Casa Colonial, e comprou muitos bilhetes da loteria que propiciaram à enlameada Market Parade e à sulcada Town Street a pavimentação com grandes pedras arredondadas e um passeio ou canteiro de tijolos no meio. Por volta da mesma época, construiu a simples, mas excelente residência cuja fachada sobrevive até hoje como um grande triunfo de entalhes em madeira. Quando os partidários de Whitefield romperam com a igreja do Dr. Cotton em 1743 e fundaram a igreja Deacon Snow do outro lado da Ponte, Curwen os acompanhou, embora o fervor e o interesse pelo assunto tenham durado pouco. Porém, voltou a cultivar a religiosidade, como se quisesse dissipar a sombra que o havia precipitado rumo ao isolamento e que não tardaria a arruinar seus negócios se não fosse combatida.

2.

A visão do homem estranho e pálido, que mal aparentava estar na meia-idade, embora não pudesse ter menos do que um século de vida, e tentava enfim dissipar uma nuvem de pavor e repulsa demasiado vaga para que se pudesse compreendê-la ou analisá-la, era a um só tempo dramática, patética e desprezível. No entanto, o poder da fortuna monetária e dos gestos superficiais resultou em uma discreta redução na visível repulsa que lhe era dispensada, em particular depois que o súbito desaparecimento dos marinheiros cessou de repente. Ao mesmo tempo, Curwen deve ter começado a cercar-se de cuidado e discrição durante as expedições noturnas ao cemitério, pois nunca mais foi avistado nessas

perambulações; e os boatos acerca de sons e movimentações estranhas na fazenda de Pawtuxet diminuíram na mesma proporção. O consumo de mantimentos e a reposição dos animais do campo mantiveram-se em um nível anômalo; mas apenas em tempos recentes, quando Charles Ward examinou contas e faturas do antepassado na Shepley Library, ocorreu ao público em geral – talvez com a exceção de um certo jovem amargurado com a vida – estabelecer ligações sombrias entre o elevado número de negros importados da Guiné até 1766 e a inquietante ausência de notas fiscais idôneas emitidas para os mercadores de escravos na Great Bridge ou para os donos de plantações em Narragansett Country. Sem dúvida, a astúcia e a engenhosidade da figura abominável revelaram-se estranhamente profundas quando a necessidade premente de usá-las se apresentou.

Mesmo assim, o efeito dessas correções tardias foi mínimo. Joseph Curwen continuou a inspirar desconfiança e a ser evitado, o que, a bem dizer, encontrava respaldo no eterno aspecto jovial que ostentava mesmo em idade avançada; e, no fim, percebeu que a fortuna poderia dar uma guinada para o pior. Qualquer que fosse a natureza dos complexos estudos e experimentos que conduzia, era evidente que mantê-los exigia uma renda considerável; e, uma vez que qualquer mudança na situação o privasse das vantagens comerciais que alcançara, não valeria a pena recomeçar em outra região. O juízo havia ditado que remediasse as relações que mantinha com o povo de Providence, de maneira que sua presença deixasse de ser motivo para conversas a meia voz, desculpas transparentes para compromissos em outros lugares e uma atmosfera generalizada de reserva e inquietude. Seus empregados, a essa altura reduzidos aos rejeitos depauperados e modorrentos a quem ninguém mais daria emprego, haviam se transformado em uma fonte de constantes preocupações; e os capitães e imediatos eram mantidos apenas por força da astúcia de Curwen, que tratou de exercer uma forte influência sobre todos por meio de hipotecas, notas promissórias ou informações pertinentes ao bem-estar do interessado. Muitos diários da época registraram, com evidente espanto, que Curwen parecia ter poderes quase sobrenaturais para descobrir segredos de família no intuito de empregá-los para fins um tanto questionáveis. Nos últimos cinco anos de vida, a impressão causada era a de que nada menos do que conversas diretas com os mortos de outrora poderia ter fornecido certas informações que tinha na ponta da língua.

Por volta da mesma época, o sagaz erudito tentou um último e desesperado expediente para se restabelecer no seio da comunidade.

Depois de passar a vida inteira como um completo ermitão, Curwen resolveu tirar vantagem do matrimônio com uma esposa de reconhecida posição social a fim de tornar impossível o ostracismo da casa onde morava. Pode ser que tivesse outros motivos mais profundos para forjar tal aliança – motivos tão estranhos à esfera cósmica em que vivemos que somente papéis encontrados um século e meio após sua morte levantaram suspeitas; porém, jamais teremos respostas definitivas quanto a essas questões. Sem dúvida Curwen estava ciente do horror e da indignação com que qualquer tentativa de corte seria recebida, e assim tratou de procurar uma candidata sobre cujos pais pudesse exercer uma pressão considerável. Essas candidatas, no entanto, não eram fáceis de encontrar, pois Curwen tinha exigências muito específicas no que dizia respeito à beleza, aos talentos e à estabilidade social. Por fim, viu-se reduzido à casa de um dos melhores e mais antigos capitães – um viúvo nascido em berço de ouro e de reputação impecável chamado Dutee Tillinghast, cuja filha Eliza parecia ter sido abençoada com todo tipo de virtudes imaginável, a não ser no que dizia respeito às perspectivas como herdeira. O capitão Tillinghast estava sob o completo domínio de Curwen, e, após um terrível colóquio na casa encimada por uma cúpula onde morava, em Power's Lane Hill, consentiu em sancionar essa aliança blasfema.

Eliza Tillinghast somava na época dezoito anos de idade, e tinha sido criada da forma mais delicada possível nas limitadas circunstâncias do pai. Havia frequentado a Stephen Jackson's School, em frente à Court-House Parade, e sido instruída nas artes e requintes da vida doméstica pela diligente mãe, que morreu em decorrência de varíola em 1757. Exemplares de objetos feitos por Eliza aos nove anos de idade podem ainda hoje ser vistos nas salas da Rhode Island Historical Society. Após o falecimento da mãe, Eliza passou a cuidar da casa, auxiliada somente por uma velha negra. As discussões que teve com o pai acerca do matrimônio proposto por Curwen devem ter sido dolorosas, mas a esse respeito não há nenhum registro. O que se sabe é que o noivado com o jovem Ezra Weeden, o imediato do paquete *Enterprise*, de Crawford, foi devidamente rompido, e que a união com Joseph Curwen foi celebrada na igreja batista, no dia 7 de março de 1763, na presença dos mais distintos personagens que a cidade tinha a oferecer, em uma cerimônia oficiada pelo jovem Samuel Winsor. O *Gazette* publicou uma breve nota sobre a cerimônia, e na maioria dos exemplares que sobreviveram à passagem do tempo o item em questão parece ter sido recortado ou rasgado. Após inúmeras buscas, Ward encontrou um único exemplar intacto nos arquivos de um notável colecionador particular, e admirou com gosto a falsa cortesia da linguagem empregada:

> “Na tarde da última segunda-feira, o senhor Joseph Curwen, dessa Cidade, comerciante, casou-se com a senhorita Eliza Tillinghast, filha do capitão Dutee Tillinghast, uma jovem que soma real merecimento a uma bela pessoa, para honrar o estado conjugal e perpetuar sua Felicidade”.

As correspondências trocadas entre Durfee e Arnold, descobertas por Charles Ward pouco antes do primeiro surto de loucura, na coleção do Sr. Melville F. Peters, da George Street, cobrem esse período e o imediatamente anterior e oferecem um testemunho contundente do ultraje causado ao sentimento público pelo mal-arranjado casamento. O prestígio social dos Tillinghast, no entanto, não podia ser negado; e mais uma vez Joseph Curwen viu sua casa frequentada por pessoas que, de outra forma, jamais teria conseguido persuadir a cruzar o umbral de sua porta. Mas a aceitação não foi de forma alguma total, e a noiva sofreu diversos reveses sociais em decorrência da união forçada; mesmo assim, a muralha de absoluto ostracismo desabou em parte. No tratamento dispensado à esposa, o estranho noivo surpreendeu tanto à própria, quanto à comunidade em geral, ao demonstrar profunda graciosidade e consideração. A nova casa em Olney Court estava, então, completamente a salvo de manifestações perturbadoras, e, embora Curwen passasse boa parte do tempo ausente na fazenda em Pawtuxet, que a esposa jamais visitava, parecia nessa época uma pessoa mais normal do que jamais havia sido em todos os longos anos de residência. Somente uma pessoa manteve uma inimizade declarada: o jovem oficial de navio cujo noivado com Eliza Tillinghast fora rompido de maneira tão abrupta. Ezra Weeden havia jurado vingança e, embora tivesse uma disposição pacata e introvertida, viu-se tomado por uma determinação obsessiva e odiosa que não trazia bons presságios para o marido usurpador.

No dia 7 de maio de 1765, nasceu Ann, a única filha de Curwen, que foi batizada pelo reverendo John Graves, da King’s Church, com quem tanto o marido quanto a esposa haviam entrado em contato logo após o matrimônio a fim de encontrar um meio-termo para as respectivas afiliações à igreja congregacional e à igreja batista. O registro do nascimento, bem como o do matrimônio celebrado dois anos antes, foi riscado de quase todos os documentos eclesiásticos e anais da cidade; Charles Ward localizou-os apenas graças a um árduo trabalho de busca empreendido depois que a mudança de nome efetuada pela viúva revelou o parentesco que o ligava ao objeto da pesquisa, e assim engendrou o interesse febril que culminou em loucura. Com efeito, a certidão de nascimento foi encontrada em uma troca de correspondências bastante curiosa entre os herdeiros do Dr. Graves, que havia levado consigo uma

duplicata de todos os registros quando deixou o pastorado após o início da Revolução. Ward havia buscado essa fonte porque sabia que a trisavó, Ann Tillinghast Potter, tinha sido adepta da igreja episcopal.

Pouco tempo após o nascimento da filha – um acontecimento que parece ter recebido com um fervor bastante incompatível com a frieza habitual –, Curwen decidiu encomendar um retrato de si mesmo. O retrato foi pintado por um escocês muito talentoso de nome Cosmo Alexander, que na época morava em Newport e mais tarde ganhou fama como um dos primeiros mestres de Gilbert Stuart. Segundo relatos, teria sido executado em um painel na biblioteca da casa em Olney Court, mas nenhum dos antigos diários que o mencionavam oferecia qualquer pista sobre o destino final do retrato. Por volta desse período, o acadêmico errático começou a dar mostras de uma abstração fora do comum e a passar o maior tempo possível na fazenda em Pawtuxet Road. Segundo relatos, dava a impressão de se encontrar em um estado de empolgação contida ou de suspense, como se aguardasse um acontecimento extraordinário ou estivesse prestes a fazer uma estranha descoberta. A química, ou a alquimia, pareciam ter desempenhado um papel importante, pois Curwen levou para a fazenda a maior parte dos livros sobre esses assuntos.

A afetação de interesse cívico não arrefeceu, e Curwen tampouco perdia a oportunidade de ajudar líderes como Stephen Hopkins, Joseph Brown e Benjamin West a elevar o nível cultural da cidade, que na época se encontrava muito inferior ao de Newport, no que dizia respeito às artes.

Ajudou Daniel Jenckes a estabelecer a livraria em 1763, e a partir de então passou a ser o mais assíduo cliente. Também ofereceu ajuda ao emergente *Gazette*, impresso todas as quartas-feiras sob a Insígnia do Busto de Shakespeare. Na política, ofereceu apoio irrestrito ao governador Hopkins contra o partido de Ward, que concentrava forças em Newport, e o eloquente discurso que proferiu no Hacker's Hall, em 1765, contra a emancipação de North Providence como um vilarejo independente, por meio de um voto a favor de Ward na Assembleia Geral, contribuiu demasiadamente para diminuir o preconceito com que era visto. Mas Ezra Weeden, que o observava de perto, zombava de todo aquele ativismo político e alardeava, para quem quisesse ouvir, que tudo não passava de uma máscara sob a qual Curwen mantinha tráfico com os mais negros abismos do Tártaro. O jovem vingativo lançou-se em um estudo sistemático do homem e de seus afazeres sempre que estava em terra; à noite, quando via luzes nos armazéns de Curwen, passava longas horas de prontidão em uma canoa a remo no cais, para então seguir o barquinho, que por vezes cruzava furtivamente a baía. Também vigiava de perto a

fazenda de Pawtuxet, e, certa vez, levou sérias mordidas dos cachorros que o casal de índios soltara contra o invasor.

3.

Em 1766, Joseph Curwen sofreu a derradeira transformação. A mudança foi muito repentina e chamou a atenção de todos os moradores curiosos, pois a atmosfera de suspense e de expectativa caiu como um velho manto, dando vez à exaltação maldisfarçada de um triunfo perfeito. Curwen parecia enfrentar dificuldades para evitar manifestações públicas sobre o que havia descoberto, aprendido ou feito; mas, aparentemente, a necessidade de discrição era maior do que o desejo de compartilhar o êxito, pois nenhuma explicação foi oferecida. Após a transição, que parece ter se operado no início de julho, o sinistro acadêmico começou a impressionar as pessoas com a posse de informações que somente seus antepassados, falecidos muito tempo antes, poderiam ser capazes de fornecer.

Porém, as febris atividades secretas de Curwen não cessaram com a mudança. Muito pelo contrário: davam a impressão de aumentar, pois uma parte cada vez maior dos negócios marítimos começou a ser administrada pelos capitães, que àquela altura estavam ligados a Curwen por laços de medo tão poderosos quanto antes haviam sido os da bancarrota. O comércio de escravos foi abandonado por completo, sob o pretexto de que os lucros eram cada vez menores. Curwen passava o tempo inteiro na fazenda de Pawtuxet, embora de vez em quando surgissem boatos de que estivera em lugares que, apesar de não ficarem próximos a nenhum cemitério, levaram os mais pensativos a refletir sobre a real extensão da mudança de hábitos que se havia operado no comerciante. Ezra Weeden, embora tivesse períodos de espionagem necessariamente breves e intermitentes em função das viagens marítimas, tinha uma persistência vingativa sem par entre os moradores e fazendeiros de espírito mais prático, e assim submeteu os negócios de Curwen a um escrutínio que nunca haviam recebido antes.

Muitas das estranhas manobras executadas pelas embarcações do comerciante tinham sido atribuídas à turbulência de um período em que todos os colonizadores pareciam estar determinados a resistir às provisões da Lei do Açúcar, que impediam a movimentação conspícua dos navios. O contrabando e a evasão eram as regras em Narragansett Bay, e o desembarque noturno de cargas ilícitas era uma ocorrência corriqueira. Porém, Weeden, depois de observar, noite após noite, as balsas ou as

pequenas chalupas que se afastavam com manobras dos armazéns de Curwen, junto às docas da Town Street, logo percebeu que não eram apenas os navios armados de Vossa Majestade que o sinistro personagem tentava evitar. Antes da mudança, em 1766, a maior parte dos navios trazia cargas de negros acorrentados, que eram levados até o outro lado da baía e descarregados em um local obscuro nas margens logo ao norte de Pawtuxet, para então serem conduzidos outeiro acima e campo afora até chegar à fazenda de Curwen, onde eram trancados na enorme construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas. Após a mudança, no entanto, todo o programa sofreu alterações. A importação de escravos cessou de repente, e por um tempo Curwen abandonou a movimentação noturna dos navios. Então, por volta da primavera de 1767, surgiu uma nova política. Mais uma vez as balsas começaram a zarpar das negras e silenciosas docas e a descer a baía por uma certa distância, por vezes até Namquit Point, quando então recebiam carregamentos de estranhos navios de tamanho considerável e aspecto variado ao extremo. A seguir, os marinheiros de Curwen depositavam a carga junto à margem, no lugar de sempre, e de lá a transportavam por terra até a fazenda, para então trancafiá-la na críptica estrutura de pedra que antes havia recebido os negros. A carga era composta quase exclusivamente por caixas e caixotes, quase sempre grandes, pesados e oblongos que guardavam uma perturbadora semelhança com a silhueta de um ataúde.

Weeden sempre vigiava a fazenda de maneira persistente, visitando-a diariamente por longos períodos e raramente permitindo uma semana inteira passar sem observações, salvo quando a neve no chão pudesse reter suas pegadas. Mesmo nesses casos, aproximava-se quanto fosse possível pela beira da estrada ou pelo gelo do rio vicinal para investigar os rastros que outros pudessem ter deixado. Ao perceber que essas vigílias noturnas seriam interrompidas pelos deveres náuticos, Ezra Weeden contratou um companheiro de taverna, chamado Eleazar Smith, para levar adiante as buscas durante o período em que estivesse ausente; e os dois poderiam ter dado início a boatos extraordinários. Mesmo assim, os boatos não vieram à tona porque ambos sabiam que o efeito de qualquer publicidade seria alertar a presa e impedir qualquer tipo de progresso nas investigações. Weeden e Smith queriam ter alguma certeza antes de tomar qualquer atitude. O que descobriram deve ter sido espantoso ao extremo, e, em várias conversas com os pais, Charles Ward lamentou o fato de que Weeden mais tarde houvesse queimado todos os cadernos que tinha. Tudo o que se pode saber a respeito das descobertas é o que Eleazar Smith anotou em um diário um tanto desconexo e o que outros diários e cartas

da época repetiram timidamente a partir dos relatos feitos mais tarde pelos dois – segundo os quais a fazenda era apenas o invólucro externo de uma ameaça colossal e repulsiva, de um escopo e de uma grandeza demasiado profundos e intangíveis para uma compreensão menos difusa e nebulosa.

Percebe-se que Weeden e Smith não tardaram a se convencer da existência de uma enorme série de galerias e catacumbas, habitadas por um número considerável de pessoas, além do velho casal de índios, sob o terreno da fazenda. A casa era uma antiga relíquia da metade do século XVII, com telhado de duas águas, guarnecido por uma enorme chaminé e janelas de treliça em forma de losango, estando o laboratório situado em um galpão mais ao norte, em um ponto em que o telhado quase tocava o chão. A construção ficava afastada de todas as demais; porém, a dizer pelas diferentes vozes escutadas no interior, até mesmo nos horários mais improváveis, devia ser acessível a partir de passagens secretas nos subterrâneos. Antes de 1766, essas vozes eram meros balbucios, sussurros e gritos desesperados dos negros, somados a peculiares cânticos ou invocações. Após essa data, no entanto, revestiram-se de um caráter deveras peculiar e odioso, e passaram a oscilar entre murmúrios de aquiescência reprimida e explosões de dor ou de ira frenética, rumores de conversas e gemidos de lamúria, arquejos de entusiasmo e gritos de protesto. Davam a impressão de pertencer a diferentes línguas, todas faladas por Curwen, cujo sotaque gutural muitas vezes podia ser ouvido em resposta, reprimenda ou ameaça. Às vezes tinha-se a impressão de que havia diversas pessoas na casa; Curwen, certos prisioneiros e os guardas desses prisioneiros. Havia vozes que nem Weeden nem Smith jamais tinham ouvido, embora possuíssem um vasto conhecimento sobre as nações estrangeiras, e outras que davam a impressão de pertencer a esta ou àquela nacionalidade. A natureza das conversas parecia consistir sempre em uma espécie de sabatina, como se Curwen quisesse arrancar informações dos prisioneiros rebeldes ou aterrorizados.

Weeden tinha diversas anotações *verbatim* de fragmentos ouvidos, pois o inglês, o francês e o espanhol eram usados com frequência; mas nenhuma delas se salvou. No entanto, afirmou que, à exceção de uns poucos diálogos monstruosos em que os assuntos passados das famílias de Providence eram discutidos, a maioria das perguntas e respostas que conseguiu ouvir eram de natureza histórica ou científica, por vezes atinentes a lugares e épocas muito longínquas. Certa vez, por exemplo, uma figura que alternava entre momentos de ira e mau humor foi questionada em francês acerca do massacre promovido pelo Príncipe

Negro em Limoges, no ano de 1370, como se houvesse uma razão secreta que pudesse esclarecer. Curwen perguntou ao prisioneiro – se é que de fato se tratava de um prisioneiro – se a ordem para matar fora dada em resposta ao Símbolo do Bode encontrado no altar da antiga cripta romana sob a catedral ou se o Homem Negro da Congregação das Bruxas de Alto Vienne havia proferido as Três Palavras. Diante do fracasso na obtenção de respostas, o inquisidor dera a impressão de recorrer a meios extremos – pois ouviu-se um terrível grito seguido por silêncio e balbucios e, por fim, um baque.

Nenhum desses colóquios foi testemunhado com os olhos, uma vez que as janelas se encontravam o tempo inteiro cobertas por pesadas cortinas. Certa vez, no entanto, durante um pronunciamento em uma língua desconhecida, uma sombra avistada na cortina infundiu extremo pavor em Weeden, pois lembrou-o das marionetes que tinha visto em um espetáculo no outono de 1764 no Hacker's Hall, quando um homem de Germantown, Pensilvânia, apresentou um interessante espetáculo mecânico, anunciado como "Vista da Famosa Cidade de Jerusalém, no qual são representados Jerusalém, o Templo de Salomão, seu Trono Real, as Torres famosas e as Colinas, bem como os padecimentos do Nosso Salvador desde o Jardim de Getsemani até a Cruz sobre o Monte Gólgota; Peça Artística que os curiosos não podem deixar de ver". Foi nessa ocasião que o ouvinte, à espreita junto à janela do recinto frontal de onde as vozes emanavam, soltou um grito que acordou o velho casal de índios e levou-os a soltar os cachorros. A partir de então, nenhuma outra conversa foi ouvida na casa, e Weeden e Smith concluíram que Curwen havia transferido o campo de ação para as regiões subterrâneas.

Que tais regiões existiam de verdade parecia ser um fato amplamente comprovado por diversos indícios. Gritos e gemidos inconfundíveis de tempos em tempos saíam do que parecia ser terra sólida em lugares distantes de qualquer estrutura; e, oculto nos arbustos ao longo do rio mais ao fundo, onde o terreno elevado se precipitava abruptamente em direção ao vale de Pawtuxet, foi encontrada na pesada cantaria uma porta de carvalho em arco, que sem dúvida era uma via de acesso às cavernas no interior da colina. Quando e como essas catacumbas teriam sido construídas, Weeden não saberia dizer; mas com frequência chamava atenção para a facilidade com que o local seria alcançado por bandos de trabalhadores não avistados que viessem pelo rio. De fato, Joseph Curwen empregava os marinheiros de sangue mestiço nas mais variadas tarefas. Durante as fortes chuvas, na primavera de 1769, os dois observadores ficaram de olho na íngreme margem do rio para ver se quaisquer segredos

subterrâneos podiam revelar-se à luz, e foram recompensados pela visão de incontáveis ossos de origem humana e animal em lugares em que sulcos profundos haviam cortado o solo das margens. Naturalmente poderia haver diversas explicações para essas coisas nos fundos de uma fazenda de gado em um local onde antigos cemitérios indígenas eram comuns, mas Weeden e Smith tiraram suas próprias conclusões.

Em janeiro de 1770, quando Weeden e Smith ainda discutiam em vão o que pensar ou fazer a respeito de toda a perturbadora situação, deu-se o incidente com a *Fortaleza*. Exasperados pelo incêndio que acometeu a chalupa da receita *Liberty*, ocorrido em Newport durante o verão anterior, a esquadra alfandegária, comandada pelo almirante Wallace, adotara uma vigilância mais severa no que dizia respeito a embarcações desconhecidas; e, nessa ocasião, a escuna armada *Cygnet*, de Vossa Majestade, comandada pelo capitão Charles Leslie, capturou, após uma breve perseguição, a barca *Fortaleza*, de Barcelona, Espanha, que segundo o registro de bordo viera desde o Cairo, no Egito, até Providence sob o comando do capitão Manuel Arruda. Ao ser revistado em função de possíveis contrabandos, o navio fez a surpreendente revelação de que a carga transportada consistia exclusivamente de múmias egípcias, consignadas ao "Marinheiro A. B. C.", que receberia os bens em uma balsa em local próximo a Namquit Point e cuja identidade o capitão Arruda sentia-se na obrigação moral de preservar. O Tribunal do Vice-Almirantado em Newport, sem saber o que fazer, pois, por um lado a carga não tinha natureza de contrabando, e, por outro, o sigilo da mercadoria era ilegal, aceitou a recomendação do coletor Robinson de liberar o barco, mas impedir que aportasse nas águas de Rhode Island. Mais tarde surgiram rumores de que o navio teria sido avistado na Baía de Boston, embora nunca tenha entrado abertamente no porto do vilarejo.

O extraordinário incidente atraiu muita atenção em Providence, e eram poucos os que duvidavam da existência de alguma ligação entre a carga de múmias e o sinistro Joseph Curwen. Como as suas pesquisas exóticas e as estranhas importações químicas eram assuntos de conhecimento público, e a preferência de Curwen por cemitérios, uma suspeita comum, não seria preciso muita imaginação para associá-lo a um carregamento que não poderia ter por destinatário qualquer outro habitante do vilarejo. Como se estivesse ciente dessa crença natural, Curwen teve o cuidado de falar em várias ocasiões sobre a relevância química dos bálsamos encontrados nas múmias, imaginando talvez que, dessa forma, o assunto poderia ganhar ares menos sobrenaturais, porém, mesmo assim evitando admitir qualquer tipo de participação. Weeden e Smith, é claro, não

tinham nenhuma dúvida quanto à importância do assunto, e cogitavam as mais desvairadas teorias a respeito de Curwen e dos monstruosos trabalhos que executava.

A primavera seguinte, como a do ano anterior, trouxe pesadas chuvas; e os observadores investigaram de perto as margens do rio atrás da fazenda de Curwen. Grande parte do terreno sofreu erosão, e um certo número de ossos foi descoberto, mas não houve nenhum vislumbre de câmaras ou de galerias subterrâneas. No entanto, surgiram boatos no vilarejo de Pawtuxet, cerca de um quilômetro e meio mais abaixo, onde as águas do rio despencam em cachoeiras acima de um terraço rochoso e juntam-se em uma plácida enseada rodeada de terra. Lá, onde pitorescas casas antigas escalavam a colina desde a ponte rústica e barcos de pesca dormitavam nas sonolentas docas enquanto portavam pela âncora, correu um vago relato sobre coisas que flutuavam rio abaixo e revelavam-se por um instante quando despencavam das cachoeiras. É claro que o Pawtuxet é um rio comprido que serpenteia em meio a várias regiões habitadas, repletas de cemitérios, e que as chuvas de primavera tinham sido fortes, mas os pescadores que moravam ao redor da ponte não gostaram nem um pouco da forma como uma dessas coisas olhou ao redor enquanto caía até as águas lá embaixo, nem da forma como outra gritou, embora as condições em que se encontrava apresentassem uma grotesca divergência em relação às circunstâncias de todas as coisas em geral capazes de gritar. O rumor levou Smith – pois Weeden estava em alto-mar – a apressar-se rumo às margens do rio atrás da fazenda, onde havia fartas evidências de um enorme desabamento. Não havia, entretanto, qualquer indício de uma passagem rumo ao interior da margem talhada a pique, uma vez que a diminuta avalanche tinha deixado para trás uma sólida muralha de terra e de arbustos. Smith chegou a arriscar escavações preliminares, mas foi desencorajado pelo insucesso – ou talvez pelo medo de um possível sucesso. Seria interessante cogitar o que o vingativo e persistente Weeden teria feito se estivesse em terra durante aquele período.

4.

No outono de 1770, Weeden decidiu que havia chegado a hora de contar aos outros sobre as descobertas que fizera, pois reunira um grande número de fatos correlacionados e uma segunda testemunha ocular capaz de refutar as possíveis acusações de que a inveja e a vingança teriam engendrado um desvario. Escolheu como primeiro confidente o capitão James Mathewson, do *Enterprise*, que, por um lado, conhecia-o bem o suficiente para não duvidar da veracidade da história, e, por outro, tinha

influência suficiente na cidade para que o ouvissem com a devida consideração. O colóquio deu-se próximo às docas, em um dos quartos, no segundo andar da Sabin's Tavern, com Smith presente a fim de corroborar cada declaração, e sem dúvida causou uma forte impressão sobre o capitão Mathewson. Como todos os outros na cidade, o capitão tinha nutrido as mais obscuras suspeitas acerca de Joseph Curwen, e por esse motivo necessitou apenas da confirmação e da ampliação de dados para convencer-se de uma vez por todas. No fim da conferência, o capitão adotou uma expressão de gravidade extrema, e solicitou o mais estrito silêncio aos dois jovens. Segundo informou, transmitiria a informação separadamente para cerca de dez homens escolhidos entre os mais eruditos e prestigiosos cidadãos de Providence a fim de averiguar as opiniões que pudessem manifestar em relação ao assunto e de seguir quaisquer conselhos que tivessem a oferecer. A discrição seria essencial para a empreitada, pois o assunto não poderia ser resolvido pelos condestáveis ou pela milícia do vilarejo; e, acima de tudo, a multidão deveria ser mantida na mais absoluta ignorância, para que em meio a todas a essas atribulações não se corresse o risco de repetir o terrível pânico ocorrido em Salém que, menos de um século antes, levara Curwen até Providence.

As pessoas a serem informadas da situação, segundo acreditava, seriam o Dr. Benjamin West, cujo panfleto sobre o trânsito recente de Vênus havia-o consagrado como acadêmico e pensador; o reverendo James Manning, recém-chegado de Warren, diretor do College e hóspede temporário da escola na King Street enquanto aguardava o término da construção na colina acima da Presbyterian Lane; o ex-governador Stephen Hopkins, que tinha sido membro da Sociedade Filosófica de Newport e era um homem de percepções muito amplas; John Carter, o editor do *Gazette*; os irmãos John, Joseph, Nicholas e Moses Brown, reconhecidos como os quatro magnatas locais, sendo que Joseph era também um cientista amador; o velho Dr. Jabez Bowen, homem de erudição considerável e detentor de informações obtidas em primeira mão sobre as singulares compras de Curwen; e o capitão Abraham Whipple, um corsário de energia e coragem extraordinárias com quem se poderia contar para a tomada de quaisquer medidas necessárias. Esses homens, caso fossem todos favoráveis, poderiam ser reunidos em uma deliberação coletiva, e assim teriam por responsabilidade dar o veredito sobre informar ou não o governador da Colônia, Joseph Wanton, de Newport, antes de partir para a ação.

A missão do capitão Mathewson obteve um êxito muito além das expectativas mais otimistas, pois, embora um ou dois confidentes tenham

recebido o aspecto possivelmente sinistro da história de Weeden com certa dose de ceticismo, todos concordaram que seria necessário tomar providências secretas e articuladas. Embora de maneira vaga, Curwen representava uma ameaça potencial para o bem-estar da cidade e da Colônia, e, portanto, devia ser eliminado a qualquer custo. No fim de dezembro de 1770, um grupo de eminentes habitantes do vilarejo reuniu-se na casa de Stephen Hopkins e debateu as medidas cabíveis. As anotações, que Weeden havia entregado ao capitão Mathewson, foram lidas com todo o cuidado; e solicitou-se que Weeden e Smith fizessem relatos e oferecessem mais detalhes. Um sentimento muito semelhante ao medo tomou conta da companhia antes que o encontro chegasse ao fim, embora esse medo fosse perpassado por uma determinação sinistra, expressa com perfeição pela bravata e pela ribombante imprecação proferida pelo capitão Whipple. Ninguém informaria o governador porque um curso de ação fora da alçada da lei parecia necessário. Devido aos poderes ocultos de extensão ignorada que tinha à disposição, Curwen não podia ser instado a abandonar a cidade de maneira segura. Retaliações inomináveis podiam vir à tona, e mesmo que a sinistra criatura obedecesse, a remoção não seria mais do que a transferência de um fardo blasfemo para outra localidade. Vivia-se em uma época sem lei, e homens que haviam zombado das forças do rei por anos a fio não hesitariam diante de coisas mais graves quando o dever chamasse. Curwen seria surpreendido na fazenda de Pawtuxet por um numeroso grupo de corsários experientes e receberia a oportunidade de se explicar de uma vez por todas. Caso se revelasse um louco, que se divertia com gritos e conversas imaginárias executadas em vozes diversas, seria devidamente trancafiado. Caso o resultado fosse mais grave, e os horrores subterrâneos de fato fossem reais, devia morrer junto com todo o restante. Tudo poderia ser feito com discrição, e sequer a viúva e seu pai saberiam o que de fato teria acontecido.

Enquanto as medidas sérias eram discutidas, ocorreu na cidade um incidente tão horrível e tão inexplicável que por um determinado tempo não se falou em mais nada por quilômetros ao redor. Durante uma noite enluarada de janeiro, com uma grossa camada de neve sob os pés, ressoou por todo o rio e por toda a colina uma série de gritos que trouxe rostos sonolentos a todas as janelas, e os moradores próximos a Weybosset Point avistaram uma enorme coisa branca executando movimentos frenéticos ao longo do espaço aberto em frente ao Turk's Head Building. Cachorros latiam ao longe, mas o alarido cessou assim que o clamor da cidade desperta tornou-se audível. Grupos de homens com lanternas e mosquetes apressaram-se para ver o que estava acontecendo, mas não encontraram

nada durante as buscas. Na manhã seguinte, contudo, um enorme corpanzil musculoso e desnudo foi encontrado em meio ao acúmulo de gelo ao redor dos píeres ao sul da Great Bridge, no ponto em que a Long Dock estendia-se em frente à destilaria Abbott, e a identidade desse objeto foi tema de inúmeras especulações e sussurros. Não eram tanto os jovens, mas os velhos que sussurravam, pois apenas nos patriarcas aquele semblante impassível com olhos arregalados e repletos de horror poderia fazer soar os acordes da memória. Com tremores a varar-lhes o corpo, trocaram murmúrios furtivos de espanto e temor, pois as rígidas e horrendas feições apresentavam uma semelhança tão espantosa que chegava às raias da identidade, e essa identidade dizia respeito a um homem falecido cinquenta anos antes.

Ezra Weeden estava presente no momento da descoberta e, ao recordar os latidos da noite anterior, percorreu a Weybosset Street e atravessou a Muddy Dock Bridge de onde o som tivera origem. Tinha um curioso sentimento de expectativa e não se surpreendeu quando, chegando ao limite do distrito habitado onde a rua juntava-se à Pawtuxet Road, encontrou rastros curiosos sobre a neve. O gigante nu fora perseguido por vários cães e homens que calçavam botas, e o rastro que os animais e os donos haviam deixado na volta pôde ser traçado sem nenhuma dificuldade. A caçada fora interrompida nos arredores do vilarejo. Weeden abriu um sorriso lúgubre e, à guisa de verificação perfunctória, seguiu as pegadas de volta à origem. Era a fazenda de Joseph Curwen em Pawtuxet, como havia imaginado, e o investigador desejou que o jardim estivesse em um estado de menor arruaça. Da maneira como estava, não poderia mostrar-se demasiado curioso em plena luz do dia. O Dr. Bowen, a quem Weeden prontamente ofereceu um relatório, encarregou-se de fazer a autópsia do estranho cadáver, e assim descobriu certas peculiaridades que o deixaram estupefato. O trato digestivo do homem parecia não ter sido usado jamais, e a pele como um todo apresentava uma textura rústica e mal-ajambrada para a qual seria difícil achar uma explicação. Impressionado pelos sussurros dos velhos, que mencionavam a semelhança do cadáver com o defunto ferreiro Daniel Green, cujo bisneto Aaron Hoppin era um supervisor de carga a serviço de Curwen, Weeden fez as perguntas de praxe até descobrir onde Green fora enterrado. Na mesma noite, um grupo de dez homens visitou o antigo North Burying Ground em frente a Herrenden's Lane para abrir a sepultura. Encontraram-na vazia, precisamente como tinham antecipado.

Nesse meio-tempo, o grupo tomou as providências necessárias para que se interceptasse a correspondência de Joseph Curwen, e pouco antes do

incidente do corpo desnudo fora descoberta uma carta de Jedediah Orne, de Salém, que levou os cidadãos confederados a fazerem profundas reflexões. Partes dessa missiva, copiadas e preservadas nos arquivos privados da família Smith, onde Charles Ward a encontrou, diziam o seguinte:

> "Alegro-me que o senhor continue no estudo de Antigos Casos com seu método e não penso que melhor tenha sido feito na casa do senhor Hutchinson, na vila de Salém. Certamente, nada havia senão o mais vivo horror no que H. evocou daquilo que só pudemos compreender em parte. O que o senhor enviou não funcionou, ou porque alguma coisa estava faltando, ou porque as palavras que pronunciei ou que o senhor copiou não estavam certas. Sozinho fico sem saber. Não possuo as artes químicas para imitar Borellus e confesso que fiquei confuso com o VII Livro do *Necronomicon* que o senhor recomenda. Mas gostaria que observasse o que nos foi dito a respeito de quem chamar, pois o senhor tem conhecimento do que o Sr. Mather escreveu nos Marginalia de____, e pode julgar quão fielmente a Horrenda Coisa está relatada. Recomendo-lhe mais uma vez que não evoque ninguém que não possa mandar de volta; com isso quero dizer, ninguém que por sua vez possa chamar algo contra o senhor e contra o qual seus mais poderosos artifícios não seriam de uso algum. Chame os menores para que os maiores não desejem responder e sejam mais poderosos do que o senhor. Fiquei assustado quando li que o senhor sabe o que Ben Zaristnatmik tem em sua Caixa de Ébano, pois estou ciente de quem lhe deve ter contado. E novamente peço-lhe que me escreva como Jedediah e não como Simon. Nessa comunidade um homem pode não viver por muito tempo, e o senhor conhece meu Plano, pelo qual voltei como meu Filho. Desejaria que me fizesse conhecer o que o Homem Negro aprendeu com Sylvanus Cocidius na cripta debaixo do muro romano e ficaria grato se me emprestasse o manuscrito de que o senhor fala."

Outra carta sem assinatura franqueada na Filadélfia provocou o mesmo sentimento, em especial devido à seguinte passagem:

> "Observarei o que o senhor diz com respeito ao envio das contas unicamente por seus navios, mas não pode saber ao certo quando deverá esperá-las. Quanto ao assunto de que fala, quero apenas mais uma coisa, mas desejo ter certeza de que o entendo perfeitamente. O senhor me informa que nenhuma parte deve estar faltando para que se obtenham os melhores efeitos, mas o senhor deve saber como é difícil ter certeza. Parece muito perigoso e uma tarefa muito pesada levar toda a caixa, e na cidade (ou seja, na Igreja de São Pedro, São Paulo, Santa Maria e na Igreja de Cristo) isto não pode ser feito. Mas sei das imperfeições daquele que foi retirado em outubro passado e quantos espécimes vivos o senhor foi

> obrigado a empregar antes de chegar ao método certo no ano de 1766; portanto, seguirei suas orientações em todas as questões. Aguardo com impaciência seu brigue e indago todos os dias no cais do senhor Biddle.”

Uma terceira carta suspeita estava escrita em um idioma e até mesmo em um alfabeto desconhecido. No diário de Smith, encontrado por Charles Ward, uma única combinação de caracteres encontra-se copiada repetidas vezes; os especialistas da Brown University declararam que o alfabeto deve ser amárico ou abissínio, embora não tenham reconhecido a palavra. Nenhuma dessas epístolas jamais foi entregue a Curwen, embora o desaparecimento de Jedediah Orne em Salém, conforme atestam os registros da época, demonstre que os homens de Providence tomaram a iniciativa necessária. A Sociedade Histórica da Pensilvânia também dispõe de algumas cartas curiosas recebidas pelo Dr. Shippen relativas à presença de um personagem insalubre. No entanto, os passos mais decisivos permaneciam vagos, e é na reunião secreta entre marinheiros fiéis e conhecidos e velhos e leais corsários que se deu à noite, nos armazéns de Brown, que devemos buscar os principais resultados das revelações de Weeden. Não restavam dúvidas de que havia um plano de campanha com o objetivo de obliterar todos os resquícios dos mistérios nefastos de Joseph Curwen.

Curwen, apesar de todas as precauções, deve ter percebido alguma coisa no ar, pois testemunhas relatam que a partir daquele momento passou a ter a marca de uma grande preocupação estampada no semblante. O coche era visto a todas as horas do dia na cidade e na Pawtuxet Road, e aos poucos o homem abandonou o forçado bom humor com que nos últimos tempos vinha tentando combater o preconceito do vilarejo. Os vizinhos mais próximos da fazenda – os Fenner – perceberam, certa noite, um grande facho de luz projetar-se rumo ao céu a partir de uma abertura no teto da misteriosa construção em pedra com as frestas elevadas à guisa de janelas; um acontecimento que não tardaram a relatar a John Brown em Providence. O Sr. Brown assumira o cargo de líder do seleto grupo dedicado à aniquilação de Curwen, e nessa condição informou aos Fenner que alguma providência seria tomada.

Julgou que esse seria um passo necessário em função da impossibilidade de evitar que a família testemunhasse a invasão final, e o Sr. Brown explicou a providência, alegando que Curwen era um espião dos oficiais da alfândega em Newport, contra quem os punhos de todos os expedidores, comerciantes e fazendeiros de Providence estavam erguidos em segredo. Não se sabe se o artifício recebeu crédito da parte dos

vizinhos que já haviam testemunhado inúmeros fenômenos estranhos, mas, de qualquer forma, os Fenner estavam dispostos a associar qualquer tipo de mal com um homem de hábitos tão estranhos. O Sr. Brown pediu que vigiassem a propriedade rural de Curwen e que relatassem quaisquer incidentes ocorridos no local.

5.

A possibilidade de que Curwen estivesse de guarda e tentando manobras fora do comum, sugerida pelo singular facho de luz, precipitou enfim a ação cuidadosamente orquestrada pelo grupo de cidadãos solenes. Segundo o diário de Smith, uma companhia de cerca de cem homens encontrou-se às dez da noite, na sexta-feira, 12 de abril de 1771, no grande salão da Thurston's Tavern junto à Insígnia do Leão Dourado em Weybosset Point, do outro lado da ponte. Além do líder John Brown, encontravam-se presentes nesse grupo de homens célebres o Dr. Bowen, com a maleta de instrumentos cirúrgicos, o diretor Manning, destituído da grande peruca (a maior de todas as Colônias) pela qual era conhecido, o governador Hopkins, envolto em um manto escuro e acompanhado pelo irmão Esek, um desbravador dos mares, convocado de última hora, com a aprovação de todos os restantes, John Carter, o capitão Mathewson e o capitão Whipple, que seria o líder do grupo encarregado da invasão. Os homens deliberaram em um cômodo nos fundos da taverna, e por fim o capitão Whipple retornou ao grande salão para dar as últimas instruções e solicitar os últimos juramentos de lealdade aos marujos presentes. Eleazar Smith estava com os líderes quando eles se sentaram no cômodo de fundos à espera de Ezra Weeden, encarregado de vigiar Curwen a fim de avisar quando o coche deixasse a fazenda.

Por volta das dez e meia, ouviu-se um forte estrondo na Great Bridge, seguido pelo som de um coche na rua lá fora; àquela altura não havia necessidade de esperar por Weeden para saber que o condenado havia partido rumo à sua última noite de feitiçaria profana. No momento seguinte, enquanto o coche se afastava com certo estrépito pela Muddy Dock Bridge, Weeden apareceu e, em silêncio, os invasores assumiram uma formação militar na rua, tendo nos ombros os arcabuzes, mosquetes ou arpões baleeiros que traziam consigo. Weeden e Smith estavam junto com o grupo, e entre os cidadãos da assembleia deliberativa que haviam se disposto a desempenhar um papel ativo na operação estavam o capitão Whipple, na condição de líder, o capitão Esek Hopkins, John Carter, o diretor Manning, o capitão Mathewson e o Dr. Bowen, assim como Moses Brown, que havia aparecido às onze horas a despeito da ausência na

sessão preliminar na taverna. Todos os homens livres e a centena de marujos puseram-se em marcha sem mais delongas, com uma expressão grave e um pouco apreensiva enquanto deixavam Muddy Dock para trás e escalavam a suave inclinação da Broad Street em direção à Pawtuxet Road. Logo depois da igreja de Elder Snow, alguns dos homens olharam para trás e lançaram um olhar de despedida em direção a Providence, que se estendia sob as estrelas do início da primavera. Campanários e torres se erguiam em silhuetas negras e graciosas, e brisas marítimas sopravam da enseada ao norte da ponte. Vega subia a grande colina na margem oposta, cujo pico verdejante era interrompido pelo telhado do prédio ainda inacabado da universidade. No pé da colina, e ao longo das estreitas vielas que subiam a encosta, a velha cidade sonhava – a velha Providence, em nome de cuja segurança e sanidade uma blasfêmia monstruosa e colossal estava prestes a ser extinta.

Uma hora e quinze minutos mais tarde, os invasores chegaram, como haviam combinado, à fazenda dos Fenner, onde ouviram o último relato sobre a vítima pretendida. Curwen havia chegado à fazenda há mais de meia hora, e logo a seguir o estranho facho de luz fora mais uma vez avistado no céu, embora não houvesse luz em nenhuma das janelas visíveis. Nos últimos tempos era sempre assim. No mesmo instante em que a notícia era relatada, mais um grande clarão ergueu-se em direção ao sul, e os homens do grupo perceberam que de fato haviam chegado próximo ao palco de portentos inacreditáveis e sobrenaturais. Nesse momento, o capitão Whipple ordenou que o grupo fosse separado em três divisões; uma, formada por vinte homens e comandada por Eleazar Smith, foi encarregada de cruzar a margem e proteger o local da aportagem contra possíveis reforços mandados por Curwen até que um mensageiro a chamasse de volta para executar um serviço desesperado; a segunda, formada por vinte homens e comandada pelo capitão Esek Hopkins, foi encarregada de se esgueirar até o vale atrás da fazenda de Curwen e demolir, com machados ou pólvora, a porta de carvalho na margem elevada; e a terceira foi encarregada de cercar a casa e as construções adjacentes. Um terço da última divisão seria liderado pelo capitão Mathewson em uma incursão até o críptico edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas; outro terço seguiria o capitão Whipple até a casa principal, e o terço restante permaneceria disposto em um círculo ao redor de todo o grupo de construções até que fosse chamado pelo derradeiro sinal de emergência.

O grupo do rio arrombaria a porta na encosta do morro ao ouvir o primeiro sopro de um apito, e a seguir permaneceria de tocaia a fim de

capturar o que quer que pudesse sair das regiões subterrâneas. Ao som do segundo sopro de apito, o grupo avançaria pela brecha a fim de enfrentar o inimigo ou juntar-se ao restante do contingente invasor. O grupo da construção de pedra receberia os respectivos sinais de maneira análoga, forçando a entrada no primeiro e, no segundo, descendo por qualquer passagem subterrânea que pudesse ser descoberta a fim de juntar-se ao combate geral ou local que deveria eclodir no interior das cavernas. Um terceiro sinal de emergência, que consistia em três sopros de apito, serviria para convocar a reserva que estaria de guarda, composta por vinte homens que se dividiriam e adentrariam as profundezas desconhecidas tanto pela fazenda como também pela construção de pedra. A crença do capitão Whipple na existência das catacumbas era absoluta, e portanto não havia outra alternativa contemplada nos planos. O capitão tinha consigo um apito de som estridente e altissonante, e não temia nenhum mal-entendido em relação aos sinais. A reserva final no local da aportagem, claro, estava além do alcance do instrumento, e por esse motivo dependeria de um mensageiro, caso sua ajuda fosse necessária. Moses Brown e John Carter foram com o capitão Hopkins até a margem do rio, enquanto o diretor Manning seguiu com o capitão Mathewson rumo à construção de pedra. O Dr. Bowen permaneceu com Ezra Weeden no grupo do capitão Whipple, encarregado de invadir a fazenda. O ataque começaria assim que o mensageiro do capitão Hopkins se juntasse ao capitão Whipple e anunciasse que o grupo do rio estava de prontidão. O líder então faria soar o primeiro apito, e os vários grupos lançariam ataques simultâneos nos três locais. Pouco antes da uma hora da manhã, as três divisões saíram da casa dos Fenner; um destinado a defender o local da aportagem, outro a buscar o vale e a porta na encosta e o terceiro a subdividir-se e vigiar as construções na propriedade de Curwen.

Eleazar Smith, que acompanhava o grupo encarregado de defender a margem, registrou no diário uma marcha sem nenhum contratempo e uma longa espera no outeiro junto à baía, interrompido uma vez pelo que parecia ser o som distante do apito sinalizador e depois por uma mistura peculiar de gritos e urros abafados com uma explosão de pólvora que parecia ter vindo da mesma direção. Mais tarde, um dos homens imaginou ter ouvido tiros ao longe, e ainda mais tarde o próprio Smith sentiu a reverberação de palavras titânicas e tonitruantes que ressoaram pelo ar. Pouco antes do amanhecer, um mensageiro solitário e exausto com o olhar desvairado e um pavoroso e desconhecido odor a exalar das roupas apareceu e insistiu em pedir que o destacamento se dispersasse em silêncio, voltasse para casa e nunca mais pensasse ou falasse sobre os acontecimentos daquela noite ou sobre aquele que tinha sido Joseph

Curwen. Alguma coisa na maneira como o mensageiro se portava transmitiu uma convicção mais profunda do que as palavras seriam capazes de fazer, pois, embora fosse um marinheiro conhecido por vários dos homens presentes, notou-se uma perda ou um ganho de dimensões sombrias na alma do pobre homem, que a partir de então seria eternamente um pária. O mesmo tornou a acontecer mais tarde quando encontraram velhos companheiros que haviam adentrado aquela região de horror. A maioria sofrera uma perda ou um ganho imponderável e indescritível. Tinham visto, ouvido ou sentido coisas que não se destinavam às criaturas humanas, e, portanto, jamais poderiam esquecer. Aqueles homens jamais contaram histórias, pois existem barreiras terríveis até mesmo para os mais comezinhos instintos mortais. E, por conta desse mensageiro solitário, o grupo da margem foi tomado por um espanto inefável que por pouco não selou os lábios de todos. Os boatos espalhados pelos homens são parcos, e o diário de Eleazar Smith é o único registro escrito remanescente de toda a expedição que partiu da Insígnia do Leão Dourado sob a luz das estrelas.

Charles Ward, no entanto, descobriu um detalhe vago e interessante em uma correspondência dos Fenner encontrada em New London, onde sabia que outra parte da família tinha vivido. Parece que os Fenner, de cuja residência avistava-se à distância a fazenda condenada, tinham observado o avanço das colunas de invasores, e ouviram claramente os latidos furiosos dos cachorros de Curwen, seguidos pelo estridente sinal que precipitou o ataque. O primeiro apito foi seguido por uma repetição do grande facho de luz na construção de pedra, e, em outro momento, após o sinal de duas breves notas que deu a ordem para a invasão geral, ouviu-se um rumor abafado de mosquetes seguido por um rugido horrendo, que o correspondente Luke Fenner representou na epístola mediante o emprego dos caracteres “Waaaahrrrrr-R’waaahrr”.

O grito, no entanto, revestia-se de uma qualidade que não se deixava representar pela mera escrita, e o correspondente afirma ter visto a própria mãe desfalecer ao ouvir o som. Mais tarde, repetiu-se com menos intensidade, e a seguir vieram outros indícios ainda mais abafados de disparos, seguidos por uma explosão de pólvora na direção do rio. Cerca de uma hora mais tarde, os cachorros puseram-se todos a latir freneticamente, e o chão sofreu abalos capazes de fazer os castiçais balançarem na cornija da lareira. Havia um forte odor de enxofre, e o pai de Luke Fenner declarou ter escutado o terceiro apito, mesmo que os outros não tenham percebido nada. Logo vieram mais sons abafados de mosquetes, seguidos por um grito menos estridente, mas ainda mais

horrível do que aquele que o havia precedido; uma espécie de tossido ou gorgolejo plástico e gutural, cuja definição como grito deveu-se mais à continuidade e ao impacto psicológico que causou do que propriamente à configuração acústica.

Então, a coisa em chamas surgiu no ponto exato onde devia estar a fazenda de Curwen, e ouviram-se os gritos humanos de homens tomados pelo horror e pelo desespero. Os mosquetes dispararam em meio a clarões e estampidos, e a coisa flamejante caiu ao chão. Logo, uma segunda coisa flamejante apareceu, e um berro de origem claramente humana fez-se ouvir. Fenner relatou ter conseguido distinguir algumas palavras vomitadas em meio ao frenesi: “Todo-poderoso, protege o teu cordeiro!” A seguir vieram mais tiros, e a segunda coisa flamejante tombou. Fez-se então um silêncio de cerca de quarenta e cinco minutos, e, ao fim desse intervalo, o pequeno Arthur Fenner, irmão de Luke, afirmou aos gritos ter visto uma “névoa vermelha” deixar a amaldiçoada fazenda ao longe para se alçar rumo às estrelas. Não existe nenhuma outra testemunha do fenômeno além do menino, mas Luke reconhece que o momento coincidiu com o pânico e o desespero quase convulsivo que, no mesmo instante, levou os três gatos no recinto a arquear as costas e eriçar os pelos.

Cinco minutos depois, um vento gélido soprou, e a atmosfera foi impregnada por um fedor insuportável que apenas o intenso frescor do oceano poderia ter impedido de chegar até o grupo da margem ou a qualquer outra alma desperta no vilarejo de Pawtuxet. O fedor jamais fora percebido por qualquer um dos Fenner, e produziu uma espécie de medo amorfo e paralisante muito além daquele provocado pelo túmulo ou pelo cemitério. Em seguida, veio a terrível voz que nenhuma das desafortunadas testemunhas jamais poderá esquecer. Ribombou pelo céu como uma maldição, e as janelas estremeceram à medida que os ecos se dissipavam. Era uma voz grave e musical; poderosa como as notas graves de um órgão, porém maléfica como os livros proscritos dos árabes. Ninguém saberia o que ela dizia, pois falou em uma língua desconhecida, mas eis as palavras que Luke Fenner consignou à escrita a fim de retratar as invocações demoníacas: “DEES MEES – JESHET – BONEDOSEFEDUVEMA –ENTTEMOSS”. Até o ano de 1919 não houve ninguém capaz de relacionar essa transcrição a qualquer outro conhecimento mortal, porém, Charles Ward empalideceu ao reconhecer o que Mirandola denunciara em meio a tremores como sendo o horror supremo dentre todos os feitiços da magia negra.

Um grito inconfundivelmente humano ou um brado profundo repetido em coral pareceu responder a esse prodígio maligno na fazenda de Curwen, e

a seguir o fedor desconhecido tornou-se mais denso mediante o acréscimo de um novo odor em igual medida insuportável. No instante seguinte, ecoou um uivo marcadamente distinto do grito, que permaneceu ululando em paroxismos ascendentes e descendentes. Às vezes, tornava-se quase articulado, embora nenhuma testemunha tenha conseguido compreender palavras coerentes; e, em certo ponto, pareceu chegar às raias de uma gargalhada histérica e diabólica. Então um urro de terror supremo e absoluto somado à loucura consumada foi arrancado de vintenas de gargantas humanas – um urro ouvido de maneira clara e distinta apesar das profundezas de que devia ter emergido; e, a seguir, a escuridão e o silêncio envolveram tudo. Espirais de fumaça acre subiram e encobriram as estrelas, embora não se visse nenhuma chama e nenhuma construção estivesse desaparecida ou danificada no dia seguinte.

Próximo ao amanhecer, dois mensageiros assustados, com odores monstruosos e inidentificáveis que lhes saturavam as roupas, bateram à porta dos Fenner e pediram um barril de rum, pelo qual pagaram uma soma considerável. Um deles contou à família que os assuntos relativos a Joseph Curwen estavam encerrados, e que os acontecimentos daquela noite jamais deveriam ser mencionados outra vez. Por mais arrogante que parecesse a ordem, o aspecto de quem a proferiu afastou todo tipo de ressentimento e transmitiu uma autoridade terrível, de modo que apenas as furtivas cartas de Luke Fenner, que solicitou a um parente de Connecticut que as destruísse, restaram para contar a história do que foi visto e ouvido.

Foi a relutância do parente em seguir essa instrução, graças à qual as cartas foram salvas, que impediu o assunto de cair em um misericordioso esquecimento. Mas Charles Ward tinha um detalhe a acrescentar depois de longos questionamentos feitos aos residentes de Pawtuxet acerca das tradições ancestrais. O velho Charles Slocum, habitante do vilarejo, disse que o avô estava a par de um estranho boato a respeito de um corpo distorcido e carbonizado que aparecera nos campos uma semana depois que a morte de Joseph Curwen veio a público. O que motivava os boatos era a ideia de que o corpo, mesmo na situação retorcida e queimada em que se encontrava, não parecia nem humano nem relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet jamais tivessem visto ou lido a respeito.

6.

Nenhum dos homens que participaram da terrível invasão jamais pôde ser

convencido a dizer uma única palavra a respeito do que aconteceu, e todos os fragmentos das vagas informações que sobreviveram vêm de fontes exteriores ao grupo que participou do derradeiro combate. Existe algo de assustador no cuidado com que os invasores destruíram todos os fragmentos que pudessem fazer qualquer alusão ao assunto. Oito marinheiros haviam sido mortos, mas, embora os corpos jamais tenham sido entregues, as famílias pareceram dar-se por satisfeitas com a explicação de que houvera um conflito com os oficiais da alfândega. O mesmo tratamento foi dispensado aos numerosos casos de ferimentos, todos limpos e tratados apenas pelo Dr. Jabez Bowen, que tinha acompanhado o grupo. O mais difícil de explicar, no entanto, era o fedor inefável que exalava de todos os invasores – um assunto que foi discutido por semanas. Dentre os líderes dos cidadãos, o capitão Whipple e Moses Brown sofreram os ferimentos mais graves, e as cartas das respectivas esposas oferecem um testemunho da reticência e da discrição com que as bandagens eram tratadas. Em termos psicológicos, todos os participantes sentiam-se mais velhos, mais sóbrios e mais abalados. Por sorte, eram todos robustos homens de ação e religionários simples e ortodoxos, pois, com uma disposição maior à introspecção sutil e à complexidade mental, o resultado teria sido desastroso. O diretor Manning foi quem mais se perturbou, mas, como os outros, conseguiu vencer a sombra mais obscura e sufocar as lembranças nas orações. Todos os líderes tiveram papéis importantes a desempenhar nos anos vindouros, e pode ser que tenha sido melhor assim.

Pouco mais de um ano depois, o capitão Whipple liderou a multidão que incendiou o navio da receita *Gaspee*, e, nesse ato de coragem, podemos notar um passo em direção ao apagamento das imagens deletérias.

À viúva de Joseph Curwen foi entregue um caixão de chumbo de estranho formato, com certeza disponível no momento necessário, e dito que o corpo do marido se encontrava lá dentro. Segundo a explicação oferecida, Curwen tinha sido morto em uma batalha política a respeito da qual mais detalhes não seriam oferecidos. Não se falou mais sobre o fim de Joseph Curwen, e Charles Ward dispunha de uma única pista para elaborar uma teoria. A pista consistia apenas em uma vaga sugestão – a linha trêmula que sublinhava uma passagem na carta interceptada de Jedediah Orne para Curwen, copiada em parte na caligrafia de Ezra Weeden. A cópia estava em posse dos descendentes de Smith, e cabe a nós decidir se Weeden a entregou ao companheiro após o fim, como uma pista tácita a respeito da anormalidade que havia ocorrido, ou se, como parece mais provável, Smith já dispunha da cópia e apenas sublinhou a passagem com

base nas informações que conseguiu arrancar do amigo à base de conjecturas sagazes e habilidosos questionamentos. A passagem sublinhada consiste apenas no que segue:

> "Recomendo-lhe mais uma vez que não evoque ninguém que não possa mandar de volta; com isso quero dizer, ninguém que por sua vez possa chamar algo contra o senhor e contra o qual seus mais poderosos artifícios não seriam de uso algum. Chame os menores para que os maiores não desejem responder e sejam mais poderosos do que o senhor."

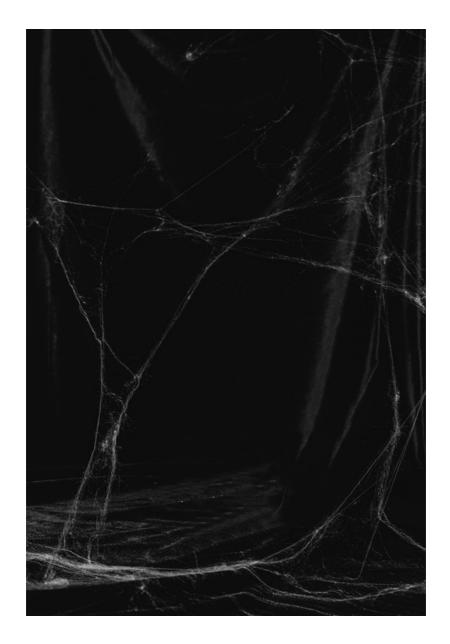
À luz dessa passagem, e depois de refletir sobre os últimos aliados que um homem derrotado poderia tentar invocar na mais extrema necessidade, Charles Ward pode muito bem ter se perguntado se algum morador de Providence teria assassinado Joseph Curwen.

A supressão deliberada de todas as memórias do morto na vida e nos anais de Providence recebeu amplo incentivo graças à influência dos líderes da invasão. A princípio, nenhum dos homens pretendia levar a cabo um projeto muito abrangente, e assim permitiram que a viúva e a filha permanecessem alheias à situação real; mas o capitão Tillinghast era um homem perspicaz, e logo descobriu boatos suficientes para acirrar o horror e levá-lo a pedir que a filha e a neta trocassem de nome, queimassem a biblioteca e todos os papéis remanescentes e apagassem a inscrição entalhada na lápide de Joseph Curwen. Conhecia bem o capitão Whipple e provavelmente obteve mais pistas do marinheiro sincero do que qualquer outra pessoa jamais conseguiu em relação ao fim do feiticeiro maldito.

A partir de então, a obliteração da memória de Curwen tornou-se cada vez mais sistemática, e, por fim, estendeu-se, de comum acordo, aos registros da cidade e aos arquivos do *Gazette*. Poderia ser comparada em espírito somente ao silêncio que pairou sobre o nome de Oscar Wilde na década seguinte à desgraça do irlandês, e em extensão somente ao destino do pecaminoso rei de Runazar no conto de Lord Dunsany, que, pela vontade dos deuses, precisou não apenas deixar de existir, mas negar que um dia tivesse existido.

A Sra. Tillinghast, como ficou conhecida a viúva a partir de 1772, vendeu a casa de Olney Court e passou a morar com o pai em Power's Lane até morrer no ano de 1817. A fazenda em Pawtuxet, temida por todas as pessoas da região, permaneceu abandonada ao longo dos anos, e parecia degradar-se com uma rapidez inexplicável. Em 1780, somente as pedras e os tijolos permaneciam de pé, e em 1800 tudo se reduzira a montes de

entulho. Ninguém se aventurava a penetrar o denso matagal à margem do rio que devia ocultar a porta na encosta, e tampouco se dispôs a estabelecer uma imagem bem definida das cenas em meio às quais Joseph Curwen abandonou os horrores que havia perpetrado.

Apenas o velho e robusto capitão Whipple às vezes balbuciava, como que para si mesmo, na presença de ouvintes atentos: “Que aquele… morresse de sífilis, ele não tinha que rir enquanto gritava. Era como se o excomungado… tivesse um trunfo na manga. Por meia coroa eu botaria fogo em sua… casa”.

3
Uma busca e uma evocação

1.

Charles Ward, como sabemos, descobriu apenas em 1918 que era descendente de Joseph Curwen. Não causa nenhum espanto o profundo interesse que desenvolveu por tudo o que dizia respeito ao mistério de um tempo passado, pois cada boato vago que ouvira a respeito de Curwen passou a ser algo vital para si, uma vez que o sangue de Curwen corria em suas veias. Nenhum genealogista espirituoso e imaginativo poderia ter feito outra coisa que não se lançar de imediato em uma ávida e sistemática coleta de dados relativos a Curwen.

Nos primeiros momentos, não houve nenhuma tentativa de sigilo – motivo pelo qual o Dr. Lyman hesita em situar a loucura do jovem em qualquer período anterior ao fim de 1919. Charles Ward discutia o assunto com a família – embora a ideia de ter um ancestral como Curwen não agradasse à mãe – e com os funcionários dos museus e das bibliotecas que visitava. Ao solicitar os arquivos pessoais das famílias que podiam estar em posse deles, não fazia escondia o motivo da busca, e compartilhava do ceticismo irônico com que os relatos dos antigos diários e cartas eram vistos. Muitas vezes expressava profundo espanto em relação ao que teria ocorrido um século e meio atrás naquela fazenda em Pawtuxet cuja localização esforçava-se em vão por encontrar, bem como em relação à natureza exata do que Joseph Curwen teria sido.

Quando encontrou o diário e os arquivos de Smith e descobriu a carta de Jedediah Orne, Charles Ward decidiu visitar Salém e empreender uma pesquisa sobre as primeiras atividades e ligações de Curwen na cidade, o que de fato ocorreu no feriado de Páscoa de 1919. No Essex Institute, que conhecera em outros passeios à glamorosa cidade antiga de empenas puritanas decrépitas e grandes concentrações de mansardas, Ward foi recebido com muita gentileza, e encontrou um volume considerável de dados acerca de Curwen. Descobriu que o antepassado havia nascido em Salem-Village, hoje Danvers, a cerca de dez quilômetros da cidade no dia

18 de fevereiro (no antigo calendário juliano) de 1662–1663, e que fugira para o mar aos quinze anos para voltar apenas nove anos mais tarde, com o sotaque, as roupas e os modos de um inglês nativo para estabelecer-se em Salém. Na época, Joseph Curwen tinha pouco contato com a família e passava a maior parte do tempo com os singulares livros que havia trazido da Europa e com os estranhos produtos químicos que chegavam em navios da Inglaterra, da França e da Holanda. Certas viagens ao interior atiçaram a curiosidade local, e, mais tarde, foram associadas em tom de lamento aos vagos boatos sobre as fogueiras avistadas à noite nas colinas.

Os únicos amigos próximos de Curwen haviam sido um certo Edward Hutchinson, de Salem-Village, e um certo Simon Orne, de Salém. Era visto com frequência na companhia desses homens nas áreas comuns da cidade, e as visitas entre os amigos não eram raras. Hutchinson tinha uma casa na orla da floresta que era evitada pelos habitantes mais sensíveis em função dos sons que lá se ouviam à noite. Corriam boatos de que recebia estranhos visitantes, e as luzes vistas nas janelas não eram sempre da mesma cor. O conhecimento que detinha a respeito de pessoas falecidas muito tempo antes e de acontecimentos havia muito esquecidos, em particular, era tido por insalubre. Desapareceu na época em que começou o pânico da bruxaria, sem que nunca mais se tivessem notícias a seu respeito. Por volta daquela época, Joseph Curwen também se afastou da cidade, mas o novo endereço em Providence logo veio a público. Simon Orne morou em Salém até 1720, quando a extraordinária capacidade de não sucumbir ao envelhecimento começou a chamar atenção. A seguir, desapareceu, embora trinta anos mais tarde um homem de feições e porte idênticos, que se disse filho do desaparecido, tenha surgido para reivindicar as posses do pai. A reivindicação foi atendida em virtude da existência de documentos escritos com a caligrafia do próprio Simon Orne, e Jedediah Orne continuou morando em Salém até 1771, quando cartas enviadas por moradores de Providence ao reverendo Thomas Barnard e a outras pessoas de renome culminaram no afastamento sigiloso rumo a um destino ignorado.

Certos documentos escritos por todos esses estranhos personagens, somados a outros acerca dos três, encontravam-se disponíveis no Essex Institute, no Fórum e no Cartório de Registro de Títulos e Documentos, e incluíam não apenas trivialidades inofensivas como a escritura de terrenos e recibos de venda, mas também fragmentos furtivos de natureza mais provocadora. Havia quatro ou cinco alusões inconfundíveis aos três nos registros dos julgamentos de bruxaria; como, por exemplo, quando um certo Hepzibah Lawson afirmou, no dia 10 de julho de 1692, no tribunal

de Oyer e Terminer presidido pelo juiz Hathorne, que "quarenta bruxas e o Homem Negro foram vistos reunir-se nos bosques atrás da casa do senhor Hutchinson", ou quando um certo Amity How declarou, na sessão do dia 8 de agosto, diante do juiz Gedney, que "o senhor G. B. (George Burroughs) naquela noite colocou a Marca do Diabo em Bridget S., Jonathan A., *Simon O.*, Deliverance W., *Joseph C.*, Susan P., Mehitable C., e Deborah B". Havia também um catálogo da impressionante biblioteca de Hutchinson, encontrado após o desaparecimento, e um manuscrito inacabado em sua caligrafia, em uma cifra que ninguém fora capaz de ler. Ward solicitou uma cópia fotostática desse manuscrito e começou a trabalhar ocasionalmente na cifra assim que ela lhe foi entregue. Passado o agosto seguinte, o empenho dedicado à cifra tornou-se intenso e febril, e a fala e a conduta de Ward davam motivos para crer que conseguira encontrar uma solução antes de outubro ou novembro. Mesmo assim, o próprio Ward jamais revelou se obteve ou não sucesso.

Porém, o material de interesse imediato era o que dizia respeito a Orne. Em pouco tempo Ward conseguiu determinar, por meio da identidade da caligrafia, o que já dava por certo em função da carta endereçada a Curwen – a saber, que Simon Orne e o suposto filho eram na verdade a mesma e única pessoa. Como Orne dissera ao correspondente, seria muito arriscado permanecer em Salém; a seguir, recorreu a uma estada de trinta anos no exterior e não voltou mais para reivindicar as posses que tinha acumulado, a não ser como representante de uma geração posterior. Ao que tudo indicava, Orne havia tomado o cuidado de destruir a maior parte da correspondência, mas os cidadãos que participaram da ação em 1771 encontraram cartas e documentos que despertaram perplexidade. Havia fórmulas e diagramas crípticos na caligrafia de Orne e de outras pessoas, que Ward copiou minuciosamente ou mandou fotografar, e uma carta misteriosa ao extremo em uma caligrafia que o investigador reconheceu como sendo de Joseph Curwen graças a alguns registros com a caligrafia que estavam no Cartório de Registro de Títulos e Documentos.

Essa carta de Curwen, embora não trouxesse nenhuma indicação de ano, com certeza não era a que havia suscitado a missiva confiscada; e, graças a evidências internas, Ward estabeleceu que não devia ter sido escrita muito depois de 1750. Talvez não seja despropositado reproduzir o texto na íntegra a fim de exemplificar o estilo de um homem cuja história foi tão obscura e tão terrível. O destinatário foi identificado como "Simon", mas existe uma linha (Ward não descobriu se feito por Curwen ou por Orne) que risca o nome de lado a lado.

Providence, primeiro de maio (Ut. vulgo)

IRMÃO – Meu honrado e velho amigo, meus devidos respeitos e sinceras saudações àquele que servimos para seu eterno poder. Acabo de descobrir aquilo que o senhor deve saber, referente ao funesto transe e ao que é preciso fazer a respeito. Não estou disposto a segui-lo e partir por causa de minha idade, pois Providence não tem a agudeza do latido na perseguição de coisas incomuns e em seu julgamento. Estou atarefado com navios e mercadorias e não poderia fazer como o senhor e, além disso, debaixo de minha fazenda em Pawtuxet está aquilo que o senhor sabe não esperaria que eu voltasse como outra pessoa. Mas estou disposto a enfrentar tempos difíceis, como lhe disse, e tenho trabalhado muito sobre a maneira de reaver o que perdi. Na noite passada, descobri as palavras que evocam YOGGE-SOTHOTHE e vi pela primeira vez aquele rosto de que fala Ibn Schacabac no_________. E ELE disse que o III Salmo no *Liber-Damnatus* tem a Clavícula. Com o Sol na V casa, Saturno na tríade, desenhe o Pentagrama do Fogo e pronuncie e nono verso três vezes. Repita esse verso na véspera do dia da Cruz e de Todos os Santos e a coisa se multiplicará nas esferas exteriores. E da semente do velho nascerá Um que olhará para trás embora não saiba o que busca. Isso de nada servirá se não houver um herdeiro e se os sais, ou a maneira de fazer os sais, não estiverem à mão. E nesse caso admito que não tomei as medidas necessárias nem descobri muito. É muito difícil fazer com que o processo funcione, e ele utiliza tamanha multiplicidade de espécies que tenho dificuldades em encontrá-las em quantidade suficiente, não obstante os marinheiros das índias que eu tenho. As pessoas daqui são curiosas, mas consigo enganá-las. Os senhores de boa família são piores do que a população, pois têm mais informações e as pessoas respeitam mais o que eles dizem. Temo que o pastor e o Sr. Merritt tenham comentado algo, mas até o momento não há perigo. As substâncias químicas são fáceis de se conseguir, havendo dois bons apotecários na cidade, o Dr. Bowen e Sam Carew. Estou seguindo o que *Borellus* diz e disponho do auxílio do VII Livro de Abdul Al-Hazred. O que eu obtiver, o senhor também terá. E no meio-tempo não deixe de usar as palavras que dei aqui. Elas estão certas, mas, se desejar vê-lo, empregue o que escrevi no pedaço de________, que estou enviando nesse pacote. Diga os versos na véspera de cada dia da Cruz e de Todos os Santos e, se sua linhagem não acabar, nos anos por vir aparecerá aquele que olhará para trás e usará os sais ou a matéria dos sais que tu lhe deixar es. Jó, XIV, 14. Alegro-me que o senhor esteja novamente em Salém e espero poder vê-lo em breve. Tenho um bom garanhão e estou pensando em comprar um coche, pois já há um (o do Sr. Merritt) em Providence, embora as estradas sejam ruins. Se estiver disposto a viajar, não deixe de me prestar uma visita. De Boston, pegue a estrada da diligência passando por Dedham, Wrentham e Attleborough, em todas essas cidades há boas tavernas. Hospede-se na do senhor Bolcom, em

> Wrentham, onde as camas são melhores do que na do senhor Hatch, mas coma no outro estabelecimento, pois seu cozinheiro é melhor. Vire na direção de Providence na altura das corredeiras de Patucket e pegue a estrada depois da taverna do senhor Sayles. Minha casa fica em frente à taverna do senhor Epenetus Olney, saindo de Town Street, a primeira do lado norte de Olney Court. A distância de Boston Store é cerca de setenta quilômetros.
>
> Declaro-me, senhor, seu velho e sincero amigo e criado em Almonsin-Metraton.
>
> JOSEPHUS C.
>
> Para Simon Orne, William's-Lane, em Salém.

Por mais estranho que pareça, foi essa carta que revelou a Ward a localização exata da residência de Curwen em Providence, uma vez que nenhum dos registros encontrados até então trazia informações detalhadas. A descoberta foi ainda mais notável porque revelou ser a casa erigida por Curwen em 1761, no mesmo terreno da antiga residência, uma construção dilapidada que permanecia de pé em Olney Court e que Ward havia conhecido tempos antes durante os passeios à procura de antiguidades por Stamper's Hill. A bem da verdade, o local ficava a poucos quarteirões da residência de Ward, situada em um ponto mais elevado da colina, e na época servia de lar para uma família de negros muito estimados pelos serviços ocasionais de lavagem, limpeza e manutenção de fornalhas que ofereciam. Encontrar, na longínqua Salém, provas inesperadas da importância da espelunca familiar no histórico da própria família era um acontecimento não menos do que extraordinário, e assim Ward resolveu explorar o local imediatamente após seu retorno. As passagens mais incompreensíveis da carta, interpretadas como parte de um simbolismo extravagante, deixaram-no de todo perplexo, embora tenha percebido, com um frêmito de curiosidade, que a passagem bíblica mencionada – Jó, XIV,14 – era o conhecido versículo, "Morrendo o homem, acaso tornará a viver? Todos os dias da minha vida esperaria eu, até que viesse a minha mudança."

2.

O jovem Ward voltou para casa com notável entusiasmo, e passou todo o sábado seguinte fazendo um longo e detalhado estudo da casa em Olney Court. O lugar, que começava a desabar em função da idade, nunca tinha sido uma mansão; mas era uma modesta casa de dois andares com sótão,

telhado de duas águas, uma grande chaminé central e uma fachada repleta de entalhes, rematada por uma claraboia raiada, um frontão triangular e elegantes pilastras dóricas. A construção sofrera poucas alterações externas, e Ward sentiu que estava próximo de certos aspectos deveras sinistros da busca a que se havia lançado.

Os moradores negros eram seus conhecidos e, portanto, o velho Asa e a robusta esposa Hannah receberam-no com modos corteses no interior da residência. A parte interna sofrera mais alterações do que o exterior levaria a crer, e Ward notou com pesar que metade dos ornatos acima da cornija, bem como os antigos entalhes conquiformes nos armários, haviam desaparecido, enquanto boa parte dos lambris e dos frisos estavam marcados, danificados e arrancados, ou simplesmente cobertos com papel de parede barato. Em geral, a pesquisa não trouxe os bons resultados que Ward havia esperado; porém, mesmo assim era emocionante caminhar entre as paredes ancestrais que haviam dado abrigo a um homem medonho como Joseph Curwen. Ward percebeu, com um surto de entusiasmo, que um monograma fora cuidadosamente apagado da velha aldrava de latão.

Daquele ponto até o fim dos estudos, Ward dedicou todo o tempo de que dispunha à cópia fotostática da cifra de Hutchinson e ao acúmulo de dados locais a respeito de Curwen. A cifra permaneceu insolúvel, mas, no que diz respeito aos dados, Ward encontrou-os em tão vasta quantidade, somados a tantas outras pistas sobre informações similares, que em julho estava com tudo pronto para fazer uma viagem a New London e a Nova York a fim de consultar as antigas correspondências cuja presença nesses locais estava indicada. A viagem foi extremamente frutuosa, pois rendeu-lhe as cartas de Fenner, com o terrível relato da invasão à fazenda em Pawtuxet, e as correspondências trocadas entre Nightingale e Talbot, graças às quais tomou conhecimento do retrato pintado em um painel na biblioteca de Curwen. O retrato despertou um interesse muito particular, uma vez que Ward tinha um profundo desejo de saber qual teria sido a aparência de Joseph Curwen; e por esse motivo decidiu empreender uma segunda busca em Olney Court a fim de averiguar se não poderia haver resquícios do revestimento original por trás das camadas de tinta que descascavam ou dos embolorados papéis de parede.

A busca foi realizada no início de agosto, e Ward submeteu a um exame minucioso as paredes de todos os cômodos grandes o suficiente para que pudessem ter sido a biblioteca do malévolo construtor. Dispensou atenção especial aos grandes painéis acima das cornijas remanescentes, e foi tomado por um profundo entusiasmo quando, cerca de uma hora mais

tarde, a grande área que ficava em cima da lareira de um espaçoso cômodo no térreo revelou, por baixo de várias camadas de tinta, uma área mais escura do que qualquer outra tinta ou madeira usada no interior da casa poderia ter sido. Depois de fazer alguns testes com uma faca de lâmina fina, Ward teve a certeza de que havia descoberto um retrato a óleo de grandes dimensões. Com o mais genuíno rigor acadêmico, o jovem recusou-se a assumir o risco de causar danos à pintura com uma tentativa imediata de revelar o retrato oculto mediante o uso da faca, e deixou o local da descoberta em busca de ajuda especializada. Passados três dias, retornou com o Sr. Walter C. Dwight, um artista experiente que trabalhava em um estúdio próximo ao sopé de College Hill, e o talentoso restaurador de pinturas pôs-se a trabalhar de imediato com os métodos e os reagentes químicos adequados. O velho Asa e a esposa demonstraram grande curiosidade com a presença dos estranhos visitantes em seu lar, e foram devidamente reembolsados pela intrusão.

Quanto mais avançava o trabalho de restauro, mais interesse Charles Ward demonstrava em relação às linhas e sombras que aos poucos se revelavam ao cabo daquele longo esquecimento. Dwight havia começado pela parte inferior da pintura e, como se tratava de um retrato de três quartos, o rosto não se revelou por algum tempo. Nesse ínterim, descobriu-se que o modelo era um homem esbelto e de boas proporções, que trajava um casaco azul-escuro, um colete bordado, um lenço de cetim preto e meias brancas de seda, sentado em uma cadeira entalhada com uma janela por onde se viam cais e navios ao fundo.

Quando enfim surgiu a cabeça, revelou uma peruca Albemarle e um semblante magro, calmo e discreto, que pareceu familiar tanto a Ward quanto ao meticuloso artista. Foi apenas quando o trabalho estava próximo ao fim, no entanto, que o restaurador e o cliente puderam demonstrar espanto perante os detalhes do rosto descarnado e pálido e reconhecer, com uma nota de espanto, o truque dramático executado pela hereditariedade. Pois foram necessários o último banho de óleo e o golpe final do delicado raspador para que fosse revelada por completo a expressão que os séculos haviam ocultado – e para que o estupefato Charles Dexter Ward, aficionado por épocas passadas, se defrontasse com as feições do próprio rosto no semblante do horrendo tataravô.

Ward levou os pais até a casa para que vissem a maravilha recém-descoberta, e no mesmo instante o pai resolveu comprar a pintura, ainda que esta tivesse por suporte um painel estacionário. A semelhança com o rapaz, a despeito da aparência de uma idade avançada ao extremo, não era menos do que espantosa, e via-se que, por força de um furtivo truque

do atavismo, os contornos físicos de Joseph Curwen haviam gerado uma réplica perfeita um século e meio depois. Não se percebeu nenhuma semelhança notável entre a Sra. Ward e o antepassado, embora a mulher se lembrasse de parentes que apresentavam certas características faciais compartilhadas pelo filho e pelo finado Curwen. A mulher não gostou da descoberta, e disse ao marido que seria melhor queimar a pintura em vez de levá-la para casa. Declarou que havia algo de insalubre a respeito do retrato; não apenas no aspecto intrínseco, mas também na maneira como se assemelhava a Charles. O Sr. Ward, no entanto, era um homem poderoso e pragmático – um fabricante de tecidos de algodão com diversos moinhos em Riverpont, no Pawtuxet Valley –, e por esse motivo não deu ouvidos a esse escrúpulo feminino. A pintura impressionou-o deveras em virtude da semelhança com o filho, e assim decidiu que o garoto merecia ganhá-la de presente. Seria desnecessário dizer que Charles apoiou efusivamente a opinião do pai e, poucos dias mais tarde, o Sr. Ward localizou o proprietário da casa – um homem com a aparência de um roedor e dicção gutural – e arrematou o consolo e o painel com ornatos que trazia o retrato por uma quantia peremptória que visava a poupá-lo de uma torrente de regateios untuosos.

Bastaria, portanto, remover o painel e transportá-lo até a casa dos Ward, onde já estavam sendo tomadas as devidas providências para que a obra fosse restaurada por completo e instalada ao pé de uma lareira elétrica no gabinete ou na biblioteca de Charles, no terceiro andar. Charles foi encarregado de supervisionar a remoção, e no dia 28 de agosto acompanhou dois trabalhadores especializados da firma de decoração Crooker até a casa em Olney Court, onde o consolo e o painel com ornatos, que fazia as vezes de suporte para o retrato, foram removidos com a cautela e a precisão necessárias para então serem colocados no caminhão da empresa. A remoção expôs parte da estrutura em alvenaria e revelou o percurso da chaminé, no qual o jovem Ward observou um recôndito cúbico, com cerca de trinta centímetros de largura, situado atrás do rosto do retrato. Curioso em relação ao que o espaço poderia significar ou conter, o jovem aproximou-se, olhou para dentro e encontrou, sob grossas camadas de poeira e fuligem, certos papéis amarelados e avulsos, um volumoso e rústico caderno de caligrafia e alguns farrapos embolorados de tecido, que deviam ter servido para amarrar o pequeno fardo. Depois de soprar para longe o grosso da sujeira e das cinzas, tomou o caderno nas mãos e leu as opulentas letras inscritas na capa. Vinham escritas em uma caligrafia com que se havia familiarizado no Essex Institute, e apresentavam o volume como *Diário e Notas de Jos. Curwen, Gent., das Plantações de Providence, anteriormente de*

Salém.

Tomado pelo entusiasmo da descoberta, Ward mostrou o livro para os dois curiosos trabalhadores que estavam na casa. O relato destes é taxativo no que diz respeito à natureza e à veracidade do achado, e o Sr. Willett usa-o para defender a hipótese de que o jovem Ward não estava louco quando deu início às grandes excentricidades. Os demais papéis também estavam todos escritos na caligrafia de Curwen, e um item em especial parecia bastante agourento devido à seguinte inscrição: "Àquele que virá depois, e como ele poderá voltar no tempo e nas esferas". Outro consistia em uma cifra, e Ward torceu para que fosse a mesma empregada por Hutchinson e que até então o havia frustrado. Um terceiro, que levou o jovem antiquário a rejubilar-se, parecia ser uma chave para a cifra; enquanto o quarto e o quinto estavam destinados respectivamente "Ao amigo Edward Hutchinson" e "Ao Senhor Jedediah Orne", "ou aos seus herdeiros ou representantes legais". O sexto e último documento ostentava o título: "Joseph Curwen, sua vida e viagens entre os anos 1678 e 1687: para onde viajou, onde viveu, quem viu e o que aprendeu".

3.

Chegamos agora ao ponto exato em que, segundo os círculos mais acadêmicos de psiquiatras, marca o início da loucura de Charles Ward. Imediatamente após a descoberta, o rapaz examinou certas páginas do livro e dos manuscritos, e sem dúvida encontrou algo capaz de causar uma impressão profunda. A bem dizer, quando mostrou os títulos para os trabalhadores, o jovem Ward deu a impressão de que estava a tomar cuidados muito particulares a fim de ocultar o texto, e também de que sofria com uma grave perturbação que dificilmente se deixaria explicar pela importância antiquária e genealógica da descoberta. Ao retornar para casa, deu a notícia com um ar quase tímido, como se desejasse transmitir a ideia de uma importância absoluta sem ter de apresentar qualquer tipo de evidência. Sequer mostrou os títulos para os pais, limitando-se a mencionar a descoberta de alguns documentos na caligrafia de Joseph Curwen, "quase todos cifrados", que precisariam de um estudo minucioso para que revelassem o verdadeiro significado. Parece improvável que fosse mostrar aos pais os objetos antes exibidos aos trabalhadores se não fosse a insistência despertada pela evidente curiosidade. Da maneira como foi, Charles Ward parece ter evitado qualquer demonstração de reticência que pudesse fomentar as discussões acerca do tema.

Naquela noite, permaneceu sentado no quarto estudando o diário e os

documentos encontrados, e não se interrompeu sequer quando o dia raiou. As refeições, depois de um pedido urgente feito à mãe quando bateu na porta para ver se havia algo de errado com o filho, passaram a ser mandadas para o quarto; somente à tarde o rapaz fez uma breve aparição enquanto os trabalhadores instalavam o retrato e o consolo de Curwen no interior do gabinete. A noite seguinte foi marcada por breves cochilos, com as roupas ainda no corpo, tirados entre as longas horas de esforços frenéticos dedicadas à solução do manuscrito cifrado. Pela manhã, a Sra. Ward encontrou o filho às voltas com a cópia fotostática da cifra de Hutchinson, que já tinha visto em mais de uma oportunidade; porém, em resposta à pergunta feita pela mãe, Charles Ward afirmou que a chave de Curwen não podia ser usada para decifrá-la. À tarde, deixou de lado o trabalho e observou fascinado o término da instalação do retrato acima de uma lareira elétrica com um aspecto quase real, quando a falsa lareira e o painel com ornatos foram afastados da parede norte, como que para dar espaço a uma chaminé, e aos vãos laterais, cobertos por lambris idênticos aos que revestiam as paredes. O painel frontal em que estava o retrato foi serrado e guarnecido com dobradiças para que o espaço atrás da pintura fosse usado como armário. Depois que os instaladores foram embora, Ward levou o trabalho para o gabinete e sentou-se defronte aos papéis, com olhar fixo em parte na cifra, e em parte no retrato que o encarava de volta como se fosse um espelho capaz de envelhecê-lo e de evocar os séculos passados.

Os pais, ao relembrar a conduta do filho por volta daquela época, oferecem detalhes interessantes sobre a política de sigilo adotada pelo rapaz. Diante dos criados, Charles Ward escondia todo e qualquer documento que porventura estivesse analisando, pois supunha corretamente que a caligrafia rebuscada e arcaica de Curwen seria demais para essas pessoas. Com os pais, no entanto, era mais circunspecto, e a não ser que o manuscrito em questão fosse uma cifra, ou um simples amontoado de símbolos crípticos e ideogramas desconhecidos (como o documento intitulado "Àquele que vier depois etc." parecia ser), tratava sempre de ocultá-lo com outro papel qualquer até que o visitante houvesse partido. À noite, os documentos eram trancados a chaves em uma antiga escrivaninha, na qual Ward também os guardava sempre que saía do quarto. O rapaz não tardou a voltar para a rotina e os horários de sempre, mas parecia ter perdido todo o interesse nas longas caminhadas e em outras atividades ao ar livre. A abertura da escola, onde começara o último ano de estudos, parecia ser um enorme aborrecimento, e o jovem muitas vezes declarava que jamais se preocuparia em entrar para a universidade. Segundo afirmava, tinha interesse em conduzir

investigações um tanto particulares, capazes de abrir vias de acesso ao conhecimento e às humanidades que nenhuma universidade poderia oferecer.

Naturalmente, uma pessoa de caráter mais ou menos estudioso, excêntrico e solitário poderia ter mantido esses hábitos por vários dias sem chamar atenção. Ward, no entanto, era um acadêmico e um eremita por definição; e por esse motivo os pais mostraram-se mais chateados do que surpresos ao perceber o isolamento e o sigilo adotados pelo filho. Ao mesmo tempo, tanto o pai quanto a mãe estranharam a relutância de Charles em mostrar qualquer fragmento dos seus achados preciosos, bem como a oferecer qualquer tipo de relato acerca das informações decifradas. Ele explicava essa reticência alegando o desejo de esperar até que pudesse oferecer um relato coeso, mas após semanas inteiras sem nenhuma revelação, surgiu entre o jovem e a família uma sensação de constrangimento, tornada ainda mais intensa aos olhos da mãe em decorrência da desaprovação explícita em relação a toda e qualquer pesquisa relativa a Curwen.

Em outubro, Ward tornou a visitar as bibliotecas, porém não mais em busca dos temas antiquários de outrora. A bruxaria e a magia, o ocultismo e a demonologia passaram a ser os objetos das pesquisas; e quando as fontes em Providence se mostravam infrutíferas, tomava um trem rumo a Boston para ter acesso à fortuna de informações na grande biblioteca de Copley Square, na Widener Library em Harvard ou na Zion Research Library em Brookline, onde se encontram certas obras raras sobre temas bíblicos.

Comprou um grande número de livros e mandou instalar um novo conjunto de prateleiras no gabinete para guardar os volumes recém-adquiridos sobre esses estranhos assuntos; e, durante o feriado de Natal, empreendeu uma série de viagens para fora da cidade, que incluiu uma visita a certos arquivos do Essex Institute.

Em meados de janeiro de 1920, o porte de Ward pareceu revestir-se de um inexplicável ar de triunfo, e o jovem não foi mais visto a trabalhar na cifra de Hutchinson. No entanto, adotou uma dupla política de pesquisas químicas e análise de registros, que resultou na instalação de um laboratório no espaço ocioso no sótão da casa e em uma busca minuciosa por todos os arquivos de estatísticas vitais em Providence. Os vendedores de medicamentos e de suprimentos científicos, questionados mais tarde, apresentaram catálogos deveras estranhos e desprovidos de sentido com listas das substâncias e dos instrumentos adquiridos; porém, os burocratas do Capitólio, da Prefeitura e de várias bibliotecas concordam no que dizia

respeito ao objeto do segundo interesse. Ward lançou-se em uma intensa e febril busca pelo túmulo de Joseph Curwen, cuja lápide tivera o nome sabiamente apagado por uma geração anterior.

Aos poucos, a convicção da família Ward de que havia algo errado ganhou força. Antes, Charles já tivera episódios de pequenos surtos e mudanças repentinas de interesse, mas o crescente sigilo e a extrema atenção dedicada a estranhas buscas era inquietante mesmo em um indivíduo sabidamente excêntrico. As tarefas escolares não passavam de um pretexto e, embora não se saísse mal em nenhuma matéria, era visível que o antigo empenho havia desaparecido. Tinha outras preocupações e, quando não estava no laboratório com uma vintena de tomos obsoletos sobre alquimia, debruçava-se sobre antigos registros de cemitérios no centro da cidade ou trancava-se com livros de ocultismo no gabinete, onde as surpreendentes feições de Joseph Curwen – que a cada dia pareciam mais similares às do sucessor distante – encaravam-no do painel na parede norte.

No fim de março, Ward complementou a busca pelos arquivos com um macabro esquema de perambulações em vários cemitérios antigos da cidade. O motivo veio à tona apenas mais tarde, quando os burocratas da Prefeitura revelaram que era provável que o jovem encontrara uma pista importante. A busca pelo túmulo de Joseph Curwen deu lugar à busca pelo túmulo de um certo Naphthali Field; e essa mudança foi explicada quando, ao examinar os documentos analisados por Ward, os investigadores encontraram um registro fragmentário do enterro de Curwen que havia escapado à obliteração generalizada, segundo o qual o caixão de chumbo tinha sido enterrado "dez pés ao sul e cinco pés a oeste do túmulo de Naphthali Field no___". A ausência de um maior detalhamento acerca do local do enterro complicou bastante as buscas, e o túmulo de Naphthali Field mostrou-se tão esquivo quanto o de Curwen; mas, nesse caso, não havia nenhum apagamento sistemático, e seria possível deparar-se com uma lápide mesmo que os registros tivessem perecido. Eis, portanto, o motivo das perambulações – das quais os cemitérios da St. John's Church (antiga King's Church) e o antigo cemitério congregacional no meio do Swan Point Cemetery foram excluídos, uma vez que outras informações demonstravam que o único Naphthali Field (falecido em 1729) a cujo túmulo se podia aludir tinha sido batista.

4.

Era quase maio quando o Dr. Willett, a pedido do patriarca Ward, e equipado com todos as informações sobre Curwen que a família tinha obtido de Charles no período anterior ao sigilo, tentou conversar com o rapaz. A entrevista teve pouca serventia e admitiu poucas conclusões, uma vez que, durante todo o tempo, Charles demonstrou ter pleno domínio das faculdades mentais e pareceu estar lidando com assuntos de suma importância; mas pelo menos o jovem viu-se obrigado a oferecer explicações racionais para o comportamento adotado. Ward, um tipo pálido e impassível que apenas raramente dava sinais de constrangimento, pareceu disposto a discutir as buscas, mas não a revelar o propósito a que serviam. Afirmou que os documentos do ancestral tinham revelado impressionantes segredos de um conhecimento científico incipiente, quase sempre cifrado, de uma abrangência comparável apenas às descobertas do Frade Bacon, embora pudessem ter importância ainda maior do que estas. No entanto, o conhecimento não fazia sentido a não ser quando relacionado a todo um arcabouço de erudição totalmente obsoleto, de modo que uma apresentação imediata dos achados a um mundo que dispunha apenas da ciência moderna acabaria por roubar-lhe toda a magnitude e toda a importância dramática. Para que pudessem reivindicar o merecido destaque na história do pensamento humano, essas relações precisariam ser estabelecidas por uma pessoa familiarizada com o contexto em que haviam evoluído, e era a essa tarefa que Ward então se dedicava. Estava procurando adquirir o mais depressa possível todas as artes negligenciadas de outrora, necessárias a uma interpretação adequada de todos os dados relativos a Curwen, e tinha a esperança de, no futuro, fazer uma revelação e uma apresentação completa de supremo interesse para a humanidade e para o mundo das ideias como um todo. Segundo afirmou, nem mesmo Einstein poderia trazer uma revolução mais profunda à atual concepção acerca das coisas.

Quanto às buscas nos cemitérios, cujo objeto foi admitido de imediato, embora sem nenhum comentário a respeito do progresso eventualmente feito, Ward afirmou ter motivos para crer que a lápide depredada de Joseph Curwen ostentasse certos símbolos místicos – entalhados a partir de instruções deixadas no testamento e por mero acaso ignoradas por aqueles que haviam apagado o nome – absolutamente essenciais para a solução final do críptico sistema. Segundo acreditava, Curwen teria guardado esse segredo com muito cuidado, distribuindo os dados de acordo com um método deveras curioso. Quando o Dr. Willett pediu para ver os documentos místicos, Ward mostrou-se relutante e tentou dissuadi-lo com as cópias fotostáticas da cifra de Hutchinson e das fórmulas e diagramas de Orne; mas por fim concordou em mostrar o exterior de

certos documentos relacionados a Curwen – como o Diário e Apontamentos, a cifra (com o título igualmente cifrado) e a mensagem repleta de fórmulas intitulada “Àquele que vier depois” – e permitiu que o visitante examinasse aqueles escritos em caracteres obscuros.

Também abriu o diário em uma página escolhida em função da inocuidade, e assim ofereceu a Willett um vislumbre da caligrafia cursiva de Curwen em inglês. O médico procedeu a um minucioso exame das letras rebuscadas e elaboradas e da aura setecentista que pairava ao redor da caligrafia e do estilo, apesar da sobrevivência do autor até o século XVIII, e logo concluiu tratar-se de um documento genuíno. O texto em si era relativamente trivial, e Willett recordava apenas de um breve fragmento:

> “Quarta-feira, 16 de outubro de 1754. Minha corveta *Wahefal* saiu hoje de Londres com XX novos homens embarcados nas índias, espanhóis da Martinica e holandeses do Suriname. Os holandeses estão propensos a desertar, pois ouviram falar um tanto mal desse empreendimento, mas farei de modo a induzi-los a ficar. Para o Sr. Knight Dexter no Bay and Book 120 peças de chamalote, 100 peças sortidas de pelo de camelo, 20 peças de lã azul, 50 peças de calamanta, 300 peças cada de algodão das índias e *shendsoy*. Para o Sr. Green do Elefante, 50 panelas de um galão, 20 panelas de aquecer, 15 formas de assar, 10 tenazes de defumar. Para o Sr. Perrigo, l conjunto de sovelas. Para o Sr. Nightingale, 50 resmas de papel de primeira. Recitei o SABBAOTH três vezes na noite passada, mas ninguém apareceu. Preciso saber mais do Sr. H. na Transilvânia, embora seja difícil entrar em contato com ele e é muito estranho que ele não possa me ensinar o uso daquilo que tem usado tão bem nesses cem anos. Simon não escreveu nessas V semanas, mas espero ter notícias suas em breve.”

Ao chegar àquele ponto, o Dr. Willett virou a página, mas foi impedido por Ward, que quase lhe arrancou o tomo das mãos. Tudo o que o médico teve a chance de ver na página recém-aberta foram duas breves frases; mas estas, por mais estranho que pareça, perduraram com tenacidade na memória. Diziam: “Pronunciado o verso do Liber-Damnatus em V vésperas do dia da Cruz e IV vésperas de Todos os Santos, espero que a coisa esteja se preparando fora das esferas. Ele trará aquele que está para vir se eu puder ter certeza de que ele existirá e pensará as coisas passadas e olhará para trás dos anos e para isto deverei ter os sais prontos ou o necessário para fazê-los”.

Willett não viu mais nada, mas o pequeno vislumbre conferiu um novo e vago terror às feições pintadas de Joseph Curwen, que o encaravam do

painel acima da cornija. Mesmo depois, passou a ter a singular impressão – que a experiência médica assegurava não passar de imaginação – de que os olhos do retrato nutriam uma espécie de desejo, se não de fato uma tendência, a seguir o jovem Charles Ward enquanto andava pelo cômodo. Antes de sair do estúdio, o Dr. Willett deteve-se para examinar o retrato de perto, admirando a grande semelhança que guardava em relação a Charles e memorizando cada detalhe daquele rosto pálido e críptico, incluindo uma discreta cicatriz ou depressão acima da sobrancelha direita. Decidiu que Cosmo Alexander era um pintor digno da Escócia, onde havia nascido Raeburn, e um mestre digno do ilustre aluno Gilbert Stuart.

Ao escutarem do médico que a saúde mental de Charles não corria perigo e que o filho na verdade estava às voltas com uma pesquisa que mais tarde poderia revelar-se deveras importante, os Ward adotaram uma postura mais tolerante do que teriam feito de outra forma quando, em junho, o rapaz se recusou de vez a frequentar a universidade. Declarou que tinha estudos de importância vital com que se ocupar, e deu a entender que desejava viajar para o estrangeiro no ano seguinte para ter acesso a certas fontes de informações indisponíveis nos Estados Unidos. O patriarca Ward, tendo negado o último desejo por considerá-lo absurdo para um rapaz de apenas dezoito anos, concordou no que dizia respeito à universidade. Dessa forma, após uma formatura não muito brilhante da Moses Brown School, sobreveio um período de três anos durante os quais Charles ocupou-se com intensos estudos de ocultismo e buscas em cemitérios. Obteve reconhecimento como um personagem excêntrico, e assim tornou-se ainda mais recluso do que havia sido antes; devotava a maior parte do tempo ao trabalho e apenas em raras ocasiões fazia viagens a outras cidades a fim de consultar registros obscuros. Certa vez foi ao sul conversar com um velho e estranho mulato que morava em um pântano e a cujo respeito um jornal havia publicado um curioso artigo. Em outra ocasião, saiu em busca de um pequeno vilarejo nas montanhas Adirondack, de onde haviam chegado relatos de singulares práticas ritualísticas. Mas os pais continuavam a negar-lhe a tão desejada viagem ao Velho Mundo.

Quando alcançou a maioridade, em abril de 1923, depois de herdar uma pequena quantia monetária do avô materna, Ward enfim decidiu fazer a viagem europeia que até então lhe fora negada. Quanto ao itinerário pretendido, não revelou nada, a não ser que as exigências ditadas pelos estudos haveriam de levá-lo a diversos lugares, mas prometeu escrever aos pais com detalhes fidedignos. Ao perceber que o filho não seria

dissuadido, o Sr. e a Sra. Ward abandonaram toda a oposição e passaram a ajudar da melhor forma possível; e, assim, em junho o rapaz zarpou rumo a Liverpool com as bênçãos de despedida do pai e da mãe, que o acompanharam até Boston e acenaram-lhe do píer White Star, em Charlestown.

Logo chegaram cartas que narravam a bem-sucedida viagem e a busca por boas acomodações na Great Russell Street, em Londres, onde, depois de recusar todas as ofertas de amigos da família, Charles Ward decidiu hospedar-se até exaurir todos os recursos do Museu Britânico a respeito de um certo tema. Os relatos sobre a vida cotidiana eram raros, pois havia pouco a escrever. Os estudos e os experimentos consumiam-lhe todo o tempo, e Charles mencionou que havia montado um laboratório em um dos cômodos. A ausência de qualquer comentário acerca de passeios antiquários pela opulenta cidade antiga, com um vistoso panorama de cúpulas e coruchéus ancestrais em meio a um emaranhado de avenidas e becos repletos de volteaduras místicas e vistas repentinas que ora surpreendem e ora inspiram, foi interpretada pelos pais como um bom indício do ponto que os novos interesses passaram a ocupar nos pensamentos do filho.

Em junho de 1924, uma breve mensagem deu conta de uma partida rumo a Paris, para onde Charles já havia feito duas viagens expressas em busca de material na Bibliothèque Nationale. Pelos três meses a seguir, limitou-se a enviar cartões-postais, informando um endereço na Rue St. Jacques e referindo-se a uma busca especial em meio aos manuscritos raros pertencentes à biblioteca de um colecionador particular cujo nome não foi mencionado. Charles Ward evitava os conhecidos, e não havia relatos de turistas que o tivessem avistado. Então veio um período de silêncio e, em outubro, os Ward receberam um cartão-postal de Praga, na Tchecoslováquia, relatando que Charles estava nessa antiga cidade para encontrar-se com um homem de idade muito avançada que, segundo relatos, seria a última pessoa viva em posse de certas informações medievais deveras singulares. Informou um endereço em Neustadt e anunciou que não devia fazer mais viagens antes de janeiro seguinte, quando enviou diversos cartões de Viena que narravam a passagem por essa cidade durante a jornada rumo a uma região mais ao leste, para onde um correspondente e pesquisador das ciências ocultas o convidara.

O cartão-postal seguinte veio de Klausenburg, na Transilvânia, e narrava o progresso de Ward rumo ao destino final. Haveria de visitar um certo barão Ferenczy, proprietário de terras nas montanhas a leste de Rakus; e estaria hospedado em Rakus, nos aposentos do nobre em questão. O

cartão enviado de Rakus uma semana mais tarde, com informações de que o anfitrião fora encontrá-lo de carruagem e de que em breve deixaria o vilarejo rumo às montanhas, foi a última mensagem durante um período razoavelmente longo. De fato, Charles não respondeu às frequentes correspondências dos pais antes de maio, quando escreveu para desencorajar o plano da mãe de encontrar o filho em Londres, Paris ou Roma durante o verão, quando o Sr. e a Sra. Ward planejavam viajar para a Europa. Ward afirmou que o estágio em que se encontravam as buscas não permitiria que saísse do local onde se encontrava, e que a situação no castelo do barão Ferenczy não favorecia visitas. A construção situava-se em um rochedo em meio a montanhas sombrias, e a região era temida com tanta intensidade pelos camponeses locais que nenhuma pessoa normal poderia sentir-se à vontade no lugar. Além disso, o barão não seria considerado uma pessoa agradável pela aristocracia correta e conservadora da Nova Inglaterra. Tinha idiossincrasias de aspecto e de atitude, e uma idade avançada a ponto de causar incômodo naqueles que o viam. De acordo com Charles, seria melhor se os pais o aguardassem em Providence, uma vez que o retorno não poderia estar muito distante.

Todavia, o retorno só ocorreu em maio de 1926, quando, depois de alguns cartões-postais em que anunciou a novidade, o jovem viajante chegou furtivamente a Nova York no *Homeric* e atravessou os longos quilômetros até Providence em um ônibus motorizado, deleitando-se com as viçosas colinas ondulantes, os fragrantes pomares em flor e os vilarejos salpicados de coruchéus na primavera em Connecticut, pois era o primeiro gosto que tinha da antiga Nova Inglaterra em um período de quase quatro anos. Quando o ônibus atravessou o Pawcatuck e chegou a Rhode Island em meio ao dourado feérico de um entardecer primaveril, o coração de Charles Ward bateu com forças renovadas, e o ingresso em Providence, ao longo da Reservoir e da Elmwood Avenue, deixou-o sem fôlego, apesar das profundezas de sabedoria proscrita em que havia mergulhado. No ponto em que a Broad, a Weybosset e a Empire Street se encontram, viu, no fulgurante pôr do sol que se estendia adiante e abaixo de si, as agradáveis casas e cúpulas e coruchéus que recordava da antiga cidade; e entregou-se aos devaneios enquanto o veículo rodava por trás do Biltmore, revelando o enorme domo e a macia vegetação de raízes profundas que medrava na ancestral colina na margem oposta do rio, e por fim o sobranceiro coruchéu em estilo colonial da Primeira Igreja Batista debuxou-se em cor-de-rosa em meio à prodigiosa luz do entardecer, tendo ao fundo o vertiginoso panorama do viço e do frescor primaveril.

A velha Providence! Fora aquele lugar e as estranhas forças de uma longa e contínua história que lhe haviam dado a vida e que o impeliram rumo a maravilhas e segredos cujos limites nenhum profeta seria capaz de predizer. Lá estavam os poderes arcanos fantásticos ou medonhos para os quais todos os anos dedicados às viagens e aos estudos o haviam preparado. Um coche levou-o para além do Post Office Square com um vislumbre do rio, do velho Mercado e da baía, e então subiu a curva íngreme da Waterman Street até a Prospect, onde a vasta cúpula reluzente e as colunas iônicas ensolaradas da Christian Science Church chamavam-no rumo ao norte. Depois vieram mais oito quarteirões repletos das antigas casas que o olhar de Charles havia conhecido na infância, e a seguir as calçadas de tijolos galgadas tantas vezes durante a juventude. Então, uma pequena propriedade à direita, que logo ficou para trás, e por fim, à esquerda, a clássica varanda ao estilo Adam e a suntuosa fachada guarnecida por arcos da imponente mansão onde havia nascido. A noite começava a cair, e Charles Dexter Ward havia retornado a casa.

5.

Uma vertente da psiquiatria, um pouco menos acadêmica que a do Dr. Lyman, atribui à viagem europeia de Ward o início da loucura consumada. Admitindo a sanidade de Ward no momento da partida, ela acredita que a conduta do rapaz na volta indica uma mudança desastrosa. No entanto, o Dr. Willett reluta em aceitar sequer essa afirmação. Insiste em alegar que a transformação se operou apenas mais tarde; quanto às excentricidades do rapaz por volta desse período, atribuiu-as à prática de rituais aprendidos no estrangeiro – coisas estranhas, sem dúvida, mas que não implicam nenhum tipo de aberração mental por parte do praticante. Ward, embora mais velho e mais endurecido, continuava a comportar-se de maneira normal, e em várias conversas com Willett mostrara um equilíbrio que nenhum louco – sequer nos primórdios da loucura – poderia fingir por muito tempo. O que levantou a suspeita acerca de uma possível insanidade por volta dessa época foram os sons ouvidos a todas as horas do dia e da noite vindos do laboratório que Ward havia montado no sótão, onde permanecia durante a maior parte do tempo. Ouviam-se cânticos e repetições, e declamações ribombantes em ritmos desconhecidos; e embora os sons viessem sempre na voz do próprio Ward, havia algo indefinível na qualidade da voz e no sotaque das fórmulas pronunciadas que enregelava o sangue de todos os que as escutavam. Logo se percebeu que Nig, o amável e venerado gato preto da casa, eriçava os pelos e arqueava as costas quando certos sons eram entoados.

Os odores que por vezes emanavam do laboratório também eram demasiado estranhos. Às vezes tinham um cheiro agressivo ao extremo, porém, com maior frequência eram aromáticos, e revestiam-se de uma qualidade fugidia e assombrosa que parecia ter o efeito de induzir imagens fantásticas. As pessoas que os sentiam apresentavam a tendência a ver miragens fugazes de enormes panoramas com estranhas colinas e intermináveis avenidas de esfinges e hipogrifos que se estendiam rumo ao infinito. Ward não retomou as caminhadas de outrora, mas dedicou-se com afinco aos estranhos livros que havia levado para casa e às igualmente estranhas investigações que conduzia nos aposentos particulares, com a justificativa de que as fontes europeias haviam produzido uma grande ampliação no campo de trabalho e prometiam grandes revelações nos anos vindouros. O aspecto envelhecido realçou a semelhança de Ward com o retrato de Curwen a um nível impressionante, e o Dr. Willett com frequência detinha-se junto à pintura ao final das visitas, admirando a notável identidade entre as duas figuras e ponderando que, naquela altura, somente a pequena cicatriz acima do olho direito do retrato diferenciava o feiticeiro morto há mais de um século do rapaz cheio de vida. Essas visitas de Willett, feitas a pedido do Sr. e da Sra. Ward, eram um tanto estranhas. Em nenhum momento Charles Ward rejeitou o médico, mas este logo percebeu que jamais conseguiria alcançar a psicologia íntima do rapaz. Com frequência notava objetos singulares, como pequenas imagens grotescas moldadas em cera nas prateleiras ou nas mesas, e os resquícios parcialmente apagados de círculos, triângulos e pentagramas desenhados a giz ou a carvão no vão livre que ocupava o centro do amplo cômodo. À noite, os ritmos e os encantamentos continuavam a ribombar, e por fim surgiram dificuldades para manter os criados na casa ou suprimir as conversas furtivas sobre a loucura de Charles.

Em janeiro de 1927, ocorreu um incidente bastante peculiar. Certa ocasião, por volta da meia-noite, enquanto Charles entoava um ritual de cadência inaudita que ecoava por todos os andares da casa, uma rajada de vento gélido soprou da baía, e um discreto e obscuro tremor de terra foi notado por todos os moradores da vizinhança. Ao mesmo tempo, o gato exibiu traços de um pavor fenomenal, enquanto todos os cachorros em um raio de um quilômetro e meio ao redor puseram-se a latir. Esse foi o prelúdio de uma forte tempestade elétrica, bastante anômala naquela época do ano, que trouxe consigo um estrondo tão intenso que o Sr. e a Sra. Ward chegaram a acreditar que a casa teria sido atingida. Os dois subiram as escadas correndo a fim de averiguar os estragos, porém Charles encontrou-os na porta do sótão; estava pálido, decidido e aziago,

e ostentava no rosto uma combinação quase terrível de triunfo e seriedade. Assegurou-os de que a casa não fora atingida, e de que a tempestade logo passaria. O casal deteve-se e, depois de olhar para fora de uma janela, percebeu que o filho de fato tinha razão, pois os raios iluminavam céus cada vez mais distantes, enquanto as árvores aos poucos deixavam de vergar-se com as estranhas rajadas gélidas que vinham do mar. O trovão reduziu-se a uma espécie de rumor abafado e por fim desapareceu. As estrelas surgiram, e a marca de triunfo no semblante de Charles Ward cristalizou-se em uma expressão deveras singular.

Por dois meses ou mais, após esse incidente, Ward passou menos tempo do que o habitual confinado no laboratório. Passou a exibir um curioso interesse pelo clima e a fazer estranhas indagações a respeito da data em que o gelo começaria a derreter na primavera. Certa noite, no fim de março, saiu de casa após a meia-noite e só retornou pouco antes do alvorecer, quando a mãe, que estava acordada, ouviu o ruído de um motor aproximando-se da entrada da carruagem. Era possível distinguir imprecações abafadas, e a Sra. Ward, depois de erguer-se e avançar até a janela, divisou quatro vultos retirando, sob o comando de Charles, uma longa e pesada caixa de um caminhão e carregando-a até a porta lateral. Ouviu uma respiração arquejante e passadas ponderosas nos degraus da escada, e por fim um baque surdo no sótão, quando então os passos tornaram a descer e os quatro homens reapareceram do lado de fora e partiram com o caminhão.

No dia seguinte, Charles retomou o enclausuramento no sótão, baixando as cortinas escuras nas janelas do laboratório e parecendo estar trabalhando em alguma substância metálica. Não abria a porta para ninguém, e recusava toda e qualquer comida que lhe fosse oferecida. Por volta do meio-dia, um estrépito repentino foi seguido por um grito e uma queda terríveis, mas, quando a Sra. Ward bateu à porta, o filho enfim atendeu com uma voz débil e disse que não havia nada de errado; o horrendo e indescritível fedor que o laboratório exalava era absolutamente inofensivo e, infelizmente, necessário. A solidão era o mais importante naquele momento, porém, comprometeu-se a aparecer mais tarde para o jantar. Naquela tarde, quando cessaram os estranhos sons sibilantes que se ouviam por detrás da porta trancada, Charles enfim apareceu, revelando um aspecto de extremo desalento e proibindo toda e qualquer pessoa de adentrar o laboratório sob qualquer pretexto. De fato, o anúncio revelou-se como o início de uma nova política de sigilo; pois, a partir de então, jamais outra pessoa recebeu permissão para visitar o misterioso gabinete na água-furtada ou a despensa adjacente que Charles

Ward esvaziou, mobiliou de maneira precária e incorporou a seus domínios particulares na condição de quarto de dormir. Passou a morar naquele cubículo com os livros que retirava da biblioteca no andar de baixo, até que, passado algum tempo, comprou a casa em Pawtuxet e mudou-se para lá com todos os aparatos científicos.

À noite, Charles pegou o jornal antes dos outros membros da família e danificou-o em parte em um suposto acidente. Mais tarde, o Dr. Willett, tendo estabelecido a data a partir dos testemunhos de vários membros da casa, procurou um exemplar intacto na redação do *Journal* e descobriu que a seção destruída trazia a seguinte nota:

ESCAVADORES NOTURNOS SUPREENDIDOS NO NORTH BURIAL GROUND

Robert Hart, guarda-noturno do North Burial Ground, descobriu hoje pela manhã um grupo composto por vários homens com um caminhão na parte mais antiga do cemitério, mas conseguiu afugentá-los antes que pudessem cumprir qualquer desígnio que pudessem ter em mente.

A descoberta deu-se por volta das quatro horas da manhã, quando a atenção de Hart foi atraída pelo som de um motor no lado de fora da guarita. Quando saiu para investigar, avistou um caminhão de grandes proporções na estrada principal a vários metros de distância, mas não conseguiu alcançá-lo antes que o som dos próprios passos no cascalho o denunciasse. Os homens puseram uma enorme caixa no caminhão e saíram às pressas em direção à rua antes que pudessem ser interceptados; mas, como nenhum túmulo foi profanado, Hart acredita que eles pretendiam enterrar a própria caixa.

Os escavadores devem ter trabalhado por um longo período antes de serem avistados, pois Hart encontrou um enorme buraco cavado a uma distância considerável da estrada no terreno de Amasa Field, onde a maior parte das antigas lápides desapareceu muito tempo atrás. O buraco, com a largura e a profundidade de uma cova, encontrava-se vazio, e não coincidia com nenhum jazigo mencionado nos registros do cemitério.

O sargento Riley, da Segunda Delegacia de Polícia, averiguou o local e afirmou que o buraco foi cavado por falsificadores de bebida que, com esse método engenhoso e terrível, poderiam estocar a carga em um lugar onde dificilmente a encontrariam. Durante o depoimento, Hart afirmou que imaginou ver o caminhão seguir rumo à Rochambeau Avenue, embora não pudesse afirmar com certeza.

Durante os dias que vieram a seguir, Charles foi visto em poucas ocasiões pela família. Depois de acrescentar um quarto de dormir a seus domínios no sótão, adotou um regime de enclausuramento ainda mais rígido, e passou a exigir que a comida fosse deixada na porta, negando-se a aparecer enquanto o criado não tivesse se afastado. A litania de fórmulas monótonas e a entoação de ritmos bizarros surgiam a intervalos regulares, enquanto em outras situações o ouvinte casual podia detectar o som de vidros tilintantes, químicos sibilantes, água corrente ou rumorosas bicas de gás. Odores de qualidade indescritível, totalmente estranhos a tudo o que se havia percebido até então, por vezes pairavam ao redor da porta; e o ar de tensão observável no jovem recluso sempre que se aventurava no mundo exterior era capaz de suscitar as mais febris especulações. Certa vez, fez uma viagem às pressas até o Athenaeum em busca de um livro que necessitava, e em outra ocasião contratou um mensageiro para buscar um volume altamente obscuro em Boston. O suspense estava inscrito como um agouro em toda a situação, e tanto a família Ward quanto o Dr. Willett declararam não saber o que pensar nem o que fazer a respeito.

6.

O dia 15 de abril trouxe um estranho desdobramento. Embora nada parecesse ter se alterado no tocante à natureza, sem dúvida havia uma terrível diferença de intensidade, e por algum motivo o Dr. Willett atribui grande importância a essa mudança. Era Sexta-Feira Santa, uma circunstância deveras importante para os criados, embora outros naturalmente a considerem apenas uma coincidência sem qualquer relevância. No fim da tarde, o jovem Ward começou a repetir certa fórmula em uma voz de singular potência enquanto queimava uma substância pungente cujos vapores escaparam por toda a casa. A fórmula era audível de maneira tão clara no corredor em frente à porta trancada que a Sra. Ward não teve como evitar memorizá-la enquanto aguardava e escutava angustiada, e por esse motivo foi mais tarde capaz de escrevê-la a pedido do Dr. Willett. Dizia o seguinte – e os especialistas afirmaram ao Dr. Willett que uma fórmula deveras semelhante pode ser encontrada nos escritos místicos de “Eliphas Levi”, a alma críptica que se esgueirou por uma rachadura do portal interdito e vislumbrou terríveis panoramas do vazio mais além:

> “Per Adonai Eloim, Adonai Jehova, Adonai Sabaoth, Metraton On Agla Mathon, verbum pythonicum, mysterium salamandrae, conventus sylvorum, antra gnomorum, daemonia Coeli Gad, Almousin, Gibor,

Jehosua, Evam, Zariatnatmik, veni, veni, veni."

A entoação havia se repetido por duas horas sem alterações e sem nenhuma interrupção quando, por toda a vizinhança, os cachorros puseram-se a emitir uivos pandemoníacos. A intensidade dos uivos pode ser imaginada pelo destaque que recebeu nos jornais do dia seguinte, mas, para os ocupantes da casa dos Ward, o barulho foi obscurecido pelo odor que veio instantaneamente a seguir; um odor terrível e pungente que nenhum homem jamais tinha sentido e jamais tornaria a sentir outra vez. Em meio a essa torrente mefítica surgiu um clarão muito perceptível, como o de um raio, que teria sido ofuscante e notável se não fosse a luz do dia que o rodeava; e foi então que se ergueu a voz que nenhum ouvinte jamais poderá esquecer em função da ribombante distância, da incrível profundidade e da quimérica semelhança em relação à voz de Charles Ward. A voz fez com que a casa estremecesse e sem dúvida foi ouvida por pelo menos dois outros vizinhos em meio ao alarido dos cachorros. A Sra. Ward, que escutava desesperada do lado de fora do laboratório trancado pelo filho, estremeceu ao reconhecer o sentido demoníaco daquele som, pois Charles havia lhe falado a respeito da má fama que granjeara em tomos obscuros, e também a respeito da maneira como, segundo as correspondências de Fenner, havia ribombado acima da fazenda de Pawtuxet na noite em que Joseph Curwen fora aniquilado. Não havia como se enganar a respeito daquela frase saída de um pesadelo, pois Charles a descrevera de maneira vívida na época em que falava livremente sobre as investigações acerca de Curwen. Mesmo assim, tratava-se apenas de um fragmento em uma língua esquecida e arcaica: "DIES MIES JESCHET BOENE DOESEF DOUVEMA ENITEMAUS".

O estrondo foi seguido por um obscurecimento momentâneo da luz do dia, embora ainda faltasse uma hora para o pôr do sol, e então por uma rajada de odor diferente da primeira, mas igualmente desconhecida e insuportável. Charles tornou a fazer a entoação mais uma vez e a mãe pôde ouvir sílabas que soavam como "Yi-nash-Yog-Sothoth-he-lgeb-fi-throdog" – e terminavam com um "Yah!" cuja força desvairada subia em um crescendo de estourar os ouvidos. No instante seguinte, todas as memórias anteriores foram obliteradas pelo grito ululante que surgiu em uma explosão frenética e aos poucos transformou-se em um paroxismo de gargalhadas histéricas e diabólicas. A Sra. Ward, com o misto de temor e coragem cega da maternidade, avançou e bateu assustada nas tábuas ocultadoras, mas não suscitou nenhum sinal de reconhecimento. Bateu de novo, mas parou impotente quando um segundo grito se levantou, dessa vez na voz inconfundível e familiar de seu filho, ao mesmo tempo em que

a outra voz ria desmedidamente. No mesmo instante perdeu os sentidos, embora ainda hoje se declare incapaz de recordar a causa precisa e imediata do desmaio. Às vezes, a memória promove apagamentos piedosos.

O Sr. Ward voltou da repartição de negócios por volta de seis e quinze, e, ao perceber que a esposa não se encontrava no térreo, foi informado pela assustada criadagem de que devia estar observando a porta de Charles, de onde haviam surgido gritos mais estranhos do que nunca. Após subir de pronto as escadas, encontrou a Sra. Ward estirada no assoalho do corredor em frente à porta do laboratório e, ao perceber que estava desmaiada, apressou-se em buscar um copo d'água de uma moringa em uma alcova próxima. Depois de aspergir-lhe o rosto com o líquido frio, animou-se ao observar uma reação imediata, e estava a observar o confuso abrir das pálpebras quando um arrepio gélido percorreu-lhe o corpo e ameaçou reduzi-lo ao mesmo estado do qual a esposa se recuperava naquele instante. Pois o laboratório não estava tão silencioso quanto aparentava, e de lá desprendiam-se os murmúrios de uma conversa tensa e abafada em tons demasiado baixos para a compreensão, porém de uma qualidade profundamente inquietante para o espírito.

Que Charles balbuciasse fórmulas não era nenhuma novidade, mas aquele balbuciar era um tanto diferente. Era sem dúvida um diálogo, ou a imitação de um diálogo, que exibia as alterações regulares de inflexões que sugeriam perguntas e respostas, afirmações e réplicas. Uma era a voz corriqueira de Charles, mas a outra apresentava um timbre profundo e sepulcral que os melhores poderes de mímica cerimonial do jovem mal lograram produzir em outras situações. Havia um elemento medonho, blasfemo e anormal a respeito daquilo, e, se não fosse por um grito da esposa que recobrava a consciência a clarear-lhe os pensamentos e despertar-lhe para os instintos de sobrevivência, seria improvável que Theodore Howland Ward pudesse manter, por mais quase um ano, a velha bravata de que nunca havia desmaiado. Da maneira como foi, tomou a esposa nos braços e levou-a o mais depressa possível para o térreo antes mesmo que percebesse as horrendas vozes que tanto o perturbavam. Mesmo assim, no entanto, não foi rápido o suficiente para deixar de captar algo que o levou a cambalear perigosamente com o fardo que transportava. Pois o grito da Sra. Ward sem dúvida fora ouvido por outros além do próprio marido, e de trás da porta trancada vieram as primeiras palavras reconhecíveis que o terrível e mascarado colóquio havia produzido. Não passava de um alerta exaltado proferido na voz do próprio Charles, mas, por algum motivo, trouxe insinuações repletas de um horror

inefável para o pai que o ouviu. A frase era simplesmente a seguinte: "Pssst! – Escreva!".

O Sr. e a Sra. Ward conversaram durante algum tempo após o jantar, e o patriarca resolveu ter uma conversa firme e séria com Charles naquela mesma noite. Por mais importantes que fossem os estudos, aquele tipo de conduta não seria mais tolerado, uma vez que esses últimos desdobramentos haviam transcendido os limites da sanidade e constituído uma ameaça à ordem e ao bem-estar de todos os habitantes da casa. Não restava dúvida de que o jovem havia perdido completamente o juízo, pois nada além da loucura consumada poderia ter resultado nos gritos frenéticos e nas conversações imaginárias com interpretação de diferentes vozes que aquele dia havia trazido. Tudo precisava acabar, ou a Sra. Ward acabaria doente e se tornaria impossível manter a criadagem.

O Sr. Ward levantou-se no fim da refeição e começou a subir as escadas em direção ao laboratório de Charles. No entanto, no terceiro andar, parou ao ouvir os sons que vinham da biblioteca do filho, agora em desuso. Teve a impressão de que os livros estavam sendo atirados pela sala e os papéis eram amassados de modo frenético e, ao chegar à porta, o Sr. Ward observou o jovem no interior do cômodo, reunindo, com empolgação, uma enorme braçada de material literário de todos os tamanhos e formatos.. O aspecto de Charles era de cansaço e desalento extremos, e o jovem deixou cair toda a carga com um sobressalto ao escutar a voz do pai. Ao comando do patriarca, sentou-se, e por algum tempo escutou as admoestações havia tanto tempo merecidas. Não houve cena alguma. No fim da reprimenda, o filho aceitou que o pai tinha razão, e que os ruídos, balbucios, encantamentos e odores químicos de fato eram aborrecimentos imperdoáveis. Concordou em adotar uma conduta mais silenciosa, embora insistisse em um prolongamento da privacidade extrema. Declarou que muito do trabalho que ainda restava fazer resumia-se a pesquisas bibliográficas, e que podia alojar-se em outro lugar para as vocalizações rituais, necessárias em um estágio mais avançado. Expressou o mais profundo arrependimento em relação ao susto e ao desmaio da mãe, e explicou que a conversa ouvida mais tarde havia sido parte de um elaborado simbolismo que tinha por meta criar uma certa atmosfera mental. O uso de termos técnicos e abstrusos desorientou o Sr. Ward, mas a impressão geral foi de inegável sanidade e compostura, apesar de uma tensão misteriosa da mais profunda gravidade. A entrevista revelou-se um tanto inconclusiva, e quando Charles juntou os livros e deixou o recinto, o Sr. Charles mal sabia o que pensar a respeito da situação como um todo. Era tão misteriosa quanto a morte do velho Nig, cujo corpo rígido havia

sido encontrado uma hora antes no porão, com os olhos vidrados e a boca distorcida pelo medo.

Levado por um vago instinto de detetive, o pai desorientado lançou olhares curiosos às prateleiras vazias a fim de averiguar quais volumes o filho havia levado para o sótão. A biblioteca do jovem apresentava uma organização clara e rígida ao extremo, de maneira que em um único relance era possível identificar os livros ou ao menos o tipo dos livros que haviam sido levados. Nessa ocasião, o Sr. Ward surpreendeu-se ao descobrir que nenhuma das obras antiquárias ou ocultistas, além das que já tinham sido removidas, fora levada. As novas remoções diziam respeito apenas a itens recentes: livros de história, tratados científicos, atlas de geografia, manuais de literatura, compêndios filosóficos e certos jornais e periódicos contemporâneos. Era uma mudança bastante curiosa em vista da recente lista de leituras de Charles Ward, e o pai deteve-se em meio a uma voragem cada vez maior de perplexidade e de estranheza. A estranheza revelou-se uma sensação muito aguçada, e quase lhe arranhava o peito enquanto se esforçava por descobrir o que estaria errado. Não havia dúvidas de que algo estava errado, não apenas em termos tangíveis, mas também espirituais. Desde o instante em que adentrou o recinto, o Sr. Ward teve o pressentimento de que havia alguma coisa fora dos conformes, e por fim percebeu o que era. Na parede norte ainda se erguia o antigo painel entalhado da casa em Olney Court, porém, o desastre havia recaído sobre os óleos craquelados e precariamente restaurados do grande retrato de Curwen. O tempo e o aquecimento irregular por fim surtiram efeito, e em um momento qualquer desde a última limpeza do cômodo o pior havia acontecido. Após se desprender da madeira e encarquilhar-se em voltas cada vez mais próximas, até enfim pulverizar-se em pequenos cacos em um movimento repentino e silencioso de malignidade latente, o retrato de Joseph Curwen abandonara para sempre a vigilância constante do jovem com quem tanto se parecia e, naquele instante, encontrava-se espalhado pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

4
Uma mutação e uma loucura

1.

Na semana que se seguiu à memorável Sexta-Feira Santa, Charles Ward foi visto com mais frequência do que o normal, e passou o tempo inteiro carregando livros entre a biblioteca e
o laboratório no sótão. Executava as ações de maneira calma e racional, mas tinha um olhar furtivo e acuado que em nada agradou à mãe, e desenvolveu um apetite incrivelmente voraz no que dizia respeito às exigências feitas à cozinheira. O Dr. Willett ouviu relatos acerca dos ruídos e desdobramentos da sexta-feira, e na terça-feira seguinte teve uma longa conversa com o jovem na biblioteca onde o retrato não mais vigiava. A entrevista, como sempre, foi inconclusiva; mas Willett continuava disposto a jurar que o rapaz mantinha o pleno domínio das faculdades mentais naquele momento. Fez promessas de uma próxima revelação e falou sobre a necessidade de montar um laboratório em outra parte. Em vista do entusiasmo inicial, Charles demonstrou pouco remorso em relação à perda do retrato, dando a impressão de ter descoberto um elemento positivo na súbita degradação da pintura.

Por volta da segunda semana, Charles começou a se ausentar da casa por longos períodos e, certo dia, quando veio ajudar com a faxina de primavera, a boa e velha negra Hannah mencionou as frequentes visitas que Charles fazia à antiga casa em Olney Court, onde aparecia com uma valise enorme e conduzia singulares buscas no porão. Costumava mostrar-se muito à vontade na presença da criada e do velho Asa, embora parecesse sempre mais preocupado do que costumava aparentar – o que muito a angustiava, visto que conhecia o jovem patrão desde o dia em que havia nascido. Outro relato sobre os afazeres de Charles chegou de Pawtuxet, onde certos amigos da família afirmaram tê-lo visto à distância um surpreendente número de vezes. Parecia frequentar o balneário e a garagem de barcos de Rhodes-on-the-Pawtuxet, e os questionamentos posteriores feitos pelo Dr. Willett nesse local trouxeram à tona o fato de

que o propósito do investigador era sempre encontrar uma via de acesso à margem do rio, cercada por arbustos ao longo dos quais costumava seguir rumo ao norte, e em geral demorava a retornar.

No fim de maio houve uma retomada momentânea dos sons ritualísticos no laboratório do sótão que provocou uma severa reprimenda do Sr. Ward e uma promessa um tanto distraída de Charles de que se retificaria. Tudo aconteceu pela manhã, e parecia consistir em uma continuação da conversa imaginária percebida na turbulenta Sexta-Feira Santa. O jovem mantinha um debate ou uma discussão acalorada consigo mesmo, pois de repente ergueu-se uma série perfeitamente reconhecível de gritos conflitantes em diferentes tons, como se fossem exigências e recusas alternadas, que levou a Sra. Ward a subir a escada correndo e postar-se junto à porta a fim de escutar. Não pôde ouvir mais do que um fragmento cujas únicas palavras audíveis foram “preciso que fique vermelho durante três meses”, e, quando bateu, todos os sons cessaram no mesmo instante. Quando mais tarde foi questionado pelo pai, Charles afirmou que havia certos conflitos de esferas da consciência que somente uma grande habilidade seria capaz de evitar, mas que se esforçaria por transferi-los a outros reinos.

No meio de junho, ocorreu um bizarro incidente noturno. No fim da tarde, ouviram-se barulhos e estrépitos no laboratório do sótão, e o Sr. Ward esteve a ponto de investigá-los quando, de repente, cessaram. À meia-noite, depois que a família tinha se recolhido, o mordomo estava trancando a porta da frente quando, de acordo com o depoimento, Charles apareceu com passos cambaleantes e incertos junto ao pé da escada com uma enorme valise e pôs-se a fazer sinais indicativos de que queria sair. O jovem não proferiu sequer uma palavra, mas o valoroso nativo de Yorkshire percebeu o olhar febril do patrão e começou a tremer sem saber ao certo por quê. Abriu a porta e o jovem Ward saiu, porém, na manhã seguinte o homem pediu demissão à Sra. Ward. Segundo disse, havia algo de profano no olhar com que Charles o havia encarado. Não convinha que um jovem cavalheiro olhasse para um empregado honesto daquela maneira, e assim o mordomo afirmou que não poderia ficar sequer mais uma noite. A Sra. Ward dispensou-o, mas não deu muita importância ao comentário. Imaginar Charles em um estado febril naquela noite parecia um tanto ridículo, pois durante todo o tempo em que esteve acordada a Sra. Ward não ouviu mais do que rumores no laboratório do sótão; sons que sugeriam passos e um choro convulsivo, e suspiros que nada revelavam além de um profundo desespero. A mulher havia se acostumado a apurar o ouvido em busca de sons durante a noite, pois o

mistério do filho sobrepunha-se a todos os demais pensamentos.

No entardecer seguinte, como em outro entardecer cerca de três meses antes, Charles Ward pegou o jornal muito cedo e acidentalmente perdeu a seção principal. O assunto foi retomado apenas mais tarde, quando o Dr. Willett começou a investigar as pontas soltas e a buscar os elos faltantes aqui e acolá. Na redação do *Journal*, conseguiu encontrar a seção que Charles havia perdido, e identificou duas notas de possível interesse. Ei-las:

MAIS ESCAVAÇÕES NO CEMITÉRIO

> *Hoje pela manhã, Robert Hart, o guarda-noturno do North Burial Ground, descobriu que ladrões de sepultura estiveram mais uma vez em atividade na parte antiga do cemitério. O túmulo de Ezra Weeden, nascido em 1740 e falecido em 1824, segundo a lápide de ardósia tombada e completamente lascada, foi escavado e violado, sem dúvida mediante o uso de uma pá que se encontrava na casa de ferramentas adjacente.*
>
> *Qualquer que pudesse ser o conteúdo do jazigo mais de um século após a ocasião do enterro, não se encontrou nada além de umas poucas lascas de madeira apodrecida. Não havia marcas de rodas, mas a polícia examinou as pegadas encontradas nas proximidades e concluiu que foram deixadas pelas botas de um homem requintado.*
>
> *Hart acredita que o incidente esteja relacionado à escavação frustrada de março passado, quando um grupo de homens em um caminhão foi descoberto após cavar um buraco um tanto profundo, mas o sargento Riley, da Segunda Delegacia de Polícia, descarta essa hipótese e afirma haver diferenças fundamentais entre os dois casos. Em março, a escavação ocorreu em um local onde não havia nenhuma sepultura conhecida; porém, dessa vez um túmulo bem sinalizado e em boas condições de preservação foi violado de maneira voluntária e com requintes de malignidade consciente expressos na depredação na lápide, que se encontrava intacta no dia anterior ao ocorrido.*
>
> *Os membros da família Weeden manifestaram espanto e pesar, e não conseguiram pensar em nenhum inimigo que pudesse querer profanar o túmulo desse antepassado. Hazard Weeden, domiciliado à Angell Street, 598, afirma conhecer uma lenda segundo a qual Ezra Weeden teria se envolvido em circunstâncias bastante peculiares, embora não desonrosas, pouco antes da Revolução; mas desconhece qualquer inimizade ou mistério na época atual. O inspetor Cunningham assumiu o caso e espera descobrir pistas valiosas nos próximos dias.*

CACHORROS EM POLVOROSA EM PAWTUXET

Os moradores de Pawtuxet acordaram por volta das três horas da manhã de hoje com o alarido ensurdecedor dos inúmeros cachorros que latiam, principalmente às margens do rio logo ao norte de Rhodes-on-the-Pawtuxet. Segundo o relato de testemunhas, o volume e a qualidade dos uivos era singular ao extremo; e Fred Lemdin, o guarda-noturno em Rhodes, afirmou que, em meio ao alarido, era possível distinguir o que pareciam ser os gritos de um homem em terror e agonia mortais. Uma tempestade elétrica breve e intensa, que começou próximo às margens do rio, pôs fim ao tumulto. Estranhos e desagradáveis odores com provável origem nos tanques de óleo dispostos ao longo da baía foram identificados como provável causa do incidente, e de fato podem ter contribuído para alterar o temperamento dos animais.

O aspecto de Charles agora tornara-se muito conturbado e atormentado e todos concordaram posteriormente que nesse período ele talvez desejasse prestar alguma declaração ou fazer uma confissão das quais se abstinha por mero terror. O mórbido hábito da Sra. Ward de escutar à noite revelou que Charles Ward com frequência saía da casa sob o manto da escuridão, e a maior parte dos psiquiatras mais acadêmicos associam-no aos revoltantes casos de vampirismo que a imprensa noticiou com requintes sensacionalistas na época, embora ainda não tenham sido atribuídos de maneira conclusiva a nenhum malfeitor conhecido. Aqueles casos, demasiado recentes e célebres para que seja necessário entrar em detalhes, envolvem vítimas das mais variadas características e faixas etárias, e parecem centrar-se em duas localidades distintas: na parte residencial do morro e no North End, próximos à casa da família, e nos distritos suburbanos do outro lado da Cranston Line, próximo a Pawtuxet. Viajantes noturnos e pessoas acostumadas a dormir com as janelas abertas foram vítimas de ataques, e os que sobreviveram para contar a história falaram em um monstro esbelto e ágil que soltava fogo nos olhos, cravava os dentes na garganta ou na parte superior do braço da vítima e banqueteava-se com um apetite voraz.

O Dr. Willett, que se recusa a datar a loucura de Charles Ward até mesmo nessa época, mostra-se cauteloso ao tentar explicar esses horrores. Afirma ter certas teorias próprias e limita suas declarações positivas a um tipo peculiar de negação. “Não pretendo”, diz ele, “apontar quem ou o que acredito ter perpetrado esses ataques e assassinatos, mas declaro que Charles Ward era inocente. Tenho razões para garantir que ele ignorava o gosto do sangue, como de fato seu contínuo definhamento físico, em função da anemia, e uma crescente palidez comprovam mais do que qualquer argumento verbal. Ward se envolveu com coisas terríveis, mas pagou por isso; ele jamais foi um monstro ou um vilão. Quanto ao que está acontecendo agora, nem gosto de pensar. Houve uma mudança e

quero crer que o velho Charles Ward morreu com ela. Sua alma morreu, de qualquer forma, mas o corpo tresloucado que desapareceu do hospital de Waite tinha outra".

Willett falava com autoridade, pois estava com frequência na casa dos Ward cuidando da Sra. Ward, cujos nervos haviam começado a se deteriorar com a tensão. As audições noturnas haviam engendrado alucinações mórbidas reveladas com certo receio para o médico, que as ridicularizava ao falar com a paciente, mas ponderava-as em profundas reflexões quando sozinho. Todos esses delírios referiam-se aos sons tênues que a Sra. Ward imaginava ouvir no laboratório e no quarto do sótão, e enfatizavam a ocorrência de suspiros abafados e choro nos horários mais impossíveis. No início de julho, Willett mandou a Sra. Ward passar uma temporada de convalescência em Atlantic City sem data para voltar, e orientou o Sr. Ward e o desalentado e fugidio Charles a escrever-lhe apenas com boas notícias. É possível que a mulher deva a sanidade e a própria vida a esse afastamento indesejado e compulsório.

2.

Pouco tempo após a partida da mãe, Charles Ward começou a negociar a casa em Pawtuxet. Era uma pequena e sórdida construção de madeira com uma garagem de concreto, empoleirada no alto da margem esparsamente povoada do rio acima de Rhodes, mas, por algum motivo bizarro, o jovem não demonstrou interesse por nenhuma outra propriedade. Tampouco deu sossego aos corretores imobiliários enquanto não lograram comprar o imóvel de um proprietário avesso ao negócio por uma soma exorbitante, e, assim que a casa foi desocupada, Charles instalou-se no local sob o manto da noite, transportando em um grande caminhão fechado todo o conteúdo do laboratório no sótão, incluindo os livros que havia retirado do gabinete. O caminhão foi carregado durante as trevas da madrugada, e o pai recorda-se apenas de perceber imprecações abafadas e o som de passos na noite em que os bens foram levados. A seguir, Charles tornou a ocupar os antigos aposentos no terceiro andar e nunca mais voltou a frequentar o sótão.

Para a casa em Pawtuxet Charles levou todo o sigilo que antes rodeava o antigo reino do sótão. A única diferença foi que, a partir desse ponto, passou a dar a impressão de ter dois companheiros de mistério: um mestiço português de aspecto repulsivo que trabalhava na zona portuária da South Main Street como criado e um magro e erudito forasteiro que usava óculos escuros e uma barba cerrada de aspecto tingido cuja posição

era sem dúvida a de um colega. Os vizinhos tentaram em vão entabular conversas com esses singulares personagens. O mulato Gomes falava muito pouco inglês e o sujeito barbudo, que dissera chamar-se Dr. Allen, seguia voluntariamente seu exemplo. O próprio Ward tentou ser mais afável, mas só conseguiu provocar a curiosidade com seus relatos desconexos a respeito de pesquisas químicas. Não tardou para que estranhas histórias referentes a luzes acesas a noite toda começassem a circular, e, pouco tempo depois, quando cessaram, surgiram histórias mais esquisitas ainda sobre encomendas descomunais de carne no açougue e gritos, entoações abafadas, recitações rítmicas e berros supostamente provenientes de algum local subterrâneo e profundo debaixo da casa. É evidente que a nova e estranha residência era profundamente detestada pela honesta burguesia da vizinhança, e não é de estranhar que tenham sido levantadas terríveis suspeitas ligando seus habitantes à atual epidemia de ataques vampirescos, em particular devido ao fato de que o raio de ação parecia agora restringir-se totalmente a Pawtuxet e às ruas adjacentes de Edgewood.

Ward passava a maior parte do tempo na casa em Pawtuxet, mas por vezes dormia na mansão da família e ainda era reconhecido como morador sob o teto do pai. Por duas vezes ausentou-se da cidade em viagens de uma semana cujos destinos ainda não foram descobertos. Estava cada vez mais pálido e mais descarnado e parecia ter perdido a antiga convicção quando repetiu para o Dr. Willett a velha história sobre pesquisas vitais e revelações futuras. Willett muitas vezes interpelava-o na casa do pai, pois o patriarca Ward demonstrava perplexidade e preocupação extremas e desejava que o filho recebesse tanta supervisão quanto fosse possível oferecer a um adulto tão sigiloso e independente. O médico insistia em afirmar que o rapaz mantinha o pleno domínio de todas as faculdades mentais até esse ponto e apresentava evidências colhidas ao longo de inúmeras conversas para demonstrar essa afirmação.

Por volta de setembro, os casos de vampirismo diminuíram, mas no mês de janeiro do ano seguinte Ward quase acabou envolvido em problemas sérios. Por um tempo a chegada e a saída de caminhões à noite na casa de Pawtuxet tinham sido motivo de comentários, e foi nessa circunstância que um obstáculo inesperado revelou a natureza de pelo menos um item transportado nos carregamentos. Um local isolado próximo ao Hope Valley foi palco de uma das frequentes e sórdidas emboscadas promovidas pelos assaltantes de caminhões em busca de carregamentos de bebida, porém, dessa vez, os ladrões estavam destinados a levar um tremendo susto. Ao serem abertas, as caixas oblongas das quais se haviam apossado

revelaram coisas medonhas ao extremo; a bem dizer, tão medonhas que não foram mantidas em sigilo nem mesmo pelos frequentadores do submundo. Os ladrões enterraram às pressas o que haviam encontrado, mas quando a polícia tomou conhecimento do caso, iniciou-se uma busca minuciosa. Um andarilho preso não muito tempo antes, mediante a promessa de que não seria indiciado por nenhum outro crime, por fim concordou em levar um grupo de investigadores ao local e, no esconderijo cavado às pressas, foi encontrado um carregamento vergonhoso e horrendo. Não faria bem ao decoro nacional ou mesmo internacional que a população soubesse o que foi encontrado por esse atônito grupo de investigadores.

Não havia engano possível, nem mesmo para aqueles investigadores nada estudiosos, e logo telegramas foram despachados para Washington com uma rapidez frenética.

As caixas eram endereçadas a Charles Ward em sua casa em Pawtuxet e agentes estaduais e federais imediatamente fizeram-lhe uma visita com motivos enérgicos e sérios. Encontraram-no pálido e preocupado com seus dois estranhos companheiros e receberam dele o que lhes pareceu uma explicação válida e provas de inocência. O rapaz necessitara de alguns espécimes anatômicos como parte de um programa de pesquisa cuja profundidade e autenticidade qualquer um que o conhecesse na última década poderia comprovar, e encomendara tipo e número exigidos a certas agências que ele julgara tão legítimas quanto esse tipo de coisas poderia ser. Quanto à identidade do espécime, afirmou nada saber, e a bem da verdade mostrou-se chocado quando os inspetores sugeriram o impacto monstruoso que o ocorrido poderia ter sobre o sentimento público e a dignidade nacional se porventura viesse à tona. O depoimento foi confirmado pelo colega barbudo, Dr. Allen, cuja estranha voz cava transmitia ainda mais convicção do que o tom nervoso em que se expressava; e assim os oficiais decidiram não levar o caso adiante e limitaram-se a anotar o nome e o endereço em Nova York que Ward havia mencionado como ponto de partida para uma busca que no fim não deu em nada. Cabe mencionar que os espécimes foram devolvidos ao lugar de origem com a maior brevidade e o maior sigilo possíveis, e que a população jamais tomará conhecimento dessa profanação blasfema.

No dia 9 de fevereiro de 1928, o Dr. Willett recebeu de Charles Ward uma carta que considerou ser de extraordinária importância e que serviu como tema de inúmeras discussões com o Dr. Lyman. Este acreditou que a correspondência trazia provas irrefutáveis de um evidente caso de *dementia praecox*, enquanto Willett a interpretou como a última

manifestação salubre do malfadado jovem. O médico da família chamou especial atenção para a caligrafia, que, embora trouxesse evidências de uma alteração nervosa, representava de maneira fidedigna o estilo de Ward. Eis o texto integral da carta:

> Prospect St., 100, Providence, R.I., 8 de março de 1928.
>
> CARO DR. WILLETT – Sinto que enfim chegou o momento de fazer as revelações que há muito tempo prometi ao senhor, e pelas quais o senhor tantas vezes me pressionou. A paciência demonstrada nessa espera e a confiança evidenciada pelo senhor em relação à minha sanidade e à minha integridade serão motivos de eterno apreço da minha parte.
>
> Mesmo agora, quando me encontro disposto a falar, reconheço humilhado que um triunfo como o que idealizei jamais poderá ser atingido – pois, em vez do triunfo, encontrei o terror, e a revelação que ora ofereço não é a bravata de um vitorioso, mas apenas o pedido de um suplicante em busca de ajuda e de conselhos para salvar a si mesmo e ao mundo de um horror que transcende toda a concepção humana. Com certeza o senhor recorda o que as cartas de Fenner dizem a respeito do antigo grupo encarregado da invasão em Pawtuxet. Tudo aquilo precisa ser feito mais uma vez, e depressa. De nossas providências dependem mais coisas do que seria possível expressar em palavras – todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do sistema solar e do universo como um todo. Eu trouxe à luz do dia uma aberração monstruosa, porém meu único objetivo era a obtenção de conhecimento. Agora, em nome da vida e da Natureza, o senhor precisa me ajudar a empurrá-la de volta para as trevas.
>
> Abandonei a residência em Pawtuxet para sempre, e precisamos aniquilar tudo aquilo que lá se encontra, independentemente de estar vivo ou morto. Não pretendo voltar jamais àquele lugar, e o senhor não deve acreditar se em algum momento receber notícias de que me encontro lá.
>
> Prometo explicar o motivo quando nos encontrarmos pessoalmente. Voltei para casa em definitivo, e gostaria que o senhor me fizesse uma visita na primeira oportunidade em que possa dispor de cinco ou seis horas ininterruptas para ouvir o que tenho a dizer. Todo esse tempo será necessário – e acredite em mim quando digo que o senhor nunca teve um dever profissional mais genuíno do que esse. Minha vida e minha sanidade são as coisas menos importantes que estão em jogo.
>
> Não me atrevo a contar nada ao meu pai, que não conseguiria apreender o todo. Mesmo assim, informei-o do perigo atual, e agora temos quatro homens de uma agência de detetives vigiando a casa. Não tenho certeza de que possam ter grande serventia, pois o oponente é uma força que mesmo o senhor mal poderia conceber ou admitir. Assim, peço que venha logo se pretende me encontrar vivo e saber como pode ajudar a salvar o cosmos de

um inferno completo.

Venha a qualquer momento – não vou mais sair de casa. Não telefone antes, pois não há como saber quem ou o que pode tentar emboscá-lo no caminho. Rezemos a quaisquer deuses que existam para que nada possa impedir nosso encontro.

Na mais absoluta gravidade e desespero,

CHARLES DEXTER WARD.

P.S.: Caso encontre o Dr. Allen, mate-o a tiros no ato e dissolva o corpo em ácido. Não o queime.

O Dr. Willett recebeu o bilhete por volta das dez e meia da manhã e imediatamente resolveu dedicar todo o fim do entardecer e toda a noite a essa importantíssima conversa, disposto a permitir que se estendesse por tanto tempo quanto fosse necessário. Planejou chegar por volta das quatro horas da tarde, e durante o tempo que antecedeu o encontro viu-se tão distraído por todo tipo de especulações improváveis que executou a maioria das tarefas de forma mecânica. Por mais lunática que a carta pudesse ter soado aos ouvidos de um estranho, Willett conhecia as excentricidades de Charles Ward demasiado a fundo para considerá-las um simples caso de alucinação. Tinha quase certeza de que uma sombra furtiva, antiga e terrível pairava sobre a revelação, e a referência ao Dr. Allen quase podia ser compreendida à luz do que os boatos correntes em Pawtuxet diziam a respeito do enigmático colega de Ward. Willett nunca o tinha visto, mas escutara vários comentários sobre o aspecto e o porte desse personagem, e por esse motivo nutria uma certa curiosidade em relação aos olhos que os óculos escuros discutidos nas mais variadas rodas sociais podiam ocultar.

Pontualmente às quatro horas da tarde, o Dr. Willett apresentou-se na residência dos Ward, porém descobriu, com justificada frustração, que Charles não cumprira a promessa de manter-se em casa. Os guardas estavam a postos, mas informaram-lhe que o jovem aparentava ter perdido um pouco da timidez. Segundo um dos detetives, naquela manhã tinha feito reclamações e protestos um tanto receosos ao telefone, respondendo a uma voz desconhecida com frases como “Estou muito cansado e preciso descansar um pouco”, “Não posso receber ninguém por algum tempo, desculpe”, “Por favor, adie as medidas decisivas para quando pudermos chegar a um meio-termo” e “Lamento, mas preciso tirar férias de tudo; conversamos mais tarde”. Por fim, tendo aparentemente encontrado coragem na meditação, esgueirou-se para a rua com tanto

sigilo que ninguém o viu partir ou sequer percebeu que havia se ausentado enquanto não voltou, por volta da uma hora da tarde, e entrou na casa sem dizer uma palavra. Subiu as escadas de imediato, o que parece ter causado o ressurgimento parcial do medo, pois, quando entrou na biblioteca, ouviram-no soltar um grito de pavor que aos poucos deu lugar a uma espécie de arquejo sufocado.

Quando, no entanto, o mordomo subiu para averiguar qual era o problema, Charles recebeu-o junto à porta com uma grande demonstração de coragem e dispensou-o com um gesto que infundiu no serviçal um terror inexplicável. A seguir, procedeu sem dúvida a uma reorganização das prateleiras, uma vez que se ouviram estrépitos, baques e rangidos; e por fim reapareceu e de imediato saiu da casa. Willett perguntou se Ward teria deixado alguma mensagem, mas foi informado de que não havia nenhuma. O mordomo parecia demonstrar uma estranha perturbação relativa a alguma coisa na aparência e nos modos de Charles, e indagou, preocupado, se havia esperança de cura para o estado de nervos em que se encontrava.

Durante quase duas horas, o Dr. Willett esperou em vão na biblioteca de Charles Ward, observando as prateleiras cobertas de poeira e repletas de grandes espaços vazios de onde haviam sido retirados os livros, e sorrindo severamente para o painel da chaminé na parede norte, de onde um ano antes as feições afáveis de Joseph Curwen olhavam com ar benigno para baixo.

Passado algum tempo, as sombras do crepúsculo adensaram-se, e o pôr do sol deu lugar a um vago terror crescente que fugia como uma sombra perante a noite. O Sr. Ward por fim chegou e demonstrou surpresa e raiva ao saber da ausência do filho depois de todas as precauções que tomara para resguardá-lo. Não sabia nada acerca do encontro marcado por Charles, e prontificou-se a notificar Willett assim que o jovem retornasse. Ao despedir-se do médico, expressou a mais absoluta perplexidade em relação à situação do filho, e suplicou ao visitante que fizesse todo o possível a fim de restabelecer a compostura normal do rapaz. Willett sentiu-se aliviado ao deixar a biblioteca, pois algo terrível e profano dava a impressão de assombrar o lugar, como se o retrato desaparecido tivesse deixado para trás um legado maligno. Nunca tinha gostado daquela pintura e, naquele instante, por mais domínio que tivesse sobre os próprios nervos, uma qualidade indefinível no painel vazio o fazia sentir a necessidade urgente de sair para o ar puro o mais depressa possível.

3.

Na manhã seguinte, Willett recebeu uma mensagem do patriarca Ward dizendo que Charles seguia ausente. O Sr. Ward mencionou que o Dr. Allen telefonara para dizer que Charles permaneceria em Pawtuxet por algum tempo e que não devia ser perturbado. Todas essas medidas eram necessárias porque o próprio Allen de repente viu-se obrigado a se ausentar por um período indefinido, durante o qual as pesquisas seriam deixadas aos cuidados de Charles. O jovem Ward havia mandado saudações e pedia desculpas por quaisquer transtornos causados pela súbita mudança de planos. O Sr. Ward escutou a voz do Dr. Allen pela primeira vez ao ouvir essa mensagem, e o timbre pareceu reavivar uma lembrança vaga e fugidia que não podia ser identificada de maneira precisa, mas se mostrava perturbadora a ponto de causar temor.

Ao confrontar-se com esses relatos contraditórios e intrigantes, o Dr. Willett não soube como reagir.

Não havia como negar a seriedade frenética do bilhete de Charles, mas o que se poderia cogitar a respeito da violação imediata das políticas expressas pelo próprio missivista? O jovem Ward escrevera que os aposentos que habitava tinham se transformado em um lugar blasfemo e ameaçador, que deviam ser aniquilados juntamente com o colega barbudo a qualquer custo e que ele próprio jamais retornaria ao local; porém, de acordo com os últimos relatos, havia se esquecido de tudo e voltado a envolver-se com o mistério. O senso comum recomendaria deixar o jovem em paz com essas excentricidades, porém, um instinto mais profundo impedia que a impressão causada pela carta frenética desaparecesse. Willett leu e releu a mensagem, mas não conseguiu fazer com que sua soasse vazia e insana como a verborragia bombástica e a súbita inobservância da conduta recomendada poderiam sugerir. O terror era demasiado profundo e real e, somado a tudo que o médico sabia, evocava sugestões excessivamente vívidas de monstruosidades para além do tempo e do espaço para que permitissem qualquer tipo de explicação mais cética. Havia horrores inomináveis à espreita; e, por mais improvável que se afigurasse uma tentativa de aproximação, era necessário estar preparado para tomar providências a qualquer momento.

Por mais de uma semana, o Dr. Willett meditou sobre o dilema que parecia haver se imposto, e assim viu-se cada vez mais inclinado a fazer uma visita a Charles na casa em Pawtuxet. Nenhum amigo do jovem havia se aventurado a penetrar no refúgio proibido, e mesmo o patriarca Ward conhecia apenas os detalhes interiores que o filho descrevera; mas Willett

sentiu que uma conversa direta com o paciente seria necessária. O Sr. Ward vinha recebendo correspondências breves e evasivas do filho, sempre datilografadas, e afirmou que a situação da Sra. Ward não era diferente em Atlantic City.

Por fim, o Dr. Willett decidiu agir e, apesar de uma sensação curiosa inspirada pelas velhas lendas a respeito de Joseph Curwen e das revelações e alertas recentes de Charles Ward, partiu cheio de coragem rumo à casa situada nas margens do rio.

Movido por uma profunda curiosidade, Willett já havia visitado o local, embora jamais tivesse adentrado a casa ou mencionado essa incursão; e, portanto, sabia exatamente qual caminho seguir. Depois de pegar o carro e tomar a Broad Street em uma tarde no fim de fevereiro, pensou com certa estranheza no sinistro grupo de homens que havia tomado aquele mesmo caminho cento e cinquenta e sete anos atrás para cumprir uma missão que ninguém jamais poderá compreender.

O trajeto pela periferia decadente da cidade era curto, e a graciosa Edgewood e a sonolenta Pawtuxet logo se estenderam à frente. Willett virou à esquerda para descer a Lockwood Street e continuou dirigindo pela estrada rural até onde era possível; então desceu do carro e prosseguiu a pé rumo ao norte, onde a margem erguia-se em meio às belas curvas do rio e aos rochedos nebulosos que se espraiavam mais além. As casas ainda eram um tanto esparsas naquele ponto, e não havia como enganar-se a respeito da construção com a garagem de concreto em um ponto elevado à esquerda. Após subir a passos lépidos a estrada de cascalho abandonada, o médico bateu à porta com a mão firme e falou sem nenhum temor com o mulato português que a abriu pouco mais do que uma fresta.

Alegou que precisava ver Charles Ward o quanto antes para discutir um assunto de vital importância. Nenhuma desculpa seria aceita, e uma eventual recusa significaria um relato completo do ocorrido ao patriarca Ward. O mulato continuou hesitante e empurrou a porta no momento em que Willett tentou abri-la; porém, o médico ergueu a voz e tornou a repetir as exigências. Nesse instante, veio do interior sombrio um sussurro rouco que enregelou o sangue do visitante, ainda que não conhecesse o motivo desse temor. “Deixe-o entrar, Tony”, disse a voz; “agora podemos conversar.” Mas por mais perturbador que fosse o sussurro, um temor ainda maior veio logo a seguir. O assoalho estalou e o misterioso interlocutor se revelou – e o dono daquela estranha e ribombante voz não era outro senão Charles Dexter Ward.

A precisão com que o Dr. Willett recordou e registrou a conversa dessa tarde deve-se à importância que atribui a esse período em particular. A partir desse ponto, o médico enfim reconhece a ocorrência de uma alteração fundamental na mentalidade de Charles Dexter Ward, e acredita que o jovem que encontrou na casa em Pawtuxet falava movido por ideias e pensamentos totalmente estranhos às ideias e aos pensamentos do rapaz que tinha acompanhado ao longo de vinte e seis anos. A polêmica com o Dr. Lyman obrigou-o a ser mais específico, e assim o Dr. Willett afirmou que a loucura de Charles Ward começou na época em que passou a enviar as correspondências datilografadas para os pais. Essas correspondências não apresentam o estilo habitual de Ward nem no estilo da última carta frenética endereçada a Willett.

Parecem estranhas e arcaicas, como se o colapso mental do remetente tivesse feito transbordar uma torrente de pendores e impressões acumuladas de maneira inconsciente ao longo de toda uma infância de apreço ao antiquarismo. Percebe-se uma evidente tentativa de parecer moderno, porém, o espírito e por vezes a linguagem das cartas remontam ao passado.

O passado também se evidenciou na postura e nos gestos de Ward quando recebeu o Dr. Willett na casa obscura. Charles fez uma mesura, indicou um assento a Willett e, sem mais delongas, começou a falar de repente naquele estranho sussurro que tentou explicar desde o primeiro momento.

“Estou tísico”, disse, “por causa dos ventos desse rio maldito. Por favor, não repare na minha voz. Imagino que o meu pai o tenha mandado averiguar o que me aflige, mas espero que o senhor não leve notícias alarmantes.”

Willett estudou aqueles sons com o maior cuidado, mas estudou ainda mais de perto a expressão do interlocutor. Percebeu que havia alguma coisa errada; e lembrou-se do que a família lhe dissera a respeito do susto que o mordomo de Yorkshire havia tomado em uma certa noite. Desejou que não estivesse tão escuro, mas não pediu que as cortinas fossem abertas. Em vez disso, simplesmente perguntou a Ward por que tinha contrariado o bilhete frenético enviado pouco menos de uma semana antes.

“É o que eu gostaria de explicar”, respondeu o anfitrião. “Como o senhor deve saber, meus nervos encontram-se em um estado deveras precário, e assim me levam a dizer e a fazer coisas pelas quais não posso ser responsabilizado. Conforme afirmei em inúmeras ocasiões, estou envolvido em pesquisas de extrema importância, e a grandeza dessas

pesquisas por vezes embota-me os pensamentos. Qualquer um haveria de sentir-se assustado pelo que descobri, mas não posso adiar meu progresso por muito tempo. Sinto-me um idiota por ter pedido aquela guarda e me decidido a ficar em casa, pois o meu lugar é aqui. Não sou bem falado por meus vizinhos bisbilhoteiros, e talvez a fraqueza tenha me levado a acreditar no que disseram a meu respeito. Não há mal algum no que faço, desde que eu o faça direito. Tenha a bondade de aguardar seis meses e hei de recompensar sua paciência".

"O senhor deve saber que tenho maneiras de inteirar-me a respeito de temas antigos valendo-me de fontes mais confiáveis que os livros, e, portanto, deixo-lhe a tarefa de julgar a importância da contribuição que posso fazer à história, à filosofia e às artes por conta dos meios a que tive acesso. Meu antepassado dispunha dessas coisas todas quando aqueles idiotas enxeridos vieram matá-lo. Eu agora tenho-as mais uma vez ao meu dispor, ou ao menos hei de ter alguma parte, ainda que de maneira imperfeita. Dessa vez nada deve acontecer, e acima de tudo não em decorrência de meus temores estúpidos. Rogo ao senhor que esqueça tudo o que escrevi, e que não tenha medo desse lugar nem das pessoas que aqui se encontram. O Dr. Allen é um homem decente, e devo-lhe um pedido de desculpas por todos os males que espalhei a seu respeito. Eu não gostaria de tê-lo dispensado, porém, tinha compromissos em outro lugar. O fervor que demonstra em relação a essas coisas não é menor do que o meu, e imagino que, quando temi meu dever, também o temi na condição de meu principal ajudante".

Ward deteve-se e o Dr. Willett mal soube o que fazer ou pensar. Sentiu-se quase tolo em vista desse tranquilo repúdio em relação à carta; porém, mesmo assim ateve-se ao fato de que, embora tivesse parecido estranha, bizarra e sem dúvida insana, a mensagem tinha sido trágica por conta da naturalidade e da profunda semelhança que guardava com o Charles Ward que conhecia de outrora. Willett tentou abordar temas mais antigos para que o jovem recordasse eventos passados capazes de restaurar uma atmosfera mais familiar, entretanto, obteve apenas resultados grotescos nesse processo. O mesmo se repetiu mais tarde com todos os psiquiatras. Partes importantes da massa de imagens mentais de Charles Ward, principalmente aquelas que diziam respeito aos tempos modernos e à sua vida pessoal, haviam sido inexplicavelmente eliminadas, enquanto toda afeição pelas antiguidades acumulada na juventude brotava de um profundo subconsciente que tragava o contemporâneo e o individual. O conhecimento íntimo que o jovem evidenciava acerca de coisas antigas era anômalo e profano, e por esse motivo o paciente tentava ocultá-lo da

melhor forma possível. Às vezes, quando Willett mencionava um objeto favorito dos estudos arcaicos da infância, Charles Ward revelava por acaso um conhecimento de que nenhum mortal comum poderia dispor, e, quando essas alusões surgiam, o médico sempre estremecia.

Não era saudável deter tanto conhecimento a respeito de como a peruca do rotundo xerife caiu quando se inclinou para frente durante uma encenação na Histrionick Academy do Sr. Douglass, em plena King Street, no dia 11 de fevereiro de 1762, uma quinta-feira; nem a respeito da ocasião em que os atores fizeram tantos cortes no texto de *O Amante Consciente*, de Steele, que o fechamento do teatro pela legislatura batista da época duas semanas mais tarde foi visto quase com alegria por certas pessoas. Que o coche para Boston de Thomas Sabin era “desconfortável de sobejo” as correspondências da época talvez pudessem revelar; mas que antiquarismo saudável poderia recordar que os estalos da nova placa de Epenetus Olney (a espalhafatosa coroa adotada depois que passou a chamar a taverna de Crown Coffee House) soavam exatamente como as primeiras notas da nova canção de jazz que tocava em todas as rádios de Pawtuxet?

Ward, contudo, não se deixava questionar por muito tempo nessa veia. Os tópicos pessoais e modernos eram abandonados de maneira sumária, e os temas antigos não tardavam a aborrecê-lo. O que claramente pretendia fazer era satisfazer a curiosidade do visitante para que fosse embora sem a intenção de voltar. A fim de atingir esse objetivo, dispôs-se a mostrar a Willett a casa inteira, e, no instante seguinte, começou a acompanhar o médico por todos os cômodos do porão ao sótão. Willett examinou tudo com atenção e percebeu que os livros visíveis eram demasiado parcos e triviais para que pudessem ter preenchido as grandes lacunas deixadas nas prateleiras de Ward, e também que o suposto “laboratório” não passava de uma fachada das mais ordinárias. Sem dúvida havia uma biblioteca e um laboratório em outro lugar, mas era impossível determinar onde. Derrotado na busca por algo que nem ao menos sabia o que era, Willett voltou para a cidade antes do anoitecer e contou ao patriarca Ward tudo o que havia se passado. Os dois chegaram à conclusão de que o jovem havia definitivamente perdido o controle sobre as próprias faculdades mentais, porém, acharam que nenhuma medida drástica precisaria ser tomada de imediato. Acima de tudo, a Sra. Ward devia ser mantida na mais absoluta ignorância a respeito do ocorrido, na medida que os estranhos bilhetes datilográficos do filho permitissem.

Na ocasião, o Sr. Ward decidiu fazer uma visita pessoal ao filho, sem comunicá-lo de antemão. O Dr. Willett levou-o de carro em um certo fim

de tarde, mostrou onde se situava a casa e esperou pacientemente o retorno do companheiro de viagem. A conversa foi longa, e por fim o pai saiu em um estado de profunda tristeza e perplexidade. A recepção fora similar à de Willett, com a diferença de que Charles levou um tempo deveras longo para apresentar-se depois que o visitante abriu passagem à força pelo corredor e mandou o português embora com uma ordem peremptória; e na compostura alterada do jovem não havia nenhum resquício de afeição filial. A iluminação era tênue, porém, mesmo assim Charles afirmou sentir-se ofuscado de maneira quase insuportável. Tinha falado em voz baixa, alegando que a garganta estava em condições precárias, mas no sussurro rouco havia algo vagamente perturbador que o Sr. Ward não conseguia afastar dos pensamentos.

Unidos em definitivo para fazer o quanto fosse possível a fim de resguardar a sanidade do jovem, o Sr. Ward e o Dr. Willett começaram a reunir todos os detalhes que pudessem encontrar acerca do caso. Os boatos que circulavam em Pawtuxet foram o primeiro item examinado, e a tarefa foi relativamente fácil, já que ambos tinham amigos na região. O Dr. Willett coletou o maior número de boatos, porque as pessoas dispunham-se a ser mais abertas com um médico do que com o pai da figura central – e, a dizer pelos relatos que colheu, o jovem Ward vinha levando uma vida deveras estranha. Os moradores não conseguiam dissociar a casa onde o jovem morava dos casos de vampirismo ocorridos no verão anterior, e a movimentação noturna dos caminhões dava origem a muitas outras especulações sombrias. Os comerciantes locais mencionaram a estranheza dos pedidos feitos pelo mulato de aspecto maligno e em particular as enormes quantias de carne e sangue frescos compradas dos únicos dois açougues da vizinhança. Para uma residência com apenas três pessoas, as quantidades eram absurdas.

Havia também a questão dos ruídos subterrâneos. Os relatos acerca disso eram difíceis de interpretar, mas todas as vagas insinuações concordavam nos detalhes essenciais. Surgiam ruídos de natureza ritual nas ocasiões em que a casa se encontrava às escuras. Poderiam, é claro, vir do porão conhecido; mas os rumores insistiam em afirmar que havia criptas mais extensas e mais profundas. Tendo em mente as antigas histórias sobre as catacumbas de Joseph Curwen e o pressuposto de que a casa atual tivesse sido escolhida por ocupar o mesmo terreno da antiga propriedade de Curwen, segundo informavam certos documentos encontrados atrás do retrato, o Dr. Willett e o Sr. Ward prestaram muita atenção a essa faceta dos boatos, e por inúmeras vezes procuraram, sem sucesso, a porta à margem do rio mencionada nos antigos manuscritos. Quanto à opinião

popular acerca dos vários habitantes da casa, logo ficou evidente que o português de Brava era odiado, que o Dr. Allen, barbudo e sempre de óculos, era temido e que o pálido e jovem estudioso era o objeto de uma profunda repulsa. Durante os dez ou quinze últimos dias, Ward sem dúvida havia sofrido mudanças profundas; tinha abandonado qualquer tentativa de mostrar-se afável e passara a falar apenas com sussurros roucos e estranhamente repulsivos nas raras ocasiões em que saía de casa.

Aqueles eram os retalhos e fragmentos coletados aqui e acolá pelo Sr. Ward e pelo Dr. Willett; e a respeito deles tiveram várias conferências longas e graves. Os dois se esforçaram por aplicar métodos de dedução, indução e imaginação criativa da forma mais abrangente possível, e também por estabelecer relações entre todos os fatos conhecidos acerca da vida recente de Charles, incluindo a carta frenética que o médico havia mostrado ao pai e as parcas evidências documentais disponíveis que diziam respeito a Joseph Curwen. Estariam dispostos a dar muita coisa em troca de um vislumbre dos papéis que Charles encontrara, pois sem dúvida a explicação para a loucura do jovem estava naquilo que aprendera sobre as façanhas do antigo feiticeiro.

4.

Apesar de tudo, o último movimento desse caso singular não se deveu às ações do Sr. Ward ou do Dr. Willett. O pai e o médico, confusos e perplexos ante uma sombra demasiado amorfa e intangível para que pudessem combatê-la, desfrutavam de um repouso intranquilo à espera do passo seguinte enquanto os bilhetes datilográficos do jovem Ward tornavam-se cada vez menos frequentes. Quando o dia primeiro do mês trouxe os ajustes financeiros habituais, os funcionários de certos bancos começaram a balançar a cabeça e a telefonar uns para os outros. Oficiais que conheciam Charles Ward de vista foram até a casa em Pawtuxet perguntar por que todos os cheques apresentados naquela circunstância traziam falsificações grosseiras no campo da assinatura, e receberam uma resposta menos convincente do que a desejada quando o jovem explicou com voz rouca que, nos últimos tempos, os tremores nervosos vinham-lhe afetando a mão a ponto de tornar a escrita normal impossível. Segundo disse, não conseguia mais formar caracteres manuscritos a não ser com extrema dificuldade, e resolveu provar o que dizia explicando que se vira obrigado a datilografar todas as correspondências recentes, inclusive aquelas endereçadas ao pai e à mãe, que poderiam confirmar essa alegação.

A confusão que levou os investigadores a se deterem não foi a circunstância isolada, pois referente àquilo não havia nada de inédito ou de suspeito; tampouco os boatos de Pawtuxet, a respeito dos quais um que outro investigador ouvira falar. Foi a fala desconexa do jovem que os deixou atônitos, uma vez que indicava uma total perda de memória no tocante a assuntos monetários de grande importância que apenas um ou dois meses antes tinham sido tratados com a mais absoluta desenvoltura. Alguma coisa estava errada, pois, a despeito do aspecto de coerência e de racionalidade presente no discurso, não poderia haver uma razão concebível para aquela ignorância escondida a duras penas em relação a tópicos vitais. Além disso, embora nenhum dos homens fosse muito próximo a Ward, todos perceberam uma alteração no porte e na maneira de falar do jovem. Tinham ouvido a respeito da afeição ao antiquarismo, porém nem mesmo o antiquário mais empedernido faria uso diário de frases e gestos obsoletos. No geral, essa combinação de voz rouca, mãos paralisadas, lacunas de memória e alterações de fala e de comportamento devia ser o indicativo de um distúrbio ou de uma moléstia grave, o que sem dúvida formava a base dos boatos que circulavam. Depois de partir, o grupo de oficiais decidiu que a providência mais urgente seria arranjar uma entrevista com o patriarca Ward.

Assim, no dia 6 de março de 1928, houve uma longa e séria conversa no escritório do Sr., após a qual o pai, totalmente desorientado, convocou o Dr. Willett com uma espécie de desamparada resignação. Willett examinou as assinaturas forçadas e desajeitadas nos cheques e comparou-as mentalmente à caligrafia daquela última carta desesperada. Com certeza a mudança fora radical e profunda, mas havia algo detestavelmente familiar na nova caligrafia. Apresentava fortes tendências a garatujas e arcaísmos de um tipo deveras curioso, e parecia ser o resultado de traçados muito diferentes daqueles, via de regra, usados pelo jovem. Parecia estranho – mas onde teria visto aquilo antes? Dado o contexto geral, era óbvio que Charles tinha enlouquecido. Quanto a isso não restavam dúvidas. E como parecia improvável que pudesse gerenciar a propriedade ou se manter no mundo dos negócios por mais tempo, alguma providência devia ser tomada o mais depressa possível em relação a uma possível curatela. Foi nesse ponto que os psiquiatras foram chamados: os Drs. Peck e Waite de Providence e o Dr. Lyman de Boston, a quem o Sr. Ward e o Dr. Willett ofereceram um relato tão abrangente quanto possível do caso, e que por fim mantiveram uma longa conferência na biblioteca ociosa do jovem enfermo, analisando os livros e papéis deixados para trás com vistas a formar uma opinião acerca do estado mental habitual do paciente.

Depois de averiguar o material e examinar o agourento bilhete enviado a Willett, todos concordaram que os estudos de Charles Ward haviam desequilibrado ou ao menos distorcido um intelecto comum, e manifestaram o vivo desejo de perscrutar outros volumes e documentos pessoais, mas sabiam que esse passo somente poderia ser dado no próprio local da casa em Pawtuxet. Willett tornou a analisar todo o caso com uma disposição febril, e foi por volta dessa época que colheu os depoimentos dos trabalhadores que tinham acompanhado o momento em que Charles descobrira os documentos de Curwen e coligiu os incidentes dos jornais danificados após localizá-los na redação do *Journal*.

Na quinta-feira, dia 8 de março, os Drs. Willett, Peck, Lyman e Waite, acompanhados pelo Sr. Ward, partiram rumo à tão aguardada visita ao jovem; não fizeram nenhum segredo a respeito do que pretendiam e questionaram o recém-declarado paciente com extrema minúcia. Charles, embora tenha levado um tempo excessivo para atender a porta e conquanto ainda trescalasse estranhos e nocivos odores do laboratório quando enfim se apresentou, mostrou-se um anfitrião nem um pouco recalcitrante, e admitiu com a mais absoluta franqueza que a memória e o equilíbrio mental haviam sofrido um pouco com a profunda dedicação a estudos abstrusos. Não ofereceu nenhuma resistência quando insistiram em que mudasse de acomodações e, a bem da verdade, pareceu evidenciar um alto grau de inteligência além da simples memória.

A conduta presenciada teria deixado os visitantes perplexos se não fosse a persistente tendência a arcaísmos na fala, enquanto a inconfundível substituição de ideias modernas por conceitos obsoletos marcava-o em definitivo como uma pessoa fora da normalidade. Quanto às pesquisas realizadas, não poderia dizer ao grupo de médicos mais do que já havia revelado previamente à própria família e ao Dr. Willett, e o bilhete frenético do mês anterior foi desdenhado como a simples consequência de nervos agitados e histeria. Charles insistiu em dizer que a casa ensombrecida não dispunha de um laboratório nem de uma biblioteca além daqueles que se podiam enxergar, e ofereceu explicações abstrusas quando pediram que explicasse a ausência, na casa, dos odores que lhe impregnavam as roupas.

Os boatos da vizinhança foram atribuídos à inventividade barata, impulsionados por uma curiosidade frustrada. Quanto ao paradeiro do Dr. Allen, disse que não estava em posição de oferecer informações precisas, mas assegurou aos inquiridores que o homem de barba e de óculos retornaria no momento oportuno. Ao demitir e pagar o impassível português de Brava que resistiu a todo tipo de questionamento da parte

dos visitantes e ao fechar a casa que ainda parecia guardar segredos obscuros, Ward não demonstrou nenhum sinal de nervosismo, salvo apenas por uma discreta tendência a deter-se e apurar o ouvido como se desejasse captar um som longínquo. Parecia estar animado por uma serena resignação filosófica, como se o afastamento fosse apenas um incidente passageiro que causaria menos transtornos se não oferecesse resistência e se livrasse daquilo o mais depressa possível.

Era evidente que confiava na agudeza intocada da própria mentalidade absoluta para vencer todos os constrangimentos em que a memória deturpada, a perda da voz e da caligrafia e o comportamento furtivo e excêntrico haviam culminado. Foi combinado que a mãe não seria informada a respeito dessa mudança, e que o pai haveria de enviar bilhetes datilográficos em nome do filho. Ward foi levado ao tranquilo e pitoresco hospital particular mantido pelo Dr. Waite em Conanicut Island, na baía, onde foi examinado e questionado minuciosamente por todos os médicos relacionados ao caso. Nesse ponto as anomalias físicas foram percebidas; o metabolismo desacelerado, a pele alterada e as reações neurais desproporcionais. O Dr. Willett era o mais perturbado dentre todos os examinadores, pois tinha acompanhado Ward ao longo de toda a vida e, portanto, era quem melhor podia dimensionar a gravidade e a extensão da decadência física. Até mesmo a familiar marca de nascença no quadril havia desaparecido, enquanto no peito havia surgido um sinal ou uma cicatriz de cor preta que nunca havia estado lá e que levou Willett a indagar se o jovem teria participado dos rituais de “marcação das bruxas” que supostamente ocorrem durante certos encontros noturnos insalubres em lugares ermos e selvagens. O médico não conseguia tirar da cabeça a transcrição do julgamento de uma bruxa em Salém que Charles lhe havia mostrado antes de adotar o comportamento furtivo, que dizia: “O senhor G.B. naquela noite pôs a Marca do Diabo em Bridget S., Jonathan A., Simon O., Deliverance W. Joseph C., Susan P., Mehitable C. e Deborah B.” O rosto de Ward também o horrorizava, e por fim descobriu de repente a causa de tamanho horror. Acima do olho direito do jovem, notou um detalhe que nunca havia percebido antes – uma pequena cicatriz ou depressão exatamente idêntica à presente na pintura decrépita do velho Joseph Curwen, que talvez indicasse uma inoculação ritualística medonha à qual ambos tivessem se submetido a certa altura da carreira ocultista.

Enquanto Ward intrigava os médicos do hospital, todas as correspondências endereçadas ao paciente ou ao Dr. Allen passaram a ser mantidas sob a mais estrita vigilância e entregues na mansão da família

Ward. Willett imaginou que o método traria poucos resultados, uma vez que as comunicações de natureza vital provavelmente seriam trocadas por meio de mensageiros; mas, no fim de março, uma carta que chegou de Praga para o Dr. Allen deixou tanto o médico quanto o pai um tanto pensativos. Veio escrita com garatujas arcaicas ao extremo e, embora não tivesse saído da pena de um estrangeiro, apresentava desvios quase tão singulares em relação à linguagem moderna quanto a maneira de falar do jovem Ward. Ei-la:

> Kleinstrasse, 11 Altstadt, Praga, 11 de fevereiro de 1928
>
> IRMÃO EM ALMOUSIN-METRATON – Recebi hoje seu relato do que saiu dos sais que enviei a você. Estava errado e significa claramente que as pedras tumulares haviam sido mudadas quando Barnabus me mandou o espécime. Isso acontece com frequência, como deve ter percebido pela coisa que recebeu do cemitério de Kings Chapell em 1769 e por aquela que recebeu do Cemitério Velho em 1690, que poderia acabar com ele. Obtive coisa semelhante no Egito, 75 anos atrás, de onde apareceu aquela cicatriz que o menino viu em mim em 1924. Como disse a você há muito tempo, não evoque aquilo que não puder mandar de volta quer pelos sais mortos quer pelas esferas do além. Tenha sempre prontas as palavras para mandar de volta todas as vezes e não espere para ter certeza quando tiver alguma dúvida de Quem você tem. As lápides estão todas mudadas agora em nove túmulos de cada dez. Nunca terá certeza enquanto não perguntar. Hoje recebi notícias de H., que teve problemas com os soldados. É provável que ele lamente o fato de a Transilvânia ter passado da Hungria para a Romênia e mudaria sua sede se o castelo não estivesse tão cheio daquilo que nós sabemos. Mas sem dúvida ele lhe escreveu a esse respeito. Na minha segunda remessa, haverá algo de um túmulo da colina do leste que muito lhe agradará. Enquanto isso, não esqueça que desejo B.F. se você puder chamá-lo para mim. Você conhece G. em Filadélfia melhor do que eu. Chame-o você em primeiro lugar se quiser, mas não o use demais; ele será difícil, terei de falar com ele no fim.
>
> Yogg-Sothoth Neblod Zin SIMON O.
>
> Para o senhor J.C. em Providence

O Sr. Ward e Dr. Willett detiveram-se em estado de absoluto caos perante a evidente prova de insanidade consumada. Apenas aos poucos lograram compreender o que parecia insinuar. Seria o ausente Dr. Allen, e não Charles Ward, o espírito dominante em Pawtuxet? Isso explicaria as referências desvairadas e a denúncia na última carta frenética do jovem. E o que dizer a respeito do destinatário, identificado pelo forasteiro de

barba e de óculos escuros como “Sr. J.C.”? Não havia como escapar à inferência, mas existem limites para as monstruosidades concebíveis. E quem seria “Simon O.”? O velho que Ward tinha visitado em Praga quatro anos antes? Talvez, mas nos séculos passados havia existido um outro Simon O. – Simon Orne, também conhecido como Jedediah, de Salém, que desapareceu em 1771 e cuja caligrafia um tanto peculiar o Sr. Willett naquele instante reconheceu graças às cópias fotostáticas das fórmulas de Orne que Charles certa vez lhe havia mostrado. Que horrores e mistérios, que contradições e contravenções da Natureza teriam retornado depois de um século e meio para assolar a velha Providence, repleta de cúpulas e coruchéus?

O pai e o velho médico, sem saber o que fazer ou o que pensar, foram visitar Charles no hospital para questioná-lo com o maior tato possível a respeito do Dr. Allen, da viagem a Praga e das coisas que havia aprendido com Simon ou Jedediah Orne de Salém. O jovem ofereceu respostas polidas, mas evasivas a todos os questionamentos, restringindo-se a dizer, em um rouco sussurro, que havia encontrado o Dr. Allen a fim de estabelecer uma comunicação espiritual com almas do passado e que qualquer contato que o homem barbudo tivesse em Praga muito provavelmente teria dons similares. Quando foram embora, o Sr. Ward e o Dr. Willett notaram com pesar que tinham sido vítimas de uma sabatina, pois, sem oferecer nenhum tipo de informação vital, o jovem se valera de uma lábia impressionante para fazer com que relatassem todo o conteúdo da carta de Praga.

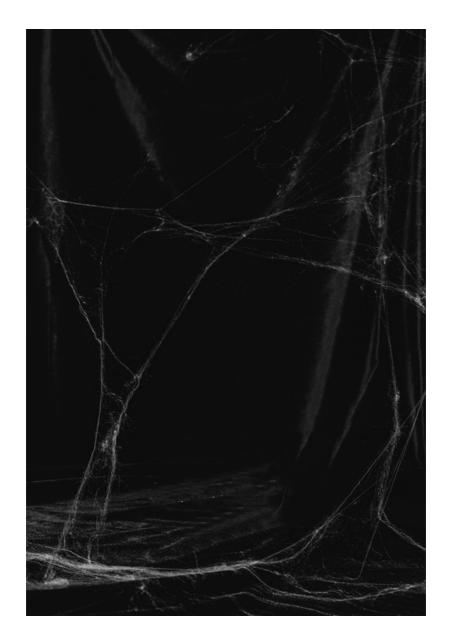
Os Drs. Peck, Waite e Lyman não estavam dispostos a atribuir muita importância à estranha correspondência do companheiro de Charles Ward, pois conheciam a tendência dos excêntricos e dos monomaníacos a buscar espíritos irmãos e acreditavam que Charles e Orne não tinham feito nada além de encontrar uma contraparte no estrangeiro – uma contraparte que talvez tivesse visto a caligrafia de Orne e decidido copiá-la em uma tentativa de passar-se por uma reencarnação do falecido personagem.

O próprio caso de Allen não era muito diferente, pois talvez se houvesse apresentado ao jovem como um avatar do finado Curwen. Casos semelhantes haviam ocorrido no passado, e, baseados no conhecimento, os intransigentes médicos descartaram as crescentes preocupações de Willett com a mudança da caligrafia de Charles Ward em relação aos espécimes não premeditados obtidos graças às mais diversas manobras. No fim, Willett imaginou ter identificado a origem da estranha familiaridade, e estabeleceu que se assemelhava à caligrafia outrora

empregada pelo velho Joseph Curwen; porém, os outros médicos afirmaram que uma fase imitativa era parte integrante da mania que afligia o paciente, e assim se recusaram a atribuir qualquer importância favorável ou desfavorável ao assunto. Ao perceber a atitude prosaica dos colegas, o Dr. Willett aconselhou o Sr. Ward a não comentar nada a respeito da carta que chegou no dia 2 de abril, enviada ao Dr. Allen desde Rakus, na Transilvânia, e escrita em uma caligrafia que guardava semelhanças tão intensas e fundamentais com a cifra de Hutchinson que tanto o pai quanto o médico viram-se paralisados de espanto por um instante antes de violar o lacre. O conteúdo da carta era o seguinte:

> Castelo Ferenczy
>
> 7 de março de 1928.
>
> CARO C. – Um esquadrão de vinte milicianos apareceu por conta dos boatos do povo. Preciso cavar mais fundo e manter menos gado. Esses romenos incomodam horrivelmente, são intrometidos e detalhistas, enquanto era possível comprar um magiar com bebida e comida. No mês passado, M. me mandou o sarcófago das cinco esfinges da Acrópole onde aquele que eu evoquei me disse que estaria, e tive três conversas com aquilo que estava inumado em seu interior. Irá diretamente para S. O. em Praga e de lá para o senhor. É obstinado, mas o senhor sabe como agir. O senhor mostrou sabedoria em ter menos do que antes, pois não havia necessidade de manter os guardas em forma e comendo tanto, e muito poderia ser encontrado em caso de problemas, como os senhores bem sabem.
>
> Agora o senhor pode se mudar e trabalhar em outro lugar sem o inconveniente de matar, se necessário, embora espere que nada o obrigue tão cedo a uma medida tão incômoda. Alegro-me em saber que não está traficando muito com os de fora, pois nisso sempre houve um perigo mortal e o senhor sabe o que ele fez quando pediu proteção de alguém que não estava disposto a dá-la. O senhor me supera em conseguir as fórmulas para que um outro o possa dizê-las com sucesso, mas *Borellus* imaginou que seria assim, bastando ter as palavras certas. O rapaz as usa frequentemente? Sinto que ele esteja se tornando excessivamente melindroso, como eu temia quando esteve aqui cerca de quinze meses atrás, mas percebo que o senhor sabe como lidar com ele. O senhor não pode fazê-lo voltar com as fórmulas, pois aquilo só funciona com aqueles que as fórmulas chamam dos sais, mas o senhor ainda tem mãos fortes, faca, pistola e túmulos não são difíceis de cavar, nem os ácidos difíceis de queimar. O. diz que o senhor lhe prometeu B.F. Eu preciso tê-lo depois. B. irá para o senhor logo e poderá lhe dar o que o senhor deseja daquela coisa negra debaixo de Memphis. Tenha cuidado com aquilo que evocar e cuidado com o menino. Daqui a um ano

> será o momento de convocar as legiões das profundas e então não haverá limites ao nosso poder. Confie no que eu digo, pois o senhor sabe que O. e eu tivemos esses 150 anos mais que o senhor para estudar tais assuntos.
>
> Nephreu – Ka nai Hadoth Edw:H.
>
> Para o Cavalheiro J. Curwen, Providence

Mas, embora Willett e o Sr. Ward não tenham mostrado a carta aos psiquiatras, não demoraram a tomar as devidas providências. Não haveria sofisma ou erudição capaz de contradizer o fato de que o estranho Dr. Allen, de barba e de óculos, descrito na carta frenética de Charles como uma ameaça monstruosa, mantinha uma correspondência íntima e sinistra com duas criaturas inexplicáveis que Ward visitara durante as viagens e que sem dúvida afirmavam ser avatares dos antigos colegas de Curwen em Salém; de que se via como a reencarnação do próprio Joseph Curwen, e de que tinha – ou ao menos fora instado a ter – desígnios assassinos contra um "garoto" que dificilmente poderia ser outro que não Charles Ward. Havia um horror organizado à espreita e, independentemente de quem o houvesse começado, nesse ponto tornou-se evidente que o desaparecido Allen estava por trás de tudo. Foi assim que, aliviado ao saber que Charles estava a salvo no hospital, o Sr. Ward de imediato contratou detetives para que descobrissem o quanto fosse possível a respeito do críptico médico barbudo – de onde viera e o que os habitantes de Pawtuxet sabiam a seu respeito, e, se possível, o paradeiro de então. Depois de entregar aos investigadores uma das chaves da casa em Pawtuxet que Charles lhe havia confiado, o patriarca Ward pediu que examinassem os aposentos vazios de Allen, identificados durante o transporte dos artigos pertencentes ao jovem paciente, a fim de averiguar a existência de pistas entre os artigos pessoais que pudesse ter deixado para trás. O Sr. Ward conversou com os detetives na antiga biblioteca do filho, e todos sentiram uma profunda sensação de alívio ao deixarem o cômodo, que parecia envolto em uma vaga aura de malignidade. Talvez já tivessem ouvido boatos a respeito do infame feiticeiro cujo retrato outrora havia fitado de um painel acima da cornija da lareira, e talvez fosse outro detalhe irrelevante qualquer; mas o fato é que todos pressentiram o miasma intangível que se concentrava nos resquícios entalhados daquela habitação de outrora e que por vezes quase ganhava a intensidade de uma emanação material.

5
Um pesadelo e um cataclismo

1.

Logo a seguir, precipitaram-se os medonhos eventos que deixaram a indelével marca do medo na alma de Marinus Bicknell Willett, e acrescentaram uma década à idade aparente de um homem cuja juventude já se encontrava longe. O Dr. Willett teve um longo colóquio com o Sr. Ward, e chegou a um acordo relativo a vários aspectos que, na opinião de ambos, seriam ridicularizados pelos psiquiatras. Em primeiro lugar, reconheceram a existência de um terrível movimento em ação no mundo, cuja relação direta com uma necromancia ainda mais antiga do que a bruxaria de Salém estava além de qualquer dúvida. Que pelo menos dois homens – e também um terceiro em quem não se atreviam a pensar – tinham a posse absoluta de intelectos ou de personalidades que haviam existido desde 1690 ou antes era um fato para o qual havia provas incontestáveis mesmo em vista de todas as leis naturais conhecidas. O que essas criaturas horrendas – e também Charles Ward – estavam fazendo ou tentando fazer parecia claro o bastante em vista das correspondências e de outras descobertas antigas e recentes que haviam esclarecido diversos aspectos do caso. Estavam roubando túmulos de todas as épocas, entre os quais se encontravam o lugar de repouso dos maiores e mais sábios homens que a humanidade já conheceu, na esperança de recuperar, das cinzas de outrora, os vestígios da consciência e da sabedoria responsáveis por animá-los e informá-los em vida.

Um tráfico horrendo estava sendo conduzido por aqueles ladrões de túmulos saídos de um pesadelo, que promoviam o escambo de ossos ilustres com a tranquilidade de estudantes que estivessem a trocar livros; e com aquilo que conseguiam extrair do pó secular esperavam obter sabedoria e poderes além de tudo o que o cosmo já viu se concentrar em um único homem ou grupo de homens. Encontraram maneiras profanas de manter os cérebros vivos, fosse no mesmo corpo ou em corpos distintos; e sem dúvida encontraram uma forma de acessar a consciência

dos mortos com que se congregavam. Havia indícios de que o velho e quimérico *Borellus* tivesse revelado certas verdades ao escrever sobre o método de preparação dos “sais essenciais” que poderiam ser extraídos dos mais antigos restos mortais a fim de conjurar a sombra de coisas mortas muito tempo antes. Havia uma forma para invocar essas sombras, e outra para esconjurá-las; e, naquele momento, ambas tinham sido aperfeiçoadas e podiam ser ensinadas com sucesso. Era necessário tomar cuidado com essas invocações, pois as demarcações nos túmulos antigos nem sempre estão corretas.

Willett e o Sr. Ward estremeceram ao passar de uma conclusão à outra. Coisas – presenças ou vozes de natureza desconhecida – podiam ser conjuradas de lugares ignotos e também do túmulo, mas era preciso tomar muito cuidado na execução do processo. Joseph Curwen indubitavelmente tinha conjurado inúmeras coisas proscritas, e, quanto a Charles, o que se poderia pensar do rapaz? Que forças de “fora das esferas” poderiam tê-lo alcançado desde a época de Joseph Curwen para voltar seus pensamentos em direção a coisas esquecidas? Fora levado a encontrar certas instruções, e então a usá-las. Tinha falado com aquele terrível homem em Praga e permanecido um longo período com a criatura nas montanhas da Transilvânia. E, por fim, devia ter encontrado o túmulo de Joseph Curwen. A nota do jornal e aquilo que a Sra. Ward ouvira à noite eram detalhes importantes demais para que não fossem percebidos. Depois, havia invocado alguma coisa, que devia ter atendido ao chamado. A poderosa voz que veio das alturas na Sexta-Feira Santa e os diferentes tons vindos do laboratório trancado no sótão... com o que se pareciam em função da natureza profunda e sepulcral? Não havia nesse ponto um espantoso prenúncio do temível e desconhecido Dr. Allen com a voz grave e espectral? Ah, eis o que o Sr. Ward sentira com um vago horror durante a única conversa que teve com esse homem – se de fato fosse um homem!

Que consciência ou voz infernal, que sombra ou presença mórbida respondera aos ritos secretos conduzidos a portas fechadas por Charles Ward? As vozes ouvidas na contenda – “Preciso que fique vermelho durante três meses” – por Deus! Não tinha acontecido logo antes dos surtos de vampirismo? A profanação do antigo túmulo de Ezra Weeden e mais tarde os gritos em Pawtuxet – que mente haveria planejado a vingança e redescoberto a medonha origem de blasfêmias ancestrais? Depois vieram a casa em Pawtuxet e o forasteiro barbudo, os boatos e o medo. Nem o pai nem o médico tentaram oferecer explicações para a derradeira loucura de Charles, mas ambos tinham certeza de que a mente de Joseph Curwen estava de volta à Terra para dar prosseguimento à

morbidez de outrora. Seria a possessão demoníaca uma possibilidade real? Allen estava de alguma forma implicado nos acontecimentos, e os detetives precisariam obter mais informações a respeito de um homem cuja existência ameaçava a vida do jovem Ward. Nesse meio-tempo, uma vez que a existência de uma vasta cripta sob a casa em Pawtuxet parecia estar além de qualquer dúvida, esforços seriam envidados para localizá-la. Willett e o Sr. Ward, conscientes da atitude cética dos psiquiatras, resolveram, em uma última conferência, proceder a uma exploração sigilosa de inigualável minúcia; e assim combinaram de encontrar-se na casa pela manhã seguinte munidos de valises e de certas ferramentas necessárias às buscas arquitetônicas e à exploração subterrânea.

O dia 6 de abril raiou com uma manhã clara, e às dez horas os dois exploradores estavam em frente à casa. O Sr. Ward tinha a chave, e logo a entrada e uma busca superficial foram levadas a cabo. A julgar pela desordem do quarto, antes ocupado pelo Dr. Allen, parecia óbvio que os detetives já haviam estado lá, e os exploradores tardios acalentaram a esperança de que pudessem encontrar uma pista que se mostrasse útil. Era evidente que a parte mais importante do trabalho a ser feito encontrava-se no porão, e assim os dois exploradores desceram sem mais delongas, refazendo o circuito que já haviam feito em vão na presença do jovem proprietário louco. Por alguns instantes, tudo os deixou atônitos, pois cada centímetro do chão de terra batida e das paredes de pedra revestia-se de um aspecto tão sólido e tão inócuo que mal era possível cogitar a ideia de uma abertura. Willett refletiu que, como o porão original fora escavado sem que se soubesse da existência de uma catacumba debaixo dele, o início da passagem seria justamente a escavação recente do jovem Ward e seus sócios, à procura do antigo subterrâneo cuja existência lhes poderia ter sido revelada por meios insalubres.

O médico tentou colocar-se no lugar de Charles para entender como um explorador poderia começar, mas o método não lhe trouxe muita inspiração. Então, decidiu adotar a política da eliminação, e percorreu cuidadosamente toda a superfície do porão subterrâneo no sentido vertical e horizontal, tentando averiguar cada centímetro separadamente. Logo havia reduzido os pontos suspeitos de maneira considerável, e por fim só restava a pequena plataforma em frente às tinas d’água, que já tinha examinado anteriormente em vão. Experimentando de todas as maneiras possíveis e exercendo força redobrada, descobriu enfim que a parte superior de fato era capaz de girar e de deslizar no plano horizontal graças a um ponto fixo na extremidade da superfície. Logo abaixo havia uma superfície de concreto com um bueiro de ferro, em direção ao qual o

Sr. Ward correu tomado de entusiasmo. A tampa não ofereceu resistência, e o homem havia quase terminado de removê-la quando percebeu a estranheza daquele objeto. O Sr. Ward pôs-se a cambalear e começou a sentir vertigens, e a rajada de ar viciado que soprou do abismo negro foi logo identificada pelo médico como causa suficiente para esses sintomas.

No instante seguinte, o Dr. Willett deitou o companheiro desmaiado no chão da peça e reavivou-o com água fria. O Sr. Ward não fez mais do que esboçar uma reação, mas pôde-se notar que a rajada mefítica da cripta subterrânea havia causado uma moléstia grave. Relutante em dar qualquer chance ao azar, Willett apressou-se até a Broad Street à procura de um coche e logo despachou o doente para casa, apesar dos débeis protestos a meia voz; e então sacou do bolso uma lanterna, cobriu o nariz com uma tira de gaze estéril e desceu mais uma vez a fim de perscrutar as profundezas recém-descobertas. A intensidade do ar pestilento diminuiu, e Willett conseguiu divisar um facho de luz que descia por aquele buraco rumo ao rio Estige. Por cerca de três metros era uma passagem cilíndrica vertical com paredes de concreto e uma escada de ferro e, a partir de então, o buraco parecia levar a uma antiga escadaria de pedra que outrora devia ter chegado até a superfície do solo em algum ponto a sudoeste da construção atual.

2.

Willett admite que, por um instante, a memória das lendas a respeito do velho Curwen impediu-o de galgar sozinho a escada que descia rumo ao abismo fétido. Não conseguia tirar da cabeça o comentário que Luke Fenner havia feito na derradeira e monstruosa noite. No entanto, o dever se impunha, e assim o médico empreendeu a descida com uma grande valise para o eventual transporte de quaisquer documentos de suprema importância que viesse a encontrar. Aos poucos, como seria conveniente a um homem de idade já avançada, desceu a escada e chegou aos degraus viscosos lá embaixo. A lanterna revelou uma construção de cantaria ancestral e, nas paredes úmidas, o Dr. Willett avistou uma grande quantidade de musgo secular e insalubre. Os degraus desciam cada vez mais fundo; não em espiral, mas em três curvas fechadas e em passagens tão estreitas que dois homens teriam dificuldade para caminhar lado a lado. Willett havia contado cerca de trinta quando percebeu um som abafado, e depois não se dispôs mais a contá-los.

Era um som ímpio; um ultraje insidioso e sepulcral da Natureza que não devia sequer existir. Descrevê-lo como um grito indistinto, como um

resmungo arrastado ou como o uivo desesperado de uma carne irracional aflita e atormentada seria ignorar a quintessência monstruosa e os repugnantes harmônicos do todo. Seria aquilo o que Ward tentava escutar no dia em que foi levado para o hospital do Dr. Waite? Era a coisa mais horrenda que Willett havia escutado ao longo de uma vida inteira, e continuou a emanar de um ponto desconhecido quando o médico chegou ao último degrau e projetou o facho da lanterna em direção às elevadas paredes dos corredores colmados por abóbadas ciclópicas e varados por incontáveis arcos negros. O corredor em que se encontrava media talvez quatro metros no ponto central da abóbada e três ou quatro metros de largura. O pavimento era composto por lajes grandes e lascadas, e as paredes e o teto eram de cantaria regular. Não era possível imaginar a extensão da galeria, pois estendia-se indefinidamente adiante rumo à escuridão. Quanto aos arcos, certos espécimes tinham portas de seis painéis, ao estilo colonial, enquanto outros não tinham nada para fechá-los.

Depois de vencer o terror infundido pelo cheiro e pelo uivo, Willett começou a explorar os arcos um a um; e mais além descobriu aposentos com abóbadas de aresta, todos de tamanho mediano e aparentemente usados para fins um tanto bizarros. A maioria tinha uma lareira, e a parte superior das chaminés teria dado um interessante estudo na ciência da engenharia. Nunca tinha visto e jamais tornaria a ver instrumentos ou sugestões de instrumentos como os que assomavam por todos os lados em meio à poeira e às teias de aranha de um século e meio, que em muitos casos encontravam-se destruídas como que por antigos saqueadores. Muitos dos cômodos pareciam não ter sido visitados em tempos recentes e deviam representar as primeiras e mais ultrapassadas fases das experiências de Joseph Curwen. Por fim apareceu um quarto evidentemente moderno, ou que pelo menos fora ocupado em período recente. Havia fogareiros, prateleiras e mesas, cadeiras e gabinetes, e uma escrivaninha com enormes pilhas de papéis de variados graus de antiguidade e contemporâneos. Castiçais e lampiões espalhavam-se por vários lugares e, encontrando à mão uma caixa de fósforos, Willett acendeu todos os que estavam prontos para o uso.

Com a iluminação mais intensa, teve a impressão de que o apartamento não seria outra coisa senão o último gabinete ou a última biblioteca de Charles Ward. Quanto aos livros, o Dr. Willett tinha visto muitos em ocasiões anteriores, e parecia evidente que boa parte da mobília tinha vindo da mansão na Prospect Street. Espalhadas aqui e acolá encontravam-se outras peças conhecidas por Willett, e a sensação de

familiaridade tornou-se tão intensa que, por alguns instantes, o explorador chegou a esquecer a náusea e os uivos, naquele ponto ainda mais audíveis do que junto ao pé da escada. O primeiro dever, como já havia planejado, seria encontrar e resgatar papéis que pudessem ter importância vital – e em particular os documentos aziagos que Charles tinha encontrado havia muito tempo no recôndito atrás do retrato em Olney Court. À medida que procurava, notou a grandiosidade que envolvia a investigação final, pois eram tantos os arquivos atulhados de papéis escritos em caligrafias variadas e ornados por estranhos desenhos que meses ou até mesmo anos poderiam ser necessários para uma decifração e uma edição de caráter abrangente. Em certo ponto, encontrou grandes pilhas de cartas franqueadas em Praga e em Rakus, escritas na caligrafia de Orne e de Hutchinson; e levou-as todas como parte do fardo a ser transportado na valise.

Por fim, em um gabinete de mogno trancado à chave que costumava agraciar a mansão dos Ward, Willett encontrou o conjunto dos antigos papéis de Curwen, tendo-os reconhecido em função do vislumbre relutante que Charles lhe havia permitido muito tempo antes. O jovem sem dúvida os havia mantido na mesma disposição em que se encontravam quando os descobrira, uma vez que todos os títulos mencionados pelos trabalhadores se encontravam lá, à exceção dos papéis endereçados a Orne e a Hutchinson e da cifra com a chave. Willett colocou o monte de papéis na valise e deu prosseguimento ao exame dos arquivos. Como a condição imediata do jovem Ward era o assunto mais importante naquele momento, as buscas mais aprofundadas ocorreram na porção mais recente do material; e em meio a essa abundância de manuscritos contemporâneos uma excentricidade exasperante foi percebida. A excentricidade consistia na pequena parcela de material escrito na caligrafia ordinária de Charles, que a bem dizer não incluía nenhum documento escrito menos de dois meses antes. Por outro lado, havia resmas e mais resmas de símbolos e fórmulas, apontamentos históricos e comentários filosóficos feitos com garatujas absolutamente idênticas à caligrafia ancestral de Joseph Curwen, embora sem dúvida fossem documentos contemporâneos. Estava claro que parte do programa mais recente havia incluído uma imitação minuciosa da caligrafia do velho feiticeiro, que Charles parecia ter conseguido reproduzir com um impressionante grau de perfeição. Quanto a uma terceira caligrafia que pudesse ser identificada como a de Allen não havia o menor sinal. Se de fato tivesse sido o líder, devia ter obrigado o jovem Ward a atuar como estenógrafo.

Em meio ao novo material, uma fórmula mística, ou melhor, duas fórmulas, reapareciam com tanta frequência que Willett a decorara antes mesmo que a busca tivesse chegado ao fim. Consistia em duas colunas paralelas – a da esquerda colmada pelo símbolo arcaico conhecido como "Cabeça do Dragão", usado em almanaques para indicar um nó ascendente, e a da esquerda encimada pelo signo complementar da "Cauda do Dragão", que assinalava o nó descendente. A aparência do todo era mais ou menos essa, e de maneira quase inconsciente o médico percebeu que a segunda metade não era nada mais do que uma repetição da primeira, com as sílabas escritas ao contrário, à exceção dos monossílabos finais e do estranho nome Yog-Sothoth, que tinha se acostumado a reconhecer sob as mais variadas grafias por conta de outras coisas vistas em função desse terrível assunto. As fórmulas eram, como se pode ver a seguir, e exatamente assim, segundo Willett pôde confirmar em mais de uma ocasião, e a primeira fez soar uma perturbadora nota de memória latente no cérebro do médico, conforme admitiu mais tarde ao reexaminar os acontecimentos daquela terrível Sexta-Feira Santa do ano anterior.

Y'AI 'NG'NGAH,
YOG-SOTHOTH H'EE – L'GEB F'AI
THRODOG UAAAH
OGTHROD AI'F
GEB'L – EE'H YOG-SOTHOTH 'NGAH'NG
AI'Y ZHRO

Tão assombrosas eram as fórmulas, e com tanta frequência surgiam nos documentos, que sem nem ao menos perceber o Dr. Willett começou a repeti-las sozinho a meia voz. No fim, porém, sentiu que se havia apossado de todos os papéis dos quais por ora conseguiria obter alguma vantagem, e assim resolveu parar de examiná-los até que pudesse convencer todos os psiquiatras céticos a conduzir uma busca mais ampla e mais sistemática. Ainda teria de encontrar o laboratório oculto, e assim, deixando a valise no aposento iluminado, retornou ao negro e nauseante corredor cuja abóbada ecoava sem parar o indistinto e horrendo resmungo.

Os outros cômodos que explorou se encontravam todos abandonados, ou repletos de caixas decrépitas e aziagos caixões de chumbo, porém, ainda assim o impressionaram com a magnitude das operações conduzidas por Joseph Curwen. Pensou nos escravos e marinheiros que haviam

desaparecido, nos túmulos profanados ao redor do mundo e na visão com que o último grupo encarregado da invasão devia ter se deparado; e então decidiu que era melhor não pensar mais. Outrora uma grande escadaria de pedra havia se erguido à direita, e Willett deduziu que devia ter chegado até uma das construções externas no pátio de Curwen – talvez o famoso edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas – caso os degraus por onde havia descido tivessem origem na casa com o telhado de duas águas. De repente, as paredes deram a impressão de ter desabado mais à frente, e o fedor e os uivos tornaram-se mais intensos. Willett percebeu que tinha chegado a um vasto espaço aberto, tão amplo que o facho da lanterna não chegava à outra extremidade e, à medida que avançava, encontrou as robustas pilastras que sustentavam os arcos da abóbada.

Depois de algum tempo, chegou a um círculo de pilares agrupados como os monólitos de Stonehenge e um imenso altar esculpido sobre uma base de três degraus no centro, e tão curiosas eram as esculturas daquele altar que ele se aproximou para examiná-las com a lanterna, mas, ao ver o que representavam, recuou estremecendo e não parou para investigar as marcas escuras que borravam a superfície superior e haviam se espalhado pelas laterais em linhas finas. A seguir, aproximou-se da parede mais distante e traçou-a da maneira como se estendia em um gigantesco círculo perfurado por eventuais portas negras e marcado por uma miríade de celas rasas guarnecidas com grades de ferro e grilhões para tornozelos e punhos que se prendiam à cantaria logo atrás. As celas encontravam-se vazias, porém, mesmo assim o terrível odor e os gemidos desolados continuaram, mais insistentes do que nunca, e às vezes interrompidos por uma espécie de baque viscoso.

3.

O pavoroso cheiro e o assombroso barulho não puderam mais ser ignorados pelo Dr. Willett. Ambos eram mais intensos e mais terríveis no grande salão com pilastras do que em qualquer outro lugar, e davam a vaga impressão de uma profundidade extrema, mesmo naquele mundo negro de mistério subterrâneo. Antes de se aventurar pelos degraus além dos arcos negros que continuavam a descer, o médico apontou o facho de luz para as pedras no chão, pavimentadas de maneira um tanto solta, e percebeu que a intervalos irregulares havia lajes curiosamente transfixadas por minúsculos furos sem nenhuma disposição particular, ao passo que, em determinado ponto, havia uma longa escada atirada de qualquer jeito. Dessa escada, por mais estranho que fosse, parecia emanar

boa parte do horrendo fedor que a tudo envolvia. Enquanto caminhava lentamente naquela direção, Willett percebeu que tanto o barulho quanto o odor pareciam mais fortes acima das estranhas lajes perfuradas, como se fossem alçapões rústicos que talvez conduzissem a regiões de horror ainda mais profundas. Ajoelhado junto a uma dessas lajes, Willett descobriu que poderia manuseá-la, embora com extrema dificuldade. A um mero toque, os gemidos que vinham de baixo deram a impressão de se tornar mais intensos, e foi apenas com grande trepidação que conseguiu perseverar na tentativa de erguer a pesada laje. No mesmo instante, um fedor inefável ergueu-se das profundezas, e o médico sentiu vertigens enquanto largava a laje e apontava a lanterna para aquele espaço quadrado de negrume escancarado.

Se esperava um lance de escada conduzindo a algum imenso abismo de abominação total, Willett estava destinado a se desapontar, pois, entre o fedor e os gemidos entrecortados, enxergou apenas o topo revestido de tijolos de um poço cilíndrico de aproximadamente um metro e meio de diâmetro, sem qualquer escada ou outros meios para a descida. Enquanto a luz iluminava a parte inferior, de súbito os gemidos se tornaram uma série de uivos horríveis, acompanhados novamente daquele ruído de movimentos desordenados e inúteis e surdos baques e escorregões. O explorador estremeceu, avesso a sequer imaginar que coisa insalubre poderia estar à espreita naquele abismo, mas, passado um instante, reuniu a coragem necessária para espiar além da rústica mureta, deitando-se no chão e segurando a lanterna dentro do buraco com o braço estendido para ver o que poderia estar oculto lá embaixo. Por um segundo, não conseguiu distinguir nada além das viscosas paredes de tijolo cobertas de musgo que se estendiam infinitamente rumo ao miasma quase tangível de trevas e fedores e frenesi desesperado; e então percebeu que um vulto escuro saltava com gestos canhestros e frenéticos de um lado para o outro no fundo do estreito túnel, que devia localizar-se a cerca de seis ou sete metros abaixo do chão de pedra onde se encontrava. A lanterna tremeu em sua mão, mas o explorador tornou a olhar para ver que espécie de criatura poderia estar confinada na escuridão daquele poço sobrenatural, faminta e abandonada pelo jovem Ward durante todo o longo mês que se havia passado desde a internação, embora fosse apenas um espécime do vasto número aprisionado nos poços similares cujas tampas de cantaria perfurada espalhavam-se pelo enorme chão da grande caverna abobadada. O que quer que fossem aquelas coisas, não conseguiam se deitar no espaço exíguo, e deviam ter se postado de cócoras e ganido e esperado e saltado em vão durante todas aquelas horrendas semanas passadas desde que o dono as havia consignado ao esquecimento.

Porém, Marinus Bicknell Willett lamentou-se por ter olhado mais uma vez, pois embora fosse um veterano da mesa de dissecação, nunca mais foi o mesmo desde aquele momento. Seria difícil explicar como uma única visão de um objeto tangível com dimensões mensuráveis poderia abalar e transformar um homem daquela forma; podemos dizer apenas que certas entidades e silhuetas revestem-se de um poder sugestivo e simbólico que age de maneira terrível sobre a perspectiva de um pensador sensível e sussurra insinuações horrendas a respeito de relações cósmicas e realidades inomináveis por trás das ilusões protetoras de nossa visão corriqueira. Naquele segundo, Willett viu a silhueta de uma dessas entidades, pois durante os instantes a seguir estava tão louco quanto os pacientes do hospital particular do Dr. Waite. Deixou a lanterna cair da mão, que havia sido privada de força muscular e de coordenação nervosa, sem nem ao menos ouvir o som dos dentes que rangeram anunciando o destino do artefato no fundo do poço.

Então gritou e gritou e gritou com uma voz cujo pânico em falsete não poderia ser identificado por nenhum amigo ou conhecido e, embora não conseguisse postar-se de pé, arrastou-se e rolou em desespero pelo pavimento úmido por onde dezenas de poços tartáreos davam vazão a resmungos e latidos exaustos em resposta a esses gritos insanos. Cortou as mãos nas pedras ásperas e soltas, e por muitas vezes bateu a cabeça nas pilastras, mas conseguiu prosseguir mesmo assim. Por fim, voltou a si na mais absoluta escuridão em meio ao fedor insuportável e tapou os ouvidos para não ouvir o uivo insistente a que a explosão de latidos havia se reduzido. Estava encharcado de suor e privado dos meios necessários para obter luz. Apavorado e aflito em meio à escuridão e ao horror abismal, e oprimido por uma lembrança que jamais poderia obliterar. Mais abaixo, inúmeras daquelas coisas seguiam vivas, e a tampa de um duto fora removida. Willett sabia que a coisa vislumbrada jamais poderia escalar as paredes viscosas, porém, mesmo assim estremeceu ao pensar que talvez existissem apoios ocultos pela escuridão.

O que era essa coisa o médico jamais viria a dizer. Assemelhava-se a certos entalhes presentes no altar demoníaco, mas estava vivo. A Natureza jamais havia concebido a criatura daquela maneira, pois era evidente que estava incompleta. Apresentava deficiências dos mais variados tipos, e as anomalias nas proporções eram indescritíveis. Willett limitou-se a dizer que coisas como aquela deviam representar entidades que Ward invocara a partir de sais imperfeitos, e que as mantivera para fins servis ou ritualísticos. Se não tivessem importância, não teriam a imagem gravada na pedra maldita. A criatura não era a pior coisa representada na pedra –

mas Willett não abriu mais nenhum fosso. Naquele momento, a primeira ideia coerente que lhe ocorreu foi um parágrafo retirado de certos documentos antigos de Curwen que havia examinado muito tempo antes; uma frase usada por Simon ou Jedediah Orne na agourenta missiva confiscada que tinha por destinatário o feiticeiro de outrora: “Com certeza, não havia senão o mais vivo horror naquilo que H. evocou daquilo que havia conseguido apenas em parte”.

Então, de maneira a prover um horrível suplemento à imagem em vez de afastá-la, veio a lembrança dos ancestrais e duradouros boatos acerca da coisa queimada e retorcida encontrada nos campos uma semana após a invasão da casa de Curwen. Charles Ward certa vez havia contado ao Dr. Willett o que o velho Slocum dissera sobre aquele objeto – que não era nem totalmente humano, nem totalmente relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet tivessem visto ou lido a respeito.

As palavras ressoaram na cabeça do médico enquanto balançava de um lado para o outro, agachado no chão de pedra recoberto por salitre. Tentou afastá-las e rezou um Pai-Nosso a meia voz; e, passado algum tempo, perdeu-se em uma litania mnemônica como o poema “A Terra Devastada” do modernista T.S. Eliot, e por fim reverteu à fórmula dupla que havia encontrado inúmeras vezes na biblioteca subterrânea de Ward: “Y’ai ’ng’ngah, Yog-Sothoth”, e assim prosseguiu até o derradeiro “Zhro”. Aquilo pareceu acalmá-lo, e assim pôs-se de pé após um breve intervalo, lamentando com amargura a lanterna perdida durante o susto e olhando desesperadamente ao redor em busca de uma nesga qualquer de luz em meio ao breu e à atmosfera enregelante. Pensar seria impossível, mas apertou os olhos com o rosto voltado em todas as direções em busca de uma cintilação ou de um reflexo tênue da forte iluminação que deixara na biblioteca. Passado algum tempo, avistou o que parecia ser um brilho infinitamente longínquo, e pôs-se a engatinhar naquela direção com agonizante cautela em meio ao fedor e aos uivos, sempre tateando à frente para evitar colisões com as inúmeras pilastras ou ainda uma queda no interior do abominável fosso que havia destampado.

Em dado momento, os dedos trêmulos encostaram em algo que Willett imaginou ser o lance de degraus que conduzia até o altar demoníaco, quando então se encolheu, tomado de repulsa. Em outro instante, encontrou a laje furada que havia removido, e nesse ponto os cuidados que tomou chegariam quase a inspirar pena. Mas, no fim, não se aproximou da temida abertura, e nenhuma criatura emergiu a fim de impedir-lhe o progresso. Aquilo que havia estado lá no fundo não fazia sons nem se mexia. Sem dúvida a mastigação da lanterna elétrica

derrubada não fizera bem à criatura. Cada vez que os dedos de Willett tocavam em uma laje perfurada, o médico estremecia. A passagem pelos pontos às vezes provocava um aumento nos gemidos lá embaixo, mas em geral não produzia efeito nenhum, uma vez que o explorador se movia de forma quase inaudível. Inúmeras vezes durante o progresso o brilho mais à frente sofreu uma notável diminuição de intensidade, e assim Willett percebeu que as diversas velas e lamparinas que tinha acendido deviam estar se apagando uma a uma. A ideia de acabar perdido em meio à mais absoluta escuridão sem nem ao menos um fósforo naquele mundo subterrâneo de labirintos saídos de um pesadelo levou-o a pôr-se de pé e correr – o que já podia ser feito em segurança, uma vez que o fosso aberto fora deixado para trás; pois Willett sabia que, quando a luz se extinguisse, a única esperança de resgate e de sobrevivência dependeria da possibilidade de o Sr. Ward enviar um grupo de resgate ao perceber a ausência do médico após um período suficiente de tempo. Naquele instante, contudo, deixou o espaço aberto para trás e entrou no corredor mais estreito, e assim pôde localizar o brilho, que vinha de uma porta à direita. Imediatamente dirigiu-se até lá e mais uma vez se viu na biblioteca secreta do jovem Ward, tremendo de alívio e observando o bruxulear daquela última lamparina que o havia guiado até um lugar seguro.

4.

No instante seguinte, o Dr. Willett começou a encher as lamparinas vazias usando um suprimento de querosene que havia avistado durante a primeira visita ao recinto, e, quando o cômodo tornou a se iluminar, olhou ao redor para ver se encontraria uma lanterna que o ajudasse a levar a exploração adiante. Embora estivesse atormentado pelo horror, a convicção implacável ainda era o sentimento dominante, e o médico estava decidido a não deixar nenhum detalhe passar em branco na investigação dos horrendos acontecimentos por trás da bizarra loucura de Charles Ward. Ao perceber que não havia nenhuma lanterna ao redor, decidiu levar consigo uma das lamparinas menores. Aproveitou para encher os bolsos com velas e fósforos, e também para transportar um galão de querosene, que pretendia usar em qualquer laboratório oculto que pudesse se revelar além do terrível espaço aberto com o altar profano e os inefáveis poços cobertos. Uma nova travessia daquele espaço haveria de exigir uma demonstração de extrema força moral, mas Willett sabia que não havia outra maneira. Por sorte, nem o terrível altar nem o fosso aberto localizavam-se próximos à parede repleta de celas que circundava

toda a área da caverna e cujos negros e misteriosos arcos formavam o objetivo seguinte de uma exploração lógica.

Assim, Willett voltou para o grande saguão cheio de pilares, em meio ao fedor e aos uivos angustiantes, baixou a chama das lamparinas para evitar qualquer vislumbre longínquo do altar infernal ou do poço descoberto com a laje de pedra perfurada virada ao seu lado. A maioria das passagens levava apenas a pequenos cômodos, alguns vazios, outros evidentemente usados como depósitos e, em vários desses, viu curiosas pilhas de objetos variados. Um estava apinhado de trouxas de roupas podres e cobertas de pó e o explorador estremeceu ao se dar conta de que se tratava inconfundivelmente de vestimentas de um século e meio antes. Em outro cômodo, encontrou numerosas peças de vestuário moderno, como se aos poucos estivessem sendo feitas provisões para equipar um vasto contingente de homens. Mas o que mais o desagradou foram as enormes bacias de cobre espalhadas aqui e ali; estas e as sinistras incrustações que havia sobre elas. Desagradaram-lhe ainda mais que as tigelas de chumbo com figuras fantasmagóricas, cujos restos continham depósitos tão asquerosos e em torno das quais pairavam os repelentes odores perceptíveis mesmo sobre o fedor geral da cripta. Quando completou quase metade da circunferência da parede, descobriu outro corredor como aquele do qual viera, em que se abriam várias portas. Resolveu então investigá-las e, depois de adentrar três aposentos de tamanho médio sem nenhum conteúdo notável, chegou a um amplo cômodo oblongo cujo aspecto profissional com tanques e mesas, fornalhas e instrumentos modernos, alguns poucos livros e incontáveis prateleiras repletas de vidros e potes revelava-o como sendo enfim o tão procurado laboratório de Charles Ward – e, em tempos mais antigos, sem dúvida de Joseph Curwen.

Depois de acender as três lamparinas que havia encontrado e tinha de prontidão, o Dr. Willett examinou o lugar e todos os apetrechos que continha tomado pelo mais vivo interesse, notando, a partir da quantidade dos vários reagentes nas prateleiras, que a preocupação dominante do jovem Ward devia ter se concentrado em uma ramificação da química orgânica. No geral, não era possível apreender muita coisa a partir do equipamento científico, que incluía uma mesa de dissecação de aspecto medonho, de forma que o aposento foi uma decepção e tanto. Em meio aos livros havia um antigo exemplar em frangalhos de autoria de *Borellus*, impresso em letras góticas – e era interessante notar que Ward havia sublinhado a mesma passagem que tanto perturbara o bom Dr. Merritt na fazenda de Curwen mais de um século e meio antes. O

exemplar mais antigo, é claro, devia ter perecido junto ao restante da biblioteca ocultista de Curwen na invasão final. Três arcos se abriam a partir do laboratório, e assim o doutor pôs-se a explorá-los um a um. A partir de um exame breve, pôde ver que dois simplesmente levavam a pequenos depósitos; mesmo assim, investigou-os minuciosamente, notando as pilhas de caixões nos mais diversos estágios de decomposição e estremecendo ante as duas ou três placas que conseguiu decifrar.

Também naqueles aposentos encontrou um grande número de peças de vestuário, bem como várias caixas de aparência recente e fechadas com pregos que não se deteve para examinar. Mas, talvez, o mais interessante de tudo fossem os estranhos detalhes que imaginou serem fragmentos do laboratório do velho Joseph Curwen. Estes haviam sofrido danos nas mãos dos invasores, mas ainda formavam uma parte reconhecível da parafernália química que remontava ao período georgiano.

O terceiro arco levava a uma câmara de tamanho considerável, totalmente forrada de prateleiras e com uma mesa e duas lamparinas no centro. Willett acendeu as lamparinas e, no brilho intenso, pôs-se a estudar as intermináveis prateleiras que o cercavam. Alguns dos níveis superiores estavam vazios, porém, a maior parte do espaço se encontrava repleta de estranhos recipientes de chumbo pertencentes a dois tipos; o primeiro sem nenhum pegador, como um *lekythos* ou vaso de azeite grego, e o outro com um único pegador e de formato semelhante a um jarro de Falero. Todos dispunham de uma tampa de metal e se encontravam cobertos por símbolos de aspecto peculiar moldados em baixo-relevo. Em um instante o médico percebeu que aqueles jarros estavam classificados de acordo com um rígido princípio; todos os *lekythoi* encontravam-se em um único lado da sala, guarnecido com uma placa de madeira onde se lia "Custodes" logo acima, e todos os jarros de Falero no outro, identificados da mesma forma com uma placa onde se lia "Matéria". Cada um dos vasos ou jarros, a não ser por certos espécimes avulsos nas prateleiras que estavam vazias, trazia uma etiqueta de papelão com um número que provavelmente se referia a um catálogo; e assim Willett decidiu procurar esse registro. Naquele momento, contudo, estava mais interessado na natureza daquela coleção como um todo e, à guisa de experimento, abriu diversos *lekythoi* e jarros de Falero ao acaso a fim de obter uma ideia geral. O resultado era sempre o mesmo. Os dois tipos de jarro continham apenas pequena quantidade de um único tipo de substância – um fino pó de peso quase desprezível composto por diversos matizes de uma cor neutra.

Quanto às cores que formavam a única instância de variação, não havia método evidente na maneira como estavam dispostas; e tampouco uma

distinção entre o que se encontrava nos *lekythoi* e o que se encontrava nos jarros de Falero. Um pó cinza-azulado podia estar ao lado de um branco-rosado, e qualquer substância em um jarro de Falero podia ter uma contraparte exata em um *lekythos*. A característica mais notável dos pós era o fato de não serem aderentes. Willett derramou um punhado na palma da mão e, ao devolver o pó ao jarro, percebeu que nenhum resíduo permanecia grudado à pele.

O significado das placas intrigou-o, e então se perguntou por que aquela bateria de produtos químicos estaria separada de maneira tão radical dos potes de vidro que se encontravam nas prateleiras do laboratório em si. "Custodes", "Matéria"; eram as palavras latinas para "Guardas" e "Materiais", respectivamente – e logo um clarão da memória fez com que o Dr. Willett se recordasse onde tinha visto a palavra "Guardas" no contexto daquele terrível mistério. Tinha sido, é claro, na recente carta endereçada ao Dr. Allen, supostamente pelo velho Edward Hutchinson, e a frase dizia: "Não havia necessidade de manter os guardas em forma e comendo tanto, e muito poderia ser encontrado em caso de problemas, como os senhores bem sabem". O que significaria essa frase? Mas espere – não havia ainda outra referência a "guardas" que sequer havia lhe ocorrido durante a leitura da carta enviada por Hutchinson? No período em que ainda não mantinha sigilo, Ward lhe dissera que o diário de Eleazar Smith registrava a espionagem conduzida por Smith e Weeden na fazenda de Curwen, e que nessa pavorosa crônica havia menções a conversas ouvidas antes que o velho feiticeiro desaparecesse de uma vez por todas sob a terra. Smith e Weeden insistiam em dizer que haviam escutado terríveis colóquios entre Curwen, certos prisioneiros e os guardas desses prisioneiros. Esses guardas, de acordo com Hutchinson, ou com seu avatar, haviam comido tanto, de maneira que o Dr. Allen não os manteve em forma. E se não estavam em forma, como poderiam estar, senão como os "sais" a que o bando de feiticeiros parecia estar decidido a reduzir o maior número possível de corpos ou de esqueletos humanos?

Seria esse, portanto, o conteúdo dos *lekythoi* – o monstruoso fruto de ritos e atos ímpios, possivelmente convertido ou coagido à submissão a fim de, quando chamado por meio de um encantamento demoníaco, ajudar a defender o blasfemo mestre ou a interrogar os recalcitrantes? Willett estremeceu ao pensar no que havia derramado sobre as próprias mãos, e por um instante foi dominado pelo impulso de fugir em pânico daquela caverna repleta de prateleiras horrendas com guardiões silenciosos e talvez vigilantes. Então pensou na "Matéria" – na miríade de jarros de Falero que ocupavam o lado oposto do recinto. Sais, também – mas, se

não os sais dos “guardas”, então sais do quê? Meu Deus! Seria possível que lá estivessem as relíquias mortais de metade dos pensadores titânicos de todas as épocas, retirados por ladrões de sepulturas das criptas onde o mundo os tinha imaginado seguros e à mercê de loucos que buscavam extrair-lhes conhecimento a fim de cumprir um desígnio ainda mais ambicioso cujo resultado último diria respeito, como o pobre Charles havia insinuado no bilhete frenético, a “todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do sistema solar e do universo como um todo”? E Marinus Bicknell Willett havia deixado o pó desses homens correr por entre os dedos!

No momento seguinte, avistou uma diminuta porta no lado oposto do recinto e acalmou-se o suficiente para se aproximar e examinar o rústico símbolo entalhado logo acima. Era apenas um símbolo e, no entanto, instilou-lhe um vago pavor espiritual; pois, certa vez, um amigo mórbido e sonhador o havia traçado em uma folha de papel e discorrido sobre os significados que adquire nos negros abismos do sono. Era o símbolo de Koth, que os sonhadores veem afixado logo acima da arcada de uma certa torre negra que se ergue solitária em meio ao crepúsculo – e Willett não gostou nem um pouco do que o amigo Randolph Carter tinha dito acerca dos poderes que continha. Mesmo assim, um instante mais tarde esqueceu-se do símbolo ao reconhecer um novo odor acre na atmosfera pestilenta. Era um cheiro químico, e não animal, que sem dúvida tinha origem no cômodo do outro lado da porta. E era, inconfundivelmente, o mesmo odor que havia saturado as roupas de Charles Ward no dia em que os médicos o levaram embora. Então era aquele o lugar em que o jovem fora interrompido pelo derradeiro chamado? Nesse caso, Ward seria mais sábio do que Curwen, pois não havia resistido. Willett, determinado a penetrar todos os portentos e pesadelos que aquele reino subterrâneo pudesse conter, apanhou a pequena lamparina e atravessou o umbral. Uma onda de pavor inefável veio a seu encontro, mas o explorador não cedeu a nenhum devaneio e aferrou-se à intuição. Não havia nenhuma criatura viva capaz de fazer-lhe mal naquele lugar, e tampouco se permitiria hesitar na investigação da nuvem quimérica que envolvera o seu paciente.

O cômodo além da porta possuía dimensões medianas, e não havia nenhuma mobília a não ser uma mesa, uma única cadeira e dois grupos de curiosas máquinas com rodas e presilhas, que, passados alguns instantes, Willett reconheceu como instrumentos medievais de tortura. Ao lado da porta havia um suporte com diversos azorragues de aparência brutal, acima dos quais se encontravam prateleiras com fileiras vazias de copas

em chumbo no formato de cílices gregos. No outro lado estava a mesa, com uma poderosa lâmpada de Argand, um bloco de anotações acompanhado de um lápis e dois *lekythoi* tampados trazidos das prateleiras do outro cômodo e largados a espaços irregulares, como que de maneira provisória ou precipitada. Willett acendeu a lâmpada e examinou minuciosamente o bloco para ver que notas o jovem Ward poderia haver tomado quando foi interrompido, mas não encontrou nada mais compreensível do que os seguintes fragmentos desconexos escritos com as garatujas de Curwen, que não ajudavam a esclarecer nenhum aspecto do caso tomado como um todo:

> "B. não feito. Fugiu dentro das paredes e encontrou lugar lá embaixo." "Vi o velho V. dizer o Sabaoth e aprendi o caminho." "Evoquei Yog-Sabaoth três vezes e no dia seguinte fui libertado." "F. tentou apagar todo conhecimento para evocar os de fora."

Quando o forte brilho da lâmpada de Argand iluminou o cômodo por completo, o médico viu que a parede defronte à porta, entre os dois grupos de instrumentos de tortura dispostos nos cantos, tinha ganchos de onde pendiam mantos informes de um branco-amarelado um tanto lúgubre. Porém, ainda mais interessantes eram as duas paredes vazias, cobertas por símbolos e fórmulas místicas entalhadas de maneira rústica na pedra lisa. O assoalho úmido também ostentava marcas de entalhaduras, e Willett não teve dificuldade para decifrar um enorme pentagrama no centro, com um círculo branco de cerca de um metro de diâmetro a meio caminho entre o símbolo místico e cada um dos cantos. Em um desses quatro círculos, próximo ao lugar onde um manto amarelado fora atirado de qualquer jeito ao chão, repousava um cílice raso como aqueles que se encontravam acima do suporte para os azorragues; e logo além da periferia encontrava-se um dos jarros de Falero retirados das prateleiras do outro recinto, que trazia na etiqueta o número 118. Esse jarro não se encontrava tampado, e um rápido exame revelou que estava vazio; porém, o médico estremeceu ao ver que o cílice não estava. Na área rasa, preservada pela ausência de vento naquela caverna erma, havia uma pequena quantidade de um pó de coloração verde-fluorescente que devia anteriormente estar contido no jarro; e Willett quase sentiu vertigens ao perceber as implicações que se impuseram assim que, aos poucos, começou a estabelecer relações entre os vários elementos e antecedentes da cena. Os azorragues e os instrumentos de tortura, o pó ou os sais no jarro de "Matéria", os dois *lekythoi* da prateleira marcada como "Custodes", os mantos, as fórmulas nas paredes, as anotações no bloco, as insinuações de cartas e lendas e os milhares de vislumbres,

dúvidas e suposições que atormentavam os amigos e os pais de Charles – a soma desses elementos atingiu o Dr. Willett como uma onda de terror quando olhou em direção ao pó esverdeado que se espalhava pelo cílice de chumbo deixado no chão.

No entanto, com certo esforço, Willett se recompôs e começou a estudar as fórmulas entalhadas nas paredes. A dizer pelas letras manchadas e com diversas incrustações, parecia evidente que remontassem à época de Joseph Curwen, e o texto apresentava uma vaga familiaridade para alguém que tivesse lido o farto material a respeito de Curwen ou estudado a fundo a história da magia. Uma fórmula foi reconhecida por Willett como sendo aquela que a Sra. Ward ouvira o filho entoar naquela agourenta Sexta-Feira Santa de um ano antes, que, segundo um especialista, consistia em uma terrível invocação a deuses proscritos que se encontravam além das esferas normais do ser. Não estava soletrada exatamente como a Sra. Ward a havia registrado de memória, tampouco como o especialista lhe havia mostrado no volume proscrito de "Éliphas Lévi", mas a identidade era inconfundível, e palavras como Sabaoth, Metraton, Almousin e Zariatnatmik fizeram com que um arrepio de pavor varasse o corpo do homem, que tinha visto e sentido de muito perto a abominação cósmica à espreita.

As palavras encontravam-se no lado esquerdo de quem entrava no recinto. O lado direito apresentava uma quantidade similar de inscrições, e Willett teve um sobressalto ao reconhecer um par de fórmulas que ocorriam com grande frequência nas recentes notas encontradas na biblioteca. Em termos gerais, eram idênticas, e ostentavam os símbolos ancestrais da "Cabeça do Dragão" e da "Cauda do Dragão" no alto da página, que a seguir dava lugar à caligrafia de Ward. Entretanto, a grafia variava bastante em relação às versões modernas, como se o velho Curwen usasse um método diferente para registrar os sons, ou como se um estudo mais aprofundado tivesse encontrado variantes mais perfeitas e mais poderosas das invocações em questão. O médico tentou conciliar a versão entalhada àquela que insistia em martelar-lhe os pensamentos, porém encontrou dificuldades. No ponto em que a fórmula memorizada dizia "Y'ai 'ng 'ngah, Yog-Sothoth", a epígrafe trazia "Aye, engengag, Yogge-Sothotha", o que dava a impressão de causar uma séria interferência à silabação da segunda palavra.

Em função da intensidade com que o último texto havia se impregnado nos pensamentos do explorador, a discrepância o perturbou; e logo se viu entoando a primeira das fórmulas em voz alta em uma tentativa de conciliar o som que havia concebido às letras entalhadas que encontrara.

Estranha e ameaçadora soou-lhe a própria voz naquele abismo de blasfêmia ancestral, com trenos que seguiam o ritmo de uma litania insistente devido a um feitiço antigo e ignoto ou devido ao exemplo infernal dos uivos abafados e ímpios que se erguiam dos fossos onde distantes cadências rítmicas e inumanas se erguiam e se atenuavam em meio ao fedor e às trevas.

“Y’AI ’NG’NGAH, YOG-SOTHOTH
H’EE – L’GEB F’AI THRODOG
UAAAH!”

Mas o que seria o vento gélido que de repente havia soprado logo nas primeiras sílabas do cântico? As lamparinas bruxuleavam de forma triste, e a escuridão se adensou de tal maneira que as letras na parede quase desapareceram em meio às trevas. Havia também fumaça, e um odor acre que abafou quase por completo o fedor dos poços distantes; um odor como o que havia surgido antes, porém infinitamente mais forte e mais pungente. Então o Dr. Willett desviou o olhar das inscrições para virar-se em direção à câmara repleta de itens bizarros e notou que o cílice no chão, no qual o agourento pó fosforescente se encontrava, havia começado a emanar uma densa nuvem de vapor preto-esverdeado com volume e opacidade surpreendentes. Aquele pó – Meu Deus! Aquilo havia saído da estante de “Matéria” – mas o que estaria fazendo naquele instante, e o que teria desencadeado o processo? A fórmula que havia entoado – a primeira do par –, a Cabeça do Dragão, nó ascendente – Pai do Céu, seria possível...?

Willett viu-se tomado por vertigens, e por seus pensamentos correram fragmentos desconexos de tudo o que tinha visto, ouvido e lido a respeito do pavoroso caso de Joseph Curwen e de Charles Dexter Ward. “Recomendo-lhe mais uma vez que não evoque ninguém que não possa mandar de volta... Tenha as palavras prontas todas as vezes para mandar de volta e não se detenha para ter certeza quando houver alguma dúvida de quem o senhor tem... Três conversas com Aquilo que estava inumado...” Por misericórdia, o que era o vulto por trás da fumaça que se descortinava?

5.

Marinus Bicknell Willett não tinha a menor esperança de que as pessoas acreditassem em sua história, a não ser os amigos mais próximos, e por

esse motivo não chegou sequer a contá-la fora do círculo dos companheiros mais íntimos. Apenas algumas pessoas de fora tomaram conhecimento do relato, e a maioria destas simplesmente riu e afirmou que o médico sem dúvida estava começando a sentir o peso da idade. Aconselharam-no a tirar longas férias e a evitar todo tipo de envolvimento futuro em casos de perturbação mental. Mas o patriarca Ward sabe que o médico veterano não fez mais do que revelar uma verdade horrenda. Não tinha visto com os próprios olhos a abertura insalubre no porão da casa em Pawtuxet? Willett não o havia deixado em casa, vencido e doente, às onze horas daquela agourenta manhã? Não havia telefonado ao médico em vão ao entardecer, e mais uma vez no dia seguinte, e não se dirigira mais uma vez à casa em Pawtuxet na tarde subsequente, apenas para encontrar o amigo desacordado em uma das camas no andar de cima? Willett respirava em arquejos, mas abriu os olhos devagar quando o Sr. Ward ofereceu-lhe um gole do uísque que tinha no carro. Então estremeceu e gritou, "Aquela barba... aqueles olhos... Meu Deus, quem é você?" Era um comentário um tanto estranho a se fazer para um cavalheiro elegante, bem-escanhoado e de olhos azuis que havia conhecido desde a juventude.

Na luz forte do meio-dia, a casa permanecia inalterada desde a manhã anterior. As roupas de Willett não traziam nenhum sinal de desalinho a não ser por certas manchas e um certo desgaste nos joelhos, e apenas um discreto odor acre lembraria o Sr. Ward do cheiro que exalara do filho no dia em que o levaram para o hospital. A lanterna do médico havia se perdido, mas a valise estava segura, e vazia como a trouxera. Antes de oferecer qualquer explicação, e obviamente com um grande esforço moral, Willett cambaleou, tomado por vertigens, até o porão e tentou abrir a fatídica plataforma defronte às tinas. O objeto não se moveu. Depois de ir até o ponto em que deixara a bolsa de ferramentas no dia anterior, sacou um formão e começou a forçar as resistentes tábuas uma a uma. Por baixo o concreto liso ainda era visível, mas, quanto a qualquer abertura ou perfuração, não restava nenhum traço. Nenhuma passagem se abriu naquele momento para nausear o pai estupefato que tinha descido o lance de escadas em companhia do médico; havia apenas o concreto liso por baixo das tábuas – nenhum poço insalubre, nenhum horror subterrâneo, nenhuma biblioteca secreta, nenhum papel de Curwen, nenhum fosso saído de um pesadelo de uivos e fedores, nenhum laboratório com prateleiras e fórmulas entalhadas... O Dr. Willett empalideceu e agarrou-se ao homem mais jovem. "Ontem", perguntou a meia voz, "você também viu aqui... você também sentiu o cheiro?" E quando o Sr. Ward, transfixado pelo horror e pelo espanto, reuniu forças

para fazer um gesto afirmativo com a cabeça, o médico soltou um suspiro engasgado e respondeu-lhe com um gesto idêntico. “Então vou contar tudo”, disse.

E assim, durante uma hora no recinto mais ensolarado que puderam encontrar no andar de cima, o médico sussurrou o terrível relato ao pai perplexo. Não havia nada a relatar além do vulto que surgiu quando o vapor preto-esverdeado que saiu do cílice descortinou-se, e Willett estava cansado demais para indagar sobre o que de fato teria ocorrido. Os dois homens trocaram inúteis meneios de cabeça, e em um dado momento o Sr. Ward aventurou-se a perguntar a meia voz: “Você acha que resolveria alguma coisa se cavássemos?” O médico permaneceu em silêncio, pois não julgou adequado responder sabendo que os poderes de esferas ignotas haviam chegado a esse lado do Grande Abismo. O Sr. Ward tornou a perguntar: “Para onde foi aquela coisa? Você sabe que foi aquilo que o trouxe até aqui e que de algum modo fechou o acesso.” E mais uma vez Willett respondeu com o silêncio.

Mesmo assim, a história estava longe de acabar. Quando estendeu a mão a fim de pegar o lenço antes de se levantar e partir, o Dr. Willett fechou os dedos ao redor de um pedaço de papel no interior do bolso que não havia estado lá anteriormente e que se fez acompanhar pelas velas e fósforos que havia encontrado nas galerias desaparecidas. Era uma folha comum, sem dúvida arrancada do bloco que se encontrava naquele fabuloso recinto de horror nas galerias subterrâneas, e a caligrafia sobre o papel era a de um lápis de grafite ordinário – com certeza o instrumento que se encontrava ao lado do bloco. A folha estava dobrada sem nenhum cuidado e, à exceção do discreto cheiro acre das câmaras crípticas, não trazia nenhuma marca ou sugestão de qualquer outro mundo que não o nosso. Do texto, contudo, trescalavam portentos, pois não se tratava de uma caligrafia da época contemporânea, mas dos traços rebuscados das trevas medievais, legíveis somente a duras penas aos olhos dos leigos que naquele instante se debruçaram sobre o papel, que, no entanto, ostentava símbolos vagamente familiares. Eis a mensagem rabiscada às pressas – e o mistério instilou convicção na dupla de investigadores abalados, que sem mais delongas foram até o carro do Sr. Ward e ordenaram ao motorista que passasse em um restaurante silencioso e depois os levasse até a John Hay Library na colina.

Na biblioteca não foi difícil encontrar bons manuais de paleografia, e os homens deixaram-se intrigar por esses volumes até que as luzes do anoitecer se refletissem no enorme lustre. No fim, encontraram o que tanto haviam procurado. As letras não eram nenhuma invenção fantástica,

mas apena a caligrafia ordinária de um período obscuro ao extremo. Eram as minúsculas saxônicas do século VIII ou IX, e traziam consigo memórias de uma época de barbárie em que, sob o novo lustre do cristianismo, religiões antigas e ritos ancestrais moviam-se às furtadelas enquanto a lua pálida da Bretanha por vezes contemplava as estranhas cerimônias nas ruínas romanas de Caerleon e de Hexham, e também junto às torres da muralha decrépita de Adriano. As palavras eram vazadas no latim que se podia esperar de uma época bárbara – "*Corvinus necandus est. Cadaver aq(ua) forti dissolvendum, nec aliq(ui)d retinendum. Tace ut potes*" – e podem ser traduzidas aproximadamente como: "Curwen deve ser morto. O corpo deve ser dissolvido em água-forte, e nada deve restar. Guarde silêncio tanto quanto possível".

Willett e o Sr. Ward permaneceram em silêncio, perplexos. Ao se defrontarem com o desconhecido, perceberam que não tinham emoções adequadas para reagir da maneira como haviam vagamente antecipado. No caso de Willett, em particular, a capacidade de receber novas impressões de espanto havia chegado muito próximo do limite; e os dois homens permaneceram sentados, imóveis e indefesos, até que o fechamento da biblioteca os obrigasse a ir embora. Então seguiram de carro até a mansão Ward na Prospect Street e falaram noite adentro sem chegar a nenhuma conclusão. O médico descansou perto do amanhecer, mas não foi para casa. Ainda estava na mansão quando, ao meio-dia de domingo, recebeu um telefonema dos detetives contratados para vigiar o Dr. Allen.

O Sr. Ward, que andava nervosamente de um lado para o outro vestido com um roupão, atendeu pessoalmente o telefonema, e solicitou aos homens que fizessem uma visita à casa na manhã seguinte ao saber que tinham um relatório quase pronto. Tanto Willett quanto o Sr. Ward alegraram-se ao perceber que aquela fase da investigação estava tomando corpo, pois qualquer que fosse a origem da estranha mensagem em minúsculas, tudo indicava que o "Curwen" a ser destruído não podia ser outro senão o forasteiro de barba e de óculos escuros. Charles havia temido esse homem, e também havia dito no bilhete frenético que devia ser morto e dissolvido em ácido. Como se não bastasse, Allen vinha recebendo cartas de estranhos feiticeiros da Europa sob a alcunha de Curwen, e não havia dúvidas de que se considerava um avatar do necromante de outrora. E, naquele instante, uma nova e até então desconhecida fonte havia surgido, dizendo que "Curwen" devia ser morto e dissolvido em ácido. Os elos pareciam demasiado coesos para que fossem engendrados; além do mais, Allen não estava planejando o

assassinato do jovem Ward a pedido da criatura chamada Hutchinson? Claro, a carta talvez nunca tivesse chegado até o forasteiro barbudo; mas, a partir do texto, foi possível determinar que Allen já tinha planos concretos para lidar com o jovem caso viesse a mostrar-se demasiado “melindroso”. Sem dúvida, Allen precisava ser detido e, mesmo que as providências mais drásticas não se fizessem necessárias, devia ser colocado em um lugar onde não pudesse fazer mal a Charles Ward.

Naquela tarde, em uma vã esperança de arrancar informações acerca dos mais profundos mistérios da única pessoa capaz de fornecê-las, o pai e o médico dirigiram-se até a baía para visitar o jovem Charles no hospital. Com palavras simples e graves, Willett contou-lhe tudo o que havia descoberto até então e notou que o jovem empalidecia à medida que cada descrição corroborava ainda mais a certeza da descoberta. O médico usou o maior número possível de efeitos dramáticos e permaneceu atento a qualquer expressão de sofrimento no semblante de Charles quando abordou a questão dos poços cobertos e dos inomináveis seres híbridos que continham. Mas a expressão de Ward não se alterou. Willett deteve-se e passou a falar com uma voz indignada quando mencionou que as criaturas estavam passando fome.

Acusou o jovem de ter adotado um comportamento desumano, e estremeceu ao receber como resposta apenas uma risada sardônica. Charles, tendo abandonado qualquer pretensão de fingir que a cripta não existia, deu a impressão de encarar toda aquela circunstância como uma grande piada macabra, e viu-se obrigado a abafar o riso. Então sussurrou, em tons de horror redobrado em função da voz alquebrada que usou, “Que se danem! Eles comem, mas não precisam! Essa é a parte estranha! Um mês sem comida, o senhor disse? Ora, quanta modéstia! Aquele era o chiste que fazíamos com o pobre e velho Whipple, com sua arrogância virtuosa! Matar tudo aquilo, ele? Ah, o desgraçado ficou surdo com os rumores do Espaço Sideral e nunca viu nem ouviu coisa alguma vinda dos poços! Nunca sequer imaginou que existissem! Que o demônio vos leve – aquelas coisas estão uivando lá embaixo desde que Curwen mordeu a terra cento e cinquenta e sete anos atrás!”

Willett foi incapaz de arrancar mais informações do jovem. Horrorizado, porém quase persuadido malgrado a própria vontade, deu seguimento à própria história na esperança de que um incidente qualquer pudesse despertar o interlocutor da insana compostura adotada. Ao encarar o rosto do jovem, o médico não conseguiu evitar um vago sentimento de terror ao perceber as mudanças operadas pelos meses recentes. Em verdade o rapaz havia trazido horrores inomináveis dos céus. Quando o recinto em que se

encontravam as fórmulas e o pó verde foi mencionado, Charles deu a primeira mostra de entusiasmo.

Uma expressão de curiosidade tomou conta do rosto quando ouviu o relato sobre o que Willett havia lido no bloco de anotações, e a seguir o jovem afirmou, em um sucinto comentário, que os apontamentos eram antigos e desprovidos de significado para qualquer pessoa que não detivesse profundos conhecimentos relativos à história da magia. “Mas”, acrescentou, “se o senhor conhecesse a fórmula para invocar aquilo que estava no cílice, não estaria aqui para me contar essa história. Aquele era o número 118, e imagino que o senhor teria estremecido se houvesse consultado a lista no outro cômodo. Eu mesmo jamais o invoquei, muito embora pretendesse conjurá-lo no dia em que o senhor apareceu e mandou-me para cá.”

Então Willett falou sobre a fórmula que havia repetido e a fumaça preto-esverdeada que havia se erguido; e, enquanto falava, viu o mais puro medo despontar pela primeira vez no semblante de Charles Ward. “Ele apareceu e o senhor está vivo?” Quando Ward crocitou as palavras, a voz parecia ter vencido todas as barreiras e afundado em abismos cavernosos de lúgubres ressonâncias. Willett, em um súbito lampejo de inspiração, imaginou ter compreendido o que se passava, e assim incluiu na resposta o alerta retirado de uma correspondência que havia recordado. “Não. 118, você diz? Não se esqueça de que as pedras Tumulares se encontram trocadas em nove de cada dez cemitérios. Não há como ter certeza sem perguntar!” Então, sem nenhum aviso prévio, sacou a diminuta mensagem e postou-a ante os olhos do paciente. Não poderia ter imaginado um resultado mais contundente, pois no mesmo instante Charles Ward desfaleceu.

Toda a conversa, é claro, fora conduzida no mais absoluto sigilo para evitar que os psiquiatras residentes acusassem o pai e o médico de incentivar os delírios patológicos de um louco. Sem nenhum auxílio externo, o Dr. Willett e o Sr. Ward levantaram o jovem desfalecido e puseram-no em cima do sofá. Quando voltou a si, o paciente emitiu diversos balbucios a respeito de uma mensagem que precisava despachar de imediato para Orne e Hutchinson, de modo que, quando a consciência pareceu voltar por completo, o médico lhe asseverou que pelo menos uma dessas estranhas criaturas era um inimigo encarniçado que havia sugerido ao Dr. Allen que o matasse. Essa revelação não produziu nenhum efeito visível, e mesmo antes os visitantes puderam ver que o anfitrião tinha o olhar de um homem acossado.

Daquele ponto em diante, Charles Ward recusou-se a continuar a conversa, e assim Willett e o pai resolveram ir embora, deixando para trás um alerta em relação ao barbudo Allen, ao qual o jovem respondeu prontamente dizendo que já havia dado um jeito no assunto e que essa pessoa não faria mal a mais ninguém nem se quisesse. O comentário fez-se acompanhar de uma risada malévola muito dolorosa de ouvir. Willett e o Sr. Ward não se preocuparam com a chance de que Charles pudesse escrever uma carta para a monstruosa dupla na Europa, pois sabiam que as autoridades do hospital interceptavam toda a correspondência externa para fins de censura e que não deixariam passar nenhuma mensagem extravagante ou desvairada.

Existe, no entanto, uma curiosa sequência para a história de Orne e de Hutchinson, se de fato os feiticeiros no exílio chamavam-se assim. Movido por um vago pressentimento em meio aos horrores desse período, Willett contratou um serviço de recortes internacionais para que se mantivessem atentos a quaisquer relatos de crimes e acidentes em Praga e no leste da Transilvânia; seis meses depois, convenceu-se de que havia encontrado dois itens de suma importância na miscelânea de recortes que havia recebido e mandado traduzir. Um dizia respeito à destruição total de uma casa à noite no bairro mais antigo de Praga e ao desaparecimento de um velho maléfico chamado Josef Nadek, que morava sozinho desde as mais remotas lembranças dos moradores locais. O outro dizia respeito a uma explosão titânica nas montanhas da Transilvânia a leste de Rakus e ao total aniquilamento do agourento Castelo Ferenczy e de todos os antigos ocupantes – um lugar cujo proprietário era tão mal falado pelos camponeses e soldados da região que em breve teria sido intimado a se apresentar em Bucareste para um interrogatório se o incidente não tivesse dado fim a uma longa carreira que remontava a tempos anteriores à lembrança comum. Willett sustenta que a mão que escreveu as minúsculas também era capaz de empunhar armas mais fortes, e que, embora a aniquilação de Curwen tenha ficado a seu próprio encargo, o autor em pessoa teria saído em busca de Orne e de Hutchinson. Em relação ao destino que se teria abatido sobre os dois, o médico evita ao máximo pensar.

6.

Na manhã seguinte, o Dr. Willett apressou-se rumo à mansão dos Ward para estar presente quando os detetives chegassem. A destruição ou a captura de Allen – ou de Curwen, se a tácita alegação de reencarnação fosse deveras válida – devia ser empreendida a todo custo, e o médico

detalhou essa convicção ao Sr. Ward enquanto os dois permaneciam sentados à espera dos homens. Nessa ocasião encontravam-se no térreo, pois as partes superiores da casa estavam sendo evitadas em função da peculiar repugnância que pairava de maneira indefinida ao redor de tudo; uma repugnância que os criados de longa data associavam a uma maldição deixada pelo desaparecido retrato de Curwen.

Às nove horas, os três detetives apresentaram-se e no mesmo instante relataram tudo o que tinham a relatar. Infelizmente, não tinham localizado o nativo de Brava Tony Gomes como haviam desejado, tampouco encontrado qualquer resquício sobre a origem ou o paradeiro do Dr. Allen, mas tinham conseguido reunir um número considerável de impressões e fatos relativos ao lacônico forasteiro. Allen tinha dado aos habitantes de Pawtuxet a impressão de que seria uma criatura vagamente sobrenatural, e havia uma crença generalizada de que a grossa barba escura seria ou tingida ou postiça – uma crença demonstrada de maneira irrefutável quando uma barba postiça de acordo com essa descrição e acompanhada por um par de óculos escuros foi encontrada no quarto que havia ocupado na fatídica casa em Pawtuxet. A voz, como o Sr. Ward poderia confirmar a partir da conversa telefônica, tinha um caráter profundo e sepulcral que seria impossível esquecer, e o olhar irradiava malevolência até mesmo por trás dos óculos escuros com armação de casco de tartaruga. Um certo comerciante, durante o curso das negociações, tinha visto um espécime da caligrafia de Allen e declarou que consistia em estranhas garatujas, o que foi confirmado pelas enigmáticas notas a lápis encontradas no quarto que ocupava e mais tarde reconhecidas pelo comerciante. Em relação às suspeitas de vampirismo aventadas no verão anterior, a maioria dos boatos indicava que Allen, e não Ward, seria efetivamente o vampiro. Também foram colhidos relatos dos policiais que haviam visitado a casa em Pawtuxet após o desagradável incidente do roubo com o caminhão. Todos haviam pressentido menos elementos sinistros no Dr. Allen, mas a partir de então passaram a considerá-lo a figura dominante na estranha casa ensombrecida. O lugar era demasiado escuro para que pudessem vê-lo com nitidez, mas seriam capazes de reconhecê-lo mesmo assim. A barba parecia estranha, e o homem parecia ter uma discreta cicatriz acima do olho direito por trás dos óculos. Quanto à busca empreendida pelos detetives no quarto de Allen, não trouxe nenhuma revelação decisiva além da barba e dos óculos e de várias anotações a lápis feitas com garatujas que Willett no mesmo instante reconheceu como sendo idênticas àquelas nos antigos manuscritos de Curwen e nas volumosas notas recentes do jovem Ward encontradas nas desaparecidas catacumbas de horror.

O Dr. Willett e o Sr. Ward receberam a impressão de um profundo, sutil e insidioso medo cósmico das informações que aos poucos se desvelavam, e quase estremeceram ao levar adiante o pensamento vago e insano que lhes ocorreu ao mesmo tempo. A barba postiça e os óculos, as garatujas de Curwen – o velho retrato e a pequena cicatriz, e o jovem desvairado no hospital com uma cicatriz idêntica, a voz profunda e sepulcral ao telefone – não fora nessas coisas que o Sr. Ward pensou ao ouvir o filho latir as notas dignas de pena às quais naquele ponto afirmava estar reduzido? Alguém já tinha visto Charles e Allen juntos? Uma vez, os policiais – mas e depois? Não foi quando Allen se afastou que Charles de repente perdeu o medo cada vez maior e começou a viver de forma plena na casa em Pawtuxet? Curwen – Allen – Ward – em que fusão blasfema e abominável essas duas épocas e essas duas pessoas teriam se envolvido? A semelhança maldita entre Charles e o retrato – por acaso a pintura não costumava encarar o jovem e segui-lo com os olhos pelo cômodo? Mas por que tanto Allen quanto Charles haveriam de copiar a caligrafia de Joseph Curwen, mesmo sozinhos e com a guarda baixa? E havia também o horrendo trabalho dessas pessoas – a cripta de horrores perdida que havia levado o médico a envelhecer de um dia para o outro; os monstros famintos nos poços insalubres; a pavorosa fórmula capaz de trazer resultados inomináveis; a mensagem em minúsculas encontrada no bolso de Willett; os papéis e as cartas e as discussões acerca de túmulos e "sais" e descobertas – como tudo poderia encaixar-se? No fim, o Sr. Ward fez a coisa mais sensata. Armado contra todos os questionamentos quanto ao motivo para agir dessa forma, entregou aos detetives um objeto que devia ser mostrado aos comerciantes de Pawtuxet que tivessem visto o agourento Sr. Allen. O objeto era uma fotografia do próprio filho desafortunado, na qual desenhou, com todo o cuidado, à tinta, um par de pesados óculos escuros e a barba negra e pontuda que os detetives haviam trazido do quarto de Allen.

Por duas horas esperou com Willett na atmosfera opressiva da mansão onde o medo e os miasmas aos poucos se mesclavam enquanto o painel vazio na biblioteca do terceiro andar de cima permanecia a fitar com malícia. Então os homens retornaram. De fato, a fotografia alterada era uma representação absolutamente passável do Dr. Allen. O Sr. Ward empalideceu, e Willett enxugou com um lenço a testa que se havia umedecido de repente. Allen – Ward – Curwen – tudo estava se tornando horrendo demais para um raciocínio coerente. O que o garoto havia invocado do abismo, e como a entidade poderia tê-lo afetado? O que, em suma, havia acontecido do início ao fim? Quem era esse Allen que tentara matar Charles por considerá-lo "melindroso" em demasia, e por que a

vítima pretendida havia dito no pós-escrito à carta frenética que o forasteiro devia ser destruído com ácido? Por que, além do mais, a mensagem em minúsculas, cuja origem ninguém se atrevia a cogitar, dizia que "Curwen" devia ser destruído de maneira idêntica? No que consistiria a mudança, e quando o estágio final havia chegado?

No dia em que o bilhete frenético foi recebido, Charles havia passado a manhã inteira nervoso, e depois operou-se uma mudança. O jovem se esgueirou para fora da casa sem que ninguém o visse e caminhou a passos largos, deixando para trás os homens contratados para vigiá-lo. Durante aquele tempo esteve fora. Mas não – por acaso não havia soltado um grito de terror ao adentrar o gabinete – aquele mesmo recinto? O que havia encontrado lá dentro? Ou, então – o que o havia encontrado? O simulacro que tornou a casa sem que o vissem partir – seria um espectro sideral e um horror que se abatia sobre uma figura trêmula que, na verdade, jamais havia saído? O mordomo não havia mencionado barulhos estranhos?

Willett pediu que chamassem o homem e fez-lhe algumas perguntas em voz baixa. Sem dúvida a situação havia sido tensa. Houve barulhos – um grito, um suspiro e um engasgo, e a seguir uma espécie de rangido ou estrépito ou baque, ou ainda todos os três. E o Sr. Charles não era mais o mesmo quando deixou o cômodo sem dizer uma palavra sequer. O mordomo tremia ao falar, e sentiu o cheiro do ar fétido que soprava de uma janela aberta no andar de cima. O terror havia se instalado em definitivo na mansão, e apenas os detetives profissionais davam a impressão de não ter digerido a notícia. Mesmo assim, também estavam irrequietos, pois no segundo plano o caso apresentava elementos vagos que não lhes agradavam nem um pouco. O Dr. Willett pensava com profundidade e clareza, e esses pensamentos eram terríveis. Às vezes quase sucumbia aos balbucios enquanto examinava mentalmente uma nova, terrível e cada vez mais conclusiva cadeia de acontecimentos dignos de um pesadelo.

Então o Sr. Ward sinalizou que a conferência havia chegado ao fim, e todos, à exceção dele e do médico, deixaram o recinto. Era meio-dia, porém sombras como as da noite que cai ameaçavam engolir a casa assombrada por espectros em um triunfo de zombaria. Willett começou a falar em tom muito sério com o anfitrião e insistiu em pedir-lhe que deixasse grande parte da futura investigação a seu encargo.

Segundo imaginava, haveria certos elementos nocivos que um amigo poderia suportar melhor do que um familiar. Como médico da família, precisaria ter carta branca, e a primeira coisa que exigiu foi um período

de solidão e repouso na biblioteca abandonada do andar de cima, onde o antigo painel havia ganhado uma aura de horror insalubre mais intensa do que quando as próprias feições de Joseph Curwen espreitavam com olhos argutos de cima do retrato pintado.

O Sr. Ward, perplexo ante a enxurrada de elementos morbidamente grotescos e de sugestões inconcebivelmente insanas que o assaltavam por todos os lados, não teve alternativa senão aquiescer; e, meia hora mais tarde, o médico estava trancado no temido recinto com o painel retirado de Olney Court. O pai, escutando no lado de fora, ouviu sons de movimentações e de vasculhamentos à medida que o tempo passava; e por fim um esforço e um rangido, como se um pesado armário estivesse a ser aberto. Então veio um grito abafado, uma espécie de engasgo e um baque veloz, provocado pelo fechamento do que quer que tivesse sido aberto. Quase no mesmo instante a chave movimentou-se na fechadura e Willett apareceu no corredor, com uma expressão sinistra e tétrica, e exigiu lenha para a lareira na parede sul da habitação. Asseverou que a fornalha não seria o bastante; e a lareira elétrica teve pouco uso prático.

Angustiado, porém avesso a fazer perguntas, o Sr. Ward deu as ordens correspondentes e um homem levou troncos de pinho, estremecendo ao penetrar a atmosfera pestilenta da biblioteca a fim de colocá-los na grelha. Nesse meio-tempo, Willett subiu ao laboratório desativado e desceu com uma miscelânea de itens não levados durante a mudança efetuada no mês de julho anterior. Estavam todos em uma cesta coberta, e o Sr. Ward jamais chegou a ver do que se tratava.

Então o médico trancou-se mais uma vez na biblioteca, e pelas nuvens de fumaça que saíam da chaminé e ondulavam em frente às janelas, pôde-se depreender que havia acendido o fogo. Mais tarde, após um intenso farfalhar de jornais, o puxão e o rangido foram ouvidos mais uma vez, seguidos por um baque que desagradou a todos os que o ouviram. A seguir, vieram dois gritos abafados de Willett, e no momento seguinte um rumor que provocou um indefinível sentimento de repulsa. A fumaça empurrada pelo vento tornou-se muito escura e acre, e todos desejaram que o clima os houvesse poupado daquela sufocante e deletéria inundação de vapores peculiares. O Sr. Ward sentiu a cabeça rodopiar vertiginosamente, e toda a criadagem amontoou-se em um grupo compacto para ver a horrenda fumaça preta descer pela chaminé. Após um longo tempo de espera, os vapores deram a impressão de se dissipar, e os ruídos quase amorfos de arranhões, deslizamentos e de outras operações menores foram ouvidos por trás da porta trancada. Por fim, após o bater de um armário no interior do cômodo, Willett tornou a

aparecer – triste, pálido e desalentado, e segurando na mão a cesta coberta que havia buscado no laboratório do andar de cima.

Tinha deixado a janela aberta, e por todo aquele recinto outrora maldito soprava uma brisa de ar puro e salubre que se misturava ao estranho e recente cheiro dos desinfetantes. O antigo painel continuava no lugar de sempre, mas parecia desprovido de malignidade, e erguia-se calmo e opulento como se jamais tivesse ostentado o retrato de Joseph Curwen. A noite se aproximava, porém, dessa vez, as sombras não traziam nenhum medo latente – apenas uma suave melancolia. Quanto ao que havia feito, o médico jamais viria a falar. Para o Sr. Ward, disse apenas: “Eu não posso responder a nenhuma pergunta, mas afirmo que existem diferentes tipos de magia. Fiz uma grande purgação, e as pessoas desta casa vão dormir melhor agora”.

7.

Que a “purgação” feita pelo Dr. Willett foi um suplício quase tão devastador quanto as pavorosas andanças pela cripta desaparecida pode ser demonstrada pelo fato de que o velho médico sucumbiu assim que chegou em casa naquela mesma noite. Permaneceu três dias inteiros confinado no quarto, embora mais tarde a criadagem tenha sussurrado alguma coisa sobre a noite de quarta-feira, quando a porta de entrada abriu-se e fechou-se com espantosa delicadeza. A imaginação dos criados, felizmente, é limitada, pois de outra forma poderiam ter-se deixado influenciar por uma nota na edição de quinta-feira do *Evening Bulletin* que dizia o seguinte:

VAMPIROS DO CEMITÉRIO NORTE AGEM MAIS UMA VEZ

> *Dez meses após o covarde vandalismo perpetrado no jazigo de Weeden no North Burial Ground, um malfeitor noturno foi avistado pela manhã no mesmo cemitério pelo guarda-noturno Robert Hart.*

Quando olhou por acaso ao redor por volta das duas horas da madrugada, o Sr. Hart avistou o brilho de uma lamparina ou de lanterna portátil um pouco a noroeste e, ao abrir a porta, deparou com o vulto de um homem delineado contra uma luz elétrica nas proximidades. Lançando-se de imediato a uma perseguição, o guarda-noturno observou o vulto correr depressa em direção à entrada principal do cemitério, ganhar a rua e perder-se em meio às sombras antes que pudesse efetuar a aproximação ou a captura.

Como os primeiros vampiros ladrões de sepultura do ano passado, o intruso não chegou a causar nenhum estrago. Uma parte vazia do jazigo da família Ward mostrava indícios de uma escavação superficial, que, no entanto, não chegava sequer próximo ao tamanho de uma sepultura, e outros jazigos tampouco foram perturbados.

O Sr. Hart conseguiu perceber apenas que o malfeitor era um homem barbado e de pequena estatura, e acredita que os três incidentes tenham uma fonte comum; mesmo assim, os agentes da Segunda Delegacia de Polícia pensam diferente em função da violência observada no segundo incidente, quando um antigo caixão foi removido e teve a lápide destruída mediante o uso da força.

O primeiro incidente, em que a possível tentativa de enterrar alguma coisa viu-se frustrada, ocorreu em março último, e foi atribuído a falsificadores de bebida em busca de um lugar improvável para estocar as mercadorias ilegais. Segundo o sargento Riley, é possível que esse terceiro incidente tenha uma motivação semelhante. Os agentes da Segunda Delegacia de Polícia empenham todos os esforços possíveis na localização e na captura dos malfeitores responsáveis por esses
reiterados ultrajes.

Durante toda a quinta-feira o Dr. Willett descansou como se estivesse a se recuperar de algum ocorrido ou a preparar-se para o que pudesse suceder. À tarde, escreveu um bilhete para o Sr. Ward, que foi entregue na manhã seguinte e que levou o atônito pai a uma longa e profunda meditação. O Sr. Ward não fora capaz de se dedicar a nada desde o choque da segunda-feira devido aos impressionantes relatos da sinistra "purgação", mas conseguiu encontrar um lampejo de tranquilidade na carta do médico, apesar do desespero que dava a impressão de prometer e dos mistérios que parecia evocar.

> Barnes St., n° 10 Providence, R.I., 12 de abril de 1928.
>
> CARO THEODORE – Sinto que devo ter uma palavra com você antes de fazer o que pretendo fazer amanhã. Disponho-me a terminar o assunto que nos tem ocupado (pois sinto que nenhuma pá haverá de encontrar o monstruoso lugar que conhecemos), mas temo que nada seja capaz de tranquilizá-lo enquanto eu não asseverar de maneira expressa que acredito ter encontrado uma solução definitiva.
>
> Você me conhece desde que era menino, então acho que não teria motivo para desconfiar de mim se eu disser que certos assuntos devem ser relegados à incerteza e ao esquecimento. O melhor a fazer é abandonar

todo tipo de especulação acerca do caso de Charles, e é muito importante que você não conte à mãe do garoto nada além do que ela já suspeita. Quando eu o visitar amanhã, Charles terá fugido. Eis tudo o que outras pessoas devem saber. Charles estava louco e fugiu. Você pode fazer revelações suaves e graduais à mãe quando parar de enviar as notas datilográficas em nome do garoto. Eu o aconselharia a encontrar sua esposa em Atlantic City e descansar um pouco. Deus sabe que você precisa descansar após um choque desses, e o mesmo vale para mim. Vou passar uma temporada no Sul para me acalmar e me preparar para o que ainda virá.

Por isso, peço que você não me faça perguntas quando eu o visitar. Pode ser que as coisas deem errado, mas, nesse caso, eu prometo avisá-lo. Não acho que vá acontecer. Não haverá mais nada com o que se preocupar, pois Charles estará a salvo, totalmente a salvo. Agora mesmo está mais seguro do que você pode imaginar. Você não tem mais motivos para temer Allen, ou ainda quem ou o que possa ser esse misterioso personagem. Allen pertence ao passado, assim como o retrato de Joseph Curwen e, quando eu tocar a campainha da sua porta, você pode ter a certeza de que essa pessoa não existe. O que quer que tenha escrito aquela mensagem em minúsculas nunca mais vai importunar você ou a sua família.

Mas você deve estar pronto para enfrentar a melancolia e preparar a sua esposa para fazer o mesmo. Vejo-me obrigado a dizer, com toda a franqueza, que a fuga de Charles não vai significar a volta do garoto para casa. Charles vem sofrendo com uma moléstia um tanto singular, como você mesmo pode concluir pelas sutis alterações físicas e mentais que o afligiram, e você não deve nutrir a esperança de um dia tornar a vê-lo. À guisa de consolo, saiba que o seu filho nunca foi um demônio ou sequer um louco, mas apenas um garoto ávido, dedicado e curioso levado à ruína pelo amor que nutria em relação ao mistério e ao passado. Charles descobriu coisas que nenhum mortal jamais deveria saber e esquadrinhou o passado de uma forma que ninguém deveria fazer; e uma sombra surgiu do passado a fim de tragá-lo.

Agora chegamos ao ponto em que a sua confiança se faz mais necessária, pois é certo que não há incertezas quanto ao destino de Charles. Daqui a cerca de um ano, digamos, você pode imaginar um relato coeso para o fim se assim desejar, pois o garoto não haverá mais de existir. Você há de erguer uma lápide no jazigo da família no North Burial Ground exatos três metros a oeste da lápide do seu pai, apontada para a mesma direção, para assim marcar o verdadeiro lugar de repouso do seu filho. Não há motivos para temer que o monumento possa marcar o local de qualquer aberração ou monstruosidade. As cinzas no túmulo serão as dos seus ossos e tendões inalterados – terão pertencido ao verdadeiro Charles Dexter Ward, cujo desenvolvimento você acompanhou desde a infância –, o verdadeiro

Charles, com a marca escura no quadril e sem a marca das bruxas no peito nem a cicatriz acima da sobrancelha. O Charles que nunca fez nenhum mal, e que terá pago os "melindres" com a própria vida.

Eis tudo. Charles terá fugido, e daqui a um ano você poderá erguer-lhe uma lápide. Não me faça perguntas amanhã. Mas acredite que a honra dessa antiga família permanece imaculada, como sempre esteve em todas as épocas desde o mais remoto passado.

Com os meus profundos sentimentos, e com exortações à fortaleza, à serenidade e à resignação, permaneço sendo

Seu amigo sincero, MARINUS B. WILLETT.

Então, na manhã do dia 13 de abril de 1928, Marinus Bicknell Willett visitou o quarto de Charles Dexter Ward no hospital particular do Dr. Waite em Conanicut Island. O jovem, embora não tentasse evitar o visitante, encontrava-se em um estado de espírito sombrio, e demonstrava pouca disposição para entabular a conversa que Willett obviamente desejava. A nova descoberta feita pelo doutor em relação à cripta e aos monstruosos experimentos conduzidos no local tinha criado uma nova fonte de constrangimento, de maneira que ambos hesitaram após a troca das formalidades obrigatórias. Logo surgiu um novo elemento restritivo enquanto Ward dava a impressão de ler, por trás do semblante impassível do médico, uma terrível obstinação que jamais havia estado lá. O paciente se encolheu, ciente de que desde a última visita havia se operado uma mudança graças à qual o obsequioso médico da família havia cedido o lugar a um vingador impiedoso e implacável.

Ward chegou a empalidecer, e o médico foi o primeiro a tomar a palavra.

– Mais coisas foram encontradas – disse –, e devo avisá-lo de que certas explicações se fazem necessárias.

– Cavando mais uma vez em busca de bichos famintos? – retrucou Ward com uma nota de forte ironia. Não havia dúvidas de que o jovem pretendia manter as bravatas até o fim.

– Não – emendou Willett lentamente –; dessa vez não precisei cavar. Nossos homens vigiaram o Dr. Allen e encontraram os óculos e a barba postiça na casa em Pawtuxet.

– Excelente! – comentou o anfitrião, inquieto, em uma tentativa de insulto espirituoso. – Espero que sirvam melhor do que os óculos e a barba que o senhor está usando nesse instante.

– Serviriam muito bem em você – veio a resposta calma e estudada –, como a bem dizer parecem ter servido.

Quando Willett pronunciou aquelas palavras, foi como se uma nuvem obscurecesse o sol, embora as sombras no assoalho não tivessem sofrido qualquer alteração. Então Ward arriscou:

– Essa é a explicação que tanto se faz necessária? E se uma pessoa julgar conveniente transformar-se em duas de vez em quando?

– Não – respondeu Willett com voz grave. – Mais uma vez você se engana. Um homem que busca a dualidade não me diz respeito, contanto que tenha direito a existir e que tampouco destrua aquilo que o invocou desde o espaço.

Ward teve um violento sobressalto.

– Bem, mas o que descobristes, e o que desejas de mim?

O médico deixou que alguns instantes se passassem antes de responder, como se estivesse a pensar em uma resposta eficaz.

– Descobri – continuou por fim – uma certa coisa em um armário por trás de um antigo painel em que esteve outrora um retrato, e queimei-a e enterrei as cinzas restantes no lugar onde há de ser o túmulo de Charles Dexter Ward.

O paciente insano engasgou-se e saltou da cadeira onde se encontrava sentado.

– Maldito sede! A quem contastes, e quem há de acreditar que seja ele após esses dois meses em que estive vivo? O que pretendeis fazer?

Willett, embora fosse um homem pequeno, investiu-se de uma majestade judicial enquanto acalmava o paciente com um gesto.

– Não contei a ninguém. Não se trata de um caso comum, é uma loucura vinda do tempo e um horror de além das esferas que nenhuma polícia, nenhum tribunal, nenhum advogado e nenhum psiquiatra seria capaz de compreender ou de reparar. Graças a Deus, o destino agraciou-me com a chama da imaginação para que eu não enlouquecesse pensando sobre essa coisa. O senhor não me engana, Joseph Curwen, pois eu sei que essa magia amaldiçoada é verdadeira!

“Eu sei que o senhor urdiu o feitiço que pairou ao redor do tempo e aferrou-se ao seu duplo e descendente; sei que o atraiu rumo ao passado e que o levou a retirá-lo da odiosa sepultura onde o senhor se encontrava;

sei que o manteve oculto no laboratório enquanto o senhor estudava as coisas modernas e vagava como um vampiro à noite, e sei que mais tarde apresentou-se de óculos e barba para que ninguém se espantasse com a semelhança blasfema entre ambos; sei o que o senhor resolveu fazer quando o garoto hesitou ante a monstruosa profanação das sepulturas mundo afora, e ante o que o senhor planejava para mais tarde, e sei como o senhor levou o plano a cabo.

"O senhor tirou a barba e os óculos e enganou os guardas ao redor da casa. Acharam que era Charles quem havia entrado e depois acharam que era Charles quem havia saído, quando, na verdade, o senhor o havia estrangulado e ocultado o corpo. Mas o senhor não havia levado em conta a diferença de conteúdo entre as duas mentes. O senhor foi um tolo, Curwen, por achar que uma simples identidade visual seria o bastante! Por que não pensou na maneira de falar, na voz e na caligrafia? No fim não deu certo, como o senhor mesmo pode ver. O senhor conhece melhor do que eu quem ou o que escreveu aquela mensagem em minúsculas, mas aviso que não foi escrita em vão. Existem abominações e blasfêmias que precisam ser aniquiladas, e acredito que o autor daquelas palavras há de se juntar a Orne e a Hutchinson. Uma dessas criaturas, certa vez, escreveu-lhe, dizendo: 'não evoque ninguém que não possa mandar de volta'. O senhor já foi vencido antes, talvez dessa mesma forma, e pode ser que a sua própria magia demoníaca traga-lhe mais uma vez a ruína. Curwen, não podemos interferir com a natureza além de certos limites, e todos os horrores que o senhor urdiu hão de retornar para eliminá-lo."

Naquele ponto, o médico foi interrompido por um grito convulsivo da criatura que tinha diante de si. Acuado, indefeso e ciente de que qualquer demonstração de violência física chamaria uma vintena de enfermeiros em auxílio ao visitante, Joseph Curwen recorreu ao antigo aliado, e assim começou uma série de gestos cabalísticos com os indicadores enquanto a voz profunda e sepulcral, enfim livre da rouquidão fingida, recitou as palavras iniciais de uma terrível fórmula.

"PER ADONAI ELOIM, ADONAI JEHOVA, ADONAI SABAOTH, METRATON..."

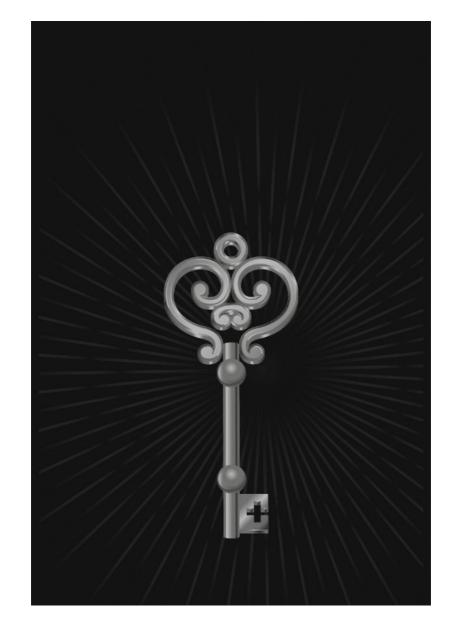
Porém, Willett foi mais rápido. No mesmo instante em que os cachorros do pátio começaram a uivar, e no mesmo instante em que um vento gélido soprou da baía, o médico começou a entoar, de maneira solene e compassada, as palavras que desde o início pretendia recitar. Olho por olho, magia por magia, que o desfecho mostre como a lição do abismo foi

aprendida! Então, com uma voz clara, Marinus Bicknell Willett começou a segunda fórmula do par cujo primeiro elemento havia conjurado o autor daquelas minúsculas – a críptica invocação cujo cabeçalho era a Cauda do Dragão, signo do nó descendente.

“OGTHROD A’TF GEB’L – EE’H YOG-SOTHOTH ‘NGAH’NG Al’Y ZHRO!”

Assim que a primeira palavra deixou os lábios de Willett, a fórmula começada antes pelo interno foi interrompida. Incapaz de falar, o monstro executou gestos frenéticos com os braços até que eles por fim também se detiveram. Quando o terrível nome de Yog-Sothoth foi pronunciado, teve início a horrenda transformação. Não era uma simples dissolução, mas antes uma transformação ou recapitulação; e Willett fechou os olhos para evitar que desfalecesse antes de terminar o encanto.

Porém, não desfaleceu, e aquele homem de séculos blasfemos e segredos proscritos jamais tornou a perturbar o mundo. A loucura, vinda do tempo, desaparecera, e o caso de Charles Dexter Ward havia chegado ao fim. Quando abriu os olhos, antes de sair cambaleando daquele recinto de horror, o Dr. Willett percebeu que o que havia retido na memória não fora em vão. Conforme havia previsto, o emprego de ácidos não foi necessário. Pois, como o amaldiçoado retrato de um ano antes, naquele momento Joseph Curwen jazia espalhado pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

A CHAVE DE PRATA

A CHAVE DE PRATA

1ª EDIÇÃO

Apresentação

O principal objetivo de reunir novas histórias em um segundo volume de *Os melhores contos* é trazer ao leitor uma experiência mais completa da obra de Lovecraft. Para isso, inclui-se nesta seleção contos que vão além do já conhecido horror cósmico e sobrenatural. Um desses contos é *A chave de prata*.

Os acontecimentos da narrativa são instrumentos para Lovecraft expor seu pensamento acerca da vida, da criação artística e busca pela identidade. Por meio dos sonhos, a personagem de Randolph Carter busca fugir da vida que considera fútil e sem graça e reconquistar as maravilhas que não existem no plano do real. Considerado pela crítica o mais filosófico e reflexivo dos contos, a marcante personagem de Carter é muitas vezes considerada um alter ego de Lovecraft.

Sob as pirâmides, curiosamente, é um conto escrito sob encomenda para o famoso mágico e escapologista Harry Houdini, que assina o texto como se o relato fosse autêntico. O conto foi interpretado como anedota e muitos leitores o deixam escapar, não dando a devida atenção. Porém, traz o de mais apreciado em Lovecraft, fazendo com que sua leitura valha muito a pena.

Impossível deixar de citar o conto *A rua*, também presente neste box. Diversas vezes, Lovecraft refletiu em suas obras seu pensamento conservador, sendo muitas vezes considerado racista e xenófobo. Esse é um lado do mestre do terror que, ainda que não faça parte do pensamento atual e tampouco represente o posicionamento do editor e, acredita-se, de seu público, não se pode passar batido. É preciso fazer uma reflexão acerca de autor *versus* obra, mas, sobretudo, procurar o que se pode aprender dadas as circunstâncias. Espera-se que o leitor siga por esse viés.

Os ratos nas paredes, *Os sonhos na casa da bruxa*, *O que a lua traz consigo* são outros contos para apreciação.

Boa leitura.

A CHAVE
DE PRATA

1
A chave de prata

Aos trinta anos, Randolph Carter perdeu a chave do portal dos sonhos. Antes, ele compensava a monotonia da vida cotidiana com excursões noturnas a estranhas e antigas cidades no espaço distante e a regiões de jardins aprazíveis e fantásticos aos quais chegava cruzando mares etéreos. Mas, à medida que a meia-idade se abatia sobre ele, Carter sentia essa capacidade se esgotar pouco a pouco, até que, por fim, desapareceu por completo. Suas galeras já não poderiam subir o rio Oukranos para além das torres de ouro de Thran, nem poderiam suas caravanas de elefantes vagar pelas florestas perfumadas de Kled, onde palácios esquecidos com colunas de marfim dormiam sob a lua, graciosos e inalteráveis.

Ele havia lido muito sobre as coisas como elas são, e tinha conversado com muitas pessoas. Os filósofos, com a melhor das intenções, ensinaram-no a olhar para as relações lógicas entre as coisas e a analisar os processos que davam forma aos seus pensamentos e divagações. O encanto desapareceu, e ele se esqueceu de que a vida nada mais é do que um conjunto de imagens existentes em nossos cérebros, não havendo nenhuma diferença entre as nascidas de fatos reais e as nascidas de sonhos que só existem em nossa intimidade, e que não há qualquer motivo para considerar uma mais valiosa que a outra. O costume tinha enchido seus ouvidos com uma reverência supersticiosa pelo que existe tangível e fisicamente e o tornara secretamente envergonhado das visões. Os homens sábios lhe disseram que suas fantasias ingênuas eram fúteis e infantis, e ele acreditara, porque era capaz de ver que elas poderiam facilmente ser assim. O que ele não conseguia lembrar era que os feitos da realidade são igualmente insanos e infantis, e ainda mais absurdos, porque seus atores persistem em imaginá-los como cheios de significado e propósito, enquanto o cosmos cego vai circulando sem rumo, do nada para as coisas, e das coisas para o nada de novo, sem preocupação ou interesse pelos anseios ou pela existência das mentes que cintilam por um segundo aqui e ali dentro da escuridão.

Eles o acorrentaram às coisas que existem, e depois explicaram a ele o

funcionamento delas, até que o mistério desapareceu do mundo. Quando ele se queixava e sentia o desejo imperioso de fugir para as regiões crepusculares, onde a magia moldava todos os pequenos fragmentos vívidos e associações prezadas de sua mente em visões de ansiada expectativa e deleite insaciável, eles o voltavam em direção aos prodígios recém-descobertos da ciência e o encorajavam a encontrar a magia no vórtice do átomo e o mistério nas dimensões do céu. E quando ele falhava em encontrar essas dádivas nas coisas cujas leis são conhecidas e mensuráveis, diziam a ele que lhe faltava imaginação e que era imaturo, pois preferia a ilusão dos sonhos às ilusões de nossa criação física.

Dessa forma, Carter tentou fazer o que os outros faziam, tentando convencer-se de que os eventos e emoções da vida comum eram mais importantes que as fantasias das almas mais raras e delicadas. Não protestou quando disseram a ele que a dor animal de um porco apunhalado ou de um lavrador dispéptico na vida real é mais importante do que a beleza incomparável de Narath, a cidade de cem portões esculpidos, com suas cúpulas de calcedônia, de que ele se lembrava vagamente de seus sonhos; e, sob a orientação de tais sábios cavalheiros, ele cultivou um meticuloso senso de compaixão e tragédia.

Ocasionalmente, no entanto, era inevitável pensar em como eram triviais, inconstantes e sem sentido todas as aspirações humanas, e em como contrastavam os verdadeiros impulsos da nossa vida real com os ideais pomposos que aqueles senhores dignos proclamavam defender. E então ele recorria à ironia que o tinham ensinado a usar para combater a extravagância e a artificialidade dos sonhos; porque percebia que a vida cotidiana de nosso mundo é, na mesma medida, extravagante e artificial, e muito menos digna de respeito devido à beleza escassa e à obstinação estúpida em não querer admitir sua própria falta de sentido e finalidade. Assim, ele foi se transformando em uma espécie de humorista, não percebendo que nem mesmo o humor tem sentido em um universo indiferente e destituído de qualquer padrão verdadeiro de autenticidade.

Nos primeiros dias de sua servidão, ele se voltara para a nobre fé fanática que a crença ingênua de seus pais tinha lhe inculcado, pois dela abriam-se caminhos místicos que pareciam oferecer alguma possibilidade de escapar dessa vida. Mas uma observação mais cuidadosa o fez entender a falta de fantasia e beleza, a trivialidade rançosa e tediosa, a gravidade solene e as pretensões grotescas da fé inabalável que reinava de maneira monótona e esmagadora entre a maioria dos que a professavam; ou sentir em toda a extensão a inaptidão com que tentava manter vivos, como fato literal, os crescentes temores e indagações de uma raça primitiva que se confrontava

com o desconhecido. Carter ficava entediado com a solenidade com que as pessoas tentavam interpretar a realidade terrena a partir de velhos mitos, que a cada passo eram refutados por sua própria ciência arrogante. E essa seriedade inoportuna e fora de lugar matou o interesse que ele poderia ter sentido pelas crenças antigas, se elas tivessem se limitado a oferecer ritos sonoros e válvulas de escape emocionais em seu autêntico aspecto de fantasia etérea.

Mas, quando começou a estudar aqueles que haviam abandonado os velhos mitos, achou-os ainda mais detestáveis do que aqueles que os respeitavam. Eles não sabiam que a beleza reside na harmonia, e que o encanto da vida não obedece a nenhuma regra deste cosmos sem propósito, a não ser por sua sintonia com os sonhos e sentimentos do passado que moldaram cegamente nossas pequenas esferas a partir dos restos do caos. Eles não viam que o bem e o mal, a beleza e a feiura, são apenas produtos ornamentais do nosso ponto de vista, cujo único valor reside em sua relação com o que o acaso levou nossos pais a pensar e sentir; e que suas características, mesmo as mais sutis, são diferentes em cada raça e em cada cultura. Em vez disso, eles negaram todas essas coisas, ou transferiram-nas para os instintos vagos e primitivos que temos em comum com os animais e os simplórios; desse modo, suas vidas se arrastavam penosamente pela dor, pela fealdade e pelo desequilíbrio; embora, sim, preenchidas com o orgulho ridículo de ter escapado de um mundo que, na verdade, não era menos insano do que aquele que agora os sustentava. Tudo o que fizeram foi trocar os falsos deuses do medo e da fé cega pelos da permissividade e da anarquia.

Carter não gostava muito dessas liberdades modernas, porque eram mesquinhas e sórdidas e adoeciam um espírito que amava unicamente a beleza. Além disso, sua razão se rebelava contra a lógica indelével com a qual seus paladinos tentavam cobrir de ouro os brutais impulsos humanos com uma santidade arrebatada dos ídolos que haviam rejeitado. Ele via que a maioria das pessoas, assim como o trabalho desacreditado do clero, não poderia escapar da ilusão de que a vida tem um significado diferente daquele que os homens atribuem a ela, tampouco abandonar as noções grosseiras de ética e dever que estivessem além daquelas da beleza, mesmo quando, de acordo com suas descobertas científicas, toda a natureza gritava aos quatro ventos sua irracionalidade e imoralidade impessoal. Desvirtuados e fanáticos por ilusões preconcebidas de justiça, liberdade e conformismo, tinham colocado de lado a sabedoria antiga, os caminhos antigos e as antigas crenças; e nunca pararam para pensar que a sabedoria e aqueles caminhos eram os criadores únicos de seus

pensamentos e critérios atuais, as únicas diretrizes e as únicas regras de um universo sem sentido, sem objetivos estabelecidos ou pontos de referência estáveis. Tendo perdido esses pontos de referência artificiais, suas vidas ficaram sem rumo e sem interesse dramático, até que, por fim, tiveram de afogar o tédio na agitação e na pretensa utilidade, em aspectos sem importância e na empolgação, em exposições bárbaras e em prazeres bestiais. E quando tudo isso os deixou enfadados, ou decepcionados, ou com náuseas de repulsa, eles cultivaram a ironia e a amargura, e culparam toda a ordem social. Nunca perceberam que seus princípios brutos eram tão instáveis e contraditórios quanto os deuses de seus anciões, ou que a satisfação de um momento é a ruína do próximo. A beleza serena e duradoura só é encontrada nos sonhos, mas esse conforto tinha sido descartado pelo mundo quando, em sua adoração ao real, jogaram fora os segredos da infância e da inocência.

Em meio a esse caos de falsidade e inquietação, Carter tentou viver como convinha a um homem digno, com bom senso e de boa família. Com seus sonhos desaparecendo com o ridículo da idade, ele não conseguia acreditar em mais nada; mas seu amor pela harmonia o manteve nos caminhos adequados à sua raça e condição. Caminhava impassível pelas cidades dos homens, e suspirava porque nenhum cenário parecia inteiramente real; porque cada feixe de luz amarela do sol refletido nos telhados altos, e cada vislumbre das praças balaustradas nas primeiras luzes do anoitecer servia apenas para lembrá-lo dos sonhos que um dia sonhou e sentir saudade das terras etéreas que não sabia mais como encontrar. Viajar era apenas uma piada, e nem mesmo a Guerra Mundial o tocou muito, embora tenha participado desde o início na Legião Estrangeira da França. Durante algum tempo, tentou encontrar amigos, mas logo se cansou da brutalidade de suas emoções e da mesmice e banalidade de suas mentalidades.

Alegrava-se levemente por não ter contato com os familiares, porque nenhum deles o compreendia, exceto, talvez, o avô e seu tio Christopher, mas ambos tinham morrido havia muito tempo.

Então ele recomeçou a escrever livros, coisa que não fazia desde que os sonhos o tinham abandonado. Mas tampouco encontrou neles alguma satisfação ou alívio, porque até seus pensamentos tinham se tornado demasiadamente mundanos, e ele não conseguia mais pensar em coisas encantadoras, como fizera no passado. O humor irônico tragou todos os minaretes ao crepúsculo que sua imaginação havia criado e sua aversão terrena ao improvável varreu todas as flores delicadas e fascinantes de seus maravilhosos jardins nas terras das fadas. A posição de miséria

assumida permeava seus personagens com um sentimentalismo enjoativo, enquanto o mito de uma realidade importante e de eventos e emoções humanas significativos rebaixavam toda a sua alta fantasia a uma miscelânea de alegorias mal disfarçadas e sátiras sociais superficiais. Assim, seus novos romances alcançaram um sucesso que os antigos não conheceram; mas, porque sabia o quanto deveriam ser vazios para agradar a multidão insípida, queimou todos eles e parou de escrever. Eram romances muito graciosos, nos quais ele zombava refinadamente dos sonhos que descrevia sem muita seriedade; mas ele percebeu que a sofisticação havia consumido toda a vida que havia neles.

Depois dessas tentativas, ele passou a cultivar a ilusão deliberada e mergulhou no reino do grotesco e do excêntrico, como se procurasse um antídoto para o lugar comum. Contudo, esses campos não tardaram a mostrar sua pobreza e esterilidade, e ele logo percebeu que as doutrinas ocultistas populares eram tão vazias e inflexíveis quanto as crenças científicas, e não tinham sequer o paliativo da verdade para redimi-las. A total estupidez, a falsidade e a incoerência das ideias não são sonhos, e não oferecem a uma mente superior qualquer possibilidade de escape da vida real. Assim, Carter comprou livros ainda mais estranhos e procurou escritores mais profundos e terríveis, de fantástica erudição. Mergulhou nos arcanos da consciência que poucos estudaram, aprendeu sobre os segredos profundos da vida, da lenda e da antiguidade imemorial que o deixaram marcado para sempre. Decidiu viver em um plano mais incomum e mobiliou sua casa em Boston de forma a harmonizá-la com suas mudanças de humor. Dedicou um espaço para cada um de seus humores, pintou-os com as cores certas e os decorou com os livros e objetos adequados, guarnecidos com fontes de sentimentos em relação à luz, calor, sons, sabores e aromas.

Certa vez, ouviu falar de um homem no sul que era temido por todas as coisas blasfemas que havia lido em livros arcaicos e em tabuletas de barro que contrabandeara da Índia e da Arábia. Carter foi visitá-lo, morou com ele e compartilhou de seus estudos por sete anos, até que foram surpreendidos pelo horror no meio da noite, em um antigo cemitério desconhecido, e, dos dois que lá haviam entrado, apenas um retornou. Então ele retornou a Arkham, a velha cidade assustadora e assombrada da Nova Inglaterra onde seus ancestrais haviam vivido, e lá fez experiências na escuridão, entre veneráveis salgueiros e telhados arruinados, o que o fez selar para sempre certas páginas do diário de um de seus predecessores, de mentalidade excepcionalmente assustadora. Mas esses horrores só o levaram aos limites da realidade e, não sendo capaz de

penetrá-los, não alcançou a região autêntica dos sonhos pela qual vagara durante sua juventude. Dessa maneira, quando completou cinquenta anos, perdeu toda a esperança de paz ou felicidade, em um mundo ocupado demais para notar a beleza e intelectual demais para tolerar sonhos.

Tendo finalmente entendido a fatalidade de todas as coisas reais, Carter passou seus dias em solidão, lembrando-se com saudades dos sonhos perdidos de sua juventude. Considerava uma estupidez continuar vivendo e, por meio de um conhecido da América do Sul, conseguiu uma poção singular, capaz de mergulhá-lo sem nenhum sofrimento no esquecimento da morte. A inércia e a força do hábito, no entanto, o fizeram adiar essa decisão, e ele permaneceu indeciso em meio aos pensamentos dos velhos tempos. Removeu tudo que estava nas paredes e redecorou a casa como era em sua juventude: recolocou as cortinas roxas, os móveis vitorianos e todo o resto.

Com o passar do tempo, quase chegou a alegrar-se por ter adiado seu intento, pois suas lembranças da juventude e sua ruptura com o mundo fizeram com que a vida e seus sofismas parecessem muito distantes e irreais, especialmente depois que um toque de magia e esperança voltaram a se esgueirar em seus repousos noturnos. Por anos a fio, em suas noites de sonho, Carter só tinha visto reflexos distorcidos das coisas cotidianas, tal como os sonhadores mais vulgares as viam; mas agora ele estava começando a vislumbrar novamente o brilho de um mundo mais estranho e mais fantástico, de uma natureza confusa, mas assustadoramente imanente, que tomava a forma de cenas claras de sua infância e o lembrava de fatos e coisas irrelevantes, esquecidos havia muito tempo. Muitas vezes, acordava chamando por sua mãe e seu avô, sendo que já havia um quarto de século que ambos descansavam em seus túmulos.

Uma noite, seu avô lembrou-lhe de uma chave. O velho professor de cabelos grisalhos, de aparência tão real como se estivesse vivo, falou longa e fervorosamente de seus ancestrais e das estranhas visões que tiveram aqueles homens refinados e sensíveis que eram seus antepassados. Falou do guerreiro cristão de olhos flamejantes e dos segredos cruéis que aprendeu com os sarracenos durante o tempo em que o mantiveram em cativeiro; e do primeiro Sir Randolph Carter, que estudara artes mágicas nos tempos da rainha Isabel. Falou também de Edmund Carter, que esteve prestes a ser enforcado com as bruxas da cidade de Salém, e que guardara em uma caixa antiga uma grande chave de prata que herdara dos antepassados. Antes de Carter acordar, o visitante etéreo lhe disse onde encontrá-la: uma caixa de carvalho entalhada, de antiguidade prodigiosa,

cuja tampa tosca não havia sido aberta por cerca de duzentos anos.

Ele a encontrou em meio à poeira e às sombras do grande sótão, inacessível e esquecida no fundo de uma gaveta de uma enorme cômoda. A caixa tinha cerca de trinta centímetros, e os entalhes góticos eram tão apavorantes que não era de se admirar que ninguém tivesse ousado abri-la desde a época de Edmund Carter. Ela não fez nenhum barulho quando Carter a balançou, mas o perfume de especiarias esquecidas que dela se desprendeu o mergulhou em misticismo. Que a caixa continha uma chave, não passava de uma lenda sombria, e nem mesmo o pai de Randolph Carter nunca soube da existência da tal caixa. Ela havia sido reforçada com tiras de ferro enferrujado e parecia não haver maneira de abrir a fechadura imponente. Carter teve uma vaga premonição de que, lá dentro, encontraria a chave da porta perdida dos sonhos, mas seu avô não lhe dissera uma única palavra sobre como e onde usá-la.

Um velho criado forçou a tampa esculpida, tremendo de medo pelos rostos horríveis que olhavam para ele da madeira enegrecida, e por algum sentimento de familiaridade que ele não sabia explicar. No interior, envolta em um pergaminho desbotado, estava uma enorme chave de prata manchada, esculpida com misteriosos arabescos. Mas não havia nenhuma explicação legível de qualquer tipo. O pergaminho era volumoso e continha estranhos hieróglifos em uma língua desconhecida, traçados com um bambu antigo. Carter reconheceu neles os mesmos caracteres que vira em um rolo de papiro que pertencia ao terrível sábio do Sul, que desaparecera uma noite em um cemitério sem nome. Aquele homem estremecia toda vez que consultava o pergaminho, e, agora, Carter também tremia.

Mas ele limpou a chave e a manteve consigo naquela noite, enfiada em sua velha e aromática caixa de carvalho. Enquanto isso, seus sonhos se tornavam mais vívidos e, embora não o levassem a nenhuma daquelas cidades estranhas, ou aos incríveis jardins dos tempos antigos, estavam adquirindo um significado definido cujo propósito não deixava margem para dúvidas. Eles o chamavam para um passado remoto, e Carter se sentia levado pelas vontades unidas de todos os seus ancestrais em direção a alguma fonte oculta e antiga. Então ele entendeu que deveria penetrar no passado e se misturar com as coisas antigas e, dia após dia, pensava nas colinas ao norte, onde ficavam a cidade assombrada de Arkham e o impetuoso Miskatonic, e a moradia rústica e solitária de sua família.

Sob a luz melancólica do outono, Carter tomou a antiga e conhecida

estrada, passando pelas fileiras de graciosas colinas onduladas e prados cercados por paredes de pedras, atravessou vales distantes de encostas cobertas por florestas, percorreu a estrada sinuosa que passava por fazendas aninhadas e contornou os meandros cristalinos do Miskatonic, atravessados aqui e ali por pontes rústicas de madeira ou pedra. Em uma das curvas, viu o grupo de olmos gigantes onde, um século e meio antes, um de seus antepassados havia desparecido misteriosamente e estremeceu ao sentir o vento soprando, sentencioso, por entre eles. Logo depois, passou pela casa solitária e em ruínas do velho feiticeiro Goody Fowler, com suas pequenas janelas e seu grande teto que descia quase até o chão nos fundos. Ele pisou no acelerador ao passar por ela, e não diminuiu a marcha até alcançar o morro onde nasceram sua mãe e os pais dela, em um casarão branco antigo que ainda conservava um aspecto imponente visto da estrada, inserido em uma paisagem maravilhosa de vales verdejantes e encostas rochosas, em cujo horizonte se avistava as distantes torres de Kingsport e, mais adiante, insinuava-se a presença de um mar antigo e onírico.

Então chegou à encosta onde ficava a antiga casa que ele não visitava havia quarenta anos. Já era fim de tarde quando Carter chegou ao sopé, mas fez uma pausa em uma curva na metade da subida para contemplar os vastos campos dourados e celestiais inundados pela luz mágica do sol poente. Toda a fantasia e o anseio de seus sonhos recentes pareciam estar nessa paisagem silenciosa e sobrenatural que sugeria a solidão desconhecida de outros planetas. Ele olhou à sua volta, admirando o deserto aveludado de prados que ondulava entre as cercas arruinadas e o aglomerado mágico de florestas que se destacava acima das colinas e do vale fantasmagórico coberto de árvores, que mergulhava nas sombras em direção às bordas úmidas de riachos cujas águas murmuravam enquanto fluíam entre raízes inchadas e retorcidas.

Algo lhe dizia que seu carro não pertencia ao universo que ele procurava, então o deixou na beira da floresta, guardou a enorme chave no bolso do casaco e continuou a subir a ladeira a pé. Agora estava dentro da floresta, mas sabia que a casa ficava no topo de uma colina completamente desmatada, exceto ao norte. Ele se perguntava como estaria a casa, que estava vazia e abandonada por negligência dele desde a morte de seu estranho tio-avô Christopher, trinta anos antes. Durante sua infância, ele passara longos períodos ali e descobrira estranhas maravilhas na mata que se estendia por trás do pomar.

As sombras ficaram mais densas ao redor dele, porque a noite se aproximava. À sua direita, uma clareira se abriu entre as árvores, de

modo que, por um momento, ele pôde ver várias léguas de campos no crepúsculo e a torre do sino da Congregação, que ficava no Monte Central de Kingsport. Rosadas pelas últimas luzes do dia, as vidraças das pequenas janelas redondas pareciam arder em chamas com a luz refletida. No entanto, quando mergulhou outra vez nas sombras, lembrou-se, assustado, de que essa visão fugaz só poderia ter vindo de suas memórias de infância, uma vez que a igreja tinha sido demolida havia muito tempo para a construção do Hospital da Congregação. Ele havia lido a notícia com interesse, já que o jornal também falava de estranhas galerias ou passagens que haviam sido encontradas na colina rochosa, sob as fundações da igreja.

Em meio à sua confusão, pensou ter ouvido uma voz aguda e sentiu um novo calafrio ao reconhecê-la depois de tantos anos. Benijah Corey, o antigo servo de seu tio Christopher, já estava velho nos remotos tempos de sua infância, quando começou a passar temporadas inteiras na velha mansão. Agora ele deveria ter mais de cem anos. Mas aquela voz aguda não poderia pertencer a mais ninguém. Carter não conseguia entender o que ele dizia, mas o tom era inconfundível e perturbador. Quem diria que o “Velho Benjy” ainda poderia estar vivo!

– Senhor Randy! Senhor Randy! Onde você está? Você quer matar sua tia Martha de desgosto? Ela não lhe disse para voltar antes de escurecer? Randy! Ran...dee! Na minha vida eu nunca vi uma criança que gostasse tanto de correr pela floresta. Passa o dia nessa mata cheia de cobras... Ei, Ran...dee!

Randolph Carter parou em meio à densa escuridão e esfregou os olhos com a mão. Havia algo errado. Ele estava em um lugar onde não deveria estar; perdido em algum lugar muito distante, onde não deveria ter ido, e agora estava imperdoavelmente atrasado. Não tinha notado a hora na torre do sino de Kingsport – embora pudesse facilmente vê-lo com sua luneta de bolso –, mas sabia que seu atraso era algo muito estranho e incomum. Não tinha certeza de que trouxera a luneta consigo, e enfiou a mão no bolso da blusa para confirmar. Não, ele não a havia trazido, mas lá estava a chave de prata que encontrara dentro de uma caixa, em algum lugar. Tio Chris falara uma vez algo estranho sobre uma caixa fechada onde haveria uma chave, mas a tia Martha o tinha interrompido abruptamente, dizendo que aquilo não era coisa que se dissesse a um menino que já tinha a cabeça cheia de fantasias esquisitas. Então ele tentou se lembrar de onde, exatamente, havia encontrado a chave, mas tudo estava muito confuso. Achava que tinha sido no sótão de sua casa, em Boston, e lembrava-se vagamente de subornar Parks com a metade de

sua mesada para ajudá-lo a abrir a caixa e não contar nada a ninguém sobre isso, mas, ao evocar a cena, o rosto de Parks estava muito estranho, como se as rugas de incontáveis anos tivessem aparecido no londrino espevitado.

– Ran... deee! Ran...deee! Ei! Ei! Randy!

Uma lanterna oscilante apareceu na curva escura e o velho Benijah se lançou sobre a silhueta silenciosa e perplexa de Carter.

– Droga, menino, aí está você! Você não tem uma língua na boca para responder? Estou chamando você há meia hora e você já deve ter me ouvido há muito tempo! Você não sabe que sua tia Marta fica preocupada quando você não volta antes de anoitecer? Espere para ver o que vai acontecer quando eu contar ao seu tio Chris! Você deveria saber que essas florestas não são um bom lugar para perambular a essa hora da noite! Você pode tropeçar em coisas ruins, das quais nada de bom pode esperar, como meu avô já dizia. Vamos, Randy, ou Hannah não vai nos esperar para o jantar!

Assim, Randolph Carter foi arrastado estrada acima, onde estrelas fascinantes brilhavam através dos ramos altos de outono. Ouviram os cachorros latindo, viram a luz amarela das janelas depois da última curva da estrada, e viram as Plêiades piscarem sobre a clareira onde havia um grande teto negro contra o crepúsculo do entardecer. Tia Martha estava na porta e não repreendeu muito o pequeno patife quando Benijah o tocou para dentro. Ela conhecia o tio Chris o suficiente para esperar algo assim do sangue dos Carter. Randolph não mostrou a chave, mas jantou em silêncio e só protestou quando chegou a hora de dormir. Às vezes, ele sonhava melhor acordado, e queria usar aquela chave.

Na manhã seguinte, Randolph acordou cedo e teria corrido para o alto do bosque se o tio Chris não o tivesse forçado a sentar-se para o café da manhã. Ele olhava ao redor impaciente – para a sala de teto baixo, para o carpete esfarrapado, para as vigas expostas do telhado e para os pilares – e só sorriu quando os galhos do jardim arranharam as vidraças da janela do fundo. As árvores e colinas estavam perto dele, e elas eram as portas para aquele reino atemporal que era sua verdadeira pátria.

Então, quando o deixaram ir, Carter tocou o bolso da blusa para ver se a chave estava lá e, agora, seguro de que a trazia consigo, atravessou correndo o pomar em direção à colina cheia de árvores que se erguia acima da clareira. O chão da floresta estava coberto de musgo e mistério. Aqui e ali, grandes rochas cobertas de liquens surgiam vagamente na luz

difusa, como enormes monólitos druidas entre os troncos imensos e retorcidos de uma floresta sagrada. Enquanto subia, Randolph cruzou um riacho cujas cachoeiras, um pouco abaixo, entoavam encantamentos rúnicos para os faunos, egipãs e dríades escondidos.

Então chegou à estranha caverna da encosta, a temida caverna das serpentes, de onde os camponeses fugiam e da qual Benijah o avisou várias vezes para ficar longe. A caverna era profunda, mais profunda do que qualquer outra pessoa teria suspeitado, porque Randolph descobriu uma rachadura no canto mais fundo e escuro que dava acesso a uma caverna ainda maior: um espaço sepulcral cujas paredes de granito pareciam ter sido fabricadas conscientemente. Dessa vez, como nas outras, ele rastejou até lá, acendeu os fósforos que tinha tirado da sala de estar, e deslizou para dentro da rachadura com um entusiasmo que nem ele mesmo sabia explicar. Não sabia dizer por que se aproximou da parede do fundo com tanta determinação, ou por que pegou a grande chave de prata instintivamente enquanto avançava. Mas seguiu em frente, e quando, naquela noite, voltou animado para casa, não deu nenhuma explicação para o atraso nem prestou atenção à bronca que recebeu por ter ignorado totalmente o chamado anunciando a refeição do meio-dia.

Todos os parentes distantes de Randolph Carter concordavam que, quando ele tinha dez anos de idade, algo acontecera e despertara sua imaginação. Seu primo Ernest B. Aspinwall, *esquire*, de Chicago, é dez anos mais velho que ele e lembra-se bem da mudança no menino após o outono de 1883. Randolph havia vislumbrado paisagens de fantasia como ninguém já tinha visto na vida; mas ainda mais estranhos foram alguns dos poderes que ele mostrou em relação a coisas muito reais. Ele parecia, em suma, ter adquirido o dom singular da profecia e, às vezes, reagia de maneira estranha a coisas que, embora não tivessem importância na época, viriam a justificar suas atitudes peculiares. Nas décadas que se seguiram, quando novas invenções, novos nomes e novos eventos entraram para o livro da História, as pessoas passaram a se perguntar com surpresa como Carter havia se referido anos antes àquelas coisas que, de alguma forma, mas inequivocamente, aconteceriam no futuro. Ele mesmo não entendia suas próprias palavras, nem sabia por que certas coisas produziam uma determinada emoção, mas imaginava que isso provavelmente se devia a algum sonho que na época ele não conseguia se lembrar. No início de 1897, quando um viajante mencionou a cidade francesa de Belloy-en-Santerre, Carter ficara pálido. Os amigos lembraram-se disso em 1916, quando, durante a Primeira Guerra Mundial, ele sofreu um ferimento quase mortal naquela cidade, servindo à Legião dos estrangeiros.

Os parentes de Carter costumam falar sobre tudo isso, porque recentemente ele desapareceu. Seu antigo criado, o pequeno Parks, que durante muitos anos suportara pacientemente suas extravagâncias, foi o último a vê-lo naquela manhã, quando ele pegou o carro e saiu com uma chave que acabara de encontrar. Parks o ajudara a tirar a chave da velha caixa que a continha e ficara singularmente impressionado com os relevos grotescos que adornavam o baú e com alguma outra coisa que ele não conseguia descrever. Ao sair, Carter disse que estava indo a Arkham para visitar a região de seus ancestrais.

Na metade da encosta do Monte do Olmo, ao longo da estrada que leva às ruínas da casa ancestral dos Carter, encontraram o carro de Randolph estacionado cuidadosamente na beira da estrada. Lá dentro encontraram uma caixa de madeira aromática, adornada de relevos que encheram de medo os camponeses que a viram. A caixa continha apenas um pergaminho, cujos caracteres não puderam ser decifrados por linguistas ou paleógrafos. A chuva já havia apagado todas as pegadas, mas a polícia de Boston disse haver evidências de algum tipo de movimentação entre as vigas desabadas da casa dos Carter. Disseram que tudo indicava que alguém tinha vasculhado as ruínas recentemente. Encontraram, um pouco além, um lenço de bolso branco entre as rochas da floresta, mas não conseguiram provar que pertencia ao desaparecido.

Os herdeiros de Randolph Carter discutem dividir seus bens, mas pretendo opor-me firmemente, porque não creio que ele esteja morto. Há dobras no tempo e no espaço, na fantasia e na realidade, que apenas um sonhador pode vislumbrar e, pelo que sei de Carter, acho que ele descobriu um meio de atravessar esses labirintos nebulosos. Se ele vai voltar ou não, não sei dizer. Ele foi buscar as regiões perdidas de seus sonhos e sentia nostalgia pelos dias de sua infância. Ele, então, encontrou uma chave, e estou inclinado a acreditar que conseguiu usá-la para seus estranhos propósitos.

Vou perguntar a ele quando o vir, porque espero encontrá-lo em breve, em uma certa cidade dos sonhos que costumávamos frequentar. Correm boatos que em Ulthar, uma região que se estende para o outro lado do rio Skai, um novo rei ocupa o trono de opala de Ilek-Vad, a fabulosa cidade de infinitas torres que fica no topo das falésias de cristal que dão vista para o mar crepuscular onde os Gnorri, criaturas barbadas e piscosas, constroem seus labirintos singulares. Acho que sei interpretar esse boato. Certamente, espero impaciente pelo momento de contemplar aquela grande chave de prata, porque em seus misteriosos arabescos podem estar simbolizados todos os desenhos e segredos de um cosmo cegamente

impessoal.

2
O que a lua traz consigo

Odeio a lua – tenho-lhe horror – pois, às vezes, quando ilumina cenas familiares e queridas, transforma-as em coisas estranhas e odiosas. Foi durante o verão espectral que a lua brilhou no velho jardim por onde eu vagava; o verão espectral de flores narcóticas e úmidos mares de folhagens que evocam sonhos extravagantes e multicoloridos. E, enquanto eu caminhava pelo raso córrego cristalino, percebi extraordinárias ondulações rematadas por uma luz amarela, como se aquelas águas plácidas fossem arrastadas por correntezas irresistíveis em direção a estranhos oceanos para além deste mundo. Silentes e suaves, frescas e fúnebres, as águas amaldiçoadas pela lua corriam a um destino ignorado; enquanto, dos caramanchões à margem, flores brancas de lótus desprendiam-se uma a uma no vento opiáceo da noite e caíam desesperadas na correnteza, rodopiando em um torvelinho horrível por sob o arco da ponte entalhada e olhando para trás com a resignação sinistra de serenos rostos mortos.

E enquanto eu corria ao longo da margem, esmagando flores adormecidas com meus pés relapsos, e cada vez mais desvairado pelo medo de coisas ignotas e pela atração exercida pelos rostos mortos, percebi que o jardim não tinha fim ao luar; pois onde durante o dia havia muros, descortinavam-se novos panoramas de árvores e estradas, flores e arbustos, ídolos de pedra e templos, e curvas do regato iluminado para além das margens verdejantes e sob grotescas pontes de pedra. E os lábios daqueles rostos mortos de lótus faziam súplicas tristes e pediam que eu os seguisse, mas não parei de andar até que o córrego se transformasse em rio e desaguasse, em meio a pântanos de juncos balouçantes e praias de areia refulgente, no litoral de um vasto mar sem nome. Nesse mar, a lua odiosa brilhava e, acima das ondas silentes, estranhas fragrâncias pairavam. E lá, quando vi os rostos de lótus desaparecerem, ansiei por redes para que eu pudesse capturá-los e deles aprender os segredos que a lua havia confiado à noite. Mas, quando a lua moveu-se em direção ao Ocidente e a maré estagnada refluiu para longe da orla tétrica, pude ver

sob aquela luz os antigos coruchéus que as ondas quase revelavam e colunas brancas radiantes com festões de algas verdes. E, sabendo que todos os mortos estavam congregados naquele lugar submerso, estremeci e não quis mais falar com os rostos de lótus. Contudo, ao ver um condor negro ao largo descer do firmamento para descansar em um enorme recife, senti vontade de interrogá-lo e perguntar sobre os que conheci ainda em vida. Era o que eu teria perguntado se a distância que nos separava não fosse tão vasta, mas o pássaro estava demasiado longe e sequer pude vê-lo quando se aproximou do gigantesco recife. Então observei a maré vazar à luz da lua que aos poucos baixava, e vi os coruchéus brilhando, as torres e os telhados da gotejante cidade morta. E enquanto eu observava, minhas narinas tentavam bloquear a pestilência de todos os mortos do mundo; pois, em verdade, naquele lugar ignorado e esquecido reuniam-se todas as carnes dos cemitérios para que os túrgidos vermes marinhos desfrutassem e devorassem o banquete. Impiedosa, a lua pairava logo acima desses horrores, mas os vermes túrgidos não precisam da lua para se alimentar.

E enquanto eu observava as ondulações que denunciavam a agitação dos vermes lá embaixo, pressenti um novo calafrio vindo de longe, do lugar para onde o condor voara, como se a minha carne houvesse sentido o horror antes que meus olhos o vissem. Tampouco a minha carne estremecera sem motivo, pois, quando ergui os olhos, percebi que a maré estava muito baixa, deixando à mostra boa parte do enorme recife cujo contorno eu já avistara. E quando vi que o recife era a negra coroa basáltica de um horripilante ícone cuja fronte monstruosa surgia em meio aos baços raios do luar e cujos temíveis cascos deviam tocar o lodo fétido a quilômetros de profundidade, gritei e gritei com medo de que aquele rosto emergisse das águas, e de que os olhos submersos avistassem-me depois que a maligna e traiçoeira lua amarela desaparecesse. E para escapar a essa coisa medonha, atirei-me sem hesitar nas águas pútridas onde, entre muros cobertos de algas e ruas submersas, os túrgidos vermes marinhos devoram os mortos do mundo.

3
Os ratos nas paredes

Em 16 de julho de 1923, mudei-me para o priorado de Exham, depois que o último trabalhador terminou suas tarefas. O trabalho de restauração tinha sido uma tarefa monumental, porque pouco restara da construção abandonada, a não ser uma ruína em forma de concha. Mas, como aquele tinha sido o berço de meus antepassados, não poupei gastos. O local não era habitado desde o reinado de Jaime I, quando uma tragédia de natureza terrível, embora em grande parte não explicada, abateu-se sobre o senhor, cinco de seus filhos e vários criados; e colocou sob uma nuvem de suspeita e terror o terceiro filho, meu pai e único sobrevivente da infeliz linhagem.

Como o único herdeiro fora denunciado por homicídio, a propriedade retornou à coroa, sem que o acusado fizesse a menor tentativa de se inocentar ou de recuperar a herança. Abalado por um terror maior do que o da consciência ou da lei, e manifestando apenas o desejo frenético de apagar aquela velha mansão de sua visão e de sua memória, Walter de la Poer, o décimo primeiro barão de Exham, migrou para a Virgínia, onde se estabeleceu e fundou a família que, no século seguinte, seria conhecida pelo nome de Delapore.

O priorado de Exham permaneceu abandonado, mas eventualmente se tornou parte das propriedades da família Norrys e foi objeto de numerosos estudos devido à sua arquitetura única, constituída de torres góticas assentadas sobre uma infraestrutura saxã ou românica, cujas fundações eram de um estilo ou uma mistura de estilos de tempos ainda mais antigos: romanos e até mesmo druidas ou do galês nativo, se o que as lendas dizem é verdade. As fundações tinham um aspecto muito singular, pois estavam fundidas de um lado no sólido calcário de um precipício de cuja borda se avistava um vale desolado que se estendia por cinco quilômetros a oeste da aldeia de Anchester.

Os arquitetos e os antiquários adoravam examinar essa estranha relíquia de séculos antigos, mas as pessoas da região a detestavam com todas as

forças. Detestavam-na havia séculos, desde quando meus antepassados ainda viviam ali, e ainda hoje, mesmo estando abandonada e coberta de musgos e de mofo. Não fazia nem um dia que eu chegara a Anchester quando soube que era descendente de uma família amaldiçoada. E esta semana os trabalhadores demoliram o que restava do priorado de Exham e estão ocupados em destruir os restos de suas fundações. Eu sempre soube da história da linhagem da minha família, e sei que meu primeiro antepassado americano mudou-se para as colônias envolto em nuvens de suspeita. Dos detalhes, no entanto, eu nunca soube muito, devido à política de reticência mantida por gerações entre os Delapore. Ao contrário dos vizinhos colonos, raramente falávamos com orgulho de nossos antepassados que lutaram nas Cruzadas ou de outros heróis medievais e renascentistas, nem transmitíamos outras tradições, exceto as que eram registradas no envelope lacrado deixado antes da Guerra Civil por cada varão a seu primogênito para abertura póstuma. As únicas glórias de que nos jactávamos na família eram as conquistadas depois da migração, as glórias de uma linhagem altiva e honrada da Virgínia, embora um pouco reservada e insociável.

Durante a guerra, perdemos todas as nossas fortunas e toda a nossa existência foi modificada pelo incêndio de Carfax, a residência da família às margens do rio Jaime. Meu avô, já com idade avançada, pereceu nas chamas daquele incêndio criminoso, e com ele o envelope que nos ligava ao nosso passado. Ainda hoje me lembro do incêndio, da forma como o testemunhei com meus próprios olhos com a idade de sete anos: soldados federais comemorando aos berros, mulheres gritando e negros se lamentando e orando. Meu pai tinha se juntado ao exército e participava da defesa de Richmond e, depois de muitas formalidades, minha mãe e eu conseguimos passar pelas trincheiras inimigas e nos juntar a ele.

Quando a guerra terminou, mudamo-nos para o norte, de onde minha mãe viera; foi lá que cresci, tornei-me um homem maduro e, por fim, acumulei riqueza como convém a um ianque impassível. Nem meu pai nem eu nunca soubemos o que continha o envelope hereditário destinado a nós; e quando mergulhei na monotonia da vida empresarial de Massachusetts, perdi todo o interesse em desvendar os mistérios que, sem dúvida, escondiam-se no passado remoto de minha árvore genealógica. Com que alegria teria deixado o priorado de Exham entregue aos musgos, aos morcegos e às teias de aranha se tivesse ao menos suspeitado da natureza de seus mistérios!

Meu pai morreu em 1904, sem deixar mensagem alguma para mim ou para meu único filho, Alfred, um menino de dez anos, órfão da mãe. Foi

precisamente Alfred quem inverteu a ordem das informações da família, porque, embora eu só pudesse oferecer a ele conjecturas irônicas sobre o passado, ele me escreveu contando sobre algumas lendas ancestrais muito interessantes quando, durante a última guerra, foi enviado à Inglaterra, em 1917, como oficial de aviação. Aparentemente, os Delapore tinham uma história pitoresca e um pouco sinistra, pois um amigo de meu filho, o capitão Edward Norrys, da corporação real de aviação, morava perto da propriedade da família em Anchester e relatou algumas superstições dos camponeses que poucos romancistas poderiam igualar, de tão incríveis e insanas que eram. Norrys, é claro, não as levava muito a sério, mas meu filho se divertia e elas serviram como assunto para muitas das cartas que ele escreveu para mim. Foram essas lendas que finalmente chamaram minha atenção para minha herança transatlântica, e eu decidi comprar e restaurar a propriedade da família que Norrys descrevera a Alfred em todo o seu pitoresco abandono e se oferecera para obter por uma quantia bastante razoável, dado que seu tio era o atual proprietário.

Comprei o priorado de Exham em 1918, mas quase que imediatamente esqueci os planos de restauração devido ao retorno de meu filho na condição de inválido mutilado. Durante os dois anos em que ele ainda viveu, dediquei-me inteiramente a cuidar dele, deixando inclusive a administração de meu negócio nas mãos de meus sócios.

Em 1921, eu me encontrava mergulhado em luto e na mais completa desolação, um industrial aposentado que observava a velhice se aproximando, e decidi passar o resto dos meus anos me distraindo com a nova propriedade. Visitei Anchester em dezembro e me hospedei na casa do capitão Norrys, um jovem grande e afável, que nutria alta estima por meu filho e ofereceu sua cooperação na tarefa de reunir desenhos e histórias que me inspirassem ao realizar os trabalhos de restauração. Não senti emoção alguma ao ver o priorado de Exham, um amontoado de ruínas medievais abandonadas, cobertas por liquens e tomadas de ninhos de gralhas, ameaçadoramente empoleiradas à beira de um enorme penhasco, sem o menor traço de pisos ou qualquer outro recurso interno, exceto as paredes de pedra das torres separadas.

Depois de formar aos poucos uma ideia de como o edifício deveria ter sido quando meus ancestrais o abandonaram três séculos antes, comecei a contratar trabalhadores para iniciar as tarefas de reconstrução. Em todos os casos, fui forçado a procurá-los fora da cidade, já que os aldeões de Anchester demonstravam um medo e uma aversão quase inacreditável por aquele lugar. A magnitude do sentimento era tal que às vezes chegava a contagiar os trabalhadores que vinham de outros lugares, dando causa a

inúmeras deserções. Ao mesmo tempo, o terror parecia se estender tanto ao priorado quanto à antiga família que o possuiu.

Meu filho me contara que, durante suas visitas, as pessoas da aldeia de certa forma o evitavam por ele ser um de la Poer, e agora, pelo mesmo motivo, eu também estava sendo rejeitado, até que consegui convencer os camponeses de que eu pouco sabia sobre meus antepassados. E, mesmo assim, mostravam-se teimosamente insociáveis, de modo que fui forçado a recorrer a Norrys para coletar a maioria das tradições populares que ainda circulavam no local. O que aquelas pessoas não conseguiam perdoar, talvez, era que eu estava ali para restaurar um símbolo que odiavam com tanta força; pois, racionalmente ou não, para eles o priorado de Exham não passava de um ninho de demônios e lobisomens.

Reunindo todas as histórias que Norrys recolheu para mim e complementando-as com o que tinham dito vários estudiosos que examinaram as ruínas, concluí que o priorado de Exham estava localizado onde antes havia sido um templo pré-histórico: uma construção druida, ou mesmo de antes desse período, que deve ter sido contemporânea de Stonehenge. Quase ninguém duvidava de que ritos abomináveis tinham sido celebrados ali, e havia todo tipo de histórias horríveis sobre a transformação de tais ritos para o culto de Cibele, introduzido mais tarde pelos romanos.

Nos subsolos, ainda era possível ver inscrições com letras inconfundíveis como "DIV... OPS... MAGNA MAT...", sinal da Magna Mater, cujo culto obscuro certa vez foi, em vão, proibido aos cidadãos romanos. Como muitas ruínas atestam, Anchester servira de acampamento para a terceira legião de Augusto e, ao que tudo indica, o templo de Cibele deve ter sido um edifício imponente e repleto de fiéis que celebravam indizíveis cerimônias presididas por um sacerdote frígio. As histórias acrescentavam que a queda da antiga religião não pôs fim às orgias que ocorriam no templo, mas, pelo contrário, os sacerdotes se converteram à nova fé sem mudar fundamentalmente suas crenças. Dizia-se também que os ritos não desapareceram com a ascensão dos romanos ao poder e que alguns saxões fizeram edificações no que restava do templo, dando-lhe o perfil característico que posteriormente foi preservado, e fizeram dele o centro de um culto temido em metade do território pelo qual a heptarquia se estendia. Por volta do ano 1000, o lugar foi mencionado em uma crônica como sendo um priorado, essencialmente construído em pedra, que abrigava uma ordem monástica poderosa e estranha e era cercado por extensos jardins que não necessitavam de muros para manter afastada a população cheia de temor. Ele nunca foi destruído pelos dinamarqueses,

embora seu destino deva ter diminuído drasticamente após a conquista pelos normandos, visto que não houve o menor impedimento quando Henrique III concedeu a propriedade das terras ao meu antepassado Gilbert de la Poer, o primeiro barão de Exham, em 1261.

Não há relatos maldosos sobre minha família antes dessa data, mas algo estranho deve ter acontecido naquela época. Em uma crônica de 1307 há uma referência a um de la Poer como sendo um "renegado de Deus", ao passo que as lendas populares falavam apenas de um medo mortal e frenético do castelo que foi construído sobre as fundações do antigo templo e priorado. As histórias contadas ao pé da lareira que corriam pelo local eram as mais assustadoras, e se tornavam ainda mais aterrorizantes com a reticência temerosa e a reserva sombria que as cercava. Elas apresentavam meus antepassados como uma linhagem de demônios hereditários ao lado dos quais Gilles de Retz e o marquês de Sade não passavam de meros aprendizes, e insinuavam aos sussurros que eles eram responsáveis pelo desaparecimento ocasional de aldeões por várias gerações.

Os piores de toda a família, aparentemente, eram os barões e seus herdeiros diretos. Pelo menos, a maioria das histórias que circulavam se referiam a eles. Se um herdeiro mostrasse inclinações mais saudáveis, eles diziam, morreria em tenra idade e misteriosamente, para abrir caminho para outro descendente mais típico. Parecia existir um culto interno, presidido pelo chefe da família e às vezes restrito a alguns membros. O temperamento, mais do que a linhagem, era a base desse culto, porque também contavam com a participação daqueles que entraram na família pelo casamento. Lady Margaret Trevor da Cornualha, esposa de Godfrey, o segundo filho do quinto barão, tornou-se um dos bichos-papões favoritos de todas as crianças da redondeza e heroína diabólica de uma antiga balada medonha que ainda se ouvia nas proximidades da fronteira galesa. Também preservada nas baladas, embora não tão ilustrativa a esse respeito, é a história macabra de Lady Mary de la Poer, que logo depois do casamento com o barão de Shrewsfield foi assassinada por ele e por sua mãe que, mais tarde, foram absolvidos e abençoados pelo sacerdote a quem confessaram o que não ousariam dizer ao mundo.

Esses mitos e baladas, sendo típicos da mais absurda superstição, muito me desagradavam. A persistência deles e sua associação a uma linhagem tão longa dos meus ancestrais eram especialmente irritantes; enquanto as imputações de hábitos monstruosos relacionavam-se de maneira desagradável ao único escândalo conhecido dos meus ancestrais imediatos: refiro-me ao caso do meu primo, o jovem Randolph Delapore,

de Carfax, que se metera no meio dos negros e tornara-se sacerdote do rito de vodu quando retornou da Guerra do México.

Sentia-me muito menos perturbado com as histórias mais vagas que contavam sobre lamentos e uivos ouvidos no vale desolado varrido pelo vento que ficava ao pé do penhasco de calcário; sobre o fétido cheiro proveniente das sepulturas após as chuvas de primavera; da coisa branca que se debatia e guinchava com a qual o cavalo de Sir John Clave se assustara em uma noite no meio de um campo solitário, ou do servo que tinha enlouquecido por causa de algo indefinível que teria visto no priorado em plena luz do dia. Tudo isso não passava de crenças fantasmagóricas banais e, naquela época, eu era um cético declarado. Já os relatos sobre aldeões desaparecidos deviam ser levados mais a sério, apesar de não serem particularmente significativos à luz dos costumes medievais. A curiosidade indiscreta significava a morte, e mais de uma cabeça cortada havia sido exibida ao público nos bastiões – agora felizmente eliminados – ao redor do priorado de Exham.

Algumas das histórias eram extremamente pitorescas, a ponto de me fazer desejar ter estudado mais mitologia comparada em minha juventude. Por exemplo, existia a crença de que uma legião de demônios com asas de morcego se reunia todas as noites no priorado para celebrar seus rituais de bruxaria, legião cuja subsistência nutricional poderia explicar a abundância desproporcional de vegetais selvagens colhidos naqueles enormes jardins. A mais vívida de todas as histórias que circulam sobre o lugar era o épico dramático dos ratos – a história de um exército insaciável de vermes obscenos que debandaram em massa de dentro do castelo três meses depois da tragédia que o condenou ao mais absoluto abandono –, o exército descarnado, pestilento e voraz que varrera tudo em seu caminho, devorando aves, gatos, cães, porcos, ovelhas e até mesmo dois seres humanos infelizes antes de aplacar sua fúria. Em torno dessa inesquecível praga de roedores, gira um ciclo inteiro de mitos, porque se espalhou entre as casas da aldeia, provocando todo tipo de maldições e horrores em seu caminho.

Tais eram as histórias que chegaram ao meu conhecimento quando comecei a empreender, com a obstinação de um velho, as obras de restauração do meu lar ancestral. Não se deve acreditar, nem por um momento, que tais histórias fossem meu principal ambiente psicológico. Por outro lado, tive o apoio firme e constante do capitão Norrys e dos antiquários que me cercavam e ajudavam em minha tarefa. Quando o trabalho terminou, mais de dois anos após o início, eu podia ver os quartos espaçosos, as paredes com lambris, os tetos abobadados, as

janelas com fasquias e as escadas amplas com um orgulho que mais do que compensou as despesas consideráveis da restauração.

Cada detalhe da época medieval foi habilmente reproduzido, e as novas partes se harmonizavam perfeitamente com as paredes e fundações originais. O lar dos meus antepassados estava concluído, e agora eu poderia tentar resgatar a fama local da linhagem familiar que terminava em mim. Eu poderia viver ali permanentemente e provaria a todos que um de la Poer (pois eu havia novamente adotado a grafia original do sobrenome) não precisava ser visto como diabólico. Meu conforto foi em parte aumentado pelo fato de que, embora o priorado de Exham tivesse sido construído de acordo com os padrões medievais, seu interior era absolutamente novo e livre de antigos fantasmas e vermes nocivos.

Como eu disse, mudei-me para o priorado de Exham em 16 de julho de 1923. Sete criados e nove gatos me fizeram companhia na minha nova residência, um animal pelo qual sinto uma atração especial. Meu gato mais velho, Negrito, tinha sete anos e viera comigo de Bolton, Massachusetts; o resto dos gatos eu reuni enquanto vivia com a família do capitão Norrys, durante as obras de restauração do priorado.

Durante cinco dias, nossa rotina transcorreu na mais absoluta tranquilidade, e passei a maior parte do tempo catalogando documentos antigos da família. Já tinha obtido alguns relatos bastante detalhados sobre a tragédia final e sobre a partida de Walter de la Poer, que presumi ser o provável conteúdo da carta hereditária perdida no incêndio de Carfax. Aparentemente, meu antepassado fora acusado, com razão, de matar o resto dos habitantes da casa enquanto dormiam, exceto por quatro criados cúmplices, cerca de duas semanas depois de uma descoberta chocante que transformara o seu comportamento, descoberta que ele não deve ter revelado a ninguém além dos criados que colaboraram no assassinato. E, depois disso, fugiu sem deixar sinal.

Essa carnificina deliberada, que incluiu o pai, três irmãos e duas irmãs, foi amplamente tolerada pelos moradores e de tal forma negligenciada pela justiça, que o perpetrador foi capaz de fugir para a Virgínia com todas as honras, sem sofrer qualquer dano ou ter de se disfarçar. O sentimento geral que circulava pela cidade era o de que ele havia libertado aquelas terras da maldição imemorial que pesava sobre elas. Não posso nem imaginar qual teria sido a descoberta que levou meu ancestral a cometer um ato tão abominável. Walter de la Poer já devia conhecer havia anos as histórias sinistras que foram contadas sobre sua família, de maneira que a razão que desencadeou tudo não deve ter sido esse material. Será que ele

teria testemunhado algum rito antigo e assustador ou teria ficado frente a frente com algum símbolo obscuro e revelador no priorado ou nos arredores? Na Inglaterra, ele era considerado um jovem tímido e de boas maneiras. Na Virgínia, ele parecia mais um ser de caráter atormentado e apreensivo do que um tipo duro ou amargo. Na descrição que havia no diário de outro aventureiro de ascendência nobre, Francis Harley, de Bellview, ele era um homem sem paralelo no sentido de justiça, honra e delicadeza.

Em 22 de julho, ocorreu o primeiro incidente, que, embora pouca atenção tenha recebido na época, adquire um significado sobrenatural em relação aos eventos subsequentes. Era tão modesto que quase teria passado despercebido, e dificilmente teria sido notado nas circunstâncias daquele momento; deve-se lembrar que, como o novo edifício era quase inteiramente novo, exceto pelas paredes, e servido por criados experientes, qualquer apreensão seria absurda, apesar das histórias sobre o lugar.

O que consigo lembrar agora é só isso: meu velho gato preto, cujo humor eu conhecia tão bem, estava indubitavelmente alerta e inquieto, de um modo totalmente diferente de seu caráter habitual. Andava de um cômodo para outro, dando a impressão de estar inquieto e preocupado com alguma coisa, e constantemente farejava as paredes que faziam parte da estrutura gótica. Entendo perfeitamente que tudo isso soa como uma banalidade – algo como o cachorro inevitável na história de fantasmas, que sempre rosna até que seu mestre finalmente veja a figura embrulhada em lençóis. Contudo, não posso suprimir esse fato.

No dia seguinte, um criado percebeu a inquietação que reinava entre todos os gatos da casa. Eu estava no meu gabinete, um quarto de teto alto voltado para o oeste no segundo andar, com arcos de carvalho escuro e uma tripla janela gótica com vista para o penhasco de calcário e de onde eu podia ver o vale desolado. E mesmo enquanto o criado falava comigo, pude ver a forma saliente de Negrito se arrastando pela parede oeste e arranhando o novo painel que cobria a pedra antiga.

Eu disse ao criado que devia ser algum odor estranho ou emanação da velha cantaria que, embora fosse imperceptível ao nariz humano, devia afetar os órgãos sensíveis dos felinos, apesar de estarem cobertos pelos novos painéis de madeira. Eu realmente acreditava nisso, e quando o homem aludiu à possível presença de roedores, respondi que não houvera ratos naquele lugar por trezentos anos, e que até mesmo os ratos-do-campo das vizinhanças teriam dificuldade para escalar muros tão altos, e

nunca tinham sido vistos por ali. Naquela tarde, liguei para o capitão Norrys, que me assegurou que parecia bastante improvável que os ratos--do-campo tivessem subitamente invadido o priorado, pois, até onde ele sabia, não havia precedentes de nada parecido.

Naquela noite, dispensando o camareiro como de costume, retirei-me para o quarto da torre oeste que havia escolhido para mim. Chegava-se a ele pelo gabinete, depois de subir uma escada de pedra e atravessar uma pequena galeria; a primeira, antiga em parte, e a segunda inteiramente restaurada. O quarto era circular, com um teto muito alto e sem forro, e era decorado com algumas tapeçarias que eu mesmo havia comprado em Londres.

Depois de me certificar de que Negrito estava comigo, fechei a pesada porta gótica e me despi à luz das lâmpadas elétricas que imitavam velas com muita perfeição. Depois de um tempo, apaguei a luz e me deixei afundar na cama entalhada com dosséis, com o venerável gato em seu lugar habitual aos meus pés. Não fechei as cortinas, e olhava para a janela estreita voltada para o norte à minha frente. Havia um esboço de aurora no céu, que destacava a silhueta dos arabescos da janela sobre o fundo claro.

Em determinado momento, devo ter adormecido, pois lembro-me claramente de uma sensação de despertar de sonhos estranhos, quando o gato saiu de súbito da posição serena em que se encontrava. Eu podia vê-lo graças ao brilho fraco da aurora: ele estava com a cabeça esticada para frente, as patas dianteiras pregadas nos meus tornozelos e as patas traseiras esticadas para trás. Olhava intensamente para um ponto na parede em algum lugar a oeste da janela, um ponto em que meus olhos não podiam ver nada de especial, mas onde meus cinco sentidos estavam agora concentrados.

Enquanto observava, entendi o motivo da excitação de Negrito. Se as tapeçarias se moveram mesmo ou não, não posso dizer. Achei que sim, embora muito ligeiramente. Mas o que posso jurar é que por trás das tapeçarias ouvi um ruído leve, mas distinto, de ratos ou camundongos. No instante seguinte, o gato se lançou sobre a tapeçaria, que caiu ao chão com seu peso, revelando uma velha parede de pedra úmida, remendada aqui e ali pelos restauradores e na qual não se via o menor traço de roedores.

Negrito corria de um lado para o outro naquela parte da parede, arranhando o tapete caído e às vezes tentando inserir suas garras entre a parede e o assoalho de carvalho. Mas não encontrou nada, e depois de um

tempo voltou muito cansado para a sua posição habitual aos meus pés. Não saí da cama, mas não voltei a dormir naquela noite.

Na manhã seguinte, interroguei todos os criados, mas ninguém havia notado nada de anormal, exceto pela cozinheira, que se lembrou do comportamento anormal de um gato que dormira no parapeito de sua janela. O gato em questão começou a miar a uma certa hora da noite, acordando a cozinheira a tempo de vê-lo disparar pela porta aberta e descer as escadas. Cochilei um pouco depois do almoço e, quando acordei, fui visitar novamente o capitão Norrys, que demonstrou especial interesse pelo que lhe contei. Os estranhos incidentes – tão sem importância e ao mesmo tempo tão curiosos – despertaram nele a sensação do pitoresco, e trouxeram à memória muitas lembranças de histórias locais sobre fantasmas. Ambos estávamos perplexos com a presença dos ratos, e Norrys me emprestou algumas ratoeiras e um pouco de verde-paris que, ao voltar para casa, pedi que os criados colocassem em lugares estratégicos.

Recolhi-me cedo porque estava com muito sono, mas fui atormentado pelos pesadelos mais terríveis. Neles, eu olhava de uma altura impressionante para uma gruta escura cujo chão estava coberto por uma espessa camada de imundícies que iam até a altura dos meus joelhos. Dentro da gruta havia um demônio de barbas grisalhas com roupas de guardador de porcos que pastoreava com seu cajado um bando de feras fungiformes e flácidas, cuja visão por si só me causava uma repugnância indescritível. Então, quando o homem parou e fez um sinal com a cabeça para seu rebanho, um enxame impressionante de ratos desceu para o abismo fedorento e começou a devorar os animais e o homem.

Depois de uma visão tão aterrorizante, acordei abruptamente com os movimentos bruscos de Negrito, que, como sempre, dormia aos meus pés. Dessa vez não tive dúvidas sobre a origem de seus grunhidos e sibilos, nem sobre o medo que o levara a afundar as garras em meus tornozelos, sem saber de seu efeito, porque as quatro paredes da sala fervilhavam com um som doentio: o chiado nauseante de ratos vorazes e gigantes. Dessa vez não havia aurora para ver em que situação estava a tapeçaria cuja seção caída fora substituída, mas eu não estava tão assustado a ponto de não acender a luz.

Quando as lâmpadas brilharam, vi toda a tapeçaria se agitando horrivelmente, fazendo com que os desenhos um tanto originais executassem uma singular dança da morte. A agitação desapareceu quase instantaneamente e, com isso, também os ruídos. Saltei da cama,

vasculhei a parede com o cabo longo da escalfeta que estava próxima e levantei parte da tapeçaria para ver o que havia embaixo, mas não encontrei nada além da parede de pedra restaurada, e mesmo o gato já havia saído do estado de estresse pela presença anormal. Quando examinei a armadilha circular que havia colocado na sala, pude ver que todos os buracos foram forçados, embora não houvesse vestígio do que deveria ter escapado depois de cair na armadilha.

É claro que nem me passou pela cabeça voltar para a cama, então acendi uma vela, abri a porta e saí para a galeria em direção às escadas que levavam ao meu gabinete, com Negrito sempre preso aos meus calcanhares. Antes de chegar à escadaria de pedra, no entanto, o gato disparou na minha frente e desapareceu depois da seção antiga. Quando desci as escadas, percebi os ruídos que vinham da grande sala abaixo, sons de uma natureza inconfundível.

As paredes com painéis de carvalho estavam cheias de ratos, que corriam e roíam em uma agitação incomum, enquanto Negrito corria de um lado ao outro com a fúria de um caçador desorientado. Quando cheguei ao andar, acendi as luzes, mas dessa vez o ruído não diminuiu. Os ratos continuavam alvoroçados, debandando com um barulho tão estrondoso e nítido que, finalmente, não foi difícil para mim atribuir uma direção precisa aos seus movimentos. Aquelas criaturas, em número aparentemente incalculável, estavam engajadas em um impressionante movimento migratório de alturas inimagináveis para uma profundidade incalculável.

Naquele momento, ouvi passos no corredor e, alguns instantes depois, dois criados abriram a porta maciça de uma só vez. Estavam todos vasculhando a casa inteira em busca da origem da perturbação que levou todos os gatos da casa ao pânico, fazendo-os lançar miados estridentes e apressadamente pular vários lances de escada para chegar à porta fechada para o porão, onde se agacharam enquanto miavam. Perguntei aos criados se eles tinham ouvido os ratos, mas a resposta deles foi negativa. E, quando me virei para chamar a atenção para os sons que vinham de dentro dos painéis, percebi que o barulho havia cessado.

Com os dois homens, desci até a porta do porão, mas àquela altura os gatos já haviam se dispersado. Então, decidi explorar a cripta abaixo, mas naquele momento apenas inspecionei as ratoeiras. Todas estavam desarmadas, mas vazias. Dando-me por satisfeito porque, exceto os gatos e eu, ninguém ouvira o barulho dos ratos, sentei-me em meu gabinete até o amanhecer para refletir profundamente sobre cada fragmento de lenda

que havia desenterrado a respeito da propriedade em que eu morava.

Dormi um pouco de manhã, reclinado na única poltrona confortável da biblioteca que meu projeto de decoração medieval não conseguira abolir. Quando acordei, telefonei para o capitão Norrys, que apareceu depois de um tempo e me foi explorar o porão ao meu lado.

Não encontramos nada que nos chamasse a atenção, embora não pudéssemos reprimir um calafrio quando soubemos que a cripta havia sido construída pelos romanos. Todos os arcos baixos e pilares gigantescos eram de estilo romano; não do estilo degradado dos saxões atrapalhados, mas do classicismo severo e harmônico da época dos césares. De fato, as paredes eram repletas de inscrições familiares aos antiquários que haviam explorado repetidamente o local. Era possível ler coisas como "P. GETAE PROP... TEMP... DONA..." e "L. PRAEC... VS... PONTIFI... ATYS...".

A referência a Átis me deu um arrepio, pois eu havia lido Catulo e sabia algumas coisas sobre os rituais abomináveis dedicados ao deus oriental, cujo culto era em grande parte misturado ao de Cibele. Norrys e eu, à luz das lanternas, tentamos interpretar os desenhos estranhos e desbotados de alguns blocos de pedra irregularmente retangulares que deviam ter sido altares no passado, mas não tivemos sucesso. Lembramo-nos de que um desses desenhos, uma espécie de sol do qual os raios saíam em todas as direções, fora escolhido pelos estudantes para indicar uma origem não romana, sugerindo que os padres romanos se limitaram a adotar esses altares, que viriam de um templo mais antigo e provavelmente aborígene criado no mesmo local. Em um desses blocos havia manchas marrons que me fizeram pensar. O maior de todos, um bloco que ficava no centro da sala, tinha certos detalhes na face superior que indicavam que estivera em contato com o fogo, provavelmente oferendas incineradas.

Tais eram as coisas que pudemos ver naquela cripta, diante de cuja porta os gatos estavam miando e onde eu e Norrys havíamos decidido passar a noite. Os criados, que foram avisados para não se preocuparem com os movimentos noturnos dos gatos, trouxeram dois divãs, e Negrito foi admitido como auxiliar e como companheiro. Consideramos oportuno vedar hermeticamente a grande porta de carvalho – uma réplica moderna com fendas para ventilação –, e depois nos retiramos com as lanternas ainda acesas para esperar o que quer que pudesse acontecer.

A cripta ficava nas profundezas das fundações do priorado e, sem dúvida, muito abaixo da superfície do precipício de pedra calcária que dominava o vale desolado. Não duvidei de que esse fosse o objetivo dos infatigáveis e inexplicáveis ratos, embora não pudesse saber o motivo. Enquanto

esperávamos, ansiosos, minha vigília se misturava ocasionalmente a sonhos imprecisos, dos quais eu era despertado pelos movimentos inquietos do gato que, como sempre, estava aos meus pés.

Naquela noite, meus sonhos não foram nada agradáveis; pelo contrário, eram tão assustadores quanto os da noite anterior. Mais uma vez, a gruta sinistra aparecia diante de mim na escuridão e o guardador de porcos e seus indizíveis monstros fungiformes chafurdavam na lama. Olhando para os seres, pareceu-me que eles estavam mais perto e mais distintos, tão distintos que quase podia ver seus traços físicos. Então, pude ver a fisionomia flácida de um deles, e acordei de repente, gritando tão alto que Negrito saltou violentamente, enquanto o capitão Norrys, que não havia pregado os olhos a noite toda, soltou uma gargalhada. Norrys teria gargalhado ainda mais – ou quem sabe se menos – se soubesse o motivo do meu grito estrondoso. Mas eu só me lembrei dele tempos depois: o horror absoluto, com frequência, tem a virtude misericordiosa de paralisar a memória.

Norrys me acordou quando o fenômeno começou a se manifestar. Acordou-me com uma sacodida gentil e me tirou daquele sonho terrível, insistindo para que eu ouvisse o barulho dos gatos. De fato, havia muito a ouvir! Porque do outro lado da porta trancada, ao pé da escada de pedra, havia um burburinho real de gatos miando e arranhando a madeira enquanto Negrito, completamente desatento ao que seus semelhantes estavam fazendo, corria loucamente ao longo das paredes de pedra, nas quais pude perceber claramente a mesma agitação de ratos correndo que me atormentaram tanto na noite anterior.

Então um terror indescritível cresceu dentro de mim, porque essas anomalias não podiam ser explicadas por procedimentos normais. Aqueles ratos, se não eram fruto de um estado febril que só eu compartilhava com os gatos, deviam ter sua toca entre as muralhas romanas que eu julgara serem formadas por blocos de calcário sólido. A menos, talvez, que a ação da água ao longo de mais de dezessete séculos tenha escavado túneis sinuosos que os roedores teriam posteriormente alargado e ampliado. Mas, mesmo assim, o horror espectral que eu experimentava não era menor; pois, supondo que fossem vermes de carne e osso, por que Norrys não ouvia aquele alvoroço repugnante? Por que ele me pedia para observar Negrito e ouvir os miados dos gatos lá fora? E por que tentava intuir, vagamente e sem nenhum fundamento, os motivos que os levavam a despertar e promover essa balbúrdia?

Quando consegui contar a ele, da maneira mais racional que pude, o que

achei estar ouvindo, o último som fraco daquela incansável balbúrdia chegou aos meus ouvidos. Agora, parecia que o barulho recuava, podia ser ouvido mais abaixo, bem abaixo do nível do porão, a ponto de o precipício inteiro parecer estar cheio de ratos em uma agitação contínua. Norrys não foi tão cético quanto eu havia previsto. Ao contrário, parecia estar profundamente impressionado. Indicou por sinais que o barulho dos gatos tinha parado, como se tivessem dado os ratos por perdidos. Enquanto isso, Negrito estava inquieto de novo e freneticamente arranhava a base do grande altar de pedra erguido no centro da sala, que estava mais perto do divã de Norrys do que do meu.

Nesse momento, meu medo do desconhecido alcançava proporções inimagináveis. Algo surpreendente estava acontecendo, e eu podia ver como o capitão Norrys, um homem mais jovem, corpulento e, presumivelmente, mais materialista, estava tão inquieto quanto eu; provavelmente porque estava bem familiarizado com toda a lenda local. No momento, não podíamos fazer nada, a não ser simplesmente observar como Negrito afundava suas garras na base do altar, cada vez com menos fervor, levantando ocasionalmente a cabeça e miando para mim como costumava fazer quando queria que eu fizesse alguma coisa para ele.

Norrys pegou uma lanterna, foi em direção ao altar e examinou de perto o lugar onde Negrito estava arranhando. Ajoelhou-se em silêncio e limpou os liquens que estavam lá havia séculos e que uniam o maciço bloco pré-romano ao pavimento de ladrilhos. Mas não encontrou nada incomum, e estava prestes a desistir de seus esforços quando notei uma circunstância trivial que me fez estremecer, embora não significasse nada a mais do que eu já havia imaginado.

Compartilhei minha descoberta com Norrys, e nós dois começamos a examinar essa manifestação quase imperceptível com a fixidez de alguém que faz uma descoberta fascinante que confirma suas pesquisas. Em suma, foi o seguinte: a chama da lanterna colocada perto do altar agora se inclinava de forma leve, mas evidentemente, devido a uma corrente de ar que não recebia antes, e que certamente vinha da fenda entre o pavimento e o altar onde Norrys estivera retirando os liquens.

Passamos o resto da noite no gabinete inundado de luz, discutindo com certo nervosismo o que fazer a seguir. A descoberta de uma cripta ainda mais profunda que a mais profunda alvenaria romana conhecida sob as fundações dessas ruínas malditas, uma cripta que tinha passado despercebida por antiquários experientes que exploraram o edifício durante três séculos, já teria sido suficiente para nos alvoroçar, ainda que

não estivesse relacionada a nada sinistro. Da forma como aconteceu, o fascínio era duplo, e hesitamos, sem saber se deveríamos ceder em nossas investigações e abandonar para sempre o priorado por precaução supersticiosa ou satisfazer nosso senso de aventura e enfrentar quaisquer que fossem os horrores que nos esperavam nesses abismos desconhecidos.

De manhã, chegamos a um acordo: iríamos a Londres em busca de arqueólogos e cientistas treinados para desvendar esse mistério. Devo dizer também que, antes de deixar o porão, tentamos em vão mover o altar central, que agora reconhecíamos como sendo a porta de entrada para novos abismos de inominável terror. Que segredos poderiam abrir aquela porta, homens mais eruditos que nós iriam revelar.

Durante a nossa longa estadia em Londres, o capitão Norrys e eu relatamos os fatos, conjecturas e histórias lendárias a cinco autoridades científicas eminentes, todas elas pessoas em quem sabíamos que poderíamos depositar nossa confiança para lidar com a devida discrição com qualquer revelação sobre a família que pudesse emergir no curso das investigações. A maioria desses homens parecia pouco inclinada a encarar o assunto com leviandade; pelo contrário, desde o primeiro momento mostraram um grande interesse e um sincero entendimento. Não creio que seja necessário dar nome a todos os envolvidos, mas posso dizer que entre eles estava William Brinton, cujas escavações na Trôade atraíram a atenção do mundo inteiro naquela época. Ao tomar com eles o trem para Anchester, senti uma espécie de mal-estar, quase como se estivesse à beira de revelações chocantes, uma sensação refletida no semblante triste de muitos americanos que vivem em Londres devido à morte inesperada do presidente do outro lado do oceano.

Na tarde de 7 de agosto, chegamos ao priorado de Exham, onde os criados me asseguraram de que nada de estranho acontecera durante a minha ausência. Os gatos, até mesmo o velho Negrito, estavam absolutamente calmos e nenhuma ratoeira havia sido desarmada em toda a casa. As explorações deveriam começar no dia seguinte. Isso decidido, atribuí a cada um dos hóspedes quartos equipados com tudo o que eles poderiam precisar.

Fui dormir em meu quarto da torre, com Negrito sempre aos meus pés. Logo adormeci, mas os sonhos terríveis voltaram a me atormentar. Tive uma visão de uma festa romana, como a de Trimálquio, na qual pude ver uma monstruosidade abominável em uma travessa coberta. Então, vi novamente aquela maldita e recorrente visão do guardador de porcos e seu rebanho fedorento na gruta escura. Mas, quando acordei, já era dia e

eu ouvia os ruídos normais da parte de baixo da casa. Os ratos, reais ou imaginários, não me tinham incomodado nem um pouco, e Negrito ainda dormia em paz. Quando desci, vi que no resto da casa prevalecia a mesma tranquilidade. De acordo com um dos cientistas que me acompanhava – um homem chamado Thornton, que estudava os fenômenos psíquicos –, essa condição de tranquilidade se devia ao fato de que eu agora tinha conhecimento das coisas que certas forças desconhecidas queriam me mostrar; raciocínio que, de fato, eu achei bastante absurdo.

Tudo estava pronto para começar. Por isso, às onze horas daquele dia, o nosso grupo composto por sete homens, todos equipados com lâmpadas elétricas e ferramentas para escavação poderosas, desceu para o porão e a porta foi trancada atrás de nós. Negrito acompanhou-nos, porque os pesquisadores não acharam apropriado desprezar sua excitabilidade e preferiam que ele estivesse presente no caso de manifestações obscuras dos roedores. Paramos para observar por um breve momento as inscrições romanas e os desenhos indecifráveis do altar, porque três dos cientistas já as tinham visto e todos estavam cientes de suas características. Especial atenção foi dada ao imponente altar central; depois de uma hora, Sir William Brinton conseguiu inclina-lo para trás, graças à ajuda de uma espécie de alavanca para mim desconhecida.

E foi então que, diante de nós, revelou-se um espetáculo horroroso ao qual não saberíamos como reagir se não estivéssemos preparados. Através de um buraco quase quadrado aberto no chão de azulejos, e espalhados ao longo de um lance de escadas com degraus tão desgastados que mais parecia uma superfície inclinada no centro, havia uma profusão horrível de ossos de origem humana ou, pelo menos, semi-humana. Os que ainda mantinham a configuração original de esqueletos mostravam atitudes de pânico infernal e, em todos os ossos, via-se traços de mordidas de roedores. As caveiras e crânios revelavam pertencer a idiotas e cretinos, e havia até mesmo a possibilidade de que fossem restos pré-históricos de antropoides.

Sobre os degraus recobertos de despojos, abria-se uma passagem descendente em forma de arco, que parecia ter sido esculpida na rocha sólida e através da qual circulava uma corrente de ar. Mas essa corrente não era um sopro agudo e fedorento como se viesse de uma cripta aberta abruptamente, mas uma brisa agradável com um pouco de ar fresco. Depois de parar por um momento, preparamo-nos, em meio a um calafrio geral, para abrir uma passagem nas escadas. Foi então que Sir William, depois de examinar cuidadosamente as paredes esculpidas, fez a surpreendente observação de que a passagem, de acordo com a direção

dos golpes, parecia ter sido esculpida de baixo para cima.

Agora devo ponderar diligentemente sobre o que digo e escolher as palavras com muito cuidado.

Depois de descermos alguns degraus em meio aos ossos roídos, vimos uma luz à nossa frente; não era uma fosforescência mística ou qualquer coisa assim, mas a luz solar filtrada que não poderia vir senão de fissuras desconhecidas abertas no penhasco que dava vistas para o vale desolado. Não havia nada particularmente admirável no fato de que ninguém tivesse conhecimento da existência das fendas por fora, porque além de o vale ser totalmente desabitado, a encosta do penhasco era de uma altura tal que só um aeronauta poderia estudar a encosta em detalhes. Mais alguns passos e nossa respiração foi literalmente arrebatada pela visão que nos foi oferecida; tão literalmente que Thornton, o pesquisador psíquico, caiu inconsciente nos braços dos homens atordoados que estavam atrás dele. Norrys, seu rosto rechonchudo completamente pálido e flácido, simplesmente soltou um grito inarticulado, e quanto a mim, acho que arfei ou abri a boca e cobri os olhos.

O homem que estava atrás de mim – o único membro do grupo que era mais velho que eu – pronunciou o tradicional “Meu Deus!” com a voz mais trêmula que já ouvi. Do total de sete exploradores, só Sir William Brinton manteve a compostura, algo que deve receber crédito, principalmente porque liderava o grupo e, portanto, deve ter sido o primeiro a ver tudo.

Nós estávamos de frente para uma gruta iluminada por uma luz fraca e enormemente alta, que se estendia além do campo de nossa visão. Todo um mundo subterrâneo de infinito mistério e horríveis sugestões se abriu diante de nós. Havia construções e outros destroços arquitetônicos. Em um olhar de relance, pude ver, apavorado, um túmulo com estranho formato, um círculo imponente de monólitos, ruínas romanas com abóbadas baixas, uma pira funerária saxã e uma construção de madeira em ruínas da Inglaterra primitiva. Mas tudo isso era ofuscado pelo espetáculo repugnante que podia ser visto por toda a extensão do terreno: por vários metros ao redor da escada se estendia uma mistura insana de ossos humanos, ou pelo menos ossos tão humanos quanto os que tínhamos visto alguns metros atrás. Como um mar de espuma, esses ossos cobriam toda a extensão do local, alguns soltos, outros articulados total ou parcialmente como esqueletos; esses últimos estavam em posições que refletiam um frenesi diabólico, como se estivessem lutando contra alguma ameaça ou agarrando outros corpos com intenções canibais.

Quando o Dr. Trask, o antropólogo, parou para examinar e identificar os crânios, descobriu que eram formados por uma mistura degradada que o deixou mergulhado na mais completa perplexidade. Na maior parte, esses restos pertenciam a seres de uma raça bem inferior ao Homem de Piltdown na escala da evolução, mas, de qualquer forma, eram indubitavelmente de origem humana. Muitos eram crânios de maior evolução, e apenas alguns pertenciam a seres com sentidos e cérebros plenamente desenvolvidos. Todos os ossos estavam roídos, especialmente por ratos, mas também por outros seres daquela alcateia semi-humana. Misturados a eles, havia muitos ossos pequenos de ratos, guerreiros derrotados do exército letal que encerrava a tragédia antiga.

Duvido que algum de nós tenha mantido sua lucidez depois daquele dia de terríveis descobertas. Nem Hoffmann nem Huysmans poderiam imaginar uma cena mais surpreendentemente incrível, mais atroz e repulsiva, ou mais gótica e grotesca do que aquela oferecida pela visão da gruta sombria em que nós sete avançávamos vacilantes. Tropeçávamos de revelação em revelação, ao mesmo tempo em que tentávamos afastar da mente qualquer pensamento sobre o que poderia ter acontecido naquele lugar trezentos, mil, dois mil ou quem sabe dez mil anos antes. Aquele lugar era a antecâmara do inferno e o pobre Thornton desmaiou de novo quando Trask lhe disse que alguns daqueles esqueletos deviam descender de quadrúpedes até as vinte ou mais gerações que os precederam.

Um horror seguia-se a outro quando começamos a interpretar as ruínas arquitetônicas. Os seres quadrúpedes – com seus recrutas ocasionais da classe dos bípedes – eram mantidos em jaulas de pedra, de onde devem ter fugido em seu delírio final, causado pela fome ou pelo medo dos roedores. Deve ter havido grandes rebanhos, evidentemente engordados com os vegetais bravos cujos restos ainda podiam ser encontrados na forma de silagem venenosa no fundo de grandes vasos de pedra pré-romanos. Agora eu entendia por que meus antepassados tinham jardins tão imensos. Eu gostaria de poder relegar tudo ao esquecimento! A finalidade dos rebanhos não era mais mistério para mim.

Sir William, de pé e focando sua lanterna na ruína romana, traduziu em voz alta o ritual mais chocante de que tive conhecimento e falou sobre a dieta do culto antediluviano que os sacerdotes de Cibele encontraram e incorporaram aos seus.

Norrys, acostumado como era à vida das trincheiras, não conseguia andar em linha reta quando saiu da construção inglesa. O edifício em questão era um açougue e cozinha – ele já esperava por isso –, mas era demais ver

utensílios ingleses familiares em tal lugar e ler grafia familiar inglesa ali, algumas inclusive relativamente recentes, datadas de 1610. Não me atrevi a entrar no edifício que testemunhara celebrações diabólicas que só foram interrompidas pela adaga de meu ancestral Walter de la Poer.

Mas me aventurei a entrar na construção saxã baixa, cuja porta de carvalho estava no chão, e lá encontrei uma fileira impressionante de dez celas de pedra com barras enferrujadas. Três tinham ocupantes, todos esqueletos de evolução avançada, e no osso do dedo indicador de um deles encontrei um anel com o meu brasão. Sir William encontrou uma cripta com celas ainda mais antigas sob a capela romana, mas estavam vazias. Sob elas havia uma cripta de teto baixo cheia de nichos com ossos alinhados, alguns dos quais exibiam terríveis inscrições geométricas esculpidas em latim, em grego e na língua frígia.

Enquanto isso, o Dr. Trask abrira um dos túmulos pré-históricos, descobrindo em seu interior crânios de escassa capacidade, pouco mais desenvolvidos que os dos gorilas, com sinais ideográficos indecifráveis. Meu gato passeava imperturbável diante de todo aquele show de horrores. Uma vez eu o vi monstruosamente trepado em uma montanha de ossos, e me perguntei que segredos poderiam estar escondidos atrás daqueles olhos amarelos.

Depois de ter observado até certo ponto as revelações terríveis escondidas nessa área envolta em penumbra – a caverna escura que tão terrivelmente antevi em meus sonhos recorrentes –, voltamo-nos a esse aparente abismo sem fim, para a caverna escura onde nem um único raio de luz do penhasco conseguia penetrar. Nunca saberemos que invisíveis mundos de Estige se abriram além da pequena distância que percorremos, porque decidimos que o conhecimento de tais segredos poderiam não ser benéficos para a humanidade. Mas havia coisas suficientes para olhar à nossa volta, porque só tínhamos dado alguns passos quando as lanternas expuseram uma infinidade de poços assustadores em que os ratos se banqueteavam e cuja súbita falta de reabastecimento levara a raivosa hoste de roedores, em um primeiro momento, a se lançar sobre os rebanhos de seres vivos enfraquecidos pela inanição e, em seguida, a se precipitarem para fora do priorado naquela histórica orgia de devastação que os habitantes locais nunca esquecerão.

Meu Deus! Aqueles poços imundos cheios de ossos quebrados e sem carne e crânios perfurados! Aqueles abismos de pesadelo transbordando de ossos de pitecantropos, celtas, romanos e ingleses de incontáveis séculos de vida não santificada! Alguns deles estavam cheios e seria impossível

dizer o quanto tinham sido profundos outrora. Em outros, a luz dos holofotes não conseguia alcançar o fundo e eles estavam cheios das coisas mais incríveis. E o que teria sido, pensei, dos infelizes ratos que se precipitaram naqueles buracos no meio da escuridão do tão terrível Tártaro?

Em uma ocasião, meu pé escorregou perto de um daqueles horríveis buracos abertos, fazendo-me passar por alguns momentos de terror paralisante. Devo ter sido absorvido por um longo tempo, porque, exceto o capitão Norrys, não vi ninguém do grupo. Em seguida, veio um som daquela vastidão escura e infinita, que pensei ter reconhecido, e vi meu velho gato preto passar rapidamente diante de mim, como se fosse um deus egípcio alado, para mergulhar direto nas profundezas insondáveis do desconhecido. Mas também não me demorei muito, pois naquele momento entendi perfeitamente o que era: era a cavalgada horripilante daqueles ratos diabólicos, sempre em busca de novos horrores e determinados a me arrastar ainda mais para o fundo daquelas intrincadas cavernas no centro da Terra, onde Nyarlathotep, o enlouquecido deus sem rosto, uiva cegamente na escuridão mais escura ao som das flautas de dois faunos idiotas.

Minha lanterna se apagou, mas isso não me impediu de correr. Eu ouvia vozes, gritos e ecos, mas acima de tudo se erguia aquele tropel abominável e inconfundível, inicialmente de forma tênue e, em seguida, mais intensamente, como um cadáver rígido e inchado que suavemente desliza para cima no fluxo de um rio de gordura que corre sob pontes intermináveis de ônix para terminar em um mar negro e pútrido.

Algo me tocou, uma coisa flácida e gorda. Devem ter sido os ratos; o exército viscoso, gelatinoso e faminto que encontra prazer em vivos e mortos. Por que não comiam os de la Poer, se os de la Poer comiam coisas proibidas? A guerra devorou meu filho, todos para o inferno! E as chamas dos ianques devoravam Carfax e reduziram a cinzas o velho Delapore e o segredo da família... Não, não, já disse que não sou o demônio guardador de porcos da gruta escura! Não era o rosto gordo de Edward Norrys naquele ser flácido e fungiforme! Quem disse que sou um de la Poer? Ele estava vivo, mas o meu filho morreu! Como pode um Norrys ficar na posse das terras de um de la Poer? É vodu, estou dizendo... aquela víbora manchada... Maldito seja, Thornton! Vou ensiná-lo a desmaiar diante das obras da minha família! Pelas unhas de Cristo, patife, você vai gostar do sangue... mas você quer segui-los através desses recantos infernais?... *Magna Mater! Magna Mater!... Atys... Dia ad aghaidh's ad aodann... agus bas dunach ort!... Dhonas's dholas ort, agus leat-sa!... Ungl... ungl... rrlh...*

chchch...

Essas e outras coisas, segundo contam, eu dizia quando me encontraram no meio da escuridão três horas depois. Eu estava agachado, encolhido naquela escuridão sobre o corpo atarracado e meio devorado do capitão Norrys, enquanto Negrito me atacava e rasgava minha garganta.

Depois disso, implodiram o priorado de Exham, tiraram de mim o meu velho Negrito, e me trancafiaram neste quarto com grades em Hanwell enquanto espalham boatos amedrontadores sobre minha descendência e o que aconteceu naquele dia. Thornton está no quarto ao lado, mas não me deixam falar com ele. Também tentam fazer com que a maioria das coisas conhecidas sobre o priorado não chegue ao conhecimento público. Sempre que falo do pobre Norrys, acusam-me de ter cometido algo terrível, mas devem saber que eu não fiz aquilo. Devem saber que foram os ratos, os nojentos ratos tumultuosos, cuja cavalgada nunca me deixará dormir. Os ratos diabólicos que correm por trás das paredes rebocadas do quarto onde estou agora, e me chamam para horrores que não podem ser comparados com aqueles até então conhecidos; os ratos que eles nunca poderão ouvir; os ratos, os ratos nas paredes.

4
Os sonhos na casa da bruxa

Walter Gilman não sabia se eram os sonhos que causavam a febre ou se a febre era a causa dos sonhos. Por trás de tudo, rastejava o horror bolorento e pungente da antiga cidade e do sótão execrável onde ele escrevia, estudava e lutava contra números e fórmulas quando não estava encolhido em sua miserável cama de ferro. Seus ouvidos estavam se tornando sensíveis de uma forma antinatural e insuportável, e fazia tempo que ele havia parado o relógio barato da lareira, cujo tique-taque parecia ter se transformado em um trovão de artilharia. À noite, os rumores discretos da cidade escura, a correria sinistra dos ratos nas paredes frágeis e o ranger de tábuas invisíveis na casa centenária eram suficientes para dar a ele uma sensação de agitação estridente. A escuridão era sempre cheia de ruídos inexplicáveis e, no entanto, Gilman às vezes estremecia de medo que esses sons desaparecessem e permitissem que ele ouvisse outros sons, mais vagos, que esses ocultavam.

Ele estava na cidade de Arkham, congelada no tempo e cheia de lendas, com seus telhados amontoados em estilo holandês que oscilavam sobre os sótãos onde as bruxas se escondiam dos homens do rei nos sombrios tempos coloniais. E, em toda a cidade, não havia lugar com memórias mais macabras do que o sótão que abrigava Gilman, pois havia sido precisamente nesta casa e neste quarto que se escondera Keziah Mason, cuja fuga da prisão de Salém permanecia inexplicável. Isso acontecera em 1692: o carcereiro tinha enlouquecido e delirava sobre algo peludo, pequeno e com presas brancas que saíra correndo da cela de Keziah, e nem mesmo Cotton Mather sabia explicar as curvas e ângulos desenhados nas paredes de pedra cinzenta com algum líquido vermelho e pegajoso.

Talvez Gilman não devesse ter estudado tanto. O cálculo não euclidiano e a física quântica são suficientes para violentar qualquer cérebro, e quando eles se misturam a lendas populares e se tenta rastrear um estranho fundo de realidade multidimensional por trás das sugestões horrivelmente cruéis de contos góticos e sussurros fantásticos no canto da lareira, dificilmente se pode esperar estar completamente livre de uma certa tensão mental.

Gilman era de Haverhill, mas somente depois de entrar na faculdade, em Arkham, começara a associar seu conhecimento matemático com as fantásticas lendas da magia antiga. Havia algo no ambiente da cidade antiga que agia sombriamente em sua imaginação. Os professores da Universidade de Miskatonic tinham recomendado que ele fosse mais devagar e reduziram voluntariamente seus estudos em vários pontos. Além disso, ele fora proibido de consultar os antigos e duvidosos tratados sobre segredos ocultos que ficavam trancados a sete chaves na biblioteca da universidade. Mas essas precauções chegaram tarde, de modo que Gilman já tinha conseguido obter alguns dados terríveis do temido *Necronomicon*, de Abdul Alhazred, do fragmentário *Livro de Eibon*, e do proibido *Unausspreclichen Kulten*, de Von Junzt, que ele correlacionava com suas fórmulas abstratas sobre as propriedades do espaço e a conexão entre dimensões conhecidas e desconhecidas.

Ele sabia que seu quarto ficava na antiga casa da bruxa; na verdade, tinha alugado o quarto por esse motivo. Nos arquivos do condado de Essex figuravam inúmeros dados sobre o julgamento de Keziah Mason, e o que essa mulher tinha admitido sob pressão ao Tribunal de Oyer e Terminer fascinava Gilman a um ponto além do razoável. Keziah falara ao juiz Hathorne sobre linhas e curvas que poderiam ser desenhadas para indicar direções que levavam através das paredes do espaço para outros espaços além, insinuara que essas linhas e curvas eram frequentemente utilizadas em determinadas reuniões à meia-noite, realizadas no escuro vale da pedra branca que ficava além de Meadow Hill, e também na ilha inabitada do rio. Ela também falara do Homem Negro, do juramento que havia feito e de seu novo nome secreto, Nahab. Depois disso, desenhara essas figuras na parede de sua cela e desaparecera.

Gilman acreditava nas coisas estranhas sobre Keziah, e sentia uma emoção curiosa ao saber que a casa em que ela vivera ainda estava de pé depois de mais de duzentos e trinta anos. Quando ouviu os boatos e burburinhos que corriam por Arkham sobre a presença persistente de Keziah na antiga casa e nas ruas estreitas, sobre as marcas irregulares de presas humanas deixadas em algumas pessoas adormecidas daquela e de outras casas, sobre os gritos infantis ouvidos na Noite de Santa Valburga e no dia de Todos os Santos, do fedor percebido no sótão do prédio antigo logo após esses dias temidos e sobre a coisa pequena e peluda de presas afiadas que rondava a velha casa e a cidade e cheirava as pessoas com curiosidade nas horas escuras antes do amanhecer, ele decidiu viver ali a todo custo. Era fácil conseguir um quarto, já que a casa era mal vista, difícil de alugar e fazia muito tempo que estava entregue a aluguéis

baratos. Ele não sabia dizer o que esperava encontrar ali, mas sabia que queria estar naquele edifício onde alguma circunstância tinha, mais ou menos de repente, dado a uma velha medíocre do século XVII um vislumbre de profundidades matemáticas, talvez mais ousadas do que as mais modernas investigações de Planck, Heisenberg, Einstein e de Sitter.

Ele vasculhou as madeiras e as paredes de gesso em busca de desenhos crípticos em todos os locais acessíveis onde o papel de parede havia se soltado, e em menos de uma semana conseguiu alugar o sótão do leste, onde acreditava-se que Keziah havia se dedicado à bruxaria. Estava vago desde o início, já que ninguém nunca esteve disposto a ocupá-lo por muito tempo e o senhorio polonês tinha medo de alugá-lo. No entanto, nada realmente acontecera com Gilman até que veio a febre. Nenhuma Keziah fantasmagórica rondava nos corredores escuros ou nos quartos, nenhuma coisa pequena e peluda penetrara no quarto sombrio para cheirar Gilman, nem ele encontrou rastros dos feitiços da bruxa, apesar de sua constante busca. Às vezes, andava pelo escuro labirinto de ruas não pavimentadas que cheiravam a mofo, onde casas antigas escuras e de idade ignorada se inclinavam, cambaleavam e olhavam com malícia através das janelas estreitas com vidraças pequenas. Ele sabia que, em outros tempos, tinham acontecido ali coisas estranhas, e pairava no ar uma vaga sensação de que talvez nem tudo o que pertencera a esse passado anômalo tivesse desaparecido, pelo menos não nas ruas mais escuras, estreitas e sinuosamente retorcidas. Em duas ocasiões, ele também remou até a ilhota amaldiçoada do rio e fez um esboço dos estranhos ângulos descritos pelas fileiras de pedras cinzentas cobertas de musgo que havia ali e cuja origem era sombria e imemorial.

O quarto de Gilman era de bom tamanho, mas de formato irregular; a parede norte inclinava-se perceptivelmente para dentro, enquanto o teto baixo inclinava-se suavemente na mesma direção. A não ser por um buraco de rato aberto e de sinais de que outros tantos tinham sido tapados, não havia nenhum acesso – nem sinais de que algum tivesse existido – para o espaço que devia existir entre a parede inclinada e a parede externa da parte norte da casa, embora do lado de fora se pudesse ver que uma janela havia sido emparedada em um tempo muito remoto. O sótão acima do telhado, que devia ter o piso inclinado, também era inacessível. Quando, uma vez, Gilman subiu a escada cheia de teias de aranha que levava ao sótão diretamente acima de seu quarto, encontrou vestígios de uma antiga abertura, agora fechada hermética e fortemente com pranchas velhas fixadas com estacas de madeira, comuns na carpintaria em tempos coloniais. No entanto, o proprietário, apesar de

seus muitos pedidos, recusou-se a permitir que ele investigasse o que estava por trás daqueles espaços interditados.

Com o passar do tempo, seu interesse pela parede e pelo teto do quarto aumentou, pois ele começou a adivinhar por trás dos estranhos ângulos da construção um significado matemático que parecia dar vagos indícios ao seu objetivo. A velha bruxa poderia ter tido razões muito boas para viver em um quarto com ângulos estranhos: ela não alegou ter cruzado os limites do mundo espacial conhecido através de certos ângulos? Seu interesse foi gradualmente se desviando dos espaços vazios localizados do outro lado das paredes inclinadas, pois agora parecia que o propósito de tais superfícies se referia ao lado no qual ele se encontrava.

A febre e os sonhos começaram no início de fevereiro. Por algum tempo, parece que os ângulos estranhos do quarto de Gilman tiveram sobre ele um raro efeito, quase hipnótico; e, à medida que o inverno escuro avançava, ele passou a contemplar com uma crescente intensidade a quina onde o teto descendente se juntava à parede inclinada. Naquela época, estava muito preocupado com sua incapacidade de se concentrar nos estudos e começou a temer seriamente pelos resultados dos exames parciais. Também se lamentava pelo seu senso de audição exacerbado. A vida, para ele, tinha se transformado em uma cacofonia persistente e quase insuportável, e havia também aquela impressão constante e amedrontadora de perceber outros sons, procedentes talvez de regiões além da vida, e ele estremecia a qualquer ameaça de ouvir alguma coisa. Quanto aos ruídos concretos, os piores eram os dos ratos nas partições antigas. Às vezes, o arranhar deles não parecia apenas furtivo, mas deliberado. Quando vinham de detrás da parede inclinada do norte, misturavam-se com uma espécie de chocalhar seco e, quando vinham do sótão que ficava acima do teto inclinado, trancado havia mais de um século, Gilman sempre se preparava para o pior, como se esperasse por algo terrível que só aguardava o momento oportuno para descer e destruí-lo completamente.

Os sonhos estavam além do limite da sanidade e Gilman achava que eles eram o resultado conjunto de seus estudos de matemática e das leituras de lendas populares. Ele vinha pensando muito nas regiões vagas que, de acordo com suas fórmulas, tinham de existir para além das três dimensões conhecidas, e na possibilidade de que a velha Keziah Mason, guiada por alguma influência impossível de conjecturar, tivesse encontrado a porta de acesso para essas regiões. Os arquivos amarelados do tribunal do distrito que continham o testemunho da mulher e de seus acusadores sugeriam, de forma terrível, coisas além do alcance da experiência

humana, e as descrições da criatura peluda, frenética e pequena que fazia as vezes de um demônio familiar eram desagradavelmente realistas, apesar dos detalhes fantásticos.

Aquele ser, que não era maior do que uma ratazana, e que as pessoas comuns chamavam pitorescamente de “Brown Jenkin”, parece ter sido o resultado de um caso notável de sugestão coletiva, porque, em 1692, nada menos que doze pessoas testemunharam tê-lo visto. Além disso, os recentes boatos sobre ele coincidiam de maneira desconcertante e incompreensível. As testemunhas diziam que tinha pelos longos e forma de rato, mas que seu rosto, com presas afiadas e barba, era diabolicamente humano, enquanto suas garras pareciam pequenas mãos. Ele levava mensagens da velha para o diabo e se alimentava do sangue da bruxa, a quem sugava como um vampiro. Sua voz era uma espécie de risada detestável e ele sabia falar todas as línguas do mundo. Das muitas monstruosidades que Gilman via em seus pesadelos, nenhuma lhe causava tanto pavor e repugnância quanto essa figura híbrida, malvada e diminuta, cuja imagem se apresentava de uma forma mil vezes mais odiosa do que aquela que sua mente desperta havia deduzido a partir dos arquivos antigos e dos rumores modernos.

Os pesadelos de Gilman geralmente consistiam em sonhar que caía em abismos intermináveis de crepúsculos inexplicavelmente coloridos e cheios de sons confusos; abismos cujas propriedades materiais e gravitacionais Gilman não podia sequer conceber. Em seus sonhos, ele não andava nem subia, não voava ou nadava ou rastejava; mas sempre experimentava uma sensação de movimento, parte voluntário e parte involuntário. Não tinha um bom julgamento sobre seu próprio estado, pois nunca conseguia ver seus braços, pernas e tronco, que desvaneciam em algum tipo de alteração de perspectiva, mas sentia que a sua organização física e suas faculdades se transmutavam de maneira mágica e se projetavam obliquamente, ainda que conservassem uma certa relação grotesca com suas proporções e propriedades normais.

Os abismos não eram vazios, mas povoados de indescritíveis massas anguladas de um colorido estranho a este mundo, algumas das quais pareciam orgânicas e outras inorgânicas. Alguns dos objetos orgânicos tendiam a despertar lembranças vagas e adormecidas em seu subconsciente, embora não pudesse formar nenhuma ideia consciente do que eles, de uma forma burlesca, imitavam ou sugeriam. Nos sonhos mais recentes, ele começara a distinguir categorias independentes em que os objetos pareciam se dividir, e assumiam em cada caso um tipo radicalmente diferente de padrão de conduta e motivação básica. Dessas

categorias, uma parecia incluir objetos que eram um pouco menos ilógicos e irrelevantes em seus movimentos do que os pertencentes às outras categorias.

Todos os objetos, orgânicos e inorgânicos, eram completamente indescritíveis e até incompreensíveis. Às vezes Gilman comparava a matéria inorgânica a prismas, labirintos, grupos de cubos e planos e a construções ciclópicas; e as coisas orgânicas lhe davam sensações diversas, de conjuntos de bolhas, polvos, centopeias, de ídolos hindus vivos e de arabescos intrincados vivificados por uma espécie de animação ofídica. Tudo o que ele via era indescritivelmente ameaçador e terrível, e sempre que uma das entidades orgânicas parecia, por seus movimentos, tê-lo notado, ele sentia um terror tão cruel e horripilante que geralmente acordava em um sobressalto. Sobre como os seres orgânicos se moviam, ele não sabia dizer mais do que como ele mesmo se movia. Com o tempo, observou outro mistério: a tendência de certas entidades a aparecerem repentinamente do espaço vazio ou de desaparecerem com a mesma rapidez. A confusão de gritos e rugidos que ecoava nas profundezas desafiava qualquer análise quanto ao tom, timbre ou ritmo, mas parecia estar sincronizada com as vagas alterações visuais de todos os objetos indefinidos, tanto os orgânicos quanto os inorgânicos. Gilman experimentava a sensação contínua e horripilante de que eles pudessem aumentar para algum grau insuportável de intensidade durante alguma de suas flutuações sombrias e implacáveis.

Mas não eram nesses redemoinhos de total alienação que ele via Brown Jenkin. Esse horror abominável era reservado para certos sonhos mais claros e vívidos que o assaltavam imediatamente antes de cair em sono profundo. Gilman sempre estava no escuro, lutando para ficar acordado, quando uma ligeira claridade parecia reluzir em torno do centenário quarto, revelando em uma neblina violácea a convergência dos planos angulosos que de maneira tão insidiosa tinham se apoderado de sua mente. O horrível monstro parecia sair do buraco de ratos no canto e se mover em direção a ele, deslizando pelas tábuas do piso deformado, com uma expectativa maligna em seu rosto humano minúsculo e barbudo; mas, felizmente, o sonho sempre terminava antes que a aparição chegasse perto demais para acariciá-lo com o focinho. Suas presas eram diabolicamente longas, afiadas e caninas. Gilman tentava tapar o buraco de ratos todos os dias, mas, noite após noite, os verdadeiros habitantes das partições roíam a obstrução, o que quer que fossem. Em certa ocasião, mandou o senhorio pregar uma lata no buraco, mas, na noite seguinte, os ratos abriram um novo buraco e, ao fazê-lo, empurraram ou arrastaram

um curioso pedaço de osso.

Gilman não relatou sua febre ao médico, pois sabia que se entrasse na enfermaria da universidade não poderia passar nos exames, para cuja preparação precisava de todo o tempo. Mesmo assim, foi reprovado em cálculo diferencial e psicologia geral superior, embora tivesse a esperança de recuperar o atraso antes de terminar o curso.

Em março, um novo elemento tornou-se parte de seu sonho preliminar, e a fórmula de pesadelo de Brown Jenkin começou a ser acompanhada por uma sombra nebulosa que cada vez mais se assemelhava a uma velha encurvada. Esse novo elemento o transtornava mais do que ele podia explicar, mas finalmente se deu conta de que a sombra se parecia com uma velha que ele havia encontrado duas vezes no labirinto escuro de becos das docas abandonadas. Nas duas ocasiões, o olhar maldoso, sardônico e aparentemente sem motivação da senhora quase o fez estremecer, especialmente na primeira vez, quando um rato enorme que cruzava a entrada escura de um beco vizinho o fez pensar em Brown Jenkin de uma forma irracional. Agora, ele pensava, aqueles medos nervosos estavam sendo refletidos em seus sonhos desordenados. Não podia negar que a influência da velha casa era prejudicial, mas os restos de seu interesse mórbido o prendiam ali. Ele dizia a si mesmo que as fantasias noturnas se deviam apenas à febre e que, quando ela desaparecesse, estaria livre das visões monstruosas. No entanto, essas aparições tinham uma vivacidade absorvente e convincente, e sempre que acordava, ele mantinha uma vaga sensação de ter vivido muito mais do que se lembrava. Tinha a terrível certeza de ter falado com Brown Jenkin e com a bruxa em sonhos esquecidos, e que eles insistiam para que Gilman fosse com eles a algum lugar para encontrar um terceiro ser mais poderoso.

No fim de março, ele começou a melhorar em matemática, embora as outras matérias o incomodassem cada vez mais. Estava adquirindo uma habilidade intuitiva para resolver equações riemannianas e surpreendeu o professor Upham com sua compreensão sobre a quarta dimensão e outros problemas que seus colegas de classe ignoravam. Certa tarde, houve uma discussão sobre a possível existência de curvaturas caprichosas no espaço e de pontos teóricos de aproximação – ou até mesmo de contato – entre a nossa parte do cosmos e outras regiões tão remotas quanto as estrelas mais distantes ou os vazios transgalácticos, ou mesmo tão fabulosamente distantes quanto as unidades cósmicas hipoteticamente concebíveis além do contínuo espaço-tempo einsteiniano. O modo como Gilman tratava o assunto deixava todos admirados, embora algumas de suas ilustrações

hipotéticas causassem um aumento das fofocas sempre abundantes sobre sua excentricidade nervosa e solitária. O que fez os estudantes balançarem a cabeça foi a teoria sobriamente anunciada de que um homem com conhecimentos matemáticos além do alcance da mente humana poderia passar da Terra para outro corpo celeste que se encontrava em um dos infinitos pontos da configuração cósmica.

Para isso, disse ele, apenas dois estágios seriam necessários: primeiro, deixar a esfera tridimensional que conhecemos e, segundo, retornar à esfera das três dimensões em outro ponto, talvez infinitamente distante. Que isso pudesse ser feito sem perder a vida era concebível em muitos casos. Qualquer ser procedente de um lugar no espaço tridimensional provavelmente poderia sobreviver na quarta dimensão, e a sobrevivência no segundo estágio dependeria de qual parte estranha do espaço tridimensional ele escolheu para a reentrada. Os habitantes de alguns planetas poderiam viver em outros, mesmo em planetas pertencentes a outras galáxias ou em fases dimensionais semelhantes de outros contínuos de espaço-tempo, embora, é claro, devesse haver um grande número deles mutuamente inabitáveis, embora fossem corpos ou zonas espaciais matematicamente justapostas.

Era possível também que os habitantes de uma determinada área dimensional pudessem sobreviver à entrada em muitos domínios desconhecidos e incompreensíveis, de dimensões mais numerosas ou indefinidamente multiplicadas, de dentro ou de fora do contínuo de espaço-tempo dado, e que o oposto também poderia acontecer. Isso era uma questão de conjectura, embora se pudesse ter quase certeza de que o tipo de mutação que envolveria a passagem de um determinado plano dimensional para o próximo plano superior não destruiria a integridade biológica como a entendemos. Gilman não sabia explicar muito bem suas razões para essa última suposição, mas sua imprecisão nesse ponto foi mais do que compensada por sua clareza ao lidar com outras questões complexas. Ao professor Upham, causou-lhe um prazer especial sua demonstração da relação que existia entre a matemática superior e certas fases da tradição mágica transmitida ao longo dos milênios, desde o tempo da Antiguidade indescritível, humana ou pré-humana, quando havia um conhecimento maior que o nosso sobre o cosmos e suas leis.

Por volta de 1º de abril, Gilman estava muito preocupado porque a febre não passava. Também ficara perturbado com o que seus colegas de alojamento disseram sobre seu sonambulismo. Diziam que ele se ausentava frequentemente da cama, e que o homem do quarto abaixo reclamava do ranger da madeira do chão em certas horas da noite. Esse

colega também dizia ouvir o barulho de passos de pés calçados no meio da madrugada, mas Gilman tinha certeza de que nisso ele se enganara, porque seus sapatos e também o resto das roupas estavam, pela manhã, sempre no mesmo lugar em que os havia deixado. Naquela casa velha e deteriorada, era possível sentir as sensações mais absurdas. Não é que o próprio Gilman agora tinha certeza de ouvir, em plena luz do dia, certos ruídos, além do arranhar dos ratos nos buracos negros localizados além da parede oblíqua e do telhado inclinado? Seus ouvidos, de sensibilidade patológica, começaram a captar passos leves no sótão acima de seu quarto, fechado desde tempos imemoriais, e às vezes a ilusão de tais passos tinha um realismo angustiante.

No entanto, ele sabia que era mesmo sonâmbulo, porque em duas noites haviam encontrado seu quarto vazio, com todas as roupas no lugar. Isso lhe assegurara Frank Elwood, o colega estudante, cuja pobreza o havia obrigado a hospedar-se naquela casa miserável e de evidente impopularidade. Elwood estivera estudando até a madrugada e subira para que Gilman o ajudasse a resolver uma equação diferencial, mas descobrira que ele não estava em seu quarto. Tinha sido um atrevimento abrir a porta, que estava destrancada, depois de chamar e não receber nenhuma resposta, mas ele precisava muito de ajuda e pensou que Gilman não se importaria se ele o acordasse com delicadeza. Mas Gilman não estava lá nenhuma das duas vezes, e quando Elwood contou a ele, Gilman se perguntou por onde poderia ter estado vagando, descalço e com apenas suas roupas de dormir. Decidiu que investigaria o assunto se as notícias sobre seus passeios sonâmbulos continuassem, e pensou até em espalhar farinha no chão do corredor para descobrir para onde as pegadas o levariam. A porta era a única saída concebível, já que a janela estreita dava para o vazio.

À medida que o mês de abril avançava, os ouvidos de Gilman, aguçados pela febre, começaram a ouvir as orações lamuriosas de um homem supersticioso chamado Joe Mazurewicz, que consertava teares e cujo quarto ficava no piso térreo. Mazurewicz contava histórias longas e absurdas sobre o fantasma da velha Keziah e a coisa peluda com presas afiadas que cheirava pessoas, afirmando que, por vezes, perseguiam-no de tal maneira que só o crucifixo de prata – que para esse fim lhe dera o padre Iwanicki, da igreja de São Estanislau – poderia dar-lhe algum alívio. Agora ele rezava porque o Sabá das bruxas se aproximava. Na véspera de primeiro de maio seria a noite de Santa Valburga, quando os espíritos infernais vagavam pela Terra e todos os escravos de Satanás se reuniam para se entregar a ritos e atos inomináveis. Era sempre uma data ruim em

Arkham, embora as pessoas mais finas da avenida Miskatonic e das ruas High e Saltonstall fingissem não saber nada sobre o assunto. Coisas desagradáveis aconteceriam e provavelmente uma ou duas crianças desapareceriam. Joe sabia dessas coisas, porque sua avó, em seu país de origem, ouvira isso dos lábios de sua bisavó. O mais prudente era rezar o rosário nesse período. Fazia três meses que nem Keziah nem Brown se aproximavam do quarto de Joe, nem do de Paul Choynski, nem de qualquer outro lugar, e isso era um mau sinal. Deviam estar tramando alguma coisa.

No dia 16 do mesmo mês, Gilman foi ao consultório do médico e ficou surpreso ao ver que sua temperatura não estava tão alta quanto ele temia. O médico interrogou-o meticulosamente e aconselhou-o a consultar um especialista em nervos. Gilman ficou feliz por não ter consultado o médico da universidade, um homem mais inquisitivo. O velho Waldron, que em outra ocasião já havia restringido suas atividades, teria o forçado a descansar, o que era impossível agora que ele estava prestes a obter grandes resultados com suas equações. Estava indubitavelmente perto da fronteira entre o universo conhecido e a quarta dimensão, e quem poderia prever o quão longe ainda poderia chegar?

Mas, mesmo com esses pensamentos, ele questionava a origem de sua estranha confiança. Será que esse perigoso senso de iminência vinha das fórmulas das folhas que ele estudava dia após dia? Os passos abafados, furtivos e imaginários no sótão fechado eram inquietantes. E agora, além disso, ele tinha a sensação crescente de que alguém estava tentando persuadi-lo constantemente a fazer algo terrível que ele não podia fazer. E o sonambulismo? Para onde teria ido naquelas noites? E o que era aquela ligeira impressão de som que às vezes parecia vibrar através da confusão de rumores identificáveis, mesmo em plena luz do dia e em plena vigília? Seu ritmo não lembrava nada deste planeta, a não ser, talvez, pela cadência de um ou dois cânticos inomináveis do Sabá, e às vezes ele temia que correspondessem a determinados atributos dos gritos vagos ou dos rugidos ouvidos naquelas profundezas inimagináveis e estranhas.

Enquanto isso, os sonhos se tornavam atrozes. Na fase preliminar mais leve, a velha tinha uma nitidez diabólica e Gilman percebera que era ela quem o deixara assustado nos bairros pobres. As costas encurvadas, o nariz adunco e o queixo cheio de rugas eram inconfundíveis, e as roupas marrons e disformes eram iguais às de que ele se lembrava. O rosto da velha tinha uma expressão de horrível malevolência e exultação, e quando Gilman acordava, podia se lembrar de uma voz em cascata que o persuadia e ameaçava. Gilman tinha que conhecer o Homem Negro e ir

com eles ao trono de Azathoth, no centro do Caos essencial. Era isso que a bruxa dizia. Ele teria que assinar o livro de Azathoth com seu próprio sangue e adotar um novo nome secreto, agora que suas investigações independentes haviam ido tão longe. O que o impedia de ir com ela, Brown Jenkin e o outro para o trono do Caos, onde as flautas tocavam de forma descuidada, era o fato de que ele tinha visto o nome "Azathoth" no *Necronomicon*, e sabia que isso correspondia a um mal primordial horrível demais para ser descrito.

A velha mulher sempre se materializava subitamente perto da quina onde a parede inclinada e o teto descendente se encontravam. Parecia se cristalizar em um ponto mais próximo do teto do que do chão, e a cada noite chegava um pouco mais perto e era mais visível antes de o sonho desaparecer. Brown Jenkin também se aproximava um pouco mais a cada dia, e suas presas amareladas brilhavam odiosamente na fosforescência violeta sobrenatural. Sua risada repulsiva e aguda ecoava mais e mais na cabeça de Gilman e, pela manhã, ele se lembrava de como a fera pronunciara as palavras "Azathoth" e "Nyarlathotep".

Em sonhos mais profundos, todas as outras coisas também eram mais distintas, e Gilman tinha a sensação de que os abismos crepusculares que o rodeavam eram aqueles da quarta dimensão. As entidades orgânicas, cujos movimentos pareciam irrelevantes e sem motivo, eram provavelmente projeções de formas de vida vindas de nosso próprio planeta, inclusive de seres humanos. O que os outros eram em sua – ou suas – própria esfera dimensional, era algo em que ele não se atrevia a pensar. Duas das coisas moventes menos irrelevantes – um enorme conjunto de bolhas iridescentes esferoidais, e um poliedro muito menor, de cores desconhecidas e ângulos da superfície que mudavam rapidamente – pareciam vê-lo e segui-lo de um lado para outro ou flutuar na frente dele enquanto ele mudava de posição entre os gigantescos prismas, labirintos, aglomerados de cubos, planos e formas semiconstruídas; e, o tempo todo, os gritos e rugidos se tornavam cada vez mais altos, como se estivessem se aproximando de algum clímax monstruoso de intensidade insuportável.

Na noite de 19 para 20 de abril, algo novo aconteceu. Gilman estava se movimentando quase que involuntariamente pelo abismo crepuscular com a bolha e o pequeno poliedro flutuando à sua frente quando notou os ângulos peculiarmente regulares formados pelas extremidades de um enorme aglomerado de prismas. No instante seguinte, ele estava fora do abismo, parado, trêmulo, em uma encosta rochosa banhada por uma luz verde intensa e difusa. Ele estava descalço e de pijama e, ao tentar andar,

descobriu que mal conseguia levantar os pés. Um redemoinho de vapor encobria tudo, menos o declive imediato, e ele estremeceu ao pensar nos sons que poderiam emanar daquele vapor.

E foi então que viu as duas formas, que vinham rastejando em direção a ele com grande dificuldade: a velha e a coisa peluda. A bruxa se ajoelhou e conseguiu cruzar os braços de um modo singular, enquanto Brown Jenkin apontou em certa direção com uma garra horrivelmente antropoide que levantou com clara dificuldade. Levado por um impulso involuntário, Gilman foi arrastado na direção indicada pelo ângulo formado pelos braços da bruxa e a pequena garra monstruosa. E, antes de dar três passos, já estava novamente nos abismos crepusculares. Ao redor dele, formas geométricas fervilhavam, e ele caiu de forma vertiginosa e interminável. Finalmente, acordou em sua cama, no sótão insanamente inclinado da velha casa assombrada.

Pela manhã, estava totalmente indisposto e não compareceu a nenhuma das aulas. Alguma atração desconhecida dirigia sua visão para uma direção aparentemente irrelevante, e ele não conseguia evitar de fixar o olhar em um ponto vago no chão. À medida que o dia progredia, o foco de seus olhos que nada viam mudou e, por volta do meio-dia, ele conseguiu controlar aquela vontade de contemplar o vazio. Por volta das duas horas da tarde saiu para almoçar e, enquanto percorria as ruas estreitas da cidade, percebeu que estava sempre virando para o sudeste. Com grande esforço, parou em uma lanchonete na Church Street e, depois do almoço, o misterioso impulso aumentou ainda mais.

Ele teria que consultar um psiquiatra de qualquer forma, pois talvez isso tivesse alguma relação com seu sonambulismo, mas, por enquanto, tentaria ao menos quebrar o mórbido encantamento sozinho. Sem dúvida, ele ainda seria capaz de resistir ao misterioso impulso, então seguiu decididamente para o sentido norte na Garrison Street. Ao chegar à ponte sobre o Miskatonic, sentiu um suor frio correr por seu corpo e se agarrou à grade de ferro enquanto contemplava a ilhota de má reputação, onde as pedras antigas dispostas em linhas regulares se aninhavam soturnas sob o sol da tarde.

E então algo o assustou. Notou que havia um ser vivo claramente visível na ilhota desolada e, ao olhar novamente, percebeu que se tratava da mesma velha estranha de aspecto sinistro que tanto o impressionara em seus sonhos. A grama alta também se movia perto dela, como se alguma outra coisa viva estivesse rastejando no chão. Quando a velha começou a se virar para ele, Gilman desceu correndo da ponte e disparou em direção

ao refúgio do labirinto de becos à beira-mar. Embora a ilhota estivesse a uma boa distância, ele sentia que um mal monstruoso e invencível jorrava do olhar sarcástico daquela figura velha e encurvada vestida de marrom.

Gilman continuava sendo puxado em direção ao sudeste, e só com muito esforço conseguiu se arrastar até a velha casa e subir as escadas frágeis. Ficou sentado durante várias horas, silencioso e alienado, enquanto seu olhar se voltava gradualmente para o Ocidente. Por volta das seis horas, seu ouvido aguçado escutou as orações lamuriosas de Joe Mazurewicz dois andares abaixo; desesperado, pegou seu chapéu e saiu para a rua iluminada pelos raios de sol dourados do pôr do sol, deixando o impulso levá-lo para onde quisesse. Uma hora depois, a escuridão o encontrou nos campos abertos que se estendiam para além do córrego do enforcado, enquanto as estrelas da primavera cintilavam sobre sua cabeça. O forte desejo de andar foi gradualmente se transformando em um desejo de se jogar misticamente no espaço e então, de repente, ele percebeu de onde vinha a forte atração.

Vinha do céu. Um ponto definido entre as estrelas exercia domínio sobre ele e o chamava. Aparentemente, era um ponto localizado em algum lugar entre a Hidra Fêmea e o Navio dos Argonautas, e ele percebeu que era isso que o vinha atraindo desde que acordara, pouco depois do amanhecer. De manhã, o ponto estivera sob ele, e agora estava quase ao sul, mas deslizando para o oeste. Qual era o significado dessa novidade? Estaria ele enlouquecendo? Quanto tempo aquilo duraria? Mais uma vez, reunindo toda sua energia, virou-se e se arrastou para a casa sinistra.

Mazurewicz estava esperando por ele na porta e parecia, ao mesmo tempo, ansioso e relutante em sussurrar alguma nova história supersticiosa. Era sobre a luz da bruxa. Joe participara das festividades da noite anterior – tinha sido o Dia do Patriota em Massachusetts – e voltara para casa depois da meia-noite. Ao olhar de fora da casa para o andar de cima, pareceu-lhe a princípio que a janela de Gilman estava escura, mas então ele percebeu o fraco brilho violeta que vinha do interior. Ele queria avisar ao cavalheiro sobre aquele brilho, já que em Arkham todos sabiam que se tratava da luz assombrada de Keziah que circundava Brown Jenkin e o fantasma da própria bruxa. Ele não havia mencionado isso antes, mas agora não tinha escolha, porque significava que Keziah e seu demônio familiar de presas longas estavam atrás do jovem. Por vezes, Paul Choynski, o senhorio Dombrowski e ele acreditaram ter visto aquela luz saindo pelas rachaduras do sótão fechado acima do quarto do rapaz, mas todos os três concordaram em não falar nada sobre o assunto. No entanto, seria melhor que Gilman encontrasse um quarto em outro lugar e

arranjasse um crucifixo de um bom sacerdote, como o padre Iwanicki.

Enquanto o homem falava, Gilman sentia um pânico estranho agarrando sua garganta. Ele sabia que Joe devia estar um pouco bêbado quando voltara para casa na noite anterior, mas aquela menção a uma luz violeta na janela do sótão tinha um significado terrível. Esse era exatamente o tipo de luz que sempre envolvia a velha e a pequena coisa peluda naqueles sonhos mais leves e lancinantes que precediam seu colapso em profundezas desconhecidas, e a ideia de que uma pessoa acordada também podia ver aquela luz parecia loucura. No entanto, como o homem teria tido uma ideia tão estranha? Será que ele teria falado alguma coisa enquanto andava pela casa dormindo? Não, Joe disse que não, mas ele teria que se certificar. Talvez Frank Elwood pudesse dizer alguma coisa, mas ele detestava a ideia de perguntar.

Febre. Sonhos tempestuosos. Sonambulismo. Ilusões de ouvir sons. Atração por um ponto no céu. E, agora, a suspeita de dizer coisas loucas enquanto dormia! Ele deveria parar de estudar, ver um psiquiatra e tentar se recompor. Ao subir para o segundo andar, parou na porta de Elwood, mas viu que o outro jovem não estava. Relutante, seguiu até o sótão e sentou-se no escuro. Seu olhar continuava a sentir-se atraído para o sul, mas ele também procurava ouvir atentamente se algum som vinha do sótão fechado acima, imaginando que havia uma luz violeta penetrando por uma pequena rachadura no telhado baixo e inclinado.

Naquela noite, enquanto Gilman dormia, a luz violeta caiu sobre ele com uma intensidade incomum e a bruxa e a pequena coisa peluda, aproximando-se mais do que nunca, zombavam dele com gritos desumanos estridentes e risos diabólicos. Gilman estava grato por afundar naqueles abismos crepusculares ribombantes, embora a perseguição daquele aglomerado de bolhas iridescentes e daquele pequeno poliedro caleidoscópico fosse ameaçadora e irritante. Depois veio a mudança, quando vastas superfícies convergentes de uma substância de aspecto escorregadio apareceram acima e abaixo dele – uma mudança que terminou em uma súbita sensação de delírio e de chamas de uma luz desconhecida e alienígena, na qual o amarelo, o carmim e o índigo se misturavam de uma maneira louca e inseparável.

Ele estava deitado em um terraço alto, com balaústres fantásticos, com vista para uma floresta interminável de picos exóticos e incríveis, superfícies planas equilibradas, cúpulas, minaretes, discos horizontais posicionados em pináculos e inúmeras formas ainda mais selváticas – algumas de pedras, outras de metal – que brilhavam magnificamente em

meio ao brilho complexo de um céu policromático. Olhando para cima, ele viu três prodigiosos discos de fogo, todos de cores distintas, cada um em uma altura diferente, acima de um horizonte curvo e infinitamente distante de montanhas baixas. Atrás dele havia fileiras de terraços mais altos que se alongavam infinitamente. A cidade lá embaixo se estendia até o limite de onde os olhos podiam alcançar, e Gilman desejou que nenhum som surgisse dela.

O piso do qual ele se ergueu com facilidade era de uma pedra polida e jaspeada que não conseguiu identificar, e as telhas haviam sido cortadas em formatos bizarros, que lhe pareciam menos assimétricas do que baseadas em alguma simetria sobrenatural cujas leis ele não compreendia. As grades da sacada ficavam na altura do peito, delicadas e forjadas fantasticamente, enquanto ao longo do trilho haviam sido postas, em intervalos curtos, pequenas figuras de desenho grotesco e acabamento requintado. As figuras, assim como a própria balaustrada, pareciam ter sido feitas de algum tipo de metal brilhante cuja cor não podia ser identificada no caos de brilhos variados, e sua natureza desafiava profundamente qualquer conjectura. Elas representavam objetos com nervuras em forma de barril, com finos braços horizontais que saíam como raios de um anel central e saliências ou bulbos verticais que vinham da cabeça e da base do barril. Cada uma dessas saliências era o centro de um sistema de cinco braços finos, longos e pontiagudos, dispostos em triângulos em torno do eixo como os braços de uma estrela-do-mar, quase horizontais, mas ligeiramente curvados para fora do barril central. A base do bulbo inferior fundia-se ao corrimão por um ponto de contato tão delicado que várias figuras haviam se quebrado e se soltado. As figuras mediam cerca de dez centímetros de altura e os braços pontiagudos tinham um diâmetro de, no máximo, cinco centímetros e meio.

Quando Gilman se levantou, os ladrilhos queimaram seus pés descalços. Ele estava completamente sozinho, e a primeira coisa que fez foi aproximar-se da balaustrada e contemplar, meio tonto, a cidade infinita e ciclópica que se estendia a mais de seiscentos metros abaixo do terraço. Enquanto ouvia, pareceu-lhe que uma confusão rítmica de sons musicais fracos que cobriam uma ampla escala diatônica subia das estreitas ruas abaixo, e ele desejou poder reconhecer os habitantes do lugar. Depois de algum tempo, sua visão ficou turva e ele teria caído de lá de cima se não tivesse se agarrado instintivamente à balaustrada reluzente. Sua mão direita tocou em uma das figuras salientes e o toque pareceu tê-lo paralisado ligeiramente. No entanto, a pressão fora demasiada para a delicadeza exótica daquele objeto de metal, e a figura pontiaguda se

soltou em sua mão. Ainda meio tonto, continuou a apertá-la enquanto a outra mão se agarrava a um espaço vazio no corrimão liso.

Mas agora seus ouvidos hipersensíveis identificavam alguma coisa às suas costas, e Gilman olhou para trás no terraço horizontal. Viu cinco figuras se aproximando silenciosamente, embora seus movimentos não fossem furtivos; duas delas eram a velha e o animal peludo de presas afiadas. As outras três foram as que o deixaram inconsciente: eram entidades vivas de cerca de dois metros e meio de altura, do mesmo formato das figuras da balaustrada, que se arrastavam como aranhas sobre seus braços inferiores em forma de estrela-do-mar.

Gilman acordou em sua cama, encharcado de suor frio e com uma sensação de ardor no rosto, mãos e pés. Saltando para o chão, lavou-se e vestiu-se com uma velocidade frenética, como se fosse necessário sair de casa o mais rápido possível. Não sabia para onde queria ir, mas sabia que teria que faltar às aulas mais uma vez. A estranha atração àquele ponto no céu entre a Hidra Fêmea e o Navio dos Argonautas havia diminuído, mas uma força ainda mais poderosa a substituíra. Agora ele sentia que precisava seguir para o norte, infinitamente para o norte. Ele tinha medo de cruzar a ponte de onde se avistava a ilhota no meio do rio Miskatonic, então foi para a ponte da Avenida Peabody. Tropeçava com muita frequência, pois os olhos e ouvidos estavam acorrentados a um ponto muito alto no céu azul e vazio.

Depois de mais ou menos uma hora, Gilman ganhou mais controle sobre si mesmo e percebeu que estava longe da cidade. Tudo ao redor dele carregava o vazio sombrio das salinas, enquanto a estrada estreita à sua frente levava a Innsmouth – aquela cidade antiga e semideserta que os habitantes de Arkham curiosamente não tinham nenhum desejo de visitar. Embora a atração para o norte não tivesse diminuído, ele resistia a ela assim como resistira à outra atração, e por fim descobriu que poderia praticamente equilibrar uma contra a outra. Voltou para a cidade e, depois de tomar uma xícara de café em um bar, arrastou-se para a biblioteca pública. Lá, folheou distraidamente uma série de revistas de entretenimento. Alguns amigos observaram que ele estava queimado de sol, mas Gilman não contou nada sobre seu passeio. Às três da tarde, almoçou em um restaurante e notou que a atração diminuíra ou havia se dividido. Resolveu, então, entrar em um cinema barato para matar o tempo e assistiu ao mesmo filme várias vezes, sem prestar atenção.

Por volta das nove da noite, voltou para casa e entrou devagar. Joe Mazurewicz estava lá resmungando preces ininteligíveis e Gilman correu

até o sótão sem parar para ver se Elwood estava em casa. Foi quando ele acendeu a luz fraca que a surpresa aconteceu. De imediato viu que havia algo na mesa que não deveria estar ali, e uma segunda olhada não deixou dúvidas. Deitada de um lado, já que não podia ficar em pé sozinha, estava a figura exótica e pontiaguda que no sonho monstruoso ele arrancara da fantástica balaustrada. Não faltava nenhum detalhe. O centro em forma de barril saliente, os finos braços em disposição de raio, as protuberâncias nas duas extremidades e os braços finos de estrela-do-mar ligeiramente curvados para fora que saíam das protuberâncias; tudo estava lá. À luz da lâmpada, a cor parecia ser uma espécie de cinza iridescente com veios verdes; e Gilman pôde ver, em meio ao seu horror e assombro, que uma das protuberâncias terminava em uma borda irregular e quebrada que correspondia ao ponto que anteriormente o unira à balaustrada.

Ele só não gritou porque estava quase em estado de estupor. Aquela fusão de sonho e realidade era algo impossível de conceber. Atordoado, pegou o objeto e cambaleou até o quarto de Dombrowski, o senhorio. As orações pesarosas do reparador de teares supersticioso ainda podiam ser ouvidas nos corredores úmidos, mas Gilman não se importava mais. Dombrowski estava lá e deu boas-vindas a ele gentilmente. Não, ele nunca tinha visto esse objeto antes e não sabia nada sobre ele. Mas a esposa lhe dissera que havia encontrado uma coisa estranha de latão em uma das camas, enquanto limpava os quartos ao meio-dia, e talvez fosse isso. Dombrowski chamou a esposa e ela adentrou o cômodo em um gingado. Sim, tratava-se desse mesmo objeto. Ela o havia encontrado na cama do rapaz, na parte mais próxima da parede. Parecia estranho, mas o rapaz tinha tantas coisas estranhas no quarto – livros, objetos antigos, pinturas. Ela claramente não sabia nada sobre aquele objeto.

Gilman subiu as escadas mais perplexo do que nunca, convencido de que ainda estava sonhando ou de que seu sonambulismo o levara a extremos inconcebíveis e a depredar lugares desconhecidos. Onde teria conseguido aquele estranho objeto? Ele não se lembrava de ter visto nada assim em nenhum museu de Arkham. No entanto, deve tê-lo visto em algum lugar; e a visão de que o agarrava, enquanto dormia, devia ter causado aquele cenário estranho e onírico do terraço com balaústre. No dia seguinte, ele iria fazer algumas investigações cautelosas – e talvez consultar o especialista em doenças que acometem os nervos.

Enquanto isso, tentaria monitorar seu sonambulismo. Enquanto subia as escadas e atravessava o saguão até o sótão, espalhou no chão um pouco de farinha que pegou emprestada do senhorio depois de explicar francamente o motivo daquilo. No caminho, parou no quarto de Elwood,

mas viu que ele estava todo escuro. Entrou em seu quarto, colocou o objeto pontiagudo sobre a mesa e deitou-se na cama, mental e fisicamente exausto, sem parar para se despir. Pensou ter ouvido um ruído abafado de unhas e pequenos passos vindo do sótão fechado acima dele, mas estava cansado demais para dar atenção a isso. A misteriosa atração para o norte estava começando a se intensificar novamente, embora agora parecesse vir de um lugar muito mais baixo no céu.

Envoltos na luz violeta ofuscante de seus sonhos, a velha e a pequena coisa peluda com presas apareceram de novo, mais distintas do que em qualquer outra ocasião. Dessa vez o alcançaram de fato, e Gilman sentiu as garras secas da bruxa agarrá-lo. Sentiu que estava sendo puxado violentamente para fora da cama e jogado no vazio, e por um momento pôde ouvir os rugidos rítmicos e ver o crepúsculo amórfico dos abismos difusos que ferviam ao seu redor. Mas aquilo não durou muito: imediatamente depois, ele se viu em um espaço pequeno e sem janelas, com vigas rústicas e tábuas que se erguiam para se encontrar em um ângulo bem em cima de sua cabeça e com um curioso piso em declive sob seus pés. No piso havia caixas baixas cheias de livros, em vários estados de antiguidade e conservação, e no centro havia uma mesa e um banco, aparentemente fixos no lugar. Em cima das caixas, havia uma série de pequenos objetos de formatos e uso desconhecidos, e Gilman pensou ter visto uma cópia da figura pontiaguda que tanto o intrigara sob a luz violeta brilhante. À esquerda, o piso ruiu abruptamente, deixando uma lacuna triangular negra de onde, após alguns segundos de ruídos secos, surgiu o odioso serzinho peludo de presas amarelas e rosto humano barbado.

A velha bruxa de sorriso macabro ainda o agarrava, e, do outro lado da mesa, havia uma figura que ele nunca tinha visto – um homem alto e magro, de cor negra, mas sem nenhum traço de negritude: não tinha cabelo nem barba, e sua única vestimenta era uma túnica sem muito formato, feita um algum tecido preto pesado. Não era possível ver seus pés por causa da mesa e do banco, mas ele devia estar calçado, pois, quando se movia, era possível ouvir o som de sapatos. Ele não disse nada, nem havia nenhuma expressão em seu rosto. Apenas apontou para um livro grande que estava aberto na mesa enquanto a bruxa colocava na mão direita de Gilman uma enorme pena cinza. Um clima de medo aterrorizante dominava o ambiente e atingiu o clímax quando o ser peludo escalou pelas roupas de Gilman até seu ombro e desceu por seu braço esquerdo, afundando, por fim, as presas no pulso do homem, logo abaixo do punho de sua camisa. Quando o sangue começou a verter da

ferida, Gilman desmaiou.

Acordou no dia 22 com o pulso esquerdo dolorido e viu que o punho de sua camisa estava manchado de sangue seco. Suas memórias eram muito confusas, mas a cena do homem negro no espaço desconhecido permanecia muito clara em sua memória. Ele supôs que os ratos o haviam mordido enquanto dormia, causando o resultado do terrível sonho. Gilman abriu a porta e viu que a farinha que ele havia espalhado no chão do corredor estava intacta, exceto pelos enormes passos do homem rústico que morava do outro lado do sótão. Então dessa vez ele não tinha andado em seus sonhos. Mas algo precisava ser feito em relação àqueles ratos. Falaria com o dono. Mais uma vez ele tentou cobrir o buraco na parte inferior da parede inclinada, pressionando uma vela que parecia ter o tamanho certo. Seus ouvidos zumbiam terrivelmente, como se houvesse um eco de algum ruído terrível percebido em sonhos.

Enquanto ele tomava banho e trocava de roupa, tentou se lembrar do que sonhara depois da parte em que vira o espaço iluminado por luz violeta, mas nada de concreto cristalizou-se em sua mente. A cena deve ter correspondido ao sótão fechado pelo qual começara a ficar tão violentamente obcecado, mas as últimas impressões eram fracas e confusas. Havia indícios dos vagos abismos envoltos em uma luz crepuscular e de outros ainda mais vastos e escuros que estavam além, sem qualquer ponto fixo. Ele fora levado pelo aglomerado de bolhas e pelo pequeno poliedro que sempre o perseguia; mas eles, como o próprio Gilman, haviam se tornado nuvens leitosas de névoa naquele vácuo final da escuridão total. Havia algo mais à frente deles, uma nuvem maior que de vez em quando se condensava em formas vagas, e Gilman pensou que não se movimentavam em linha reta, mas ao longo de curvas e espirais sobrenaturais de algum vórtice etéreo que obedecia a regras desconhecidas à física e à matemática de qualquer cosmo concebível. Casualmente, havia traços de imensas sombras saltitantes, de uma monstruosa pulsação semiacústica e do som monótono e agudo de flautas invisíveis; mas nada mais. Gilman chegou à conclusão de que aquilo era reflexo do que ele havia lido no *Necronomicon* sobre a entidade negligente, Azathoth, que reinava sobre todo o tempo e o espaço de um trono negro no centro do Caos.

Ao lavar o sangue de seu pulso, descobriu que a ferida era muito leve e a posição dos dois pequenos furos era curiosa. Percebeu que não havia sangue no lençol onde estivera deitado, um fato estranho, considerando a grande quantidade que manchava sua pele e o punho de sua camisa. Será que ele tinha andado pelo quarto adormecido e o rato o tinha mordido

enquanto estava sentado em uma cadeira, ou parado em alguma posição menos lógica? Examinou todos os cantos em busca de manchas de sangue, mas não encontrou nenhuma. Decidiu então que era melhor espalhar farinha pelo quarto e pelo corredor, embora não precisasse de mais provas de seu sonambulismo. Ele sabia que era sonâmbulo e o que precisava agora era se curar. Pediria ajuda a Frank Elwood. Naquela manhã, os estranhos impulsos vindos do espaço pareciam menos fortes, mas tinham sido substituídos por uma sensação ainda mais inexplicável. Era um vago e insistente impulso de escapar de sua situação presente, mas ele não fazia ideia de qual direção queria tomar. Ao pegar a estranha figura pontiaguda na mesa, pensou sentir o impulso em direção ao norte aumentar, mas, mesmo assim, a sensação era disfarçada pelo seu mais novo e desorientador impulso.

Gilman levou a imagem pontiaguda ao quarto de Elwood, preparando-se mentalmente para as lamúrias do reparador de teares que vinham do térreo. Por sorte, Elwood estava lá e parecia não estar ocupado. Havia tempo para conversar um pouco antes de tomar café e ir para a faculdade, então Gilman começou a contar seus sonhos recentes e seus medos. Seu anfitrião foi muito compreensivo e concordou que algo deveria ser feito. Ficou em choque com o aspecto abatido de seu convidado e notou a queimadura de sol estranha e anormal que os outros haviam observado na semana anterior.

Não havia muito a ser dito. Ele não havia visto Gilman perambular adormecido e não fazia ideia do que aquela imagem curiosa poderia ser. Contudo, ouvira a conversa do franco-canadense que estava morando logo abaixo de Gilman com Mazurewicz uma noite. Eles conversavam sobre como temiam a Noite de Santa Valburga, que aconteceria em poucos dias, e trocavam comentários cheios de pena sobre o pobre jovem. Desrochers, o rapaz que morava embaixo do quarto de Gilman, falara sobre sons de passos com e sem sapatos durante a noite e da luz violeta que tinha visto na outra noite, quando, com medo, subiu para espiar pelo buraco da fechadura de Gilman. Contou a Mazurewicz que não se atreveu a olhar quando percebeu aquela luz saindo pelas rachaduras da porta. Também ouvira vozes baixas e, enquanto explicava, sua voz foi diminuindo até se tornar um sussurro inaudível.

Elwood não fazia ideia do que motivava aquelas criaturas supersticiosas a fofocarem, mas pensou que suas imaginações tivessem sido estimuladas, de um lado pelo sonambulismo de Gilman, e, por outro, porque o temido Dia de Maio se aproximava. Estava evidente que Gilman falava enquanto dormia e, ouvindo pelo buraco da fechadura, Desrochers imaginara a luz

violeta. Essas pessoas simplórias estavam sempre dispostas a supor que tinham, de fato, visto algo estranho sobre o que ouviram falar em algum momento. Quanto a um plano de ação, seria melhor se Gilman se mudasse para o quarto de Elwood e evitasse dormir sozinho. Se ele começasse a falar ou se levantasse e Elwood estivesse acordado, o acordaria. Além disso, deveria procurar um psiquiatra com urgência. Enquanto isso, eles levariam a imagem pontiaguda a vários museus e a certos professores para tentar identificá-la, dizendo que a tinham encontrado em uma lata de lixo. Além disso, Dombrowski teria que colocar veneno para matar aqueles ratos.

Confortado pela companhia de Elwood, Gilman assistiu às aulas daquele dia. Os impulsos estranhos continuavam a assombrá-lo, mas conseguiu reprimi-los com considerável eficácia. Durante um intervalo, mostrou a figura estranha a vários professores, que pareceram profundamente interessados, embora nenhum deles pudesse lançar alguma luz sobre sua natureza ou origem. Naquela noite, dormiu em um divã que Elwood pediu que levassem ao segundo andar e, pela primeira vez em várias semanas, não teve pesadelos. Mas ele ainda tinha febre e as lamúrias do reparador de teares ainda o incomodavam.

Nos dias que se seguiram, Gilman quase não teve sintomas mórbidos. Elwood disse-lhe que não havia demonstrado nenhuma tendência a se levantar ou falar enquanto dormia. Enquanto isso, o senhorio estava colocando veneno contra ratos em todos os lugares. O único elemento perturbador era a conversa dos forasteiros supersticiosos, cuja imaginação tinha aflorado. Mazurewicz insistia sempre que ele deveria arranjar um crucifixo e, finalmente, forçou-o a aceitar um que fora abençoado pelo bom padre Iwanicki. Desrochers também tinha algo a dizer; insistiu que ouvira passos cautelosos no cômodo que agora estava vazio nas duas primeiras noites em que Gilman não esteve lá. Paul Choynski acreditava ter ouvido ruídos nos corredores e nas escadas durante a noite, e disse que alguém tinha tentado abrir a porta de seu quarto, enquanto a senhora Dombrowski jurava que tinha visto Brown Jenkin pela primeira vez desde a noite de Todos os Santos. Mas essas histórias ingênuas pouco significavam, e Gilman deixou o crucifixo de metal barato pendurado no puxador de uma gaveta da cômoda de seu amigo.

Durante três dias, Gilman e Elwood percorreram os museus locais tentando identificar a estranha imagem, mas sempre sem sucesso. No entanto, o interesse que ela causou foi enorme, já que a completa estranheza do objeto constituía um tremendo desafio para a curiosidade científica. Um dos pequenos braços radiantes foi quebrado e submetido a

análise química. O professor Ellery encontrou platina, ferro e telúrio na liga, mas, misturados a eles, havia pelo menos três outros elementos de alto peso atômico que a química não conseguia classificar. Eles não apenas não correspondiam a nenhum elemento conhecido, mas nem sequer se encaixavam nos lugares reservados para elementos prováveis da tabela periódica. O mistério permanece hoje sem solução, embora a figura encontre-se exposta no museu da Universidade de Miskatonic.

Na manhã de 27 de abril, um novo buraco feito pelos ratos apareceu no quarto em que Gilman estava hospedado, mas Dombrowski logo o fechou. O veneno aparentemente não estava fazendo muito efeito, porque os arranhões e barulhos de algo correndo por trás das paredes não haviam diminuído em nada.

Elwood voltou tarde naquela noite e Gilman ficou acordado esperando por ele. Não queria dormir sozinho em um quarto, especialmente depois que imaginou ter visto ao pôr do sol a velha repulsiva cuja imagem começara a aparecer tão horrivelmente em seus sonhos. Ele se perguntava quem era ela e o que estaria perto dela, fazendo barulho em uma pilha de lixo na entrada de um terreno baldio. A bruxa pareceu notá-lo e lançar a ele um olhar perverso, embora isso possa ter sido apenas imaginação.

No dia seguinte, os dois jovens estavam muito cansados e sabiam que dormiriam profundamente quando a noite chegasse. À tarde, conversaram sobre os estudos matemáticos que absorviam Gilman de forma tão absoluta e talvez prejudicial e especularam sobre sua conexão com a magia antiga e o folclore, o que parecia obscuramente provável. Conversaram sobre a bruxa Keziah Mason, e Elwood concordou que Gilman tinha boas razões científicas para pensar que a velha poderia ter descoberto algum conhecimento estranho e importante. Os cultos secretos a que essas bruxas pertenciam frequentemente guardavam e transmitiam segredos surpreendentes de eras antigas e esquecidas; e não era de modo algum impossível que Keziah tivesse dominado a arte de atravessar as paredes das diferentes dimensões. A tradição enfatiza a inutilidade de barreiras materiais para impedir os movimentos de uma bruxa, e quem sabe o que está por trás das antigas lendas que falam sobre bruxas viajando em vassouras durante a noite?

Restava saber se um estudante moderno poderia adquirir poderes semelhantes apenas por meio de investigações matemáticas. Conseguir isso, de acordo com Gilman, poderia levar a situações perigosas e inconcebíveis, pois quem poderia prever as condições prevalecentes em uma dimensão adjacente, mas normalmente inacessível? Por outro lado,

as possibilidades pitorescas eram enormes. O tempo poderia não existir em certas áreas do espaço, e entrar e permanecer nelas poderia preservar a vida e a idade indefinidamente, sem que a pessoa nunca sofresse com o metabolismo ou deterioração orgânica, exceto em quantidades insignificantes e como resultado de visitas ao próprio planeta ou outros semelhantes. Por exemplo, seria possível ir para uma dimensão atemporal e retornar dela em um período remoto da história da Terra tão jovem quanto antes.

Era impossível saber se alguém já tinha conseguido fazer isso. As lendas antigas eram vagas e ambíguas, e todas as tentativas descritas na história de atravessar espaços proibidos parecem ser complicadas por alianças estranhas e terríveis com seres e mensageiros extraterrestes. Havia a figura imemorial do delegado ou mensageiro de poderes ocultos e terríveis, o "Homem Negro" do culto das bruxas e o "Niarlathotep" do *Necronomicon*. Havia também o problema desconcertante dos mensageiros mais baixos ou intermediários, aqueles seres híbridos, quase animais, que as lendas apresentam como os demônios familiares das bruxas. Quando por fim se deitaram, cansados demais para continuar falando, Gilman e Elwood ouviram Joe Mazurewicz entrar em casa cambaleando, meio bêbado, e estremeceram ao ouvir o tom angustiado de suas orações.

Naquela noite, Gilman viu a luz violeta novamente. Sonhou ter escutado barulho de arranhões do outro lado da parede, e achou que alguém estava tentando abrir o trinco da porta desajeitadamente. E então ele viu a bruxa e a pequena criatura peluda atravessando o tapete em direção a ele. O rosto da feiticeira estava iluminado por uma exultação desumana e o pequeno monstro mórbido de presas amarelas dava risadinhas debochadas enquanto apontava para o corpo adormecido de Elwood, que dormia no sofá no outro extremo da sala. O medo o paralisou e impediu que ele gritasse. Como da outra vez, a bruxa horrível agarrou Gilman pelos ombros, puxou-o para fora da cama e o arrastou para o vazio. Mais uma vez, uma infinidade de abismos que rugiam passou por seus olhos como um raio, mas, um segundo depois, ele se viu em um beco escuro, enlameado e desconhecido, onde os odores fétidos das paredes em ruínas das casas antigas o cercavam por todos os lados.

Na frente dele estava o homem negro em túnicas que ele tinha visto no espaço pontiagudo de seu outro sonho, enquanto a bruxa, mais perto dele, gesticulava e fazia caretas. Brown Jenkin se esfregava com uma espécie de afeição brincalhona nos tornozelos do homem negro, em grande parte escondidos pela lama. À direita, havia uma porta escura aberta, para qual o homem negro apontava em silêncio. A bruxa começou, então, a arrastar

Gilman pelas mangas do pijama para dentro daquela porta. Subiram por uma escada fedorenta que rangia com mau agouro e sobre a qual a bruxa parecia lançar uma luz violeta fraca. Finalmente, ela parou diante de uma porta em um patamar. A bruxa mexeu desajeitadamente no trinco e abriu a porta, fazendo um sinal para que Gilman esperasse, e desapareceu na escuridão.

Os ouvidos ultrassensíveis do jovem escutaram um grito estrangulado, e, depois de alguns momentos, a bruxa saiu do quarto carregando uma pequena figura inanimada que empurrou para Gilman, como que ordenando que ele a carregasse. A visão daquela figura e a expressão em seu rosto quebraram o feitiço. Ainda atordoado demais para gritar, Gilman correu para a rua com afobação através das escadas ruidosas até chegar ao chão enlameado, parando apenas ao encontrar e ser estrangulado pelo homem negro, que o esperava ali. Já quase perdendo a consciência, ele ouviu a risada aguda da aberração que parecia um rato com presas afiadas.

Na manhã do dia 29, Gilman acordou em um turbilhão de horror. Assim que abriu os olhos, percebeu que algo assombroso tinha acontecido, porque estava em seu antigo quarto de paredes e tetos inclinados, estirado na cama agora desfeita. Sua garganta doía inexplicavelmente e, ao sentar-se na cama, viu horrorizado que seus pés e pijamas estavam marrons e sujos de lama seca. Apesar da nebulosidade de suas memórias, ele sabia que o sonambulismo havia atacado novamente. Elwood devia estar em um sono profundo demais para ouvi-lo e detê-lo. Ele notou pegadas confusas e manchas de lama no chão que, curiosamente, não iam até a porta. Quanto mais Gilman as olhava, mais estranhas pareciam; porque, além das marcas de seus próprios pés, havia também outras, menores e quase redondas, como os pés de uma cadeira grande ou de uma mesa, mas todas pareciam estar divididas ao meio. Também havia pegadas de ratos saindo do buraco na parede e voltando para ele. O espanto total e o medo da insanidade atormentavam Gilman quando ele cambaleou até a porta e viu que não havia pegadas do lado de fora. Quanto mais se lembrava de seu sonho horrível, mais apavorado ficava; e ouvir as orações fúnebres de Mazurewicz dois andares abaixo o deixava ainda mais desesperado.

Foi até o quarto de Elwood, acordou-o e começou a contar o que havia acontecido, mas Elwood não conseguia imaginar o que de fato sucedera. Aonde Gilman poderia ter ido? Como havia retornado ao seu quarto sem deixar pegadas no corredor? Como as manchas de lama que pareciam pegadas de móveis misturaram-se às dele no sótão? Eram perguntas que não tinham resposta. Havia ainda aquelas marcas escuras e arroxeadas no

pescoço dele, como se tivesse tentado se estrangular. Ele tocou-as com as mãos, mas viu que o tamanho delas nem se aproximava do das marcas. Enquanto conversavam, Desrochers apareceu para lhes dizer que ouvira uma terrível balbúrdia no andar de cima durante a madrugada. Não, ninguém subira as escadas depois da meia-noite, embora pouco antes da meia-noite ele tenha ouvido passos no sótão e depois descendo as escadas com cautela, e ele não gostava daquilo. Acrescentou que era uma época muito ruim do ano em Arkham e seria melhor se Gilman sempre carregasse o crucifixo que Joe Mazurewicz lhe dera. Nem mesmo durante o dia estaria seguro, porque, mesmo depois do amanhecer, ouvira ruídos estranhos na casa, especialmente o grito estridente de uma criança, como se estivesse sendo sufocada.

Gilman assistiu à aula de forma mecânica naquela manhã, mas não conseguiu se concentrar nos estudos. Sentia-se possuído por um medo indescritível e uma espécie de expectativa; parecia estar esperando que algo terrível acontecesse. Ao meio-dia, almoçou na universidade e pegou um jornal no assento ao lado enquanto esperava a sobremesa. Mas ele nunca chegou a comê-la, porque uma notícia na primeira página do jornal tirou suas forças e tudo que conseguiu fazer foi pagar a conta e voltar cambaleando para o quarto de Elwood.

Na noite anterior, havia acontecido um estranho sequestro na passagem de Ornes. Um menino de dois anos, filho de uma lavadeira chamada Anastasia Wolejko, desaparecera sem deixar vestígios. Ao que tudo indicava, a mãe temia tal acontecimento havia algum tempo, mas as razões que forneceu para explicar seus medos eram tão grotescas que ninguém a havia levado a sério. Dissera que via Brown Jenkin ocasionalmente nos arredores de sua casa desde o início de março, e que sentira, pelas expressões faciais dele, que o pequeno Ladislas tinha sido escolhido para o sacrifício no terrível Sabá da Noite de Santa Valburga. Ela pedira à vizinha, Mary Czanek, que dormisse em seu quarto e tentasse proteger a criança, mas Mary não tivera coragem. Ela não podia procurar a polícia, porque eles não acreditavam nessas coisas. Desde que ela se lembrava por gente, sabia que todos os anos eles pegavam uma criança dessa maneira. E seu amigo Pete Stowacki não queria ajudá-la porque queria se livrar da criança.

Mas o que mais impressionou Gilman foram as declarações de uma dupla de foliões que haviam passado pela entrada do beco pouco depois da meia-noite. Eles reconheceram que estavam bêbados, mas ambos alegaram ter visto três pessoas vestidas de uma maneira muito peculiar entrando furtivamente no beco. Uma delas, diziam, era um negro

gigantesco envolto em uma túnica; a outra, uma mulher velha e maltrapilha e a terceira, um rapaz branco em suas roupas de dormir. A velha arrastava o jovem e um rato domesticado esfregava-se nos tornozelos do negro e chafurdava na lama escura.

Gilman permaneceu sentado a tarde toda em um estado de estupor, e Elwood, que já tinha lido os jornais e conjecturado ideias terríveis com o que viu, encontrou-o nesse estado quando chegou em casa. Dessa vez, não podiam duvidar de que algo terrivelmente sério havia acontecido e que eles corriam perigo. Entre os fantasmas dos pesadelos e as realidades do mundo objetivo estava se cristalizando uma relação monstruosa e inimaginável, e somente muita vigilância poderia evitar que coisas ainda mais horríveis acontecessem. Gilman teria que consultar um psiquiatra mais cedo ou mais tarde, mas não agora, que todos os jornais estavam falando sobre o sequestro.

O que realmente tinha acontecido era muito obscuro e, por alguns momentos, Gilman e Elwood criaram as teorias mais extravagantes. Será que Gilman teria tido mais sucesso do que imaginava em seus estudos sobre o espaço e suas dimensões enquanto estava inconsciente? Teria ele realmente deixado nosso ambiente terrestre para alcançar lugares nunca imaginados? Onde estivera, se é que esteve em algum lugar, naquelas noites de demoníaca alienação? Os abismos cheios de ruídos, a colina verde, o terraço em chamas... a atração exercida pelas estrelas, o grande vórtice negro, o homem negro, o beco lamacento e a escadaria... a velha bruxa e o horrível bicho peludo com presas... os conglomerados de bolhas e o pequeno poliedro... o estranho bronzeado em sua pele, a ferida no pulso, a figura inexplicável... os pés enlameados, as marcas no pescoço... as histórias contadas pelos forasteiros supersticiosos. O que significava tudo aquilo? Até que ponto as leis da sanidade poderiam ser aplicadas a um caso assim?

Nenhum deles conseguiu dormir naquela noite, mas no dia seguinte não foram à aula e dormiram por horas. Era 30 de abril, e com o crepúsculo viria a hora diabólica do Sabá que todos os forasteiros e velhos supersticiosos temiam. Mazurewicz voltou para casa às seis da tarde com a notícia de que as pessoas no moinho diziam que as festividades de Santa Valburga aconteceriam na ravina escura além de Meadow Hill, onde se encontrava a antiga pedra branca em um lugar estranhamente desprovido de qualquer vegetação. Alguns tinham até procurado a polícia, aconselhando-os a procurar a criança desaparecida de Wolejko, embora acreditassem que a polícia não tomaria nenhuma medida. Joe insistiu para que o jovem estudante continuasse carregando o crucifixo pendurado

na corrente de níquel, e Gilman obedeceu para agradá-lo, deixando-o pendurado sob a camisa.

Mais tarde, à noite, os dois jovens sentaram-se meio adormecidos em suas cadeiras, embalados pelas preces do reparador de teares no andar de baixo. Gilman ouvia e balançava a cabeça, e seus ouvidos, sobrenaturalmente afiados, pareciam se esforçar para captar algum murmúrio sutil e aterrorizante abafado pelos sons da velha casa. Memórias perniciosas de coisas lidas no *Necronomicon* e no *Livro Negro* brotavam em sua mente, e ele começou a se balançar em ritmos execráveis, supostamente pertencentes às cerimônias mais sombrias do Sabá, cuja origem remontava a um tempo e um espaço alheios aos nossos.

Por fim, percebeu que estava tentando ouvir os cantos infernais dos celebrantes no vale distante e sombrio. Como ele sabia tanto sobre o assunto? Como sabia a hora em que Nahab e seu acólito apareceriam com o vaso transbordante que precederia o galo preto e o bode? Ele percebeu que Elwood havia adormecido e tentou gritar para que ele acordasse, mas algo fechava sua garganta. Ele não era dono de si mesmo. Teria ele assinado o livro do homem negro, afinal?

E, então, sua anormal audição captou as notas distantes nas asas do vento. Chegavam até ele através de quilômetros de colinas, prados e becos, mas ele as reconhecia apesar de tudo. As fogueiras já deviam estar acesas e, os dançarinos, prontos para começar a dança. Como evitar ir para lá? Em que rede havia caído? Matemática, lendas, a casa, a velha Keziah, Brown Jenkin... E agora ele notava que havia um novo buraco aberto pelos ratos na parede perto do sofá. Acima dos cantos distantes e das orações mais próximas de Mazurewicz, ele ouviu outro ruído: o som de arranhões contínuos e determinados nas paredes. Temia que a luz elétrica acabasse. E então viu a criatura com presas e rosto barbudo olhando pelo buraco de rato – um rosto que ele finalmente percebeu se parecer de forma chocante e debochada ao da velha Keziah, e então ouviu alguém tateando a porta.

Os abismos escuros e barulhentos explodiram diante dele, e Gilman se sentiu desamparado no conglomerado amorfo de bolhas iridescentes. Na sua frente, movia-se com agilidade o pequeno poliedro caleidoscópico, e ao redor do vazio turbulento, o vago padrão tonal que parecia pressagiar um clímax indescritível e insuportável crescia e se acelerava. Ele parecia saber o que ia acontecer: a explosão monstruosa do ritmo de Valburga, em cujo timbre cósmico estariam concentradas todas as efervescências do espaço-tempo primordial, que estão por trás das esferas concentradas de matéria e as às vezes irrompem em reverberações uniformes que

penetram levemente em cada camada da entidade e dão um significado terrível, através dos mundos, a certos períodos terríveis.

Mas tudo isso desapareceu em segundos. Ele estava novamente naquele espaço apertado e pontiagudo iluminado por uma luz violeta e com o piso inclinado, as caixas de livros antigos, o banco e a mesa, os objetos estranhos, o vórtice triangular em um dos lados. Na mesa, encontrava-se uma pequena figura branca – um menino, sem roupas e desacordado – enquanto, do outro lado, a velha monstruosa o encarava com uma faca grotesca e afiada que chegava a brilhar em sua mão direita e uma bacia de metal de proporções estranhas coberta com sinais curiosos e alças delicadas na mão esquerda. Ela entoava algum tipo de canto ritual em alguma língua que Gilman não conseguia reconhecer, mas que parecia algo discretamente mencionado no *Necronomicon*.

Quando a cena se tornou mais clara diante seus olhos, Gilman viu a bruxa se inclinar para a frente e empurrar a bacia vazia por sobre a mesa. Incapaz de controlar suas emoções, Gilman se curvou para a frente e pegou a bacia com as duas mãos, e percebeu, ao fazê-lo, a relativa leveza do objeto. No mesmo momento, a figura repulsiva de Brown Jenkin escalou até a borda do buraco negro triangular à esquerda. A bruxa então acenou para que mantivesse a bacia em uma determinada posição, e levantou a enorme faca sobre a pequena vítima, erguendo sua mão o mais alto que conseguiu. Rindo, a criatura peluda de presas afiadas dava continuidade ao ritual desconhecido, enquanto a bruxa murmurava palavras repugnantes. Gilman sentiu uma profunda repulsa atravessar sua paralisia mental e corporal, o que fez a bacia de metal tremer em suas mãos. Um segundo depois, o movimento rápido e descendente da faca quebrou completamente o feitiço e Gilman deixou cair a bacia, fazendo ecoar um barulho parecido com o de sinos, enquanto as mãos avançavam para frente a fim de tentar impedir aquele ato monstruoso.

Em um instante, ele contornou o piso inclinado, alcançou a extremidade da mesa e arrancou a faca das garras da velha, jogando-a de forma barulhenta na beirada do buraco triangular. Porém, logo depois, o jogo se inverteu: as garras mortíferas agora prendiam-no pela garganta, enquanto o rosto enrugado se contorcia de fúria. Gilman sentiu a corrente do crucifixo barato raspar em seu pescoço e, naquela situação de perigo, perguntou-se como a visão do objeto afetaria a criatura maligna. A força dela era sobrenatural, mas, enquanto a bruxa continuava tentando sufocá-lo, ele tateou sua camisa e puxou o símbolo de metal, estourando a corrente e libertando-o.

Ao ver o objeto, a bruxa pareceu entrar em pânico e relaxou o punho o suficiente para que Gilman conseguisse escapar. Ele arrancou as garras, que pareciam ser feitas de aço, de seu pescoço e teria arrastado a bruxa até o buraco se as garras dela não tivessem recuperado as forças e se fechado novamente. Dessa vez, ele resolveu retribuir da mesma forma: suas próprias mãos agarraram o pescoço da criatura. Antes mesmo que a velha percebesse o que ele estava fazendo, Gilman enrolou a corrente do crucifixo no pescoço dela e, em pouco tempo, ele já havia apertado o suficiente para que a bruxa não conseguisse respirar. Enquanto a velha lutava para sobreviver, ele sentiu algo morder seu tornozelo e notou que Brown Jenkin tinha vindo ajudá-la. Com um chute selvagem, Gilman atirou a criatura mórbida para a entrada do buraco e o ouviu choramingar em algum andar muito abaixo.

Ele não sabia se conseguira matar a bruxa, mas a deixou esparramada no chão, no lugar em que ela caíra. E então, ao se virar, viu algo na mesa que quase apagou os últimos vestígios de sua razão. Brown Jenkin, dotado de músculos fortes e quatro mãos minúsculas de destreza demoníaca, estivera ocupado enquanto a bruxa tentava estrangulá-lo. Os esforços de Gilman tinham sido em vão. O que ele impediu que a faca fizesse ao peito da vítima, as presas amarelas do monstro peludo haviam feito no pulso dela, e a bacia, que tão tardiamente tinha ido ao chão, estava cheia, ao lado do pequeno corpo sem vida.

Em seu delírio sonhado, Gilman ouviu o ritmo inumano do canto diabólico do Sabá vindo de uma distância infinita, e sabia que o homem negro devia estar lá. As lembranças confusas misturavam-se com a matemática, e parecia-lhe que seu inconsciente conhecia os ângulos de que precisava para retornar ao mundo normal, sozinho e sem ajuda, pela primeira vez. Tinha certeza de que estava no sótão acima de seu quarto, hermeticamente fechado desde tempos imemoriais, mas duvidava de que conseguiria escapar pelo piso inclinado ou pela saída bloqueada. Além disso, fugir de um sótão do mundo dos sonhos não o levaria simplesmente a uma casa também dos sonhos, a uma projeção anômala do lugar que ele de fato procurava? Ele estava inteiramente confuso sobre a relação entre sonho e realidade em todas as suas experiências.

A passagem por esses abismos vagos seria terrível, porque o ritmo de Valburga estaria vibrando, e no final ele teria que ouvir a pulsação cósmica que tanto temia e que até agora tinha sido velada. Mesmo agora, ele podia sentir um tremor baixo e monstruoso, cujo ritmo ele reconhecia muito bem. Na noite de Sabá, o som sempre ficava mais alto e ressoava através dos mundos para convocar os iniciados para ritos indescritíveis.

Metade das canções da noite de Sabá era moldada ao ritmo daquela pulsação que mal se ouvia, mas que nenhum ouvido humano poderia suportar em sua plenitude espacial. Gilman também se perguntou se poderia confiar em seus instintos para voltar ao lugar certo. Como ter a certeza de que não pousaria naquela encosta de luz esverdeada de um planeta distante, no terraço de ladrilhos acima da cidade dos monstros tentaculares, em algum lugar além da nossa galáxia, ou nos vórtices negros daquele vazio do Caos, onde reina Azathoth, o sultão demoníaco negligente?

Pouco antes de seu mergulho, a luz violeta se extinguiu, deixando Gilman na mais completa escuridão. A bruxa, a velha Keziah – Nahab –, devia ter morrido e, com ela, tudo que lhe dizia respeito. E, misturado aos cantos distantes da noite do Sabá e com os gemidos de Brown Jenkin no abismo abaixo, ele pensou ter ouvido outros lamentos mais frenéticos vindos de profundezas desconhecidas. Joe Mazurewicz – suas orações contra o Caos Rastejante, que agora se transformavam em um grito de triunfo –, mundos de realidade sardônica que invadiam um turbilhão de sonhos febris – Iä! Shub-Niggurath! O Bode com Mil Crias!

Encontraram Gilman caído no chão do sótão de ângulos estranhos muito antes do amanhecer, pois o terrível grito atraíra Desrochers, Choynski, Dombrowski e Mazurewicz e até acordara Elwood, que dormia pesadamente em sua cadeira. Gilman estava vivo, com os olhos arregalados e fixos, mas parecia inconsciente. Ele tinha as marcas deixadas pelas mãos assassinas em seu pescoço e uma mordida de rato no tornozelo. Suas roupas estavam terrivelmente amarrotadas e o crucifixo de Joe havia desaparecido. Elwood tremia, com medo até de especular sobre os novos caminhos que o sonambulismo de seu amigo poderia ter tomado. Mazurewicz parecia bastante chocado com um "sinal" que disse ter recebido em resposta às suas orações e fez o sinal da cruz quando um rato guinchou do outro lado da parede inclinada.

Depois de acomodar o sonhador em um divã no quarto de Elwood, mandaram chamar o Dr. Malkowski, um médico da vizinhança que não repetia histórias que pudessem causar embaraço. O médico aplicou duas injeções em Gilman, que o fizeram relaxar e o deixaram sonolento. O paciente recuperava a consciência em alguns momentos durante o dia e murmurava a Elwood algumas passagens de seus mais recentes pesadelos. Foi um processo muito doloroso e logo de início foi revelado um fato desconcertante.

Gilman, cujos ouvidos haviam demonstrado ultimamente uma

sensibilidade anormal, estava completamente surdo. O Dr. Malkowski foi chamado de volta sem demora e disse que Gilman tinha ambos os tímpanos perfurados como resultado de um som maior do que qualquer ser humano poderia conceber ou suportar. O médico não soube dizer como Gilman tinha ouvido tal barulho nas últimas horas, sem que todo o vale do Miskatonic também despertasse.

Elwood escrevia sua parte na conversa para facilitar o diálogo. Nenhum deles conseguia explicar aquele acontecimento caótico e decidiram que o melhor que podiam fazer era evitar ao máximo pensar sobre o assunto. Concordaram, contudo, em deixar aquela maldita casa o mais rápido possível. Os jornais da noite falavam de uma busca policial por alguns foliões pouco antes do amanhecer, em um desfiladeiro além de Meadow Hill, mencionando que a pedra branca que havia lá era objeto de superstições havia muito tempo. Ninguém fora detido, mas, entre os fugitivos, pensavam ter visto um homem negro enorme. Em outra coluna, foi dito que nenhum vestígio de Ladislas Wolejko, a criança desaparecida, havia sido encontrado.

A pior parte do horror aconteceu naquela noite. Elwood nunca se esqueceria disso, e não poderia voltar às aulas pelo resto do ano devido ao colapso nervoso que sofreu como resultado. Pensou ter ouvido os ratos do outro lado da divisão a noite toda, mas prestou pouca atenção a eles. Foi então, muito depois que Gilman e ele foram dormir, que começaram os gritos atrozes. Elwood pulou da cama, acendeu as luzes e correu até o sofá onde seu amigo dormia. Gilman gritava, e eram gritos de uma natureza verdadeiramente desumana, como se estivesse sendo torturado. Ele se contorcia sob os lençóis e uma grande mancha vermelha começou a se espalhar nos cobertores.

Elwood mal ousava tocá-lo, mas, pouco a pouco, os gritos e a agitação diminuíram. Nesse momento, Dombrowski, Choynski, Desrochers, Mazurewicz e o hóspede do andar de cima já estavam reunidos na porta do quarto, e o senhorio tinha pedido à esposa que chamasse novamente o Dr. Malkowski. Todos gritaram quando uma criatura enorme em forma de rato saltou de debaixo das cobertas ensanguentadas e fugiu pelo chão até um novo buraco na parede. Quando o médico chegou e começou a remover as roupas de cama, Walter Gilman estava morto.

Seria uma atrocidade fazer mais do que supor o que matou Gilman. Ele tinha um túnel aberto em seu corpo, e alguma coisa tinha comido seu coração. Dombrowski, desesperado porque sua tentativa de envenenar os ratos não havia funcionado, rescindiu os contratos de aluguel e em menos

de uma semana tinha se mudado com todos os antigos inquilinos para uma casa despedaçada, mas menos velha, localizada na Walnut Street. Por algum tempo, o mais difícil foi conseguir manter Mazurewicz em silêncio, pois o reparador de teares, taciturno, não conseguia manter-se sóbrio e não parava de se lamentar e falar sobre fantasmas e coisas terríveis.

Parece que naquela última noite assombrosa Joe passou para ver de perto as pegadas vermelhas deixadas pelo rato da cama de Gilman até o buraco na parede. Elas pareciam confusas no carpete, mas havia uma faixa de chão exposta da borda do tapete até o rodapé. Ali, Mazurewicz encontrou algo monstruoso, ou achou que havia encontrado, porque ninguém concordava com ele, apesar da indubitável estranheza das pegadas. As marcas do chão eram muito diferentes daquelas geralmente deixadas por ratos, mas nem mesmo Choynski e Desrochers quiseram admitir que pareciam pegadas de quatro mãos humanas minúsculas.

A casa nunca mais foi alugada. Assim que Dombrowski saiu, a desolação começou a se abater sobre ela. As pessoas evitavam a casa tanto por sua má reputação quanto pelo mau cheiro que agora apresentava. Talvez o veneno contra os ratos do inquilino anterior tivesse enfim funcionado, pois, logo após sua partida, a casa se tornou um pesadelo para a vizinhança. As autoridades de saúde descobriram que o odor vinha de espaços fechados que ficavam acima e ao lado do sótão da casa e concluíram que o número de ratos mortos lá devia ser enorme. Decidiram, entretanto, que não valia a pena abrir e desinfetar aqueles lugares fechados havia tanto tempo, pois o mau cheiro logo desapareceria e o bairro não tinha padrões muito exigentes. Na verdade, os boatos diziam que cheiros inexplicáveis saíam lá de cima, da Casa da Bruxa, imediatamente após o Dia de Maio e da Noite de Todos os Santos. Os vizinhos se resignaram por inércia, mas o mau cheiro foi outro elemento contra aquele lugar. Finalmente, a casa foi declarada inabitável pelas autoridades.

Os sonhos de Gilman e as circunstâncias que os cercaram nunca foram explicados. Elwood, cujas ideias sobre esse episódio às vezes beiravam a loucura, retornou à universidade no outono seguinte e se formou em junho. Ao voltar, ele notou que os comentários tinham diminuído na cidade e, de fato, apesar de alguns boatos ainda circularem sobre o riso fantasmagórico que ecoava na casa deserta, que permaneceriam enquanto o edifício se mantivesse de pé, não foi reportada nenhuma aparição da velha Keziah ou de Brown Jenkin desde a morte de Gilman. Foi uma sorte que Elwood não estivesse em Arkham no fim daquele ano, quando certos acontecimentos fizeram com que os boatos fossem retomados

abruptamente sobre horrores antigos. Claro, ele ouviu sobre o assunto mais tarde e sofreu os incontáveis tormentos de conjecturas sombrias e angustiadas, mas teria sido pior se ele tivesse estado lá e visto as coisas que provavelmente teria visto.

Em março de 1931, uma grande tempestade arrancou o telhado e a grande chaminé da Casa da Bruxa, que estava abandonada até então, e muitos tijolos, telhas e tábuas podres caíram do sótão e se espalharam pelo andar abaixo. O andar inteiro do sótão ficou coberto de escombros, mas ninguém se incomodou em tocar naquilo até a hora da inevitável demolição da casa decrépita. A demolição começou em dezembro, quando trabalhadores relutantes e apreensivos começaram a limpar o quarto que havia sido de Gilman. E foi então que começaram os boatos.

Entre os escombros caídos do telhado inclinado, os trabalhadores descobriram várias coisas que os levaram a interromper o trabalho e chamar a polícia. A polícia, por sua vez, exigiu a presença do médico legista e de vários professores da universidade. Havia ali ossos, esmagados e estilhaçados – mas facilmente identificáveis como de seres humanos –, cuja contemporaneidade estranhamente entrava em conflito com a data remota em que o único esconderijo provável, o sótão baixo e de chão inclinado, havia supostamente sido selado, sem que nenhum humano pudesse ter acesso a ele. O médico legista considerou que alguns dos ossos pertenciam a uma criança pequena, enquanto outros, encontrados misturados com retalhos de um tecido marrom, escuro e podre, pertenciam a uma mulher baixa e idosa. Um exame cuidadoso dos escombros também permitiu encontrar lotes de ossos de ratos surpreendidos pelo colapso, e outros ossos de ratos mais antigos roídos por pequenas presas que foram e ainda são tema de discussão.

Entre outros objetos encontrados, estavam fragmentos de livros e papéis, além de uma poeira amarelada, resultado da total desintegração de volumes e documentos mais antigos. Todos os livros e documentos, sem exceção, pareciam tratar de magia negra em suas formas mais avançadas e assustadoras, e a data evidentemente recente de alguns deles permanece um mistério tão inexplicável quanto a presença de ossos humanos recentes. Um mistério ainda maior é a absoluta homogeneidade da complicada e arcaica caligrafia encontrada em uma grande diversidade de papéis cujo estado e filigrana sugerem diferenças temporais de pelo menos cento e cinquenta ou duzentos anos. Para alguns, porém, o maior mistério de todos é a variedade de objetos completamente inexplicáveis encontrados entre os detritos, em diversos estados de conservação e deterioração, cuja forma, materiais, tipo de construção e propósito

escapam a qualquer conjectura. Um dos objetos, que despertou profundamente a curiosidade de vários professores da Universidade de Miskatonic, é uma monstruosidade deteriorada muito parecida com a imagem que Gilman doou ao museu da faculdade, exceto que é grande, esculpida em uma pedra azul rara em vez de metal, e com um pedestal de ângulos incomuns com hieróglifos indecifráveis.

Arqueólogos e antropólogos ainda tentam explicar os estranhos desenhos gravados em uma leve bacia de metal achatada, cuja parte interna apresentava manchas escuras bizarras. Forasteiros e idosas supersticiosas falam com o mesmo assombro sobre um crucifixo moderno de níquel com a corrente partida encontrado entre os escombros e identificado por Joe Mazurewicz como o mesmo que ele dera ao pobre Gilman muitos anos antes. Alguns acreditam que os ratos arrastaram o crucifixo para o sótão fechado, enquanto outros acham que ele devia estar o tempo todo no velho quarto de Gilman. E ainda há outros, incluindo o próprio Joe, que defendem teorias fantásticas demais para merecerem o crédito de uma pessoa sensata.

Quando a parede inclinada do quarto de Gilman foi demolida, descobriu-se que o espaço triangular entre o tabique e a parede norte da casa continha uma quantidade muito menor de detritos do que o próprio quarto, mesmo considerando seu tamanho, embora um depósito horrível de materiais mais antigos tenha sido encontrado lá e deixado os trabalhadores paralisados de medo. Em resumo, o espaço era um verdadeiro depósito de ossos de crianças, alguns bem recentes, enquanto outros remontando, em gradação infinita, a um período tão remoto que sua desintegração era quase total. Nessa camada profunda de ossos repousava uma faca enorme, de evidente antiguidade e com um desenho grotesco, exótico e muito ornamentado, sobre a qual os escombros se acumularam.

Em meio a esses detritos, espremido entre uma tábua caída e uma pilha de tijolos da chaminé, havia algo que provocaria ainda mais perplexidade, pavor e boatos supersticiosos em Arkham do que qualquer outra coisa já encontrada naquela casa amaldiçoada.

Tratava-se do esqueleto parcialmente esmagado de um enorme rato, cuja anormalidade anatômica ainda é objeto de discussão e fonte de curiosa reticência entre os membros do departamento de anatomia da Universidade de Miskatonic. Pouco foi dito sobre esse esqueleto, mas os trabalhadores que o encontraram murmuram, chocados, sobre os longos cabelos castanho-escuros associados a ele.

Boatos dizem que os ossos das pernas minúsculas sugerem a capacidade preênsil mais típica de um pequeno macaco do que de um rato, enquanto o pequeno crânio, com as presas amarelas afiadas, é da mais completa anomalia e, visto de determinados ângulos, assemelha-se a uma paródia em miniatura, monstruosamente degradada, de um crânio humano. Os trabalhadores, assustados, fizeram o sinal da cruz quando se depararam com essa blasfêmia, mas, em seguida, foram acender velas na igreja de St. Stanislaus, para dar graças pelas risadas zombeteiras e fantasmagóricas que esperavam nunca mais ouvir novamente.

5
A rua

Há quem diga que coisas e lugares têm almas, e há quem diga que não. Eu mesmo não me atrevo a dizer, mas vou contar sobre a Rua.

Homens de vigor e honra compunham aquela Rua. Homens bons e valentes, do nosso sangue, que vieram das Ilhas Abençoadas do outro lado do oceano. A princípio, não passava de um caminho trilhado por carregadores de água da fonte do bosque que iam em direção ao conjunto de casas perto da praia. Depois, conforme mais homens uniram-se ao grupo crescente de casas, procurando um lugar para morar, mais cabanas foram construídas no lado norte, cabanas de grossas toras de carvalho com alvenaria que davam para a floresta, pois ali muito índios espreitavam com flechas incendiárias. Alguns anos depois, os homens construíram cabanas no lado sul da Rua.

Homens sérios de chapéus cônicos, portando, na maior parte do tempo, mosquetes ou caçadeiras, subiam e desciam a Rua. E havia também as esposas de touca e seus filhos tranquilos. À noite, esses homens, com suas mulheres e filhos, sentavam-se ao redor das lareiras enormes e liam e conversavam. As coisas sobre as quais eles liam e conversavam eram muito simples, mas eram coisas que lhes davam coragem e bondade, e os ajudavam, durante o dia, a subjugar a floresta e a arar os campos. E os filhos ouviriam e aprenderiam as leis e feitos dos antigos, e daquela amada Inglaterra que jamais viram ou não conseguiam se lembrar.

Veio a guerra e, depois disso, não havia mais índios perturbando a Rua. Os homens laboriosos prosperaram e ficaram o mais felizes que podiam. E os filhos cresceram com conforto, e mais famílias vieram da Terra Natal para morar na Rua. E os filhos dos filhos, e os filhos dos recém-chegados, cresceram. O vilarejo era agora uma cidade, e uma a uma as cabanas foram dando lugar a casas. Casas simples, bonitas, de tijolo e madeira, com degraus de pedra e parapeitos e claraboias de ferro sobre as portas. Não eram criações frágeis, pois tinham sido feitas para atender a muitas gerações. Dentro delas, havia lambris de lareira entalhados e escadas

graciosas, sensatos e agradáveis móveis, louças e pratarias, todos trazidos da Terra Natal.

E assim a Rua absorvia os sonhos de um povo jovem e se alegrava à medida que seus habitantes iam ficando mais graciosos e felizes. Onde antes havia apenas vigor e honra, agora existiam também gosto e aprendizado. Livros, pinturas e música chegavam às casas, e os jovens iam para a universidade que surgiu no alto da colina ao norte. No lugar dos chapéus cônicos e das espadas pequenas, das rendas e das perucas brancas, havia calçadas sobre as quais ressoava o estrépito de muitos cavalos de raça e estrondeavam muitas carruagens douradas; além de calçadas de tijolos com bancos e postes para as montarias.

Havia muitas árvores naquela Rua: olmos, carvalhos e bordos esplendorosos. Assim, no verão, a paisagem era toda de um verde suave e de gorjeios de pássaros; e atrás das casas havia roseirais murados com caminhos de sebes e relógios de sol, onde, à noite, a lua e as estrelas brilhavam de forma mágica enquanto as flores perfumadas reluziam de orvalho.

E a Rua seguia sonhando, passando por guerras, calamidades e mudanças. Em uma ocasião, a maioria dos jovens partiu e alguns nunca retornaram. Aconteceu quando enrolaram a velha bandeira e hastearam um novo estandarte de listras e estrelas. Mas, embora os homens falassem de grandes mudanças, a Rua não as sentia, pois ainda era composta das mesmas pessoas, falando de velhas coisas familiares nas velhas histórias. E as árvores ainda abrigavam pássaros cantores e, à noite, a lua e as estrelas olhavam para baixo, para as flores orvalhadas nos roseirais murados.

Com o tempo, não havia mais espadas, chapéus cônicos e nem perucas na Rua. Como os habitantes com suas bengalas, cartolas altas e cabelos raspados pareciam estranhos! Novos sons vieram de longe; primeiro os sussurros e os gritos estranhos do rio que ficava a uma milha de distância, e depois, muitos anos depois, sussurros, gritos e rumores estranhos de outras direções. O ar já não era tão puro quanto antes, mas o espírito do lugar não havia mudado. O sangue e a alma de seus ancestrais haviam moldado a Rua. O espírito também não mudou quando eles escavaram a terra para assentar tubulações estranhas, nem quando ergueram altos postes sustentando uma fiação curiosa. Havia tanto saber antigo naquela Rua que o passado não poderia ser facilmente esquecido.

Então vieram dias malignos, quando muitos que haviam conhecido a Rua nos velhos tempos não a reconheciam mais, e muitos que a conheciam não a haviam conhecido antes, e iam embora, pois seus sotaques eram

ásperos e estridentes, e os semblantes, desagradáveis. Os pensamentos também conflitavam com o espírito justo da Rua, de modo que ela ali ficou, em silêncio, enquanto as casas ruíam e as árvores morriam uma a uma, e os roseirais ficavam cobertos de mato e lixo. Entretanto, em certa ocasião, a Rua teve uma sensação de orgulho, pois novamente os jovens saíram marchando, alguns dos quais jamais voltaram. Eram os jovens vestidos de azul.

Com os passar dos anos, um destino pior sucedeu à Rua. As árvores haviam desaparecido, então, e os roseirais foram substituídos pelos fundos dos novos prédios feios e baratos das Ruas paralelas. Mas as casas permaneceram, apesar da devastação dos anos, das tempestades, dos cupins, pois elas haviam sido feitas para atender a muitas gerações. Novos rostos surgiram na Rua, rostos negros, sinistros, com olhos furtivos e feições bizarras, cujos donos diziam palavras não familiares e colocavam cartazes com caracteres conhecidos e desconhecidos na maioria das casas cheias de mofo. Carriolas apinhavam-se nas sarjetas. Um odor sórdido, indefinível, alastrou-se pelo lugar, e o antigo espírito adormeceu.

Uma grande excitação tomou conta da Rua em outra ocasião. Guerra e revolução eram fomentadas do outro lado dos mares; uma dinastia havia desmoronado e seus súditos degenerados estavam se reunindo, com intenções dúbias, na Terra Ocidental. Muitos deles alojaram-se nas casas em ruínas que um dia haviam conhecido as canções de pássaros e o aroma das rosas. E então, a própria Terra Ocidental despertou e uniu-se à Terra Natal em sua luta titânica pela civilização. Sobre as cidades mais uma vez tremulou a velha bandeira, acompanhada da nova bandeira, e de uma mais simples, mas de um tricolor glorioso. Contudo, não tremularam muitas bandeiras sobre a Rua, pois ali brotava apenas medo, ódio e ignorância. Novamente, os jovens partiram, mas não tantos quanto aqueles jovens de outros tempos. Faltava-lhes alguma coisa. E os filhos dos jovens daquela época, que, na verdade, marchavam vestidos de verde-oliva, e eram dotados do mesmo espírito de seus ancestrais, vieram de lugares distantes e não conheciam a Rua nem seu espírito antigo.

Houve uma grande vitória do outro lado dos mares, e a maioria dos jovens voltou triunfante. Àqueles que lhes faltava algo, não lhes faltava mais nada; no entanto, o medo, o ódio e a ignorância ainda reinavam na Rua, pois muitos haviam ficado e muitos estrangeiros vieram de longe para ocupar as velhas casas. E os jovens que retornaram não moravam mais nelas. A maioria dos estrangeiros era mestiça e sinistra, embora fosse possível descobrir entre eles algum rosto semelhante àqueles que formavam a Rua e moldavam seu espírito. Semelhante e ainda diferente,

pois havia um brilho estranho e insano em seus olhos, como ganância, ambição, ressentimento ou zelo mal orientado. Agitação e traição espreitavam no exterior, entre alguns malvados que planejavam um golpe mortal na Terra Ocidental, a fim de impor seu poder sobre as ruínas, até mesmo como assassinos impuseram no país frio e desafortunado de onde a maioria veio. E o centro da conspiração estava na Rua, cujas casas dilapidadas fervilhavam com agitadores e ecoavam com os planos e discursos dos que ansiavam pela chegada do dia designado por sangue, chamas e crimes.

A Lei falava muito sobre agrupamentos estranhos na Rua, mas não tinha muito para provar. Com grande diligência, homens, carregando insígnias escondidas, frequentavam lugares como a Padaria Petrovitch, a esquálida Escola de Economia Moderna Rifkin, o Clube do Círculo Social e o Café Liberdade. Havia pessoas sinistras reunidas em grande número, embora sempre falassem com cautela ou o fizessem em línguas estrangeiras. As casas antigas ainda estavam de pé, com seu conhecimento esquecido de séculos mais nobres passados; de robustos habitantes coloniais e de roseirais cobertos pelo luar. Às vezes um poeta ou um viajante solitário vinha visitá-las e tentava imaginá-las em seu esplendor perdido; mas não mais havia muitos viajantes e poetas.

Então houve um boato de que os chefes de um extenso grupo de terroristas estavam escondidos nas casas, e que no dia designado dariam início a uma orgia de sangue para aniquilar a América e todas as tradições antigas e belas que a Rua adorava. Panfletos e jornais corriam pelas sarjetas imundas; panfletos e jornais impressos em vários idiomas e caracteres eram portadores de mensagens de crime e rebelião. Eles exortavam as pessoas a derrubarem as leis e virtudes que nossos ancestrais haviam exaltado, a fim de afogar a alma da velha América, a alma que foi nosso legado por mil e quinhentos anos de liberdade, justiça e moderação anglo-saxônicas. Foi dito que os homens mestiços que habitavam na Rua e se reuniam nas construções dilapidadas eram os cérebros de uma terrível revolução e que, ao seu comando, muitos milhões de feras enlouquecidas tirariam suas garras repugnantes das favelas imundas de milhares de cidades, queimando, matando e destruindo até que a terra dos nossos pais não mais existisse. Tudo isso foi dito e repetido, e muitos olhavam com medo para o dia quatro de julho, o dia que escritos estranhos mencionavam; no entanto, nada que entregasse o culpado foi descoberto. Ninguém sabia quem tinha que ser detido para que a maldita conspiração fosse interrompida. Muitas vezes foram grupos de policiais de jaqueta azul que revistaram as casas em ruínas; mas

acabaram deixando de ir, pois também se cansaram de manter a lei e a ordem e deixaram a cidade à própria sorte. Então vieram os homens de verde-oliva com seus mosquetes, e até parecia que, em seu desafortunado sonho, a Rua se lembrava dos tempos de outrora em que os homens dos mosquetes em chapéus cônicos caminhavam desde a nascente da floresta até o conjunto de casas perto da praia. No entanto, não se podia tomar nenhuma medida para impedir o cataclismo iminente, já que os homens mestiços e sinistros eram muito astutos.

Assim, a Rua continuou com seu sono inquieto, até que, em certa noite, vastas hordas de homens cujos olhos arregalavam-se diante de um expectante triunfo de horror, reuniram-se na Padaria Petrovitch, na Escola de Economia Moderna, no Clube do Círculo Social, no Café Liberdade e em outros lugares. As mensagens deslizavam pela fiação escondida, e muito se falou sobre estranhas mensagens que ainda não tinham sido transmitidas; mas a grande parte só foi descoberta bem mais tarde, quando a Terra Ocidental não corria mais perigo. Os homens de verde-oliva não podiam dizer o que estava acontecendo, nem o que iriam fazer, pois os homens mestiços e sinistros eram hábeis em sutilezas e dissimulação.

Mas os homens de verde-oliva nunca se esquecerão daquela noite, e falarão sobre a Rua ao conversar com seus netos; pois muitos foram enviados, ao amanhecer, em uma missão diferente da que esperavam. Sabia-se que aquele ninho de anarquia era antigo e que as casas estavam em ruínas por causa da devastação do tempo, das tempestades e dos cupins; no entanto, o que aconteceu naquela noite de verão surpreendeu por sua estranha uniformidade. Na verdade, foi um evento único, embora muito simples. Pois, sem aviso prévio, nas primeiras horas da manhã, todos os estragos dos anos e das tempestades e dos cupins atingiram o seu ápice culminante e, após o colapso final, nada permaneceu na Rua, exceto por duas antigas chaminés e parte de uma parede de tijolos. Não sobrou viva alma, tudo e todos que lá viviam não sobreviveram às ruínas.

Um poeta e um viajante, que vieram com a enorme multidão para ver a cena, mais tarde contaram histórias estranhas. O poeta disse que, nas horas que antecederam a madrugada, ele contemplava as ruínas sórdidas que resplandeciam ao brilho da luz, e que, acima dos escombros, outra paisagem revelava-se nos contornos da lua, das belas casas, e dos olmos e carvalhos e bordos esplendorosos. E o viajante disse que, em vez do mau cheiro habitual, havia uma fragrância delicada como rosas florescendo. Mas não são os sonhos dos poetas e as histórias dos viajantes notoriamente falsas?

Há quem diga que coisas e lugares têm almas, e há quem diga que não. Eu mesmo não me atrevo a dizer, mas contei a vocês sobre a Rua.

6
Sob as pirâmides

1.

O mistério atrai o mistério. Desde que meu nome se tornou amplamente conhecido pela realização de feitos inexplicáveis, venho me deparando com narrativas e acontecimentos estranhos que, dada a minha profissão, faz com que as pessoas sejam levadas a relacionar a meus interesses e atividades. Alguns foram triviais e irrelevantes; outros, profundamente dramáticos e fascinantes; outros deram origem a experiências horríveis e perigosas; outros, por fim, envolveram-me em extensas pesquisas científicas e históricas. Já falei e continuarei falando sem hesitação sobre muitos desses casos. Mas, de um deles, falo com grande relutância – e só o faço agora depois de uma grande insistência por parte dos editores desta revista, que ouviram boatos vagos sobre ele de vários membros da minha família.

O assunto sobre o qual permaneci em silêncio até agora está relacionado a uma visita não profissional que fiz ao Egito catorze anos atrás, e sobre a qual tenho evitado falar por vários motivos. Primeiro porque me oponho à exploração de determinados fatos reais e incontroversos e de algumas condições obviamente ignoradas pelos milhares de turistas que se aglomeram em torno das pirâmides, e que as autoridades no Cairo escondem com muito afinco, porque não é possível que as desconheçam por completo. Em segundo lugar, não gosto de relembrar um incidente no qual minha fantástica imaginação deve ter desempenhado um papel importante. O que eu vi – ou pensei ter visto – certamente não aconteceu, mas se deve ao efeito da minha então recente leitura sobre Egiptologia e especulações sobre o assunto que o meu ambiente naturalmente propôs. Tais estímulos imaginativos, aumentados pela emoção de um acontecimento real bastante terrível em si mesmo, sem dúvida provocaram o horror culminante daquela noite malograda e tão distante.

Em janeiro de 1910, eu havia cumprido um compromisso profissional na Inglaterra e assinado um contrato para visitar os cinemas da Austrália.

Recebi uma grande margem de tempo para fazer a viagem e decidi aproveitar ao máximo a rota que mais me interessava. Então, acompanhado por minha esposa, atravessei o continente em direção ao sul e embarquei em Marselha, no navio *Malwa*, da companhia P. & O., em direção a Porto Saíde. De lá, propus-me a visitar os principais locais históricos do Baixo Egito antes de finalmente partir para a Austrália.

A viagem foi agradável e animada pelos muitos acontecimentos divertidos que acontecem a um ilusionista fora de seu trabalho. Eu pretendia permanecer incógnito para desfrutar de minha viagem com tranquilidade, mas acabei traindo a mim mesmo por culpa de um colega de profissão cujo desejo de surpreender os passageiros com truques simples incitou-me a duplicar e superar suas proezas de uma forma que destruiu completamente o meu anonimato. Cito esse detalhe por sua consequência final – uma consequência que eu deveria ter previsto antes de revelar minha identidade em um navio lotado de turistas que estavam prestes a se espalhar por todo o vale do Nilo. Fazer aquilo significou ter minha identidade revelada onde quer que eu fosse e privar minha esposa e eu mesmo do anonimato pacífico que buscávamos. Em uma viagem em busca de curiosidades, acabei muitas vezes tendo também que tolerar ser examinado como uma espécie de curiosidade!

Estávamos indo ao Egito em busca de impressões pitorescas e místicas, mas encontramos poucas coisas dessa natureza quando o navio atracou em Porto Saíde e descarregou seus passageiros nos barcos. Dunas baixas de areia, boias balançando oscilantes nas águas rasas e uma enfadonha aldeia europeia sem nada de interessante, exceto a grande estátua de De Lesseps,[1] o que despertou nossa impaciência para ver algo mais digno de nosso interesse. Depois de algumas deliberações, decidimos ir ao Cairo e às pirâmides, e, por fim, à Alexandria para tomar o navio com destino à Austrália, visitando os monumentos greco-romanos que a antiga metrópole pudesse oferecer.

A viagem de trem foi bastante suportável e durou apenas quatro horas e meia. Vimos grande parte do Canal de Suez, cuja rota seguimos até Ismaília, e depois, passamos pelo canal de água doce restaurado durante o Império Médio, de onde pudemos saborear um pouco do antigo Egito. Então, finalmente, vimos Cairo, brilhando ao anoitecer, como uma constelação cintilante que se tornou resplandecente quando paramos na grandiosa estação.

Mas novamente a decepção nos aguardava, já que tudo o que víamos era de origem europeia, com exceção dos trajes e das multidões. Um metrô

prosaico nos levou a uma praça cheia de carruagens, carros para serem alugados, bondes, e deslumbrantes luzes elétricas brilhando em edifícios altos. O mesmo teatro onde em vão me pediram para atuar e que mais tarde visitei como espectador havia sido renomeado pouco antes com o nome “American Cosmograph”. Hospedamo-nos no Hotel Shepherd, ao qual chegamos em um táxi que passou por ruas largas e elegantes; e em meio ao seu serviço perfeito de restaurante, elevadores e os muitos luxos geralmente anglo-americanos, o misterioso Oriente e o passado imemorial pareciam muito distantes.

No dia seguinte, porém, mergulhamos deliciosamente em uma atmosfera própria das *Mil e Uma Noites*, em que a Bagdá de Harun-al-Rashid parecia reviver nas ruas sinuosas e no horizonte exótico do Cairo. Guiados por nosso *Baedeker*,[2] seguimos para o leste, passando pelos Jardins de Ezbekiyeh, visitamos o largo do Mouski em busca do bairro nativo e logo caímos nas mãos de um cicerone vociferante que – apesar dos incidentes que se seguiram – era certamente um mestre em seu ofício.

Só depois fui perceber que deveria ter recorrido ao hotel para conseguir um guia licenciado. Esse homem – um sujeito barbeado com uma voz estranhamente profunda e aspecto relativamente limpo, que parecia um faraó e que se autodenominava “Abdul Reis, o Drogman” –, parecia ter grande autoridade sobre o resto dos colegas; no entanto, mais tarde, a polícia declarou não saber nada sobre ele, afirmando que “Reis” era apenas um título usado para designar qualquer pessoa com autoridade, enquanto “Drogman” obviamente não passava de uma rearticulação da palavra “dragoman”, que designa o chefe de um grupo turístico.

Abdul nos levou através de maravilhas até então apenas vislumbradas em nossas leituras e sonhos. A velha cidade do Cairo é em si um livro de histórias e fantasia: labirintos de becos estreitos impregnados de segredos aromáticos, sacadas com arabescos e mirantes que quase tocam as ruas de paralelepípedos, redemoinhos de trânsito oriental repletos de gritos estranhos, chicotes estalando, carroças chacoalhando, moedas tilintando e burros zurrando; um caleidoscópio de roupas, véus, turbantes e *tarbushes* multicoloridos; transportadores de água e dervixes, cães e gatos, adivinhos e barbeiros; e, acima de tudo, a cantilena dos mendigos cegos agachados nos cantos e o cântico sonoro dos muezins nos minaretes, cujos contornos cortavam delicadamente um céu azul intenso e inalterável.

Os bazares, cobertos e silenciosos, eram igualmente sedutores. Especiarias, perfumes, varetas de incenso, tapetes e cobres: o velho Mahmoud Suleiman sentava-se de pernas cruzadas no meio de suas

garrafas pegajosas, enquanto alguns jovens charlatões pulverizavam mostarda no capitel oco de uma coluna clássica antiga, romana de estilo coríntio, talvez procedente dos arredores de Heliópolis, onde Augusto estacionou suas três legiões egípcias. A antiguidade estava começando a se misturar com o exotismo. Em seguida, vimos as mesquitas e o museu, e tentamos fazer com que nossa diversão árabe não sucumbisse ao encanto mais obscuro e fúnebre do Egito faraônico que os inestimáveis tesouros dos museus nos ofereciam. Aquele deveria ser nosso clímax e, enquanto isso, concentrávamo-nos nas glórias medievais sarracenas dos califas, cujas magníficas tumbas-mesquitas formavam necrópoles deslumbrantes e fantasmagóricas à beira do deserto da Arábia.

Finalmente, Abdul nos conduziu pela Sharia Mohammed Ali até a antiga mesquita do Sultão Hassan e a Babel-Azab, ladeada por torres, além da qual a passagem de paredes íngremes sobe para a poderosa fortaleza que o próprio Saladino construíra com pedras de pirâmides esquecidas. O sol já se punha quando subimos a pedra, contornando a moderna mesquita de Mohammed Ali, e olhamos pelo vertiginoso parapeito, acima do místico Cairo – místico e todo dourado, com suas cúpulas esculpidas, seus minaretes etéreos e seus jardins iluminados.

Bem além da cidade, arrematada pela grande cúpula romana do novo museu e, ainda mais adiante, do outro lado do enigmático e amarelo Nilo, pai de dinastias milenares, espreitavam as areias ameaçadoras do deserto da Líbia, ondulantes, iridescentes, perversas e cheias de mistérios ainda mais antigos.

O sol vermelho se pôs, trazendo o frio implacável do crepúsculo egípcio; e enquanto se mostrava na ponta do mundo como um deus antigo de Heliópolis – Ra-Horakhty, Hórus no Horizonte – vimos delineadas no holocausto de vermelhidão as silhuetas negras das pirâmides de Gizé, as tumbas veneradas que datavam de milhares de anos, quando Tutancâmon ascendeu ao trono dourado na distante Tebas. Soubemos naquele momento que nada mais tínhamos a visitar no Cairo sarraceno e que deveríamos então saborear os mais profundos mistérios do Egito primordial: o negro Kem[3] de Ra e Amon, Ísis e Osíris.

Na manhã seguinte, fomos visitar as pirâmides. Cruzamos a ponte sobre o Nilo em um carro Victoria até a ilha de Ghizereh, cheia de árvores *lebbakh* imponentes e depois a pequena ponte inglesa que levava à margem ocidental. Continuamos ao longo da estrada ribeirinha, entre grandes fileiras de árvores *lebbakh*, e passamos pelos jardins zoológicos até chegarmos ao subúrbio de Gizé, onde haviam construído uma nova ponte

que levava ao Cairo. De lá, pegamos a estrada de terra – para a região interior de Sharia-el-Haram –, cruzamos uma área de canais de água cristalina e povoados nativos miseráveis, até que emergiram à nossa frente os objetos principais de nossa viagem, dividindo as brumas da aurora e criando réplicas invertidas nas poças que ficavam ao lado da estrada. De fato, como Napoleão dissera aos seus soldados, naquele lugar contemplávamos quarenta séculos de história.

A estrada subia bruscamente, até que finalmente chegamos ao local do traslado entre a estação de bonde e o Hotel Mena House. Abdul Reis, que, mostrando sua capacidade, nos havia comprado ingressos para as pirâmides, parecia ter certa influência sobre os numerosos beduínos uivantes e ofensivos que habitavam uma aldeia miserável e suja localizada perto dali, e que se dedicava incansavelmente a importunar os viajantes: os mantivera longe de nós e até nos conseguira um par de camelos, e um burro para ele, e atribuíra a condução de nossos animais a um grupo de homens e meninos carregadores que se mostrou mais caro do que útil. A área a atravessar era tão pequena que dificilmente teríamos precisado de camelos, mas não nos incomodou acrescentar às nossas experiências aquela maneira difícil de viajar pelo deserto.

As pirâmides se erguiam em um planalto rochoso e constituíam quase o mais setentrional dos cemitérios reais e aristocráticos construídos nas proximidades da cidade desaparecida de Mênfis – localizada na mesma margem do Nilo, um pouco ao sul de Gizé –, e que floresceu entre os anos 3400 e 2000 a. C.

A maior das pirâmides, que é a mais próxima da estrada moderna, foi construída pelo rei Quéops ou Khufu por volta de 2800 a. C. e tem mais de 130 metros de altura. A sudoeste, alinhadas, estão sucessivamente a Segunda Pirâmide, construída uma geração depois pelo rei Quéfren – que, embora ligeiramente menor, dá a impressão de ser maior por estar em um terreno mais alto. Segue-se a ela a Terceira Pirâmide, que é notoriamente menor e foi construída pelo rei Miquerinus por volta de 2700 a. C. Perto da borda do planalto e a leste da Segunda Pirâmide, com um rosto provavelmente modificado para formar um retrato colossal de Quéfren, seu restaurador real, encontra-se a monstruosa Esfinge: silenciosa, sarcástica, depositária de um conhecimento prévio à humanidade e à memória.

Em vários lugares há pirâmides ou traços de ruínas de pirâmides de menor importância, e todo o planalto é cheio de tumbas de dignitários de nível ligeiramente inferior ao do rei. Essas últimas foram originalmente

chamadas de *mastabas*[4] – construções de pedra na forma de um banco em torno das profundezas funerárias –, como foram descobertas em outros cemitérios de Mênfis, e dos quais é exemplo o túmulo de Perneb, que está no Metropolitan Museum de Nova York. Em Gizé, no entanto, todas essas coisas desapareceram por causa do tempo e dos constantes saques, e apenas covas escavadas em rocha, protegidas pela areia ou esvaziadas pelos arqueólogos, continuam a testemunhar sua existência anterior. Ligada a cada sepultura havia uma capela na qual padres e parentes ofereciam alimentos e orações ao *ka*[5] – o princípio vital – do falecido. Os túmulos pequenos tinham suas capelas dentro das *mastabas* ou em superestruturas de pedra, mas as capelas mortuárias das pirâmides, onde ficavam os corpos dos faraós, eram templos separados, sempre a leste da pirâmide correspondente, e ligada por uma passagem a uma enorme capela ou propileu localizado na borda do planalto rochoso.

A capela que leva à Segunda Pirâmide, quase totalmente enterrada pelos movimentos da areia soprada pelo vento, abre-se no subsolo ao sudeste da Esfinge. A tradição que persiste a considera o “Templo da Esfinge”, talvez com razão, se a Esfinge realmente representar Quéfren, o construtor da Segunda Pirâmide. Há histórias perturbadoras sobre a Esfinge e sobre como ela era antes de Quéfren, mas qualquer que fosse seu rosto anterior, o monarca o havia substituído pelo seu próprio para que os homens pudessem contemplar o colosso sem medo.

Foi nesse grande templo de acesso que a estátua de Quéfren, esculpida em diorito em tamanho real e que hoje está no museu de Cairo, foi encontrada. Uma estátua que me fez estremecer quando a vi. Não sei se já escavaram todo o edifício, mas, em 1910, a maior parte dele estava embaixo da terra, e a entrada permanecia solidamente fechada durante a noite. Os alemães estavam encarregados das obras, mas a guerra ou outros motivos os interromperam. Eu daria qualquer coisa – em vista da minha experiência e de certos boatos que corriam entre os beduínos, negados ou ignorados no Cairo – para descobrir o que acontecera em um certo poço de uma galeria transversal, onde as estátuas do faraó haviam sido encontradas curiosamente justapostas com estátuas de babuínos.

A estrada que percorremos com nossos camelos naquela manhã fez uma curva acentuada, deixando à esquerda a construção de madeira do quartel da polícia, os correios, armazéns e lojas; e, ao fazermos uma curva para o sul e para o leste no planalto rochoso, ficamos frente a frente com o deserto, aos pés da Grande Pirâmide. Depois da construção ciclópica, viramos para o leste e vimos um vale de pirâmides menores, além do qual o eterno Nilo cintilava e, a oeste, tremeluzia o deserto eterno. Muito perto

emergiam as três pirâmides: a maior não tinha qualquer revestimento, deixando as pedras à vista, mas as menores conservavam em algumas partes uma cobertura perfeita que lhes conferia a aparência lisa e bem-acabada de outras épocas.

Foi então que descemos em direção à Esfinge e nos sentamos em silêncio sob o feitiço daqueles olhos terríveis e cegos. No imenso peito de pedra, distinguimos vagamente o símbolo de Ra-Horakhty, pelo qual a Esfinge havia sido erroneamente atribuída a uma dinastia posterior; e embora a areia cobrisse a tábula entre suas grandes garras, lembramos o que Tutemés IV[6] gravara nela e o sonho que tivera quando era príncipe. O sorriso da Esfinge nos incomodava vagamente e nos fez pensar nas lendas sobre passagens subterrâneas que existiriam debaixo da criatura monstruosa – passagens que desceriam a profundidades que ninguém nunca se atrevera a intuir e que se relacionavam a mistérios ainda mais antigos que as dinastias egípcias descobertas e em sinistra conexão com a persistência de deuses anormais com cabeça de animais do antigo panteão nilótico. E foi aí também que me fiz uma pergunta tola cujo significado medonho não foi revelado até muitas horas depois.

Outros turistas começaram a chegar, e nos dirigimos para o Templo da Esfinge, devorado pela areia, localizado a cerca de cinquenta metros a sudeste do que me referi anteriormente como sendo a grande porta de entrada que conduz à capela mortuária da Segunda Pirâmide do planalto. Essa capela ainda estava praticamente enterrada na areia e, embora tivéssemos deixado nossos animais e descido por um acesso moderno até o corredor de alabastro e a um salão cercado de pilares, percebi que Abdul e o atendente alemão não haviam nos mostrado tudo que havia para ver.

Depois disso, fizemos a excursão habitual ao redor do planalto das pirâmides, examinamos a Segunda Pirâmide e as curiosas ruínas de sua capela mortuária, localizada a leste; a Terceira Pirâmide, com os seus pequenos satélites ao sul e a capela em ruínas a leste; os túmulos de rochas e os favos das Quarta e Quinta Dinastias, e finalmente o famoso túmulo de Campbell, cujo poço afunda mais de 15 metros verticalmente até um sinistro sarcófago. Um de nossos cameleiros teve que tirar a areia que o cobria depois de fazer uma descida vertiginosa com uma corda.

Então ouvimos gritos vindos da Grande Pirâmide, onde beduínos assediavam um grupo de turistas e ofereciam trajetos mais rápidos de subida e descida. Dizem que o recorde de tempo de subida e descida era de sete minutos, embora muitos xeiques e filhos de xeiques vigorosos nos

assegurassem que conseguiriam reduzi-lo a cinco, se o incentivassem com um bom *baksheesh*.[7] Nós não lhe demos o suborno, e deixamos que Abdul nos levasse ao topo, onde tivemos uma vista de magnificência sem precedentes, que cobria não somente a remota e resplandecente cidade do Cairo, com sua cidadela coroada com um pano de fundo de montanhas violetas e douradas, mas também todas as pirâmides da área de Mênfis, desde Abu Roash, ao norte, até Dashur, ao sul. A pirâmide de degraus de Sakkara, que marca a transição do baixo *mastaba* para a verdadeira pirâmide, destacava-se de forma clara e sedutora na distância arenosa. Foi perto desse monumento de transição que o famoso túmulo de Perneb foi encontrado – mais de seiscentos quilômetros ao norte do vale rochoso de Tebas, onde Tutancâmon descansa. Mais uma vez, uma sensação de terror genuíno obrigou-me a permanecer em silêncio. A contemplação de tal antiguidade, assim como dos segredos que todos esses monumentos veneráveis pareciam conter e abrigar, encheram-me de um sentimento de reverência e de uma sensação de imensidão que nada havia me feito sentir antes.

Cansados pela subida e também por conta dos beduínos irritantes, cujo comportamento parecia desafiar todas as regras do bom gosto, dispensamos a árdua tarefa de entrar nas estreitas passagens interiores das pirâmides, embora tivéssemos visto vários dos turistas mais ousados preparando-se para rastejar no interior sufocante do monumento mais imponente de Quéops. Depois de nos despedirmos e pagarmos nossa escolta local e de voltarmos ao Cairo com Abdul Reis sob o sol da tarde, quase lamentamos nossa omissão. Coisas fascinantes eram ditas sobre as passagens inferiores da pirâmide que não estavam nos guias; passagens cujas entradas haviam sido bloqueadas às pressas com blocos de pedra e escondidas por certos arqueólogos pouco comunicativos, que as descobriram e começaram a explorá-las e que agora não diziam uma só palavra sobre o assunto.

Naturalmente, tais boatos eram infundados na maior parte, mas era curioso notar como os visitantes eram sempre proibidos de entrar nas pirâmides à noite, bem como de visitar as passagens inferiores e a cripta da Grande Pirâmide. Talvez nesse último caso, o que se temia era o efeito psicológico do visitante sentir-se esmagado debaixo de um mundo gigantesco de alvenaria sólida, ligado à vida conhecida por essa única passagem, onde ele só poderia engatinhar e onde também qualquer acidente ou maldição podia obstruir o caminho. Tudo isso parecia tão misterioso e sedutor que decidimos fazer outra visita ao Planalto das Pirâmides na primeira oportunidade. Essa oportunidade surgiu muito

antes do que eu esperava.

Naquela noite, os membros do nosso grupo estavam um pouco cansados depois do programa exaustivo do dia, então fui sozinho com Abdul Reis fazer um tour pelo pitoresco bairro árabe. Embora eu já o tivesse visitado durante o dia, queria visitar os becos e os bazares durante o crepúsculo, quando as sombras ricas e os brilhos dourados aumentavam seu charme e sua fantástica ilusão. A multidão de nativos estava se dispersando, mas ainda era muito barulhenta e numerosa quando nos deparamos com um grupo de foliões beduínos no mercado de Suken-Nahhasin, ou bazar de artesãos de cobre. Aquele que parecia ser o chefe, um impetuoso jovem robusto e insolente com traços bem definidos e um *tarbush*[8] armado, notou-nos e evidentemente reconheceu, não com muita simpatia, meu competente, mas arrogante e desdenhoso guia.

Talvez, pensei, ele não gostasse da reprodução que Abdul fazia do meio sorriso da Esfinge, que eu mesmo observava frequentemente com certa irritação, ou talvez não gostasse da ressonância cavernosa e sepulcral da voz do meu guia. Em qualquer um dos casos, a troca de palavras ancestralmente ofensivas tornou-se muito afiada, e pouco depois Ali Ziz – como ouvi o guia chamar o desconhecido quando já não tinha nome pior para usar – agarrou violentamente Abdul pela roupa, uma ação que foi rapidamente correspondida e que causou uma luta acirrada em que ambos os lutadores perderam seus chapéus sacrossantos e que teria chegado a um estado ainda mais lamentável se eu não tivesse interferido, separando-os à força.

Minha intercessão, que a princípio não pareceu bem-vinda por nenhuma das partes, finalmente conseguiu estabelecer uma trégua. Os dois beligerantes controlaram sua raiva, ajeitaram as roupas com um gesto rude e, adotando um ar de dignidade tão profunda quanto repentina, fizeram um curioso pacto de honra que logo descobri que se tratava de um costume muito antigo no Cairo: um acordo para resolver suas diferenças mediante uma briga a socos no topo da Grande Pirâmide, à luz da lua, depois que o último turista partisse. Cada um dos lutadores deveria reunir um grupo de padrinhos, e a luta deveria começar à meia-noite, acontecendo em assaltos, da maneira mais civilizada possível.

Tudo isso despertou muito o meu interesse. A própria luta prometia ser espetacular e única, enquanto a ideia da cena no topo daquele venerável planalto antediluviano de Gizé sob uma lua minguante das primeiras horas da noite despertava cada canto da minha imaginação. Pedi que Abdul me aceitasse em seu grupo e ele o fez de bom grado. Passei, então,

o resto da noite acompanhando-o por vários lugares das áreas mais marginais da cidade, principalmente a nordeste de Ezbekiyeh, onde ele reuniu, um a um, um grupo formidável de capangas como pano de fundo para sua luta.

Pouco depois das nove horas, nosso grupo montou em burros que tinham nomes reais ou reminiscências turísticas como “Ramsés”, “Mark Twain”, “J. P. Morgan” e “Minnehaha”, e partimos através do labirinto de ruas orientais e ocidentais, cruzamos o lamacento Nilo pela ponte dos leões de bronze e cavalgamos filosoficamente entre as *lebbakhs* na estrada que levava a Gizé. Demoramos pouco mais de duas horas para fazer a viagem, e no final nos deparamos com os últimos turistas que regressavam, saudamos o último bonde e ficamos a sós com a noite, o passado e a lua espectral.

Então, no fim da avenida, vimos as imensas e fantasmagóricas pirâmides, dotadas de uma obscura ameaça atávica que eu não havia notado à luz do dia. Mesmo a menor delas parecia deixar entrever um vislumbre de espanto. Pois não era nela que a rainha Nitócris, da Sexta Dinastia, tinha sido enterrada viva? A astuta rainha Nitócris, que uma vez convidara seus inimigos para uma festa em um templo localizado sob o Nilo e afogara todos eles ao abrir as comportas? Lembrei-me de que os árabes murmuravam certas histórias sobre a rainha Nitócris e evitavam aproximar-se da Terceira Pirâmide em certas fases da lua. Sem dúvida, Thomas Moore devia estar pensando nisso quando escreveu algo sobre os boatos que os barqueiros de Mênfis contavam:

> “A ninfa subterrânea que habita
>
> entre as joias sem sol e as glórias ocultas:
>
> Senhora da pirâmide!”

Embora ainda fosse cedo, Ali Ziz e seu grupo tinham-nos ultrapassado, porque vimos seus burros encostados no platô do deserto em Kafrel-Haram, uma aldeia miserável perto da Esfinge, para onde nos encaminhávamos, em vez de seguir a estrada normal até o Hotel Mena House, onde alguns policiais sonolentos e ineficientes poderiam ter nos visto e nos detido. Ali, onde os beduínos imundos mantinham seus camelos e burros nos túmulos dos cortesãos de Quéfren, começamos a subir as rochas e os solos arenosos até a Grande Pirâmide, em cujos lados desgastados os árabes se aglomeravam ansiosamente, com Abdul Reis oferecendo-me uma ajuda de que eu não precisava.

Como a maioria dos viajantes sabe, o ápice dessa construção foi desgastado pela erosão há muito tempo, deixando uma plataforma razoavelmente plana de cerca de doze metros quadrados. Nesse misterioso pináculo formou-se um círculo e, alguns instantes depois, a lua sardônica do deserto contemplava um combate que, a julgar pela qualidade dos gritos dos espectadores, poderia ter ocorrido em algum pequeno ginásio americano. Enquanto a observava, compreendi que algumas de nossas instituições menos desejáveis não faltavam ali, porque a cada golpe, a cada defesa e a cada parada, reluzia a palavra "simulação" aos meus olhos, que não eram completamente inexperientes. A luta acabou rapidamente, e, apesar de minhas dúvidas sobre os métodos, senti uma espécie de orgulho quando Abdul Reis foi proclamado o vencedor.

A reconciliação foi incrivelmente rápida e, no meio das canções de confraternização e das bebidas que se seguiram, era difícil lembrar que havia ocorrido uma briga. Estranhamente, eu parecia ser o centro das atenções – mais do que os próprios antagonistas – e, com meu pouco conhecimento da língua árabe, entendi que eles estavam falando sobre o meu talento profissional e minha facilidade para escapar de todos os tipos de cadeias e prisões de uma maneira que indicava não só um conhecimento incrível de quem eu era, mas uma hostilidade clara e ceticismo no tocante às minhas façanhas escapistas. Aos poucos, vim a perceber que a velha magia do Egito não tinha desaparecido completamente, deixando traços e fragmentos de um estranho encanto secreto e práticas de culto sacerdotal que tinham sobrevivido sub-repticiamente entre os *fellaheen* a ponto que as habilidades de um *hahwi* ou mágico estrangeiro eram levadas a mal e rechaçadas. Pensei em quanto meu guia de voz cavernosa, Abdul Reis, assemelhava-se a um antigo egípcio ou faraó, ou à sorridente Esfinge... e pus-me a refletir sobre a questão.

De repente, aconteceu algo que confirmou minhas suspeitas e me fez amaldiçoar a insensatez de ter aceitado os eventos da noite anterior como algo diferente de um disfarce nulo e malicioso que naquela época provou ser. Sem aviso, e evidentemente em resposta a algum sinal oculto de Abdul, todo o bando de beduínos pulou sobre mim e, puxando uma corda grossa, amarraram-me firmemente como ninguém nunca havia me amarrado em toda a minha vida, tanto no palco quanto fora dele.

No começo, resisti, mas logo me dei conta de que um homem nada pode fazer contra um rebanho de mais de vinte bárbaros bronzeados. Minhas mãos estavam amarradas às minhas costas, os joelhos dobrados ao máximo, e meus pulsos e tornozelos estavam solidamente unidos por

cordas fortíssimas. Uma mordaça sufocante foi colocada em minha boca e meus olhos foram bem vendados. Então, quando os árabes me carregaram em seus ombros e começaram a descer a pirâmide, ouvi o riso do meu então guia Abdul, que zombava de mim e me insultava alegremente com sua voz profunda, e me garantiu que em breve teria que apresentar os meus "poderes mágicos" em uma prova suprema que apagaria em um momento toda a vaidade que os meus triunfos na América e na Europa haviam me dado. O Egito, ele me lembrou, era muito antigo e cheio de mistérios ocultos e poderes antigos, inimagináveis até mesmo para especialistas de hoje, cujos engenhos sempre haviam falhado em me manter preso.

Não sei por quanto tempo ou em que direção eles me transportaram; as circunstâncias me impediam de formar qualquer ideia aproximada. No entanto, sei que não poderíamos ter percorrido uma grande distância, já que aqueles que me levaram não se apressaram em nenhum momento, e mesmo assim não demoramos muito. É essa surpreendente brevidade que quase me arrepia, toda vez que penso em Gizé e seu planalto... é opressor saber o quão perto as rotas turísticas atuais estão do que já existiu e ainda deve existir.

A anormalidade maligna da qual falo não se manifestou no começo. Colocando-me sobre uma superfície que reconheci como areia e não rocha, meus sequestradores passaram uma corda em volta do meu peito e me arrastaram alguns metros até uma abertura irregular no solo, onde me jogaram sem muita consideração. Por um tempo que pareceu uma eternidade, desci colidindo contra as paredes irregulares e rochosas de um poço estreito que, presumi, fosse uma das numerosas fossas sepulcrais do planalto, que descia a profundezas prodigiosas e quase inacreditáveis, o que impossibilitava qualquer cálculo.

O horror da experiência ficava mais intenso a cada segundo que passava. A ideia de que uma descida através de rocha sólida poderia ser tão grande sem atingir o centro do próprio planeta, ou que qualquer corda feita pelo homem fosse longa o suficiente para levar-me a essa profundidade incalculável da terra, era tão terrível que era mais fácil para mim duvidar de meus sentidos perturbados do que aceitar que aquilo estava acontecendo. Até hoje tenho minhas dúvidas, porque sei como a percepção do tempo se torna enganosa quando um ou mais de nossos sentidos ou as condições habituais da vida são alterados ou distorcidos. Tenho certeza, no entanto, de que ao menos mantive uma consciência lógica até certo ponto, que pelo menos não acrescentei nenhum fantasma da imaginação a uma imagem já bastante horripilante e que tudo poderia

ser explicado por uma espécie de ilusão cerebral muito diferente da alucinação de fato.

Mas esse não foi o motivo principal do meu primeiro desmaio. A assustadora provação aconteceu gradualmente, e os terrores subsequentes chegaram com o aumento sensível da velocidade da descida. Eles agora baixavam aquela corda infinitamente longa de forma muito rápida e ela me arranhava cruelmente nas paredes ásperas e estreitas do poço, enquanto descia a uma velocidade insana. Minhas roupas estavam em frangalhos, e eu sentia o sangue correndo por todo meu corpo sobre a crescente e excruciante dor que sentia. Além disso, meu nariz foi tomado por uma ameaça não muito definida: um fedor cada vez mais perceptível de coisas úmidas e mofadas, estranhamente diferente daqueles que eu conhecia e com leves sugestões de especiarias e incenso que conferiam um tom de zombaria à situação.

Então veio o cataclismo mental. Foi assustador, mais assustador do que qualquer linguagem articulada possa narrar, porque ocorreu na alma, sem qualquer detalhe que possa ser descrito. Era o êxtase do pesadelo e da quintessência do diabólico. A maneira repentina foi desencadeada de forma apocalíptica e infernal: em um momento, estava mergulhando, agonizante, naquele poço estreito, sentindo como se milhões de dentes estivessem a me torturar; e, logo depois, voava com asas de morcego no abismo do inferno, balançando-me por incontáveis quilômetros de espaço mofado e sem fim, subindo vertiginosamente para pináculos incomensuráveis de éter frio e, em seguida, mergulhando ofegante nos vácuos dos pontos mais baixos. Agradeço a Deus pela misericórdia do desmaio que me libertou daquelas Fúrias que rasgavam minha consciência e que quase desequilibraram minhas faculdades e destroçaram meu espírito como harpias! Essa pausa, embora breve, deu-me força e sanidade suficientes para resistir a sublimações ainda maiores do terror que me esperavam na estrada que ainda precisava ser percorrida.

2.

Foi aos poucos que recuperei os sentidos depois daquele voo horrível pelos espaços estígios. O processo foi incrivelmente doloroso, e colorido por sonhos fantásticos nos quais minha situação de cativo e amordaçado encontrou uma materialização única. A natureza exata dos sonhos parecia muito clara enquanto os experimentava, mas quase imediatamente se reduziram a uma mera impressão nebulosa por causa dos terríveis acontecimentos – reais ou imaginários – que se seguiram. Sonhei que uma

enorme e assustadora garra me prendia: uma garra amarela, peluda, dotada de cinco unhas, que emergira da terra para me apertar e me engolir. Quando parei para refletir o que aquela garra significava, pareceu-me que simbolizava o Egito. Naquele sonho, repassei os eventos das semanas anteriores e vi que eu havia sido atraído e preso lentamente, de forma sutil e insidiosa, por algum espírito infernal da feitiçaria antiga do Nilo – algum espírito que existia no Egito antes de o homem surgir, e que continuará existindo depois que ele desaparecer.

Vi o horror e a antiguidade doentia do Egito, a aliança terrível que ele sempre manteve com os túmulos e os templos dos mortos. Vi procissões fantasmagóricas de sacerdotes com a cabeça de touro, de falcão, de gato e íbis; procissões de fantasmas que marchavam através de labirintos subterrâneos e avenidas de propileus titânicos, perto dos quais o homem é uma mosca, e rituais com sacrifícios inomináveis a deuses indescritíveis. Colossos de pedra marchavam na noite interminável dirigindo manadas de esfinges antropomórficas sorridentes para margens de imensos e estagnados rios de peixes. E, por trás de tudo isso, vi a malevolência inefável da necromancia primordial, negra e amorfa, gesticulando ganânciosamente no escuro para capturar e devorar o espírito que se atrevesse a zombar dela para desafiá-la.

Um melodrama sinistro de ódio e perseguição tomou forma em meu cérebro adormecido e vi a alma negra do Egito me escolhendo e me chamando com sussurros inaudíveis: chamando-me e atraindo-me, levando-me com o esplendor e o apelo de uma superfície sarracena, mas ainda me empurrando para as catacumbas antigas e os horrores de seu coração faraônico, morto e abismal.

Então os rostos daquele sonho adotaram traços humanos, e vi meu guia Abdul Reis usando vestes reais, com o sorriso da Esfinge em seu rosto. Eu sabia que aquele era o rosto de Quéfren, o Grande, que construíra a Segunda Pirâmide, mandara esculpir na face da Esfinge as características de seu próprio rosto e construíra o gigante templo cujos inumeráveis corredores os arqueólogos pensavam ter sido escavados na areia enigmática e na rocha silenciosa. Observei a mão longa, magra e rígida de Quéfren; a mesma mão longa, magra e rígida que eu havia visto na estátua de diorito preservada no Museu do Cairo – a estátua encontrada no terrível templo de entrada, e me surpreendi por não ter gritado quando a vi em Abdul Reis. Aquela mão! Ela era terrivelmente fria e estava me apertando. Tinha o frio e a rigidez do sarcófago... a frieza e a opressão do Egito imemorial... o Egito anoitecido das necrópoles... e dizem coisas terríveis sobre Quéfren...

Mas a essa altura eu comecei a acordar ou, pelo menos, a entrar em um estado de sono menos profundo do que o anterior. Eu me lembrava da luta no topo da pirâmide, dos beduínos traiçoeiros e de seu ataque perigoso, daquela descida terrível e de rolar e mergulhar enlouquecido em um vácuo gelado, impregnado de putrefação aromática. Percebi, então, que estava deitado em um chão de pedra e que as amarras ainda me agrediam com uma força inflexível. Fazia muito frio e eu parecia notar um fraco sopro de ar. Estava profundamente machucado pelas feridas e contusões que as paredes recortadas do poço me haviam causado, e a dor se intensificara para uma sensação de agulhadas e queimaduras lacerantes por causa de alguma particularidade pungente daquela brisa; o simples ato de me virar era suficiente para todo o meu corpo pulsar com uma agonia indescritível.

Quando me virei, senti um puxão vindo de cima e presumi que a corda com a qual eu havia sido levado para baixo ainda alcançava a superfície. Eu não sabia se os árabes a estavam segurando ou não. Eu também não fazia ideia da profundidade em que estava. O que notei foi que a escuridão ao meu redor era total, ou quase total, uma vez que não penetrava através da minha venda nenhum raio da luz da lua, mas não confiava em meus sentidos o suficiente para aceitar a sensação de ter descido por muito tempo como prova de que estava a uma grande profundidade.

Como eu estava em um espaço consideravelmente amplo que vinha da superfície através de uma abertura na rocha, perguntei-me se minha prisão seria a capela de entrada da velha pirâmide de Quéfren – o Templo da Esfinge. Talvez algum corredor interior que os guias não tivessem me mostrado durante a visita da manhã e de onde eu poderia escapar facilmente se conseguisse descobrir a direção da porta gradeada. Seria vagar em um labirinto, mas não seria pior do que outras experiências que haviam cruzado meu caminho no passado.

A primeira medida seria me livrar dos nós, da mordaça e da venda, algo que sabia que não seria muito difícil para mim, já que especialistas mais engenhosos do que aqueles árabes já tinham tentado me imobilizar de várias maneiras durante a minha longa e variada carreira escapista, sem nunca ter conseguido atrapalhar meus métodos.

Em seguida, ocorreu-me que talvez os árabes viessem ao meu encontro e me atacassem assim que tivessem a menor evidência de que eu havia escapado, o que aconteceria ao perceberem qualquer agitação na corda, que eles provavelmente ainda estavam segurando. Isso, naturalmente,

supondo que o lugar onde eu estava trancado fosse realmente o Templo da Esfinge construído por Quéfren. A abertura acima, onde quer que estivesse, não poderia estar longe de qualquer entrada comum e facilmente acessível perto da Esfinge – se, na verdade, estivesse de fato em uma profundidade realmente considerável da superfície, já que a área total conhecida pelos visitantes estava longe de ser enorme. Eu não havia notado nenhuma abertura na minha peregrinação diurna, mas tinha consciência de que essas coisas passam facilmente despercebidas no meio das areias amontoadas.

Pensando em todas essas coisas enquanto me encontrava deitado, revirado e amarrado no chão de pedra, quase me esqueci dos horrores da descida abismal e do balanço cavernoso que tinha me deixado inconsciente. Minha ideia naquele momento era apenas enganar os árabes, então resolvi tentar me libertar o quanto antes, evitando puxar a corda para não revelar minhas tentativas efetivas ou frustradas de fugir.

No entanto, isso era mais fácil de conceber do que executar. Algumas tentativas preliminares me mostraram que havia muito pouco que eu poderia fazer sem me movimentar consideravelmente. Não fiquei surpreso quando, após um esforço particularmente enérgico, comecei a notar que a corda começou a cair ao meu redor e em cima de mim. Evidentemente, os beduínos notaram meus movimentos e soltaram a ponta. Sem dúvida eles tinham corrido até a entrada do templo para me esperar com intenções assassinas.

A perspectiva não era muito agradável, mas eu já havia enfrentado situações piores sem pestanejar e não faria diferente agora. Antes de qualquer coisa, eu deveria me livrar das cordas e confiar na minha esperteza para escapar ileso do templo. É curioso como passei a acreditar que estava no antigo templo de Quéfren, perto da Esfinge, a uma curta distância da superfície.

Essa crença se desmoronou e os medos da existência de uma profundidade sobrenatural e de um mistério demoníaco voltaram a me assombrar por conta de uma circunstância que gerou terror e significância mesmo enquanto formulava meu plano filosófico. Contei-lhes que a corda caía sobre mim. Percebi depois que ela continuava se acumulando, de uma forma que nenhuma corda de tamanho normal conseguiria. Ela ganhou ímpeto e se transformou em uma avalanche, acumulando-se montanhosamente no chão e quase me enterrando sobre as colinas que se multiplicavam. Logo eu estava completamente enterrado, respirando com dificuldade enquanto o enrolamento me submergia e afogava.

Meus sentidos vacilaram novamente, e tentei inutilmente me livrar daquela tortura que era maior do que o ser humano pode suportar. Não era apenas o sentimento de que a vida e a respiração me escapavam pouco a pouco, mas o que aquela quantidade imensurável de corda significava, e saber dos abismos subterrâneos desconhecidos e incalculáveis que deviam estar ao meu redor naquele momento. Minha descida sem fim e o voo oscilante através desse reino espectral devia mesmo ter acontecido, e eu provavelmente estava deitado e desamparado em uma região desconhecida de cavernas perto do centro da Terra. A confirmação de tamanho terror era insuportável e, pela segunda vez, mergulhei em uma inconsciência misericordiosa.

Ao dizer inconsciência, não quero dizer que estava livre de sonhos. Pelo contrário, minha separação do mundo consciente foi marcada por visões de atrocidades indescritíveis. Deus! Quem dera não ter lido tanto sobre Egiptologia antes de ir àquele país, fonte de tanta escuridão e terror! Esse segundo desvanecimento permitiu que a compreensão arrepiante daquela terra e de seus segredos arcaicos invadisse minha mente adormecida e, por alguma coincidência detestável, meus sonhos giravam em torno de concepções antigas sobre os mortos e a sobrevivência de seus corpos e de suas almas além daqueles misteriosos túmulos que eram mais casas do que sepulturas. Lembrei-me – de um modo onírico que me alegra ter esquecido – da disposição única e complexa dos túmulos do Egito, bem como as estranhas e terríveis doutrinas que determinaram tal construção.

Aquelas pessoas só sabiam pensar sobre a morte e os mortos. Eles imaginavam uma ressurreição literal do corpo que os impelia a mumificá-lo com extremo cuidado e a preservar os órgãos vitais em vasos que depositavam ao lado do cadáver; mas, além de acreditar no corpo, acreditavam em dois outros elementos: na alma, que depois de pesada e aprovada por Osíris residiria na terra dos abençoados, e no escuro e portentoso *ka*, ou princípio vital, que vagava pelos mundos superior e inferior de uma maneira horrível, pedindo de vez em quando permissão para retornar ao corpo preservado, consumindo as oferendas de alimentos feitas pelos sacerdotes e membros da família piedosa na capela mortuária, e – como diziam os boatos – às vezes levando seu corpo ou sua réplica em madeira que sempre era enterrada ao lado dele para sair, maliciosamente, e executar certas missões especialmente repugnantes.

Por milhares de anos, esses corpos descansaram esplendidamente trancados, com o olhar vítreo virado para cima quando eles não eram visitados pelo *ka*, esperando pelo dia em que Osíris reunisse ambos – o *ka* e a alma –, e libertasse as rígidas legiões de mortos das casas do sono

enterradas. Seria um renascimento glorioso, mas nem todas as almas eram aceitas, nem todas as tumbas permaneceriam intactas, e por isso aconteciam alguns erros grotescos e anormalidades diabólicas. Até hoje os árabes falam sobre convocações impiedosas e cultos perniciosos em abismos esquecidos que somente os *kas* alados invisíveis e as múmias sem alma poderiam visitar e depois voltar ilesos.

Talvez as lendas mais terríveis sejam aquelas que se referem a certos produtos perversos do clericalismo decadente: *múmias compostas*, resultantes da união artificial de troncos e membros humanos com cabeças de animais, em uma tentativa de imitação dos antigos deuses. Os animais sagrados haviam sido mumificados em todos os estágios da história, de modo que touros, gatos, íbis, crocodilos e outros animais sagrados pudessem retornar um dia para a glória suprema. Mas somente na decadência eles misturaram o humano e o animal no mesmo corpo mumificado – durante a decadência, quando eles já não sabiam quais eram os direitos e as prerrogativas do *ka* e da alma.

Não se diz o que aconteceu com essas múmias compostas – pelo menos publicamente –, e é verdade que nenhum egiptólogo jamais encontrou alguma. Os boatos dos árabes são extravagantes e nada confiáveis. Chegaram até mesmo a insinuar que o velho Quéfren – o da Esfinge, a Segunda Pirâmide e a entrada do templo – vive nas profundezas do subsolo, casado com a horrível rainha Nitócris, e exerce seu domínio sobre as múmias que não são nem de homem nem de animais.

Com tudo isso – com Quéfren e sua consorte, e com os estranhos exércitos de mortos híbridos – eu sonhei; e por essa razão fico feliz que as formas exatas dos seres sonhados tenham desaparecido da minha memória. A visão mais horrível se referia a um assunto que eu havia me perguntado casualmente no dia anterior enquanto contemplava o grande enigma esculpido do deserto, imaginando a que profundezas ignoradas poderia encontrar-se conectado secretamente o templo próximo. Essa pergunta, então inocente e fugaz, adotou em meus sonhos um significado de loucura frenética e histérica. *Que anormalidade imensa e repugnante a escultura da Esfinge originalmente representava?*

Meu segundo despertar – se é que foi um despertar – constitui uma lembrança absolutamente terrível à qual nenhuma experiência da minha vida, exceto por uma coisa que aconteceu comigo depois, foi capaz de igualar. E isso considerando que minha vida tem sido mais cheia de aventuras do que a da maioria dos homens. Note que eu tinha perdido a consciência sob a cascata de corda que caíra sobre mim, cujo imenso

comprimento indicava que a profundidade em que eu estava era incrível. Agora, ao me recuperar, notei que todo o peso havia desaparecido. Ao me virar, percebi que, embora ainda estivesse amarrado, amordaçado e com a venda nos olhos, *algo removera completamente a avalanche de cânhamo asfixiante que me enterrara*. O que isso significava, é claro, só percebi gradualmente, mas, mesmo assim, acho que teria caído em inconsciência de novo se não me encontrasse naqueles momentos em um estado de exaustão emocional tão grande que nenhum horror seria capaz de fazer muita diferença. Eu estava sozinho... *com* o quê?

Antes que eu pudesse me torturar com qualquer nova reflexão, ou fazer qualquer novo esforço para me livrar daquelas cordas, outra circunstância foi revelada. Algumas dores que eu não havia experimentado antes estavam agora torturando meus braços e pernas, e me senti coberto por um sangue seco e abundante, muito mais do que meus cortes e arranhões anteriores poderiam ter-me feito derramar. Senti o peito perfurado por cem feridas, como se um íbis gigantesco e maligno tivesse me bicado. Obviamente, o ser que havia retirado a corda de mim era hostil e tinha começado a me infligir feridas terríveis até que, sem dúvida, alguma coisa o fez desistir. No entanto, minha reação naquele momento foi o oposto do que se poderia esperar. Em vez de me afundar em um abismo de desespero, senti renascer em mim novos espíritos e o desejo de agir, porque agora percebia que as forças do mal eram seres físicos que um homem sem medo poderia enfrentar de igual para igual.

Movido pela força desse pensamento, puxei os nós novamente, e usei de toda a arte de uma vida profissional para me libertar, como costumava fazer no meio do brilho dos holofotes e dos aplausos das multidões. Os detalhes familiares do meu procedimento de fuga começaram a me absorver, e agora que a longa corda tinha desaparecido, quase passara a acreditar que os horrores indescritíveis eram, afinal de contas, alucinações, e que não havia poço terrível, nem abismo insondável, nem corda infinita. Eu estaria, afinal, na entrada do templo de Quéfren, ao lado da Esfinge, e os árabes não teriam entrado secretamente para me torturar enquanto eu jazia ali, inerte? Em qualquer caso, eu tinha que escapar. Assim que estivesse de pé, desamarrado, sem a mordaça, e com os olhos abertos para qualquer brilho de luz vindo de qualquer ponto, eu realmente poderia lutar contra os inimigos malignos e traiçoeiros!

Não sei quanto tempo levei para me livrar de todos os nós. Deve ter sido muito mais do que nas minhas apresentações públicas, porque eu estava ferido, exausto e enfraquecido pelas experiências que tinha sofrido. Quando finalmente me libertei, respirando profundamente um ar frio,

úmido e perversamente aromático – o mais horrível desde que me amordaçaram –, senti-me entorpecido e cansado demais para me mexer. Permaneci deitado, tentando esticar meu corpo machucado por um período indefinido, e forçando meus olhos a fim de captar alguma luz que me desse uma pista sobre minha posição.

Gradualmente, minha força e flexibilidade foram voltando. No entanto, meus olhos não distinguiam nada. Quando me levantei, vacilante, perscrutei todas as direções, mas percebi apenas uma escuridão negra como ébano, tão intensa como se ainda estivesse vendado. Tentei usar minhas pernas, cobertas com uma crosta de sangue sob minhas calças esfarrapadas, e descobri que podia andar, embora não soubesse em que direção seguir. É claro que não deveria correr sem rumo e correr o risco de me afastar da entrada que estava procurando; assim, permaneci imóvel para perceber a direção do fluxo de ar frio e fétido carregado com o cheiro de sódio que eu nunca deixara de sentir. Aceitando o ponto de sua origem como a entrada para o abismo, tentei seguir essa trilha e andar direto para lá.

Eu costumava levar comigo uma caixa de fósforos e até uma pequena lanterna elétrica, mas, claro, os bolsos das minhas roupas rasgadas há muito haviam sido despojados de todos esses itens pesados. Enquanto avançava cautelosamente na escuridão, a corrente tornava-se mais forte e desagradável, até que finalmente se tornou nada menos que uma detestável corrente de vapor que fluía de alguma abertura, como a fumaça do gênio trancado na garrafa do pescador do conto oriental. Oriente... Egito... Na verdade, esse berço escuro da civilização sempre havia sido uma fonte de horrores e maravilhas indescritíveis!

Quanto mais eu pensava sobre a natureza daquele vento da caverna, mais aumentava a minha preocupação porque, apesar do odor, eu buscava sua origem considerando-a pelo menos como uma pista indireta para chegar ao mundo exterior, e agora eu claramente entendia que essa emanação fétida não poderia ter qualquer conexão ou relação com o ar puro do deserto da Líbia, mas devia ser essencialmente uma exalação vomitada pelos abismos sinistros. Portanto, eu estava me movendo na direção errada!

Depois de um momento de reflexão, decidi não refazer meus passos. Se me afastasse da corrente de ar, não teria pontos de referência de qualquer tipo, já que o chão de rocha relativamente plano não tinha traços discerníveis. Por outro lado, se seguisse a estranha corrente, sem dúvida alcançaria algum tipo de abertura, da qual poderia talvez fazer um desvio,

seguindo as paredes, para o lado oposto desse salão ciclópico, impossível de ser explorado de outra forma. Eu sabia que poderia falhar. Percebi que não estava na entrada do templo de Quéfren, conhecida pelos turistas. Tive a impressão de que aquele recinto era desconhecido até mesmo pelos arqueólogos, e que os curiosos e malévolos árabes que me trancaram o haviam descoberto acidentalmente. Se fosse esse o caso, haveria alguma abertura de saída para as partes conhecidas ou para o exterior?

Que provas eu tinha, afinal, de que essa era a entrada do templo? Por um momento, todas as minhas especulações tolas vieram à mente, e pensei naquela mistura vívida de impressões: a descida, a suspensão no espaço, a corda, as feridas e os sonhos que não poderiam ser mais do que simples sonhos. Teria o fim da minha vida chegado? Seria de fato misericordioso, se esse *fosse realmente* o fim? Não consegui encontrar uma resposta para nenhuma das minhas perguntas, e continuei pensando cada vez mais, até que o Destino me mergulhou pela terceira vez na inconsciência.

Dessa vez, não houve sonhos, pois o incidente repentino produzira uma impressão que me privara de todos os pensamentos conscientes ou subconscientes. Dei um passo em falso quando cheguei a um ponto em que a corrente repugnante de ar tornara-se forte o suficiente para oferecer resistência física real, e caí de cabeça em um trecho de enormes degraus de pedra, em um abismo de horror irremediável.

Considero que ter voltado a respirar novamente foi um tributo à vitalidade inerente do organismo humano saudável. Muitas vezes penso naquela noite e encontro uma nota de humor real nessas perdas repetidas de consciência; perdas de consciência cuja sucessão não me fazem lembrar de outra coisa senão dos melodramas cinematográficos grosseiros da época. Naturalmente, é possível que eu não tenha perdido a consciência em momento algum, e que todos os detalhes desse pesadelo subterrâneo fossem apenas sonhos de um longo coma que havia começado com o impacto da minha descida ao abismo e que terminou com o bálsamo curativo do ar exterior e do sol nascente que me encontraram deitado nas areias de Gizé, diante da face sardônica e banhada pelo alvorecer da Grande Esfinge.

Se for possível, prefiro acreditar nesta última explicação. Por isso, fiquei contente quando a polícia me disse que haviam encontrado a barreira na entrada do templo de Quéfren aberta, e que, de fato, havia uma rachadura considerável na superfície, em um canto da parte que ainda estava enterrada. Também fiquei feliz quando os médicos declararam que minhas feridas eram o que se poderia esperar depois de ter sido amarrado,

amordaçado e sofrido uma queda de uma grande altura – talvez em uma depressão na galeria interna do templo –, arrastar-me para a barreira externa e escapar, e outros incidentes como esse. Um diagnóstico que foi muito reconfortante e, no entanto, sei que deve haver algo mais. Aquela descida íngreme era demasiadamente real para ser esquecida, e é estranho que ninguém tenha conseguido encontrar o homem que corresponde à descrição de meu guia Abdul Reis, o Drogman, o guia da voz sepulcral que se assemelhava ao rei Quéfren e sorria como ele.

Fiz essa digressão na narrativa talvez com a esperança de evitar o incidente final; aquele incidente que foi mais certamente uma alucinação. Mas prometi contar, e vou cumprir minha promessa. Quando me recuperei – ou achei que me recuperei – depois de cair daquela escadaria de pedra, sentia-me tão solitário e na escuridão quanto antes. O vento, que anteriormente parecia nauseante para mim, era agora um fetiche demoníaco. No entanto, acostumei-me o suficiente a ele para aguentar de forma estoica. Atordoado, comecei a me arrastar para longe do lugar de onde o vento pútrido surgia, e, com as mãos ensanguentadas, senti os blocos colossais de um enorme pavimento. Em seguida, minha cabeça colidiu contra um objeto duro e, ao tocá-lo, descobri que era a base de uma coluna: uma coluna de proporções incrivelmente imensas, cuja superfície estava coberta de gigantescos hieróglifos bem perceptíveis ao toque.

Continuei rastejando, tropeçando em mais colunas titânicas, separadas umas das outras em intervalos incompreensíveis, quando de repente minha atenção foi atraída por algo que deve ter impressionado minha audição subconsciente antes que meu ouvido consciente o captasse.

De algum abismo inferior das entranhas da terra brotaram certos *sons*, rítmicos e definidos, como eu nunca ouvira antes. Quase intuitivamente percebi que eram acordes muito antigos e claramente cerimoniais, e minhas leituras sobre Egiptologia me fizeram associá-las à flauta, à sambuca, ao sistro e ao tímpano. Em seus sons, zumbidos, chocalhos e percussões, senti uma qualidade avassaladora que superou todos os terrores conhecidos da Terra, uma qualidade singularmente dissociada do medo pessoal e que assumiu a forma de uma espécie de piedade objetiva em relação ao nosso planeta, que deve abrigar em suas profundezas as coisas terríveis que devem estar por trás dessas cacofonias egípcias. O volume aumentou e eu entendi que ele estava se aproximando. Então – e espero que os deuses de todos os panteões me impeçam de ouvir algo como isso de novo –, comecei a ouvir fracamente, à distância, os passos mórbidos e milenares de alguns seres que avançavam.

Era tenebroso que passos tão irregulares marchassem em um ritmo tão perfeito. Houvera, sem dúvida, um treinamento de milhares de anos ímpios para aquela marcha de monstruosidades secretas da Terra. Avançavam com um passo silencioso, sonoro, solene, plano, alto, pesado, arrastado... ao som dos desacertos detestáveis daqueles instrumentos burlescos. Então – que Deus apague da minha mente a memória dessas lendas árabes! –, as múmias sem alma, o ponto de encontro dos *kas* errantes, as hordas de mortos faraônicos condenados por quarenta séculos, as *múmias compostas*, guiadas pelos imensos vazios de ônix pelo rei Quéfren e sua macabra rainha Nitócris...

Os passos estavam se aproximando. Que o céu me liberte do som daqueles pés e garras e cascos e pernas, que começou a se tornar tão claro! Na amplidão sem limites do pavimento escuro, um lampejo de luz cintilou no meio do vento malcheiroso, e eu me escondi atrás do enorme cilindro de uma coluna ciclópica para escapar por um momento do horror que se aproximava lentamente, com milhões de pés, viajando gigantescamente naqueles gigantescos salões de antiguidade fóbica. O lampejo de luz aumentou e os passos e o ritmo dissonante cresciam a um ritmo enlouquecedor, atingindo proporções terríveis. No lampejo da luz laranja, uma cena aterrorizante surgiu tão vagamente que abri a boca, tomado por um espanto que me fez esquecer o medo e a relutância que sentia. Bases de colunas cujos eixos se estendiam além de onde alcançava a vista, bases próximas às quais a Torre Eiffel pareceria insignificante, hieróglifos gravados por mãos inimagináveis em cavernas onde a luz do dia era apenas uma lenda remota...

Eu *não iria olhar* para aqueles seres que avançavam. Decidi isso ao ouvir o ranger das articulações e o arfar sulfuroso que elevava-se acima da música sepulcral e dos passos dos mortos. Foi misericordioso que eles não falassem... mas, meu Deus, *suas tochas loucas começaram a lançar sombras naquelas colunas tremendas. Hipopótamos não devem ter mãos humanas, nem carregar tochas, e os homens não deviam ter cabeça de crocodilo...*

Tentei desviar o olhar, mas as sombras, os sons e o mau cheiro invadiram tudo. Então lembrei-me de algo que costumava fazer quando criança, quando tinha um pesadelo e estava semiconsciente, e comecei a repetir para mim mesmo: “É um sonho! É um sonho!”, mas não ajudou. Tudo que pude fazer foi fechar os olhos e rezar; pelo menos é o que acho que fiz, já que nunca se tem certeza durante as visões; porque eu sei que foi isso e nada mais. Eu me perguntava se voltaria ao mundo novamente, e às vezes abria meus olhos furtivamente para ver se conseguia distinguir alguns detalhes do lugar, além do vento cheio de aroma e podridão, das

intermináveis colunas e das sombras que criavam horrores abomináveis e anormais. O brilho crepitante de uma multidão de tochas agora me cegava, e a menos que aquele lugar infernal não tivesse parede alguma, logo descobriria algum tipo de limite ou sinal. Mas tive que fechar meus olhos novamente quando percebi a quantidade de seres que estavam se reunindo... principalmente quando avistei algo que andava solene e determinado, sem corpo da cintura para cima.

Um gorgolejo infernal e ululante de cadáveres ou um ressonar de mortos agora rasgava a atmosfera – uma atmosfera podre e venenosa que cheirava a jatos de nafta e de betume –, jorrando do coro em concerto da legião macabra que formava aqueles híbridos de blasfêmia. Meus olhos, perversamente abertos, contemplaram por um momento uma visão que nenhuma criatura humana seria capaz de imaginar sem estremecer de pânico e perder a consciência. Os seres tinham se alinhado cerimoniosamente na direção do vento fétido, onde a luz das tochas mostrava suas cabeças arqueadas, ou as cabeças daqueles que as tinham. Estavam se prostrando em uma atitude de adoração diante de uma grande abertura negra da qual o cheiro putrefato brotava, cujo fim as vistas não conseguiam alcançar e a qual, como pude ver, era ladeada por duas escadarias gigantescas em ângulos retos cujo fim se perdia nas sombras. Uma delas, evidentemente, era a escada pela qual eu caíra.

As dimensões do buraco eram totalmente proporcionais às das colunas: uma casa comum teria se perdido lá dentro, e qualquer edifício público de tamanho normal poderia ser colocado e retirado dali com toda a folga. Era uma superfície tão vasta que só movendo os olhos se podia alcançar seus limites; e era imenso, assustadoramente negro, e aromaticamente pestilento... E, na frente daquela entrada digna de Polifemo, aqueles seres jogavam coisas, obviamente oferendas religiosas ou sacrifícios, a se julgar pelos seus gestos. Quéfren era o líder: o rei Quéfren, ou o guia Abdul Reis, rindo com desprezo, coroado com seu *pshent*[9] dourado e entoando fórmulas infindáveis com a voz cavernosa dos mortos. Ao lado dele estava ajoelhada a linda rainha Nitócris, a quem vi de perfil por um momento, e notei que a metade direita do rosto dela tinha sido devorada por ratos ou outros espíritos. Fechei os olhos novamente quando vi quais eram os objetos que eles lançavam como oferendas na abertura fétida, ou à possível divindade que ela abrigava.

Ocorreu-me que, a julgar pela complexidade desse ritual, a divindade oculta deveria ser extremamente poderosa. Seria Osíris ou Ísis, Hórus ou Anúbis, ou talvez algum deus desconhecido dos mortos, ainda mais importante e supremo? Há uma lenda que diz que altares terríveis e

colossais foram erguidos em honra de um deus desconhecido, antes mesmo que os deuses conhecidos fossem adorados...

Então, enquanto eu lutava para observar a adoração sepulcral e extasiada daqueles seres indescritíveis, ocorreu-me a ideia de como escapar. O recinto estava escuro e as colunas, envoltas em sombras. Com todas as criaturas que compunham aquela multidão de pesadelos imersas em uma adoração terrível, eu tinha alguma chance de me esgueirar sorrateiramente até uma das escadas e subir sem ser visto, e confiando no Destino para conseguir escapar para os níveis superiores. Eu não sabia e não tinha parado para pensar sobre onde eu estava, e por um momento foi divertido planejar seriamente uma fuga do que eu sabia que era um sonho. Será que eu estava em uma região escondida e desconhecida nos níveis inferiores do templo de entrada de Quéfren... aquele templo que por séculos e séculos tem sido persistentemente chamado de Templo da Esfinge? Eu não poderia conjecturar, mas decidi subir para a vida e para a consciência, se meu juízo e meus músculos me ajudassem.

Encolhido, comecei a ansiosa jornada até o pé da escada à esquerda, que parecia a mais próxima das duas. Não consigo descrever os incidentes e sensações que experimentei durante aquela marcha lenta e arrastada, mas você pode imaginá-las se pensar no que tive que presenciar de perto à luz maligna das tochas sacudidas pelo vento para evitar ser descoberto. Como eu disse, o pé da escada estava submerso nas sombras, pois devia subir direto até a planície vertiginosa, protegido por um peitoril que se erguia acima da abertura titânica. Isso colocava o último estágio da minha subida a alguma distância da repugnante multidão, embora o espetáculo me causasse calafrios, mesmo quando já o via de longe, à minha direita.

Finalmente, consegui alcançar os degraus e comecei a subir, mantendo-me colado à parede – onde observei que havia decorações da natureza mais assustadora – e confiando minha segurança ao interesse extasiado e absorto com que as monstruosidades olhavam para a abertura de vento fétido e a comida perversa que haviam jogado no pavimento à frente dela. A escada era enorme e íngreme, construída com grandes blocos de pedra, como se tivesse sido feita para pés de gigantes, e a subida parecia virtualmente infinita. O medo de ser descoberto e a dor que o novo exercício tinha despertado em todas as minhas feridas combinaram-se para tornar essa subida uma memória agonizante. Eu havia decidido que, quando chegasse ao patamar, continuaria subindo imediatamente qualquer escada que lá houvesse, sem parar para dar uma última olhada nas abominações de carniça que marchavam e se ajoelhavam a cerca de vinte e cinco ou trinta metros abaixo... No entanto, quando estava quase

chegando ao fim da escada, uma repentina repetição daquele gorgulho estrondoso ou ressonar do coro de cadáveres recomeçou. Sua cadência cerimonial indicava-me que não havia perigo de ser descoberto, por isso parei e olhei cuidadosamente para o peitoril.

As monstruosidades estavam saudando algo que tinha saído da abertura para agarrar a horrível comida oferecida. Era um ser tremendamente grande, mesmo visto da minha altura; um ser amarelado e peludo, dotado de uma espécie de movimento nervoso. Era enorme, talvez como um hipopótamo de grandes proporções, embora de uma forma única. Parecia não ter pescoço, mas cinco cabeças separadas e peludas que emergiam em fileira de um tronco cilíndrico rudimentar. A primeira era muito pequena; a segunda, de tamanho normal; a terceira e a quarta eram iguais e pareciam ser as maiores de todas; a quinta era menor, embora não tão diminuta quanto a primeira.

Dessas cabeças saíam alguns tentáculos curiosos e rígidos que avidamente abocanhavam enormes quantidades do alimento indescritível depositado diante da abertura. De vez em quando, a coisa pulava e às vezes recuava para sua toca de uma maneira muito curiosa. Sua forma de locomoção era tão inexplicável que eu observava fascinado, desejando que ela saísse um pouco mais do buraco cavernoso abaixo de mim.

E então *ela saiu*... *Ela saiu* e, diante daquela visão, virei-me e fugi pela escuridão para o topo das escadas que estavam atrás de mim. Fugi enlouquecido pelos incríveis degraus, escadas e rampas, sem que nem a visão humana nem a lógica me guiassem, em uma jornada insana que devo eternamente relegar ao mundo dos sonhos por falta de confirmação. Deve ter sido um sonho; do contrário, a aurora nunca teria me encontrado respirando nas areias de Gizé, diante do rosto sarcástico e extasiado da Grande Esfinge.

A Grande Esfinge! Deus! Aquela pergunta tola que me fizera na manhã anterior abençoada pelo sol: *que anormalidade imensa e repugnante a escultura da Esfinge originalmente representava?* Maldita seja a visão, seja ela sonhada ou não, que me relevou aquele terror supremo – o Deus desconhecido dos Mortos, que lambe seus lábios colossais no abismo inesperado e se alimenta das horrendas peças que lhe oferecem criaturas impuras que não deveriam existir. O monstro de cinco cabeças que surgiu... aquele monstro de cinco cabeças, do tamanho de um hipopótamo... o monstro de cinco cabeças – aquele do qual estas eram simplesmente a pata dianteira...

Mas sobrevivi, e sei que foi apenas um sonho.

1. Ferdinand Marie Lesseps (1805-1894). Engenheiro francês que construiu o Canal de Suez. (N. do T.)

2. Guia de viagem publicado pelo alemão Karl Baedeker (1801-1859) e continuado por seus sucessores. (N. do T.)

3. *Km*, também grafado Kem ou Kmt, é a representação fonética de um hieróglifo cujas acepções podem ser tanto “preto” quanto “Egito”.

4. *Mastaba* refere-se a um tipo de túmulo do Antigo Egito, em formato de base piramidal. Foi o gênero de edifício que precedeu e preparou a construção das verdadeiras pirâmides. Eram construídos em pedra calcária ou em tijolos de argila.

5. *Ka* refere-se ao elemento imaterial, invisível, volátil e, de certa forma, metafórico, que assegurava a sobrevivência dos homens neste mundo e lhes conferia a vida eterna no outro. É a essência ou substância vital que distingue o ser vivo do morto. Seria uma das partes do que a concepção cristã vê como alma.

6. Tutemés IV foi o oitavo rei da XVIII dinastia egípcia. Enquanto ainda era príncipe, sonhou que durante uma expedição de caça no deserto parou para descansar à sombra da Esfinge. A Esfinge, então, dirigiu-lhe a palavra e disse que ele se tornaria rei se removesse a areia na qual ela estava quase que totalmente enterrada. Depois de atender ao pedido da Esfinge, ele se tornou faraó e ergueu uma tábua que conta o sonho que teve.

7. *Baksheesh*: gorjeta ou propina, em alguns países orientais. (N. do T.)

8. *Tarbush*: pequeno chapéu de feltro ou pano muitas vezes utilizado em conjunto com um turbante.

9. *Pshent* era a coroa dupla usada pelos governantes no antigo Egito. Combinava a Coroa Branca Hedjet do Alto Egito e a Coroa Deshret Vermelha do Baixo Egito. O *pshent* representava o poder do faraó sobre todo o Egito unificado. (N. do T.)

O NAVIO BRANCO

O NAVIO BRANCO

1ª EDIÇÃO

Apresentação

Não é por acaso que *O navio branco* dá nome a esse volume. Trata-se de uma obra em que Lovecraft faz uso à exaustão de recursos descritivos – objetivos e subjetivos – dos cenários e personagens. Essa certamente não é uma característica pela qual o mestre do terror é mundialmente conhecido, o que nos mostra como sua genialidade pode permear qualquer campo da escrita. Nela conhecemos Basil Elton, um vigia de farol que, nas noites em que há luar, enxerga ao longe um navio branco e misterioso. Em dado momento, Basil é convidado pelo simpático capitão do navio para juntar-se à tripulação e conhecer terras repletas de maravilhas inimagináveis.

Já *O modelo de Pickman* não causa estranheza a quem está acostumado com o horror das narrativas de Lovecraft. O conto gira em torno do pintor Richard Upton Pickman, famoso por criar obras bizarras e repugnantes. O que chama atenção nesse conto é a forma magistral com que o autor combina elementos do horror, do místico e da arte, produzindo uma história tão bela quanto assustadora.

Em *Ar frio*, o leitor vai se deparar com uma história arrepiante, perturbadora e, se estiver familiarizado, vai perceber a influência da escrita de Edgar Allan Poe na composição do conto. É sabido que Lovecraft admirava muito o autor de *O corvo*.

O presente volume traz outros seis contos tão admiráveis quanto, mas, para evitar delongas e não causar maior ansiedade ao leitor, esta apresentação termina por aqui.

Boa leitura.

1
O navio branco

Sou Basil Elton, faroleiro do farol de North Point, do qual meu pai e meu avô cuidaram antes de mim. Longe da orla, ergue-se a construção cinza, acima de pedras musguentas visíveis na maré baixa, mas ocultas pela maré alta. Além do lume, por mais de um século singraram as majestosas barcas dos sete mares. Na época do meu avô, elas eram muitas; na época do meu pai, nem tantas; e hoje são tão poucas que eu às vezes sinto uma estranha solidão, como se eu fosse o último homem sobre a Terra.

De praias distantes vinham os antigos galeões de velas brancas; de longínquas praias orientais, onde o sol brilha e perfumes doces envolvem jardins exóticos e alegres templos. Os velhos lobos-do-mar amiúde vinham fazer visitas ao meu avô e contar histórias que ele mais tarde contou ao meu pai, e o meu pai a mim nas longas noites de outono quando escutávamos o uivo lúgubre do vento leste. E li mais sobre essas coisas, e também sobre muitas outras, nos livros que os homens me deram quando eu era jovem e deslumbrado com o mundo.

Porém, ainda mais deslumbrante do que a sabedoria dos anciãos e a sabedoria dos livros é a sabedoria oculta do oceano. Azul, verde, cinza, branco ou preto; calmo, encapelado ou montanhoso; o oceano não se cala. Passei a vida inteira olhando e escutando o mar, e hoje o conheço bem. No início, ele só me contava histórias simples sobre praias calmas e portos vizinhos, mas com o passar dos anos tornou-se meu amigo e falou sobre outras coisas; coisas mais estranhas e mais distantes no espaço e no tempo. Certas vezes, ao entardecer, os vapores cinzentos do horizonte abriam-se para me oferecer uma visão dos caminhos além; e certas vezes, à noite, as águas profundas do oceano faziam-se claras e fosforescentes para me oferecer uma visão dos caminhos abaixo. E essas visões eram tanto dos caminhos que foram e poderiam ser como dos que ainda são, pois o oceano é mais antigo que as montanhas e carrega as memórias e os sonhos do Tempo.

Era do sul que o Navio Branco vinha quando a lua cheia pairava alta nos

céus. Era do sul que vogava suave e silente pelas águas do mar. E independentemente de o mar estar calmo ou agitado, de os ventos serem favoráveis ou não, o Navio Branco sempre vogava suave e silente, com as velas distantes e as fileiras de estranhos remos movendo-se em um único compasso. Uma vez, à noite, vi um homem de barba e manto no convés, que com um aceno pareceu convidar-me para uma viagem rumo a terras desconhecidas. Vi-o em muitas outras noites de lua cheia, porém, nunca mais acenou.

A lua estava muito clara na noite em que respondi ao chamado, e caminhei pelas águas até o Navio Branco em uma ponte de luar. O homem que havia acenado deu-me boas-vindas em uma língua suave que eu parecia conhecer bem, e as horas passaram em meio às doces canções dos remadores, enquanto vogávamos rumo ao sul misterioso, tingido de ouro com o brilho cintilante da lua cheia.

E quando o dia raiou, rosado e esplendoroso, vislumbrei a silhueta verde de terras longínquas, vistosas e belas, e a mim desconhecidas. Do mar erguiam-se terraços altaneiros com folhagens, repletos de árvores, que revelavam aqui e acolá os telhados brancos e as colunatas refulgentes de estranhos templos. Enquanto nos aproximávamos da orla, o homem barbado falou sobre aquela terra, a terra de Zar, onde habitavam todos os sonhos e pensamentos belos que já ocorreram aos homens e foram mais tarde esquecidos. E, quando olhei mais uma vez para os terraços, vi que era verdade, pois no panorama diante dos meus olhos havia muitas coisas que alguma vez eu vira por entre as névoas do horizonte e nas profundezas cintilantes do oceano. Havia também formas e fantasias mais esplêndidas do que qualquer outra que eu jamais houvesse vislumbrado; visões de jovens poetas que morreram na penúria antes que o mundo pudesse saber o que tinham visto e com o que tinham sonhado. Mas não desembarcamos nos pastos íngremes de Zar, pois, segundo a lenda, os que pisam naquelas terras podem nunca mais voltar ao porto de onde vieram.

Enquanto o Navio Branco se afastava em silêncio dos terraços de Zar, divisamos no horizonte à frente os coruchéus de uma cidade esplendorosa, e o homem disse, “Eis Thalarion, a Cidade das Mil Maravilhas, onde moram todos os mistérios que o homem tentou em vão desvendar”. Olhei outra vez, mais de perto, e notei que a cidade era maior do que qualquer outra que eu tivesse visto ou sonhado. Os coruchéus dos templos desapareciam nos céus, de modo que era impossível divisar seus cumes; e, além do horizonte, estendiam-se as muralhas cinzas e sombrias por detrás das quais se viam apenas alguns telhados, bizarros e soturnos, mas adornados com frisos trabalhados e formosas esculturas. Eu ansiava

por entrar nessa cidade incrível e a um só tempo repulsiva, e implorei ao homem de barba que me deixasse no píer junto ao enorme portão lavrado Akariel; mas ele, cheio de bondade, negou meu pedido dizendo: “Muitos já adentraram Thalarion, a Cidade das Mil Maravilhas, mas ninguém retornou. Lá não há nada além de demônios e criaturas desvairadas que perderam a humanidade, e de ruas brancas com as ossadas insepultas dos que olharam para o espectro Lathi, que preside a cidade”. E o Navio Branco foi adiante até deixar para trás as muralhas de Thalarion e seguiu por muitos dias um pássaro que voava rumo ao sul, cuja plumagem reluzente tinha a mesma cor do céu de onde havia surgido.

Então chegamos a um litoral agradável com flores de todas as cores, onde lindos bosques e arvoredos radiantes estendiam-se até onde a vista alcançava, sob o calor do sol meridional. Dos caramanchões além do horizonte vinham explosões de música e trechos de harmonia lírica intercalados por risadas tão deliciosas que apressei os remadores para chegarmos o mais rápido possível àquela cena. O homem barbado não disse uma palavra, mas ficou me observando enquanto nos aproximávamos da costa salpicada de lírios. De repente, uma brisa cruzou os prados floridos e os bosques folhosos e trouxe consigo um perfume que me fez estremecer. O vento foi ganhando força e o ar encheu-se com o odor letal e pútrido das cidades com covas abertas e flageladas pela peste. E enquanto nos afastávamos como loucos daquele litoral abominável, o homem de barba enfim disse: “Eis Xura, a Terra dos Prazeres Inalcançados”.

Mais uma vez o Navio Branco seguiu o pássaro celeste pelos mares cálidos e abençoados, impelido por suaves brisas fragrantes. Dia após dia e noite após noite navegamos, e quando a lua estava cheia escutávamos a canção dos remadores, doce como naquela noite distante em que zarpamos da minha longínqua terra natal. E foi ao brilho do luar que enfim ancoramos no porto de Sona-Nyl, vigiado por dois promontórios de cristal que se erguem do mar e tocam-se em uma arcada resplendente. É o País dos Devaneios, e caminhamos até a orla verdejante em uma ponte de luar dourado.

No País de Sona-Nyl não existe tempo nem espaço, sofrimento nem morte; e lá morei por muitos éons. Verdes são os bosques e arvoredos, claras e fragrantes as flores, azuis e musicais os córregos, límpidas e frias as fontes e opulentos e maravilhosos os templos, castelos e cidades de Sona-Nyl. Lá não existem fronteiras, pois além de cada panorama de beleza ergue-se outro ainda mais vistoso. Pelo campo afora e em meio ao esplendor das cidades, as pessoas felizes movem-se a seu bel-prazer, todas abençoadas

com a graça imaculada e a felicidade mais pura. Pelos éons em que lá estive, vaguei cheio de alegria por jardins onde templos extravagantes espreitam por detrás de arbustos, e onde os passeios brancos são ladeados por flores delicadas. Subi morros suaves e, das alturas, avistei panoramas encantadores de beleza, com vilarejos cheios de coruchéus aninhados em vales verdejantes, e as cúpulas douradas de cidades colossais a brilhar no horizonte infinitamente longínquo. E ao luar pude ver o mar refulgente, os promontórios cristalinos e o porto plácido em que o Navio Branco estava ancorado.

Foi contra a lua cheia que um dia, no ano imemorial de Tharp, divisei a silhueta do pássaro celestial que me chamava e senti os primeiros sinais de inquietude. Falei com o homem barbado e contei-lhe o desejo que eu sentia de viajar até a distante Cathuria, jamais vista por nenhum mortal, mas que se acreditava estar além dos pilares basálticos do Ocidente. É o País da Esperança, onde refulgem os ideais perfeitos de tudo o que se conhece em outros lugares; ao menos é o que dizem. Mas o homem barbado disse-me: "Cuidado com os mares traiçoeiros onde dizem que Cathuria fica. Em Sona-Nyl não existe sofrimento nem morte, mas quem sabe ao certo o que se esconde além dos pilares basálticos do Ocidente?" Todavia, quando a lua voltou a ficar cheia, embarquei no Navio Branco e, com o relutante homem barbado, deixei para trás o alegre porto rumo a mares nunca antes desbravados.

E o pássaro celeste voava adiante de mim e conduzia-nos aos pilares basálticos do Ocidente, mas dessa vez os remadores não cantavam nenhuma canção doce sob a lua cheia. Em minha fantasia, eu imaginava o desconhecido País de Cathuria com esplêndidos bosques e palácios e me perguntava que novas delícias estariam à minha espera. "Cathuria", eu dizia para mim mesmo, "é a morada dos deuses e o país das incontáveis cidades de ouro. As florestas são de aloe e sândalo, como os bosques fragrantes de Camorin, e por entre as árvores esvoaçam pássaros alegres, cheios de doçura e música. Nas montanhas verdes e floridas de Cathuria erguem-se templos de mármore rosa, que ostentam glórias entalhadas e pintadas, com fontes argênteas pelos pátios, onde as águas fragrantes do rio Narg, que nasce em uma gruta, sussurram melodias encantadoras. As cidades da Cathuria são cercadas por muralhas áureas, e suas calçadas também são de ouro. Nos jardins dessas cidades há estranhas orquídeas e lagos perfumados, cujos leitos são coral e âmbar. À noite, as ruas e os jardins são iluminados por alegres lanternas feitas com o casco tricolor da tartaruga, e lá ressoam as notas suaves do cantor e do alaúde. E as casas nas cidades de Cathuria são todas palácios, construídas sobre um canal

fragrante no qual correm as águas do sagrado Narg. De mármore e pórfiro são as casas, cobertas por um ouro reluzente que reflete os raios do sol e aumenta o esplendor das cidades tal como os deuses, satisfeitos, veem-nas dos picos mais elevados. A mais bela construção é o palácio do grande monarca Dorieb, que alguns dizem ser um semideus, outros, um deus. Altaneiro é o palácio de Dorieb, e vários os torreões de mármore em suas muralhas. Em seus amplos salões, as multidões reúnem-se, e lá estão pendurados os troféus de todas eras. E o teto é de ouro maciço, sustentado por altos pilares de rubi e lápis-lazúli com figuras entalhadas na forma de deuses e heróis, de modo que quem ergue os olhos àquelas alturas tem a impressão de vislumbrar o próprio Olimpo. O piso dos palácios é de vidro, e por debaixo do cristal correm as águas iluminadas do Narg, alegres, com peixes vistosos, desconhecidos de todos além das fronteiras da adorável Cathuria".

Era assim que eu falava comigo mesmo sobre Cathuria, mas o homem de barba sempre me aconselhava a voltar para as alegres praias de Sona-Nyl, pois Sona-Nyl é conhecida dos homens, enquanto ninguém jamais vislumbrou Cathuria.

E no trigésimo primeiro dia seguindo o pássaro, divisamos os pilares basálticos do Ocidente.

Surgiram envoltos em névoa, de modo que era impossível ver o que se escondia além deles ou mesmo seus cumes – que alguns dizem alçar-se até os céus. E o homem barbado mais uma vez implorou para que eu voltasse atrás, mas não lhe dei ouvidos; pois, das névoas para além dos pilares basálticos, eu imaginava ouvir as notas de cantores e alaúdes, mais doces do que as mais doces canções de Sona-Nyl, e soando meus próprios louvores; louvores a mim, que tinha viajado para longe da lua cheia e estado no País do Devaneio. Assim, ao som da melodia, o Navio Branco vogou rumo à névoa entre os pilares basálticos do Ocidente. E quando a música cessou e a névoa baixou, vislumbramos não o País de Cathuria, mas um mar de correnteza irresistível, que arrastava nossa nau indefesa rumo ao desconhecido. Logo nossos ouvidos captaram o troar longínquo de cachoeiras e, diante de nossos olhos, assomou no horizonte a espuma titânica de uma catarata monstruosa, na qual os oceanos do mundo deságuam em um vazio abissal. Foi então que o homem barbado disse-se, com lágrimas a rolar pelo rosto: "Nós rejeitamos a beleza do lindo País de Sona-Nyl, que podemos nunca mais rever. Os deuses são mais grandiosos que os homens, e eles venceram". Fechei meus olhos antes do estrondo que viria a seguir, perdendo de vista o pássaro celestial que ruflou as zombeteiras asas cerúleas em provocação sobre a borda da torrente.

Após o estrondo veio a escuridão, e ouvi gritos de homens e de coisas inumanas. Do Oriente sopraram ventos tempestuosos, que me enregelaram quando agachei-me na prancha de pedra úmida que havia se erguido sob os meus pés. Então, depois de mais um estrondo, abri os olhos e me vi na plataforma do farol, de onde eu zarpara tantos éons atrás. Na escuridão lá embaixo avultava a enorme silhueta difusa de uma embarcação que se chocava contra escolhos cruéis, e, quando tirei os olhos do naufrágio, percebi que o farol havia falhado pela primeira vez desde que o meu avô o tomara sob seus cuidados.

No avançado da ronda, entrei na torre e, na parede, descobri um calendário que permanecia tal como eu o havia deixado quando parti. Com o raiar do dia, desci a torre e fui procurar os destroços nos escolhos, mas só o que encontrei foi um estranho pássaro morto, azul como o céu, e uma única verga destroçada, de brancura mais intensa que a da espuma na crista das ondas e da neve nas montanhas.

E desde então o oceano jamais voltou a me contar segredos; e ainda que por muitas vezes a lua cheia tenha brilhado alta nos céus, o Navio Branco do sul nunca mais retornou.

2
Celephaïs

Em um sonho, Kuranes viu a cidade no vale, e mais além a costa, e o pico nevado fazendo sombra no mar, e as galeras de cores alegres que saem do porto rumo às regiões longínquas onde o mar encontra o céu. Foi também em um sonho que recebeu o nome de Kuranes, pois em vigília era chamado por outro nome. Talvez fosse natural que sonhasse outro nome, pois ele era o último remanescente da família, sozinho em meio à multidão indiferente em Londres, e não havia muitas pessoas para falar-lhe e lembrá-lo de quem havia sido. O dinheiro e as terras haviam ficado para trás, e ele não se importava com as outras pessoas, mas preferia sonhar e escrever sobre os sonhos. Esses relatos suscitavam o riso em quem os lia, de modo que, passado algum tempo, guardava-os para si mesmo, e por fim parou de escrever. Quanto mais se afastava do mundo ao redor, mais exuberantes tornavam-se os sonhos; e seria inútil tentar descrevê-los no papel. Kuranes não era moderno e não pensava como outros escritores. Enquanto eles tentavam arrancar o manto encantado que recobre a vida e mostrar uma realidade abjeta em todo o seu horror, Kuranes só se preocupava com a beleza. Quando a verdade e a experiência não eram suficientes para evocá-la, ele a buscava na fantasia e na ilusão, e a encontrava batendo à porta, em meio a lembranças nebulosas de histórias infantis e sonhos.

Poucas pessoas conhecem as maravilhas que as histórias e visões da infância são capazes de revelar; pois quando ainda crianças escutamos e sonhamos, pensamos meros pensamentos incompletos, e uma vez adultos tentamos relembrar, sentimo-nos prosaicos e embotados pelo veneno da vida. Mas há os que acordam na calada da noite com estranhas impressões de morros e jardins, de chafarizes que cantam ao sol, de penhascos dourados suspensos sobre o murmúrio do oceano, de planícies que se estendem até cidades adormecidas em bronze e pedra e de heróis que montam cavalos brancos caparazonados nos limites de densas florestas; e então sabemos que olhamos para trás, através dos portões de marfim, e avistamos o mundo incrível que nos pertencia antes de sermos sábios e

infelizes.

E, de repente, Kuranes reencontrou o antigo mundo de sua infância. Tinha sonhado com a casa em que nasceu; a enorme casa de pedra recoberta de hera, onde treze gerações de seus antepassados haviam morado, e onde esperava morrer. A lua brilhava, e Kuranes havia saído para a fragrante noite de verão, cruzado os jardins, descido os terraços, passado os enormes carvalhos do parque e seguido a estrada branca até o vilarejo. O vilarejo parecia muito antigo, carcomido nas bordas como a lua que começava a minguar, e Kuranes imaginou se os telhados triangulares das casinhas esconderiam o sono ou a morte.

Nas ruas, a grama crescia alta, e as janelas dos dois lados estavam ou quebradas ou espiando, curiosas. Kuranes não se deteve, mas seguiu adiante como se atendesse a um chamado. Não ousou ignorá-lo por temer que fosse uma ilusão como os desejos e ambições da vida, que não conduzem a objetivo algum. Então seguiu até uma estradinha que deixava o vilarejo em direção aos penhascos do canal e chegou ao fim de todas as coisas – ao precipício e ao abismo onde todo o vilarejo e o mundo inteiro caíam de repente no nada silencioso da infinitude, e onde até mesmo o céu parecia escuro e vazio sem os raios da lua decrépita e das estrelas vigilantes. A fé o impeliu adiante, além do precipício e para o interior do golfo, por onde desceu, desceu, desceu; passou por sonhos obscuros, amorfos, jamais sonhados, esferas cintilantes que poderiam ser partes de sonhos sonhados, e coisas aladas e risonhas que pareciam zombar dos sonhadores de todos os mundos. Então um rasgo pareceu abrir a escuridão adiante, e Kuranes viu a cidade no vale, resplandecendo ao longe, lá embaixo, contra um fundo de céu e mar com uma montanha nevada junto à costa.

Kuranes acordou assim que divisou a cidade, mas o breve relance não deixava dúvidas de que era Celephaïs, no Vale de Ooth-Nargai, além das Montanhas Tanarianas, onde seu espírito havia passado a eternidade de uma hora em uma tarde de verão em tempos longínquos, quando fugiu da governanta e deixou a quente brisa marítima embalar-lhe o sono enquanto observava as nuvens no rochedo próximo ao vilarejo. Ele protestou quando o encontraram, acordaram-no e levaram-no para casa, pois, no instante em que despertou estava prestes a zarpar em uma galera dourada, rumo às alentadoras regiões onde o mar encontra o céu. E no presente ele sentiu o mesmo ressentimento ao despertar, pois havia reencontrado a cidade fabulosa depois de quarenta anos.

Mas, passadas três noites Kuranes voltou mais uma vez a Celephaïs. Como

da outra vez, sonhou primeiro com o vilarejo adormecido ou morto, e com o abismo que se desce flutuando em silêncio; então o rasgo abriu-se mais uma vez na escuridão e ele vislumbrou os minaretes reluzentes da cidade, e viu as galeras graciosas ancoradas no porto azul, e observou as árvores de ginkgo no Monte Homem balançando ao sabor da brisa marítima. Mas desta vez ninguém o acordou e, como uma criatura alada, Kuranes aos poucos foi se aproximando de uma encosta verdejante até que seus pés estivessem firmes sobre a grama. De fato, ele havia retornado ao Vale de Ooth-Nargai e à esplendorosa cidade de Celephaïs.

Kuranes caminhou junto ao pé do morro, por entre a grama perfumada e as flores resplandecentes, cruzou os gorgolejos do Naraxa pela ponte de madeira onde havia entalhado seu nome tantos anos antes e atravessou o bosque sussurrante até a enorme ponte de pedra junto ao portão da cidade. Tudo era como nos velhos tempos: as muralhas de mármore seguiam imaculadas, e as estátuas de bronze em seu topo, lustrosas. E Kuranes viu que não precisava temer pelas coisas que conhecia, pois até mesmo os sentinelas nas muralhas eram os mesmos, e jovens como no dia em que os vira pela primeira vez. Quando entrou na cidade, além dos portões de bronze e das calçadas de ônix, os mercadores e os homens montados em camelos cumprimentaram-no como se jamais houvesse ido embora; o mesmo aconteceu no templo turquesa de Nath-Horthath, onde os sacerdotes ornados com coroas de orquídeas disseram-lhe que não existe tempo em Ooth-Nargai, apenas a juventude eterna. Então, Kuranes caminhou pela Rua dos Pilares em direção à muralha junto ao mar, onde ficavam os comerciantes e marinheiros, e os estranhos homens das regiões onde o mar encontra o céu. E lá ficou por muito tempo, contemplando o porto esplendoroso no qual as águas refletiam um sol desconhecido, e onde vogavam suaves as galeras vindas de mares longínquos. Contemplou também o Monte Homem, que se erguia altaneiro sobre o litoral, com as encostas mais baixas repletas de árvores balançantes e o cume branco a tocar o céu.

Mais do que nunca, Kuranes queria navegar em uma galera até as terras distantes sobre as quais tinha ouvido tantas histórias singulares e, assim, foi em busca do capitão que muito tempo antes prometera levá-lo. Encontrou o homem, Athib, sentado no mesmo baú de especiarias onde estava da outra vez, e Athib parecia não perceber que o tempo havia passado. Os dois remaram juntos até uma galera no porto e, dando ordens aos remadores, seguiram pelas águas do Mar Cerenariano, que acaba no céu. Por vários dias o navio deslizou sobre as águas, até alcançar enfim o horizonte, onde o mar encontra o céu. A galera não parou por um instante

e, sem a menor dificuldade, começou a flutuar pelo azul do céu em meio às felpudas nuvens rosadas. E, sob a quilha, Kuranes pôde ver países estranhos, rios e cidades de beleza ímpar banhados pelos raios de um sol que parecia jamais enfraquecer ou sumir. Passado algum tempo, Athib disse que a viagem estava chegando ao fim, e que eles logo desembarcariam no porto de Serannian, a cidade de mármore rosa nas nuvens, construída no litoral etéreo onde o vento oeste adentra o céu; mas, quando as torres lavradas da cidade surgiram no horizonte, ouviu-se um som em algum lugar no espaço, e Kuranes acordou no sótão em que morava em Londres.

Por muitos meses depois daquilo, Kuranes procurou em vão a resplandecente Celephaïs e as galeras celestes; e ainda que os sonhos o levassem a muitos lugares belos e inauditos, ninguém que encontrasse pelo caminho sabia dizer como encontrar Ooth-Nargai detrás das Montanhas Tanarianas. Certa noite, ele voou sobre montanhas sombrias onde havia fogueiras solitárias e esparsas, e manadas estranhas, de pelo desgrenhado e com sinetas no pescoço, e na parte mais selvagem dessa terra montanhosa, tão remota que poucos homens poderiam tê-la descoberto, encontrou uma terrível muralha ou barragem de pedra antiga que ziguezagueava por entre escarpas e vales; gigante demais para ter sido construída por homens, e de uma extensão tal que não se via nem seu começo nem seu fim. Além da muralha, no entardecer sombrio, Kuranes chegou a um país de singulares jardins e cerejeiras e, quando o sol nasceu, vislumbrou uma beleza tão intensa de flores brancas e vermelhas, folhagens e gramados, estradas brancas, riachos cristalinos, lagoas azuis, pontes lavradas e templos de telhado vermelho que, por um instante, esqueceu-se de Celephaïs, tamanho seu deleite. Mas voltou a lembrar-se da cidade ao caminhar por uma estrada branca em direção a um templo de telhado vermelho, e teria perguntado o caminho aos habitantes daquela terra se não tivesse descoberto que no local não havia homens, apenas pássaros e abelhas e borboletas. Em outra noite, Kuranes subiu uma interminável escadaria de pedra em espiral e chegou à janela de uma torre que dava para uma imponente planície e para um rio iluminado pelos raios da lua cheia; e na cidade silenciosa que se espraiava a partir da margem do rio pensou ter visto algum detalhe ou alguma configuração familiar. Teria descido e perguntado o caminho a Ooth-Nargai se não fosse pela temível aurora que assomou em algum lugar remoto além do horizonte, revelando a ruína e a antiguidade do lugar, a estagnação do rio juncoso e a morte que pairava sobre aquela terra desde que o rei Kynaratholis voltou das batalhas e defrontou-se com a vingança dos deuses.

Então Kuranes procurou em vão pela maravilhosa cidade de Celephaïs e pelas galeras que singram o firmamento até Serannian, vendo pelo caminho inúmeros prodígios e certa vez escapando por um triz de um alto sacerdote indescritível, que usa uma máscara de seda amarela sobre o rosto e vive isolado em um monastério pré-histórico no inóspito platô gelado de Leng. No fim, ele estava tão impaciente com os áridos intervalos entre uma noite e outra que decidiu comprar drogas para dormir mais. O haxixe ajudava um bocado, e uma vez mandou-o a uma zona do espaço onde não existem formas, mas gases cintilantes estudam os mistérios da existência. E um gás violeta explicou que aquela zona do espaço estava além do que Kuranes chamava de infinitude. O gás nunca tinha ouvido falar em planetas e organismos, mas identificou Kuranes como originário da infinitude onde a matéria, a energia e a gravidade existem.

Kuranes estava muito ansioso para rever os minaretes de Celephaïs e, para tanto, aumentou a dosagem; mas logo o dinheiro acabou e ele ficou sem drogas. Em um dia de verão, expulsaram-no do sótão e ele ficou perambulando sem destino pelas ruas, até atravessar uma ponte e chegar a um lugar onde as casas pareciam cada vez mais diáfanas. E foi lá que veio a realização e Kuranes encontrou o cortejo de cavaleiros de Celephaïs que o levaria de volta à cidade esplendorosa para sempre.

Os cavaleiros pareciam muito garbosos, montados em cavalos ruanos e vestidos com armaduras lustrosas e tabardos com brasões em filigrana. Eram tão numerosos que Kuranes quase os tomou por um exército, mas na verdade vinham em sua honra, uma vez que ele havia criado Ooth-Nargai em seus sonhos e, por isso, seria coroado como o deus mais alto do panteão para todo o sempre. Então deram um cavalo a Kuranes e puseram-no à frente do cortejo, e todos juntos cavalgaram majestosamente pelas montanhas de Surrey e avante, rumo às regiões onde Kuranes e seus antepassados haviam nascido. Era um tanto estranho, mas, à medida que avançavam, os cavaleiros pareciam voltar no tempo a cada galope; pois, quando passavam pelos vilarejos no crepúsculo, viam apenas casas e aldeões como os que Chaucer ou os homens que viveram antes dele poderiam ter visto, e às vezes viam outros cavaleiros montados com um pequeno grupo de escudeiros. Quando a noite caiu, aumentaram a marcha, e logo estavam em um voo espantoso, como se os cavalos galgassem o ar. Com os primeiros raios da aurora chegaram ao vilarejo que Kuranes tinha visto cheio de vida na infância, e adormecido ou morto nos sonhos. O lugar estava mais uma vez cheio de vida, e os aldeões madrugadores faziam mesuras enquanto os cavalos estrondeavam rua

abaixo e dobravam a ruela que conduz ao abismo dos sonhos. Kuranes só havia adentrado o abismo à noite e assim pôs-se a imaginar que aspecto teria durante o dia; então ficou olhando, ansioso, enquanto o cortejo aproximava-se da beirada.

Assim que chegaram no aclive antes do precipício, um fulgor dourado veio de algum lugar no oeste e envolveu todo o panorama ao redor em mantos refulgentes. O abismo era um caos fervilhante de esplendor róseo e cerúleo, e vozes invisíveis cantavam exultantes enquanto o séquito de cavaleiros precipitava-se além da beirada e descia flutuando, cheio de graça, por entre nuvens cintilantes e lampejos argênteos. A suave descida durou uma eternidade, com os cavalos galgando o éter como se a galopar em areias douradas; e então os vapores luminosos abriram-se para revelar um brilho ainda mais intenso, o brilho da cidade de Celephaïs, e mais além a costa, e o pico nevando sobranceando o mar, e as galeras de cores alegres que saem do porto rumo às regiões longínquas onde o mar encontra o céu.

E, desde então, Kuranes reina sobre Ooth-Nargai e todas as regiões vizinhas ao sonho e preside sua corte ora em Celephaïs, ora em Serannian, a cidade das nuvens. Ele ainda reina por lá, e há de reinar feliz por todo o sempre, ainda que sob os penhascos de Innsmouth as marés do canal tratassem com escárnio o corpo de um mendigo que atravessou o vilarejo semideserto ao amanhecer; tratassem com escárnio e atirassem o corpo sobre as rochas ao lado das Trevor Towers cobertas de hera, onde um cervejeiro milionário, gordo e repulsivo desfruta a atmosfera comprada de uma nobreza extinta.

3
Ar frio

O senhor pede que eu explique por que temo as lufadas de ar frio; por que estremeço mais do que outros ao entrar em um recinto frio e pareço sentir náuseas e repulsa quando o frio noturno sopra em meio ao calor dos dias amenos do outono. Há quem diga que respondo ao frio como outros reagem a um odor desagradável, e a comparação parece-me apropriada. O que me proponho a fazer é relatar a circunstância mais horrenda que jamais presenciei e deixar para o senhor a decisão de aceitá-la ou não como justificativa para a minha excentricidade.

É um erro achar que o horror está necessariamente associado à escuridão, ao silêncio, à solidão. Encontrei-o em pleno sol do meio-dia, no rumor de uma metrópole e em meio a uma pensão rústica e ordinária, com uma senhoria prosaica e dois homens robustos ao meu lado. Na primavera de 1923, consegui um trabalho editorial tedioso e mal remunerado em uma revista de Nova York; sem condições de pagar grandes somas por um aluguel, comecei a vagar de uma pensão barata a outra, em busca de um quarto que combinasse as qualidades de razoável limpeza, móveis duradouros e preço acessível. Logo ficou claro que a única opção viável seria escolher entre os diferentes males, mas, passado um tempo, descobri uma casa na West Fourteenth Street que me desagradava muito menos do que as outras.

Era uma mansão de quatro andares em arenito, construída, a julgar pela aparência, no fim da década de 1840, com detalhes em madeira e mármore cujo esplendor manchado e encardido denunciava a decadência em relação a níveis de opulência outrora elevados. Sobre os quartos, grandes e espaçosos, e decorados com papéis de parede impossíveis e cornijas de estuque com ornamentos ridículos, pairava uma umidade deprimente e um resquício de cozinhas obscuras; mas o piso era limpo, as roupas de cama bastante decentes e a água quente não ficava fria ou desligada com muita frequência, de modo que comecei a encarar a pensão ao menos como um lugar tolerável para hibernar até que eu pudesse voltar de fato à vida. A senhoria, uma espanhola vulgar e quase barbada

que atendia pelo nome de Herrero, não me aborrecia com fofocas nem com críticas a respeito da luz que permanecia acesa até tarde da noite em meu quarto no terceiro andar, e os demais inquilinos eram tão quietos e indiferentes quanto se podia desejar, sendo a maioria deles espanhóis só um pouco acima da maior grosseria e da maior vileza. O único aborrecimento incontornável era o fragor dos bondes na rua lá embaixo.

Eu estava na pensão havia umas três semanas quando ocorreu o primeiro incidente estranho. Pelas oito horas da noite, escutei o barulho de algum líquido espalhando-se no chão e logo senti um cheiro pungente de amônia. Olhando ao redor, percebi que o teto estava úmido e gotejava; o líquido parecia vir de um canto, no lado que dava para a rua. Ansioso por resolver o problema antes que piorasse, apressei-me em falar com a senhoria, e fui informado de que o problema se resolveria logo em breve.

– El seniôr Muñoz – gritou ela, enquanto subia os degraus correndo à minha frente –, derramô algun producto químico. El está mui doliente para tratarse, cada vez más doliente, pero no acepta aiúda de ninguiên. Es una dolência mui ecsquisita, todos los dias el toma unos bánios con tcheiro ecstránio, pero no consigue merrorar ni calentarse. Todo el trabarro doméstico es el que lo hace, el quartito está repleto de garrafas i máquinas, i el no trabarra mas como médico. Pero iá fue famosso, mio pai en Barcelona conocia el nombre, i hace poco le curô el braço a un encanador que se matchucô de repente. El hombre no sale nunca, i mio filho Esteban lheva comida i ropas i medicamentos i productos químicos para el. Dios mio, la sal amoníaca que el hombre usa para conservar el frio!

A Sra. Herrero desapareceu pela escada em direção ao quarto andar, e eu retornei ao meu quarto. A amônia parou de pingar e, enquanto eu limpava a sujeira e abria a janela para ventilar o quarto, ouvi os pesados passos da senhoria logo acima da minha cabeça. Eu jamais ouvira o Dr. Muñoz, salvo por alguns sons como os de uma máquina a gasolina, uma vez que suas passadas eram gentis e suaves. Por um instante, perguntei-me que estranha moléstia afligia esse homem, e também se a obstinação em recusar ajuda externa não seria o resultado de uma excentricidade com pouco ou nenhum fundamento. Ocorreu-me o pensamento nada original de que existe um páthos incrível na situação de uma pessoa eminente caída em desgraça.

Eu talvez jamais tivesse conhecido o Dr. Muñoz se não fosse pelo infarto súbito que me acometeu certa manhã enquanto eu escrevia em meu quarto. Os médicos já haviam me alertado para o perigo desses ataques, e

eu sabia que não havia tempo a perder; assim, relembrando as palavras da senhoria a respeito da ajuda oferecida pelo inválido ao encanador ferido, arrastei-me até o quarto andar e bati de leve na porta acima da minha. A batida foi respondida em um inglês excelente por uma voz curiosa, à esquerda, que perguntou meu nome e o objetivo da visita; uma vez que as expus, a porta ao lado daquela em que bati abriu-se.

Fui recebido por uma rajada de ar frio; e, ainda que o dia fosse um dos mais quentes no fim de junho, estremeci ao cruzar o umbral rumo ao interior de um apartamento cuja decoração rica e de bom gosto surpreendeu-me naquele antro de imundície e sordidez. Um sofá-cama desempenhava seu papel diurno de sofá, e a mobília em mogno, as tapeçarias suntuosas, as pinturas antigas e as estantes de livros lembravam muito mais o gabinete de um cavalheiro do que o quarto de uma casa de pensão. Percebi que o quarto logo acima do meu – o "quartito" das garrafas e máquinas que a Sra. Herrero havia mencionado – era apenas o laboratório do doutor; e que os cômodos onde vivia ficavam no espaçoso quarto ao lado, com alcovas e um grande banheiro contíguo que lhe facultavam esconder todas as prateleiras e demais instrumentos. O Dr. Muñoz era, sem dúvida, uma pessoa culta, de boa posição social, e com bom gosto.

O homem à minha frente era baixo, mas de proporções notáveis, e usava um traje um tanto formal de corte e caimento perfeitos. Um semblante altivo de expressão dominadora, mas não arrogante, era adornado por uma curta barba grisalha, e um pincenê à moda antiga protegia os penetrantes olhos escuros e apoiava-se em um nariz aquilino, que conferia um toque mouro à fisionomia, ademais um bocado celtibérica. Os cabelos grossos e bem-cortados, que denunciavam as tesouradas precisas do barbeiro, apareciam repartidos com graça logo acima da fronte elevada; o aspecto geral era de notável inteligência e de linhagem e educação superiores.

No entanto, ao ver o Dr. Muñoz em meio à rajada de ar frio, senti uma repulsa que nada em sua aparência poderia justificar. Apenas o tom lívido da pele e a frieza do toque poderiam oferecer alguma base física para o sentimento, e até mesmo essas coisas seriam desculpáveis a levar-se em conta a notória invalidez do médico. Também pode ter sido o frio singular o que me alienou, pois uma rajada como aquela parecia anormal em um dia tão quente, e tudo o que é anormal suscita aversão, desconfiança e medo.

Mas a repulsa logo deu lugar à admiração, pois a perícia do estranho

médico ficou evidente mesmo com o toque gélido e os tremores que afligiam suas mãos exangues. O Dr. Muñoz compreendeu a situação assim que pôs os olhos em mim e, em seguida, administrou-me os medicamentos necessários com a destreza de um mestre; ao mesmo tempo, assegurou-me, com uma voz modulada, ainda que oca e sem timbre, que era o mais ferrenho inimigo da morte e que havia gastado toda a fortuna e perdido todos os amigos ao longo de uma vida de experimentos devotados à sua derrota e aniquilação. Ele tinha algo em comum com os fanáticos benevolentes, e seguiu desfiando uma conversa quase trivial enquanto auscultava o meu peito e preparava uma mistura com drogas retiradas do pequeno quarto onde funcionava o laboratório. Era óbvio que o Dr. Muñoz havia encontrado, na companhia de um homem bem-nascido, uma grata surpresa em meio à atmosfera decadente e, assim, abandonou-se a um tom incomum à medida que as lembranças de dias melhores surgiam.

A voz dele, ainda que estranha, era ao menos tranquilizadora; e eu sequer percebia sua respiração enquanto as frases bem-articuladas saíam de sua boca. O doutor tentou distrair a atenção que eu dispensava ao meu surto falando de suas teorias e experiências; e lembro da maneira gentil com que me consolou a respeito do meu coração fraco, insistindo que a força de vontade e a consciência são mais fortes do que a própria vida orgânica, de modo que um corpo mortal saudável e bem-preservado, por meio do aprimoramento científico dessas qualidades, é capaz de reter uma certa animação nervosa a despeito de graves problemas, defeitos ou até mesmo ausência de órgãos específicos. Em tom meio jocoso, disse que um dia poderia ensinar-me a viver – ou pelo menos a desfrutar de uma existência consciente – mesmo sem coração! De sua parte, o Dr. Muñoz sofria com uma pletora de moléstias que exigiam um tratamento rigoroso à base de frio constante. Qualquer aumento prolongado na temperatura poderia ter consequências fatais; e em seu apartamento gélido – onde fazia cerca de 12 ou 13 graus célsius – havia um sistema de resfriamento por amônia, cujo motor a gasolina eu ouvira repetidas vezes no meu quarto, logo abaixo.

Quando senti o coração aliviado, deixei o gélido recinto na condição de discípulo e devoto do talentoso recluso. A partir de então, comecei a fazer-lhe visitas frequentes, sempre encasacado; eu ouvia o doutor falar sobre pesquisas secretas e resultados quase hediondos e estremecia de leve ao examinar os tomos antigos e raros nas estantes. Devo acrescentar que fui quase curado da minha doença graças à sua grande habilidade clínica. O Dr. Muñoz não desprezava os encantos dos medievalistas, pois acreditava que aquelas fórmulas crípticas encerravam estímulos

psicológicos bastante raros, que poderiam muito bem ter efeitos singulares em um sistema nervoso abandonado pelas pulsações orgânicas. Fiquei comovido com seu relato sobre o Dr. Torres, de Valência, que lhe havia acompanhado durante os primeiros experimentos e ficado a seu lado durante uma longa doença dezoito anos antes, de onde provinham as moléstias então presentes. Mas assim que o médico idoso salvou o colega, ele próprio sucumbiu ao implacável inimigo que havia combatido. Talvez o esforço tivesse sido grande demais; pois, em um sussurro, o Dr. Muñoz deixou claro – mesmo sem dar muitos detalhes – que os métodos usados para a cura haviam sido os mais extraordinários, com expedientes e processos um tanto malvistos pelos galenos mais velhos e conservadores.

Com o passar das semanas, notei, com grande pesar, que meu novo amigo estava de fato perdendo o vigor físico aos poucos, mas de forma incontestável, como a Sra. Herrero havia mencionado. O aspecto lívido em seu semblante intensificara-se, a voz tornara-se mais vazia e indistinta, os movimentos musculares coordenavam-se de maneira cada vez menos perfeita e a mente e a determinação apresentavam-se menos constantes e menos ativas. O Dr. Muñoz não parecia alheio a essas tristes mudanças, e aos poucos seu rosto e sua voz assumiram um tom de terrível ironia, que me fez sentir mais uma vez a leve repulsa que eu sentira de início.

Começou a desenvolver estranhos caprichos, adquirindo um gosto tão intenso por especiarias exóticas e incenso egípcio que seu quarto cheirava como a tumba de um faraó sepultado no Vale dos Reis. Ao mesmo tempo a necessidade por ar frio tornou-se mais premente, e com a minha ajuda o doutor aumentou o encanamento de amônia no quarto e modificou as bombas e a alimentação do sistema refrigerador até que conseguisse manter a temperatura do quarto entre um e quatro graus, e finalmente a dois graus negativos; o banheiro e o laboratório, naturalmente, não eram tão frios para evitar que a água congelasse e os processos químicos fossem prejudicados. O inquilino ao lado reclamou do ar frio que vazava pela porta entre os quartos, então ajudei o Dr. Muñoz a instalar pesadas tapeçarias a fim de solucionar o problema. Uma espécie de horror crescente, de origem singular e mórbida, dava a impressão de possuí-lo. O inválido discorria sem parar sobre a morte, mas dava gargalhadas ocas quando se falava em enterro ou em procedimentos funerários.

No geral, o Dr. Muñoz tornou-se um companheiro desconcertante e até mesmo repulsivo, mas a gratidão que eu sentia pela cura não me permitia abandoná-lo aos estranhos que o cercavam, e eu espanava seu quarto e cuidava de suas necessidades dia após dia, enrolado em um pesado sobretudo que eu havia comprado especialmente para esse fim. Da mesma

forma, eu me encarregava de fazer suas compras, e ficava pasmo com alguns dos produtos químicos que ele encomendava de farmácias e lojas de suprimentos laboratoriais.

Uma atmosfera de pânico cada vez maior e mais inexplicável parecia pairar sobre o apartamento. Como eu disse, o prédio inteiro tinha um cheiro desagradável, mas naquele quarto era ainda pior – apesar de todas as especiarias e incensos e, também, dos químicos de odor pungente usados pelo doutor nos banhos de imersão, que insistia em tomar sozinho. Percebi que tudo deveria estar relacionado à sua doença e estremeci ao imaginar que doença poderia ser essa. Depois de abandonar o doutor inteiramente aos meus cuidados, a Sra. Herrero passou a fazer o sinal da cruz ao vê-lo; não permitia sequer que o filho Esteban continuasse a desempenhar pequenas tarefas para o velho. Quando eu sugeria outros médicos, o doente manifestava toda a raiva de que parecia capaz. Era visível que temia os efeitos físicos dessas emoções violentas, mas sua determinação e seus impulsos cresciam em vez de minguar, e ele recusava-se a ficar de cama. A lassitude da antiga doença deu lugar a um ressurgimento de seu ferrenho propósito, de forma que o Dr. Muñoz dava a impressão de estar pronto para enfrentar o demônio da morte no mesmo instante em que esse ancestral inimigo atacava-o. O pretexto das refeições, quase sempre uma formalidade, foi praticamente abandonado; e apenas o poder da mente parecia evitar um colapso total.

O Dr. Muñoz adquiriu o hábito de escrever longos documentos, que eram selados com todo o cuidado e entregues a mim, com instruções para que, após sua morte, eu os entregasse a certas pessoas que nomeava – em sua maioria indianos letrados, mas também a um físico francês outrora célebre e dado por morto, de quem se diziam as coisas mais inconcebíveis. A verdade é que queimei todos esses papéis, sem os entregar a ninguém nem abri-los. O aspecto e a voz do médico tornaram-se horríveis, e sua presença, quase insuportável. Certo dia, em setembro, um relance inesperado do médico provocou um ataque epilético em um homem que viera consertar sua lâmpada de leitura; o Dr. Muñoz receitou-lhe a medicação adequada enquanto mantinha-se longe de vista. O mais curioso é que o homem havia enfrentado todos os terrores da Grande Guerra sem sofrer nenhum surto parecido em todo o seu decurso.

Então, no meio de outubro, o horror dos horrores veio com um ímpeto vertiginoso. Uma noite, por volta das onze horas, a bomba do sistema de refrigeração quebrou, de modo que, passadas três horas, o processo de resfriamento por amônia tornou-se impossível. O Dr. Muñoz convocou-me por meio de fortes passadas contra o chão, e eu, desesperado, tentei

consertar o estrago enquanto meu companheiro praguejava em um tom de voz cujo caráter estertorante e vazio estaria além de qualquer descrição. Meus débeis esforços, no entanto, mostraram-se inúteis; e, quando chamei o mecânico da oficina vinte e quatro horas, descobrimos que nada poderia ser feito antes do amanhecer, quando um novo pistão seria comprado. O medo e a raiva do eremita moribundo, tendo escalado a proporções grotescas, aparentavam estar prestes a estilhaçar o quanto restava de seu físico debilitado; ato contínuo, um espasmo fez com que levasse as mãos aos olhos e corresse até o banheiro. O Dr. Muñoz saiu de lá com o rosto coberto por ataduras, e nunca mais vi seus olhos.

A temperatura do apartamento aumentava sensivelmente, e por volta das cinco horas o doutor retirou-se para o banheiro com ordens de que eu lhe fornecesse todo o gelo que pudesse encontrar nas lojas e cafés vinte e quatro horas. Ao retornar dessas jornadas desanimadoras e largar meus espólios em frente à porta fechada do banheiro, eu escutava um chapinhar incansável lá dentro e uma voz encorpada grasnando “Mais! Mais!”. Por fim o dia raiou, e as lojas abriram uma após a outra. Pedi a Esteban que me ajudasse a providenciar o gelo enquanto eu procurava o pistão da bomba ou que comprasse o pistão enquanto eu continuava com o gelo; instruído pela mãe, no entanto, o garoto recusou com veemência.

Por fim, paguei um vagabundo sórdido que encontrei na esquina da Eighth Avenue para fornecer ao paciente o gelo disponível em uma lojinha, onde o apresentei, e empenhei toda a minha diligência na tarefa de encontrar um pistão novo para a bomba e contratar mecânicos competentes para instalá-lo. A tarefa parecia interminável, e tive um surto de raiva quase como o do eremita ao perceber que as horas passavam em um ciclo frenético e incansável de telefonemas inúteis e buscas de um lugar ao outro, para lá e para cá no metrô e no bonde. Próximo ao meio-dia, encontrei uma loja de peças no centro da cidade e, por volta da uma e meia, retornei à casa de pensão com a parafernália necessária e dois mecânicos robustos e inteligentes. Fiz tudo o que pude, e tinha a esperança de que ainda houvesse tempo.

O terror negro, no entanto, havia chegado mais depressa. A casa estava em pandemônio, e acima das vozes exaltadas escutei alguém rezando em uma voz de baixo profundo. Havia algo demoníaco no ar, e os inquilinos rezavam as contas de seus rosários enquanto sentiam o cheiro fétido que saía por baixo da porta fechada do médico. O desocupado que eu arranjara havia fugido em meio a gritos e com o olhar vidrado logo após a segunda remessa de gelo; talvez como resultado de uma curiosidade excessiva. É claro que não poderia ter chaveado a porta atrás de si; mas

nesse instante ela estava trancada, provavelmente pelo lado de dentro. Não se ouvia som algum exceto um inominável gotejar, lento e viscoso.

Depois de uma breve consulta à Sra. Herrero e aos mecânicos, apesar do temor que me corroía a alma, decidi pelo arrombamento da porta; no entanto, a senhoria deu um jeito de girar a chave pelo lado de fora usando um pedaço de arame. Já havíamos aberto as portas de todos os outros quartos no andar e escancarado todas as janelas ao máximo. Nesse instante, com os narizes protegidos por lenços, adentramos, trêmulos, o amaldiçoado aposento sul, que resplandecia com o sol da tarde que começava.

Uma espécie de rastro escuro e viscoso se alastrava desde a porta aberta do banheiro até a porta do corredor, e de lá para a escrivaninha, onde uma terrível poça havia se acumulado. Lá encontrei algo escrito a lápis, com uma caligrafia tenebrosa e cega, em uma folha horrivelmente manchada como que pelas mesmas garras que às pressas havia traçado as últimas linhas. Então o rastro seguia até o sofá e acabava de forma indizível.

O que estava ou havia estado no sofá é algo que não consigo e não ouso descrever. Mas aqui relato o que, com as mãos trêmulas, decifrei no papel coberto por manchas grudentas antes de puxar um fósforo e reduzi-lo a cinzas; o que decifrei horrorizado enquanto a senhoria e os dois mecânicos corriam em pânico daquele aposento infernal para balbuciar suas histórias incoerentes na delegacia mais próxima. As palavras nauseantes pareciam inacreditáveis sob o brilho dourado do sol, em meio ao ruído dos carros e caminhões vindos da movimentada Fourteenth Street, mas confesso que lhes dei crédito naquele instante. Se ainda lhes dou crédito agora, honestamente não sei. Existem coisas sobre as quais é melhor não especular, e tudo o que posso dizer é que odeio o cheiro de amônia e sinto-me prestes a desmaiar com uma lufada de ar um pouco mais frio.

"O fim", dizia o rabisco abjeto, "é aqui. Não há mais gelo – o homem olhou e fugiu. O calor aumenta a cada instante e os tecidos não têm como aguentar. Imagino que o senhor saiba – o que eu falei sobre a vontade e os nervos e o corpo preservado depois que os órgãos param de funcionar. A teoria era boa, mas na prática não tinha como durar para sempre. Houve uma deterioração gradual que eu não havia previsto. O Dr. Torres sabia, mas o choque matou-o. Ele não suportou o que tinha de fazer – precisou levar-me a um lugar estranho e escuro quando deu atenção à minha carta e me trouxe de volta. Mas os órgãos jamais voltaram a

funcionar. Tinha de ser feito à minha moda – preservação – pois fique sabendo que morri dezoito anos atrás.”

4
Os outros deuses

No topo dos mais altos picos da Terra habitam os deuses terrestres, que não admitem olhares humanos. Outrora habitavam picos menos elevados, porém, os homens das planícies sempre escalavam as encostas rochosas e nevadas, obrigando os deuses a buscar montanhas cada vez mais altas até que restasse apenas uma. Ao deixar os velhos picos, levavam consigo todos os sinais da antiga presença, a não ser por uma única vez, quando, segundo a lenda, deixaram uma imagem entalhada na encosta da montanha que chamavam de Ngranek.

Porém, hoje se encontram na desconhecida Kadath, na desolação gelada aonde nenhum homem se atreve a ir, e tornaram-se austeros, uma vez que não têm outro pico para onde fugir com a chegada dos homens. Tornaram-se austeros, e aos lugares de onde outrora haviam permitido que os homens afastassem-nos, hoje impedem que cheguem; ou, caso cheguem, que partam. Convém aos homens nada saber sobre Kadath na desolação gelada, pois de outro modo cometeriam a imprudência de tentar escalá-la.

Às vezes, quando sentem saudades de casa, os deuses terrestres visitam os picos que outrora habitaram na calada da noite, e choram em silêncio enquanto tentam brincar como em tempos antigos nas encostas lembradas. Os homens sentiram o pranto dos deuses na nevada Thurai, embora tenham acreditado que fosse chuva; e ouviram os suspiros dos deuses nos plangentes ventos matinais de Lerion. Os deuses são propensos a viajar em navios de nuvens, e os camponeses sábios conhecem lendas que os mantêm longe de certos picos elevados nas noites de névoa, pois os deuses não são mais tolerantes como nos tempos antigos.

Em Ulthar, que se estende além do rio Skai, outrora morava um velho que ansiava por contemplar os deuses terrestres; um homem profundamente versado nos sete livros crípticos de Hsan e conhecedor dos Manuscritos Pnakóticos da distante e gélida Lomar. Chamava-se Barzai, o Sábio, e os habitantes dos vilarejos contam histórias sobre a noite em que subiu a

montanha durante um estranho eclipse.

Barzai conhecia os deuses tão a fundo que era capaz de prever suas idas e vindas, e adivinhou tantos segredos divinos que ele mesmo era considerado um semideus. Foi Barzai quem proferiu o sábio conselho aos aldeões de Ulthar quando passaram a notável lei contra a matança de gatos, e também quem primeiro contou ao jovem sacerdote Atal para onde os gatos vão à meia-noite na Véspera de São João.

Barzai era versado na sabedoria dos deuses terrestres e nutria um profundo desejo de ver-lhes o rosto. Acreditava que o grande conhecimento secreto que detinha a respeito dos deuses conseguiria protegê-lo da ira divina, e assim resolveu subir até o cume da elevada e rochosa Hatheg-Kla em uma noite em que os deuses estariam presentes.

Hatheg-Kla situa-se no interior do deserto rochoso além de Hatheg, que lhe empresta o nome, e ergue-se como uma estátua de rocha em meio ao silêncio de um templo. Ao redor do pico, as névoas ondulam sempre com tristeza, pois as névoas são as lembranças dos deuses, e os deuses amavam Hatheg-Kla quando a habitavam nos tempos antigos. Muitas vezes os deuses da Terra visitam Hatheg-Kla em navios de nuvem, projetando vapores pálidos acima das encostas enquanto executam danças reminiscentes no cume sob os raios da lua. Os habitantes de Hatheg dizem que é arriscado escalar Hatheg-Kla, e mortal escalar a montanha à noite, quando vapores pálidos ocultam o cume e a lua; mas Barzai não lhes deu ouvidos quando chegou da vizinha Ulthar com o jovem sacerdote Atal, que era seu discípulo. Atal era o único filho de um estalajadeiro, e por vezes sentia medo; no entanto, o pai de Barzai fora um landegrave que morava em um antigo castelo, de modo que não trazia nenhuma superstição vulgar no sangue e ria dos temerosos camponeses.

Barzai e Atal deixaram Hatheg e adentraram o deserto rochoso a despeito das orações dos camponeses, e falaram sobre os deuses terrestres ao pé da fogueira durante a noite. Viajaram por muitos dias, e de longe viram a sobranceira Hatheg-Kla com a auréola de névoas tristes. No décimo terceiro dia, chegaram à solitária base da montanha, e Atal falou sobre os temores que sentia. Mas Barzai era um homem vivido e erudito e não tinha medos, e assim desbravou o caminho da encosta que nenhum homem jamais havia escalado desde a época de Sansu, mencionado com espanto nos bolorentos Manuscritos Pnakóticos.

O caminho era rochoso e arriscado por conta de abismos, penhascos e pedras soltas. Mais tarde esfriou e começou a nevar; e Barzai e Atal muitas vezes escorregavam e caíam à medida que golpeavam e apoiavam-

se com bastões e machados ao longo do caminho. Por fim o ar se rarefez, e a cor do céu se alterou, e os desbravadores tiveram dificuldades para respirar; mas continuaram sempre em frente, admirados com a estranheza do panorama e entusiasmados ao pensar no que aconteceria no cume quando a lua surgisse e os vapores pálidos se espalhassem. Por três dias subiram cada vez mais alto em direção ao topo do mundo, e então acamparam à espera das névoas que haviam de encobrir a lua.

Quatro noites se passaram sem que as nuvens viessem, enquanto a lua projetava o brilho frio através da fina névoa lúgubre ao redor do silencioso pináculo. Por fim, na quinta noite, que era a noite de lua cheia, Barzai viu densas nuvens ao norte, e permaneceu desperto com Atal para vê-las se aproximar.

Densas e majestosas deslizavam pelo céu, com vagar e deliberação; dispondo-se ao redor do pico muito acima dos observadores, e ocultando a lua e o cume de Hatheg-Kla. Por uma longa hora os observadores permaneceram atentos enquanto os vapores revoluteavam e a cortina de nuvens tornava-se mais densa e mais agitada. Como era versado na sabedoria dos deuses terrestres, Barzai apurou o ouvido em busca de certos sons, mas Atal sentiu o toque gelado dos vapores e o espanto da noite e encheu-se de temores. E, quando Barzai começou a subir ainda mais e a fazer gestos entusiasmados, Atal levou um bom tempo até decidir segui-lo.

Os vapores eram densos a ponto de dificultar a escalada, e embora Atal por fim tenha seguido adiante, mal conseguia distinguir o vulto de Barzai na difusa encosta mais acima em meio ao luar encoberto. Barzai avançava muito à frente, e apesar da idade parecia escalar com mais facilidade do que Atal, sem temer as encostas que aos poucos tornavam-se íngremes a ponto de intimidar qualquer um, a não ser por um homem impávido e robusto, que não se detinha ao encontrar abismos negros que Atal mal conseguia saltar. E assim continuaram a subida desvairada em meio a rochas e precipícios, com escorregões e tropeços, e por vezes espantados com a vastidão e o horrendo silêncio dos inóspitos pináculos de gelo e o mutismo das encostas graníticas.

De repente, Barzai sumiu do campo de visão de Atal e escalou um formidável penhasco que dava a impressão de avolumar-se e bloquear o caminho de qualquer explorador que não fosse inspirado pelos deuses terrenos. Atal estava lá embaixo, planejando o que fazer quando chegasse àquele ponto, quando percebeu com singular curiosidade que a luz tornara-se mais forte, como se o pico desanuviado que era o local de

encontro dos deuses ao luar estivesse muito próximo. E enquanto avançava com dificuldade rumo ao formidável penhasco e ao céu iluminado, Atal sentiu temores ainda mais chocantes do que quaisquer outros que já houvesse sentido. Então, em meio às névoas altas, ouviu a voz de Barzai gritar em um deslumbramento incontrolável:

"Eu ouvi os deuses! Eu ouvi os deuses terrestres cantarem durante o recreio em Hatheg-Kla! As vozes dos deuses terrestres revelaram-se a Barzai, o Profeta! As névoas estão finas e a lua está clara, e hei de ver os deuses dançarem com abandono na Hatheg-Kla que tanto amaram na juventude. A sabedoria de Barzai tornou-o maior do que os deuses terrenos, e contra a sua vontade magias e barreiras divinas são como nada; Barzai há de contemplar os deuses, os deuses orgulhosos, os deuses secretos, os deuses da Terra que desprezam a presença do homem!"

Atal não pôde ouvir as vozes que Barzai ouviu, mas nesse ponto estava próximo ao formidável penhasco enquanto o examinava em busca de apoios para os pés. Então tornou a ouvir a voz de Barzai, mais alta e mais estridente:

"As névoas estão finas e a lua projeta sombras na encosta; os deuses têm vozes altas e estridentes e temem aproximar-se de Barzai, o Sábio, que agora é maior do que os deuses... A luz da lua bruxuleia sobre os deuses terrestres que dançam; hei de ver os vultos dançantes dos deuses que saltam e uivam ao luar... A luz está mais tênue e os deuses começam a temer..."

Enquanto Barzai gritava essas coisas, Atal percebeu uma mudança espectral em toda a atmosfera ao redor, como se as leis da Terra se curvassem perante leis maiores; pois, embora o caminho fosse mais íngreme do que nunca, a escalada havia se tornado deveras fácil, e o formidável penhasco mal representou um obstáculo quando o alcançou e deslizou perigosamente sobre a face convexa. A luz da lua havia falhado, e enquanto disparava encosta acima através das névoas, Atal ouviu Barzai, o Sábio, gritar em meio às sombras:

"A lua está escura, e os deuses terrestres dançam noite afora; o terror está no céu, pois sobre a lua abateu-se um eclipse que não foi previsto em nenhum livro dos homens ou dos deuses terrestres... Uma magia desconhecida atua sobre Hatheg-Kla, pois os gritos dos deuses assustados transformaram-se em riso, e as encostas geladas erguem-se rumo ao firmamento negro em que mergulho... Eia! Eia! Até que enfim! Na luz difusa contemplo os deuses da Terra!"

E nesse ponto, Atal, deslizando vertiginosamente para cima e atravessando elevações inconcebíveis, ouviu em meio à escuridão gargalhadas odiosas, misturadas a um grito como nenhum homem jamais ouviu a não ser no Flegetonte de pesadelos indescritíveis; um grito que pôs a reverberar o horror e a angústia de uma vida inteira de assombro em um único momento atroz:

“Os Outros Deuses! Os Outros Deuses! Os deuses dos infernos siderais que guardam os fracos deuses da Terra...! Desvie o olhar... Volte... Não veja! Não veja! A vingança dos abismos infinitos... Aquele poço infausto e amaldiçoado... Piedosos deuses da Terra, estou caindo rumo ao céu!”

E enquanto Atal fechava os olhos e tapava os ouvidos e tentava descer, contrariando a terrível força que o puxava para cima desde alturas desconhecidas, ressoou em Hatheg-Kla o terrível ribombar do trovão que acordou os bons camponeses das planícies e os honestos aldeões de Hatheg, Nir e Ulthar e levou-os a contemplar por entre as nuvens o estranho eclipse da lua que nenhum livro jamais havia previsto. E, quando a lua enfim surgiu, Atal estava a salvo nas neves mais baixas da montanha, longe dos deuses da Terra e dos Outros Deuses.

Consta nos bolorentos Manuscritos Pnakóticos que Sansu não encontrou nada além de silêncio em meio ao gelo e às rochas quando escalou Hatheg-Kla na juventude do mundo. Mas, quando os homens de Ulthar e Nir e Hatheg venceram os temores e subiram a encosta assombrada durante o dia em busca de Barzai, o Sábio, descobriram entalhado na pedra nua do cume um curioso e ciclópico símbolo com cinquenta cúbitos de largura, como se a rocha tivesse sido arrancada por um titânico cinzel. E o símbolo era similar a outro que os eruditos discerniram nas terríveis partes dos Manuscritos Pnakóticos, antigas demais para que sejam lidas. Isso eles encontraram.

Mas Barzai, o Sábio, nunca foi encontrado, nem o sacerdote Atal jamais foi persuadido a rezar pela alma do antigo mestre. Até hoje os povos de Ulthar e de Nir e de Hatheg temem eclipses e rezam à noite quando vapores pálidos encobrem o topo da montanha e a lua. E, acima das névoas em Hatheg-Kla, os deuses terrestres por vezes executam danças reminiscentes; pois sabem que estão a salvo, e amam vir desde a desconhecida Hatheg-Kla em navios de nuvens para brincar como em tempos antigos, conforme faziam quando a Terra ainda era jovem e os homens não eram dados a escalar lugares inacessíveis.

5
A maldição de Sarnath

Na terra de Mnar há um enorme lago de águas paradas que não é alimentado por nenhuma corrente e tampouco deságua em nenhuma outra. Há dez mil anos, erguia-se à sua margem a poderosa cidade de Sarnath, mas Sarnath não está mais lá.

Diz a lenda que em tempos imemoriais, quando o mundo era jovem, antes mesmo de os homens de Sarnath chegarem à terra de Mnar, havia outra cidade à beira do lago, a cidade de pedra cinzenta de Ib, tão antiga quanto o próprio lago e habitada por criaturas de aspecto nada agradável. Eram estranhas e feias, aliás, como a maioria das criaturas de um mundo ainda incipiente e grosseiramente organizado. Está escrito nos cilindros cor de tijolo de Kadatheron que as criaturas de Ib tinham cor verde do lago e das brumas que sobre ele pairam; olhos saltados, lábios moles caídos e orelhas estranhas, e não possuíam voz. Está escrito também que desceram da lua dentro de uma névoa. Elas, e o vasto lago parado, e a cidade de pedra cinzenta de Ib. De qualquer forma, é fato que adoravam um ídolo de pedra verde-marinho cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto aquático e diante dele dançavam grotescamente sob a luz da lua crescente. E está escrito no papiro de Ilarnek que, certa vez, elas descobriram o fogo e dali em diante acenderam fogueiras em várias cerimônias. Contudo, não há muita coisa escrita sobre essas criaturas, pois elas viveram em tempos muito ancestrais e o homem é jovem e pouco sabe dos seres muito antigos.

Depois dos tempos imemoriais, os homens chegaram à terra de Mnar; um escuro povo pastoril com seus rebanhos felpudos que construiu Thraa, Ilarnek e Kadatheron às margens do sinuoso rio Ai. Algumas tribos, mais ousadas que as outras, alcançaram a orla do lago e construíram Sarnath, em um lugar em que metais preciosos eram encontrados na terra. Não longe da cidade cinzenta de Ib, as tribos errantes assentaram as primeiras pedras de Sarnath, maravilhando-se com as criaturas de Ib. Entretanto, havia ódio misturado com a admiração, pois não achavam certo que criaturas com tal aspecto pudessem circular pelo mundo dos homens ao

crepúsculo. Também não gostavam das estranhas esculturas sobre os monólitos cinzentos de Ib, pois ninguém saberia dizer por que aquelas esculturas haviam durado até a chegada dos homens; a menos que fosse porque a terra de Mnar era muito pacífica e distante da maioria dos outros mundos, fossem elas reais ou surreais.

Quanto mais os homens de Sarnath observavam as criaturas de Ib, mais aumentava seu ódio, que não diminuía quando perceberam que as criaturas eram fracas e tenras como geleia ao entrarem em contato com pedras, lanças e flechas. Assim, um dia, os jovens guerreiros, com fundas, lanças, arcos e flechas, marcharam contra Ib e exterminaram todos os seus habitantes, arremessando os corpos dissipados para o lago com longos piques, porque não desejavam tocá-los. Como não gostavam dos cinzelados monólitos cinzentos de Ib, atiraram-nos também ao lago, espantados com o grandioso trabalho que devia ter sido trazer as pedras de muito longe, como aquilo devia ter acontecido, pois não havia nada semelhante a elas na terra de Mnar ou nas terras próximas.

Assim, nada sobrou da antiga cidade de Ib, exceto o ídolo de pedra verde-marinho cinzelado à imagem de Bokrug, o lagarto d'água. Os jovens guerreiros o levaram consigo como símbolo de conquista sobre os antigos deuses e criaturas de Ib, e como um totem de dominação sobre Mnar. Mas, na noite seguinte, após o terem levado para um templo, alguma coisa terrível deve ter acontecido, pois luzes estranhas foram vistas sobre o lago e, pela manhã, as pessoas descobriram que o ídolo havia sumido, e que o sumo sacerdote Taran-Ish estava morto, aparentando ter experimentado um pavor indescritível. Antes de morrer, Taran-Ish havia rabiscado sobre o altar de crisólita, com traços rudimentares e tortuosos, a palavra MALDIÇÃO.

Depois de Taran-Ish, houve muitos sumos pontífices em Sarnath, mas o ídolo de pedra verde-marinho jamais foi encontrado. Muitos séculos se passaram ao longo dos quais Sarnath prosperou de forma extraordinária, e somente os sacerdotes e as velhas senhoras recordavam-se da garatuja de Taran-Ish sobre o altar de crisólita. Entre Sarnath e a cidade de Ilarnek instalou-se uma rota comercial, e os metais preciosos da região eram trocados por outros metais, trajes raros, joias, livros, ferramentas para os artífices e todas as coisas de luxo conhecidas pelo povo que mora à beira do sinuoso rio Ai e além. Foi assim que Sarnath se tornou poderosa, instruída e bela, e enviou exércitos de conquista para dominar as cidades vizinhas. Com o tempo, os reis de todas as terras de Mnar e de muitas terras da região prostraram-se diante do trono de Sarnath.

Sarnath, a magnífica, era a maravilha do mundo e o orgulho de toda a humanidade. Suas muralhas eram de mármore polido do deserto, com trezentos cúbitos de altura e setenta e cinco de largura, permitindo que as bigas cruzassem umas com as outras quando os homens as conduziam pela extensão do muro. Elas percorriam quarenta e nove milhas, abrindo-se somente na face virada para o lago, onde um quebra-mar de pedra verde continha as ondas que estranhamente surgiam uma vez por ano, no dia da celebração da destruição de Ib. Em Sarnath havia cinquenta ruas que iam do lago aos portões das caravanas, e outras cinquenta perpendiculares. Eram calçadas de ônix, exceto as percorridas por cavalos, camelos e elefantes, que eram cobertas de granito. E os portões de Sarnath estavam em todas as extremidades das ruas voltadas para a terra, todos de bronze e flanqueados por figuras de leões e elefantes esculpidas em algum tipo de pedra já então desconhecida entre os homens. As casas de Sarnath eram de tijolos esmaltados e calcedônia, cada uma com o jardim murado e açudes de cristal. Foram construídas por uma estranha arte, pois nenhuma outra cidade possuía casas como aquelas, e os visitantes de Thraa, Ilarnek e Kadatheron ficavam maravilhados com as cúpulas cintilantes que coroavam toda a sua extensão.

Mas ainda mais fabulosos eram os palácios e os templos, e os jardins construídos por Zokkar, o antigo rei. Havia muitos palácios, até os menores eram mais imponentes do que qualquer outro de Thraa, Ilarnek ou Kadatheron. Eram tão altos que aquele que estivesse em seu interior poderia imaginar-se apenas abaixo do céu. Entretanto, suas paredes mostravam gigantescas pinturas de reis e exércitos ao serem iluminadas por tochas embebidas em óleo de Dothur, assustando e inspirando instantaneamente o visitante com seu esplendor. Muitas eram as colunas dos palácios, todas de mármore pintado, entalhadas com ornamentos de insuperável beleza. Na maioria dos palácios, os pisos eram mosaicos de berilo, e lápis-lazúli, e sardônica, e carbúnculo, e outros materiais nobres de tal forma organizados que o espectador podia se imaginar caminhando entre canteiros das mais raras flores. E havia também fontes que esguichavam águas aromáticas, adornados com uma arte suntuosa. O mais radiante de todos era o palácio dos reis de Mnar e das terras vizinhas. Sobre um par de leões de ouro agachados estava o trono, muitos degraus acima do piso resplandecente. Era entalhado em uma única peça de marfim, embora nenhuma criatura viva soubesse a procedência de uma peça tão imensa. Naquele palácio, havia também muitas galerias e muitos anfiteatros onde leões, homens e elefantes combatiam para a diversão dos reis. Ocasionalmente, os anfiteatros eram inundados com água desviada do lago por imponentes aquedutos e então ali encenavam-se empolgantes

combates aquáticos entre nadadores e criaturas marinhas mortais.

Soberbos e assombrosos eram os dezessete templos em forma de torre, decorados com uma brilhante pedra multicolorida desconhecida em outros lugares. O maior deles se erguia a mil cúbitos de altura e era habitado pelos sumos sacerdotes que viviam com magnificência não muito inferior à dos reis. No térreo ficavam salões tão vastos e esplêndidos quanto os dos palácios em que as multidões se reuniam para adorar a Zo-Kalar, Tamash e a Lobon, os principais deuses de Sarnath, cujos relicários, envoltos em incenso, eram como os tronos dos monarcas. Os ícones de Zo-Kalar, Tamash e Lobon não eram como o de outros deuses, pois pareciam tão vivos que se poderia jurar que os próprios graciosos deuses barbados estavam sentados nos tronos de marfim. E no final de intermináveis lances de degraus de zircão ficava a câmara da torre de onde os sumos sacerdotes vigiavam a cidade, as planícies e o lago durante o dia; e a enigmática lua, os planetas e estrelas e seus reflexos no lago, à noite. Ali era praticado o secretíssimo e ancestral rito de execração de Bokrug, o lagarto d'água, e ali ficava o altar de crisólita que exibia a garatuja da maldição rabiscada por Taran-Ish.

Igualmente maravilhosos eram os jardins construídos por Zokkar, o velho rei. Eles ficavam no centro de Sarnath, em uma extensa área, e eram cercados por muros altos. Eram cobertos por uma imensa cúpula de vidro pela qual brilhavam, quando o céu estava límpido, o sol, a lua e os planetas, e da qual pendiam imagens refulgentes do sol, da lua e das estrelas quando não estava. No verão, os jardins eram refrescados por amenas brisas aromáticas habilmente sopradas por ventiladores, e no inverno eram aquecidos por fogueiras discretas, fazendo com que o ar primaveril perdurasse. Ali corriam pequenos riachos sobre pedregulhos lustrosos, dividindo campinas verdejantes e jardins de infinitos matizes, e cruzados por uma imensidão de pontes. Havia muitas cascatas em seus cursos, e muitas eram as lagoas ornadas de lírios das quais se expandiam. Sobre os riachos e lagoas deslizavam cisnes brancos, enquanto o canto de aves raras harmonizava-se com a melodia das águas. Em ordenados pátios erguiam-se as verdejantes ribanceiras adornadas, aqui e ali, por caramanchões de trepadeiras e flores suaves, e bancos de mármore e pórfiro. E havia muitos santuários e templos pequenos em que se podia repousar e orar a deuses menores.

Todos os anos, celebrava-se em Sarnath a festa da destruição de Ib, em cuja ocasião o vinho era abundante, e as canções, as danças e as diversões eram de todos os tipos. Grandes homenagens eram prestadas aos que haviam aniquilado as estranhas criaturas antigas, e a memória daquelas

criaturas e de seus antigos deuses era escarnecida por dançarinos e alaudistas coroados com grinaldas de rosas dos jardins de Zokkar. E os reis olhavam na direção do lago e amaldiçoavam os ossos dos mortos que jaziam em suas profundezas.

De início, os sumos sacerdotes não gostavam dos festivais, pois corriam entre eles narrativas fantásticas de como o ídolo verde-marinho havia desaparecido e Taran-Ish morrera de medo deixando uma advertência. E diziam que de sua alta torre ocasionalmente avistavam luzes no interior das águas do lago. Mas, passados muitos anos sem calamidades, mesmo os sacerdotes riam, e maldiziam, e participavam das orgias da nobreza. De fato, eles mesmos não haviam realizado, tantas vezes, do alto de sua torre, o antiquíssimo e secreto rito de execração de Bokrug, o lagarto d'água? Assim, um milhão de anos de riquezas e prazeres transcorreu em Sarnath, maravilha do mundo e orgulho de toda a humanidade.

A festa do milésimo ano da destruição de Ib foi de uma suntuosidade inimaginável. Durante a década que a precedeu, muito se falou sobre ela na terra de Mnar, e quando o momento se aproximou, vieram a Sarnath, montados em cavalos, camelos e elefantes, homens de Thraa, Ilarneck e Kadatheron, e de todas as cidades de Mnar e de terras distantes. Diante das muralhas de mármore, na noite esperada, erguiam-se os pavilhões de príncipes e as tendas de viajantes. No interior do salão de banquete reclinava-se Nargis-Hei, o rei, embriagado de vinho envelhecido das adegas da conquistada Pnoth, rodeado pela nobreza desordeira e por escravos atarefados. Muitas guloseimas exóticas foram consumidas naquela festa; pavões das longínquas colinas de Implan, corcovas de camelos do deserto de Bnazic, nozes e especiarias dos bosques de Sydathrian, e pérolas da marítima Mtal, dissolvidas no vinagre de Thraa. Eram incontáveis os molhos, preparados pelos mais refinados cozinheiros de toda Mnar, agradáveis ao paladar de todos os convivas. Entretanto, a mais apreciada de todas as iguarias eram os grandes peixes do lago, enormes, servidos em travessas de ouro, enfeitadas de rubis e diamantes.

Enquanto o rei e seus nobres festejavam dentro do palácio e admiravam o prato principal que os esperava nas travessas douradas, outros festejavam por toda parte. Na torre do grande templo, os sacerdotes apraziam-se, e, nos pavilhões do lado de fora das muralhas, os príncipes de terras vizinhas se divertiam. Foi o sumo pontífice Gnai-Kah o primeiro a avistar as sombras que desciam da lua crescente para o lago, e as perversas névoas esverdeadas que se erguiam do lago de encontro à lua, envolvendo em um sinistro nevoeiro as torres e as cúpulas da condenada Sarnath. Em seguida, os que estavam nas torres e fora das muralhas avistaram

estranhas luzes sobre a água, e viram que a rocha cinzenta Akurion, que costumava se elevar muito acima dela, perto da praia, estava quase submersa. E o medo foi crescendo vaga, mas rapidamente, até que os príncipes de Ilarneck e da distante Rokol desarmaram e dobraram suas tendas e pavilhões e partiram, embora mal soubessem o motivo de sua partida.

Então, perto da meia-noite, todos os portões de bronze de Sarnath se escancararam e despejaram uma multidão frenética que enegreceu a planície, pois todos os viajantes e príncipes visitantes fugiram apavorados. Pois, nas faces dessa multidão estava inscrita uma loucura nascida de um horror insuportável, e em suas línguas surgiam palavras tão terríveis que nenhum ouvinte parava para verificar. Homens, com os olhos arregalados de horror, uivavam sobre a visão do interior do salão de banquete do rei, onde, pelas janelas, não eram mais vistas as formas de Nargis-Hei e seus nobres e escravos, mas sim a de uma horda de indescritíveis criaturas verdes, sem voz, de olhos saltados, lábios amolecidos e caídos, e curiosas orelhas; criaturas que dançavam grotescamente, segurando com as patas as douradas travessas ornadas de rubis e diamantes que abrigavam misteriosas chamas. E os príncipes e viajantes, enquanto fugiam da condenada cidade de Sarnath sobre cavalos, camelos e elefantes, olharam novamente para o nevoeiro sobre o lago e viram a rocha cinzenta de Akurion quase submersa. Por toda a terra de Mnar e regiões adjacentes, espalharam-se as histórias dos que haviam fugido de Sarnath, e as caravanas não mais procuraram aquela cidade amaldiçoada e seus preciosos metais. Passou-se muito tempo até alguns viajantes voltarem lá e, mesmo assim, apenas os destemidos e aventureiros jovens de cabelos louros e olhos azuis, que não têm nenhum parentesco com a gente de Mnar. Esses homens foram realmente até o lago para observar Sarnath, mas, embora tivessem encontrado o enorme lago estagnado e a rocha cinzenta de Akurion, que se eleva ao seu lado perto da praia, não avistaram a maravilha do mundo e o orgulho da humanidade. Onde antes se erguiam muralhas de trezentos cúbitos e torres ainda mais altas, estendia-se agora apenas a pantanosa praia, e, onde antes viviam cinquenta milhões de pessoas, rastejava agora o odioso lagarto d'água. Nem mesmo as minas de metais preciosos existiam. A MALDIÇÃO chegara para Sarnath.

Porém, vislumbrava-se, parcialmente enterrado nos juncais, um curioso ídolo verde, um ídolo extremamente antigo, cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto d'água. Dali em diante, aquele ídolo, mantido em um relicário no alto templo de Ilarneck, foi adorado sob a espreita da

lua por toda a terra de Mnar.

6
O visitante das trevas (Dedicado a Robert Bloch)

Vi o abismo do negro universo
Onde os astros vagueiam no escuro
Onde vagam em horror indizível,
Sem passado, presente ou futuro.

NÊMESIS

Investigadores cautelosos hesitarão em questionar a crença popular de que Robert Blake foi morto por um raio ou por um profundo choque nervoso proveniente de uma descarga elétrica. É verdade que a janela para a qual estava voltado encontrava-se intacta, mas a natureza já se mostrou capaz de muitos feitos extraordinários. A expressão em seu rosto poderia muito bem ter origem em algum estímulo muscular obscuro sem relação alguma com o que viu, enquanto as anotações em seu diário são claramente o resultado de uma imaginação fantasiosa excitada por certas superstições locais e certos assuntos obscuros nos quais se aprofundara. Quanto às condições anômalas na igreja abandonada de Federal Hill – o investigador perspicaz não tarda em atribuí-las a um certo charlatanismo, consciente ou inconsciente, com o qual Blake mantinha relações secretas.

Afinal de contas, a vítima foi um escritor e pintor devotado ao campo da mitologia, do sonho, do terror e da superstição, ávido em sua busca por cenas e efeitos de natureza bizarra, espectral. Sua primeira estada na cidade – em visita a um estranho homem tão interessado em ocultismo e sabedoria secreta quanto o próprio Blake – acabara em meio ao fogo e à morte, e algum instinto mórbido deve tê-lo levado de volta ao lar em Milwaukee. Apesar das negativas no diário, Blake devia conhecer as velhas histórias, e sua morte pode ter cortado pela raiz uma farsa de proporções gigantescas, destinada a ter reflexos literários.

Contudo, entre os que examinaram e correlacionaram todas as evidências,

há muitos que defendem teorias menos racionais e menos triviais. Estes tendem a interpretar literalmente o conteúdo do diário de Blake e apontam fatos relevantes como a autenticidade indubitável do antigo registro da igreja, a existência comprovada da malquista e pouco ortodoxa seita da Sabedoria Estrelada antes de 1877, o sumiço documentado de um repórter investigativo chamado Edwin M. Lillibridge em 1893 e – acima de tudo – a expressão de pânico monstruoso e transfigurador no rosto do jovem artista quando seu corpo foi encontrado. Foi um adepto dessa versão que, levado ao extremo do fanatismo, atirou na baía a singular pedra angulosa e a estranha caixa lavrada em metal encontradas no velho coruchéu da igreja – no escuro coruchéu sem janelas, e não na torre onde o diário de Blake afirma que essas coisas foram originalmente encontradas. Mesmo tendo recebido inúmeras censuras oficiais e extraoficiais, este homem – um físico renomado com um gosto por lendas inusitadas – asseverou ter livrado a Terra de algo perigoso demais para habitá-la.

Entre as duas escolas opinativas, o leitor deve escolher a de sua filiação. Os documentos relatam os detalhes tangíveis de maneira cética, deixando a outros a tarefa de pintar o quadro tal como Robert Blake o via – ou imaginava ver – ou fingia ver. Façamos então um resumo atento, desapaixonado e sem pressa da nefasta cadeia de eventos segundo as opiniões expressas por seu principal ator.

O jovem Blake voltou a Providence no inverno de 1934-1935, quando ocupou o piso superior de um vistoso prédio em um gramado próximo à College Street – no alto do enorme morro a oeste junto ao campus da Brown University e atrás do prédio de mármore da John Hay Library. Era um lugar agradável e fascinante em um pequeno oásis paisagístico que lembrava os vilarejos antigos, onde enormes gatos amistosos tomavam sol no alto de um conveniente galpão. A quadrada casa georgiana tinha trapeiras no telhado, vão da porta em estilo clássico, com entalhes em leque, janelas pequenas e todas as outras características típicas das casas do início do século XIX. Dentro havia portas de seis painéis, pisos de tabuão, uma escadaria curva em estilo colonial, cornijas brancas do período adâmico e, nos fundos, alguns cômodos três degraus abaixo do nível da casa.

O escritório de Blake, de orientação sudoeste, dava para o jardim da frente em um lado, enquanto as janelas a oeste – diante das quais ficava a sua escrivaninha – revelavam o alto do morro e comandavam um esplêndido panorama dos telhados por toda a cidade baixa e também dos pores do sol místicos que lhes chamejavam por detrás. No horizonte

longínquo ficavam as colinas púrpuras do campo aberto. Mais atrás, a uns três quilômetros de distância, erguia-se o vulto espectral de Federal Hill, salpicado com aglomerações de telhados e coruchéus cujas silhuetas remotas oscilavam cheias de mistério, assumindo formas incríveis enquanto a fumaça da cidade espiralava em direção ao céu e as envolvia. Blake tinha a curiosa impressão de estar olhando para um mundo desconhecido, etéreo, que poderia ou não se refugiar em sonhos caso um dia resolvesse procurá-lo e desvendá-lo pessoalmente.

Após solicitar o envio da maioria dos livros que tinha em casa, Blake comprou móveis antigos de acordo com a nova morada e dedicou-se a escrever e a pintar – morando sozinho e cuidando ele próprio dos simples afazeres domésticos. O estúdio ficava em um quarto voltado para o norte, no sótão, onde as trapeiras propiciavam uma iluminação admirável. Durante aquele primeiro inverno, Blake escreveu cinco de suas mais célebres histórias – *The Burrower Beneath*, *The Stairs in the Crypt*, *Shaggai*, *In the Vale of Pnath* e *The Feaster from the Stars* – e pintou sete telas; estudos de monstros inomináveis, inumanos, e cenários alienígenas e extraterrenos.

Ao pôr do sol, muitas vezes sentava-se à escrivaninha e ficava olhando como que em um sonho em direção ao Ocidente – as torres negras do Memorial Hall logo abaixo, o campanário do tribunal geórgico, os sobranceiros pináculos do centro da cidade e, ao longe, o difuso outeiro rematado pelos coruchéus, cujas ruas desconhecidas e empenas labirínticas exerciam tamanha influência sobre sua imaginação. Dos poucos conhecidos na região, aprendeu que a colina mais distante era o bairro italiano, ainda que a maioria das casas fossem herança de antigos americanos e irlandeses. De tempos em tempos, Blake apontava o binóculo para aquele mundo espectral e inalcançável além da fumaça; escolhia telhados e chaminés e coruchéus individuais e especulava sobre os mistérios curiosos e bizarros que poderiam abrigar. Mesmo com o instrumento óptico, Federal Hill parecia de alguma forma alienígena, meio fabulosa e ligada aos portentos irreais e intangíveis nas histórias e telas do próprio Blake. A sensação persistia por muito tempo depois que o morro desaparecia no crepúsculo violeta, salpicado de lâmpadas, e as luzes do tribunal e o holofote vermelho do Industrial Trust iluminavam-se para deixar a noite grotesca.

De todos os objetos distantes em Federal Hill, uma certa igreja enorme e escura era o que mais fascinava Blake. A construção ficava muito visível durante certas horas do dia, e ao pôr do sol a enorme torre e o coruchéu pontiagudo erguiam-se como sombras contra o céu chamejante. A igreja

parecia ficar em terreno elevado, pois a sinistra fachada e a lateral norte, avistada de viés com o telhado oblíquo e o alto de enormes frestões, dominavam orgulhosas as inúmeras cumeeiras e chaminés ao redor. De aspecto particularmente tétrico e austero, o templo parecia ser construído em pedra manchada e desgastada pela fumaça e pelas tempestades de mais de um século. O estilo, pelo que se via com o binóculo, era remanescente dos primórdios do neogótico que precedeu o opulento período Upjohn e mantinha algumas das silhuetas e proporções da época georgiana. Talvez datasse de 1810 ou 1815.

À medida que os meses passavam, Blake observava a severa estrutura distante com crescente interesse. Como as enormes janelas jamais se acendiam, ele sabia que a construção devia estar abandonada. E, quanto mais observava, mais sua fantasia excitava-se, até que por fim começou a imaginar coisas um tanto curiosas. Blake acreditava que uma aura vaga e singular de sordidez pairava sobre a igreja, de modo que os pombos e andorinhas evitavam-lhe os beirais esfumaçados. Ao redor de outras torres e campanários, o binóculo revelava grandes revoadas de pássaros, mas na igreja eles não pousavam jamais. Enfim, foi isso o que Blake pensou e anotou em seu diário. Ele mostrou o lugar a vários amigos, mas nenhum deles jamais estivera em Federal Hill ou tinha a mais remota ideia sobre o que a igreja era ou havia sido.

Na primavera, uma grande inquietude apossou-se de Blake. Ele havia começado seu tão planejado romance – baseado na suposta sobrevivência do culto às bruxas no Maine –, mas, por algum estranho motivo, não conseguiu levar a ideia adiante. Com frequência cada vez maior, sentava-se à janela oeste e punha-se a observar o morro longínquo e o austero coruchéu negro evitado pelos pássaros. Quando as delicadas folhas surgiram nos galhos do jardim, o mundo foi tomado por uma nova beleza, mas a inquietação de Blake só fez aumentar. Foi então que pensou pela primeira vez em atravessar a cidade e escalar aquela fabulosa colina em direção ao mundo de sonhos envolto em fumaça.

No fim de abril, logo antes da Noite de Santa Valburga à sombra de Aeon, Blake fez sua primeira incursão rumo ao desconhecido. Depois de avançar pelas intermináveis ruas do centro e pelos ermos quarteirões decrépitos mais além, enfim chegou até a avenida ascendente com a escadaria de degraus gastos pelo século, os pórticos dóricos abaulados e as cúpulas de vidros baços que, segundo imaginava, conduziriam ao inalcançável mundo além da névoa que de longa data conhecia. Havia imundas placas brancas e azuis com nomes de ruas que não significavam nada para ele, e nesse instante Blake percebeu os rostos estranhos e sombrios da multidão

de passantes e os símbolos estrangeiros acima de curiosas lojas em construções marrons desgastadas pelo tempo. Em nenhuma parte ele encontrou os objetos que avistara de longe; assim, mais de uma vez imaginou que a Federal Hill daquele vislumbre longínquo era um mundo de sonho que jamais seria galgado em vida por pés humanos.

De vez em quando surgia a fachada de uma igreja em ruínas ou de um coruchéu prestes a desmoronar, mas nunca o vulto obscuro que ele procurava. Quando perguntou a um lojista pela enorme igreja de pedra, o homem sorriu e sacudiu a cabeça, ainda que falasse inglês de bom grado. À medida que Blake subia, a região tornava-se cada vez mais estranha, com intrincados labirintos de agourentas ruelas marrons que conduziam eternamente ao sul. Ele atravessou duas ou três avenidas largas e, a certa altura, imaginou ter vislumbrado uma torre familiar. Mais uma vez perguntou a um comerciante pela imponente igreja de pedra, e nessa segunda tentativa ele poderia jurar que a alegação de ignorância era falsa. O rosto bronzeado do homem tinha uma expressão de medo que ele tentava ocultar, e Blake o viu fazer um curioso gesto com a mão direita.

Então, de repente, um coruchéu negro delineou-se contra o céu anuviado à sua esquerda, acima dos incontáveis telhados marrons que ladeavam as emaranhadas ruelas ao sul. Blake soube no mesmo instante do que se tratava e apressou-se pelas vielas sórdidas e sem pavimentação que subiam a partir da avenida. Por duas vezes ele perdeu o caminho, mas por algum motivo não ousou fazer perguntas aos patriarcas e donas de casa que estavam sentados na soleira das portas nem às crianças que gritavam e brincavam no barro das vielas sombrias.

Enfim avistou a torre a sudoeste, e um enorme vulto de pedra ergueu-se, sinistro, no fim de uma ruela. Nesse instante, Blake estava em uma praça aberta, de pavimentação esquisita, com um elevado muro de aterro no extremo oposto. Este era o fim de sua busca, pois, sobre o vasto platô com grades de ferro e coberto de hera que a muralha sustentava – um mundo à parte, menor, dois metros acima das ruas em volta –, assomava um vulto titânico e nefasto cuja identidade, apesar da nova perspectiva de Blake, estava além de qualquer dúvida.

A igreja deserta apresentava sinais de profunda decrepitude. Alguns dos altos contrafortes de pedra haviam desabado, e muitos remates frágeis jaziam meio perdidos entre ervas daninhas e gramas marrons e negligenciadas. As fuliginosas janelas góticas estavam em boa parte intactas, embora vários mainéis de pedra estivessem faltando. Blake perguntou-se como as vidraças pintadas com tamanha negrura poderiam

ter resistido tão bem aos conhecidos hábitos dos garotos mundo afora. As portas maciças estavam em excelentes condições e firmemente trancadas. Em torno do espigão da muralha, cercando todo o terreno, havia uma cerca de ferro cujo portão – no alto do lance de escadas que subia desde a praça – estava fechado a cadeado. O caminho do portão até a igreja estava coberto por mato. A desolação e a decadência estendiam-se como uma mortalha sobre o lugar, e nos beirais vazios de pássaros e nas muralhas negras, despidas de hera, Blake sentiu um toque sinistro que não seria capaz de definir.

Havia pouquíssimas pessoas na praça, mas Blake viu um policial no lado norte e aproximou-se dele com perguntas acerca da igreja. O homem era um irlandês robusto, e a Blake pareceu estranho que não fizesse muito mais do que se persignar e balbuciar coisas sobre as pessoas jamais falarem a respeito daquela construção. Quando Blake o pressionou, o policial irlandês disse às pressas que o padre italiano advertia a todos contra a igreja, jurando que outrora um mal monstruoso havia habitado o lugar e lá deixado sua marca. O próprio irlandês ouvira histórias lúgubres contadas a meia-voz por seu pai, que relembrava certos sons e rumores da infância.

Nos velhos tempos, uma seita vil reunia-se lá – uma seita clandestina que invocava coisas terríveis dos ignotos abismos da noite. Fora preciso um excelente padre para exorcizar o que então surgiu, embora algumas pessoas dissessem que apenas a luz poderia bani-lo. Se o padre O'Malley estivesse vivo, teria muitas histórias para contar. Mas naquele ponto não havia mais nada a fazer, salvo esquecer a igreja. Ela já não prejudicava ninguém, e seus proprietários estavam mortos ou vivendo em lugares distantes. Todos haviam fugido como ratos após os ameaçadores boatos de 1877, quando as pessoas começaram a notar que de tempos em tempos alguém sumia da vizinhança. Um dia a cidade tomaria a frente e assumiria a posse da construção devido à inexistência de herdeiros, mas essa medida não resultaria em nada de bom. O melhor seria deixá-la ruir com o passar dos anos e não mexer com coisas que devem descansar para sempre em abismos sombrios.

Depois que o policial afastou-se, Blake ficou contemplando o soturno monte dos coruchéus. Ficou empolgado com a ideia de que aos outros a estrutura parecesse tão sinistra quanto para si, e assim passou a imaginar que verdade esconder-se-ia por trás das velhas histórias contadas pelo policial. O mais provável era que fossem meras lendas motivadas pelo aspecto maléfico da construção, mas as semelhanças com uma de suas próprias histórias eram incríveis.

O sol da tarde emergiu de trás das nuvens que se dispersavam, mas pareceu incapaz de iluminar as paredes manchadas e fuliginosas do velho templo que assomava no altaneiro platô. Era estranho que o verde primaveril não houvesse tocado as ervas marrons e secas daquele pátio cercado. Aos poucos Blake aproximou-se do terreno elevado e começou a examinar o muro e a cerca enferrujada em busca de uma via de ingresso. Sobre o templo obscuro pairava um fascínio terrível, a que não se podia resistir. A cerca não tinha nenhuma abertura próxima aos degraus, mas no lado norte algumas barras estavam faltando. Blake subiu os degraus e caminhou pelo estreito espigão da muralha, por fora da cerca, até alcançar a passagem. Se as pessoas nutriam um temor tão intenso pela construção, ele não haveria de encontrar nenhum obstáculo.

Blake estava no aterro e já quase no interior da cerca antes que alguém o notasse. Então, olhando para baixo, viu as poucas pessoas que estavam na praça afastarem-se e fazer o mesmo gesto que o lojista da avenida fizera com a mão direita. Muitas janelas fecharam-se, e uma mulher gorda disparou em direção à rua e arrastou algumas crianças pequenas para dentro de uma casa decrépita e sem pintura. A falha no cercado não oferecia dificuldades à passagem, e sem demora Blake estava a desbravar o emaranhado de mato putrescente no terreno abandonado. Aqui e acolá o fragmento desgastado de uma lápide indicava que o local era um antigo cemitério; mas isso deveria ter sido em épocas remotas. O vulto descomunal da igreja pareceu-lhe ainda mais opressivo de perto, mas Blake logo se recompôs e aproximou-se para tentar abrir as enormes portas da fachada. Todas estavam trancadas à chave, e assim ele começou a rodar o perímetro da construção ciclópica em busca de alguma entrada secundária mais acessível. Sequer nesse instante Blake poderia dizer ao certo se desejava entrar naquele covil de abandono e escuridão, mas a estranheza do lugar impelia-o adiante.

Uma janela aberta e desprotegida que dava para o porão ofereceu-lhe a passagem necessária. Ao perscrutar o interior, Blake viu um abismo subterrâneo de teias de aranha e poeira, iluminado pelos tênues raios de sol que filtravam pela janela a oeste. Destroços, barris velhos, caixas arruinadas e várias peças de mobiliário surgiram diante de seus olhos, embora tudo estivesse coberto por uma mortalha de poeira que abrandava todos os contornos salientes. As ruínas enferrujadas de uma fornalha de ar quente indicavam que o prédio estivera em uso e em boas condições até a metade do período vitoriano.

Agindo quase por instinto, Blake deslizou o corpo pela janela e desceu do outro lado, no chão de concreto forrado de pó e obstruído pelos destroços.

O porão abobadado era amplo e não tinha repartições; em um canto à direita, envolto em densas trevas, havia uma arcada sombria que sem dúvida conduzia ao andar superior. Blake foi acometido por um peculiar sentimento de opressão por estar de fato no interior da igreja espectral, mas logrou contê-lo enquanto procedia a uma cautelosa exploração, encontrando em seguida um barril intacto em meio ao pó e rolando-o até a janela aberta para assim garantir seu egresso. Então, tomando coragem, atravessou o amplo espaço festoado por teias de aranha em direção à arcada. Meio sufocado pela onipresença do pó e coberto por diáfanas fibras fantasmáticas, Blake se aproximou e começou a galgar os degraus carcomidos que se erguiam rumo às trevas. Não havia iluminação alguma, mas ele prosseguia às apalpadelas. Passada uma curva acentuada, encostou em uma porta logo à frente e, depois de tatear mais um pouco, encontrou sua antiga trava. A porta abriu para dentro, e além do umbral Blake avistou um corredor iluminado, com painéis roídos pelos cupins em ambos os lados.

Depois de chegar ao térreo, Blake começou uma rápida exploração. Todas as portas internas estavam destrancadas, de modo que lhe foi possível transitar à vontade entre os vários ambientes. A gigantesca nave era um lugar quase preternatural com os aglomerados e as montanhas de pó que recobriam os bancos, o altar, o púlpito e o dossel, e também com as titânicas cordas de teia de aranha que se estendiam em meio aos arcos pontiagudos da galeria e envolviam o conjunto das colunas góticas. No geral, aquela desolação silenciosa irradiava uma horripilante luz plúmbea, enquanto os raios do sol poente se esgueiravam pelos estranhos vitrais enegrecidos das enormes janelas absidais.

Os vitrais nessas janelas estavam tão obscurecidos pela fuligem que Blake mal pôde decifrar o que representavam, mas o pouco que conseguiu identificar não lhe agradou em nada. Os desenhos eram em grande parte convencionais, e o conhecimento de Blake acerca de símbolos obscuros revelou-lhe um bocado sobre alguns dos vetustos motivos. Os poucos santos representados traziam no semblante expressões visivelmente criticáveis, ao passo que um dos vitrais parecia trazer simples espirais de peculiar luminosidade. Afastando-se das janelas, Blake notou que a cruz envolta por teias de aranha logo acima do altar não era uma cruz convencional, mas representava o ankh primitivo ou a cruz ansata do Egito umbroso.

Nos fundos, em uma sacristia junto à abside, Blake descobriu uma escrivaninha podre e estantes que se erguiam até o teto, repletas de livros bolorentos e rotos. A essa altura, ele recebeu o primeiro choque de horror

objetivo, pois os títulos dos livros disseram-lhe um bocado. Eram as coisas negras e proibidas sobre as quais a maioria das pessoas em sã consciência jamais ouvira falar, ou então ouvira falar apenas em sussurros furtivos e temerosos; os repositórios proscritos e temidos de ambíguas fórmulas secretas e imemoriais que haviam acompanhado o fluxo do tempo desde a juventude dos homens e das eras difusas e fabulosas anteriores ao nascimento do primeiro homem. O próprio Blake lera uns quantos deles – uma versão latina do execrando *Necronomicon*, o sinistro *Liber Ivonis*, o infame *Cultes des Goules*, de Comte d'Erlette, o *Unassprechlichen Kulten*, de Von Juntz e o infernal *De Vermis Mysteriis*, do velho Ludvig Prinn. Mas havia outros que conhecia apenas de nome, ou sequer assim – os Manuscritos Pnakóticos, o *Livro de Dzyan* e um volume caindo aos pedaços com caracteres absolutamente indecifráveis, que no entanto trazia certos símbolos e diagramas pavorosamente familiares aos iniciados nas ciências ocultas. Ficou evidente que os rumores locais não eram infundados. O lugar outrora havia sediado uma ordem maléfica mais antiga do que a humanidade e maior do que o universo conhecido.

Na escrivaninha decrépita havia um pequeno registro encadernado em couro que continha estranhos apontamentos em algum sistema criptográfico. As anotações no manuscrito consistiam nos símbolos tradicionais usados hoje na astronomia e em tempos remotos na alquimia, na astrologia e em outras artes duvidosas – figuras representando o sol, a lua, os planetas, os aspectos e os signos zodiacais –, amontoados em páginas inteiras de texto, com divisões e quebras de parágrafo que sugeriam que cada símbolo correspondia a uma letra do alfabeto.

Na esperança de mais tarde resolver o criptograma, Blake pôs o volume no bolso do casaco. Muitos dos enormes tomos nas estantes fascinavam-no a extremos inefáveis, e ele sentiu-se tentado a tomá-los de empréstimo em um momento oportuno. Imaginou como os livros poderiam ter permanecido lá por tanto tempo sem que ninguém os perturbasse. Seria ele o primeiro a vencer o medo implacável e dominador que por quase sessenta anos havia protegido aquele lugar deserto contra os visitantes?

Ao dar por encerrada a exploração no piso térreo, Blake mais uma vez atravessou a poeira da nave espectral em direção ao vestíbulo, onde avistara uma porta e uma escadaria que julgava conduzir à torre e ao coruchéu enegrecidos – objetos que conhecia de longe havia muito tempo. A subida foi uma experiência sufocante, visto que o pó acumulava-se em grossas camadas enquanto as aranhas mostravam do que eram realmente capazes naquele espaço exíguo. A escada era uma espiral com degraus altos e estreitos, e a espaços Blake passava por uma janela baça que

oferecia um vertiginoso panorama da cidade. Mesmo sem ter visto corda alguma no andar de baixo, esperava descobrir um sino ou um carrilhão na torre cujos frestões e adufas seu binóculo amiúde examinara. Porém, ele estava fadado à decepção; pois, quando ganhou o alto da escadaria, encontrou o interior da torre vazio de sinos e visivelmente equipado para fins muito diferentes.

O aposento quadrado, com cerca de cinco metros de lado, recebia a iluminação tênue de quatro frestões, um em cada extremo, cobertos pela proteção das adufas decrépitas. Estas, por sua vez, haviam sido guarnecidas com telas firmes e opacas, que no entanto já estavam em boa parte apodrecidas. No centro do chão poeirento erguia-se um pilar de pedra estranhamente anguloso com cerca de um metro e vinte de altura e sessenta centímetros de diâmetro, coberto em ambos os lados por hieróglifos bizarros, de execução primitiva e absolutamente irreconhecíveis. No pilar repousava uma caixa metálica de peculiar formato assimétrico; a tampa estava aberta para trás e o interior abrigava o que, sob o denso pó das décadas, parecia ser um objeto oval ou um esfera irregular com cerca de dez centímetros de comprimento. Ao redor do pilar, quase em círculo, estavam dispostas sete cadeiras góticas de espaldar alto e muito bem conservadas, enquanto atrás delas, ao longo dos painéis escuros que revestiam as paredes, viam-se sete imagens colossais de estuque arruinado, pintadas de preto, que lembravam acima de tudo os crípticos megalíticos entalhados da misteriosa Ilha da Páscoa. Em um dos cantos da câmara recoberta por teias de aranha havia uma escada incrustada na parede, conduzindo a um alçapão fechado que dava acesso ao coruchéu sem janelas logo acima.

Quando Blake acostumou-se à iluminação tênue, percebeu os peculiares baixos-relevos na estranha caixa de material amarelado. Ao aproximar-se, tentou limpar a poeira com as mãos e com um lenço, e notou que as figuras eram de uma raça monstruosa e inteiramente alienígena; representações de entidades que, embora parecessem vivas, não guardavam semelhança alguma com as formas de vida que evoluíram em nosso planeta. A esfera de dez centímetros revelou-se na verdade um poliedro quase negro com veios rubros e inúmeras superfícies planas irregulares; ou uma notável espécie de cristal, ou um objeto factício entalhado em rocha de alto polimento. O poliedro não tocava no fundo da caixa; mantinha-se suspenso por meio de uma cinta de metal ao redor de seu centro, com sete apoios de formato inusitado que se estendiam na horizontal até os ângulos da parede interna da caixa, na altura do topo. A pedra, uma vez percebida, exerceu sobre Blake um fascínio quase

alarmante. Ele mal conseguia desgrudar os olhos do objeto e, enquanto observava as superfícies brilhosas, por pouco não o imaginava transparente, com difusos universos fabulosos no interior. Em sua imaginação flutuavam cenas de orbes alienígenas com enormes torres de pedra e de outros orbes com montanhas titânicas sem nenhum sinal de vida, e de espaços ainda mais remotos onde apenas uma agitação na negrura indefinível indicava a presença de consciência e de vontade.

Quando por fim desviou o olhar, foi para notar um peculiar amontoado de pó no canto mais distante, próximo à escada que dava acesso ao coruchéu. Blake não saberia dizer por que motivo aquilo chamou sua atenção, mas algo na silhueta transmitiu-lhe uma mensagem inconsciente. Enquanto caminhava com dificuldade naquela direção e desvencilhava-se das teias de aranha à medida que avançava, começou a perceber alguma coisa funesta. A mão e o lenço não tardaram em revelar a verdade, e Blake arquejou com uma atordoante mistura de emoções. Era um esqueleto humano, que deveria estar lá havia muito tempo. As roupas estavam viradas em andrajos, mas alguns botões e fragmentos de tecido indicavam um terno masculino cinza. Havia mais evidências – sapatos, fivelas de metal, enormes abotoaduras de punhos duplos, um alfinete de gravata à moda antiga, um crachá de repórter com o nome do antigo *Providence Telegram* e uma carteira de couro caindo aos pedaços. Blake examinou atentamente esta última, descobrindo em seu interior diversas cédulas antigas, um calendário promocional de celuloide de 1893 com o nome "Edwin M. Lillibridge" e um papel coberto de apontamentos a lápis.

Esse papel era de natureza um tanto críptica, e Blake o leu com muita atenção junto à baça janela oeste. O texto desconexo incluía frases como as que seguem:

> *Prof. Enoch Bowen volta do Egito em maio de 1844 – compra a antiga Igreja do Livre-Arbítrio em julho – autor de célebres trabalhos arqueológicos ocultistas.*
>
> *Dr. Drowne da 4ª Batista alerta contra a Sabedoria Estrelada no sermão de 29 dez. 1844. Congregação 97 no fim de 1845.*
>
> *1846 – Três desaparecimentos – primeira menção ao Trapezoedro Reluzente. Sete desaparecimentos 1848 – começam as histórias de sacrifício de sangue.*
>
> *Investigação 1853 não dá em nada – histórias de sons.*
>
> *Pe. O'Malley fala em adoração ao demônio com a caixa encontrada entre as grandes ruínas egípcias – diz que eles invocam uma coisa incapaz de existir na*

luz. Foge da luz fraca e é banido pela luz forte. Então precisa ser invocado outra vez. Provavelmente recebeu a informação no leito de morte de Francis X. Feeney, que se converteu à Sabedoria Estrelada em 1849. Segundo dizem essas pessoas, o Trapezoedro Reluzente mostra-lhes o céu & outros mundos, & o Assombro das Trevas de algum modo lhes conta segredos.

História de Orrin B. Eddy 1857. Invocam-no olhando para o cristal & falam em uma língua que lhes é própria.

200 ou mais na cong. 1863, sem contar os homens na frente de batalha.

Garotos irlandeses reúnem-se em frente à igreja após o desaparecimento de Patrick Regan em 1869.

Artigo velado no J. de 14 de março de 1872, mas as pessoas não comentam. Seis desaparecimentos 1876 – comitê secreto convoca o prefeito Doyle.

Providências prometidas para fev. 1877 – a igreja fecha em abril.

Gangue – garotos de Federal Hill – ameaçam o Dr. – e os sacristãos em maio. 181 pessoas deixam a cidade ainda em 1877 – sem menção de nomes.

Histórias de fantasmas começam por 1880 – confirmar relatos de que ninguém entra na igreja desde 1877.

Pedir a Lanigan a fotografia do lugar tirada em 1851...

Após recolocar o papel na carteira e guardar esta última no bolso, Blake virou-se para examinar o esqueleto empoeirado. As implicações desses apontamentos eram claras, e não havia dúvida de que aquele homem havia chegado ao edifício deserto quarenta e dois anos antes em busca de um furo de reportagem que ninguém mais fora destemido o suficiente para investigar. Talvez ninguém mais conhecesse o plano – como saber? Mas o homem jamais voltou à redação. Teria algum medo enfrentado com bravura conseguido vencê-lo e assim provocado um ataque cardíaco? Blake debruçou-se sobre os ossos brilhantes e estudou seu peculiar aspecto. Alguns estavam espalhados, e uns poucos pareciam ter se dissolvido nas extremidades. Outros haviam adquirido um estranho tom amarelado, que de certo modo sugeria algum chamuscamento. Alguns retalhos de tecido também estavam chamuscados. O crânio estava em condições um tanto peculiares – manchado de amarelo e com um orifício chamuscado na calota, como se algum ácido poderoso houvesse corroído a ossatura sólida. O que teria acontecido ao esqueleto durante as quatro décadas passadas no silencioso mausoléu estava além da imaginação de Blake.

Antes que desse por si, ele estava mais uma vez olhando em direção à pedra e deixando que aquela curiosa influência conjurasse um desfile nebuloso em sua imaginação. Viu procissões de silhuetas inumanas cobertas por mantos e capuzes e avistou quilômetros intermináveis de deserto cercado por monólitos lavrados que alcançavam o céu. Viu torres e muralhas nas profundezas noturnas sob o mar e redemoinhos siderais em que rastros de névoa sombria pairavam ante o brilho diáfano da fria neblina grená. E ainda mais adiante vislumbrou um abismo infinito de escuridão, onde vultos sólidos e semissólidos eram percebidos apenas pelas agitações do vento e forças nebulosas pareciam impor ordem ao caos e estender uma chave para todos os paradoxos e arcanos dos universos conhecidos.

Então, de repente o encanto foi quebrado por um surto de medo obstinado, indefinível. Sufocado, Blake afastou-se da pedra, ciente de que uma invisível presença alienígena vigiava-o de perto com terrível atenção. Ele sentiu-se ligado a algo – algo que não estava na pedra, mas que havia olhado através dela em sua direção –, algo que haveria de segui-lo incansavelmente graças a uma percepção além da visão física. Sem dúvida o lugar estava irritando seus nervos, como não poderia deixar de ser em vista de um achado tão macabro. A luz também se extinguia, e, como não tinha uma lanterna ou fósforos consigo, Blake sabia que teria de ir embora logo.

Foi nesse instante de crepúsculo iminente que julgou ter visto uma luminosidade tênue na esquisita pedra angulosa. Tentou olhar para outro lado, mas alguma compulsão obscura atraiu novamente o seu olhar. Será que não havia uma sutil fosforescência radioativa em torno daquela coisa? O que os apontamentos do morto haviam dito sobre um Trapezoedro Reluzente? O quê, afinal de contas, seria aquele covil abandonado de maldade cósmica? O que acontecera naquele lugar, e o que ainda poderia estar à espreita por trás das sombras evitadas pelos pássaros? Um miasma furtivo parecia haver surgido em algum local próximo, ainda que sua origem não fosse evidente. Blake pôs a mão sobre a caixa aberta havia tanto tempo e cerrou-a. A tampa moveu-se com facilidade sobre as dobradiças alienígenas e fechou-se sobre a pedra, que cintilava a olhos vistos.

Com o distinto clique da caixa fechando, um rumor discreto fez-se ouvir na escuridão eterna do coruchéu acima, no outro lado do alçapão. Ratos, sem dúvida – os únicos seres vivos a revelarem sua presença naquele vulto amaldiçoado desde o momento em que entrara. Mesmo assim, o rumor no coruchéu assustou Blake a tal ponto que, às raias do desespero,

arrojou-se escadaria abaixo, atravessou a nave espectral, adentrou o porão abobadado, saiu em meio ao acúmulo de pó na praça deserta e desceu as ruelas fervilhantes e assombradas de Federal Hill em direção à normalidade das ruas centrais e das familiares calçadas de tijolo no distrito universitário.

Nos dias a seguir, Blake não contou a ninguém sobre a expedição. Em vez disso, leu uma porção de coisas em certos livros, examinou jornais antigos no arquivo central e laborou com ardor no criptograma daquele volume encadernado em couro descoberto entre as teias da sacristia. O código, ele logo percebeu, não era nada simples; e, após reiterados esforços, Blake convenceu-se de que a língua não era inglês, latim, grego, francês, espanhol, alemão nem italiano. Estava claro que teria de beber nas fontes mais profundas de sua estranha erudição.

Todas as noites o velho impulso de olhar para o Ocidente retornava, e ele via o coruchéu negro como outrora, em meio aos telhados eriçados de um mundo distante, meio fabuloso. Mas agora havia uma outra nota de terror. Blake conhecia a herança maligna que lá se escondia e, de posse desse conhecimento, sua visão exacerbava-se de maneiras um tanto bizarras. Os pássaros da primavera aos poucos retornavam e, enquanto Blake observava seus voos ao pôr do sol, desviavam do coruchéu macabro e solitário com uma intensidade até então jamais vista. Quando uma revoada chegava perto, os pássaros rodopiavam e dispersavam-se em um pânico confuso – e não era difícil imaginar seus chilreios desesperados, incapazes de alcançá-lo a tantos quilômetros.

Foi naquele junho que o diário de Blake registrou sua vitória sobre o criptograma. O texto, segundo pôde averiguar, estava escrito na obscura língua aklo, usada por certos cultos malignos ancestrais e conhecida de Blake graças às suas pesquisas anteriores. O diário guarda uma estranha reticência em relação ao conteúdo da mensagem, mas é evidente que Blake ficou assombrado e desconcertado. Há referências a um Assombro das Trevas que desperta quando alguém olha para o Trapezoedro Reluzente, além de conjecturas insanas acerca dos negros abismos do caos de onde fora invocado. Este ser caracteriza-se por deter todo o conhecimento e exigir sacrifícios monstruosos. Algumas das anotações de Blake demonstram um temor de que a coisa, a seu ver já conjurada, pudesse espreitar livremente; embora afirme que a iluminação pública funciona como uma muralha intransponível.

Em relação ao Trapezoedro Reluzente, as referências são fartas; Blake trata-o como uma janela que se abre ao tempo e ao espaço e descreve sua

trajetória desde a época em que foi criado no sombrio planeta Yuggoth, antes mesmo que os Anciãos trouxessem-no à Terra. O artefato foi preservado e posto em sua curiosa caixa pelas coisas crinoides da Antártida, salvo das ruínas pelos homens-serpente de Valúsia e admirado éons mais tarde em Lemúria pelos primeiros humanos. Atravessou terras e mares estranhos e afundou com Atlântida antes que um pescador minoano capturasse-o em sua rede e vendesse-o a mercadores de tez escura vindos da umbrosa Khem. O faraó Nephren-Ka construiu ao redor do Trapezoedro um templo com uma cripta fechada e a seguir fez aquilo que levou seu nome a ser apagado de todos os monumentos e registros. Então o objeto dormiu nas ruínas daquele mausoléu destruído pelos sacerdotes e pelo novo faraó, até que a pá dos escavadores mais uma vez restaurasse-o à luz do dia para amaldiçoar a humanidade.

Por estranho que seja, no início de julho os jornais corroboraram as anotações de Blake, porém de modo tão sumário e casual que só mesmo o diário chamou atenção para essas contribuições. Parece que um novo terror vinha pairando sobre Federal Hill desde que um forasteiro adentrara a temível igreja. Aos sussurros, os italianos comentavam estranhas movimentações e estrondos e arranhões vindos do sombrio coruchéu sem janelas e pediam aos padres que banissem a entidade que assombrava seus sonhos. Alguma coisa, diziam, estava de guarda dia e noite na porta, esperando um momento escuro o suficiente para se aventurar mais longe. Os jornais faziam menção às antigas superstições locais, mas não esclareciam muita coisa a respeito dos motivos para tamanho horror. Evidente que os repórteres de hoje não são antiquários. Ao escrever essas coisas no diário, Blake expressa uma curiosa espécie de remorso e fala sobre o dever de enterrar o Trapezoedro Reluzente e banir a entidade que havia conjurado, deixando que a luz do dia invadisse o proeminente coruchéu nefando. Ao mesmo tempo, no entanto, demonstra a perigosa dimensão de seu fascínio e admite um desejo mórbido – presente até mesmo em sonhos – de visitar a torre amaldiçoada e mais uma vez contemplar os segredos cósmicos da pedra cintilante.

Então, na manhã de 17 de julho, alguma notícia do *Journal* despertou no diarista um grave surto de horror. Não passava de uma variante sobre o tema um tanto quanto jocoso da inquietude em Federal Hill, mas para Blake a notícia era terrível ao extremo. À noite, uma tempestade comprometera o sistema de iluminação da cidade por uma hora inteira, e nesse interlúdio escuro os italianos haviam quase enlouquecido de pavor. Os que moravam próximo à temível igreja juravam que a coisa no coruchéu aproveitara-se da ausência de iluminação pública para descer

até a nave da igreja, cambaleando e debatendo-se de maneira viscosa, absolutamente horripilante. Após algum tempo, subiu cambaleante até a torre, onde ouviram-se sons de vidro quebrando. Aquele ser poderia ir até onde as trevas alcançassem, mas a luz sempre o poria em fuga.

Quando a corrente elétrica voltou, houve uma terrível comoção na torre, pois até mesmo a tênue iluminação que filtrava pelas janelas fuliginosas e protegidas por adufas era demais para a coisa. Ela cambaleou e deslizou até o coruchéu envolto em trevas bem a tempo, pois uma exposição prolongada à luz tê-la-ia mandado de volta ao abismo de onde o forasteiro louco a invocara. Durante aquela hora no escuro, sob a chuva, multidões reuniram suas preces ao redor da igreja com velas acesas protegidas por papéis dobrados e guarda-chuvas – uma vigília de luz para salvar a cidade do pesadelo que espreitava nas trevas. Segundo os que estavam mais próximos à igreja, em um dado momento a porta externa chacoalhou de maneira horripilante.

Mas o pior ainda estava por vir. Aquela noite, no *Bulletin*, Blake leu sobre o que os repórteres haviam encontrado. Enfim cientes do inusitado valor jornalístico daquele desespero, dois deles resolveram desafiar as multidões frenéticas de italianos e esgueirar-se igreja adentro pela janela do porão, após uma tentativa frustrada de entrar pelas portas. Descobriram que a poeira do vestíbulo e da nave espectral havia sido revirada de forma bastante peculiar, com almofadas rotas e o forro dos bancos de cetim atirados por toda parte. Um odor envolvia toda a construção, e aqui e acolá surgiam manchas amarelas e retalhos que pareciam chamuscados. Ao abrir a porta de acesso à torre depois de uma pausa momentânea por conta de um ruído suspeito no andar superior, encontraram o estreito lance de escadas em espiral quase limpo por algo que se arrastara ao passar.

No interior da torre, a cena era bastante similar. Os repórteres mencionavam o pilar de pedra heptagonal, as cadeiras góticas viradas e as bizarras imagens de estuque; mas era estranho que não constasse nada acerca da caixa metálica e do velho esqueleto mutilado. O que mais perturbava Blake – afora as menções de manchas e chamuscados e odores pungentes – era o detalhe final que explicava o estilhaçamento das vidraças. Todas as vidraças dos frestões estavam quebradas, e dois deles haviam sido obscurecidos de maneira primitiva e apressada com o forro dos bancos de cetim e da crina das almofadas, socados no espaço entre as lâminas das adufas externas. Outros fragmentos de cetim e tufos de crina estavam espalhados pelo chão recém-pisado, como se alguém tivesse sido interrompido no ato de restaurar a torre ao estado de escuridão absoluta

em que outrora se encontrava.

Manchas amarelas e retalhos chamuscados apareceram na escada que conduzia ao coruchéu sem janelas, mas, quando um dos repórteres subiu, abriu o alçapão horizontal e direcionou o facho da lanterna para dentro daquele espaço negro e fétido, não viu nada além de trevas e de um amontoado heterogêneo de fragmentos disformes próximo à entrada. O veredicto, claro, era charlatanismo. Alguém havia pregado uma peça nos montanheses supersticiosos, ou então algum fanático tentara incitar o medo tendo o bem da população em vista. Ou talvez alguns dos moradores mais jovens e mais sofisticados tivessem armado uma farsa complexa para enganar o mundo lá fora. Houve um desdobramento divertido quando um policial foi enviado para averiguar os relatos. Três policiais em sequência arranjaram pretextos para se furtar à tarefa, e o quarto foi contrariado e voltou em pouco tempo sem nenhuma informação a acrescentar.

Desse ponto em diante, o diário de Blake registra uma maré crescente de horror insidioso e apreensão nervosa. Ele se censura por não tomar uma atitude e faz especulações mirabolantes sobre as consequências de um outro colapso na rede elétrica. Já se verificou que em três ocasiões – sempre durante tempestades – Blake telefonou para a companhia elétrica em uma veia frenética e pediu que se tomassem medidas desesperadas para evitar uma pane no fornecimento de luz. Vez por outra seus apontamentos demonstram preocupação com o fato de os repórteres não terem encontrado a caixa metálica com a pedra nem o esqueleto profanado ao explorar a torre. Blake supôs que esses objetos houvessem sido removidos – mas sequer imaginava para onde, por quem ou pelo quê. Seus maiores medos, no entanto, diziam respeito a si próprio e à ligação profana que julgava existir entre a sua mente e a do horror que espreitava no coruchéu longínquo – aquela coisa monstruosa da noite, invocada por sua imprudência do supremo espaço obscuro. Blake parecia sentir constantes impulsos contrários à sua vontade, e visitantes lembram que, na época, ficava absorto junto à escrivaninha, observando pela janela oeste o longínquo outeiro do coruchéu proeminente além da fumaça citadina. Seus monótonos apontamentos concentram-se em pesadelos e no fortalecimento da ligação profana durante o sono. Há menção a uma noite em que despertou completamente vestido, na rua, enquanto caminhava ao oeste, na direção de College Hill. Muitas e muitas vezes ele reafirma que a coisa no coruchéu sabe onde encontrá-lo.

A semana após o dia 30 de julho é relembrada como a época de seu colapso parcial. Blake sequer se vestia, e solicitava a comida por telefone.

Os visitantes perceberam as cordas que mantinha junto à cama, e Blake afirmava que o sonambulismo forçara-o a amarrar os tornozelos à noite com nós que provavelmente o manteriam preso ou então fariam com que acordasse durante o esforço para desatar as amarras. No diário, ele relatava a assombrosa experiência que precipitara o colapso. Após recolher-se na noite do dia 30, Blake de repente viu-se às apalpadelas em um recinto quase tomado pela escuridão.

Tudo o que via eram fachos curtos, tênues e horizontais de luz azulada, mas ao mesmo tempo percebia um miasma pungente e escutava uma mistura de sons abafados e furtivos acima de sua cabeça. Ao menor movimento ele esbarrava em alguma coisa, e a cada ruído ouvia-se um som como que em resposta vindo de cima – uma vaga movimentação, somada ao discreto ruído de madeira roçando contra madeira.

Em dado momento, suas mãos tateantes encontraram um pilar de pedra sem nada no topo, e a seguir ele viu-se agarrado aos degraus de uma escada incrustada na parede; quando então subiu indeciso por aquele caminho, em direção a um fedor ainda mais intenso, uma súbita rajada quente e escaldante veio a seu encontro. Diante de seus olhos surgiu uma gama caleidoscópica de imagens espectrais, todas elas desaparecendo a intervalos na figura de um vasto abismo insondável da noite, onde giravam sóis e planetas de negrura ainda mais profunda. Blake pensou nas lendas ancestrais do Caos Supremo, em cujo centro estende-se Azathoth, o deus cego e idiota, Senhor de Todas as Coisas, rodeado por sua horda convulsa de dançarinos irracionais e amorfos e embalado pelos suaves trenos de uma flauta demoníaca tocada por mãos inomináveis.

Então, uma súbita percepção do mundo exterior atravessou o transe e despertou-o para o horror inefável da situação. O que foi, ele jamais ficou sabendo – talvez alguma explosão tardia dos fogos de artifício que se fazem ouvir por todo o verão em Federal Hill, quando os habitantes saúdam seus vários santos padroeiros, ou os santos de seus vilarejos nativos na Itália. O fato é que ele gritou, caiu da escada em desespero e, cambaleando, atravessou às cegas o chão obstruído da câmara escura onde se encontrava.

Blake reconheceu de imediato o lugar e precipitou-se de qualquer jeito pela estreita escada em espiral, tropeçando e batendo-se a cada curva. Houve uma fuga excruciante através de uma vasta nave tomada por teias de aranha cujas arcadas fantasmáticas erguiam-se aos reinos das sombras zombeteiras, uma agitação às cegas através de um porão cheio de entulho, uma escalada até as regiões de ar fresco e iluminação pública do lado de

fora e uma corrida desesperada em que desceu uma pavorosa encosta com empenas desmesuradas, atravessou uma cidade mórbida e silente com torres negras e subiu o íngreme precipício a oeste até chegar à sua antiga morada.

Ao recobrar a consciência pela manhã, notou que estava deitado no chão do gabinete e vestido dos pés à cabeça. Sujeira e teias de aranha cobriam-lhe as vestes, e cada centímetro de seu corpo apresentava inchaços e contusões. Ao encarar o espelho, Blake notou que seu cabelo estava todo chamuscado, e um odor vil parecia exalar de seu casaco. Foi nesse instante que seus nervos sucumbiram. A partir de então, passando os dias exausto em seu roupão, Blake fez pouco mais além de olhar pela janela oeste, estremecer com a ameaça dos trovões e fazer anotações delirantes em seu diário.

A grande tempestade começou pouco antes da meia-noite no dia 8 de agosto. Raios caíam sem parar nos mais diversos pontos da cidade, e houve relatos de duas impressionantes bolas de fogo. A chuva era torrencial, e ao mesmo tempo uma salva de trovões impedia o sono de milhares de habitantes. Blake encontrava-se em um estado de frenesi absoluto devido à sua preocupação com o sistema elétrico, e tentou telefonar para a companhia de energia perto da uma hora da manhã, ainda que nesse horário o fornecimento de luz já estivesse temporariamente suspenso por razões de segurança. Ele registrou tudo no diário – os hieróglifos grandes, nervosos e amiúde indecifráveis contam sua própria história de angústia e desespero crescente e de apontamentos rabiscados às cegas, no escuro.

Blake teve de manter a casa às escuras para conseguir enxergar a rua, e parece que durante a maior parte do tempo permaneceu junto à escrivaninha, espiando ansioso através da chuva e seguindo os quilômetros cintilantes de telhados no centro da cidade até a constelação de luzes distantes que assinalava Federal Hill. De tempo em tempo, fazia anotações canhestras no diário, e assim frases desconexas como “As luzes não podem se apagar”; “Ele sabe onde estou”; “Preciso destruí-lo”; e “Ele está me chamando, mas talvez não queira o meu mal desta vez” encontram-se espalhadas por duas páginas.

Então as luzes de toda a cidade apagaram-se. Foi exatamente às 2h12 da madrugada, de acordo com os registros da companhia elétrica, mas o diário de Blake não faz menção à hora. A entrada diz apenas “As luzes se foram – que Deus me ajude”. Em Federal Hill estavam outros observadores tão ansiosos quanto ele, e grupos de homens encharcados

desfilavam pela praça e pelas ruelas em torno da igreja com velas protegidas por guarda-chuvas, lanternas elétricas, lampiões a óleo, crucifixos e todo tipo de amuletos obscuros comuns ao sul da Itália. Eles abençoavam cada novo relâmpago e faziam gestos crípticos de temor com a mão direita quando algo na tempestade fez com que os relâmpagos diminuíssem e por fim cessassem. Um vento repentino apagou a maioria das velas, de modo que a cena ficou envolta em trevas ameaçadoras. Alguém chamou o padre Merluzzo, da Spirito Santo Church, que se apressou até a fatídica praça a fim de pronunciar quaisquer sílabas de ajuda que pudesse. Quanto aos incansáveis e curiosos sons no interior da torre negra, não podia haver a menor dúvida.

Em relação ao que ocorreu às 2h35, temos o testemunho do padre, um homem jovem, inteligente e culto; do patrulheiro William J. Monohan da Estação Central, um policial da mais alta confiança que havia parado naquele ponto do trajeto para averiguar a multidão; e da maioria dos setenta e oito homens que se haviam reunido em volta do enorme muro da igreja – em particular daqueles que estavam no quarteirão de onde a fachada leste era visível. Claro, não havia nada que se pudesse atribuir em caráter definitivo ao reino do sobrenatural. As possíveis causas de um acontecimento assim são várias. Ninguém é capaz de falar com autoridade sobre os obscuros processos químicos que operam no interior de uma igreja vasta, antiga, malventilada e deserta que abriga os objetos mais heterogêneos. Vapores mefíticos, combustão espontânea, pressão de gases resultantes de uma longa putrefação... qualquer um desses incontáveis fenômenos pode ter sido o causador. Além do mais, a possibilidade de charlatanismo intencional não pode ser excluída sob hipótese alguma. A coisa em si foi um bocado simples e durou menos de três minutos. O padre Merluzzo, homem devotado à exatidão, olhava constantemente para o relógio.

Começou com o sensível aumento dos sons desordenados no interior da torre negra. Já havia algum tempo que a igreja vinha emanando odores estranhos e vis, mas naquele instante as exalações tornaram-se intensas e repulsivas. Por fim vieram sons de madeira despedaçando-se e de um objeto grande e pesado caindo no pátio contíguo à sobranceira fachada leste. A torre ficou invisível sem o lume das candeias, mas à medida que o objeto se aproximava do chão as pessoas compreenderam que se tratava da fuliginosa adufa do frestão leste.

Imediatamente a seguir um miasma insuportável emanou das alturas ocultas, provocando sufocamentos e náuseas entre os observadores trêmulos e quase prostrando aqueles que estavam na praça. No mesmo

instante, o ar tremeu com a vibração de um ruflar de asas, e um repentino vento leste que ultrapassou em força todas as rajadas anteriores levou os chapéus e arrastou os guarda-chuvas gotejantes da multidão. Não se podia ver nada com muita clareza, embora alguns espectadores que estavam olhando para cima imaginem ter visto uma enorme mancha de negrura ainda mais profunda espalhar-se contra o breu do céu – algo como uma nuvem de fumaça amorfa que disparou com a velocidade de um meteoro rumo ao leste.

Isso foi tudo. Os observadores estavam atônitos com o susto, o pavor e o desconforto, e mal sabiam o que fazer, ou mesmo se deviam fazer alguma coisa. Sem saber o que tinha acontecido, mantiveram a vigília; e, passado um instante, uniram-se em uma prece coletiva quando o clarão súbito de um relâmpago tardio, seguido por um estrondo ensurdecedor, rasgou os céus chuvosos. Meia hora depois a chuva parou, e passados mais quinze minutos a iluminação pública voltou a funcionar, mandando os vigilantes, encharcados e exaustos, aliviados para casa. O jornais do dia seguinte, ao noticiar a tempestade, dedicaram pouca atenção a esses incidentes.

Parece que o clarão súbito e a ruidosa explosão que sucederam os acontecimentos em Federal Hill foram ainda mais assombrosos em direção ao leste, onde o surgimento do miasma singular também foi noticiado. O fenômeno atingiu seu ápice em College Hill, onde o estrondo despertou todos os habitantes adormecidos e suscitou especulações mais fabulosas. Dentre os que estavam despertos, poucos avistaram o fulgor anômalo próximo ao cume da montanha ou perceberam a inexplicável rajada de vento que quase desfolhou as árvores da rua e arrancou as plantas dos jardins. Todos concordavam que o raio súbito e solitário deveria ter caído em algum lugar da vizinhança, embora o local exato da queda não tenha sido encontrado. Um jovem membro da fraternidade Tau Ômega pensou ter visto uma grotesca e horrenda nuvem de fumaça no ar assim que o fulgor preliminar iluminou o céu, mas este relato não foi confirmado. Os poucos observadores, no entanto, estavam todos de acordo em relação à violenta rajada do oeste e ao fedor insuportável que precedeu o trovão a seguir, e os testemunhos acerca do momentâneo odor de queimado após o som do trovão são igualmente unânimes.

Esses detalhes foram discutidos a fundo devido à sua provável ligação com a morte de Robert Blake. Estudantes no prédio Psi Delta, cujas janelas superiores nos fundos dão para o gabinete de Blake, perceberam o semblante difuso na janela oeste pela manhã do dia nove e perguntaram-se o que estaria errado com aquela expressão. Quando à noite viram o rosto ainda na mesma posição, ficaram preocupados e esperaram para ver

se as luzes do apartamento seriam acesas. Mais tarde tocaram a campainha do apartamento escuro e, por fim, chamaram um policial para arrombar a porta.

O corpo enrijecido estava sentado junto à escrivaninha, em frente à janela, e quando os invasores viram os olhos fixos, vidrados, e as marcas de horripilante e convulsivo pavor naquela fisionomia contorcida, desviaram o olhar em uma consternação nauseante. Logo em seguida o corpo foi encaminhado à autópsia e, apesar da janela intacta, o legista deu como causa da morte choque elétrico, ou tensão nervosa induzida por descarga elétrica. A expressão horrenda no rosto de Blake foi ignorada como sendo um possível resultado do espanto profundo que acomete pessoas de imaginação fértil e emoções descontroladas. Estas qualidades o legista deduziu a partir dos livros, pinturas e manuscritos encontrados no apartamento, e também das entradas rabiscadas às cegas no diário sobre a escrivaninha. Blake havia persistido em seus apontamentos até o último instante, e o lápis de ponta quebrada foi descoberto no rigor espasmódico de sua mão direita.

As anotações feitas após a queda de luz eram altamente desconexas e legíveis apenas em parte. A partir delas alguns investigadores tiraram conclusões bastante incompatíveis com o materialismo do veredicto oficial, mas tais especulações têm pouca chance de persuadir os conservadores. A tese defendida por esses teóricos imaginativos tampouco se beneficiou da ação do supersticioso Dr. Dexter, que atirou a curiosa caixa e a pedra angulosa – um objeto sem dúvida dotado de luz própria, como se viu no sombrio coruchéu desprovido de janelas onde foi encontrado – no canal mais profundo de Narragansett Bay. O excesso de imaginação e o desequilíbrio neurótico por parte de Blake, agravados pelo conhecimento do antigo culto ao mal cujos resquícios havia descoberto, compõem a interpretação mais aceita de seus frenéticos apontamentos finais. Eis aqui suas notas – ou tudo o que se pode apreender delas:

> *Ainda sem luz – já deve fazer cinco minutos. Tudo depende da iluminação. Yaddith faça com que resista!... Alguma influência parece estar atravessando... A chuva e o trovão e o vento ensurdecem... A coisa está controlando a minha mente...*
>
> *Problemas de memória. Vejo coisas que jamais conheci. Outros mundos e outras galáxias... O escuro... A luz parece escura e a escuridão parece iluminada...*
>
> *Não pode ser a montanha e a igreja de verdade o que vejo na escuridão. Deve ser uma impressão retiniana provocada pelos relâmpagos. Deus queira que os italianos estejam nas ruas com velas se os relâmpagos cessarem!*

Do que estou com medo? Não seria um avatar de Nyarlathotep, que na umbrosa Khem ancestral assumiu a forma de um homem? Lembro-me de Yuggoth, e do longínquo Shaggai, e do vazio supremo dos planetas negros...

O longo voo alado através do vazio... incapaz de atravessar o universo de luz... recriado pelos pensamentos aprisionados no Trapezoedro Reluzente... mande-o através de horríveis abismos cintilantes...

Meu nome é Blake – Robert Harrison Blake, e moro na East Knapp Street, 620, em Milwaukee, Wisconsin... Estou neste planeta...

Azathoth, tende piedade! O relâmpago já não brilha – que horror –, vejo tudo com a sensação monstruosa de que não está à vista – o claro é escuro e o escuro é claro... as pessoas na montanha... guardam... velas e amuletos... os padres...

Sem percepção da distância – o longe é perto e o perto é longe. Sem luz – sem binóculo – vejo o coruchéu – a torre – janela – ouço – Roderick Usher – louco ou enlouquecendo – a coisa se mexe e se agita na torre.

Eu sou a coisa e a coisa é eu – quero sair... preciso sair e unificar as forças... a coisa sabe onde estou...

Sou Robert Blake, mas vejo a torre no escuro. Um odor monstruoso... sentidos transfigurados... as tábuas do frestão cedendo e quebrando... Iä... ngai... ygg...

Estou vendo – cada mais perto – vento infernal – azul titânico – asa negra – Yog Sothoth, salve-me – o olho abrasador de três lóbulos...

7
O templo

Manuscrito encontrado na costa de Yucatán.

No dia 20 de agosto de 1917, eu, Karl Heinrich, Graf von Altberg-Ehrenstein, tenente-comandante da Marinha Imperial Alemã, e no comando do submarino *U-29*, lanço esta garrafa contendo este registro no Oceano Atlântico, em uma localização desconhecida por mim, provavelmente próxima a 20 graus de Latitude Norte e 35 graus de Longitude Oeste, onde minha embarcação está avariada no meio do oceano. Ajo dessa forma movido pelo desejo de narrar alguns fatos insólitos, algo que é bem provável que eu não possa fazer pessoalmente, pois as circunstâncias ao meu redor são tão ameaçadoras quanto extraordinárias, e envolvem não apenas a avaria fatal do *U-29*, mas também o enfraquecimento de minha vontade de ferro germânica.

Na tarde de 18 de junho, tal como foi transmitido por telégrafo ao *U-61*, que se dirigia para Kiel, torpedeamos o cargueiro britânico *Victory*, que ia de Nova York para Liverpool, em 45 graus e 16 minutos de Latitude N. e 28 graus e 38 minutos de Longitude a oeste, permitindo que a tripulação saísse em barcos para recolher uma boa filmagem para os arquivos do almirantado. O navio afundou de forma espetacular, primeiro de proa, com a popa erguendo-se bastante acima da água, e depois o casco mergulhou na vertical para o fundo do mar. Nossa câmera pegou tudo e lamento que um rolo de filme tão bom jamais chegue a Berlim. Depois, afundamos os barcos salva-vidas com os canhões e submergimos. Quando subimos à superfície, ao entardecer, achamos o corpo de um marinheiro no tombadilho com as mãos agarradas de maneira estranha ao parapeito. O pobre coitado era jovem, de pele bem morena e muito bonito, provavelmente italiano ou grego, e, com toda certeza, pertencera à tripulação do *Victory*. Era óbvio que ele havia procurado refúgio na mesma embarcação que fora forçada a destruir a sua, mais uma vítima da injusta guerra de agressão que os porcos ingleses estão travando contra nossa Pátria. Nossos homens o revistaram para pegar lembranças e descobriam, no bolso de seu capote, um curioso pedaço de marfim

entalhado, representando uma cabeça de jovem com uma coroa de louros. O outro comandante, tenente Klenze, achou que o objeto era muito antigo e tinha grande valor artístico, por isso o requisitou para si. Como ele havia chegado às mãos de um marinheiro comum ninguém podia imaginar.

Quando o morto foi atirado pela borda, dois incidentes deixaram a tripulação muito perturbada. Os olhos do rapaz estavam fechados, mas, quando ele foi arrastado para a amurada, eles abriram-se e muitos tiveram a estranha ilusão de que os olhos fitavam Schmidt e Zimmer de forma zombeteira, e eles estavam debruçados sobre o cadáver. O contramestre Müller, um homem mais velho que seria mais esperto se não fosse um porco alsaciano supersticioso, impressionou-se de tal forma com aquela sensação, que ficou observando o corpo na água e jurou que, depois de afundar um pouco, ele estirou os membros em posição de nado e dirigiu-se sob as águas para o sul. Klenze e eu não gostamos dessas exibições de ignorância campesina e repreendemos severamente os homens, Müller em especial.

No dia seguinte, criou-se verdadeiro problema com a indisposição de alguns membros da tripulação. Era evidente que estavam tensos por causa da nossa longa viagem e haviam tido pesadelos. Muitos pareciam aturdidos e apavorados e, depois de me certificar de que não estavam apenas fingindo a fraqueza, dispensei-os de suas funções. O mar estava muito agitado, obrigando-nos a descer para uma profundidade em que as ondas davam menos trabalho. Ali ficamos relativamente mais tranquilos, apesar de uma curiosa corrente para o sul que não conseguimos identificar nas cartas oceanográficas. Os gemidos dos doentes eram extremamente incômodos, mas, como não pareciam desmoralizar o resto da tripulação, não foi preciso recorrer a medidas drásticas. Nosso plano era permanecer naquela posição e interceptar o navio a vapor *Dacia*, mencionado em informações de nossos agentes em Nova York.

No começo da noite, fomos à superfície notando que o mar estava menos agitado. A fumaça de um couraçado apareceu no horizonte ao norte, mas nossa distância e capacidade de submergir nos salvaram. O que mais nos preocupava era a falação do contramestre Müller, que foi ficando mais e mais confuso durante a noite. Ele estava em um estado de infantilidade deplorável, balbuciando algo sobre a visão de corpos mortos passando pelas vigias submersas, corpos que olhavam intensamente para ele e que ele havia reconhecido, apesar de inchados, como pertencentes a pessoas que vira morrer em nossas façanhas alemãs vitoriosas. Ele também falava que o jovem que havíamos encontrado e atirado pela borda era o líder.

Aquilo tudo era muito repulsivo e anormal, por isso prendemos Müller e mandamos açoitá-lo com rigor. Os homens não gostaram da punição, mas era preciso manter a disciplina. Também negamos o pedido de uma comissão encabeçada pelo marujo Zimmer para que a curiosa cabeça entalhada em marfim fosse atirada ao mar.

No dia 20 de junho, os marujos Bohm e Schmidt, que haviam passado mal no dia anterior, tornaram-se loucamente furiosos. Lamentei não haver um médico em nosso corpo de oficiais, já que as vidas alemãs são preciosas, mas os delírios constantes dos dois a respeito de uma terrível maldição eram muito nocivos à disciplina, o que nos obrigou a tomar medidas drásticas. A tripulação aceitou o ocorrido de má vontade, mas aquilo pareceu acalmar Müller, que, daquele momento em diante, não nos causou mais nenhum problema. Durante noite, nós o soltamos e ele retomou suas obrigações em silêncio.

Na semana seguinte, estávamos todos nervosos à espera do *Dacia*. A tensão piorou com o desaparecimento de Müller e Zimmer, que com certeza se suicidaram devido aos pavores que os assombravam, embora ninguém os tivesse visto saltar ao mar. Fiquei muito satisfeito por me livrar de Müller, pois mesmo seu silêncio incomodava a tripulação. Todos pareciam preferir o silêncio. Era como se estivessem possuídos por um terror secreto. Muitos estavam doentes, mas ninguém havia enlouquecido. O tenente Klenze, pressionado pela tensão, irritava-se com qualquer coisa, como o grupo social de golfinhos que se aglomerava em números crescentes em volta do *U-29* e a intensidade crescente da corrente para o sul que não constava do mapa.

No final, ficou evidente que perdêramos completamente o *Dacia*. Esses acontecimentos não são incomuns e ficamos mais satisfeitos que desapontados, já que a ordem agora era regressar para Wilhelmshaven. Ao meio-dia de 28 de junho, viramos para nordeste e, apesar de alguns embaraços cômicos com a multidão incomum de golfinhos, logo estávamos a caminho.

A explosão na sala das máquinas às duas da madrugada nos pegou de surpresa. Não havíamos notado defeito algum nas máquinas nem descuido dos homens, mas, mesmo assim, sem aviso prévio, a embarcação foi sacudida de ponta a ponta por um abalo colossal. O tenente Klenze correu para a sala das máquinas, descobrindo o tanque de combustível e a maior parte do mecanismo despedaçados, e os engenheiros Raabe e Schneider mortos.

Em um instante nossa situação passou a ser realmente drástica, pois,

ainda que os regeneradores químicos do ar estivessem intactos e pudéssemos usar os dispositivos para elevar e submergir o barco e abrir as escotilhas enquanto ainda tínhamos o ar comprimido e a carga das baterias, não estávamos em condições de impelir ou guiar o submarino. Procurar salvação nos barcos salva-vidas nos deixaria nas mãos de inimigos irracionalmente enfurecidos com a grande nação alemã e, desde o incidente do *Victory*, não conseguíramos entrar em contato com nenhum submarino amigo da Marinha Imperial pelo telégrafo.

Desde a hora do acidente até 2 de julho, andamos continuamente à deriva para o sul, quase sem planos e sem encontrar barco algum. Os golfinhos ainda rodeavam o *U-29*, circunstância notável, considerando-se a distância que havíamos percorrido. Na manhã de 2 de julho, avistamos um couraçado com as cores americanas e os homens ficaram muito agitados, querendo render-se. O tenente Klenze acabou tendo de disparar contra um marinheiro de nome Traube, que incitava tal ato antigermânico. Aquilo acalmou a tripulação por algum tempo e submergimos para fora de vista.

Na tarde seguinte, um bando de aves marinhas surgiu vindo do sul e o oceano começou a ficar ameaçador. Fechando as escotilhas, aguardamos os acontecimentos até perceber que, se não submergíssemos, seríamos inundados pelas ondas que se avolumavam. A pressão do ar e a eletricidade estavam diminuindo e queríamos evitar todo uso desnecessário de nossos poucos recursos mecânicos, mas, naquele caso, não havia escolha. Não descemos até muito fundo e, depois de algumas horas, quando o mar ficou mais calmo, decidimos retornar à superfície.

Naquele momento, porém, surgiu um novo contratempo: o barco não respondia a nossos comandos, apesar de usarmos todos os recursos mecânicos. À medida que os homens iam ficando mais apavorados com aquela prisão submarina, alguns deles começaram a resmungar novamente contra a estatueta de marfim do tenente Klenze, mas a visão de uma pistola automática os acalmou. Mantivemos os pobres diabos ocupados ao máximo com as máquinas mesmo sabendo que era algo inútil.

Klenze e eu geralmente dormíamos em horários diferentes e foi durante meu período de sono, em torno das cinco da madrugada do dia 4 de julho, que o motim tomou força. Os seis malditos marinheiros restantes, suspeitando de que estávamos perdidos, e enfurecidos por não termos nos rendido ao couraçado ianque dois dias antes, em um delírio de impropérios e destruição, rugiam como animais, quebrando instrumentos

e móveis de forma aleatória e gritando bobagens sobre a maldição do ícone de marfim e o jovem morto que olhara para eles e saíra nadando. O tenente Klenze ficou paralisado e incapaz de agir, como era de se esperar de um frouxo e efeminado como ele.

Atirei nos seis, pois era preciso, e certifiquei-me de que nenhum ficasse vivo.

Jogamos os corpos pelas comportas duplas e ficamos sozinhos no *U-29*. Klenze parecia muito nervoso e bebia demais. Decidimos ficar vivos o máximo possível usando o grande estoque de provisões e o suprimento de oxigênio que não haviam sofrido com as loucuras daqueles malditos marinheiros. Bússolas, sondas e outros instrumentos delicados estavam todos arruinados, o calendário e nossa deriva visível avaliada por qualquer objeto que pudéssemos avistar pelas vigias ou do alto da torre. Nosso único recurso para o cálculo da posição do barco seriam as conjecturas com base em observações.

Felizmente tínhamos baterias em estoque para muito tempo, tanto para a iluminação interna quando para o holofote. O tempo todo corríamos o facho de luz ao redor do barco, mas só conseguíamos enxergar os golfinhos nadando em paralelo ao curso de nossa deriva. Fiquei cientificamente interessado naqueles golfinhos, pois, embora o *Delphinus delphis* comum seja um mamífero cetáceo incapaz de sobreviver sem ar, observei atentamente um deles por duas horas e não o vi alterar sua condição de submersão.

Com o passar do tempo, Klenze e eu concordamos em que a deriva ainda era na direção do sul enquanto mergulhávamos cada vez mais fundo. Observávamos a fauna e a flora marinhas e líamos muito sobre o tema nos livros que havia trazido para os momentos de folga. Contudo, não pude deixar de observar quanto o conhecimento científico de meu companheiro era inferior ao meu. Sua cabeça não era nem um pouco prussiana, entregando-se a fantasias e especulações sem o menor valor. A proximidade da morte afetava-o de maneira estranha e ele rezava muito, cheio de remorso pelos homens, mulheres e crianças que havíamos afundado, esquecendo-se de que todas as coisas feitas a serviço do Estado alemão são nobres.

Ele foi ficando visivelmente desequilibrado, observando, durante horas, o ícone de marfim e tecendo histórias fantasiosas sobre coisas esquecidas e abandonadas no fundo do mar. Às vezes, à luz de experimento psicológico, eu provocava seus devaneios e ficava ouvindo as intermináveis citações e histórias poéticas sobre navios afundados. Senti

muito por ele, pois não gosto de ver um alemão sofrer, mas ele não era uma boa companhia para se morrer. Quanto a mim, sentia-me orgulhoso, sabendo que a Pátria reverenciaria minha memória e ensinaria meus filhos a serem homens como eu.

No dia 9 de agosto, avistamos o leito do oceano e lançamos sobre ele o facho potente do holofote. Era uma planície ondulada quase toda coberta por algas, com as conchas de pequenos moluscos espalhadas por toda parte. Viam-se aqui e ali objetos de formato estranho, cobertos de limo e de algas e encrustados de cracas, que, na constatação de Klenze, deviam ser antigos navios repousando em seus túmulos. Ele pareceu intrigado com uma coisa: um pico de matéria sólida projetando-se do leito do oceano até quase doze metros de altura, com uns sessenta centímetros de espessura, faces planas e as superfícies superiores lisas encontrando-se em um ângulo muito aberto. Imaginei que se tratava de um afloramento de rocha, mas Klenze achava ter visto entalhes no objeto. Um pouco depois, ele começou a tremer e desviou o olhar da cena, parecendo apavorado, mas não conseguiu dar explicação alguma, exceto a de estar exausto diante da enormidade, da escuridão, da ancestralidade e do mistério dos abismos oceânicos.

Ele estava mentalmente extenuado, mas eu, sempre um alemão, fui rápido em perceber duas coisas: que o *U-29* estava suportando perfeitamente a pressão da profundidade oceânica e que os estranhos golfinhos ainda nos acompanhavam, mesmo naquela profundidade, onde a existência de organismos altamente organizados é considerada impossível pela maioria dos naturalistas. Eu tinha certeza de que havia superestimado nossa profundidade antes, mas ainda assim devíamos estar a uma profundidade suficiente para tornar aqueles fenômenos admiráveis. A velocidade para o sul, medida pelo leito do oceano, estava próxima da que eu havia calculado pelos organismos observados nos níveis superiores. Foi às 3h15 da tarde de 12 de agosto que o pobre Klenze enlouqueceu de vez. Ele estava na torre de observação usando o holofote quando o vi dirigir-se para o compartimento da biblioteca onde eu estava lendo, e seu rosto imediatamente o traiu. Repetirei aqui o que ele disse, destacando as palavras que enfatizou:

– *Ele* está chamando! *Ele* está chamando! Posso ouvi-lo! Devemos ir!

Enquanto falava, pegou o ícone de marfim da mesa, colocou-o no bolso e segurou meu braço, tentando arrastar-me pela escada para o tombadilho. Em um instante, percebi que ele pretendia abrir a escotilha e mergulhar comigo na água, um delírio maníaco suicida e homicida para o qual eu

não estava preparado. Quando me esquivei e tentei acalmá-lo, ele ficou ainda mais violento, dizendo:

– Venha agora, depois será tarde demais; é melhor se arrepender e ser perdoado do que desafiar e ser condenado.

Tentei então fazer o oposto da tentativa de acalmá-lo, dizendo que ele estava louco, lastimavelmente insano. Mas ele não se abalou, gritando:

– Se estou louco, é uma misericórdia! Que os deuses tenham piedade do homem que, por sua indiferença, consegue ficar são diante do fim hediondo! Venha e seja louco enquanto ele ainda chama com clemência!

O desabafo pareceu aliviar uma pressão em sua cabeça, pois, quando terminou, ficou mais calmo, pedindo-me para deixá-lo partir sozinho já que eu não queria acompanhá-lo. Percebi claramente a postura que deveria assumir. Ele era mesmo alemão, mas de um tipo simplório, e agora havia se transformado em um louco potencialmente perigoso. Concordando com seu pedido suicida, eu me livraria de alguém que não era mais um companheiro, e sim uma ameaça. Pedi que me entregasse a imagem de marfim antes de partir, mas isso lhe provocou uma risada tão sinistra que não me atrevi a insistir.

Depois, perguntei se ele não queria deixar alguma lembrança ou uma mecha de cabelo para a sua família na Alemanha, caso eu conseguisse me salvar, mas ele repetiu a risada misteriosa. Assim, enquanto ele subia a escada, eu fui para os comandos e, esperando os intervalos de tempo necessários, operei o mecanismo que o enviou para a morte. Quando percebi que ele já não estava no barco, lancei o facho do holofote pela água tentando avistá-lo, querendo verificar se a pressão da água o teria esmagado, como teoricamente devia acontecer, ou se o cadáver não teria sido afetado, como acontecia com os extraordinários golfinhos. Mas não consegui avistar meu antigo companheiro, pois os golfinhos, formando um grupo compacto em volta da torre, obscureceram a visão.

Naquela noite, lamentei não ter tirado a imagem de marfim do bolso do pobre Klenze sem ele perceber quando partiu, pois a lembrança dela me fascinava. Não conseguia esquecer a cabeça jovem e bela com sua coroa de folhas, embora eu não seja, por natureza, um artista. Lamentava, também, não ter ninguém com quem conversar. Klenze, ainda que espiritualmente inferior, era melhor do que nada. Dormi bem naquela noite, e me perguntava quando o fim chegaria. Sabia que a chance de ser resgatado era muito pequena.

No dia seguinte, subi à torre e retomei minha observação de costume com

o holofote. Para o norte, a vista era exatamente igual à de quatro dias antes, quando avistáramos o fundo, mas percebi que a deriva do *U-29* era menos veloz. Quando desviei o facho para o sul, observei que o leito do oceano à frente descia em um declive acentuado, exibindo blocos de pedra curiosamente irregulares organizados conforme padrões definidos em certos locais. O barco não desceu de imediato, acompanhando a profundidade maior do oceano, obrigando-me a regular o holofote, apontando o facho para baixo. Na virada brusca, um fio soltou-se, exigindo mais tempo para os reparos, mas a luz tornou a brilhar, inundando o vale marinho abaixo.

Não sou de extravasar emoções, mas fiquei muito espantado quando enxerguei o que a luz elétrica revelava. Entretanto, criado na melhor cultura da Prússia, eu não devia ter ficado espantado, pois a geologia e a tradição nos falam de grandes transposições em áreas oceânicas e continentais. O que vi foi um extenso e elaborado alinhamento de construções em ruínas, todas com uma arquitetura imponente, ainda que inclassificável, e em vários estágios de conservação. A maioria parecia ser de mármore, reluzindo vivamente sob a luz do holofote, e o plano geral resultava em uma grande cidade no fundo de um vale estreito com numerosos templos e vilas isolados nas encostas íngremes acima. Os telhados haviam caído e as colunas estavam partidas, mas persistia em tudo a atmosfera de um esplendor imemorialmente antigo que nada poderia apagar.

Confrontado, enfim, com a Atlântida que eu até então considerara um mito, tornei-me o mais ávido dos exploradores. No fundo daquele vale, houve um rio algum dia, pois, examinando melhor a cena, avistei restos de pontes e diques de pedra e mármore, além de terraços e aterros antes verdejantes e belos. O entusiasmo me deixou quase tão atônito e sentimental quanto o pobre Klenze, e demorei para notar que a correnteza para o sul havia enfim terminado, permitindo que o *U-29* pousasse mansamente sobre a cidade submersa como um avião pousa sobre uma cidade na superfície da Terra. Também demorei para perceber que o bando de golfinhos insólitos havia desaparecido.

Duas horas mais tarde, o barco repousava em uma praça pavimentada perto do muro rochoso do vale. De um lado, dava para ver a cidade inteira descendo da praça para a antiga margem do rio; do outro, com uma proximidade chocante, estava a fachada ricamente ornamentada e bem preservada de um grande edifício, evidentemente um templo, escavado na rocha maciça. Tudo o que posso fazer sobre a arte construtiva original daquela coisa titânica são conjecturas. A fachada, de

imensa dimensão, cobria aparentemente um vazio contínuo, pois tinha muitas janelas amplamente distribuídas. No centro, havia uma grande passagem aberta que podia ser alcançada por um impressionante lance de degraus, e era rodeada por esculturas curiosas parecendo figuras de bacanais em relevo.

Na frente de tudo ficavam as grandes colunas e frisas decoradas com esculturas de uma beleza inexprimível retratando, obviamente, cenas pastorais idealizadas e procissões de sacerdotes e sacerdotisas carregando estranhos objetos cerimoniais para a adoração de um deus radiante. A qualidade artística do conjunto é fenomenal, em grande medida helênica, mas curiosamente diferenciada. Dá uma impressão de espantosa antiguidade, como se fosse mais antiga que as ancestrais imediatas da arte grega. Não posso duvidar, também, de que cada detalhe daquela obra maciça tenha sido talhado na pedra virgem de nosso planeta.

É evidente que se trata da muralha do vale, embora não consiga imaginar até que profundidade o interior terá sido escavado. Talvez se tenha aproveitado de uma caverna ou de um conjunto de cavernas. Nem o tempo nem a submersão conseguiram destruir a grandeza primitiva daquele magnífico santuário, pois santuário é a palavra que o define, e ainda hoje, milhares de anos depois, permanece imaculado e puro na escuridão silenciosa e eterna de um abismo oceânico.

Não consigo mensurar o número de horas que passei observando a cidade submersa com seus edifícios, arcos, estátuas e pontes, e o templo colossal com sua beleza e seu mistério. Mesmo sabendo que a morte estava próxima, a curiosidade me dominava, e eu corria o facho do holofote pelas cercanias do barco em uma busca frenética. A luz fez com que eu compreendesse muitos detalhes, mas não conseguiu mostrar nada além daquela passagem escancarada do templo cavado na rocha, e, depois de algum tempo, para economizar energia, desliguei a corrente. Os raios de luz estavam agora perceptivelmente mais fracos do que nas semanas de deriva e meu desejo de explorar os segredos aquáticos, instigado pela iminente privação da luz, crescia. Eu, um alemão, seria o primeiro a percorrer aqueles caminhos esquecidos pelo tempo!

Idealizei um escafandro de metal para águas profundas e fiz testes com a lanterna portátil e o regenerador de ar. Embora a manobra da dupla escotilha fosse causar-me certa dificuldade, acreditei que poderia superar todos os obstáculos com minha habilidade científica e caminhar pessoalmente pela cidade morta.

No dia 16 de agosto, saí do *U-29* e avancei com dificuldade pelas ruas

arruinadas e cobertas de lama na direção do antigo rio. Não encontrei esqueletos nem outros restos humanos, mas recolhi uma fortuna em conhecimento arqueológico das esculturas e moedas. Sobre isto, tudo que posso fazer é expressar minha admiração por uma cultura que estava em pleno apogeu de sua glória quando moradores de cavernas perambulavam pela Europa e o Nilo fluía despercebido para o mar. Guiados por este manuscrito, se algum dia ele for encontrado, outros poderão desvendar os mistérios que eu só posso sugerir. Voltei ao barco quando minhas baterias enfraqueceram, decidido a explorar o templo escavado na rocha no dia seguinte.

No dia 17, quando minha vontade de desvendar o mistério do templo ficou ainda mais insistente, tive a desilusão de descobrir que os materiais necessários para recarregar a lanterna portátil haviam sido destruídos no motim daqueles porcos, em julho. Fiquei cheio de raiva, mas minha natureza germânica impediu que eu me aventurasse despreparado pelas entranhas completamente escuras que poderiam abrigar algum monstro marinho indescritível ou um labirinto de passagens de cujos recessos jamais poderia sair. Tudo que me restava fazer era acender o fraco holofote do *U-29* e, com sua ajuda, subir os degraus do templo e analisar as esculturas externas.

O facho de luz penetrava pela porta de baixo para cima e eu tentei vislumbrar alguma coisa em seu interior, mas nada consegui. Nem mesmo o teto era visível. Embora arriscasse um passo ou dois em seu interior depois de testar a solidez do piso com um bastão, não ousei ir mais longe. Além do mais, pela primeira vez em minha vida, sentia-me apavorado. Comecei a entender como haviam surgido certas atitudes do pobre Klenze, pois, quanto mais o templo me atraía, mais eu temia seus abismos aquáticos com um terror cego e crescente. Voltando ao submarino, apaguei as luzes e sentei-me, pensativo, no escuro. A eletricidade precisava ser poupada para emergências.

Passei todo o dia 18, um sábado, na mais negra escuridão, atormentado por pensamentos e lembranças que ameaçavam vencer minha vontade germânica. Klenze havia enlouquecido e morrido antes de alcançar aquela sinistra ruína de um passado terrivelmente remoto e me aconselhara a ir com ele. Não teria o destino poupado minha razão só para me arrastar inelutavelmente para um fim tão pavoroso, que homem nenhum jamais sonhara? Meus nervos estavam dolorosamente tensos e eu precisava livrar-me daquela sensação típica de homens fracos.

Não consegui dormir durante a noite de sábado e acendi as luzes sem me

importar com o futuro. Era irritante saber que a eletricidade não duraria tanto quanto o ar e as provisões. Voltei a pensar em eutanásia e examinei a pistola automática. Devo ter caído no sono com as luzes acesas, pois despertei no escuro, já na tarde do dia seguinte, e descobri que as baterias estavam descarregadas. Acendi vários fósforos em seguida e lamentei profundamente a imprevidência com que havíamos gastado as poucas velas que possuíamos. Depois de se extinguir o último fósforo que ousei gastar, fiquei sentado, em silêncio, na mais absoluta escuridão. Enquanto pensava no fim inevitável, minha mente percorreu os acontecimentos anteriores e passei a sentir uma sensação até então adormecida que teria feito estremecer alguém mais fraco e mais supersticioso. A cabeça do deus radiante nas esculturas sobre o templo de pedra é a mesma daquele pedaço de marfim entalhado que o marinheiro morto trouxera do mar e que o pobre Klenze levara de volta às águas.

Tal coincidência deixou-me um tanto aflito, mas não aterrorizado. Só um pensador ordinário se apressa em explicar o singular e o complexo pelo atalho primitivo do sobrenatural. A coincidência era curiosa, mas eu era um pensador sólido o bastante para não associar circunstâncias que não admitem nenhuma conexão lógica ou relacionar, por algum mecanismo extraordinário, os acontecimentos desastrosos que se sucederam do caso do *Victory* às minhas aflições presentes. Sentindo que precisava descansar mais, tomei um sedativo. A situação de meus nervos refletiu-se nos meus sonhos, pois tive a sensação de ouvir gritos de pessoas se afogando e ver faces mortas espremendo-se contra a embarcação. E, entre as faces mortas, estava o rosto lívido e zombeteiro do jovem com a imagem de marfim.

Preciso ser cuidadoso em minhas anotações sobre o despertar de hoje, pois estou exausto e necessariamente haverá muitas alucinações misturadas com os fatos. Do ponto de vista psicológico, meu caso é dos mais interessantes, e lamento que não possa ser analisado com rigor científico por alguma autoridade alemã competente. Ao abrir os olhos, minha primeira sensação foi um desejo incontrolável de visitar o templo escavado na rocha, um desejo que crescia a cada instante, mas ao qual eu tentava instintivamente resistir, movido por uma sensação de medo que agia no sentido contrário. Depois, veio-me a impressão de luz em meio à escuridão das baterias descarregadas e parecia ter visto uma espécie de brilho fosforescente na água em torno da vigia que estava de frente para o templo.

Aquilo despertou minha curiosidade, pois eu não conhecia nenhum organismo marinho capaz de emitir tal luminosidade. Porém, antes que eu

pudesse investigar, tive uma terceira impressão, que, por sua irracionalidade, me fez duvidar da objetividade de tudo que meus sentidos pudessem registrar. Foi uma ilusão de aura, a sensação de um som melódico, ritmado, que parecia surgir de um hino coral ou entoado, agreste, mas belo, atravessando o casco absolutamente à prova de som do *U-29*. Convencido da anomalia de minhas condições psicológicas e nervosas, acendi alguns fósforos e servi uma dose concentrada de solução de brometo de sódio, que pareceu acalmar-me o suficiente para desfazer a ilusão sonora. Mas a fosforescência persistia, e tive dificuldade de represar o impulso infantil de ir até a vigia e procurar sua origem. Ela era terrivelmente real, e não demorou para eu poder distinguir, com a sua ajuda, os objetos familiares que me cercavam, inclusive o copo de brometo de sódio vazio do qual eu não tivera nenhuma impressão visual no local em que ele agora estava.

A última circunstância fez com que eu meditasse e atravessei o cômodo até o copo e o toquei. Ele estava realmente onde eu o havia visto. Agora eu sabia que a luz, se não era real, fazia parte de alguma alucinação tão fixa e consistente que eu não poderia descartá-la; por isso, deixando de lado toda resistência, subi na torre de observação para verificar a origem da luz. Não seria, talvez, algum outro submarino da série U trazendo uma esperança de resgate?

É compreensível que o leitor não aceite nada do que se segue como verdade absoluta, pois, como os acontecimentos transcendem à lei natural, eles são, necessariamente, criações fictícias e subjetivas de minha mente. Quando cheguei à torre, descobri que o mar em geral estava bem menos iluminado do que eu esperava. Não havia nenhum animal ou planta fosforescente por ali, e a cidade que acompanhava o declive da encosta até o rio era invisível na escuridão. O que vi não foi espetacular, nem grotesco, nem pavoroso, mas eliminou o último vestígio de confiança que eu tinha na própria consciência. Pois a porta e as janelas do templo submerso escavado na colina rochosa brilhavam vivamente com um resplendor cintilante, como se a poderosa chama de um altar ardesse, à distância, em seu interior.

Os incidentes posteriores são caóticos. Olhando para a porta e as janelas iluminadas, fiquei exposto a visões demasiado extravagantes, visões tão extraordinárias que não consigo sequer relacioná-las. Imaginei discernir objetos no templo, alguns parados, outros em movimento, e tive a impressão de ouvir de novo o canto irreal que fluíra até mim quando havia despertado. E, por cima de tudo, surgiram pensamentos e pavores centrados no jovem que viera do mar e no ícone de marfim cuja imagem

estava reproduzida na frisa e nas colunas do templo à minha frente. Pensei no pobre Klenze e fiquei imaginando onde estaria seu corpo com a imagem que ele havia levado de volta para o mar. Ele me advertira sobre algo e eu não lhe dera atenção, mas ele era um imbecil que enlouquecera em face de problemas que um prussiano poderia facilmente suportar.

O restante é muito simples. Meu primeiro impulso de entrar no templo havia se transformado em uma ordem imperiosa e inexplicável. Minha vontade germânica já não conseguia controlar meus atos, e o arbítrio só foi possível em questões menores daquele momento em diante. Uma loucura como aquela conduzira Klenze à morte, com a cabeça descoberta e desprotegida, no oceano, mas eu sou prussiano e homem de juízo e usarei até o fim o pouco que dele me resta. Quando percebi, pela primeira vez, que devia ir, preparei o traje de mergulho, o capacete e o regenerador de ar e imediatamente comecei a escrever este apressado relato na esperança de que ele possa algum dia chegar ao mundo. Colocarei o manuscrito em uma garrafa e a confiarei ao mar quando deixar o *U-29* para sempre.

Não tenho medo de nada, nem mesmo das profecias do enlouquecido Klenze. O que vi não pode ser verdade, e sei que este transtorno da minha própria vontade só pode me levar à morte por asfixia quando o ar se esgotar. A luz no templo é pura ilusão e eu morrerei calmamente, como um alemão, nas profundezas escuras e perdidas. Esse riso demoníaco que ouço enquanto escrevo vem apenas de meu próprio cérebro debilitado. Agora vestirei com cuidado o traje de mergulho e subirei corajosamente os degraus para entrar no templo primitivo, no enigma silencioso de insondáveis águas e incontáveis anos.

8
O modelo de Pickman

Você não precisa achar que sou louco, Eliot. Muitas pessoas têm superstições mais extravagantes do que essa. Por que você não zomba do avô do Oliver, por exemplo, que nunca entrou em um carro? Se eu não suporto aquele maldito metrô, é problema meu; e, de qualquer maneira, chegamos muito mais depressa de táxi. Se tivéssemos vindo de metrô, teríamos que subir a ladeira da Park Street a pé.

Confesso que estou mais nervoso do que quando você me viu no ano passado, mas não acho que isso seja motivo suficiente para que me recomende uma clínica. Deus sabe bem que tenho muitos motivos para isso, e acho que tenho muita sorte de ter mantido a lucidez até agora. Por que o interrogatório? Você não era tão inquisitivo.

Bem, se você quer saber, não vejo razão para não contar. Talvez você tenha mesmo o direito de saber, já que foi o único a escrever para mim, como se fosse um pai aflito, quando soube que eu não frequentava mais o Clube de Arte e que me afastei de Pickman. Agora que ele desapareceu, vou ao clube de vez em quando, mas meus nervos já não são o que eram antes.

Não, não sei o que aconteceu com Pickman e também não gosto de me render a conjecturas. Você deve ter imaginado que eu sabia de algo importante quando me distanciei dele – e é por isso que me recuso a pensar sobre aonde ele foi. Deixe a polícia investigar o que puder. Não acho que vão descobrir muita coisa, visto que até agora ainda não sabem nada sobre a casa que, sob o nome de Peters, ele alugou em North End. Também não tenho certeza de que eu mesmo poderia encontrá-la de novo – e nem *penso* em tentar encontrá-la, mesmo em plena luz do dia. Sim, acho que sei, ou *imagino saber* por que ele a alugou. Sobre isso eu posso falar. Assim você vai entender, muito antes de eu terminar, por que não vou à polícia. Eles me forçariam a levá-los até lá, mas a verdade é que eu não poderia voltar àquela casa mesmo que soubesse o caminho. Havia algo lá. Bem, é por isso que não consigo mais andar de metrô (e você

pode rir disso também) nem entrar em porões.

Achei que você saberia que o meu distanciamento de Pickman não se devia às mesmas razões estúpidas que produziram a mesma reação em mulheres como a Dra. Reid, ou Joe Minot, ou Rosworth. A arte que lida com o mórbido não me choca, e, quando alguém tem o gênio que Pickman tinha, sinto que é uma honra conhecê-lo, não importa que direção tome seu trabalho. Boston nunca teve um pintor tão notável quanto Richard Upton Pickman. Eu disse isso desde o começo e continuo afirmando; e também não desviei nenhum centímetro quando ele apresentou aquela tela *Ghoul se alimentando*. Você deve lembrar, foi depois desse trabalho que Minot parou de cumprimentá-lo.

Você sabe, para produzir trabalhos como os de Pickman é necessário um profundo domínio da arte e uma percepção não menos profunda das entranhas da natureza. Qualquer ilustrador de capa de revistas é capaz de espalhar a tinta de um jeito qualquer no papel e dar àquilo o nome de pesadelo, de sabá das bruxas ou de retrato do diabo. Mas somente um grande artista pode alcançar um resultado que realmente nos impressione como plausível e nos aterrorize. Isso porque somente um verdadeiro artista reconhece a verdadeira anatomia do terror e a fisiologia do medo: o tipo exato de linhas e proporções que se conectam aos instintos latentes ou memórias hereditárias do medo, e os contrastes precisos de cor e efeitos da luz que estimulam no observador o sentido latente de estranheza. Não preciso explicar a você por que um Fuseli provoca calafrios, enquanto a capa de uma revista de terror só nos faz rir. Existe algo que esses seres excepcionais capturam, algo que está além da vida, e que eles são capazes de transmitir para nós, mesmo que por apenas alguns segundos. É o que distingue Gustave Doré. Ou Sime. Angarola, de Chicago, também. E Pickman o fazia como ninguém antes dele tinha feito e – como espero em Deus – ninguém mais fará.

Não me pergunte o que esses homens veem. Você sabe, na prática artística percebe-se uma grande diferença entre as obras vivas, que captam esses seres extraídos da natureza ou de modelos e os produtos artificiais que são fabricados em um ateliê precário. Em suma, devo dizer que o artista que é verdadeiramente fantástico é dotado de um tipo de visão que o capacita a perceber os motivos genuínos do mundo espectral em que vive. De qualquer forma, este artista consegue produzir resultados que diferem dos sonhos alucinados de um impostor, quase da mesma maneira que as obras de um pintor da natureza se distanciam dos pastiches de alguém que aprendeu a desenhar por correspondência. Se eu tivesse visto o que Pickman via! Mas não. Escute, vamos tomar uma bebida antes de nos

envolvermos nesse assunto. Por Deus! Eu não estaria vivo hoje se tivesse visto o que aquele homem – se é que era homem – via.

Você se lembra, o forte de Pickman eram os rostos. Acho que ninguém desde Goya foi capaz de representar o inferno em um rosto ou em um conjunto de características ou expressões distorcidas; e, antes de Goya, seria necessário procurar nos artistas medievais anônimos que criaram as gárgulas ou as quimeras de Notre-Dame ou Mont Saint-Michel. Eles acreditavam em todo tipo de coisas – e talvez também tenham *visto* todo tipo de coisas, especialmente se você lembrar que a Idade Média teve algumas fases muito curiosas. Lembro perfeitamente que em uma ocasião, um ano antes de partir, você perguntou a Pickman de onde diabos ele tirava aquelas ideias e visões. Não foi desagradável a gargalhada que ele deu em resposta? Em parte, foi por causa daquela risada que Reid se afastou dele. Reid tinha acabado de se formar em Patologia Comparada e era repleto de ideias pomposas sobre o significado biológico ou evolutivo deste e daquele sintoma mental ou físico. Ele dizia que Pickman lhe causava cada vez mais repulsa e que nos últimos tempos o deixava à beira do terror. Dizia que a expressão de Pickman e até mesmo suas características estavam se transformando de uma forma de que ele não gostava, de uma forma que não era humana. Falou muito sobre alimentação e disse que Pickman devia ser anormal e excêntrico ao extremo. Se você se correspondeu com Reid, suponho que tenha dito a ele que as pinturas de Pickman abalavam seus nervos ou atormentavam sua imaginação. Foi o que eu mesmo disse a ele na época.

Você pode ter certeza de que não me distanciei de Pickman por nenhuma dessas coisas. Pelo contrário, minha admiração por ele continuou crescendo, já que não havia dúvida de que aquela tela do *Ghoul se alimentando* era uma obra-prima. Como você sabe, o Clube se recusou a exibi-la e o Museu de Belas-Artes não a aceitou sequer como presente; e posso acrescentar que ninguém quis comprá-la também, então a pintura ficou na casa de Pickman até o dia em que ele desapareceu. Agora está nas mãos do pai dele, na casa da família em Salém. Você sabe, Pickman vem de uma família antiga de Salém e um de seus antepassados foi enforcado por bruxaria em 1692.

Eu me habituei a visitar Pickman com certa frequência, especialmente depois que comecei a procurar material para uma monografia sobre arte fantástica. Foi provavelmente o trabalho dele que plantou essa ideia na minha cabeça. De qualquer forma, devo confessar que o trabalho de Pickman foi uma verdadeira mina, rica de sugestões e informações para esse projeto. Ele me deu acesso a todas as suas obras, a todas as pinturas e

desenhos que tinha com ele, incluindo alguns esboços à tinta que teriam lhe acarretado uma expulsão imediata do Clube se muitos dos sócios os tivessem visto. Em pouco tempo, eu havia me transformado em uma espécie de seguidor que passava horas ouvindo como um garoto aquelas teorias artísticas e especulações filosóficas tão insanas que, sozinhas, justificariam uma internação de Pickman no hospício de Danvers. A admiração que eu demonstrava, e também o fato de que quase todas as pessoas tinham começado a se afastar dele, fez com que Pickman me confidenciasse muitas coisas. E, em certa noite, ele deu a entender que, se tivesse certeza da minha discrição e da minha integridade, me mostraria algo diferente do que eu estava acostumado a ver, algo consideravelmente mais incomum e mais perturbador do que qualquer uma das peças que ele tinha em sua casa.

"Certas coisas", confidenciou-me ele, "não são toleráveis para a Newbury Street; aqui elas estariam fora de lugar e nem poderiam ser concebidas. Minha missão é capturar as sutilezas da alma e isso é claramente impossível de conseguir em um conjunto de ruas de construção recente em um aterro. Back Bay não é Boston – ainda não é nada, porque não teve tempo suficiente para reunir memórias e atrair espíritos locais. Se existem fantasmas aqui, são os fantasmas mansos, de pântanos salgados ou de uma pequena caverna. Mas eu preciso de fantasmas humanos, fantasmas de seres fortes o suficiente para terem resistido a um vislumbre do inferno e retornado com o significado do que viram."

"O melhor lugar para um artista viver", continuou ele, "é o North End. Se fosse coerente e sincero consigo mesmo e com seu trabalho, o artista viveria apenas nos bairros pobres, onde as tradições se acumulam. Meu Deus, você percebe que esses lugares não foram apenas *construídos*, mas que se *desenvolveram*? Geração após geração, eles viveram, sofreram e morreram ali, em tempos em que as pessoas não tinham medo de viver, de sofrer e de morrer. Você tem ideia de que em 1632 havia um moinho em Copp's Hill e que a metade das ruas atuais já existia por volta de 1650? Posso mostrar a você casas que estão em pé há mais de dois séculos e meio, casas que presenciaram coisas que reduziriam as casas modernas a pó. O que as pessoas hoje em dia sabem sobre a vida e as forças que a movem? Hoje você diz que as feitiçarias de Salém são mera fantasia, mas aposto que a avó da minha avó teria muita coisa para contar. Ela foi enforcada em Gallows Hill, sob o olhar de Cotton Mather. O maldito Mather sempre teve medo de que alguém conseguisse fugir daquela prisão demoníaca de monotonia. Pena que não lançaram nele um feitiço nem sugaram seu sangue durante a noite!"

“Eu posso mostrar a você uma das casas onde ele morou”, continuou Pickman, “e também posso levá-lo a outra casa em que ele tinha medo de entrar, apesar de suas muitas bravatas. Ele sabia de coisas que não se atreveu a descrever naquela desafortunada *Magnalia* ou nas fantasias infantis das *Maravilhas do mundo invisível*. A propósito, você sabia que houve um tempo em que todo o North End era atravessado por uma rede de túneis que permitia que as pessoas se comunicassem com as de outras casas, com o cemitério e com o mar? Os caçadores de bruxas podiam procurar e perseguir o que estava acima do solo. As coisas aconteciam todos os dias e eles não conseguiam ter acesso a elas. As vozes riam à noite e eles não sabiam de onde!

“Meu caro, de dez casas construídas antes de 1700, aposto que em oito delas posso mostrar-lhe algo estranho no porão. Você não passa um mês sem ler nos jornais que um grupo de trabalhadores, ao demolir construções antigas, descobriu passagens em arco e poços subterrâneos que não levam a lugar nenhum. No ano passado, dava para ver uma casa assim quando o trem passava pela Henchman Street. Havia bruxas e a invocação de seus feitiços, piratas e o que eles saqueavam no mar, contrabandistas, corsários. Posso assegurar-lhe que em outros tempos as pessoas sabiam como viver e como expandir as fronteiras da vida. Aliás, esse não era o único mundo que um homem com imaginação e coragem poderia conhecer. Argh! E pensar nos dias de hoje, com intelectos tão apagados que até mesmo um clube de supostos artistas sente calafrios e convulsões se uma pintura ofende a sensibilidade de uma mesa de chá na Beacon Street!

“O único aspecto positivo do presente é que ele é estúpido demais para fazer perguntas detalhadas acerca do passado. O que os mapas e registros e guias de viagem nos informam a respeito do North End? Raios! Eu garanto que vou levá-lo a trinta ou quarenta vielas e emaranhados de vielas ao norte da Prince Street que não são conhecidos por mais de dez pessoas além dos estrangeiros que se amontoam por lá. E o que aqueles galegos entendem disso? Nada, Thurber, esses lugares antigos estão repletos de maravilhas, de terror e de portas para fugir para lugares diferentes. Mas nem assim aparece uma vivalma que os compreenda ou se beneficie deles. Ou melhor, existe apenas uma alma – afinal, não estive revirando o passado a troco de nada!

“Quem diria que você se interessaria por esse tipo de coisa. Bem, o que você diria se eu lhe contasse que tenho outro estúdio nessa área, no qual posso capturar o espírito sombrio de horrores passados e pintar coisas que nunca teriam chegado à minha imaginação na Newbury Street? É claro

que eu não faria essa revelação para as velhinhas estúpidas do Clube – começando com Reid, a maldita, sempre sussurrando como se eu fosse uma espécie de monstro descendo o tobogã da involução. Você pode acreditar em mim, Thurber, há muito tempo eu decidi que, assim como a beleza, também se deve pintar o terror a partir da observação, então explorei alguns lugares onde eu tinha motivos para acreditar que o terror habitava."

"Eu encontrei um lugar", murmurou Pickman, "que apenas três homens nórdicos viram, além de mim. Não está muito longe do elevado, mas está a séculos de distância em relação ao espírito. Decidi alugar a casa por causa do velho poço com paredes de tijolo no porão. O prédio está quase em ruínas, então ninguém pensaria em morar lá. Eu teria vergonha de confessar o que pago por ela. Cobri as janelas com tábuas, já que não preciso da luz do sol para o meu trabalho, e instalei a oficina no porão, onde a inspiração se torna mais intensa, mas também tenho outras salas com móveis no andar térreo. O edifício pertence a um siciliano, e para alugar a casa usei o nome de Peters."

"Se você quiser", concluiu Pickman, "posso levá-lo lá hoje à noite. Tenho certeza de que você vai gostar muito das pinturas, já que nelas deixei a imaginação correr solta. Nós não teremos que andar muito. Faço o trajeto sempre a pé para não atrair a atenção com um táxi em um lugar como aquele. Vamos pegar o metrô na South Station em direção à Battery Street. E de lá é só uma caminhada curta."

Bem, Eliot, você vai concordar se eu lhe disser que, depois de uma conversa dessas, precisei conter a vontade de sair correndo e pegar o primeiro táxi livre que aparecesse à nossa frente. Nós pegamos o metrô na South Station e por volta do meio-dia estávamos na Battery Street, caminhando ao longo do velho cais de Constitution Wharf. Não prestei atenção nas ruas transversais e não saberia dizer em qual delas entramos, mas sei que não foi em Greenough Lane.

Depois subimos todo o comprimento de um beco deserto que era o mais antigo e o mais imundo que já vi em toda a minha vida, cheio de casas que pareciam prestes a desmoronar, com tetos quebrados, janelas estilhaçadas e chaminés surradas e meio desintegradas, que, no entanto, ainda permaneciam de pé contra o céu enluarado. Tive a impressão de que todas as casas que vi já existiam no tempo de Cotton Mather. E tenho certeza de que vi pelo menos duas casas com beirais, e lá pelas tantas tive também a impressão de ver um telhado de duas águas anterior às mansardas, embora os antiquários digam que não restou nenhuma casa

assim em Boston.

Quando saímos desse beco pouco iluminado, dobramos à esquerda e pegamos uma viela ainda mais estreita e igualmente silenciosa, mas sem luz alguma. Em seguida, no escuro, fizemos o que eu acredito ter sido uma curva em ângulo obtuso à direita. De repente paramos, e Pickman tirou uma lanterna de dentro das roupas e projetou um raio de luz contra uma porta de madeira antediluviana que parecia estar devastada pelos cupins. Pickman abriu a porta e convidou-me a entrar por um corredor vazio que ainda conservava os vestígios do que um dia foi um magnífico teto de lambris de carvalho. Era um detalhe simples, claro, mas que fazia lembrar do tempo de Andros, Phipps e de feitiçaria. Então ele me conduziu por uma porta à esquerda, acendeu uma lamparina a óleo e me disse para ficar à vontade, como se estivesse em minha própria casa.

Eliot, você sabe que eu sou o tipo de sujeito que as pessoas costumam chamar de durão, mas devo confessar que a visão do que estava nas paredes daquela casa perturbou minha alma. Eram pinturas de Pickman – aquelas que ele não conseguia pintar, quanto mais exibir na Newbury Street –, e ele tinha toda a razão quando disse que havia deixado a imaginação “correr solta”. Vamos, tome outra bebida. Eu, pelo menos, preciso de mais uma!

É inútil tentar descrever esses quadros para você, porque o horror mais terrível e herético e a decadência moral mais repulsiva vinham por meio de simples pinceladas de cor que as palavras não podem descrever. Nesses trabalhos não havia nada da técnica sofisticada vista em Sidney Sime, nem mesmo as paisagens ou a vegetação cósmica que Clark Ashton Smith usa para congelar o sangue. Os cenários de fundo eram geralmente de antigos cemitérios, florestas escuras, penhascos à beira do mar, túneis forrados com tijolos, antigos quartos laminados ou simples criptas de alvenaria. O cemitério de Copp’s Hill, que certamente não ficava longe de onde estávamos, era o cenário predileto.

A loucura e a monstruosidade ficavam evidentes nas figuras de primeiro plano, já que a arte mórbida de Pickman consistia acima de tudo em retratos demoníacos. As figuras não eram inteiramente humanas; em vez disso, tentavam se aproximar da humanidade em graus variados. A maioria dos corpos, que mal eram bípedes, curvavam-se para a frente e tinham um ar canino. A textura parecia borracha e era bastante desagradável. Ugh! Parece que as estou vendo nesse instante! Não me peça tantos detalhes sobre suas ocupações. Em maior parte, estavam se alimentando; não vou lhe dizer do que se alimentavam. Às vezes

apareciam em bandos em cemitérios ou passagens subterrâneas e, ocasionalmente, pareciam disputar uma presa ou, melhor dizendo, seus preciosos saques. E, acima de tudo, aquela maldita expressividade que Pickman dava aos rostos parados daquela carniça macabra. Em algumas pinturas, as criaturas pulavam através de uma janela aberta para o coração da noite ou aninhavam-se no peito de algum ser adormecido para se entreterem com a garganta. Uma das pinturas mostrava uma matilha daquelas criaturas repugnantes uivando ao redor de uma bruxa enforcada em Gallows Hill, cuja fisionomia cadavérica tinha uma impressionante semelhança com a dos seres.

No entanto, não pense que foram esses cenários tétricos que me fizeram fraquejar. Não sou criança e, a propósito, já vi muita coisa semelhante antes. Foram os rostos, Eliot, aqueles malditos rostos com sorrisos de escárnio e babando, que pareciam escapar da tela movidos por um sopro de vida. Eu poderia jurar que eles estavam vivos! Aquele mago hediondo tinha despertado os fogos do inferno com seus pigmentos, e o pincel dele conjurou terríveis pesadelos. Passe-me a garrafa, Eliot.

Eu me lembro de uma tela chamada *A Lição*. Deus tenha misericórdia de mim por ter visto aquilo! Você pode imaginar um grupo desses seres caninos agachados em um semicírculo em um cemitério e dedicados à tarefa de ensinar uma criança a se alimentar como eles? Suponho que seriam os termos de uma troca. Certamente você conhece a velha lenda sobre as terríveis substituições que os seres sobrenaturais praticam, deixando seus próprios filhos nos berços e levando as crianças que dormem neles. As pinturas de Pickman mostravam o que acontece com essas crianças roubadas, como elas se desenvolvem, e a partir desse momento comecei a notar uma semelhança assustadora entre os rostos das figuras humanas e não humanas. Pickman se dedicou a estabelecer, com todos os possíveis graus de morbidade, um sinistro elo evolutivo entre o totalmente humano e o degradadamente desumano. A origem dos seres caninos eram os seres humanos!

Eu mal havia me perguntado o que aconteceria às crias daqueles seres que eram deixadas ao cuidado de humanos como objeto da troca quando meus olhos caíram sobre um quadro que encarnava esse mesmo pensamento. A tela representava os interiores de uma casa puritana em um cômodo cheio de vigas e gelosias, adornado com mobílias esquisitas do século XVII, onde toda a família se reunia em volta do pai, que lia uma passagem da Bíblia. Todas as faces, com exceção de uma, tinham uma expressão de nobreza e reverência; mas aquela refletia a mais repugnante zombaria. Era o rosto de um jovem, sem dúvida o suposto filho daquele pai devoto,

mas que na verdade tinha parentesco com os seres impuros. Era o produto de uma daquelas permutas. E, em um impulso de suprema ironia, Pickman conferira às feições do jovem uma semelhança chocante às suas próprias feições.

Nesse momento, Pickman já havia acendido uma lâmpada na sala ao lado, segurava a porta aberta e me convidava a entrar, perguntando se eu gostaria de ver seus "estudos modernos". Eu ainda não tinha aberto minha boca para comunicar minhas impressões sobre o que vira, pois o terror e a repulsa me deixaram sem palavras. Mas acho que ele entendeu perfeitamente e, sem dúvida, ficou lisonjeado. Agora, Eliot, quero reforçar mais uma vez que não sou nenhum fracote que se põe a gritar quando se vê diante de qualquer coisa que se afaste do que chamamos de normal. Tenho idade suficiente e sou um homem sofisticado, e acho que você viu o bastante de mim na França para saber que não me impressiono com facilidade. Também não esqueça que eu mal havia recuperado o fôlego e me acostumado àquelas figuras pavorosas que transformavam a Nova Inglaterra colonial em uma espécie de anexo do inferno. Bem, apesar de tudo isso, o que vi naquela sala me forçou a soltar um grito e precisei me agarrar ao batente da porta para não cair. O primeiro dos cômodos era o reino de um número de vampiros e bruxas que povoavam o mundo de nossos ancestrais, mas essa sala trazia o horror para a nossa vida cotidiana!

Meu Deus, como aquele homem pintava! Havia um esboço chamado *Acidente no Metrô*, no qual era possível ver um grupo de seres malignos brotando de uma enorme catacumba desconhecida através de uma rachadura no piso da estação na Boston Street e atacando a multidão de pessoas que esperava na plataforma. Outro mostrava um baile entre os túmulos de Copp's Hill, com uma paisagem contemporânea ao fundo. Havia também várias cenas em porões, com monstros saindo de buracos e rachaduras na alvenaria, fazendo gestos sinistros e rindo agachados atrás de barris ou fornalhas enquanto esperavam a primeira vítima descer as escadas.

Uma tela repugnante parecia se concentrar em uma vasta área de Beacon Hill tomada por densos exércitos de monstros mefíticos que pareciam formigas e que brotavam e se espremiam de milhares de tocas que cobriam o chão, conferindo-lhe um aspecto de favos de mel. Havia também muitos trabalhos com danças nos cemitérios atuais, mas o que mais me perturbou foi uma cena em uma cripta desconhecida, na qual uma multidão de pequenas criaturas amontoava-se em torno de outra, que trazia nas mãos um conhecido guia de Boston, que lia evidentemente em

voz alta. Todas as criaturas apontavam para a mesma passagem e cada um daqueles rostos estava tão contorcido com uma risada epilética e reverberante que eu quase parecia ouvir os ecos demoníacos. O título da obra era *Holmes, Lowell e Longfellow estão enterrados em Mount Auburn*.

Enquanto recuperava um pouco de equilíbrio e serenidade, enquanto me adaptava àquela segunda sala diabólica e mórbida, comecei a analisar algumas características da minha repulsa. Em primeiro lugar, eu dizia a mim mesmo, tudo aquilo era repugnante porque evidenciava a falta de humanidade e a crueldade impiedosa que se revelava existir em Pickman. Sem dúvida, ele devia ser um inimigo incansável da humanidade para se deleitar daquela maneira com a tortura do espírito e da carne e com a degradação do invólucro mortal. Em segundo lugar, todas aquelas pinturas eram aterrorizantes devido à sua própria grandeza. A arte dele era persuasiva: ao olhar para suas pinturas, é possível ver os demônios pessoalmente e, é claro, eles inspiram medo. E o mais curioso de tudo era que Pickman não obtinha esse efeito com requintes fantásticos ou bizarros. Ele não usava truques como desfocar a luz ou distorcer a realidade: os contornos eram nítidos e realistas e os detalhes definidos e executados com uma perfeição dolorosa. E o que dizer sobre os rostos!

O que se via nas pinturas era mais do que a simples interpretação de um artista; era o próprio pandemônio, claro como um cristal e revertido com a maior fidelidade imaginável. Céus, era exatamente isso! Aquele homem não era um romântico ou um fantasista! Ele sequer tentou representar o caráter inquieto, prismático e transitório dos sonhos; em vez disso, seu trabalho se limitou a refletir de forma fria e sardônica um mundo terrível que ele via de forma cristalina, com brilhantismo, objetividade e decisão. Só Deus pode saber que mundo era aquele e onde ele havia vislumbrado as formas heréticas que andavam, corriam e se arrastavam nas pinturas. Mas qualquer que fosse a origem assombrosa de suas imagens, uma coisa era mais do que evidente: em termos de concepção e execução, Pickman era um pintor realista, esmerado e quase científico.

Depois disso, meu anfitrião me conduziu ao porão, onde ficava o estúdio, e eu me preparei para os efeitos infernais que poderia ver nas telas inacabadas. Quando chegamos ao fim da escadaria úmida, Pickman concentrou o facho de sua lanterna em um canto do espaço amplo à nossa frente, onde havia um círculo de tijolos que evidentemente marcava um grande poço escavado no chão. Ao nos aproximarmos, percebi que o buraco tinha cerca de um metro e meio de diâmetro, com paredes de uns trinta centímetros de espessura e projetava-se cerca de quinze centímetros acima do nível do solo. Tinha a aparência de ser uma daquelas obras

sólidas do século XVII. Aquilo, Pickman me explicou, era o tipo de coisa sobre as quais ele vinha comentando: um acesso para se conectar à rede de túneis que havia nas entranhas da colina. Notei que o poço não estava fechado, e que estava coberto por um disco sólido de madeira. Ao pensar sobre os lugares onde aquele poço deveria levar, se as revelações de Pickman tivessem alguma verdade, um arrepio percorreu meu corpo. No entanto, continuamos a avançar. Segui meu anfitrião, subimos um degrau, atravessamos uma porta estreita que conduzia a uma sala bastante ampla com piso de madeira e devidamente equipada como um estúdio. Uma instalação de gás acetileno fornecia a luz necessária para o trabalho.

As pinturas inacabadas, colocadas em cavaletes ou simplesmente encostadas na parede, eram tão macabras quanto as do andar de cima e mais uma vez atestavam a técnica meticulosa que caracterizava o artista. As cenas eram esboçadas com muito cuidado e as linhas a lápis revelavam o cuidado com que Pickman tentava seguir a perspectiva e as proporções precisas. Ele era um grande pintor, e posso continuar dizendo isso agora, apesar de tudo que sei. Uma enorme câmera que estava sobre uma mesa chamou minha atenção, e Pickman explicou-me que a usava para fotografar paisagens que mais tarde usaria como cenário em suas telas; com esse método, ele não precisava carregar todo o material de um lugar para outro até encontrar uma paisagem adequada. Ele argumentou que uma fotografia era tão boa quanto uma paisagem ou um modelo real, e era por isso que ele as usava regularmente.

Havia algo de perturbador nos esboços repulsivos e nas monstruosidades inacabadas que se agachavam em todos os cantos do estúdio. Mas, quando Pickman de repente expôs um enorme quadro colocado em um cavalete no lado mais afastado da luz, não pude conter um novo grito de horror – o segundo daquela noite. O grito ecoou pelas abóbadas escuras daquele porão úmido e nitroso e o esforço que fiz para me segurar e não explodir em uma gargalhada histérica foi enorme. Meu Deus, Eliot! Ainda hoje não sei o quanto era realidade e o quanto era delírio. Não me parece possível que a Terra abrigue um sonho como aquele!

A imagem mostrava uma blasfêmia colossal e indescritível, com olhos vermelhos e flamejantes, que segurava em suas garras afiadas e ossudas um ser que fora um homem um dia, cuja cabeça ele roía com o mesmo deleite com que uma criança lambe uma guloseima. A criatura estava meio agachada e, quando olhei para ela, tive a sensação atroz de que a qualquer momento ela poderia largar sua presa e saltar dali em busca de alguma refeição mais saborosa.

Apesar de tudo, não era o tema demoníaco o que fazia daquela pintura uma fonte imortal de terror – nem era aquele rosto canino com orelhas pontudas, nem seus olhos incrustados de sangue, nem o nariz deformado, nem as mandíbulas, de onde pingava uma baba rosada. Nem mesmo as garras escamadas, nem o mofo, certamente repulsivo, que cobria-lhe o corpo, nem os pés com cascos, embora qualquer uma dessas características pudesse ter levado um homem impressionável à loucura.

O que impressionava, Eliot, era a técnica, a maldita técnica implacável e sobrenatural. Assim como estou vivo, até aquela noite, em nenhuma outra ocasião vi o sopro da vida tão presente em uma tela. O monstro estava lá – estava olhando com raiva e roendo, roendo e olhando com raiva – e eu entendi que apenas uma suspensão nas leis da natureza poderia permitir que um homem pintasse uma coisa daquelas sem um modelo e sem ter frequentado esse mundo subumano que nenhum mortal que não tenha vendido a alma ao diabo conseguiu vislumbrar.

Preso com um percevejo a uma parte vazia da tela havia um pedaço de papel todo enrolado; no começo, pensei que fosse uma das fotografias que Pickman usava para pintar algum cenário de fundo tão assustador quanto o motivo central da pintura. Estendi a mão para desenrolá-lo e observá-lo com mais cuidado quando, de repente, Pickman deu um sobressalto tão grande como se tivesse levado um tiro. Notei que, desde que meu grito despertara ecos incomuns no porão sombrio, meu anfitrião vinha prestando muita atenção a possíveis ruídos no ambiente. Agora ele também pareceu levar um susto que, embora pequeno em relação ao meu, era de natureza muito mais física do que espiritual. Ele tirou um revólver do bolso e, com um sinal, recomendou que eu ficasse em silêncio e caminhou em direção ao porão principal, fechou a porta atrás de si e me deixou sozinho no estúdio.

Acho que fiquei paralisado por algum tempo. Prestei atenção aos sons como Pickman, e imaginei ter ouvido um ruído sutil de passos apressados em algum lugar, e depois muitos grunhidos e golpes em uma direção que eu não conseguia determinar. Pensei em ratos enormes e estremeci. Então um novo ruído me deu calafrios: um som furtivo, incerto, embora eu não saiba como explicar em palavras. Era como um barulho de madeira pesada caindo sobre alguma pedra ou tijolos. Madeira ou tijolos? Em que essa combinação me fez pensar?

Novamente o ruído voltou, agora com maior intensidade. Houve uma vibração como se a madeira tivesse caído mais longe do que na primeira vez. Logo depois ouvi um rangido estridente, ouvi Pickman gritar alguma

coisa que não compreendi e a descarga ensurdecedora de seis tiros de revólver um após o outro, disparados de maneira espetacular, como um domador de leão atira para o alto para impressionar a plateia. Um grunhido ou um chiado e a seguir uma batida. E então, outra vez o ruído de madeira em atrito com tijolos. Alguns instantes depois, a porta se abriu e Pickman entrou com sua arma fumegante e amaldiçoou os ratos que infestavam o velho poço.

"Só o diabo sabe o que eles comem lá, Thurber", resmungou sarcasticamente, "porque aqueles túneis muito antigos se comunicam com cemitérios, covis de bruxas e com o mar. Mas seja o que for, deve ter acabado, porque eles estavam loucos para sair dali. Seus gritos certamente os deixaram animados. É melhor tomar cuidado nesses lugares antigos – nossos amigos roedores são a única desvantagem, embora às vezes eu pense que eles adicionam um pouco de atmosfera e cor ao ambiente."

Bem, Eliot, foi assim que a aventura daquela noite terminou. A promessa de Pickman de me mostrar o lugar foi cumprida. Deixamos aquele labirinto de becos por outro caminho, me parece, pois quando avistamos um poste de iluminação estávamos em uma rua um tanto familiar, com fileiras monótonas de condomínios e casas antigas. Era a Charter Street, mas eu ainda estava impressionado demais para notar a altura exata. Era muito tarde para pegar o metrô, então voltamos para o centro pela Hannover Street. Eu me lembro muito bem da caminhada. Nós subimos a Tremont até a Beacon, e Pickman me deixou na esquina com a Joy. A partir daquele momento, não tornei a vê-lo novamente.

Por que eu parei de ver Pickman? Contenha sua impaciência. Deixe-me pedir um café. Já bebemos demais, mas eu preciso beber alguma coisa. Não, não foi por causa das pinturas que vi naquele lugar. Embora, juro que elas seriam motivo mais do que suficiente para o Pickman ser proibido de entrar em nove em cada dez lares e clubes de Boston. Espero que você entenda agora o motivo de minha fobia de entrar em metrôs ou em porões. Eu me afastei dele por causa de algo que encontrei na manhã seguinte em um dos bolsos do meu casaco. Sim, foi o papel amassado que estava preso àquela tela horrível do porão, que eu pensava ser uma fotografia com alguma paisagem que Pickman pretendia usar como cenário para o monstro. Certamente, quando Pickman se assustou, eu estava estendendo a mão para desenrolá-lo e acho que inadvertidamente joguei o papel no bolso antes de olhar para ele. Ah, aqui está o café, Eliot. Eu aconselho você a tomar isso puro.

Sim, aquele papel foi o motivo do meu distanciamento de Pickman;

Richard Upton Pickman, o artista mais notável que eu já conheci – e o ser mais execrável que já transpôs os limites da vida para mergulhar no mito e na loucura. É, Eliot, Reid estava certo: Pickman não era inteiramente humano. Ou ele nasceu em uma estranha região sombria, ou então descobriu um jeito de abrir os portais secretos. Mas agora tanto faz, ele se foi. Voltou para a fabulosa escuridão que adorava frequentar. Escute, vamos acender o candelabro.

Não me peça para explicar ou mesmo para fazer conjecturas sobre o papel que queimei. Também não me pergunte o que havia por trás daqueles ruídos parecidos com os de toupeiras que Pickman fez questão de atribuir aos ratos. Sabe, há segredos que remontam aos tempos antigos de Salém e Cotton Mather conta coisas ainda mais estranhas. Você sabe bem como as pinturas de Pickman eram realistas e bem se lembra de como todos nós nos perguntávamos de onde ele tirava aqueles rostos.

Bem, aquele papel não era a fotografia de uma paisagem para ser usada como cenário. Na imagem, via-se apenas o ser monstruoso que ele estava pintando naquela tela terrível. Era o modelo que ele estava usando – e o cenário nada mais era do que a parede do porão registrada com todos os seus detalhes. Por Deus, Eliot, *era uma fotografia tirada ao natural*.

9
O festival

“Efficiunt Daemones, ut quae non sunt, sic tamen quasi sint, conspicienda hominibus exhibeant.”[1]

LACTANTIUS

Eu estava longe de casa, e o feitiço do mar oriental havia recaído sobre mim. Ao crepúsculo, eu o ouvia batendo nas rochas e sabia que ele ficava logo depois da colina em que os salgueiros se remexiam diante do céu claro e as primeiras estrelas da noite. E como meus pais haviam me convidado para a velha cidade mais adiante, atravessei a neve rasa que havia acabado de cair ao longo da estrada que subia até onde Aldebarã dançava por entre as árvores; na direção da cidade muito antiga, que eu nunca tinha visto, mas com a qual várias vezes sonhara.

Era o Yuletide, que os homens conhecem como Natal, embora saibam, em seus corações, que é mais antigo que Belém e a Babilônia, mais velho que Mênfis e a própria Humanidade. Era o Yuletide, e eu havia finalmente chegado à antiga cidade costeira em que meu povo havia habitado e mantido a festividade mesmo nos velhos tempos, quando ela era proibida; ali eles também haviam orientado seus filhos a manterem o festival uma vez a cada século. Dessa forma, a memória dos segredos primais não seria esquecida. Meu povo era antigo, e já era antigo mesmo quando a terra foi colonizada, três séculos atrás. E eram tipos estranhos, porque tinham vindo como um povo furtivo e obscuro dos jardins de papoulas narcóticas do sul, e falavam outra língua antes de aprenderem a língua dos pescadores de olhos azuis. E estavam dispersos, e compartilhavam apenas os rituais de mistérios que nenhum ser vivente poderia entender. Naquela noite, eu era o único que tinha voltado à velha cidade pesqueira, como dizia a lenda, pois apenas os pobres e solitários lembravam.

Então, além do cume da colina, vi Kingsport com seus moinhos e campanários, telhados e chaminés, portos e pequenas pontes, salgueiros e cemitérios; intermináveis labirintos de ruas íngremes, estreitas e cheias de

curvas, e vertiginosas torres de igrejas que o tempo não ousou tocar; uma confusão incessante de casas coloniais, amontoadas e espalhadas em todos os ângulos e níveis, como os blocos de montar das brincadeiras de uma criança; antiguidades pairando com asas cinzentas abertas em telhados duplos, embranquecidos pelo inverno; janelas cobertas por cortinas, uma a uma piscando na escuridão fria para se juntar a Órion e às estrelas arcaicas. E o mar batia com força contra os cais apodrecidos; o mar do qual as pessoas tinham vindo nos tempos antigos mantinha-se imemorial e cheio de segredos.

Ao lado do alto da rua, uma elevação ainda maior começava, sombria e dominada pelo vento, e vi que era um cemitério, onde lápides negras fincavam-se fantasmagoricamente por toda a neve, como as unhas apodrecidas do cadáver de um gigante. A rua era vazia e solitária, e às vezes parecia que estava a ouvir, no vento, um horrível e distante gemido, como um enforcamento. Eles haviam enforcado quatro parentes meus por bruxaria em 1692, mas eu não sabia exatamente o local.

Na encruzilhada da rua com a ladeira voltada para o mar, procurei atentar-me aos sons alegres de um entardecer de aldeia, mas não os ouvi. Então lembrei em que época estávamos, e achei que fosse bem provável que aquele velho povo puritano tivesse costumes natalinos estranhos a mim, cheios de orações silenciosas. Então, depois que eu não ouvi sons alegres nem vi peregrinos, fiquei observando as casas silenciosamente iluminadas, e os muros sombrios de pedras, com as placas das velhas lojas e tavernas batendo contra a brisa salgada, e as campainhas de ferro grotescas penduradas nas portas cintilavam ao longo das ruas sem pavimento, à luz de pequenas janelas acortinadas.

Eu tinha visto mapas da cidade, e sabia onde encontrar a casa do meu povo. Disseram-me que eu seria reconhecido e bem-vindo, pois velhas tradições da aldeia têm vida longa; então apressei-me pela Back Street até a Cicle Court, e atravessei a neve fresca sobre todo o pavimento que cobria a cidade, até onde a Green Lane levava aos fundos da Market House. Os velhos mapas ainda eram precisos, e não tive problema algum; a não ser em Arkham, pois não era verdade que passavam bondes por ali, já que não vi um único fio no alto dos postes. Mas, de qualquer forma, a neve teria coberto os trilhos. Estava satisfeito por ter decidido caminhar, pois a aldeia branca parecia muito bonita da colina; e agora eu estava ansioso por bater à porta do meu povo, a sétima casa à esquerda na Green Lane, com um antigo telhado pontiagudo e um segundo andar saliente, tudo construído antes de 1650.

Havia luzes dentro da casa quando me aproximei, e vi pelas vidraças entrelaçadas que deveria estar muito próxima de seu estado antigo. A parte superior elevava-se pela rua estreita coberta de grama, e quase se deparava com a varanda da casa em frente, de forma que eu parecia estar dentro de um túnel, com o degrau de pedra da porta totalmente coberto pela neve. Não havia calçada, mas muitas casas tinham portas altas com soleiras de degraus duplos e corrimãos de ferro. Era uma cena estranha, e, como eu não conhecia a Nova Inglaterra, nunca havia visto algo assim antes. Embora aquilo tivesse me agradado, eu teria saboreado melhor se houvesse pegadas na neve, pessoas nas ruas e algumas janelas descortinadas.

Quando bati a aldrava de ferro, fiquei com um pouco de medo. Sentia o medo crescendo dentro de mim, talvez por causa do estranhamento da minha herança, da falta de movimento e do silêncio bizarro da manhã naquela velha cidade de costumes intrigantes. E quando minha batida foi respondida, o pavor tomou conta de mim, pois não havia ouvido passo algum antes de a porta abrir com um rangido. Mas não fiquei com medo por muito tempo, pois o velho senhor de pijama e chinelos na entrada tinha um rosto sereno que me tranquilizou; e, apesar de ter feito sinais de que era surdo, escreveu uma curiosa e antiga saudação com o estilete e a tabuleta de cera que carregava.

Acenou para que eu o seguisse até uma sala de pé-direito baixo, iluminada por velas, com caibros expostos e móveis escuros, formais e esparsos, do século XVII. O passado estava vivo ali, nenhum atributo tinha sido perdido. Havia uma lareira cavernosa e uma máquina de fiar próxima na qual uma mulher idosa, usando um manto e uma touca comprida, estava sentada fiando silenciosamente, apesar da época festiva. Uma angústia indefinida parecia pairar sobre o recinto, e fiquei admirado pelo fogo não estar aceso. O quarto em frente às janelas acortinadas parecia estar ocupado, embora não fosse possível ter certeza. Não gostei de tudo o que vi, e senti o temor surgir novamente. O medo ficou mais forte do que estava antes de ser abrandado. Quanto mais olhava para o rosto sereno do velho, mais o seu excesso de serenidade aterrorizava-me. Os olhos nunca se moviam, e a pele assemelhava-se à cera. Finalmente convenci-me de que não era realmente um rosto, e sim uma habilidosa máscara demoníaca. Suas mãos fantásticas, curiosamente cobertas por luvas, escreveram na tabuleta com impressionante habilidade e disseram-me que eu deveria esperar um pouco para ser levado ao local da festividade.

Indicando uma cadeira, uma mesa e uma pilha de livros, o velho deixou a sala; e quando me sentei para ler, vi que os livros estavam esbranquiçados

e cheios de bolor, e que entre eles havia o velho *Maravilhas da Ciência*, de Morryster, o terrível *Saducismus Triumphatus*, de Joseph Glanvill, publicado em 1681, o chocante *Daemonolatreia*, de Remigius, publicado em 1681, em Lyon, e o pior de todos, o impronunciável *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred, na tradução latina proibida de Olaus Wormius; um livro que eu nunca tinha visto, mas do qual ouvira sussurrarem coisas monstruosas.

Ninguém falou comigo, mas dava para ouvir o bater das placas ao vento no lado de fora, e o zumbido da roca enquanto a velha de touca continuava silenciosamente a fiar e fiar. Achei a sala, os livros e as pessoas, muito mórbidos e inquietantes, mas, por causa da velha tradição de festividades estranhas a qual meus pais tinham me convocado, pressupus que coisas esquisitas fariam parte. Então tentei ler, e logo comecei a tremer, absorvido por algo que descobri ser o malfadado *Necronomicon*, um pensamento e uma lenda muito hedionda para qualquer pessoa sã ou consciente, mas me distraí quando supus ouvir o fechar de uma das janelas que ficava em frente à lareira, como se ela tivesse sido aberta furtivamente. Pareceu seguir-se um zumbido que não vinha da máquina de fiar da velha. Não pude ouvir bem, no entanto, pois a velha estava fiando com vigor, e o relógio antigo badalava. Depois disso, perdi a sensação de que havia pessoas no local, e estava lendo intensa e tremulante quando o velho voltou, usando botas e uma roupa folgada antiga, e sentou-se no mesmo banco, de forma que eu não podia vê-lo.

Era certamente uma espera nervosa, e o livro blasfemo nas minhas mãos a tornava duas vezes maior. Contudo, ao soar das onze badaladas, o velho se levantou, foi até uma arca sólida esculpida que estava em um canto, e pegou dois mantos encapuzados; um dos quais colocou, e com o outro cobriu a velha, que tinha parado seu fiar monótono. Os dois se dirigiram à porta externa; a mulher arrastou-se, mancando, e o velho, depois de pegar o mesmo livro que eu estava lendo, acenou para mim enquanto colocava o capuz sobre o rosto – ou máscara – imóvel.

Saímos para as ruas sinuosas e escuras daquela cidade incrivelmente antiga; saímos enquanto as luzes nas janelas acortinadas desapareciam uma a uma, e a Estrela do Cão espreitava a multidão de figuras cobertas e encapuzadas que saíam silenciosamente de cada porta e formavam uma procissão monstruosa rua acima, passando pelas placas barulhentas, pelos frontões arcaicos, pelos telhados de palha e pelas janelas entrelaçadas; atravessando ruas íngremes, em que casas decadentes sobrepunham-se e amontoavam-se, deslizando por pátios abertos e cemitérios de igrejas,

onde postes de luz faziam as constelações parecerem assustadoramente bêbadas.

Em meio à multidão, segui meus guias silenciosos; empurrado por cotovelos que pareciam extraordinariamente macios, e pressionado por peitorais e barrigas que pareciam estranhamente felpudos; mas sem nunca ver um rosto e nunca ouvir sequer uma palavra. Em frente, as colunas sinistras arrastavam-se, e vi que todos os peregrinos convergiam a uma espécie de foco de becos loucos no topo de uma colina alta no centro da cidade; de lá elevava-se uma grande igreja branca. Já a tinha visto do alto da estrada quando observei a noite caindo em Kingsport, e estremeci ao avistá-la, pois, por um momento, parecia que Aldebarã estava se balançando na torre fantasmagórica.

Havia um campo aberto ao redor da igreja; uma parte era um cemitério com lápides espectrais, e a outra era uma praça semipavimentada, e o vento havia praticamente retirado toda a neve de lá. Ao redor da praça havia casas antigas e malconservadas, com telhados pontiagudos e varandas salientes. Fogos-fátuos dançavam sobre as tumbas, revelando alamedas repugnantes, embora estranhamente não fizessem sombra. Depois do cemitério, onde não havia casas, podia-se ver acima do cume da colina e observar o cintilar das estrelas no porto, pois a cidade era invisível no escuro. De vez em quando, uma lanterna meneava horrivelmente pelos becos tortuosos em seu caminho para juntar-se à multidão, que agora entrava furtiva e silenciosamente na igreja. Esperei até que a multidão tivesse penetrado pela porta negra, e até que todos os que ali se acotovelavam tivessem passado. O velho puxava minha manga, mas eu estava determinado a ser o último. Atravessando a soleira em direção ao templo da escuridão desconhecida, que estava cheio como uma colmeia, virei-me uma vez para olhar o mundo exterior, onde uma fosforescência vinda do cemitério exibia um brilho doentio no pavimento da colina, e no mesmo instante estremeci. Pois, embora o vento não houvesse deixado muita neve, ainda havia um pouco perto da porta e, ao olhar para trás, pareceu aos meus olhos confusos que não havia nenhuma marca de pegadas, nem mesmo as minhas.

A igreja estava parcamente iluminada por todas as lanternas trazidas pelos fiéis, e a maior parte da multidão já havia desaparecido. Eles tinham afluído para a nave entre os bancos altos e os alçapões das criptas, que se abriram repugnantemente, logo depois do púlpito, e estavam se contorcendo silenciosamente. Em silêncio, subi os degraus gastos em direção à cripta escura e sufocante. A fila silenciosa em marcha noturna dava uma impressão horrível, e vê-los contorcendo-se para entrar em uma

tumba de veneração causava-me uma impressão ainda mais horrível. Então notei que o chão da tumba tinha uma fresta pela qual a multidão deslizava, e, em seguida, todos nós estávamos descendo uma escadaria agourenta talhada em pedra bruta; uma escadaria helicoidal estreita, úmida e peculiarmente perfumada, que parecia não ter fim, e penetrava em direção às entranhas da colina, passando por paredes monótonas de blocos de pedras gotejantes e argamassa desmoronada. A descida foi traumatizante e silenciosa, e, depois de um intervalo horrível, percebi que as paredes e degraus estavam mudando sua natureza, como se tivessem sido escavadas na rocha sólida. O que mais me perturbou foi que as miríades de passos não emitiam sons e nem produziam ecos. Depois de uma descida que parecia durar uma eternidade, vi algumas passagens laterais ou refúgios, que levavam de recantos desconhecidos da escuridão àquela trilha de mistério noturno. Em instantes, tornaram-se inúmeras, como catacumbas ímpias de ameaças inomináveis; e o odor pungente de decadência aumentava e beirava o insuportável. Eu sabia que devíamos ter atravessado a montanha e estávamos agora abaixo da própria Kingsport, e estremeci ao pensar que uma cidade poderia ser tão velha a ponto de possuir subterrâneos tão diabólicos.

Então vi o bruxulear lívido de uma luz pálida, e ouvi o marulho insidioso de águas escuras. Novamente estremeci, pois não havia gostado das coisas que a noite tinha trazido, e desejava amargamente que nenhum antepassado tivesse me obrigado àquele rito primitivo. À medida que os degraus e a passagem ficavam mais largos, ouvi outro som, o lamento agudo de uma flauta débil; e de súbito surgiu à minha frente a paisagem ampla de um mundo interior: uma vasta costa coberta por fungos, iluminada por uma coluna que vomitava uma doentia chama esverdeada, e banhada por um largo rio oleoso que fluía dos abismos assustadores e desconhecidos para se juntar à baía negra do oceano arcaico.

Ofegando, a ponto de desmaiar, olhei para o jardim profano de imensos cogumelos, para o fogo leproso e a água viscosa, e vi a multidão vestindo túnicas, formando um semicírculo ao redor do pilar em chamas Era o rito do Yule, mais antigo do que o homem, e fadado a sobreviver a ele; o rito primitivo do solstício e a promessa de primavera após a neve; o rito do fogo e das plantações, da luz e da música. E nas grutas estígias, eu os vi realizar o ritual, e idolatrar o pilar doentio de chamas, atirando na água punhados da vegetação que reluziam verdes ao brilho clorótico. Vi aquilo tudo e algo agachado de forma amorfa, distante da luz, tocando ruidosamente uma flauta; e enquanto a coisa tocava, pensei ouvir sibilos nocivos e abafados na escuridão fétida em que eu nada via. Contudo, o

que mais me aterrorizou foi a coluna de chamas; brotando, como se fosse um vulcão, das profundezas inconcebíveis, sem produzir sombra alguma, como as chamas em geral produzem, e cobrindo a rocha nitrosa com um tom de verde sórdido e venenoso. Toda aquela combustão fervilhante não produzia calor algum, mas apenas umidade de morte e decomposição.

O homem que tinha sido meu guia até ali contorceu-se até chegar a um ponto diretamente ao lado da chama odiosa, e fez movimentos cerimoniais rígidos para o semicírculo à sua frente. Em certos estágios do ritual, faziam reverências em que tinham de se agachar, especialmente no momento em que o homem segurou acima de sua cabeça aquele detestável *Necronomicon* que trouxera consigo; e eu compartilhei todas as reverências, porque tinha sido convocado ao festival pelos pergaminhos dos meus ancestrais. Então, o velho fez um sinal ao flautista semioculto nas trevas, cujo toque passou de um zumbido fraco para um zumbido escasso mais alto em outra escala, precipitando um horror inimaginável e inesperado. Com tal horror, quase afundei na terra coberta de liquens, trespassado por um temor que não pertencia a este ou a nenhum outro mundo, mas apenas aos espaços enlouquecedores entre as estrelas.

Vindas da inimaginável escuridão além do brilho gangrenoso da chama fria, das léguas tartáricas pelas quais o rio oleoso corria sobrenatural, oculta e obscuramente surgiu uma horda de seres alados e híbridos domesticados, que nenhum olho prudente jamais poderia captar e nenhum cérebro normal jamais poderia recordar. Não eram propriamente nem corvos, nem toupeiras, nem abutres, nem formigas, nem morcegos vampiros, nem seres humanos decompostos. Eram algo que não posso e não devo recordar. Eles sacudiam um pouco os pés, cobertos de teias, e as asas membranosas; e, quando alcançaram a multidão de celebrantes, as figuras encapuzadas as pegaram e montaram-nas, e saíram, uma a uma, cavalgando ao longo da extensão daquele rio mal iluminado, em direção a poços e galerias de pânico onde nascentes venenosas mantinham cataratas ocultas.

A velha fiandeira tinha ido com a multidão, e o velho só ficara porque eu tinha recusado quando ele tentou me motivar a pegar um animal e cavalgá-lo como o resto. Eu vi, quando cambaleei sobre meus pés, que o flautista amorfo havia desaparecido, mas os dois monstros esperavam pacientemente. Quando recuperei o equilíbrio, o velho tirou o estilete e a tabuleta e escreveu que ele era o representante dos meus ancestrais que tinham fundado o culto do Yule naquele local antigo; que tinha sido decretado que eu voltaria, e que os mistérios mais secretos ainda estavam para ser apresentados. Ele escreveu aquilo com caligrafia muito antiga, e,

como eu ainda hesitava, tirou da túnica folgada um anel e um relógio, ambos com os símbolos da minha família, para provar que ele era o que dizia ser. Mas era uma prova revoltante, pois eu sabia por manuscritos antigos que o relógio tinha sido enterrado com meu tatatataravô em 1698.

Em seguida, o velho tirou o capuz e apontou para a semelhança da família em seu rosto, mas eu apenas estremeci, porque estava certo de que aquele rosto era apenas uma máscara demoníaca. Os animais alados estavam agora arranhando impacientemente os liquens, e eu vi que o velho também estava perdendo a paciência. Quando uma das criaturas começou a se mexer para ir embora, ele se virou rapidamente para detê-la; o movimento repentino desalojou a máscara de cera do que outrora deve ter sido sua cabeça. E então, porque aquela posição de pesadelo impedia-me de voltar à escada de pedra de onde viéramos, joguei-me no rio oleoso que borbulhava de algum lugar das cavernas até o mar; joguei-me naquele suco putrefato dos horrores do interior da Terra, antes que a loucura de meus gritos trouxesse toda aquela legião mortuária que os abismos pestilentos ocultavam.

No hospital, disseram-me que eu havia sido encontrado semicongelado no porto de Kingsport ao amanhecer, agarrado ao tronco flutuante que o acaso mandou para me salvar. Disseram-me que eu havia entrado na bifurcação errada na estrada da colina na noite anterior e caído dos penhascos em Orange Point, algo que deduziram a partir das pegadas encontradas na neve. Não havia nada que eu pudesse dizer, porque tudo estava errado. Tudo estava errado, com as janelas largas mostrando um mar de telhados nos quais apenas um em cinco era antigo, e o som de bondes e motores nas ruas abaixo. Eles insistiram que ali era Kingsport, e eu não podia negar. Ao ouvir que o hospital ficava perto do velho cemitério da igreja na colina central, comecei a delirar e eles me transferiram para o St. Mary’s Hospital, em Arkham, onde eu receberia um tratamento mais adequado. Gostei de lá, pois os médicos tinham mentes abertas, e até usaram sua influência para obter a cópia cuidadosamente guardada do condenável *Necronomicon*, de Alhazred, da biblioteca da Universidade de Miskatonic. Disseram-me algo sobre uma “psicose”, e concordei que deveria tirar todas as obsessões mórbidas de minha mente.

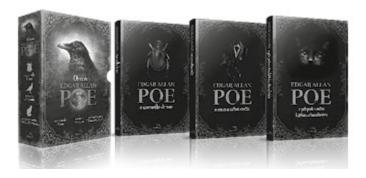
Lendo o capítulo assustador, estremeci duplamente porque não era algo novo para mim. Eu o tinha visto antes, que as pegadas sejam minhas testemunhas; e seria melhor esquecer onde o tinha visto. Não havia ninguém – durante o dia – que pudesse me lembrar daquilo; mas meus sonhos eram cheios de terror, devido a expressões que não devo citar.

Ouso citar apenas um parágrafo, traduzido para nossa língua da melhor forma que consegui do estranho baixo-latim.

“As cavernas mais inferiores”, escreveu o árabe louco, “não são para a compreensão dos olhos que veem; pois suas maravilhas são estranhas e terríveis. Amaldiçoado é o chão onde pensamentos mortos vivem em novos e estranhos corpos, e maligna é a mente que não se mantém por cabeça alguma. Como Ibn Schabao sabiamente disse, feliz é a tumba onde nenhum mago foi sepultado, e feliz é a cidade onde, à noite, todos os seus magos são cinzas. Pois há um velho boato que diz que a alma dos levados pelo demônio não se precipita dos restos de sua carne, mas engorda e instrui o próprio verme que o mastiga; até que, da decomposição, surge uma vida horrenda, e os estúpidos escavadores da cera da terra astutamente mobilizam-se para criar monstros para nos afligir. Grandes buracos são cavados secretamente onde os poros da Terra deveriam bastar e as coisas que deviam rastejar aprendem a andar.”

---

1. (Os demônios trabalham de forma que coisas que não são reais aos homens apresentem-se como verdadeiras).

Quer mais do melhor suspense, terror e aventura? Confira nossas outras publicações:

Box *Obras de Edgar Allan Poe*. Três volumes. 356p.

Box *Obras de Edgar Allan Poe*. 426p.

Box *H. P. Lovecraft – Os melhores contos* Vol. 1. 448p.

Box *As grandes histórias de Sherlock Holmes*. 448p.

H. P. Lovecraft. Histórias reunidas. Volume único. 336p.

Informações sobre nossas publicações e últimos lançamentos

Se o medo e terror causados pelas histórias reunidas no primeiro volume de *Os melhores contos de Lovecraft* não foram suficientes, selecionamos, neste segundo box, contos que devem saciar tanto o gosto de colecionadores como de novos fãs.

São 16 contos – afinal, Lovecraft nunca é demais –, que vão desde *O caso de Charles Dexter Ward*, considerado por muitos como uma das obras-primas do autor, passando pelos famosos *O modelo de Pickman* e *Os sonhos na casa da bruxa*, até o breve e poucas vezes publicado *O que a lua traz consigo*, em que o narrador relata as emoções que o satélite da Terra lhe causa.

Considerado um dos mestres do terror, H. P. Lovecraft conduz os leitores por ambientes macabros e impregnados de perversidade, com enredos muitas vezes inspirados por seus constantes pesadelos e fortemente marcados pelo simbolismo e horror cósmico.

Para deleite dos amantes do horror, esse box traz:

O caso de Charles Dexter Ward
O navio branco
O visitante das trevas
A maldição de Sarnath
Ar frio
Os outros deuses
O modelo de Pickman
O festival
Os sonhos na casa da bruxa
O que a lua traz consigo
A chave de prata
A rua
Os ratos nas paredes
Sob as pirâmides
O templo
Celephaïs

ISBN 978-65-5579-151-8